JORNAL DO BRASIL

© JORNAL DO BRASIL S.A. 1988 | Rio de Janeiro — Domingo, 11 de setembro de 1988 | Ano XCVIII — Nº 156 | Preço para o Rio: Cz$ 200,00

Vida nova

O leitor do **JORNAL DO BRASIL** tem a partir de hoje uma seção diária para tirar suas dúvidas sobre o que mudará na vida do cidadão e das instituições com a nova Constituição. As consultas feitas através de cartas serão respondidas por João Gilberto Lucas Coelho, 43 anos, ex-deputado federal e diretor do Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte, órgão da Universidade de Brasília. (Página 4)

Tempo

No Rio e em Niterói, claro passando a nublado podendo instabilizar-se no decorrer do período. Visibilidade boa a moderada. Temperatura estável declinando após. Máxima e mínima de ontem: 36.5º em Bangu e 16.7º no Alto da Boa Vista. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo. Página 26

Informe JB

No dia seguinte ao primeiro programa com os candidatos à Prefeitura, perguntou-se a 139 alunos da PUC o que tinham achado do debate na TV. "Que debate?", responderam 73. Outros 51 não tinham visto o programa.

Pinochet, 15 anos

O general Augusto Pinochet apresenta hoje à nação um balanço de seus 15 anos à frente do regime militar e deverá anunciar algumas medidas de efeito para valorizar sua candidatura ao plebiscito de outubro. A oposição convocou uma gigantesca manifestação de protesto no bairro operário de La Bandera, subúrbio de Santiago. (Página 21)

Gilson Barreto

□ É a nova geração do mar. Dora, Mariana, Isabela, Stephanie, Isabelle, Marie Claude, Brigitte. Louras, douradas, classe média alta, sete das 15 surfistas profissionais em atividade no país. Todas têm no currículo títulos no BRasil e no exterior, onde competem freqüentemente, com viagens e equipamento pagos por patrocinadores. Estudam, nenhuma jamais se sentiu atraída pela tentação das drogas e várias já recusaram propostas das chamadas revistas masculinas para — muito bem pagas — posar nuas. Nasceram e cresceram perto da praia e têm consciência de contribuir para desfazer a imagem de alienados dos surfistas. Sua grande preocupação é aprimorar-se. A ténica apurada lhes permitirá alcançar, nas ondas, a igualdade com os homens e derrubar um preconceito: o pessoal do surfe ainda é muito machista — atestam. (Página 37)

Juro tabelado facilita vida do brasileiro

O tabelamento dos juros em 12% determinado pela nova Constituição pode mudar a vida do brasileiro, que hoje paga juros de 60% pelo uso do cheque especial e taxas de até 100% pelo financiamento do crédito direto ao consumidor. O sonho do dinheiro mais barato porém só irá virar realidade se a regulamentação do tabelamento não sofrer atropelos.

A grande ameaça contudo é que o mercado tem como contornar a medida, através da cobrança de taxas indiretas ou pelo repasse pelo tomador de empréstimo da taxa de intermediação ao preço cobrado ao consumidor. Os banqueiros concordam que tudo está nas mãos do Banco Central, que irá ditar as taxas a partir do tabelamento. (Pág. 31)

Nova Carta ampara greve das estatais

A greve que 200 mil funcionários de bancos federais e 60 mil petroleiros prometem fazer esta semana, desafiando a política salarial do governo, será o primeiro movimento de trabalhadores a contar com o respaldo da nova Constituição. Os bancos estatais e a Petrobrás estão impedidos pelo governo de conceder reajustes acima do IPC e agora não terão como punir os grevistas.

A Constituição, que será promulgada dia 5 de outubro, anistia os servidores públicos punidos ou demitidos por causa de movimentos grevistas. Amparados por este benefício, os líderes sindicais prevêem que a greve na Petrobrás e nos bancos federais será expressiva, estimulando os empregados dos bancos privados que também ameaçam parar.

Os funcionários do Banco do Brasil e da Petrobrás têm em comum a reivindicação do pagamento da URP de setembro, mês da data-base, não previsto na atual lei salarial. Os petroleiros querem 252% de reajuste, enquanto os funcionários do BB pedem 280%. (Página 34 e *Coluna do Castelo*).

■ **Ao incorporar em seu texto antigas reivindicações do movimento sindical, a Constituição obrigará os sindicalistas a buscarem um novo papel para as suas entidades. CGT e CUT, as duas principais centrais de trabalhadores, começam a definir suas linhas de atuação. (Pág. 8)**

Mauro Nascimento

Joaquim Pedro de Andrade

Câncer mata aos 56 anos diretor de 'Macunaíma'

O cineasta Joaquim Pedro de Andrade, 56, diretor de *Macunaíma, O Padre e a moça* e *Garrincha, alegria do povo*, foi sepultado às 17h, no Cemitério São João Batista, em Botafogo. Mais de 150 pessoas acompanharam o enterro, entre elas os cineastas Cacá Diegues, Arnaldo Jabor e Zelito Viana e os atores Paulo César Pereio e Joel Barcelos.

Joaquim Pedro morreu às 4h10 no Hospital Adventista Silvestre, em Santa Teresa, de mãos dadas com a mulher Ana Maria Moskovich e a irmã Clara. Internado há uma semana com câncer pulmonar, recusava sedativos e, segundo o médico, seus olhos pareciam estar filmando o próprio fim. Zelito Viana disse que ele "sucumbiu à falta de condições e dinheiro para trabalhar". (Página 16)

V. C. Brasil

Justo deu a Santos um pelotão de gatos e uma excelente qualidade de vida

Onde se leva uma boa vida

□ Com excentricidade, mas também competência, o prefeito Osvaldo Justo conseguiu para Santos, em São Paulo, o título de cidade com a melhor qualidade de vida. Macrobiótico, zenbudista e lutador de caratê, Justo, 62 anos, tem entre suas realizações a criação, com sucesso, de um batalhão de caça-ratos, composto de 60 gatos recolhidos nos morros e soltos nas praças e nas praias. Mas foi certamente graças a outras medidas, como a extinção da miséria, a redução da mortalidade infantil e a elevação da renda per capita para 6 mil dólares por ano, que Justo detém 79% de aprovação popular. A lista das cinco melhores e das cinco piores cidades do Brasil apresenta outras surpresas.

BE SPECIAL

Trem da alegria

O presidente Sarney deve assinar nesta semana projeto autorizando a venda de imóveis funcionais a seus ocupantes, o que garantirá a 6.500 funcionários, principalmente no mais alto escalão do Ministério da Administração, em novo trem da alegria. (Página 7)

Raphael sai

O deputado Ulysses Guimarães pediu que o governador Moreira Franco libere Raphael de Almeida Magalhães da Secretaria de Educação e Cultura. Desgastado pela greve dos professores do Rio, Raphael vai para a coordenação da campanha de Ulysses. (Página 3)

Mercado de calvas

Um mercado de mais de 4 milhões de carecas está causando uma disputa em torno da droga minoxidil, considerada milagrosa no combate à calvície. (Pág. 18)

Senna é 'pole' em Monza e tem novo recorde

O brasileiro Ayrton Senna estabeleceu um novo recorde de *pole positions* numa só temporada ao fazer o melhor tempo para o Grande Prêmio da Itália, que será disputada a partir das 9h30 em Monza, com transmissão pela TV Globo. Ao largar na sua 10ª *pole* em 1988, Senna terá Alain Prost a seu lado e, se vencer, estará a uma corrida do título.

Em Nova Iorque, a alemã Steffi Graf, de 19 anos, tornou-se o sexto tenista (a quarta mulher) a fechar o Grand Slam — a reunião dos quatro mais importantes torneios do mundo — ao vencer a argentina Gabriela Sabatini, 18, por 6/3, 3/6 e 6/1 na final do US Open. Em 27 partidas pelo Grand Slam, Steffi só perdeu dois sets. (Paginas 38 e 39)

O sucesso em dose dupla

□ O Gordo e o Magro, Marx e Engels, Pelé e Coutinho, Fred Astaire e Ginger Rogers. Não foram poucas as duplas que, cada uma a sua maneira, acabaram entrando para a História. Menos famosas, outras pessoas que conseguiram administrar suas afinidades e diferenças, também descobriram na dupla a fórmula do sucesso. Perseguindo o mito de Roberto e Erasmo, a dupla Sullivan e Massadas consegue ter 100 músicas gravadas por ano. Na Lagoa, os irmãos Carvalho esquecem temperamentos diferentes e remam como um só correndo atrás de uma medalha em Seul. E na bem-sucedida carreira do cirurgião Pitanguy há o toque preciso da mão de Nicole Chauvau, a instrumentadora que o acompanha há 14 anos.

DOMINGO

Mulher liberada está preferindo filho sem casar

Cresce entre a classe média o número de mulheres que decidem ter filhos sem se preocupar em casar ou morar junto com o pai da criança. O comportamento foi rotulado de *produção independente*, com amparo na nova Constituição que extinguiu a figura masculina do cabeça do casal e encampou uma visão mais liberal das bases familiares.

Um exemplo em São Paulo é o de Dorinha de Azevedo Marques, ex-modelo, ex-atriz, atualmente trabalhando como orientadora dietética, que teve dois de seus quatro filhos nesse esquema. As crianças receberam o nome dos pais, que arcaram com parte das despesas da criação. Os outros dois filhos não foram reconhecidos legalmente pelos pais. (Página 8)

JORNAL DO BRASIL

EXEMPLAR DE ASSINANTE

© JORNAL DO BRASIL S.A. 1988 | Rio de Janeiro - - Domingo, 11 de setembro de 1988 | Ano XCVIII — Nº 156 | Preço para o Rio: Cz$ 200,00 | 2ª Edição

Vida nova

O leitor do **JORNAL DO BRASIL** tem a partir de hoje uma seção diária para tirar suas dúvidas sobre o que mudará na vida do cidadão e das instituições com a nova Constituição. As consultas feitas através de cartas serão respondidas por João Gilberto Lucas Coelho, 43 anos, ex-deputado federal e diretor do Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte. (Página 4)

Tempo

No Rio e em Niterói, claro passando a nublado podendo instabilizar-se no decorrer do período. Visibilidade de boa a moderada. Temperatura estável declinando após. Máxima e mínima de ontem: 36.5º em Bangu e 16.7º no Alto da Boa Vista. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo. Página 26

Loteria Federal

A extração de ontem premiou os seguintes bilhetes: 1º) 06.050 (SP), Cz$ 25 milhões; 2º) 51.372 (SP), Cz$ 1 milhão 800; 3º) 10.251 (SP), Cz$ 800 mil; 4º) 07.874 (PR), Cz$ 500 mil; 5º) 22.417 (SP), Cz$ 300 mil.

Informe JB

No dia seguinte ao primeiro programa com os candidatos à Prefeitura, perguntou-se a 139 alunos da PUC o que tinham achado do debate na TV. "Que debate?", responderam 73.

Pinochet, 15 anos

O general Augusto Pinochet apresenta hoje à nação um balanço de seus 15 anos à frente do regime militar e deverá anunciar algumas medidas de efeito para valorizar sua candidatura ao plebiscito de outubro. (Página 21)

Gilson Barroto

□ *É a nova geração do mar. Dora, Mariana, Isabela, Stephanie, Isabelle, Marie Claude, Brigitte. Louras, douradas, classe média alta, sete das 15 surfistas profissionais em atividade no país. Todas têm no currículo títulos no Brasil e no exterior, onde competem freqüentemente, com viagens e equipamento pagos por patrocinadores. Estudam, nenhuma jamais se sentiu atraída pela tentação das drogas e várias já recusaram propostas das chamadas revistas masculinas para — muito bem pagas — posar nuas. Nasceram e cresceram perto da praia e têm consciência de contribuir para desfazer a imagem de alienados dos surfistas. Sua grande preocupação é aprimorar-se. A técnica apurada lhes permitirá alcançar, nas ondas, a igualdade com os homens e derrubar um preconceito: o pessoal do surfe ainda é muito machista — atestam. (Página 37)*

Juro tabelado facilita vida do brasileiro

O tabelamento dos juros em 12% determinado pela nova Constituição pode mudar a vida do brasileiro, que hoje paga juros de 60% pelo uso do cheque especial e taxas de até 100% pelo financiamento do crédito direto ao consumidor. O sonho do dinheiro mais barato porém só irá virar realidade se a regulamentação do tabelamento não sofrer atropelos.

A grande ameaça contudo é que o mercado tem como contornar a medida, através da cobrança de taxas indiretas ou pelo repasse pelo tomador de empréstimo da taxa de intermediação ao preço cobrado ao consumidor. Os banqueiros concordam que tudo está nas mãos do Banco Central, que irá ditar as taxas a partir do tabelamento. (Pág. 31)

Nova Carta ampara greve das estatais

A greve que 200 mil funcionários de bancos federais e 60 mil petroleiros prometem fazer esta semana, desafiando a política salarial do governo, será o primeiro movimento de trabalhadores a contar com o respaldo da nova Constituição. Os bancos estatais e a Petrobrás estão impedidos pelo governo de conceder reajustes acima do IPC e agora não terão como punir os grevistas.

A Constituição, que será promulgada dia 5 de outubro, anistia os servidores públicos punidos ou demitidos por causa de movimentos grevistas. Amparados por este benefício, os líderes sindicais prevêem que a greve na Petrobrás e nos bancos federais será expressiva, estimulando os empregados dos bancos privados que também ameaçam parar.

Os funcionários do Banco do Brasil e da Petrobrás têm em comum a reivindicação do pagamento da URP de setembro, mês da data-base, não previsto na atual lei salarial. Os petroleiros querem 252% de reajuste, enquanto os funcionários do BB pedem 280%. (Página 34 e *Coluna do Castelo*).

■ **Ao incorporar em seu texto antigas reivindicações do movimento sindical, a Constituição obrigará os sindicalistas a buscarem um novo papel para as suas entidades. CGT e CUT, as duas principais centrais de trabalhadores, começam a definir suas linhas de atuação. (Pág. 8)**

Mauro Nascimento

Joaquim Pedro de Andrade

Câncer mata aos 56 anos diretor de 'Macunaíma'

O cineasta Joaquim Pedro de Andrade, 56, diretor de *Macunaíma*, *O Padre e a moça* e *Garrincha, alegria do povo*, foi sepultado às 17h, no Cemitério São João Batista, em Botafogo. Mais de 150 pessoas acompanharam o enterro, entre elas os cineastas Cacá Diegues, Arnaldo Jabor e Zelito Viana e os atores Paulo César Pereio e Joel Barcelos.

Joaquim Pedro morreu às 4h10 no Hospital Adventista Silvestre, em Santa Teresa, de mãos dadas com a mulher Ana Maria Moskovich e a irmã Clara. Internado há uma semana com câncer pulmonar, recusava sedativos e, segundo o médico, seus olhos pareciam estar filmando o próprio fim. Zelito Viana disse que ele "sucumbiu à falta de condições e dinheiro para trabalhar". (Página 16)

V. C. Brasil

Justo deu a Santos um pelotão de gatos e uma excelente qualidade de vida

Onde se leva uma boa vida

□ *Com excentricidade, mas também competência, o prefeito Osvaldo Justo conseguiu para Santos, em São Paulo, o título de cidade com a melhor qualidade de vida. Macrobiótico, zenbudista e lutador de caratê, Justo, 62 anos, tem entre suas realizações a criação, com sucesso, de um batalhão de caça-ratos, composto de 60 gatos recolhidos nos morros e soltos nas praças e nas praias. Mas foi certamente graças a outras medidas, como a extinção da miséria, a redução da mortalidade infantil e a elevação da renda per capita para 6 mil dólares por ano, que Justo detém 79% de aprovação popular. A lista das cinco melhores e das cinco piores cidades do Brasil apresenta outras surpresas.*

Trem da alegria

O presidente Sarney deve assinar nesta semana projeto autorizando a venda de imóveis funcionais a seus ocupantes, o que garantirá a 6.500 funcionários, principalmente no mais alto escalão do Ministério da Administração, em novo trem da alegria. (Página 7)

Raphael sai

O deputado Ulysses Guimarães pediu que o governador Moreira Franco libere Raphael de Almeida Magalhães da Secretaria de Educação e Cultura. Desgastado pela greve dos professores do Rio, Raphael vai para a coordenação da campanha de Ulysses. (Página 3)

Mercado de calvas

Um mercado de mais de 4 milhões de carecas está causando uma disputa em torno da droga minoxidil, considerada milagrosa no combate à calvície. (Pág. 18)

Senna é 'pole' em Monza e tem novo recorde

O brasileiro Ayrton Senna estabeleceu um novo recorde de *pole positions* numa só temporada ao fazer o melhor tempo para o Grande Prêmio da Itália, que será disputada a partir das 9h30 em Monza, com transmissão pela TV Globo. Ao largar na sua 10ª *pole* em 1988, Senna terá Alain Prost a seu lado e, se vencer, estará a uma corrida do título.

Em Nova Iorque, a alemã Steffi Graf, de 19 anos, tornou-se o sexto tenista (a quarta mulher) a fechar o Grand Slam — a reunião dos quatro mais importantes torneios do mundo — ao vencer a argentina Gabriela Sabatini, 18, por 6/3, 3/6 e 6/1 na final do US Open. Em 27 partidas pelo Grand Slam, Steffi só perdeu dois sets. (Páginas 38 e 39)

O sucesso em dose dupla

□ *O Gordo e o Magro, Marx e Engels, Pelé e Coutinho, Fred Astaire e Ginger Rogers. Não foram poucas as duplas que, cada uma à sua maneira, acabaram entrando para a História. Menos famosas, outras pessoas que conseguiram administrar suas afinidades e diferenças, também descobriram na dupla a fórmula do sucesso. Perseguindo o mito de Roberto e Erasmo, a dupla Sullivan e Massadas consegue ter 100 músicas gravadas por ano. Na Lagoa, os irmãos Carvalho esquecem temperamentos diferentes e remam como um só correndo atrás de uma medalha em Seul. E na bem-sucedida carreira do cirurgião Pitanguy há o toque preciso da mão de Nicole Chauvau, a instrumentadora que o acompanha há 14 anos.*

DOMINGO

Mulher liberada está preferindo filho sem casar

Cresce entre a classe média o número de mulheres que decidem ter filhos sem se preocupar em casar ou morar junto com o pai da criança. O comportamento foi rotulado de *produção independente*, com amparo na nova Constituição que extinguiu a figura masculina do cabeça do casal e encampou uma visão mais liberal das bases familiares.

Um exemplo em São Paulo é o de Dorinha de Azevedo Marques, ex-modelo, ex-atriz, atualmente trabalhando como orientadora dietética, que teve dois de seus quatro filhos nesse esquema. As crianças receberam o nome dos pais, que arcaram com parte das despesas da criação. Os outros dois filhos não foram reconhecidos legalmente pelos pais. (Página 8)

JORNAL DO BRASIL

© JORNAL DO BRASIL S.A. 1988 | Rio de Janeiro — Domingo, 11 de setembro de 1988 | Ano XCVIII — Nº 156 | Preço para o Rio: Cz$ 200,00 | 3ª Edição

Vida nova

O leitor do **JORNAL DO BRASIL** tem a partir de hoje uma seção diária para tirar suas dúvidas sobre o que mudará na vida do cidadão e das instituições com a nova Constituição. As consultas feitas através de cartas serão respondidas por João Gilberto Lucas Coelho, 43 anos, ex-deputado federal e diretor do Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte. (Página 4)

Constituição

Tempo

No Rio e em Niterói, claro passando a nublado podendo instabilizar-se no decorrer do período. Visibilidade de boa a moderada. Temperatura estável declinando após. Máxima e mínima de ontem: 36.5º em Bangu e 16.7º no Alto da Boa Vista. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo. Página 26

Loteria Federal

A extração de ontem premiou os seguintes bilhetes: 1º) 06.050 (SP), Cz$ 25 milhões; 2º) 51.372 (SP), Cz$ 1 milhão 800; 3º) 10.251 (SP), Cz$ 800 mil; 4º) 07.874 (PR), Cz$ 500 mil; 5º) 22.417 (SP), Cz$ 300 mil.

Informe JB

No dia seguinte ao primeiro programa com os candidatos à Prefeitura, perguntou-se a 139 alunos da PUC o que tinham achado do debate na TV. "Que debate?", responderam 73.

Pinochet, 15 anos

O general Augusto Pinochet apresenta hoje à nação um balanço de seus 15 anos à frente do regime militar e deverá anunciar algumas medidas de efeito para valorizar sua candidatura ao plebiscito de outubro. (Página 21)

Gilson Barreto

☐ *É a nova geração do mar. Dora, Mariana, Isabela, Stephanie, Isabelle, Marie Claude, Brigitte. Louras, douradas, classe média alta, sete das 15 surfistas profissionais em atividade no país. Todas têm no currículo títulos no Brasil e no exterior, onde competem freqüentemente, com viagens e equipamento pagos por patrocinadores. Estudam, nenhuma jamais se sentiu atraída pela tentação das drogas e várias já recusaram propostas das chamadas revistas masculinas para — muito bem pagas — posar nuas. Nasceram e cresceram perto da praia e têm consciência de contribuir para desfazer a imagem de alienados dos surfistas. Sua grande preocupação é aprimorar-se. A ténica apurada lhes permitirá alcançar, nas ondas, a igualdade com os homens e derrubar um preconceito: o pessoal do surfe ainda é muito machista — atestam. (Página 37)*

Juro tabelado facilita vida do brasileiro

O tabelamento dos juros em 12% determinado pela nova Constituição pode mudar a vida do brasileiro, que hoje paga juros de 60% pelo uso do cheque especial e taxas de até 100% pelo financiamento do crédito direto ao consumidor. O sonho do dinheiro mais barato porém só irá virar realidade se a regulamentação do tabelamento não sofrer atropelos.

A grande ameaça contudo é que o mercado tem como contornar a medida, através da cobrança de taxas indiretas ou pelo repasse pelo tomador de empréstimo da taxa de intermediação ao preço cobrado ao consumidor. Os banqueiros concordam que tudo está nas mãos do Banco Central, que irá ditar as taxas a partir do tabelamento. (Pág. 31)

Nova Carta ampara greve das estatais

A greve que 200 mil funcionários de bancos federais e 60 mil petroleiros prometem fazer esta semana, desafiando a política salarial do governo, será o primeiro movimento de trabalhadores a contar com o respaldo da nova Constituição. Os bancos estatais e a Petrobrás estão impedidos pelo governo de conceder reajustes acima do IPC e agora não terão como punir os grevistas.

A Constituição, que será promulgada dia 5 de outubro, anistia os servidores públicos punidos ou demitidos por causa de movimentos grevistas. Amparados por este benefício, os líderes sindicais prevêem que a greve na Petrobrás e nos bancos federais será expressiva, estimulando os empregados dos bancos privados que também ameaçam parar.

Os funcionários do Banco do Brasil e da Petrobrás têm em comum a reivindicação do pagamento da URP de setembro, mês da data-base, não previsto na atual lei salarial. Os petroleiros querem 252% de reajuste, enquanto os funcionários do BB pedem 280%. (Página 34 e *Coluna do Castelo*).

■ **Ao incorporar em seu texto antigas reivindicações do movimento sindical, a Constituição obrigará os sindicalistas a buscarem um novo papel para as suas entidades. CGT e CUT, as duas principais centrais de trabalhadores, começam a definir suas linhas de atuação. (Pág. 8)**

Mauro Nascimento

Joaquim Pedro de Andrade

Câncer mata aos 56 anos diretor de 'Macunaíma'

O cineasta Joaquim Pedro de Andrade, 56, diretor de *Macunaíma*, *O Padre e a moça* e *Garrincha, alegria do povo*, foi sepultado às 17h, no Cemitério São João Batista, em Botafogo. Mais de 150 pessoas acompanharam o enterro, entre elas os cineastas Cacá Diegues, Arnaldo Jabor e Zelito Viana e os atores Paulo César Pereio e Joel Barcelos.

Joaquim Pedro morreu às 4h10 no Hospital Adventista Silvestre, em Santa Teresa, de mãos dadas com a mulher Ana Maria Moskovich e a irmã Clara. Internado há uma semana com câncer pulmonar, recusava sedativos e, segundo o médico, seus olhos pareciam estar filmando o próprio fim. Zelito Viana disse que ele "sucumbiu à falta de condições e dinheiro para trabalhar". (Página 16)

V. C. Brasil

Justo deu a Santos um pelotão de gatos e uma excelente qualidade de vida

Onde se leva uma boa vida

☐ *Com excentricidade, mas também competência, o prefeito Osvaldo Justo conseguiu para Santos, em São Paulo, o título de cidade com a melhor qualidade de vida. Macrobiótico, zenbudista e lutador de caratê, Justo, 62 anos, tem entre suas realizações a criação, com sucesso, de um batalhão de caça-ratos, composto de 60 gatos recolhidos nos morros e soltos nas praças e nas praias. Mas foi certamente graças a outras medidas, como a extinção da miséria, a redução da mortalidade infantil e a elevação da renda per capita para 6 mil dólares por ano, que Justo detém 79% de aprovação popular. A lista das cinco melhores e das cinco piores cidades do Brasil apresenta outras surpresas.*

B SPECIAL

Trem da alegria

O presidente Sarney deve assinar nesta semana projeto autorizando a venda de imóveis funcionais a seus ocupantes, o que garantirá a 6.500 funcionários, principalmente no mais alto escalão do Ministério da Administração. (Página 7)

Raphael sai

O deputado Ulysses Guimarães pediu que o governador Moreira Franco libere Raphael de Almeida Magalhães da Secretaria de Educação e Cultura. Desgastado pela greve dos professores do Rio, Raphael vai para a coordenação da campanha de Ulysses. (Página 3)

Perigo no Cais

Vazamento de material altamente tóxico no Armazém 5 do Cais do Porto do Rio de Janeiro mobilizou técnicos, bombeiros e Defesa Civil e causou paralisação de atividades industriais nas imediações. (Página 17)

Senna é 'pole' em Monza e tem novo recorde

O brasileiro Ayrton Senna estabeleceu um novo recorde de *pole positions* numa só temporada ao fazer o melhor tempo para o Grande Prêmio da Itália, que será disputada a partir das 9h30 em Monza, com transmissão pela TV Globo. Ao largar na sua 10ª *pole* em 1988, Senna terá Alain Prost a seu lado e, se vencer, estará a uma corrida do título.

Em Nova Iorque, a alemã Steffi Graf, de 19 anos, tornou-se o sexto tenista (a quarta mulher) a fechar o Grand Slam — a reunião dos quatro mais importantes torneios do mundo — ao vencer a argentina Gabriela Sabatini, 18, por 6/3, 3/6 e 6/1 na final do US Open. Em 27 partidas pelo Grand Slam, Steffi só perdeu dois sets. (Paginas 38 e 39)

O sucesso em dose dupla

☐ *O Gordo e o Magro, Marx e Engels, Pelé e Coutinho, Fred Astaire e Ginger Rogers. Não foram poucas as duplas que, cada uma a sua maneira, acabaram entrando para a História. Menos famosas, outras pessoas que conseguiram administrar suas afinidades e diferenças, também descobriram na dupla a fórmula do sucesso. Perseguindo o mito de Roberto e Erasmo, a dupla Sullivan e Massadas consegue ter 100 músicas gravadas por ano. Na Lagoa, os irmãos Carvalho esquecem temperamentos diferentes e remam como um só correndo atrás de uma medalha em Seul. E na bem-sucedida carreira do cirurgião Pitanguy há o toque preciso da mão de Nicole Chauvau, a instrumentadora que o acompanha há 14 anos.*

DOMINGO

Mulher liberada está preferindo filho sem casar

Cresce entre a classe média o número de mulheres que decidem ter filhos sem se preocupar em casar ou morar junto com o pai da criança. O comportamento foi rotulado de *produção independente*, com amparo na nova Constituição que extinguiu a figura masculina do cabeça do casal e encampou uma visão mais liberal das bases familiares.

Um exemplo em São Paulo é o de Dorinha de Azevedo Marques, ex-modelo, ex-atriz, atualmente trabalhando como orientadora dietética, que teve dois de seus quatro filhos nesse esquema. As crianças receberam o nome dos pais, que arcaram com parte das despesas da criação. Os outros dois filhos não foram reconhecidos legalmente pelos pais. (Página 8)

Coluna do Castello

Novas greves vão testar Maílson

Esta semana a política econômico-financeira do governo vai ser novamente posta à prova. Duas greves em empresas estatais estão programadas para ter início na terça e na quarta-feira. A Petrobrás e o Banco do Brasil voltam, por seus empregados, a desafiar os tetos estabelecidos pelo ministro da Fazenda, cujo poder de resistência será testado. Como se sabe, conflitos entre as duas grandes empresas estatais e o governo provocaram anteriormente a queda dos presidentes da Petrobrás, Osires Silva, e do Banco do Brasil, Camilo Calazans, que haviam preferido identificar-se com as reivindicações dos seus empregados, embora seu atendimento contrariasse a política oficial.

Apesar de serem seus dirigentes nomeados pelo governo, a tendência deles frequentemente é solidarizar-se com seu pessoal e não com os que os colocaram nos postos de comando. O peso específico de empresas lucrativas e de grande porte sensibiliza seus dirigentes e os conquista para suas causas. Afinal elas pretendem desfrutar de liberade empresarial para atender às necessidades e aos pleitos dos seus empregados, cujo padrão de competência desejam preservar na disputa do mercado de mão-de-obra. Isso é verdade pelo menos em relação à Petrobrás.

Admite-se que o Sr. Armando Guedes, presidente da estatal do petróleo, acha justas ou razoáveis as reivindicações dos grevistas em potencial, mas não dispõe de meios de enfrentar a decisão de um ministro obstinado e em cujo desempenho o presidente parece depositar sua esperança de de ter afinal algum êxito no combate à inflação. A greve é o instrumento ao alcance da empresa como um todo, no caso representada por seus empregados, para tentar abalar a política restritiva do ministro Maílson da Nóbrega. Os indícios são de resistência total das autoridades. No caso do Banco do Brasil, adiantamentos salariais, já acertados, pretenderiam evitar a greve.

Como se sabe, dentro do governo as grandes estatais contam com uma margem de compreensão e de simpatia. O próprio ministro das Minas e Energia, no caso da Petrobrás, seria sensível às razões da empresa e dos seus funcionários e trabalhadores. A eficiência e a tradição tanto do Banco do Brasil quanto da Petrobrás funcionam como estímulo a que se mobilizem empregados e dirigentes para defesa de padrões de trabalho e de remuneração compatíveis com o mercado. Acusada antigamente de empreguismo a Petrobrás parece ter vencido as restrições com que, nos seus primórdios, era encarada.

Essas sem dúvida não são greves comuns, dada a importância das duas empresas e a atenção com que os movimentos serão acompanhados por tantos quantos desejam abalar a política do ministro da Fazenda.

Brasília como área metropolitana

Já está caracterizada a condição de Brasília como centro de uma nova área metropolitana. Com quase 2 milhões de habitantes (Plano Piloto e cidades satélites) crescem em torno da capital do país não só as antigas cidades de Luziânia e Formosa, situadas a pequena distância, como se constroem nas faixas limítrofes diversas cidades-dormitórios que existem em função do mercado de trabalho e dos serviços de Brasília.

Essa condição da capital produz consequências administrativas relevantes. Tudo quanto se faz na cidade contribui para o crescimento desse chamado "entorno". Quando se constroem novas escolas, novos postos de saúde ou se aumenta o número de leitos hospitalares, quando se iniciam novas obras, mais gente será atraída para a área metropolitana a fim de se beneficiarem dos serviços numa região muito carente e para atender à expansão do mercado de trabalho.

O novo governador da cidade, Sr. Joaquim Roriz, é um cidadão dessa área metropolitana. De família de Luziânia, onde possui fazendas, assistiu ao nascimento da cidade e viveu o crescimento dos núcleos habitacionais que funcionam como dormitórios. Como vice-governador de Goiás, interventor de Goiânia e político situado na área vizinha de Brasília, onde morou 21 anos, ele deve ter os olhos voltados para essa realidade perturbadora para os planos de governo e administração da capital.

Livro de Almino Afonso

O vice-governador de São Paulo, Almino Afonso, voltou-se para seu passado e produziu um livro sobre o período de 1961 a 1963, quando teve intensa participação na política nacional. Líder do PTB na Câmara dos Deputados, então numerosa e importante bancada, e ministro do Trabalho e da Previdência Social, desempenhou um papel nos acontecimentos que vão do governo e da renúncia do ex-presidente Jânio Quadros até o fim do parlamentarismo, período no qual situa as *Raízes do golpe*. Esse o título do livro (editado pela Marco Zero) a que se acrescenta o subtítulo *Da crise da legalidade ao parlamentarismo*.

Não se trata de narrativa histórica, mas de depoimento, o que libera o autor de pesquisas que testem suas informações. A narrativa, de 88 páginas, a que se acrescentam quase 60 de documentos, está impregnada da emoção e da visão da época, tão intensamente vivida por quem foi um de seus personagens. Almino Afonso dá uma contribuição importante para o conhecimento dos fatos sobre os quais depõe. (Inexplicável o texto em espanhol do discurso de Kennedy sobre a crise de mísseis. O texto oficial em português poderia ser obtido facilmente, como aconteceu com o da carta de João Goulart ao presidente dos Estados Unidos).

Carlos Castello Branco

Moacir Gomes — 10/9/88

Bittar e Chico Alencar (C) fizeram eleitor sonhar

Painel do PT faz eleitor criar manchetes de jornal

Haja jornal para tanta notícia: "Inflação cai a 2% ao mês", "Salário do trabalhador dura até o final do mês", "Ensino no Brasil supera índices mundiais de qualidade", "Donas de casa podem comprar de tudo nos supermercados", "Rio não tem mais violência e pobreza", "América vence campeonato".

Tudo isso aconteceu ontem de manhã, no sonho de dezenas de pessoas que passavam pela praça Saens Peña, na Tijuca, onde o PT, numa forma criativa de campanha, instalou um painel para que a população colocasse as notícias que gostaria de ver estampadas nos jornais. A atividade fez parte da campanha do candidato a prefeito, Jorge Bittar, e sua vice, Cleonice Dias, e do candidato a vereador Chico Alencar.

A idéia partiu de Chico Alencar, ex-presidente da Famerj (Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro), que, como professor de história, não se esqueceu que ontem era dia da imprensa. O sucesso foi tanto que as pessoas chegaram a fazer fila para escreverem suas explosivas manchetes no painel, a maioria anunciando a solução da crise econômica. O presidente José Sarney foi o personagem político mais visado: "Jumbo da Alegria cai com Sarney e toda a comitiva. Trabalhadores aproveitam e tomam o poder"; "Sarney renuncia. Carnaval nas ruas". Esta foi a manchete preferida de Jorge Bittar. Mas o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, também não escapou da raiva da população: "Quer chamar um homem de corrupto, ladrão e vira-casaca, chame-o de Ulysses". Nem mesmo o candidato do PL, Álvaro Valle, que tem na Tijuca seu reduto eleitoral, foi poupado: "Álvaro Valle assume que nunca apareceu no Congresso Nacional". A resposta que fez mais sucesso foi a do menino Rodrigo, de 10 anos. Quando Chico Alencar perguntou a ele qual seria sua notícia preferida. Rodrigo atacou: "Que eu fosse para o motel com a Xuxa".

Sônia d'Almeida

Marcello e D'Ávila foram em carro aberto à favela do Anil

Marcello acusa governo de Saturnino de irresponsável

"Se ganhar a eleição, vou encontrar uma prefeitura mais do que falida e desorganizada e os servidores intranquilos. Este governo de Saturnino Braga é muito irresponsável. O prefeito não está merecendo nem um cheque em branco e vai ter dificuldades com o Tribunal de Contas". Foi com essa e muitas outras acusações do mesmo tipo que o candidato do PDT à prefeitura do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, criticou o prefeito Saturnino Braga, durante a visita que fez pela manhã à Favela do Anil, em Jacarepaguá, com seu seu companheiro de chapa,Roberto D'Ávila.

Na véspera, Saturnino acusara a bancada do PDT na Câmara de Vereadores de ser a responsável pelo veto ao pedido de autorização da prefeitura para contrair empréstimo que seria utilizado em obras de prevenção contra as chuvas de verão. Além de criticar duramente Saturnino, Marcello disse ainda que os vereadores devem estar atentos para as mensagens que o prefeito enviar sobre "trens da alegria" e, se for o caso, "frear isso tudo através de CPIs". Ele disse que a executiva regional do PDT vai se reunir com a bancada municipal na segunda-feira para examinar melhor o pedido de empréstimo da prefeitura. "Vamos verificar se os recursos estão mesmo vinculados às obras ou se estão servindo de caixa para campanha política", disse Marcello, referindo-se à campanha do candidato de Saturnino, o vice-prefeito Jó Rezende.

Marcello disse que Saturnino terá problemas com o Tribunal de Contas não por desonestidade, mas porque "perdeu o controle das contas da prefeitura". "Seu corpo administrativo não fez previsões corretas, gastou demais e onde não devia. Ele fez uma política empreguista e inflacionou os quadros da administração. Gastou em publicidade o equivalente a 60% do custo da merenda escolar. Como explicar isso tudo?", questionou Marcello. Ex-prefeito nomeado do Rio, Marcello lembrou que em 1985 a cidade também foi muito atingida pelas chuvas, mas ele não precisou recorrer aos recursos do governo federal para fazer obras. "Só contei com os recursos da prefeitura, enquanto Saturnino tem contado com um pai extremoso, que é o INPS", comparou Marcello.

□ **Assessores do prefeito Saturnino Braga informaram que ele está examinando a possibilidade de fazer um protesto em frente à Câmara de Vereadores na próxima terça-feira. A proposta é de várias associações de moradores de áreas atingidas pelas últimas enchentes e que seriam beneficiados pelas obras da prefeitura.**

Raphael troca secretaria por campanha de Ulysses

Rogério Coelho Neto

O presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, já comunicou ao governador Moreira Franco que vai precisar dos serviços do secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio, Raphael de Almeida Magalhães, na coordenação geral da sua campanha de candidato a presidente da República. Raphael atuará ao lado do ex-ministro Renato Archer. Juntos, eles percorrerão todo o país, a partir da promulgação da nova Constituição, defendendo a mobilização dos pemedebistas em torno do nome de Ulysses.

Na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio, Raphael de Almeida Magalhães não foi feliz. Chegou ao cargo há quatro meses, no centro de um processo de unidade das diferentes correntes do PMDB fluminense, no qual Moreira apostou todas as suas fichas políticas. Não pôde executar, no entanto, nenhum projeto de impacto e vai deixar o cargo com um recorde negativo: o de ter enfrentado, sem fórmulas para superá-la, a mais longa greve do magistério da história do Brasil, que durou 89 dias.

Desgaste — Assessores de Moreira revelaram que ele estava atrás de um motivo para tirar Raphael da Secretaria de Educação, sem ampliar o desgaste que a greve do magistério lhe acarretou. O pedido de Ulysses, assim, encaixou como uma luva no projeto do governador e do próprio secretário, que já vinha manifestando a amigos o desejo de sair.

Na coordenação da campanha de Ulysses, Raphael e Archer deverão iniciar seus contatos pelo Nordeste. Amigos do governador da Bahia, Waldir Pires, eles vão tentar evitar sua adesão ao PSDB prevista para depois da eleição municipal de novembro. Os dois ex-ministros da Nova República esperam dobrar, ainda, o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, que não acredita no êxito da candidatura do presidente nacional do PMDB.

Waldir e Arraes foram os responsáveis pela indicação de Raphael para o Ministério da Previdência Social. O político fluminense foi lembrado, inicialmente, pelo próprio Waldir, que ocupava o cargo e estava se desincompatibilizando para disputar o governo da Bahia.

Pimenta ganha apoio de Aécio e amplia divisão dentro do PMDB mineiro

BELO HORIZONTE — Deputado federal mais votado em Minas (236 mil votos) e nesta capital (57 mil 900), em 1986, Aécio Neves (PMDB) anunciou seu engajamento na campanha eleitoral do candidato do PSDB, deputado Pimenta da Veiga, ampliando a dissidência pemedebista aberta pelos deputados Roberto Brant e Roberto Vital. Aécio e Pimenta obtiveram votações majoritárias em 13 das 14 zonas eleitorais da capital, há dois anos. Na 14ª, venceu o candidato do PMDB a prefeito, deputado Álvaro Antônio.

Aécio negou que tivesse aguardado a confirmação pelo Senado da indicação de seu pai, ex-deputado Aécio Cunha, para o Tribunal de Contas da União, antes de anunciar a adesão à candidatura de Pimenta da Veiga. Mas há cerca de um mês políticos do PSDB diziam que esse seria seu caminho. Ao lado da irmã, Andréa Neves, o deputado disse que subirá nos palanques com Pimenta e que "por enquanto" não deixará o PMDB.

"Continuarei na mesma distância que sempre mantive do Palácio da Liberdade. Nunca apoiei o governador Newton Cardoso, nunca fiz com ele nenhuma aliança, mas também nunca me neguei a dialogar", explicou Aécio, ao ser indagado sobre o peso do relacionamento com o governador em sua decisão. "Acho que devemos apenas resgatar o espaço que Tancredo Neves deixou na política mineira", disse o deputado, voltando a citar o nome de seu avô, que o fez conhecido.

Pimenta da Veiga foi apontado por pesquisa do instituto Sensus, de Belo Horizonte, como o vencedor do primeiro debate da TV Globo entre os candidatos, realizado domingo passado. De 600 eleitores entrevistados na segunda-feira, 40,6% acharam que ele teve a melhor *performance*, seguido de Virgílio Guimarães do PT (15,1%), Elias Murad, do PTB (6,6%), e Álvaro Antônio (5,7%). Do total de entrevistas, 119 foram feitas no Barreiro, reduto eleitoral de Álvaro Antônio, mas mesmo assim Pimenta continuou na frente, com 37,5%, e quem cresceu foi Virgílio Guimarães (18,8%). Álvaro teve 6,3%, empatando com Murad.

Livro mostra como lutou a sociedade na Constituinte

O histórico da luta pela convocação da Constituinte, desde 77, o despreparo da maioria dos partidos políticos na apresentação dos projetos constitucionais, bem como a falta de empenho que tiveram em ajudar na coleta de assinaturas das emendas populares são temas do livro "Cidadão Constituinte. A saga das emendas populares", a ser publicado, em novembro, pela editora Paz e Terra. Seus organizadores esperam montar uma ampla radiografia da batalha da sociedade civil organizada para influir no processo constituinte.

Com 200 páginas e tiragem inicial de 10 mil exemplares, a publicação relata o esforço dos movimentos populares na coleta das 12 milhões 265 mil 854 assinaturas para as 122 emendas populares que foram encaminhadas à Comissão de Sistematização.

Organizam a publicação os Plenários Pró-Participação Popular na Constituinte, o Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte (CEAC) da Universidade de Brasília e o Projeto Educação Popular Constituinte. Uma das conclusões do livro é a existência de "um grande paradoxo": os setores da sociedade civil que se organizaram para tentar influir na Constituinte estavam mais preparados para discutir o projeto constitucional que a maioria dos candidatos que concorreram nas eleições de 86. "Os partidos, com exceção do PT e dos partidos comunistas, estavam totalmente despreparados para a apresentação de projetos constitucionais", diz a antropóloga carioca Regina Prado, uma das coordenadoras do projeto."

Desempenho — Outra publicação, de 650 páginas, editada pela O Boré, será lançada numa festa no Congresso Nacional dia 4, véspera da promulgação da Constituição, tratando do desempenho dos constituintes em relação aos direitos defendidos pelos setores populares.

O trabalho é o resultado de um amplo levantamento realizado pelo Diap (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), apontando os constituintes mais atuantes e os considerados faltosos e omissos. Durante a festa de lançamento, serão entregues diplomas aos parlamentares que votaram com os setores populares, um deles, o deputado Paulo Ramos, (PMN-RJ), campeão de presença.

A publicação promete jogar mais lenha na fogueira das atuais campanhas para prefeito em todo o Brasil. No domingo passado, por exemplo, durante debate na TV Globo, o deputado federal (PTB) Roberto Jefferson, candidato à prefeitura carioca, vangloriou-se de ter ganho nota 8,5 do Diap, enquanto que o candidato Álvaro Valle (PL) levou zero. Na verdade, ele citava o quadro de notas publicado em março passado em jornal editado pelo Diap, que analisava apenas o desempenho dos parlamentares no capítulo referente aos direitos sociais — e durante o primeiro turno. Nos demais, Jefferson teve notas mais baixas.

Frente — A deputada federal Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) está tentando reeditar a Aliança Popular e Democrática, que em 86 uniu os partidos para derrotar Darcy Ribeiro, do PDT, na disputa pelo governo. Sandra propôs aos candidatos do PL, Álvaro Valle, do PSDB, Artur da Távola, e do PMDB, José Colagrossi, que os dois que não conseguirem, até o dia 15, chances reais de vitória, renunciem para apoiar o candidato mais forte. O objetivo agora, como em 86, é derrubar a candidatura brizolista de Marcello Alencar, do PDT. Em troca da renúncia, o PL, o PSDB ou o PMDB receberiam parcelas na administração municipal, e seus candidatos apoio na eleição de 90, para governador. Segundo Sandra, os entendimentos para a composição da frente passam pelo governador Moreira Franco.

Despejo — A Câmara Municipal de Santa Luzia, cidade de 12 mil habitantes no interior baiano, foi despejada por ordem do proprietário do imóvel, cujo contrato estava vencido há mais de um mês. O presidente da Câmara, Paulo Farias, disse que não existem recursos para pagar o aluguel e não resistiu. Mandou levar o mobiliário da Casa para a Avenida Dois de Julho, a principal da cidade, onde pretende realizar as sessões ordinárias, para pressionar o prefeito a providenciar uma sede própria para o Legislativo.

JB

Millôr
O quadrado crítico

Vida Nova

O dinheiro das férias

Gostaria de ter alguns esclarecimentos sobre a questão das férias na nova Constituição. O dispositivo é auto-aplicável ou deve aguardar lei a respeito? Como fica o caso de um empregado com férias vencidas e que irá gozá-las logo após a promulgação da Constituição? Já se aplica a ele a remuneração de um terço a mais do salário? A mesma questão, em relação a um empregado que esteja em férias no momento em que a Constituição é promulgada?

Carlos Prates Friederich, pequeno empresário, Belo Horizonte.

Comecemos pelo dispositivo "gozo de férias anuais, remuneradas em, pelo menos, um terço a mais do que o salário normal". Ele é, sim, aplicável imediatamente após a promulgação da nova Constituição, sem depender de qualquer legislação complementar. Não necessita de lei para garantir sua eficácia. Promulgada a Constituição, as férias anuais — já previstas na legislação trabalhista como sendo de trinta dias — serão remuneradas em mais um terço do salário normal.

A Constituição afirma "... Em, pelo menos, um terço..." e isto quer dizer que, no futuro, uma lei poderá estabelecer critérios superiores de remuneração, o mesmo acontecendo com os acordos coletivos de trabalho. O que não pode — nem a legislação, nem os contratos — é não atender ao mínimo estabelecido no texto constitucional.

A segunda questão levantada já traz alguma complexidade. Um empregado tem férias vencidas e vai gozá-las logo após a promulgação da Constituição. Alguém sustentará que o direito foi adquirido na vigência de um ordenamento anterior e apenas está sendo "pago" ou atendido sob a égide das novas normas. Todavia, a mudança de um sistema constitucional é algo mais amplo e de efeitos mais radicais do que a mera alteração de um texto legal. Contra a Constituição, não se alega sequer o chamado "direito adquirido", a não ser quando ela o preserva expressamente como esta o faz, em vários casos, através de disposições transitórias. Para o empregado que vai entrar em férias, a resposta mais razoável parece ser de que a norma constitucional do pagamento de mais um terço do salário tem de ser atendida.

Um problema ainda maior é o terceiro levantado: o caso de um trabalhador em férias de agora até logo depois da promulgação da Constituição. Bem, neste caso específico, cumpriu-se plenamente o resgate do direito com a entrada do empregado em férias. Naquele momento, o ato jurídico completou-se com o atendimento de todas as exigências legais. Não parece, aqui, haver a obrigação de se completar com o pagamento de mais um terço do salário.

Muito se tem dito sobre a auto-aplicação da Constituição. Poucos são os dispositivos que não contenham uma parte, pelo menos, imediatamente eficaz. Em geral, as leis são necessárias para regular detalhes e situações específicas.

João Gilberto Lucas Coelho

Dúvidas sobre a nova Constituição podem ser esclarecidas através de consulta ao **JORNAL DO BRASIL**, Seção Cartas — Vida Nova, Avenida Brasil, 500, 6º andar, CEP 20.949

Popularidade de Jânio cresce de novo

Carlos Alberto Sardenberg

SÃO PAULO — O Ibope perguntou a moradores da cidade de São Paulo:
O que fez o prefeito Jânio Quadros? Dos entrevistados, 86% responderam: Aumentou os preços das passagens de ônibus. O registro, de "menção espontânea", na classificação do Ibope, é correto. Na administração Jânio, iniciada em janeiro de 1986, a tarifa de ônibus teve um aumento real (além da inflação) de quase 70%, em forte contraste com o período do prefeito Mário Covas (1983/85), quando as passagens permaneceram estáveis. Na mesma pesquisa do Ibope, 67% dos paulistanos consideraram esse aumento das tarifas "desnecessário e prejudicial".

Assim, a primeira lembrança que vem à cabeça dos moradores de São Paulo forma uma imagem negativa da gestão Jânio Quadros. Entretanto, é cada vez maior o número de paulistanos que aprova a atual administração. Em outubro do ano passado, Jânio Quadros estava no fundo do poço (veja quadro). Apenas 13% classificavam seu governo de "ótimo e bom", contra expressivos 51%, que consideravam "ruim e péssimo". O saldo, portanto, era amplamente negativo. Na última pesquisa, porém, o saldo já se mostrou positivo: 34% de ótimo/bom, contra 26% de ruim/péssimo.

A marcha é ascendente, de modo que provavelmente até o final de sua gestão Jânio vai voltar ao ponto de partida, isto é, a um índice de aprovação equivalente aos 37,5% de votos com que se elegeu em novembro de 1985. Segundo observa Orjan Olsen, diretor de Pesquisa de Opinião Pública e Política do Ibope, esse desempenho é bom para um político no Brasil de hoje, sobretudo se considerado que Jânio desceu ao fundo do poço na primeira metade de seu mandato.

Maquiavel — Em termos de habilidade política, o comportamento de Jânio faz lembrar de duas clássicas lições de Maquiavel, o primeiro pensador político da era moderna, conselheiro dos governantes nos inícios do século XVI. Uma, que a população tende a considerar antes os resultados do que os meios empregados para alcançá-los; duas, que não se governa sem fazer maldades, de modo que é conveniente fazê-las logo de início e de uma só vez.

Nos estertores do Plano Cruzado, no final de 1986, Jânio antecipou-se ao descongelamento e decretou, em período curto, dois aumentos cavalares nas tarifas de ônibus. Jogou-as de Cz$ 1,50 para Cz$ 3,50 e em seguida, antes que a população tomasse fôlego, para Cz$ 5,00 — um aumento de mais de 230%, quando as taxas de inflação ainda eram bastante baixas. Junte-se a isso a forte elevação do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) que em alguns casos chegou a 2.000%, e se compreenderá porque 1987 foi o fundo do buraco da popularidade para Jânio.

Mas foi também o começo da recuperação. Até a gestão Mario Covas, a prefeitura gastava 10% de seu orçamento para subsidiar a CMTC, a companhia municipal de ônibus, que transporta 30% dos passageiros. Com as receitas do IPTU, do ISS (Imposto sobre Serviços) e de sua participação no ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias), a Prefeitura pagava parte da passagem dos ônibus. Tratava-se de uma política deliberada, o subsídio aos usuários do transporte coletivo, que integram a parcela mais carente da população.

1) Consideram a administração de Jânio Quadros

	out 87	abr 88	jul 88	ago 88
Ótima	13%	17%	34%	34%
Regular	32%	38%	30%	38%
Ruim/péssima	51%	40%	35%	26%

Fonte : Ibope

2) O que a população lembra da administração Jânio

Aumento das passagens de ônibus	86%
Ônibus vermelhos	78%
'Dose-dupla'	68%
Túnel (Ibirapuera/Pinheiros)	56%
Novo Anhangabaú	52%
Limpeza da cidade	47%
Ajardinamento	43%

Fonte: Ibope

3) As pessoas consideram necessário e urgente

Limpeza da cidade	75%
Ajardinamento	54%
Túnel	37%
Novo Anhangabaú	31%

Jânio não subsidia nada. O usuário paga totalmente pelo seu transporte e paga caro - a tarifa de hoje, Cz$ 60,00, é altamente rentável, especialmente para a CMTC. Como a estatal tem as funções de coordenar e fiscalizar todo o sistema, Jânio cobra das empresas particulares uma taxa de gerenciamento variada, mas que chega, na média, a 15% do preço da passagem. Assim, na prática, a tarifa para as particulares é de Cz$ 51 e, para a CMTC, Cz$ 79. A estatal nunca esteve tão bem, os donos das particulares, pela primeira vez em anos, não têm queixas a fazer. Todos adquirem ônibus novos.

Isso hoje rende benefícios ao prefeito. Pesquisas mostram uma melhora na imagem da CMTC e dos serviços de ônibus em geral. E com o dinheiro que não gasta mais com a CMTC, o prefeito aumentou os gastos em limpeza, ajardinamento e conservação das vias públicas. E isso também é percebido pela população.

Dose dupla — A mesma pesquisa na qual 86% dos entrevistados lembraram-se do preço caro das passagens mostrou que todas demais lembranças são neutras ou francamente positivas. Os ônibus da CMTC pintados de vermelho e os *dose dupla*, veículos de dois andares — copiados da Londres que o prefeito adora - estão claramente na memória dos paulistanos. De um modo geral, os moradores acham que não eram necessários, mas também não prejudicam.

Depois (quadro 3), metade da população reconhece que a cidade está limpa e com mais jardins. Quem poderia imaginar que limpar as ruas e espalhar jardins — sobretudo alguns estrategicamente colocados no lugar de pequenas favelas — pudesse dar tanto Ibope?

O arquiteto e urbanista Jorge Wilheim tinha certeza de que Jânio concluiria seu mandato com a popularidade em ascensão. Ex-secretário de Planejamento na gestão Mario Covas, hoje secretário estadual do Meio Ambiente, Wilheim está convencido de que os moradores de São Paulo apreciam sentir-se dentro de uma metrópole mundial. Em resumo, comenta o secretário, sentem "orgulho de estar numa metrópole bonita e eficiente".

Ônibus novos em folha, pintados de um vermelho forte, rodando em avenidas limpas e conservadas — isso demonstra, afinal, uma gestao eficiente, além de ser uma grande idéia de *marketing*. Tudo somado, a frota em operação hoje é praticamente a mesma do último ano da gestão Mario Covas. Além disso, conforme dados pesquisados pelo vereador Marcos mendonça, do PSDB, suplente do senador Covas, o número de funcionários por veículo cresceu na gestão de Jânio. Entretanto, pertence a Jânio a retórica de ter melhorado a eficiência da CMTC. Ele afirma ter acabado com o déficit da estatal, o que é verdade, embora o instrumento principal disso tenha sido o aumento de receita via tarifas altas. Se Maquiavel tem razão quando afirma que o importante são os resultados, então Jânio acertou.

Murilo Menon — 25.08.88

Jânio foi às ruas para exibir sua autoridade e ganhou prestígio

Maluf promete cumprir mandato de prefeito e deixa Planalto para 94

SÃO PAULO — No festival de promessas que tradicionalmente marca a peregrinação dos políticos em campanha, a do candidato do PDS, ex-governador Paulo Maluf — que na pesquisa entregue pelo Ibope à TV Globo no fim de semana aumenta seu favoritismo para a sucessão do prefeito Jânio Quadros —, soa falsa, em se tratando de quem persegue obstinadamente o Palácio do Planalto. Mas Maluf garante: eleito, cumprirá integralmente o mandato de quatro anos, adiando para 1994 o sonho da Presidência da República.

"O Paulo vai cumprir os quatro anos de mandato", garante um dos maiores conhecedores das entranhas do malufismo, o empresário Calim Eid. "Se nos próximos quatro anos não surgir nenhuma liderança com mais força, o Paulo, com uma boa administração, estará bem preparado e com maiores chances de vencer a eleição para o Palácio do Planalto", completa.

Silêncio — Calim está no centro de uma das mais acesas controvérsias que já marcaram uma campanha de Maluf e que o contrapõe a outra figura central do malufismo, o presidente regional do PDS, empresário Roberto Paulo Richter, principal fiador da até agora bem-sucedida tática do silêncio, adotada por Maluf na caça ao voto este ano.

"O Paulo tem que se expor mais", diz Calim, certo de que Maluf não terá como manter essa tática depois do dia 29 de setembro, quando começa o horário de propaganda gratuita no rádio e na televisão. Nessa fase da campanha, prevê seu velho companheiro, Maluf será o alvo dos outros candidatos.

Saindo na frente na disputa pela Presidência da República em 1984, e pelo governo do estado em 1986, em campanhas que seus seguidores se encarregavam de disseminar o mito de sua invencibilidade, Maluf despencou nas duas vezes vertiginosamente. Escaldado, prefere agora adotar os conselhos de Richter. Apenas num ponto Calim e Richter concordam: enquanto estiver em primeiro lugar na preferência do eleitorado, Maluf não deve participar de debates com os outros candidatos.

Chance — Depois de ter sido prefeito nomeado e governador eleito indiretamente, Maluf elegeu-se deputado federal em 1982, com mais de 500 mil votos. Agora está determinado a não deixar passar a chance de conquistar seu primeiro cargo executivo pelo voto direto.

Aos 57 anos, acorda cedo, toma o café da manhã com a família e ocupa todo o restante do dia com uma sucessão de reuniões com os principais comandantes da campanha, em encontros que raramente o tiram da mansão dos Maluf, no bairro do Jardim América. Ali, ou nas raras reuniões mantidas em seu velho escritório da Avenida Europa, é que escolhe o bairro que vai discretamente visitar. Contrariando hábito de quase duas décadas, agora não fala aos jornalistas e encarrega a assessoria de despistá-los.

Masao Goto/Ag. Folhas — 7/7/88

Maluf agora adota silêncio como tática

Covas foi quem investiu mais na periferia

Nos últimos dez anos, o prefeito que mais teve dinheiro em São Paulo foi Olavo Setúbal, que administrou a cidade de 1975 a 1978. O que teve menos recursos foi Mario Covas, cujo período, 1983-85, sofreu em cheio os efeitos da crise da dívida externa de 1982 e da conseqüente recessão. O orçamento municipal de 1984 foi um dos mais baixos da história da cidade, cerca de 35% inferior ao teto atingido em 1978. De 1984 para cá, vem-se recuperando. Mas o orçamento de Jânio de 1987 ainda foi, sempre em termos reais, 10% inferior ao do último ano de Setúbal. O prefeito Setúbal aproveitou sua boa sorte. Deixou uma gestão apreciada — uma marca foi a recuperação do centro antigo — e tornou-se personalidade política de expressão nacional. Sucedeu-o Reynaldo de Barros que, embora com menos recursos, também deixou uma marca: foi o prefeito que mais iluminou ruas na periferia. Essa realização, porém, é pouco conhecida e pouco reconhecida.

Há explicação para isso. A periferia é dispersa, cada obra tem efeito limitado — atende a uma determinada, e pequena, população e é vista apenas por essa gente. Já no centro da cidade circulam por dia 1,8 milhão de pessoas, "que não são banqueiros", registra o secretário Jorge Wilheim. E para deixar bastante claro seu ponto de vista completa: "O povo, os pobres não estão apenas na periferia". Obras e serviços no centro de São Paulo, indica a experiência política, constituem investimento de grande ressonância: atendem ampla clientela e fazem fama.

Demagogia? — Wilheim foi secretário do planejamento e autor do Plano Diretor de São Paulo elaborado na gestão de Mário Covas. E entretanto a "lição do centro" nao foi respeitada. Covas, com recursos escassos e diante de uma recessão que deixou 1,5 milhão de desempregados em São Paulo, número estonteante numa população de 10,7 milhões, decidiu investir quase exclusivamente na periferia. Gastou o que tinha em creches, postos de saúde, habitação popular e transporte de massa. Foi um bom prefeito, sem dúvida, conclui Wilheim. Mas especula: "Se tivesse feito uma grande obra no centro..."

Jânio Quadros não deu atenção ao Plano Diretor deixado por Covas, mas agiu conforme uma lógica precisa. Reduziu, proporcionalmente a Covas e Reynaldo, os investimentos na periferia, mas não deixou de fazê-los. No final das contas, não fará feio, mesmo porque São Paulo é uma cidade bastante bem aparelhada. Excetuados os serviços federais e estaduais, só em sua rede municipal de oito hospitais (1.400 leitos), oito pronto-socorros e 140 postos de saúde, são atendidas diariamente 12 mil pessoas. Há mais de 500 creches e as vagas nas 301 escolas de primeiro grau chegam a 440 mil.

Há uma inércia de gastos mínimos nas periferias, realizados quase autonomamente por uma máquina administrativa razoavelmente competente. Na verdade, é difícil ser um mau prefeito em São Paulo. A cidade tem o terceiro orçamento do país — depois da União e do Estado de S. Paulo — de modo que sempre há algum dinheiro. Como o município tem infra-estrutura bem desenvolvida e a administração exibe uma rotina de investimentos básicos, cabe a cada prefeito escolher sua marca. Ou, fazer uma escolha política e ideológica ao eleger prioridades.

Jânio definiu três linhas: 1) dar sinais abundantes de que havia um prefeito tomando conta da cidade; 2) mostrar, segundo diz seu secretário de Negócios Jurídicos, Claudio Lembo, "que há lei e que ela pode ser aplicada com rigor"; 3) fazer algumas grandes obras, "que , no fundo, é do que a população gosta", diz o secretário Jorge Wilheim. E acrescenta: "Os moradores querem grandeza. Não se pode propor coisas *mixas* para São Paulo".

O primeiro objetivo se realizou com os serviços de conservação, limpeza e ajardinamento por toda a cidade, mas especialmente nos lugares por onde passa muita gente. Demagogia? A população gosta de andar numa cidade limpa e, afinal, paga a taxa de limpeza embutida no IPTU.

A segunda linha de atuação se manifestou na enérgica reação às três greves do funcionalismo. Através do Código Penal e do Estatuto do Funcionário, a Prefeitura instaurou cerca de 8 mil processos contra funcionários da administração direta — quase 7 mil para demissão por motivo de greve. Tocou para fora quase toda a liderança sindical — num óbvio contraste com a gestão de Mário Covas que, embora dispondo do mesmo arsenal jurídico, escolheu sempre a via da negociação com os movimentos reivindicatórios.

Anhangabaú — A terceira estratégia de Jânio — as grandes obras — também revela opções políticas. Depois de algumas hesitações iniciais — desapropriou 18 quilômetros na via marginal do rio Tietê, 10 milhões de metros quadrados, contratou Oscar Niemeyer para projetar ali a nova sede da Prefeitura e um parque imenso, e depois de três meses desistiu de tudo — Jânio escolheu fazer a grande reconstrução do vale do Anhangabaú, coração e cartão postal por excelência da cidade, e um sistema de túneis sob o parque do Ibirapuera e sob o rio Pinheiros, criando um corredor viário na Zona Sul, a mais rica.

O Novo Anhangabaú era um antigo projeto aprovado em concorrência pública na gestão de Reynaldo de Barros. Estava engavetado. Jânio mandou tocar. Os túneis são invenção sua. O custo, 350 milhões de dólares.

O Anhangabaú fica no centro. Para veículos, o Anhangabaú é ligação entre as regiões Sul e Norte. A reurbanização cria novas vias subterrâneas de trânsito e ruas e praças para pedestres. Se o centro é o lugar de toda a cidade, então o novo Anhangabaú faz sentido.

Já os túneis beneficiam diretamente a circulação de automóveis da população da Zona Sul. Não estavam no Plano. Também não chega a desfigurar o Plano, anota Wilheim, mas esclarecendo que, na construção de novas vias, a prioridade provavelmente estava em outro lugar. Cita os projetos da via Guarulhos—S.Miguel—Itaquera—S. Mateus—Santo André, com sistema de corredor de troleibus, e a via Vila Maltide—S.Caetano. Esses projetos são revolucionários, na medida em que estabelecem um novo eixo urbano, ligando os locais de residência de trabalhadores (Zona Leste) com centros de emprego industrial (Sul e Norte).

Por que Jânio não as fez? Possivelmente, porque não tinha dinheiro para investir e as empreiteiras, que arranjam os financiamentos, preferiam fazer as obras do centro e da Zona Sul — muito mais caras e mais rentáveis. Jânio simplesmenteaceitou a oferta de obras com perspectiva de financiamento. Hoje, esse financiamento está problemático, mas por causa do arrocho geral que o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, vem impodo a toda a administração pública. De qualquer modo, como sempre costumam fazer, as empreiteiras tocaram rapidamente o começo das obras, com recursos próprios, para criar a situação de fato em que a interrupção dos projetos pode ser mais custosa do que concluí-lo. E quanto às finanças, na última semana, Jânio recebeu socorro do governo federal (empréstimo de Cz$ 20 bilhões do Banco do Brasil) e do governador Orestes Quercia, que está pagando 10 bilhões pelas ações da Prefeitura na Comgás, Companhia de Gás.

Ariovaldo dos Santos — 6.5.87

Uma receita para o sucesso: fazer jardins onde todos possam ver

Isaías Feitosa — 8.9.87

Dose dupla: ótima invenção

CUT decidirá reeleição de Jair Meneguelli hoje

BELO HORIZONTE — O metalúrgico Jair Meneguelli, presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), confirmou ontem sua candidatura à reeleição para o cargo, encabeçando a chapa do grupo Articulação, liderado pelo deputado Luiz Inácio Lula da Silva. A votação será hoje de manhã, nesta capital, durante o terceiro Concut (Congresso Nacional da Cut), que se realiza com a participação de mais de oito mil representantes sindicais de todo o país.

A chapa para a eleição da nova direção nacional, executiva e conselho fiscal terá como vice-presidente Avelino Ganzer, do Pará, atual coordenador nacional do Departamento de Trabalhadores Rurais da CUT, e como secretário-geral o presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Gilmar Carneiro dos Santos.

A segunda força política que compõe a central, a CUT pela Base, mais à esquerda do grupo de Lula, também concorrerá, provavelmente encabeçada pelo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, Durval de Carvalho, segundo revelou ontem um dos líderes desta ala.

Meneguelli reagiu com dureza à publicação de uma foto em que aperta a mão do governador Newton Cardoso — publicada no jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte, de propriedade de empresários ligados ao governador. Segundo o texto, a CUT teria oferecido o jantar a Newton Cardoso. "Isso se chama safadeza", disparou o presidente da entidade. Uma centena de cópias da notícia foi distribuída no Concut, pelos adversários de Meneguelli. Ele garantiu que o jantar, no restaurante Santa Felicidade, foi oferecido e pago por Newton Cardoso aos 90 representantes de centrais sindicais e institutos de pesquisa de 33 países estrangeiros. "Quem utiliza notícias mentirosas para tentar me denegrir e para ganhar votos demonstra não ter argumentos para ganhar um debate político", disse o sindicalista.

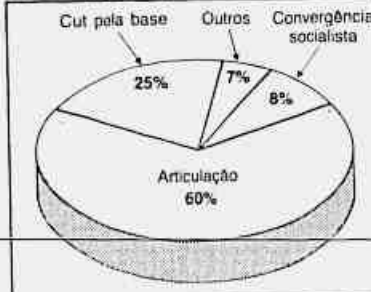
O deputado federal Paulo Delgado (PT-MG) que participa do congresso como delegado da UTE (União dos Trabalhadores do Ensino de Minas disse que a "manipulação política" feita a partir do episódio por um dos líderes da CUT pela Base em Minas, o presidente da coordenação sindical dos servidores públicos, Roberto Carvalho, foi "tão grave quanto a que Newton Cardoso fez em seu jornal". Carvalho, no dia anterior, empunhava o jornal *Hoje em Dia* na porta do Mineirinho, onde se realiza o congresso, e afirmou que os delegados dos servidores públicos mineiros se retirariam do encontro, se Meneghelli não se retratasse publicamente. No microfone do plenário, denunciou veementemente a atitude do presidente da CUT, mas manteve a representação do funcionalismo no Congresso.

Lula continua majoritário

BELO HORIZONTE — Formada majoritariamente pelo Partido dos Trabalhadores, que, segundo um dos organizadores, que pediu para seu nome não ser citado, representa de "80% a 90% da central", a CUT ainda preserva a hegemonia do grupo Articulação. Este grupo é liderado nacionalmente pelo virtual candidato do PT à presidência da República, deputado federal Luís Inácio Lula da Silva, pelo presidente nacional do partido, Olívio Dutra, e pelo autal presidente da CUT e virtual candidato à reeleição, Jair Meneguelli. Com "90% de petistas, além de militantes do PDT, PSB e PSDB", segundo o presidente do PT mineiro, Antônio Carlos Pereira, o Carlão, a Articulação detém cerca de 60% dos delagados deste 3º Congresso Nacional da Central e tem sua principal base no ABC paulista.

A Articulação é formada por alguns setores do PCB e por trotskistas, leninistas e cristãos do PT, segundo um dos principais líderes da maior corrente que lhe faz oposição, o metalúrgico Durval de Carvalho, presidente do Sindicato de Campinas, e teria sua origem nos setores progressistas da Igreja e na social-democracia, de acordo com um dos organizadores do congresso. Esse grupo defende a utilização da via parlamentar (político-institucional) nas lutas da CUT e pretende que esta deixe a cargo dos partidos políticos a discussão sobre a conveniência ou não de os constituintes ligados à Central assinarem a nova Constituição. Propõe, também, a ampliação do mandato dos dirigentes da Central, de dois anos para três, e a alteração global de seu estatuto, reduzindo a menos da metade o número de delegados nos congressos nacionais e só permitindo a participação de filiados.

A segunda força presente na Central, atualmente, é o grupo CUT pela Base, situado mais à esquerda do que a Articulação e formado por "99% de petistas, pelos trotskistas independentes e ligados à esquerda da Igreja", entre outros, segundo Durval de Carvalho. De acordo com fontes que preferem não se identificar, formam esse grupo a democracia-socialista, o PRC

Correntes em conflito
As alianças principais na Cut e sua força

Facções disputam hegemonia

(Partido Revolucionário Comunista) e o MCR (Movimento Comunista Revolucionário). Tendo como principal base o núcleo de oposição do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e dos Trabalhadores da Indústria Química e de Plásticos da capital paulista, eles têm cerca de 25% dos delegados, segundo Durval de Carvalho.

Aceitando que a central lute no campo institucional, a CUT pela Base, no entanto, é autora da proposta de que os constituintes ligados à CUT não assinem a nova Constituição, que consideram conservadora. Esse grupo propõe algumas mudanças no estatuto da central, como a ampliação para três anos do mandato dos dirigentes, o aumento da contribuição mensal dos filiados, de 1% para 5%, mas não aceita a substituição do atual estatuto por outro. Durval de Carvalho reafirma a "vocação socialista" de seu grupo e acusa os membros da articulação de se limitarem aos interesses imediatos dos trabalhadores e minimizarem a luta de classes.

Também significativa na CUT, com cerca de 8% dos delegados neste congresso, é a corrente da Convergência Socialista, que tem sua principal base nos sindicatos dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem e dos Bancários do Rio. Eles são contra a atuação institucional e acham o estatuto da CUT inalterável. Com menor peso, mas também significativo (4% dos delegados), há ainda o Coletivo Gregório Bezerra, formado por militantes oriundos do PCB, que tiveram posterior passagem pelo PDT e hoje se organizam em um grupo à parte.

Sindicalistas não lêem teses que aprovam

Waldemar Sabino
Leôncio Rodrigues

BELO HORIZONTE — As 17 teses discutidas no 3º Concut (Congresso Nacional da CUT) não foram lidas por 80% ou mais dos participantes, na avaliação do professor Leôncio Martins Rodrigues, da Unicamp (Universidade de Campinas) e da USP (Universidade de São Paulo). Ele calcula também que 50% a 60% dos participantes não entendem nada, ou entendem muito pouco, do debate ideológico do congresso.

"É uma discussão político-ideológica muito sofisticada, o que não quer dizer que ela não seja importante. O número de teses era apropriado para um congresso de intelectuais", comentou Leôncio Rodrigues. Ele está em Belo Horizonte acompanhando o 3º Concut e fazendo uma pesquisa para definir o perfil dos delegados ao congresso, destinada a fornecer subsídios para atuação da direção nacional da CUT.

Até a tarde de ontem, a equipe encarregada da pesquisa já havia recolhido 4 mil 300 questionários. Cada questionário tem 21 perguntas e vai revelar dados básicos sobre os participantes, mas, identificando a escolaridade, por exemplo, de forma detalhada, determinando até que ano o delegado estudou e não simplesmente se fez o 1º grau. A pesquisa revelará também renda, origem, faixa etária e experiência sindical de cada um.

"O perfil da massa de militantes sindicais ainda é desconhecido", revelou o professor, que, mesmo não dispondo de números, pôde identificar uma quantidade muito grande de analfabetos entre os entrevistados. "Os membros da equipe tiveram que preencher muitos formulários, principalmente de trabalhadores rurais do Norte e Nordeste", revelou.

Ele observou também que o universo é "extremamente heterogêneo em termos de renda e escolaridade" e com um grau de participação muito variado. Há gente com 15 anos de militância e há os que estão começando. Há analfabetos e gente com mestrado; e pessoas muito pobres e de classe alta, mas não milionários.

Ele reconhece que um congresso tão grande é indiscutivelmente um sinal da presença crescente do sindicalismo e da CUT na sociedade brasileira. Afirmou também que a heterogeneidade não muda muito o resultado, porque, mesmo sem compreender perfeitamente a discussão e as teses, o humilde delegado escolhe aquela *tradução* com que se identifica mais.

O pesquisador disse ter observado também o contraste da participação nas próprias filas de credenciamento, à medida em que os ônibus iam chegando das várias regiões do país. Ele destacou as diferenças: os pequenos proprietários do Sul, são "fortes", bem nutridos e pouco afeitos às sutilezas dos debates ideológicos"; os do Nordeste e Norte,"muito pobres, fracos, mal nutridos, com muita gente politizada pelo conflito de terras". E identificou metalúrgicos do ABC "espertos e politizados".

Entre os 8.363 delegados inscritos no 3º Concut, 66% são da área urbana e 34% de regiões rurais. A maior delegação era de São Paulo, com 1.091 participantes (930 de áreas urbanas). O maior número de delegados rurais se inscreveu no Pará: 497.

De acordo com o professor Leôncio Martins Rodrigues, duas grandes concepções sobre o destino da CUT estão em choque, em virtude das divergências internas que aparecem no 3º Concut:

"Trata-se de saber se a CUT será uma grande central sindical, que terá seu espaço de poder e de representação dos trabalhadores dentro de um sistema democrático e pluralista, ou se a CUT será um instrumento de transformação social para uma sociedade socialista."

Informe JB

O eclipse da campanha eleitoral no Rio não é captado apenas pelos institutos de pesquisa.

Sua vasta e escura sombra vai mais longe. Aparece em levantamentos mais informais e por isso mesmo fica até mais eloqüente.

Na segunda-feira passada, dia seguinte ao primeiro programa com seis candidatos à Prefeitura na TV Globo, perguntou-se a 139 alunos da PUC carioca o que tinham achado do debate na TV.

"Que debate?", responderam 73, como se a pergunta tivesse sido feita em grego.

Outros 51 limitaram-se a dizer que não viram. Cinco desligaram a TV e só 10 assistiram do começo ao fim.

□

A pesquisa da PUC é a versão dramatizada dos números do Ibope, que ainda captam um elevadíssimo índice de indiferença.

Na cidade, a dois meses da eleição que vai escolher também vereadores, não há vestígio de campanha.

O rigor da Justiça Eleitoral escondeu a campanha na quaresma mas, pior do que isso, os candidatos não conseguem despertar a atenção dos eleitores.

□

O Rio pode estar às vésperas de um estranho fenômeno eleitoral.

Tetas

Para aqueles que pensam que Portugal é novo *topmodel* do capitalismo europeu:

De cada 100 trabalhadores portugueses 24 estão pendurados nas tetas do Estado.

Publicidade

A caça à conta da Procter & Gamble — considerada a maior verba de propaganda do mundo — pode, no Brasil, vir a detonar uma agência de publicidade, para alegria do seu proprietário.

É que a agência inglesa Saatchi and Saatchi — uma das que atendem internacionalmente à Procter & Gamble — está de namorico com o W da WGGK: o publicitário Washington Olivetto.

Desse casamento poderá vir a nascer outra agência.

A vez

Parece que chegou a hora e vez de Paulo Maluf.

O jornal *Folha de S. Paulo*, em sua edição de hoje, publica uma pesquisa em que o ex-governador de São Paulo dispara na disputa para prefeito de São Paulo com folgados 36% das intenções de voto.

Bem atrás vem a candidata do PT, Luiza Erudina, com 8%, seguida de João Leiva, do PMDB do governador Orestes Quercia, com 7%.

O tucano José Serra ainda não decolou. Detém minguados 6%.

Cruz-credo

Os padres noruegueses foram à Justiça do Trabalho reivindicar o pagamento de horas extras (lá os padres são pagos pelo governo) para trabalhar aos domingos.

□

Já não se fazem mais padres como antigamente, deve andar dizendo monsenhor Lefebvre.

Faxina

Uma empresa carioca, a União Fabril Exportadora, que fabrica sabões e detergentes, resolveu por conta própria fazer uma faxina no Túnel Novo, em Copacabana.

Descobriu que atrás de fumaça e fuligem se escondem azulejos brancos.

Intolerância

A campanha antifumo nos Estados Unidos está mesmo se transformando numa histeria facista.

Em novembro será julgado em Los Angeles o cidadão James Tabacca, 34 anos, que fez arruaça dentro de um avião da TWA, porque estava fumando em área proibida.

Poderá ser condenado a 20 anos de prisão.

Horror

Nos Estados Unidos, um empregado da Goodyearconfessou que pagou 1 milhão de dólares para subornar funcionários do governo do Iraque, numa operação de venda de pneus.

□

Deve ser terrível viver num país onde há corrupção.

Baixaria

O sambista pernambucano Sebastião José da Silva, candidato a vereador pelo PDS do Recife, conseguiu registrar no TRE o seu apelido — Boneco de Mola.

Além disso, está distribuindo panfletos onde pede votos para "também mamar nessa vaquinha" — no caso, o poder legislativo municipal.

□

O mau-caratismo do sambista não fica por aí.

Ele se apresenta aos eleitores como "de direita radical".

Indagado sobre qual a diferença entre direita radical e esquerda radical, não titubeia:

"É tudo pilantragem."

Inclusive ele.

Vende-se

Mercadoria insólita está sendo oferecida por uma agente americana a empresários brasileiros.

É a coleção personalizada de tacos de golfe e acessórios que o presidente dos Estados Unidos Dwight Eisenhower usou durante sua gestão.

□

Pela "módica" quantia de 750 mil dolares.

Maestro

Depois de sua meteórica passagem pela cidade, para reger neste domingo, no Aterro do Flamengo, a Orquestra Sinfônica Brasileira, o maestro Lorin Maazel — que chegou ontem ao Rio — vai dar um pulo ao outro extremo do mundo.

Estará excursionando pelo Japão com a ópera do Teatro Alla Scala de Milão, ao lado de outros dois craques do jet-set da música: o maestro Riccardo Muti e Carlos Kleiber.

Austeridade

O prefeito Saturnino Braga aumentou de 24 para 30 o número de Regiões Administrativas do município do Rio.

Neste período o número de funcionários caiu nestas regiões de 1.600 para 1.200.

Caixa alta

O prefeito Jânio Quadros estava devendo 25 bilhões de cruzados às empreiteiras.

Começa a pagar esta semana, com dinheiro que vai chover em sua horta.

• O Banco do Brasil, onde manda o presidente Sarney, está liberando um empréstimo de Cz$ 20 bilhões.

• A venda do Anhembi, conjunto do centro de exposições e auditórios, rendeu 15 bilhões — dos quais 15% já em caixa.

• E o govenador Orestes Quércia está comprando agora as ações que a prefeitura tem na Companhia Estadual de Gás, Comgás, e com isso mandando já mais 10 bilhões para os cofres de Jânio.

Rataria

O candidato do PDT a prefeitura de Curitiba, deputado estadual e radialista Algaci Tulio, anunciou durante debate com seus adversários na semana passada, que, se eleito, vai "desratificar a cidade".

Isto porque, segundo Tulio, "para cada habitante de Curitiba existem quatro ratinhos".

□

O que daria mais de 4 milhões de ratos.

Lance-Livre

• Os produtores e donos de moinhos de trigo não querem a privatização da compra do trigo. Adoram mamar na teta do governo.

• Cresce o prestígio do presidente da Radiobrás, Antonio Martins, dentro do governo. O presidente José Sarney quer dedicar um dos programas **Conversa ao Pé do Rádio** à política de privatização que a Radiobrás vem fazendo.

• O Boteco do Cabral, comitê político-musical do candidato à reeleição vereador Sérgio Cabral, na Rua do Catete, 182, do PSB, abre suas portas no dia 15 com show de Nara Leão e Roberto Menescal.

• Os estudantes universitários da Universidade Federal do **Rio de Janeiro andam alarmados com uma gangue que assalta nos pontos de ônibus da Leopoldina e divide o saldo num bar das imediações.**

• Os jornalistas que cobrem o Banco Central em Brasília procuraram na sexta-feira o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF para protestar contra a portaria nº 185, de 10 de agosto, assinada pelo presidente do BC, Elmo Camões, que restringe o trabalho da imprensa. Pela portaria, somente o presidente e os diretores poderão pronunciar-se em nome do Banco.

• **Quase cinquenta tipos de chá importados há mais de um século da China e da Índia, que estavam estocados no Museu Etnográfico de Kiakhta, antiga cidade siberiana, ainda conservam seu aroma e sabor, segundo informa a agência Novosti.**

• Na presidência da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, de 1983 a 1985, o jornalista Maurício Azêdo, do PDT, afastou cerca de 700 servidores-fantasmas.

• **Segundo calculos da International Air Transport Association Traffic (Iata), o tráfico aéreo internacional deverá crescer, em média, anualmente, 7% nos próximos cinco anos.**

• A nova Constituição resgata para o Rio a possibilidade de ter listas telefônicas independentemente de autorização da Telerj. O artigo 176 — de autoria do deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ) — "assegura o livre exercício de qualquer atividade econômica independente de autorização de órgãos públicos".

• **O Museu da República, no Rio, acaba de ganhar da Caloi duas bicicletas que serão usadas na vigilância noturna dos 24 mil metros quadrados do museu.**

• O escritor Jorge Amado segue estes dias para Paris, onde vai acabar de escrever **O sumiço da santa.**

• **O Exército está comprando 26 helicópteros Puma. Por que não destinar uma parte dessa frota para combater as queimadas criminosas na Amazônia?**

Ancelmo Gois, com sucursais

Praia é descaracterizada no litoral sul da Bahia

SALVADOR — A exploração de areia monazítica, com intensa movimentação de tratores e caminhões, vem descaracterizando inteiramente uma faixa de 12 quilômetros de praias, num dos mais belos trechos do litoral sul da Bahia, no município de Prado, a 785 quilômetros desta capital.

O fato, denunciado por políticos preocupados com a preservação ambiental, foi constatado por técnicos do Centro de Recursos Ambientais (CRA) da Bahia, que já fizeram duas viagens de inspeção à região e agora trabalham na definição das exigências para que a atividade possa continuar, sem agressões à natureza.

O próprio presidente do CRA, Joviniano Neto, deverá chefiar uma equipe de técnicos que vai nos próximos dias ao distrito de Cumuruxatiba, em Prado, onde a areia monazítica vem sendo explorada pela empresa Consemp (Concentração e Separação de Minerais Pesados Ltda.), que detém a concessão dos direitos na área.

Cordenadora dos escritórios regionais do CRA, também integrante das equipes que visitaram a área de exploração, a técnica Maria Cristina Vieira assegurou que intenso trânsito de veículos pesados na praia tem provocado até mesmo a alteração dos cursos de rios e córregos, prejudicando todo o ecossistema da área, principalmente os manguezais.

"Além disso", explica Maria Cristina, "os tratores vêm extraindo a areia, escavando as bases das falésias (encostas íngremes), provocando, com freqüência, deslizamentos, num processo constante de agressão ao meio ambiente".

Líder de um movimento ecológico regional, a socióloga Elie França, que mora em Cumuruxatiba, concorda com Maria Cristina e acrescenta que a praia do distrito integra a frente de um ecossistema que começa no Monte Pascoal e engloba uma área de 27 mil hectares, o maior trecho contínuo de Mata Atlântica ainda existente na Bahia.

JORNAL DO BRASIL S A

Avenida Brasil, 500 — CEP 20949
Caixa Postal 23100 — S. Cristóvão — CEP 20922 — Rio de Janeiro
Telefone — (021) 585-4422
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

Áreas de Comercialização

Superintendente Comercial: José Carlos Rodrigues

Superintendente de Vendas: Luiz Fernando Pinto Veiga

Superintendente Comercial (São Paulo) Sylvian Mifano

Superintendente Comercial (Brasília) Fernando Vasconcelos

Classificados por telefone (021) 580-5522
Outras Praças — 8(021) 800-4613 (DDG — Discagem Direta Grátis)

Sucursais

Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70302 — telefone (061) 223-5888 — telex (061) 1 011

São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 17º andar — CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone (011) 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21 061, (011) 23 038

Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30130 — B. Horizonte, MG — telefone (031) 273-2955 — telex (031) 1 262

R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1 960/Morro Sta. Teresa — CEP 90610 — Porto Alegre, RS — telefone (0512) 33-3711 (PBX) — telex (0512) 1 017

Bahia — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — Salvador — Bahia — CEP 41100 — Tel. (071) 244-3133 — Telex: 1 095

Pernambuco — Rua Aurora, 325 — 4º and. s/ 418/420 — Boa Vista — Recife — Pernambuco — CEP 50050 — Tel. (081) 231-5060 — Telex (081) 1 247

Ceará — Rua Desembargador Leite Albuquerque, 832 — s/202 — Edifício Harbour Village — Aldeota — Fortaleza — CEP 60150 — Tel. (085) 244-4766 — Telex (085) 1 655

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, Santa Catarina.

Correspondentes no exterior
Buenos Aires, Paris, Roma, Washington, DC

Serviços noticiosos
AFP, Tass, Ansa, AP, AP-Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI

Serviços especiais
BVRJ, The New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, Le Monde, El País, L'Express

Atendimento a Assinantes
Coordenação: Marilene Correa Curioni
De segunda a sexta, das 7h às 19h
Sábados e domingos, das 7h às 11h
Telefone: (021) 585-4183

Preços das Assinaturas

Rio de Janeiro	
Mensal	Cz$ 3.400,00
Trimestral	Cz$ 9.180,00
Semestral	Cz$ 17.340,00
Minas Gerais — E. Santo	
Mensal	Cz$ 4.180,00
Trimestral	Cz$ 11.290,00
Semestral	Cz$ 21.320,00
São Paulo	
Mensal	Cz$ 5.220,00
Trimestral	Cz$ 14.100,00
Semestral	Cz$ 26.620,00
Brasília	
Mensal	Cz$ 6.980,00
Trimestral	Cz$ 18.850,00
Semestral	Cz$ 35.600,00
Trimestral (sábado e domingo)	Cz$ 5.760,00
Semestral (sábado e domingo)	Cz$ 11.520,00
Goiânia — Salvador — Maceió — Curitiba — Florianópolis — P. Alegre — Cuiabá — C. Grande	
Mensal	Cz$ 6.980,00
Trimestral	Cz$ 18.850,00
Semestral	Cz$ 35.600,00
Recife — Fortaleza — Natal — J. Pessoa — Teresina — São Luís	
Mensal	Cz$ 7.620,00
Trimestral	Cz$ 20.580,00
Semestral	Cz$ 38.860,00
Porto Velho	
Mensal	Cz$ 8.820,00
Trimestral	Cz$ 23.820,00
Semestral	Cz$ 44.960,00
Camaçari — BA	
Semestral	Cz$ 46.620,00
Entrega postal em todo o território nacional	
Trimestral	Cz$ 23.820,00
Semestral	Cz$ 44.980,00

Atendimento a Bancas e Agentes
Telefone: (021) 585-4127

Preços de Venda Avulsa em Banca

Rio de Janeiro	
Dias úteis	Cz$ 100,00
Domingos	Cz$ 200,00
Minas Gerais — E. Santo	
Dias úteis	Cz$ 130,00
Domingos	Cz$ 200,00
São Paulo	
Dias úteis	Cz$ 170,00
Domingos	Cz$ 200,00
DF, GO, SE, AL, BA, MT, MS, PR, SC, RS	
Dias úteis	Cz$ 230,00
Domingos	Cz$ 250,00
MA, CE, PI, RN, PB, PE	
Dias úteis	Cz$ 260,00
Domingos	Cz$ 280,00
Demais Estados	
Dias úteis	Cz$ 290,00
Domingos	Cz$ 320,00
Com Classificados DF, MT, MS	
Dias úteis	Cz$ 300,00
Domingos	Cz$ 340,00
Pernambuco	
Dias úteis	Cz$ 340,00
Domingos	Cz$ 360,00
Pará	
Dias úteis	Cz$ 360,00
Domingos	Cz$ 400,00

Trem da alegria pára nos imóveis

Teodomiro Braga

BRASÍLIA — Com a proximidade da partida do mais recente trem da alegria do governo — a venda de imóveis funcionais — altos funcionários da administração entraram numa insólita corrida para tomar os melhores lugares. Oficialmente, não existem apartamentos funcionais vazios, mas integrantes do primeiro escalão do governo, principalmente da Secretaria da Administração Pública (Sedap), do Ministério da Administração, trocaram de residência nas últimas semanas, de forma a estar morando em apartamentos de maior valor quando o presidente José Sarney assinar o decreto autorizando a venda dos imóveis, previsto para a semana que começa amanhã.

O caso mais recente envolve o próprio secretário-geral da Sedap, Gileno Fernandes Marcelino, que na quinta-feira mudou-se de uma casa no Lago Sul para um superapartamento de quatro quartos na Asa Sul do Plano Piloto. A mudança foi providencial porque as mansões do governo ficarão de fora do decreto de venda dos imóveis, mas até a sexta-feira o Palácio do Planalto ainda não havia definido se funcionários que ocupam cargos de confiança, como Marcelino, poderão se credenciar para a compra dos apartamentos.

O secretário-geral da Sedap admitiu, com relutância, que havia trocado de endereço. Mas negou que tivesse se mudado apenas para se habilitar à compra do apartamento, embora reconheça que poderá fazê-lo.

— Não se sabe ainda se ocupantes de cargos de confiança terão direito ou não — disse. De qualquer forma, Marcelino conseguiu a nova moradia sem dificuldades, apesar da lista de pretendentes à ocupação de apartamentos chegar a 6 mil servidores, sendo que alguns ouvem há mais de 10 anos a resposta de que não há imóveis disponíveis.

Em número de pessoas beneficiadas, o projeto de venda dos apartamentos funcionais é o maior trem da alegria já visto em Brasília. Os 6.500 funcionários que serão favorecidos com a compra de imóveis em condições excepcionalmente vantajosas, porém, representam menos de 5% do universo total de 140 mil funcionários públicos federais residentes em Brasília. Também ficarão de fora da premiação, evidentemente, o restante milhão e meio de servidores públicos que vivem fora de Brasília, sem contar os funcionários públicos estaduais e municipais e demais cidadãos que não integram os quadros do governo.

— Isso são acusações de véspera de eleição — dizem os assessores do ministro Aluízio Alves a respeito dos questionamentos sobre o plano de venda dos apartamentos. — Esse é um assunto palpitante e polêmico — acrescenta o secretário-geral da Sedap.

Elaborado pela Secretaria da Administração, o projeto de venda dos imóveis está desde o dia 23 passado no Palácio do Planalto, à espera da assinatura do presidente Sarney. Se o projeto for sancionado integralmente, o governo estará violando uma norma consagrada de sua própria autoria. Contrariando um parecer da Secretaria Especial das Empresas Estatais (Sest), o projeto prevê a venda de 6.500 apartamentos do governo a preços que correspondem a menos da metade dos cobrados pelo mercado. Em 1986, o parecer da Sest foi acatado, frustrando a pretensão do Banco do Brasil de vender imóveis aos seus funcionários a preço de banana.

Em outro item duvidoso, a minuta do decreto enviada ao Planalto não prevê exigência de carência, dentro do governo, do candidato a proprietário, o que dá margem a irregularidades e favorecimentos, como a contratação de funcionários para premiá-los com a possibilidade de compra de imóveis a preços altamente subsidiados. Apesar do decreto de proibição de contratação de funcionários públicos, assinado em janeiro pelo presidente da República, levas de empregados vêm sendo contratados por intermédio de fundações, habilitando-se assim à compra dos apartamentos. Uma das fundações que mais tem contratado pessoal é a Funcep (Fundação dos Servidores Públicos), vinculada à Secretaria da Administração, à qual caberia zelar pelo cumprimento do decreto presidencial que restringe as contratações.

Apenas em junho, a Escola Nacional de Administração Pública (Enap), que pertence à Funcep, contratou 34 empregados, dos quais quatro tiveram parentescos ilustres identificados pela deputada Dirce Quadros (PSDB-SP): a filha do presidente do Banco do Nordeste, José Pereira e Silva, cujo diretor de crédito, Agnelo Alves, é irmão do ministro Aluízio Alves; a filha do falecido senador Dinarte Mariz; a irmã do secretário-geral da Secretaria da Administração, Gileno Marcelino; e a filha do ex-secretário particular dos presidentes Geisel e Figueiredo.

Uma das maiores disputas pela ocupação de apartamentos funcionais ocorreu no início do ano passado, quando cerca de 2 mil servidores se empenharam junto à Sedap para ganhar um dos 144 novos apartamentos construídos pelo governo no Bloco A da SQN (Super-Quadra Norte) 112. Uma das vencedoras foi a advogada Ana Teresa, contemplada com as chaves do apartamento 607 graças ao aval do deputado Milton Reis, do PMDB mineiro.

Pela legislação, a concessão de imóveis oficiais deveria levar em conta a ordem de inscrição dos pretendentes, mas essa norma há muito foi abandonada em função de outra exigência muito mais eficiente: o *pistolão*, isto é, a carta ou o telefonema que dá o imprescindível peso político à reivindicação. Desde o início da Nova República, quase não há funcionário que tenha sido contemplado com imóvel funcional sem a interferência de padrinhos.

Brasília — Gilberto Alves

Apartamentos funcionais: estão todos ocupados, mas dá-se um jeito

Posse será apenas dos privilegiados

Os funcionários públicos que foram privilegiados com a ocupação de residências oficiais com base em critérios discutíveis estão em vias de agora serem beneficiados com a posse definitiva em condições altamente vantajosas.

As normas estipuladas pelo BNH para financiamento de imóveis aos cidadãos comuns incluem entrada obrigatória de 10% a 30% do valor do imóvel, de 20 a 25 anos de prazo para pagamento e juros de até 10,5% ao ano, com teto de empréstimo de 5 mil OTNs. Além da dispensa de entrada, as condições estipuladas pelo projeto da Secretaria da Administração para venda dos imóveis aos funcionários prevêem prazo de 30 anos para pagamento e juros fixos de apenas 2% ao ano — e as prestações não poderão ultrapassar 35% dos vencimentos dos funcionários.

A essas imensas facilidades soma-se o baixo valor pelo qual as residências serão vendidas. Na versão original, a minuta do decreto elaborado pela Sedap estabelecia que o preço dos apartamentos seria calculado com base no custo atualizado de construção, descontado 1% por ano de existência do imóvel, a título de depreciação, e mais um acréscimo entre 17% e 20%, dependendo de sua localização. Por essa fórmula, os imóveis seriam vendidos a preços entre 20% e 40% dos preços do mercado. Segundo os arquivos da Sedap, o custo histórico de um apartamento funcional de quatro quartos e 250 metros quadrados construído há 15 anos na valorizada Super-Quadra Sul 316 do Plano Piloto, por exemplo, é de 2.700 OTNs. Deduzindo os 15% de depreciação e acrescentando os 20% pela localização, o imóvel sairia, por essa fórmula, por apenas Cz$ 6,6 milhões. Um apartamento comparável foi vendido nesta semana, dia 8, pela Universidade de Brasília, na menos valorizada Quadra 107 da Asa Norte, por Cz$ 32,5 milhões, à vista.

A presidência da República queixou-se de que os preços estavam baixos demais e por isso fez-se uma nova fórmula para aumentá-los um pouco — revelou o superintendente da Sucad, Marino Eugênio de Almeida. A nova fórmula contabiliza as despesas feitas pelo governo com reforma dos imóveis, mas ainda assim os preços continuaram muito aquém da média do mercado. Computando tais gastos, informa Marino, um apartamento de quatro quartos custará entre Cz$ 9 milhões e Cz$ 16 milhões, conforme a localização, o que significa menos da metade dos preços cobrados por proprietários particulares.

Em sua imensa generosidade, o projeto da Secretaria da Administração também permitirá a compra dos imóveis por atuais ocupantes que sejam aposentados, em confronto com a legislação vigente, pois o Artigo 15 do Decreto 85.633 proíbe a ocupação de apartamentos funcionais por servidores públicos aposentados. Apesar dessa proibição, centenas de aposentados continuam retendo imóveis oficiais — e muitos deles até já voltaram a seus estados de origem.

Ao longo da semana passada, o Palácio do Planalto esteve às voltas com pressões vindas de todos os lados para alterar o plano de venda das propriedades. De um lado, integrantes do Movimento pela Venda dos Imóveis Funcionais, o Movif, pressionavam para que o projeto fosse ainda mais flexível, permitindo a aquisição dos apartamentos por funcionários já proprietários de imóvel residencial em Brasília. Na sexta-feira eles davam como certa a queda daquela restrição. De outro, diplomatas do Itamarati e militares faziam chegar à Presidência da República sua insatisfação por terem sido impedidos de comprar também suas moradias a preços subsidiados. Dentro do próprio Palácio do Planalto, o projeto provocou divergências. O consultor-geral da República, Saulo Ramos, manifestou-se radicalmente contra o projeto da Sucad. Argumentou que aprovação poderia provocar sérios problemas para o governo: se qualquer funcionário público que se sentisse discriminado pudesse entrar com processo na justiça para requerer igualdade de direitos, o que obrigaria o governo a fazer um plano de habitação especial para todos os seus funcionários, que chegam a 1,6 milhão.

Nada como ser da Secretaria

BRASÍLIA — Além do secretário-geral, dois dos três secretários-gerais adjuntos da Secretaria da Administração mudaram-se recentemente para apartamentos mais valorizados, o que os porá em posição de vantagem na eventual compra dos imóveis. Gilson Marcelino, irmão do secretário-geral, trocou no mês passado um excelente apartamento no Bloco K da SQS (Super-Quadra Sul) 207 por um ainda melhor, de quatro quartos, no Bloco D da SQS 213. No mesmo prédio, apenas dois andares acima, já morava outro secretário-geral adjunto do ministério, Ivanaldo Araújo Galvão, que providenciou sua mudança com mais antecedência.

Escolher excelentes apartamentos, por sinal, é um hábito antigo dos principais comandantes da máquina da Secretaria da Administração. O assessor mais íntimo do ministro Aluízio Alves, José Maria Pinheiro, e o subchefe do gabinete e cunhado do filho do ministro, Herman B. Ledebur, alojaram-se em apartamentos da desejada SQS 216.

Entre os funcionários que trocaram de moradia, aparece até o presidente do exótico Movimento pela Venda dos Imóveis Funcionais (Movif), César Abraão, que trabalha no Ministério da Previdência.

A espantosa facilidade com que alguns poucos privilegiados da administração federal em Brasília conseguem resolver seus problemas de moradia contrasta de forma chocante com a desventura dos milhares de funcionários de cargos mais modestos e salários mais baixos que há anos esperam. A longa espera às vezes leva ao desespero, como ocorreu no início de maio do ano passado com o motorista do Senado Federal Lourival Ferreira Almeida, 45 anos, desquitado, quatro filhos que moravam com ele.

De posse de toda a documentação necessária e mais uma carta do senador João Calmon, Lourival entrou, em 1984, com pedido de imóvel funcional junto à Sucad, iniciando o que viria a se transformar no maior pesadelo de sua vida. Depois de escutar durante quatro anos a mesma resposta de que não havia residência disponível, perdeu a cabeça no começo de maio do ano passado, quando soube da existência de um apartamento funcional vazio no Bloco A da SQN 112. Pegou alguns móveis, juntou os quatro filhos e invadiu o apartamento. Os funcionários da Sucad só conseguiram tirá-lo de lá após pressioná-lo de todas as maneiras, ameaçando-o até de mobilizar a polícia.

— Era Dia das Mães quando desocupei o apartamento — recorda Lourival, que hoje trabalha no gabinete do senador Marco Maciel. — Ainda acho que posso conseguir um apartamento. Sei que tenho direito e a esperança é a última que morre — dizia o motorista na quinta-feira, no mesmo dia em que o secretário-geral da Secretaria da Administração, Gileno Fernandes Marcelino, fazia sua mudança para um apartamento na Asa Sul.

Enquanto não compra o apartamento, o que dependerá das exigências do decreto a ser assinado pelo presidente, o secretário-geral terá de dispender Cz$ 4.512,00 por mês a título de "taxa de ocupação", ao passo que o motorista do Senado paga atualmente 11 vezes essa quantia pelo aluguel (Cz$ 49 mil) de um pequeno imóvel nas Quadras 400 da Asa Sul, onde ficam os imóveis mais modestos do Plano Piloto.

Constituição muda luta trabalhista

Ao incorporar a seu texto reivindicações históricas do movimento sindical, como a redução da jornada de trabalho de 48 para 44 horas semanais, o direito de greve e a liberdade de organização, a Constituinte encerra a fase heróica da luta trabalhista no Brasil. Em grande parte, ela atende as exigências que fizeram os metalúrgicos se levantarem em 1978, acendendo o estopim grevista que, até hoje, dá demonstrações de vigor e longevidade. O que ocorrerá de agora em diante, os representantes das diversas correntes sindicais apenas começam a discutir.

Há um ponto, contudo, em que todos parecem concordar: a nova Carta não vai botar água na fervura sindicalista. Com toda certeza, porém, ela veio para transformar profundamente o papel dos sindicatos. A próxima reunião da CGT (Central Geral dos Trabalhadores), marcada para o dia 20, é um bom exemplo disso. Sua direção vai instruir as 1 mil 400 entidade filiadas a recorrer ao novo recurso instituído pela Constituinte, o mandato de injução na Justiça do Trabalho, para garantir que as novas regras sejam respeitadas pelo empresariado. O presidente da CGT, Joaquim dos Santos Andrade, prevê mesmo que "haverá uma sobrecarga do Poder Judiciário num primeiro momento".

O candidato do PT à Presidência da República, Luís Ignácio Lula da Silva, grande líder da corrente adversária à CGT, não diminui a importância dos recursos jurídicos colocados à disposição dos trabalhadores, mas acha que não falta o que reivindicar. "As conquistas", segundo ele, "foram muito pequenas". Lula concorda, entretanto, que "a Constituinte abre momentos decisivos na luta da classe trabalhadora". E tudo indica que não serão mais tranqüilos do que os do passado.

Na Bahia, 77 mil trabalhadores — Químicos, petroquímicos, petroleiros, têxteis, bancários e metalúrgicos, da Caraíba Metais — já detectaram, na mesa de negociação coletiva (essas categorias têm datas-base em 1º de setembro), a resistência patronal para acatar disposições já aprovadas pela Constituição. É o caso da jornada de trabalho de seis horas diárias para os empregados que trabalham no sistema de revezamento de turnos, ou seja, em indústrias que exigem produção ininterrupta, como as siderúrgicas, as refinarias e as petroquímicas.

Na sexta-feira, durante a primeira audiência de conciliação entre as partes, no Tribunal Regional do Trabalho baiano, os empresários asseguraram aos sindicatos dos trabalhadores em indústrias têxteis que não vão acatar a jornada de seis horas. Atualmente, as indústrias que trabalham ininterruptamente operam suas máquinas com quatro turnos de operários: Enquanto um turno folga, os outros três se dividem em jornadas de oito horas diárias. Para cumprir a Constituição, seria necessário um quinto turno de trabalho. "Eles vão tentar burlar", garante o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador, Renildo Sousa.

Para esse sindicalista, a Constituinte vai colocar mais lenha na fogueira dos trabalhadores. As conquistas, ele acha, foram parciais.

O fôlego sindical recebeu dois fortes impulsos: a liberdade e autonomia sindicais, que libertou as entidades das amarras do Ministério do Trabalho, e o direito de greve. "Eram as duas cadeias que mais nos estrangulavam", diz Souza. "Agora será potencializada a ação sindical", aposta.

O aquecimento para a luta já começou na semana passada. Os nove mil metroviários de São Paulo decidiram em congresso — que contou com a presença de 120 delegados escolhidos nos locais de trabalho — articular com outros setores uma estratégia para entupir a Justiça do Trabalho com mandatos de injunção ao menor sinal de desrespeito da lei. "Temos certeza de que o cumprimento da Constituição não será tranqüilo", afirma Carlos Alberto Zarattini, dirigente do Partido Comunista Brasileiro e diretor do sindicato dos Metroviários de São Paulo.

Além da briga para assegurar o que está na lei, os sindicalistas pensam em imprimir mais força a bandeiras não conquistadas (como a estabilidade no emprego), durante as negociações salariais. Outro ponto é a reposição das perdas salariais, tida como a molo-mestra das campanhas a serem desenvolvidas neste segundo semestre.

Ao mesmo tempo, surgem no cenário de negociações itens novos, como questões relativas à saúde do trabalhador ou às chamadas doenças profissionais e à introdução de novas tecnologias no processo de produção.

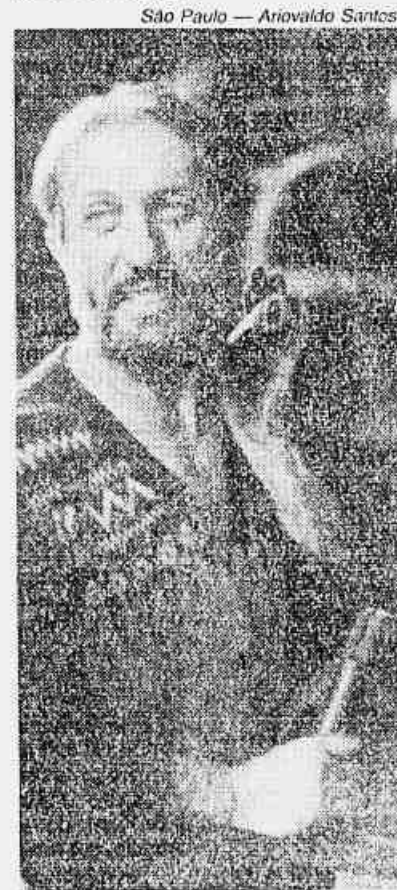
As lideranças sindicais vão continuar, entretanto, a se defrontar com velhas e persistentes questões, como a falta de representatividade de suas entidades. "A partir da ampliação do direito de greve", explica o sindicalista e constituinte Paulo Delgado (PT-MG), "o maior desafio dos sindicalistas é aumentar a percentagem insignificante de 10% de trabalhadores organizados". Essa ampliação poderá dar a medida da extensão dos benefícios da nova Constituição.

Waldemar Sabino

□ *Com 22 anos de trabalho em serralherias, o mineiro Edson Novais, 35, disse que está "por fora" da nova Constituição porque sua televisão está queimada. Mas sabe que a URP é "um aumento que vem todo mês" e disse ter ido ao sindicato de sua classe apenas duas vezes: na primeira para "fazer um acerto" e na segunda para reclamar de seu patrão que não assinara sua carteira e pagará percentual de aumento abaixo do determinado em lei. Edson não é sindicalizado e se justifica: "Não adianta ficar discutindo coisas que a gente não entende." O pouco conhecimento que tem de leis trabalhistas valeu-lhe, entretanto, para exigir também do atual patrão a assinatura da carteira de trabalho.*

Belo Horizonte — Waldemar Sabino

□ *"Não tive licença nem de três meses quando ganhei meus dois filhos, quanto mais de quatro meses", disse a bóia-fria Anaíde Lopes da Silva (à esquerda), 36 anos, filiada ao Sindicato Rural de Duartina (SP). Anaíde trabalha como diarista em seringais, ganhando Cz$ 600 por jornada, e diz entender pouco de leis. Mas não tem dúvidas sobre a nova Constituição: não viu nada de bom para o trabalhador rural. Categórica, afirmou: "Não gostei nada da reforma agrária. Em negócio de repartição de terra, a gente só sofre." Mesmo assim acha que compensa continuar na luta e ir "até o fim". Para ela, "o governo só presta para armar a polícia". Alberto Alves, presidente da Federação dos Trabalhadores das Indústrias de Vestuários do Rio Grande do Sul, endossa as palavras da bóia-fria. Dirigente de uma categoria composta majoritariamente por mulheres — 53% —, Alberto Alves observou que as trabalhadoras ficaram satisfeitas com a nova licença para gestantes, mas ressalvou que a preocupação maior deve ser o direito a um salário justo. "Mais importante do que folgas maiores depois da gestação é poder criar o filho dignamente." A licença de quatro meses, segundo Alves, já fazia parte da pauta de muitos dissídios e tem sua importância, "mas não altera a essência da luta em defesa dos interesses dos trabalhadores".*

São Paulo — Ariovaldo Santos

□ *Descrença é a palavra certa para definir o sentimento de Pascoal Paradiso, 41 anos, empregado de uma pequena serralheria no bairro de Bela Vista, na capital paulista, em relação à nova Constituição. Com a experiência de quem trabalha desde os 11 anos diz: "Até hoje não consegui ter casa própria e só tenho dúvidas em relação à Constituinte. Na prática, vai ficar tudo como está." Desquitado, pai de quatro filhos, e ganhando por mês Cz$ 40 mil, Pascoal cita seu colega de serralheria, Luis Gomes de Lira, que desconhece completamente as conquistas sociais da nova Constituição. "Esse nem quer saber do que se passa. Não viu e não gostou das novas leis."*

Medeiros leva fé nas conquistas

SÃO PAULO — "Os sindicatos ficaram mais fortes", afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luís Antônio de Medeiros, que dirige a maior entidade sindical da América Latina em sua categoria, representando 370 mil trabalhadores. Defensor do "sindicalismo de resultados", Medeiros cita os mandados de injunção como um dos principais instrumentos aprovados pela Constituinte entre as chamadas conquistas sociais.

"Antes, se uma empresa reduzia a jornada de trabalho e também o salário, os processos e ações trabalhistas tinham que partir de cada um dos trabalhadores atingidos, resultando numa longa batalha judicial. Agora, com a nova Constituição, o mandado de injunção — que engloba todos os operários de uma vez — elimina esse problema", explica Luís Antônio de Medeiros. Hoje, ele estará em Mogi das Cruzes, a 40 quilômetros de São Paulo, no clube de campo de seu sindicato, para presidir uma importante reunião dos metalúrgicos da capital paulista.

Cerca de 5 mil representantes de fábricas, ativistas e delegados sindicais moldarão a lista de reivindicações a ser apresentada ao grupo 14 da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que cuida especialmente das negociações com o setor metalúrgico, cuja data-base é 1º de novembro.

"Nossa campanha salarial pretende obedecer e se adaptar à legislação definida na nova Constituição. O item delegado sindical, por exemplo, foi a coisa mais importante aprovada e, por ironia, surgiu de uma emenda de Roberto Cardoso Alves, que não pode ser classificado como um político progressista. Essa medida revolucionária na legislação marca também um fato: a esquerda não fez nada", comenta Medeiros.

Para o dirigente sindical, a nova Constituição não alterou a estrutura sindical brasileira e, mesmo em relação ao direito de greve, na sua opinião, não traz mudança: "Agora, não há greve ilegal, mas também não há a greve legal", acrescenta com humor. Luís Antônio de Medeiros sustenta que, mesmo sem mudança na estrutura de funcionamento, os sindicatos ficaram mais fortes:

"Duas fontes de recursos — a contribuição sindical e a contribuição assistencial — são agora asseguradas integralmente na lei. Antes, por exemplo, a contribuição assistencial dependia de uma negociação durante o acordo coletivo de trabalho.", lembra ele.

30-01-88 — Rogério Montenegro

Medeiros vê grande vitória

21-07-88 — José Varella

Meneguelli vê pouco avanço

Novas leis na balança dos sindicalistas

Uma conquista por 20 anos de luta, e não uma dádiva. Assim o movimento sindical deve encarar as vitórias inseridas na Constituição, segundo o economista Francisco Sales Gonçalves, o *Chicão*, 45 anos, do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), em São Paulo. "Os constituintes reconheceram direitos que na prática já haviam sido conquistados e sobre os quais havia um consenso expressivo", analisa Gonçalves. Houve derrotas, ele ressalva, mas o movimento sindical não deve minimizar os avanços.

Em sua opinião, as derrotas foram a manutenção do imposto sindical, a obrigatoriedade do sindicato único e, mais importante, o reconhecimento de apenas um representante "para 200, 2 mil ou 20 mil trabalhadores". Com a promulgação da nova Constituição, a luta por novos direitos vai ficar temporariamente encerrada. O principal será a luta pelo cumprimento do que foi aprovado", diz o economista.

Representante de 25 mil trabalhadores em 80 municípios do estado de São Paulo, o presidente do Sindicato dos Eletricitários, Antônio Rogério Magri, acha que a livre negociação vai exigir "atitudes maduras" dos sindicalistas e é a maior novidade social da Carta. Quanto à ampliação do direito de greve, ele diz: "A greve é uma faca de dois gumes. Tanto pode servir para o mal quanto para o bem. Como ficou fácil fazê-la, teremos que usá-la bem e quando necessário. Não vamos paralisar por causa de um café amargo ou em solidariedade à Nicarágua."

A viabilização das conquistas obtidas pelos trabalhadores rurais é a preocupação da Federação dos Trabalhadores da Agricultura de São Paulo (Fetacap). Dirigente de 160 sindicatos que agregam 1,2 milhão de trabalhadores, seu presidente, Orlando Izque Birrer, acredita que, apesar da derrota da reforma agrária, "é inegável que a Constituição trouxe avanços". Birrer considera a equiparação de direitos entre trabalhadores rurais e urbanos a vitória principal. "Uma discriminação injustificável, que finalmente foi abolida, pelo menos no papel", define.

Em Minas Gerais, o Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem já colocou na sua pauta de reivindicações as conquistas incluídas na nova Carta. Mas seu secretário-geral, Paulo Moura Ramos, afirma que a luta contra o arrocho salarial, pela estabilidade no emprego e pela jornada de 40 horas, continua.

Para Meneguelli a briga prossegue

"A nova Constituição foi mais uma etapa na luta da classe trabalhadora, que não muda essa luta", avaliou o presidente nacional da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Jair Meneguelli. Ele destaca a "frustração" por não ter sido conquistada a liberdade de organização. "O Estado vai continuar dizendo de que forma devemos nos organizar", lamentou, elegendo desde já essa liberdade como uma das novas bandeiras do sindicalismo.

"Vamos chegar à liberdade de organização na marra, na prática", disse Meneguelli, revelando que em São Bernardo do Campo e Santo André, os metalúrgicos sindicalizados decidiram em assembléia contribuir com 1% de seus salários para os sindicatos, que, em contrapartida, devolverão aos associados os 60% do imposto sindical destinados às entidades de classe. O presidente da CUT revelou também a intenção de fundir os sindicatos de Santo André, São Bernardo e São Caetano em um só, que seria o sindicato de metalúrgicos da região do ABC.

Meneguelli afirmou que as conquistas dos trabalhadores na nova Constituição não mudam qualquer característica do movimento sindical brasileiro. "A conquista da jornada de 44 horas não anula a luta pelas 40 horas. Continua também a luta pela liberdade de organização", afirmou.

Segundo Jair Menequelli, são sindicalizados de 18 a 20% dos trabalhadores (o constituinte Paulo Delgado (PT-MG) afirma que são apenas 10%) e atribui o baixo índice à tutela do imposto sindical, que foi mantida na nova Constituição.

Também a rotatividade do trabalhador brasileiro prejudica a sindicalização, disse o presidente da CUT. Porém, segundo ele, dos 130 mil metalúrgicos de São Bernardo do Campo, mais de 80 mil são sindicalizados. Mas, admitiu que a realidade é muito diferente em uma pequena serralheria: "É difícil estendermos os benefícios dos metalúrgicos da Volkswagen a uma oficina de fundo de quintal. Não dá para fugir de certas realidades", disse Meneguelli.

Participaram Fernando Zamith, Happy Carvalho, Juarez Porto, Lúcia Helena Gazolla, Luiz Maklouf de Carvalho, Maurício Lara e Sônia Carvalho

Família em novas bases

Classe média faz filho em 'producão independente'

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — O reconhecimento, pela nova Constituição, de que o homem não é obrigatoriamente o cabeça do casal já vigora nas *produções independentes* — nome que se está dando a um fenômeno crescente, principalmente na classe média, pelo qual a mulher decide ter um filho sem nenhum projeto de se casar ou morar com o pai da criança, bancando sozinha a sua criação. Uma *independência* — que pode até variar de grau, como no caso do pai que aceita registrar o filho e contribui com parte dos encargos, mas permite que a mulher, que vive com a criança, tenha mais responsabilidade sobre a situação. Em ambas as hipóteses, a mulher já pode ser considerada a cabeça da família, configurando, na última delas, mesmo antes da nova Constituição, uma "situação de fato".

Mas a expressão *produção independente* costuma ser usada no sentido, dos dois, o mais estrito. Dorinha de Azevedo Marques, 40 anos, por exemplo, tem quatro filhos de pais diferentes, dois deles, segundo ela, "frutos de uma produção totalmente independente". Orientadora dietética da Oficina do Corpo, na Casa do Ator, ex-modelo, ex-atriz e cenógrafa, em outros tempos, do grupo Os Mutantes, Dorinha nunca pensou em se casar, mas sempre quis ter filhos. As suas duas *produções* "compartilhadas", Cristiana, 15 anos, e Liza, 4, receberam o sobrenome dos pais, que arcaram também com parte das despesas da criação. A primeira é filha de Arnolfo Lima Filho, o produtor de discos Liminha, e há dois anos vive com o pai em Los Angeles, onde aprendeu a tocar baixo.

Cida Moreyra

Os outros dois filhos, no entanto, não chegaram a ser reconhecidos legalmente pelos respectivos *produtores* masculinos: Pedro Artur, 5 anos, gerado, segundo Dorinha, num namoro-relâmpago com o pianista Artur Moreira Lima, e Lucas, de um mês — este ainda em vias de entendimento sobre o tipo de *produção* que se tornará, porque o pai, na versão de Dorinha, o jornalista Luís Algarra, 26 anos, repórter do prorama TV MIX, da paulistana TV Gazeta, e concebido nas mesmas condições do filho Lucas. Luís ainda não se decidiu se irá ou não registrá-lo como filho.

Embora tenha sofrido toda sorte de preconceitos por causa de sua condição de mãe solteira — repressão familiar, perda de um emprego público no extinto Ministério da Desburocratização, dificuldade para conseguir vagas para os filhos na escola —, Dorinha acredita que a alegria que as novas vidas trouxeram superam todas as frustrações. Para ela, a modificação da Constituição em torno da chefia da família é um sinal de que as coisas começam a melhorar para a mulher.

Já a cantora Cida Moreira, 35 anos, que tem uma filha de um ano e meio com o gaucho Juarez Porto, não crê que a nova medida venha contribuir para a diminuição da discriminação sofrida pela mãe solteira, para ela "uma questão cultural". Por não ser casada com Juarez, Cida já enfrentou os usuais olhares atravessados de muita gente. Mas, na sua opinião, a expressão "produção independente" não é nem um pouco adequada ao seu caso — "não moro com ele porque talvez esse seja um modo avesso de preservar nosso relacionamento". Desde o nascimento de Júlia, tudo foi, segundo ela, democraticamente repartido.

— Apenas o trabalho de criá-la é mais meu, mesmo porque não abro mão dessa atribuição.

A situação vivida por Cida Moreira poderia até se encaixar naquilo que as compositoras Luli (Heloísa Orosco Borges da Fonseca) e Lucina (Lúcia Helena Carvalho Silva) chamam de "produção alternativa", isto é, fora dos padrões da estrutura da família tradicional, mas dependente tanto da figura materna como da paterna. Ambas falam sobre o assunto com conhecimento de causa. Há 15 anos as duas vivem na mesma casa com o fotógrafo Luís Fernando Borges da Fonseca e tiveram com ele quatro filhos: Júlia e Flor, de 13 e 14 anos (filhas de Luli, com quem é casado), e Pedro e Antônio, gêmeos de 8 anos, filhos de Lucina. Segundo Luli, não se trata de um "triângulo", mas de um "quadrado amoroso", com a música, que ocupa um papel fundamental na união, sendo o quarto elemento. Lembra Luli que, quando um funcionário do IBGE foi à sua casa com um formulário do Censo, em 1980, ficou completamente atrapalhado: não conseguia preencher o formulário. Agora, acha que a mudança na Constituição pode significar que, embora com muitos defeitos, a legislação está se tornando mais elástica em relação à realidade dos fatos.

Leis arcaicas são removidas

Com a nova Constituição, serão removidas leis arcaicas, como a que permitia que o homem anulasse um casamento se não comprovasse a virgindade da mulher, ou a que impedia a mulher de movimentar a conta bancária de filhos menores de idade por não ser cabeça do casal. Além disso, foi extinta a figura de filho ilegítimo, mudando-se a noção de família estável. O marido deixa de ser o chefe da sociedade conjugal, e não compete só a ele a representação legal da família.

Mas a igualdade proposta pela nova Constituição incluiu não só os direitos como os deveres da mulher. Com isso, respeito conquistado à parte, as mulheres acabaram perdendo algumas vantagens para os homens, segundo o juiz Rudi Loewenkron, da 2ª Vara de Família do Rio de Janeiro. A mulher tinha garantido, pelo Código Civil, o direito a bens reservados, onde tudo o que ela adquirisse com o fruto de seu trabalho durante o casamento, continuaria sendo seu após a separação, quando os bens eram repartidos pelo casal. Agora, nem a mulher, nem o homem, terão direito à reserva de bens. "A lei antiga não previa que a mulher algum dia teria altos cargos e viria a ganhar mais que o homem. A nova Constituição vê que a mulher não é mais aquela educada só para casar", explica o juiz. Ele lembra, porém, que ainda vivemos numa sociedade machista, onde os homens estão mais bem colocados e muitas mulheres nunca trabalharam. Por isso, cada caso será avaliado separadamente. "Mas a mulher não conta mais com uma legislação superprotecionista", avalia.

O advogado Raul Lins e Silva, especializado em Vara de Família, considera as decisões da Constituição "respeitosas e liberais", mas faz um alerta. Se o marido não é mais o chefe da sociedade conjugal, dividindo agora este papel com a mulher, haverá ainda mais confrontos a serem levados ao Judiciário já assoberbado de processos, marcando audiências hoje para o final de 1989. Se um homem é transferido por seu empregador para o Norte do país, e a mulher para o Sul, cabia ao homem decidir quem levaria os filhos. Agora, que ambos têm os mesmos direitos, a decisão caberá ao juiz, como exemplifica Raul Lins e Silva. "Isso significa que a demanda de processos aumentará e se arrastará por muito tempo, em prejuízo da modernidade e do cumprimento da nova Carta", explica ele, propondo que as varas de família recebam maior atenção do Tribunal de Justiça. "De nada adianta modernizar a Constituição se a máquina está emperrada", conclui.

A decisão da Assembléia Nacional Constituinte de acabar com a figura do cabeça do casal, até então atribuída ao sexo masculino, conferindo a homens e mulheres os mesmos direitos e deveres na relação conjugal, veio consolidar legalmente uma situação já existente na prática.

É cada vez mais freqüente a existência de mulheres que, casadas ou separadas do marido, ou ainda assumindo uma gravidez sem cobrar qualquer responsabilidade do parceiro sobre o filho, tornam-se, de fato, chefes de família. Segundo dados do IBGE de 1986, cerca de seis milhões de mulheres para 26 milhões de homens em todo o Brasil estão nesse caso. No Rio de Janeiro a proporção é de cerca de 850 mil mulheres para 2,7 milhões de homens.

Algumas determinações do Código Civil já respaldavam esta situação, como a possibilidade de a mulher registrar seus filhos como dependentes em declarações do Imposto de Renda, ou o reconhecimento do concubinato, após cinco anos de união estável. Assim, a nova Constituição veio não exatamente modificar, mas sacramentar em lei, certas medidas para garantir sua perpetuação.

OFERTAS TELE-RIO

"de tanto por tanto"

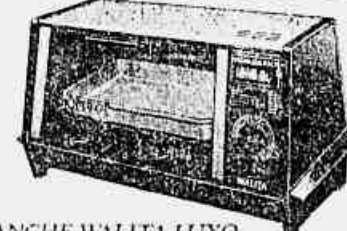
VÍDEO CASSETE PHILCO-HITACHI
PVC 4000 - Controle Remoto, 18 operações. Gravação com tecla única. Reprodução Pall NTSC.
De 350.560,
Por 242.500,

MICROCOMPUTADOR GRADIENTE EXPERT
Padrão MSX. 80 Kbytes. Saída RGB com 16 cores. Teclado com 89 teclas. 256 símbolos gráficos.
De 180.261,
Por 124.490,

T.V. SHARP A CORES
C 1630 A - 41 cm. 16" Digital Sofvision. Display Digital. Muting AMI - Video Tone.
De 171.180,
Por 117.500,

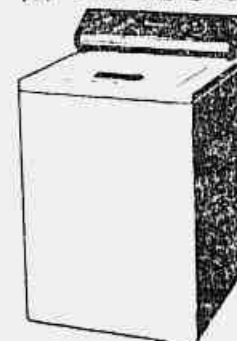
T.V. PHILCO-HITACHI A CORES
PC 1415 - 36 cm. 14" Vertical Line. Seletor Digital. Tricontrol. Saída para fone de ouvido.
De 145.520,
Por 99.500,

T.V. PHILIPS A CORES
14 CX 4415 - 36 cm. 14" Super Luxo. Controle Remoto. Com 25 funções. Procura de canais com apenas uma tecla.
De 199.950,
Por 136.900,

RÁDIO RELÓGIO PHILIPS
AS 090 - FM/OM. Digital. Desperta com música ou alarme.
De 21.020,
Por 14.500,

HOT LANCHE WALITA LUXO
Bandeja deslizante. 4 resistências. Graduação de temperatura.
De 33.480,
Por 21.500,

T.V. PHILIPS A CORES
CX 4066 - 51 cm. 20" ... Sintonia eletrônica para seleção de canais. Supressor de ruídos.
De 182.820,
Por 119.500,

FREEZER VERTICAL PROSDÓCIMO
418/09 - 180 Litros. Painel Luminoso. Frio Cativo. Chave de Segurança. Porta Reversível.
De 131.250,
Por 87.500,

LAVA-ROUPA ENXUTA LUXO SOFT
Capacidade para 4 Kg de roupa. Sistema de dupla filtragem.
De 109.550,
Por 74.500,

LAVADORA BRASTEMP LUXO
24 Z - Seletor Automático. Cesto porcelanizado. Lava, enxágua, centrifuga e deixa a roupa de molho.
De 199.870,
Por 129.500,

T.V. PHILIPS PRETO E BRANCO
12 TX 1572 - 31 cm. 12" Totalmente Transistorizado. 7 teclas eletrônicas para seleção de canais.
De 60.250,
Por 39.900,

STEREO SYSTEM PHILCO-HITACHI DUAL CASSETE - PSS 201/15 R
Receiver AM/FM. 120 W - Duplo deck. Toca discos. Belt Drive. Equalizador gráfico. 2 caixas acústicas Bass Reflex. Estante Rack.
De 212.586,
Por 149.950,

REFRIGERADOR PROSDÓCIMO
134/84 - 340 Litros. Porta Totalmente Aproveitável. Congelador Amplo. Super Gaveta para carne.
De 132.610,
Por 87.500,

REFRIGERADOR CONSUL
EC 2854 - 253 Litros. Amplo Congelador. Porta Totalmente Aproveitável.
De 123.680,
Por 72.900,

FOGÃO SEMER TORINO
244 - 4 Queimadores. Tampa de vidro...
De 39.450,
Por 27.300,

Produto	De	Por
BICICLETA CALOI BERLINETA/88 Aro 14 - Rodinhas	33.540,	21.900,
BICICLETA CALOI POTI/88 Aro 26 - Feminina. Forte	47.200,	30.900,
BICICLETA CALOI BARRA FORTE/88 Aro 26 - Homem. Selim Flutex	48.990,	31.900,
BICICLETA CALOI CECI/88 Aro 26 - Senhoras - Cestinha	49.040,	31.900,
BICICLETA CALOI CRUISER/88 SAFARI - Aro 26. Jovem Bonita	44.280,	28.900,
BICICLETA CALOI CROSS/88 PRO - Aro 20. Arrojada e jovem	50.820,	33.500,
MÁQUINA OLIVETTI Letera 82 Portátil c/ estojo	34.440,	23.500,
FOGÃO FRIGIDAIRE 4 queimadores - Automático	50.230,	38.500,
EXAUSTOR SUGGAR Cook 6011 - 0,60 cm	26.680,	17.500,
MÁQ. COSTURA ELGIN G 31 - Móvel e Motor	64.540,	39.900,
ASPIRADOR ARNO PORTÁTIL Com alça e acessórios	29.630,	19.700,
BATEDEIRA DE BOLO ARNO BCA. Ciranda e tigela	16.240,	10.500,
LIQUIDIFICADOR ARNO LA - 1 Velocidade Botão Pulsar	8.770,	5.350,
FACA ELÉTRICA ARNO Lâmina auto-afiante	11.970,	7.750,
MULTITOST ARNO TPA. Tosta qualquer tipo de pão	17.110,	10.900,
BARBEADOR PHILISHAVE HP 1616 - 3 cabeças. Multivolt	23.450,	15.950,
SECADOR PHILIPS HL 2855 - Quick Fashion	5.560,	3.790,

Produto	De	Por
RÁDIO GRAVADOR PHILIPS AR 250 - Pilha e Luz	43.260,	29.500,
BATEDEIRA WALITA PORTÁTIL 3 velocidades	13.450,	7.900,
CENTRÍFUGA WALITA Extrai suco de qualquer fruta	24.910,	15.750,
ESPREMEDOR WALITA Sicron - Mais eficiente	10.220,	6.500,
FERRO A VAPOR WALITA Tanque transparente	15.200,	9.650,
ENCERAD. BLACK & DECKER 1 Escova - Esmaltada	25.790,	16.900,
FERRO BLACK & DECKER Automático - Superleve	6.940,	3.950,
GRILL BLACK & DECKER Automático c/ Termostato	19.760,	12.900,
GRÁTIS - REVELAÇÃO de qualquer filme negativo		
MICROSYSTEM SHARP Stereo. Com caixas destacáveis	[illegible]	51.390,
RÁDIO RELÓGIO DIGITAL CCE DLE 380 TV BAND AM/FM	[illegible]	14.190,
VÍDEO GAME ATARI Acompanham 2 joysticks cartucho	33.796,	23.490,
CALC. TEXAS TI.36 SOLAR CIENTÍFICA 10 dígitos 89 funções	14.152,	9.950,
FAQUEIRO HERCULES 24 PÇS. MOD. 300 - Aço INOX	3.723,	2.690,
PANELA PRESSÃO MARMICOC 5 Lts. GOURMET C. Teflon II	9.958,	7.220,
CADEIRA PRAIA PENEDO DEITA E ROLA - Várias cores	2.418,	1.720,
VASSOURA FEITICEIRA COMPACT PLUS Ideal p/ limpar carpete	3.582,	2.520,

NATIONAL/PANASONIC SS 5050
Receiver AM/FM stereo. Toca discos c/ retorno automático. Tape deck frontal. Auto stop. 2 caixas acústicas.
De 112.780,
Por 82.390,

SISTEMA INTEGRADO PHILIPS
F 1430 - ESTÉREO - DUPLO DECK.
Amplificador ... AM/FM stereo. Equalizador ... Toca discos ... automático ... KARAOKÊ ... Bass Reflex. Estante Rack.
De 211.358,
Por 149.490,

MÁQ. SINGER ZIG-ZAG LUXO
966 Portátil com motor. Maior largura do Zig-Zag e maior comprimento dos pontos. Sistema Pressomatic.
De 52.570,
Por 35.500,

CONJUNTO DE PANELAS MARMICOC GOURMET
Com 6 peças. Revestimento com Teflon II. Design moderno com cabos e puxadores anatômicos.
De 29.775,
Por 22.890,

PORTANTO TELE-RIO VENDE MAIS BARATO

Ofertas válidas até 14/09/88 ou enquanto durar nossos estoques.

NOVAS LOJAS: AV. BRAZ DE PINA, 270 ★ PENHA ★ CONDE DE BONFIM, 170 - TIJUCA
★ CENTRO ★ CINELÂNDIA ★ COPACABANA ★ TIJUCA ★ MÉIER ★ CAMPO GRANDE ★ MADUREIRA ★ NOVA IGUAÇU ★ NITERÓI ★ ALCÂNTARA ★ PETRÓPOLIS ★ CAXIAS ★ BONSUCESSO ★ PENHA
★ DEPT. ATACADO RUA ENG. ARTUR MOURA, 268 2º ANDAR LOJA DO DEPÓSITO RUA ENG. ARTUR MOURA, 268 TÉRREO BONSUCESSO TELS. PBX 280 8822 CENTRO-SUL PBX [illegible]

JORNAL DO BRASIL
Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

MAURO GUIMARÃES — *Diretor*
•
MARCOS SA CORRÊA — *Editor*
•
FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*
•
ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Ordem Arcaica

A nova Constituição brasileira entrará em vigor sob consenso nacional a respeito dos avanços sociais inscritos em seu texto, lado a lado com o sentimento de frustração pelo que fez de errado, ou que deixou de fazer para modernizar a Ordem Econômica.

Detalhista quando concede licença-paternidade, ou tabela os juros em 12% ao ano, o texto deixou para a lei comum a tarefa de regulamentar ou — como no caso das leis que não pegam — simplesmente ignorar as motivações populistas que embalaram muitas das propostas dos constituintes.

A primeira semana depois de aprovado o texto se encarregou de abrir amplo debate sobre a exeqüibilidade do tabelamento dos juros em 12%. Outras discussões localizadas virão quando, por exemplo, os países com os quais as empresas estatais brasileiras mantêm contratos de risco levantarem barreiras diplomáticas pela falta de reciprocidade; ou, de forma bem mais prosaica, quando as câmaras municipais votarem orçamentos engordados, sem que existam projetos economicamente sustentáveis.

Na prática, quem será responsável pelos erros que a Constituinte cometeu quando tratou da Ordem Econômica? Na linha de frente se encontram os empresários e suas entidades de classe, quase todas elas empenhadas em exercícios de tiro ao alvo sobre o texto em elaboração em Brasília, e que na maior parte dos casos visavam apenas a derrubar o que interferia nos seus interesses corporativos.

Pior que tudo isso, porém, terá sido a falta de uma proposta nova, moderna e coerente, capaz de colocar os parlamentares em xeque. O mais ativo dos *lobbies* empresariais do país, reunido no Fórum Informal de empresários da Fiesp, em nenhum momento tratou de elaborar uma proposta que ferisse a fundo os problemas reais em que se debate a economia brasileira. Ficou ao largo da modernização industrial, titubeou na questão da reserva de mercado, embaralhou as cartas da privatização das empresas estatais e se omitiu deploravelmente na construção de um modelo capaz de amplamente democratizar o capital das sociedades anônimas.

Muito do que a Constituinte produziu de arcaico, ou o que deixou de fazer de moderno, deve-se à Confederação Nacional da Indústria do senador Albano Franco, da mesma forma que à Federação das Indústrias do sr. Mário Amato, ou à Federação do Comércio do sr. Abram Szajman e à Febraban. Ao batalhar, com justiça, contra a desapropriação de terras produtivas para efeito de Reforma Agrária, o sr. Ronaldo Caiado, presidente da UDR, foi omisso em propor qualquer solução moderna para substituir uma estrutura rural onde o latifúndio improdutivo se esconde sob múltiplas cortinas. Batalhando por uma anistia para devedores de empréstimos bancários, e com isso se alinhando com a filosofia de mais um calote, a UDR afastou as esperanças do surgimento de uma liderança nova e não populista.

Estes e outros desastres produziram um texto com o qual os brasileiros terão que conviver de forma realista. Nada se fez para mudar substancialmente as regras do jogo de uma economia que mergulhou numa inflação de 20% ao mês, ou, simplesmente, para criar as bases de um desenvolvimento integrado com o resto do mundo. O conceito de empresa nacional — aquela que tiver 51% do capital nas mãos de pessoa com domicílio e residência fixa no país — melhora as restrições existentes. Mas não contorna a reserva de mercado na informática, nem exclui a ingerência indireta da burocracia nos setores tecnológicos avançados, responsável pela imposição de um sistema mais fechado que o dos países comunistas, onde as associações e *joint-ventures* são permitidas e cortejadas na base de 49%/51% do capital.

Na verdade, a Ordem Econômica não provocou desastres, mas deixou intacto o que tinha de ruim. Esse capítulo reflete não só o protecionismo político sustentado pelos parlamentares das regiões mais pobres, ainda embaladas no nacionalismo ingênuo, como o corporativismo e o clientelismo que marcaram as relações entre vastos segmentos do empresariado do centro-sul com o Estado e as empresas estatais ao longo dos últimos vinte anos.

O Brasil pós-Constituinte requer uma rápida renovação de lideranças empresariais, e uma ampla revisão dos conceitos e princípios que suas cúpulas defenderam nos bastidores do Congresso durante a elaboração da Carta. Criou-se o paradoxo de uma Constituição com inegáveis avanços sociais, sem que a economia tenha se aberto para aumentar a produtividade, gerando riquezas para pagar os aumentos de custos implícitos na redução da jornada de trabalho, na licença para maternidade e a paternidade, ou em outros benefícios que oneram as folhas de pagamento.

O Governo, que na década de 70 respondia por investimentos equivalentes a 4,1% do PIB, reduziu sua participação para 2,5% em 1985, e agora simplesmente consome tudo o que arrecada. A estrutura desse Estado passou quase incólume pela Constituinte, exceto nas limitações para a criação de novas empresas públicas. Muito mais poderia ser feito e deve ser feito, pois não se trata apenas de submeter a criação de novas estatais ao Congresso. O Brasil pós-Constituinte precisa marchar para a revisão, na prática do dia-a-dia, de sua Ordem Econômica. Isso só se fará partindo do desmonte de empresas públicas ineficientes e da descentralização administrativa, ponto que aumenta extraordinariamente a responsabilidade dos estados e municípios. Talvez escrevendo certo por linhas tortas, a nova Constituição brasileira poderá provocar não só uma renovação das lideranças e propostas empresariais, mas ainda lançar os germes do voto distrital e da valorização da cidadania a partir dos municípios, cujo papel e reforma tributária valoriza.

Julgamento Sumário

A Anistia Internacional é uma organização que já teve seus momentos de prestígio. Foi agraciada, por exemplo, com o Prêmio Nobel da Paz. Mas organizações desse tipo não são imunes a deturpações ou a deformações que podem tornar-se crônicas — como se viu acontecer com a Unesco.

O vírus da superficialidade ou da ideologia praticamente invalida o relatório *Brasil, matando com impunidade*, divulgado pela Anistia ao lado de um documento intitulado "Violência autorizada nas áreas rurais". São, ambos, exemplos de uma amostragem setorial que transmite uma imagem simplificadora — e portanto falsa — do Brasil.

Que o interior do Brasil — a braços com uma transformação vertiginosa que lembra o *farwest* americano de há um século — é palco de cenas de violência e de crimes que ficam impunes ninguém ignora. Num país como o Brasil, entretanto — como nos EUA de há cem anos —, coexistem níveis muito diferentes de desenvolvimento econômico ou social.

É essa complexidade, que só o tempo poderá atenuar, que o relatório ignora e falseia. Quando fala da "aquiescência das autoridades do país" à ação de "pistoleiros contratados para matar trabalhadores rurais, padres, advogados e sindicalistas", está nivelando todos os planos e anulando todos os milhares de quilômetros que separam uma capital das terras onde a vida civilizada não é mais que um projeto.

"Queremos que as autoridades usem todo o seu poder e acabem com o abuso dos direitos humanos", diz a coordenadora de Programas Latino-Americanos da agência, Rona Weitz, que ainda vai além: pede que as entidades multilaterais de crédito cortem seus financiamentos "para atingir o Brasil em sua crise da dívida".

O relatório tem erros factuais, como o de dizer que "não existe júri há 15 anos" nas regiões consideradas críticas. O assassino do padre Josimo Tavares — um dos casos centrais do relatório — foi levado a júri e condenado a 18 anos de prisão. Mas talvez pior que um erro de fato é a visão simplória através da qual uma organização supostamente *objetiva* reduz a algumas frases feitas uma realidade enormemente complexa. O pedido de punição, construído sobre tais bases, torna-se tão superficial quanto a análise e entra para o rol das demonstrações de arrogância de organismos que deveriam ser mais sérios.

Primeiro Round

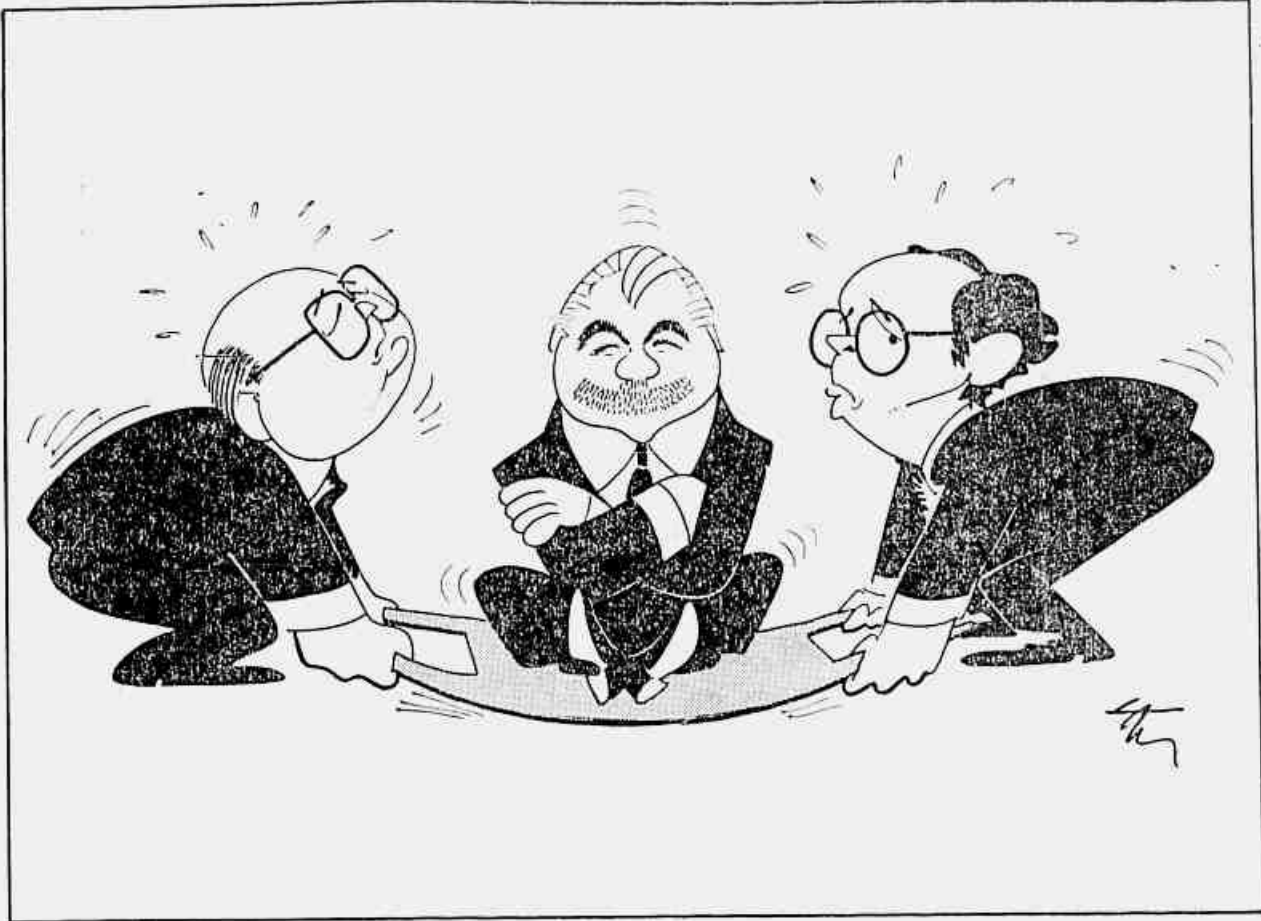
O fim da greve na Polônia, depois de conversas entre Lech Walesa e o governo de Varsóvia, é sintomático do delicado período que está sendo vivido pelo Leste europeu.

É o verão da *glasnost*, segundo a perspectiva vista do Ocidente. Os bem-informados, entretanto, sabem que, por enquanto, a *glasnost* e a *perestroika* são fenômenos internos da URSS, e que não é automática a sua irradiação para o Leste europeu.

Estivéssemos alguns anos para trás, e a greve de Gdansk poderia ter assumido, mais uma vez, proporções épicas. A mística do Solidariedade, como se viu, não desapareceu; mas o polonês de hoje tem na memória a desilusão do primeiro choque entre o Solidariedade e a vida real, como ela é vivida à sombra de uma superpotência (ao menos no sentido militar).

Os países satélites também precisam de algum tempo para adaptar-se à URSS de Gorbachev. Três anos, nesse contexto, é muito pouco: significa que as experiências em curso ainda estão em seus estágios iniciais, e que é preciso esperar para ver se o secretário-geral consolida o seu poder sobre os complicados mecanismos do Kremlin.

Quando esse tempo transcorrer, é provável que surjam novidades na Europa Oriental — pois ela jamais se fixou no que se poderia chamar de uma realidade *consolidada*. Mas cada um dos satélites tem a sua própria problemática. É inegável, por exemplo, que o caso tcheco é mais sério que o caso húngaro. Os tchecos nunca se conformaram com a brutal supressão da *Primavera de Praga* — realizada, ao contrário do que houve na Polônia, por tanques soviéticos. Ao mesmo tempo, a Tcheco-Eslováquia é território absolutamente estratégico para o Kremlin, por fazer a conexão entre a URSS e a Alemanha Oriental (para os tchecos, uma infeliz circunstância, com amplo retrospecto histórico). A união desses fatores possui desagradáveis prognósticos combustíveis, como o mundo ficou sabendo em 1968.

Lan

Cartas

Visto de permanência

(...) Estando há quase quatro anos com o homem que hoje é meu marido, ao voltarmos de seu país de origem (Alemanha), onde vivemos por um ano, decidimos viver definitivamente no Brasil. Depois de várias consultas e de vários obstáculos,(...) optamos pelo mais barato: casamos, pois segundo um funcionário da Polícia Federal do Rio de Janeiro, após casados teríamos esta permanência legalmente. Casamos no dia 22/10/87, dando entrada no processo de pedido de permanência na Polícia Federal, quando fomos informados que isto levaria aproximadamente seis meses, pois deveria ir a Brasília. Após todo este tempo, indo pelo menos duas vezes por semana à Polícia Federal, já ter telefonado a Brasília e escrito uma carta também para Brasília, (...) uma certa Sra Selma, da PFRJ, comunica-nos que este processo continua em alguma gaveta de algum cartório ainda no Rio de Janeiro, e que tão logo eles (da Polícia Federal) consigam encontrá-lo será mandado a Brasília, quando precisaremos de três a seis meses para tê-lo de volta ao Rio e então mandá-lo para algum cartório mais uma vez. (...) Será isto normal? A quem devo reclamar? (...). **Suely Cramer — Rio de Janeiro.**

Protesto

Registramos nosso protesto pelo tratamento que recebemos, minha mulher e eu, da Air France, quando do atraso de nossa viagem por aquela linha aérea no dia 2/9, quando deveríamos ter viajado às 18h15 no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. Embora tenhamos chegado rigorosamente com duas horas de antecedência ao balcão daquela companhia (16h15), na classe econômica, fomos preteridos por pessoas que chegaram depois de nós e ainda fomos vítima de um tratamento grosseiro por uma certa funcionária da companhia que, em lugar de desculpar-se, afirmava acintosamente ser um procedimento normal da empresa a venda de lugares em número superior aos existentes, a fim de que se evitassem "prejuízos à companhia". Assim, nos consideramos prejudicados e lesados em nosso cronograma de viagem por um procedimento no nosso entender ilegal, mas, ao que soubemos, parece ser "normal" a todas as linhas aéreas internacionais. **Luiz Alberto Pinedo - Brasília.**

Afronta

Com relação à matéria **Vender refrigerante de menos provoca prisão no McDonald's** (JB, 2/9/88), (...) a afirmação da Sra. Vera Giangrande (...) induz o leitor a pensar que a diferença no conteúdo dos copos se deve exclusivamente à colocação do gelo. No entanto a Sra. Giagrande "esqueceu-se" de mencionar a existência de uma segunda marca (**mantenha limpa a sua cidade**). Esta marca está impressa alguns centímetros abaixo da boca do copo e indica aos funcionários até que ponto deve ir o refrigerante (com ou sem gelo). (...) Cabe ainda frisar que ao ser constatada a fraude pelo consumidor, este ao solicitar ao funcionário ou ao gerente da loja que o copo seja cheio de acordo com o preço cobrado, a justificativa dada em qualquer uma das lojas é enfática: "não podemos encher o copo; este é o nosso padrão". Esta resposta, além de não justificar absolutamente nada, é uma afronta à inteligência do cliente. É sem dúvida uma rotina bastante interessante: um cliente entra em uma loja do McDonald's, pede um refrigerante de 500 ml, paga pelos 500 ml o preço estipulado na tabela, recebe 425 ml (sem gelo), reclama do conteúdo e recebe como resposta "este é nosso padrão". Que tipo de padrão será este!? Certamente não se trata de um padrão de honestidade e certamente a rede McDonald's não aceitaria um tratamento neste padrão por parte dos seus fornecedores. **Sergio e Eduardo Stern - Rio de Janeiro.**

Discriminação

Com a aproximação dos Jogos Olímpicos, em Seul, agora em setembro, ocorreu-nos escrever esta carta ao **JORNAL DO BRASIL** conclamando os baixinhos a se unirem para combater a discriminação odiosa que nos é impingida. Não deixa de ser revoltante e absurdo que, na relação dos atletas convocados para ir a Seul, não se encontra qualquer atleta de nossa estatura, abaixo de 1,45m. As equipes de basquete e voleibol, tanto masculina como feminina, são compostas por indivíduos acima de 1,75m, verdadeiros mastodontes. A discriminação é revoltante e injusta para todos nós. A pessoas de nossa estatura são reservados lugares de gandula, se tanto, na delegação.

O programa diário que a Xuxa faz na TV deveria ser aproveitado na defesa da nossa classe e não na arregimentação, pura e simples, para o consumismo. Nós, os baixinhos, não devemos demonstrar medo de nada, muito menos complexo de inferioridade. Devemos nos espelhar nos nossos colegas da África e da Austrália, alguns já organizados em tribos, como os pigmeus **Bandar**, que são temidos pelos normais. Arrostaremos os grandalhões, respondendo à altura, aos ditos depreciativos e às vezes chulos que nos dirigem, como: "quando homem valer dinheiro, baixinho vai servir de troco".

Nossa luta será pela criação e desenvolvimento de clubes de baixinhos em todo o território nacional, para congregar a classe e cultuar os grandes pequenos da nossa história, entre os quais: Rui Barbosa, Cândido Portinari, Aleijadinho, Getúlio Vargas, Castelo Branco e inúmeros outros. Somente unidos seremos capazes de reabilitar os nanicos desajustados e enrustidos. Nosso lema será: nos pequenos frascos são guardadas as essências mais finas. **Gullherme Beviláqua Araújo — Rio de Janeiro.**

Seguro

Desde 1/6/52 instituí, no Clube Municipal, um seguro de vida em grupo. (...) O meu seguro, depois de extinta em boa hora a Equitativa, continuou garantido por outras companhias e eu fiz várias aditivas sacrificando mensalmente meus parcos vencimentos na esperança de que ao falecer, já em idade avançada, os meus dependentes não ficassem em dificuldades financeiras. (...) Com o cruzeiro novo e, pior ainda, com o cruzado, seria uma decepção para os meus dependentes quando do Iperj iriam receber Cz$ 150 e do Clube Municipal Cz$ 45, somados, menos do que a despesa com o transporte até lá. Os descontos em folha durante estes anos foram para o brejo e ninguém cogitou uma forma para atualizar estes seguros que deveriam totalizar Cz$ 5 milhões. Os jovens que se acautelem quanto aos seguros de vida, pois a solução encontrada aos 73 anos de idade foi cancelar estes seguros e o fiz, mas o meu dinheiro e dos demais segurados devem ter sido muito bem aplicados e valolrizados. **Alcides Leoni - Rio de Janeiro.**

Ciência e democracia

O maior compromisso ético do homem está sempre relacionado com a ciência e a tecnologia. Porém, a sua expansão depende dos meios de comunicação que, infelizmente em nosso país, vivem difundindo crendices e supertições. Reforçando uma estratégia perversa que impede a integração do Brasil atrasado com o Brasil moderno.

A manobra é fomentar a ignorância, para permitir a formação de "currais eleitorais", cuja finalidade é garantir a reeleição de indivíduos que fazem da política um meio de vida. Em outras palavras, necessitam mistificar o povo, como também criar as mais variads armações (o conto do cruzado, a licença paternidade, a estabilidade de emprego, a anistia fiscal etc.) para permanecerem em seus cargos.

Tendo como pano de fundo a criação de uma sociedade permissiva, tolerante com o crime, o jogo, a prostituição, a pornografia e a proliferação de seitas religiosas. Certamente uma sabotagem deliberada de suborno e subserviência dos líderes do país, aos interesses dos investidores internacionais e nacionais apátridas que só pensam em ganhar dinheiro de qualquer jeito.

A saída, o grande remédio, é a democracia. Deixem a democracia fluir normalmente, que sempre haverá a rotatividade dos homens e sem democracia formam-se verdadeiras "quadrilhas" que manipulam a opinião pública, tentando obscurecer o conhecimento real das coisas, pois a conduta de um povo é a imagem escrachada de seus governantes. É o nó Górdio da imbecilidade humana, que ainda não percebeu que a ciência não pode ser freada — a última freada de 1200 anos foi na Idade Média. Porque já atingimos a um ponto exponencial e caminhamos rapidamente ao encontro da inteligência artificial, da robótica e da engenharia genética, uma trilogia que vai revolucionar o ano 2000. **Paulo von Fretz — Rio de Janeiro.**

Tristeza

Leitor de jornais há mais de 40 anos ainda me surpreendo, vez ou outra, com certas coisas publicadas. É o caso do artigo de Aydano André Motta na edição de 3/9/88, no caderno **Cidade**, desrespeitosamente intitulado **O Cristo é o limite**.

Pai e mãe são educadores natos. Ou deveriam ser. Também o são os professores, os magistrados, a imprensa falada e escrita etc. O **grafitismo** é coisa má, errada. Suja, em primeiro lugar, a cabeça dos adolescentes que o praticam. Deve ser evitado, combatido, explicado isso aos que o praticam. E não "endeusado", a ponto de chegar a notícia de 1ª página, para alegria dos **grafiteiros** que, assim, se acham mais e mais importantes. Não seria o caso de o sr. Aydano valer-se da oportunidade para uma censura a esses rapazes? A confusão, nos dias de hoje, entre "livre arbítrio, libertinagem e liberdade" é muito grande. Seria bom que aprendessem as grandes diferenças entre libertinagem ou livre arbítrio (coisas más) e liberdade (coisa boa). É difícil entender-se o "louvor" a esses marginais que emporcalham as cidades do país. Triste, muito triste mesmo! **Gilberto L. Rezende — Juiz de Fora (MG).**

Permissão condenada

No anoitecer de 3/9/88, ao entrar com meu automóvel na Travessa Brito de Lima, em Maria da Graça, senti um impacto contra meu carro. Constatei que havia esbarrado num enorme cavalete de ferro que estava naquela via impedindo o trânsito. (...) Poderia ter havido um desastre. Apurei que todos os fins de semana colocam aquelas cangalhas (cavaletes) na entrada e na saída daquela travessa para que alguns desocupados possam tranquilamente jogar suas peladas e que não é a primeira vez que tais acidentes ocorrem. (...) O Detran, que é tão cioso em cobrar e exigir dos motoristas, por que permite ou é omisso nesse ilegal e perigoso costume, não tomando providências a respeito? (...). **Anselso Nunes Affonso - Rio de Janeiro.**

Trânsito

Os integrantes do Coltran-RJ, em sua reunião ordinária de 30/8/88 solidarizou-se com os conceitos emitidos pelo Sr. José Alves de Brito (presidente do Detran-RJ) e com o Sr. Saul Buarque de Gusmão (chefe de redação do JB em São Paulo), aos quais apresentou seus votos de aplauso e de apoio pelos conceitos emitidos nos artigos publicados, ambos, no JB de 29/8/88. Na verdade há que serem equacionados os tristes e deploráveis problemas que fazem, do trânsito, motivo de usurpação de direitos, bem como modificar a interpretação de conceitos que levam ao menosprezo pela vida dos pedestres, vítimas imbeles do mau uso dos veículos de transporte, sem a devida, imperiosa e exemplar punição. (...). **Claudio Mesquita de Azevedo, presidente do Coltran-RJ - Rio de Janeiro.**

Caos na estrada

(...) O trecho da BR-101 que liga Manilha a Itaboraí, em mão dupla, está cada vez pior e mais perigoso. À noite é um verdadeiro sufoco, um horror! Iluminação precaríssima, falta completa de acostamento, asfalto cheio de buracos e lombadas e, ainda por cima, obrigando os motoristas a trafegarem a passo de cágado, freando estoicamente quase em cima de 20 quebra-molas, num trecho de apenas cinco quilômetros de extensão que passa no meio de duas cidades importantes...!!?? (...)

Afinal, antes do verão e das férias que se aproximam, o governador Moreira Franco poderia mandar construir duas pararelas em cada cidade, dois sinais luminosos e manter quatro a seis quebra-molas em lugares estratégicos. Isso seria o bastante para escoar com maior rapidez o tráfego e evitar um engarrafamento colossal que fatalmente ocorrerá nos dias mais quentes de dezembro a março. Outrossim, urge recapear-se o asfalto central e duplicar a estrada, pois existem espaços laterais suficients para tal. (...). **Sérgio A./ Corrêa — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Uma carta de Moscou

Noênio Spinola

Ivan Ivanovich é chofer de táxi nas ruas de Moscou. No fim do dia, ele junta o suficiente para acumular um salário de uns 180 rublos por mês, que, somados aos 200 da mulher, empregada na cozinha de uma creche para crianças, fazem uma renda familiar de uns 380 a 400 rublos.

Ivan Ivanovich mora em um apartamento de subúrbio com dois quartos, a mulher e os dois filhos, pelo qual paga menos de 30 rublos por mês. Para se locomover, a mulher anda de metrô, que há décadas vem cobrando a tarifa de 5 copeics (5 centavos). Se tiver um passe mensal, a despesa com transportes vai girar em torno dos 6 rublos.

Pão e manteiga, apesar das filas, existem e são baratos. Um gorro de lã e um sobretudo para o inverno também. Um bom e resistente par de sapatos já fica um pouco mais difícil, mas, com insistência e alguns trancos numa fila, consegue-se. Vestido, alimentado e com casa para morar, por que Ivan Ivanovich estaria interessado na pierestróika, a proposta de "reconstrução" com a qual o governo do sr. Mikhail Gorbachev quer sacudir a velha Rússia?

Homens comuns sempre foram problema para governantes ambiciosos, os quais, ao longo da história da humanidade, ora recorreram às guerras para motivá-los, ora impuseram tiranias sob os mais variados pretextos. Homens comuns com a barriga cheia e sem uma perspectiva de guerra seriam mobilizáveis para uma "pierestróika"?

O caso soviético neste outono de Moscou é por todos os títulos notável. As velhas torres do Kremlin continuam com seu relógio tocando nas horas certas, e os soldados se revezam na guarda do mausoléu de Lênin com seu passo de ganso em cadência matemática. Se você for turista e viajar em grupos, será despejado em uma fila especial para visitar o mausoléu. Se for Ivan Ivanovich, vai para o fim da fila, e não saberá exatamente se naquele dia haverá tempo suficiente para cumprir o ritual que muitos russos comuns consideram sagrado.

Setenta anos depois de ter feito uma revolução que abalou o mundo, os soviéticos embarcaram em outra aventura onde Ivan Ivanovich e uma irrequieta elite intelectual se confrontam. Os intelectuais sabem que seu regime, seu sistema de absoluta planificação econômica centralizada, um rígido controle de preços e uma tirania que chegou ao paroxismo com o estalinismo precisam de uma revisão profunda.

Os números estão aí para dizer por que precisam. Os soviéticos mais cultos abominam comparações como as que os analistas americanos gostam de fazer, com certa ironia, com o Japão, por exemplo. Como pode essa pequena ilha do tamanho do Estado do Ceará, com uma área agrícola útil do tamanho do Estado de Sergipe, ultrapassar o Produto Interno Bruto da velha, orgulhosa e continental Rússia? Ah, os tempos!

Os tempos passaram mostrando que o modelo de crescimento bruto baseado em mão-de-obra farta já não presta. Entre 1960 e 66 a Rússia cresceu, em média, 5,3% ao ano. De 1971 para 75 cresceu 3,7%. No final da década de 80 tinha reduzido sua taxa de expansão para 2,7%. Entre 1981 e 82 caiu para 2,1%. E, o que é pior, com queda de produtividade (isto é, *a grosso modo*, a capacidade para produzir mais, com menor esforço em capital ou esforço físico).

O informe do sr. Mikhail Gorbachev à XIX Conferência Nacional do PCUS, de 28 de junho deste ano, é mais crítico do passado do que tudo o que os correspondentes estrangeiros que viviam em Moscou escreveram para seus jornais no fim da era Brejnev, quando eram chamados de porcos reacionários pagos pelo capitalismo para falar mal do socialismo. Como o tempo passa e como as coisas mudam quando sopram ares de democracia sobre quaisquer nações.

Gorbachev está propondo que as empresas soviéticas parem de pedir a proteção dos planos centralizados para fixarem suas metas de produção e aprendam a correr riscos. Reconhecendo como é difícil mudar, ele disse aos camaradas — muitos deles perplexos — que muitas empresas continuavam "se acobertando com pedidos do Estado, praticamente mantendo o sistema de metas obrigatórias no volume de produção".

Trocado em miúdos, um sistema que ao longo das décadas tudo planejou de cima para baixo hoje luta para restaurar o sentido competitivo e a iniciativa dos seus gerentes. Como fazer isso depois de décadas de acomodamento e de banimento da noção e do conceito de *risco* é o que ninguém sabe. Pelo menos não sabe quanto tempo será necessário para mudar atitudes e expectativas.

Os russos estão abandonando o socialismo? Não, não estão. É um engano pensar que a pierestróika enterrou a coletivização da propriedade. Ela está, por enquanto, tateando apenas na descentralização administrativa, que atinge todos os setores da vida nacional. Hoje, os russos falam em criar bancos cooperativos, e talvez se espantem se um comunista brasileiro falar em estatizar totalmente o nosso sistema bancário. Falam em taxas de juros reais e em mobilização da poupança disponível em um sistema de preços que progressivamente se afaste dos subsídios, que levam o pão a ser consumido também pelos porcos, como ração. Oh, o tempo e a velha Rússia mudaram muito.

Mudaram tanto que na rua Arbat, ao lado do Ministério das Relações Exteriores, grupos de jovens ensaiam música pop e um jazz psicodélico. Visto de perto, eles não são sequer modernos. Apenas desejam parecer modernos. Sessenta anos de tirania e fechamento para o mundo exterior fizeram com que a cultura local do que se chamaria de *vanguarda* no ocidente perdesse os pontos de referência entre o velho e o novo. O que é o novo? Há sete anos o *novo*, na grande fábrica de cartazes de rua Placat, era, para um jovem artista que entrevistei, desenhar Lênin em uma pose que eventualmente não estaria registrada nos livros de história. Recriar a imagem do grande líder era o máximo da modernidade na grande oficina da Placat. O que será *moderno* agora?

O caminho parece longo, mas há algo de borbulhante na vida e na alma russa que sugerem que ele será percorrido. Ivan Ivanovich pode continuar em sua rotina e em sua apatia: as usinas de pensamentos e idéias estão em outros lugares. É preciso esperar para ver o que irão produzir. Um novo acomodamento? Um novo fechamento? Ou um reencontro da Rússia com a modernidade e competitividade que varrem a "zapad" (o Ocidente) que suas lideranças secretamente namoram, apesar de todos os seus pecados?

Noênio Spinola foi correspondente do JORNAL DO BRASIL na União Soviética entre 1979 e 1981 e voltou a Moscou em agosto passado

Democracia é sujeira

Sérgio Buarque de Gusmão

Na política, como todos sabem, pode-se encontrar sujeira — assim como em muitas atividades onde se queira identificar, sem muito esforço, o lado sombrio do homem e dos sistemas sociais e econômicos que ele engendra. Mas chama a atenção a forma às vezes histérica, sempre leviana, como se elegem a política e os políticos como bodes expiatórios do infortúnio nacional e contra eles admite-se tudo — do enxovalhamento público à censura de intenções.

A última ofensiva contra a atividade política e, no limite, a sua expressão mais salutar, a democracia, faz-se, agora na direção da propaganda eleitoral. Os garis do bom gosto saem às ruas em campanha contra a pichação de muros, o volume dos alto-falantes, a burrice dos candidatos, a chatice dos debates na televisão. Criticam a propaganda nas ruas como se nossas cidades — e aqui se fala do minúsculo enclave urbano onde dormita a gente bem cheirosa e não das periferias pestilentas onde se amontoam pessoas e lixo — fossem um templo da limpeza. Ou reclamam dos debates na TV como se os candidatos que lá se apresentam, estimulados pela benfazeja vontade de convencer os eleitores, contrastassem com a rasura cultural que dá o tom a muitos programas de auditório, shows ou novelas.

Como uma rosa murcha de Bonsucesso, dona Odete Reutman sai da tela para se queixar que eleição é sujeira, barulho, chateação. É mesmo, e isto é bom. É um saudável sinal de vitalidade de um país, festa que deve ser encarada como é: uma folia democrática, que, como é próprio das folias, lega sempre um rastro de sujeira que as vassouras da democracia se encarregam de varrer em seguida. Eleição, e atrás dela a disputa democrática, é barulho, alto-falante, gente na rua distribuindo papéis, muros pichados, cartazes pregados nas paredes. O país é o cenário desta festa — o cenário, aliás, poupado no longo jejum imposto pela ditadura militar, quando nenhum muro era pichado em favor do general escalado para assumir o poder. Pichação contra dava cadeia e os debates na televisão eram silenciados pela fotinho 3x4 da Lei Falcão. Nem por isto nossas cidades ficaram menos sujas, nem se elevou o nível da TV.

Muitos acham repugnante gente burra e feia na televisão — mas elas são o Brasil. Sônia Braga ainda não é candidata para deleitar os eleitores com sua beleza e inteligência, nem a filósofa Marilena Chauí, conhecida pelo refinamento das idéias e das formas, se dispõe a apresentar um programa de governo em 1 minuto de debate eleitoral. Há lugares, aliás, onde os telespectadores podem cotejar programas políticos com outros atributos tão reclamados — e disto não se podem esquecer os eleitores de dona Rita Camata.

De olho virado para a televisão, a patrulha da antiestética eleitoral quer passar o apagador da censura nas pichações — e alguns até viram heróis do bom-gostismo, como o diretor do Masp (Museu de Arte de São Paulo), Pietro Maria Bardi. Na campanha de 1985, irritado com as pichações na mureta do museu, Bardi escreveu lá, como protesto, um palavrão. Italiano que muito fez pela arte no Brasil ao montar com Assis Chateaubriand o luminoso acervo do Masp, Bardi pode ter deixado escapar aí, mais uma vez, o horror a eleições próprio do fascismo a que aderiu na Itália nos anos 30.

Por este gesto — o protesto, não a adesão ao fascismo — Bardi é saudado como guardião da limpeza pública e foi escolhido patrono da "campanha limpa" — uma iniciativa da TV Gazeta, de São Paulo, para substituir a pichação dos muros por assépticos grafites. É uma bela campanha, desde que seja tocada como um refinamento da propaganda eleitoral e não como uma maniqueísta substituição da sujeira pela limpeza. Talvez um dia os grafites possam prosperar como um avanço do *marketing* eleitoral, que, aliás, tem avançado a olhos vistos. Ainda há casos de abusos — como o do deputado estadual paulista Jair Andreoni, que, em 1982, pichou a cidade inteira com seu nome de ilustre desconhecido. É de indubitável mau gosto estender uma faixa no Cristo Redentor ou pichar o muro de uma igreja como a da Pampulha — mas para aqueles cujo nome tem o poder de conspurcar lugares existe o código de posturas municipais. É melhor, por sinal, invocá-lo do que a Lei Eleitoral — em muitos aspectos ainda padecendo da mesma síndrome inibitória da lei de greve, isto é, são leis mais para atrapalhar do que para disciplinar um fato social.

A Lei Eleitoral parece servir mais para reprimir do que para estimular a livre manifestação do pensamento. É absurdo que os programas de candidatos no rádio e na televisão tenham um jurado todo-poderoso da justiça eleitoral, que cassa a palavra do político que disser alguma coisa considerada inadequada. Foi o que aconteceu há dias em Salvador, onde um juiz tirou do ar uma emissora de televisão por achar que um candidato iria insultar uma autoridade. Isto sim é feio, antidemocrático, atrasado e sujo. É um caso de censura de intenção, uma castração literal do pensamento antes que ele se materializasse no som da voz.

Esquecido, o episódio dá lugar à afetada indignação dos que querem fazer das campanhas eleitorais um anticarnaval. O tempo deles se foi com a mesma sisudez da polícia que reprimia o samba no começo do século e dos generais para os quais o voto era um escândalo. Eles que se acostumem porque, assim como o carnaval ganha as ruas todos os anos, teremos cinco eleições até 1994.

Sérgio Buarque de Gusmão é chefe de redação da sucursal do JORNAL DO BRASIL em São Paulo

Desenvolvimento e seu financiamento

Barbosa Lima Sobrinho

Nos primeiros anos de sua atuação, a Secretaria-Geral das Nações Unidas pediu ao seu Conselho Econômico e Social um relatório, preparado com a colaboração de suas comissões especializadas, a respeito dos "métodos de financiamento do desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos". Desejava que a investigação se completasse com a indicação dos meios de estimular a função do capital, para alcançar os objetivos da campanha que se estava promovendo.

O relatório deveria estar pronto para ser apresentado na sessão do Conselho de julho de 1949, em Genebra. Eram convidadas, para a realização das pesquisas, diversas outras comissões ou agências especializadas, dentro do âmbito das Nações Unidas, como a Organização da Alimentação e da Agricultura, o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Internacional do Trabalho.

Concluídos os estudos, foram tomadas providências para ouvir o parecer da terceira sessão da Subcomissão do Desenvolvimento Econômico, que se destinava, especificamente, ao problema do financiamento desse desenvolvimento. Trechos desse relatório foram submetidos ao comentário das comissões consultadas, inclusive o Fundo Monetário Internacional.

Tudo resultou na elaboração de um relatório final, que foi publicado pela Organização das Nações Unidas, sob o título *Methods of Financing Economic Development in Under-Developed Countries*, em 1949.

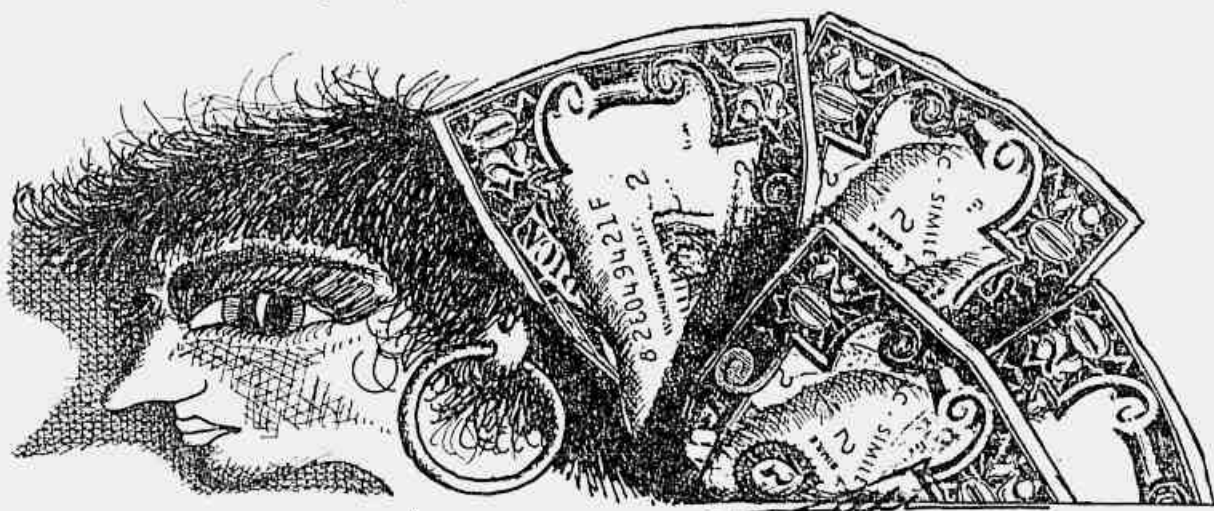
É desse importante documento a conclusão que "a mais ampla colaboração possível dos recursos financeiros locais, que deve ser o fundamento da formação do capital, nas áreas subdesenvolvidas". Para que não se ponha em dúvida a fidelidade da versão, convém reproduzir o texto original, sob a responsabilidade das conclusões apresentadas pelo Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, a saber: "*The fullest possible utilization of domestic financial resources should be the mainstay of capital formation in the under-developed areas. As the United Nation Sub-Comission in the third session report, the financing economic development must be based in the maximum mobilization and utilization of domestic financial resources.*" É curioso observar que, enquanto os países subdesenvolvidos vivem a exaltar o capital estrangeiro, como único meio de alcançar o desenvolvimento econômico, os órgãos internacionais insistem em que o principal é a utilização do capital doméstico, do capital de casa. Não ignoram que não são muitos esses capitais, mas, apesar disso, não o desprezam e o consideram fundamentais para qualquer programa de desenvolvimento.

Essa a lição da Organização das Nações Unidas. Não discordava desse parecer o próprio Fundo Monetário Internacional.

Essas opiniões encontravam apoio nos livros que se vinham publicando em torno do desenvolvimento econômico. Como, por exemplo, na *Teoría del Desarrollo económico*, do professor W. Arthur Lewis. Um livro hoje clássico, indispensável aos estudiosos do desenvolvimento econômico. O autor acumulara larga experiência, observando diversos países da África e da Ásia. E concluiu que as somas exigidas pelo desenvolvimento econômico "excedem, de muito, a qualquer possível investimento ou ajuda estrangeira. Portanto, seja o que for que esses países possam obter do estrangeiro, terão que apertar o cinto, se querem fazer progresso substancial". E acrescentava: "Não há dúvida que a maioria dos países menos desenvolvidos podem aumentar, substancialmente, sua formação de capital, se assim o desejarem. O exemplo da União Soviética e do Japão, países em que o produto real por habitante aumentou com maior rapidez que em qualquer outra parte, a saber de um três por cento ao ano — na União Soviética, a partir de 1929, e, no Japão, constantemente, desde 1870 — enquanto que, nos Estados Unidos, que o seguem nessa categoria, aumentou menos de dois por cento ao ano." (Ob. cit. primeira edição em espanhol, pág. 445.)

Já outro economista também notável, professor na Universidade do Texas e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Benjamin Higgins, que não é menos explícito e categórico no seu livro *Economic Development*, quando observa, e me permito reproduzir o texto inglês, que "*without a certain acount of national sacrifice, economic development will not occurr*". E comenta, com alguma ironia: "Muita gente, nos países subdesenvolvidos, supõe que uma imensa onda de capital estrangeiro está esperando inundar suas terras, se forem abertas as comportas. Nada pode ser menos verdadeiro. Inicialmente, há escassez de capital mundial. Há que concorrer com outros países da Europa e os Estados Unidos, oferecendo taxas de 10% aos investidores. Uma cousa é clara: os países subdesenvolvidos não terão facilidade para atrair grandes somas de capital estrangeiro."

Embora a edição do livro seja relativamente recente (1959 pág. 571), já não é tão escasso o capital estrangeiro. Também as taxas de 10% foram duplicadas. Mas a tendência continua a ser a procura de outros países, não tanto pelas facilidades de sua legislação, como pela circunstância de oferecerem instituições estáveis, não sujeitas a golpes de estado. Não tivemos 20 anos de absoluta liberdade para os capitais estrangeiros? Por que não vieram? Verdade que o excesso de autoritarismo também assusta ou, pelo menos, intimida. E o Brasil demonstra a instabilidade de suas instituições com o fato de ter cinco Constituições, de 1934 a 1988, contando com a que acaba de surgir com as bênçãos da primavera.

Entre o Japão e a União Soviética, fico na dúvida em saber a quem coube a primazia, no dispensar o capital estrangeiro, no financiamento de seu desenvolvimento econômico. As taxas de desenvolvimento foram maiores na União Soviética. O que está acima de qualquer dúvida é que os dois países valem como exemplos do que se pode conseguir, valorizando o capital doméstico, o capital de casa.

A babá do Warren

Fernando Pedreira

Warren Hoge é um dos diretores de redação do *New York Times*, o terceiro homem na hierarquia editorial da casa. Sabemos todos que o *Times*, modéstia à parte, é o maior jornal do mundo; sua redação consome 100 milhões de dólares por ano, profissionalmente administrados. Nenhum redator do jornal, nem mesmo o Warren, viaja de primeira classe, e os salários não são superiores aos níveis do mercado (embora não sejam tão avaros quanto eram os do *Times* de Londres, nos seus tempos de glória, antes da guerra).

Warren serviu durante vários anos como correspondente na América Latina, com sede no Rio, onde se casou. Tem hoje, em Nova York, mulher e filhos brasileiros e, como não podia deixar de ser, também uma dedicada e diligente babá brasileira.

A diferença entre a babá do Warren e as que por aqui ficaram é apenas uma: o salário. Warren paga à sua babá 300 dólares por semana, com comida e mais as mordomias costumeiras nesses casos. A babá do Warren, portanto, fatura mais de 1.200 dólares por mês, o que não chega a ser exagerado pelos padrões da terra, pois o salário mínimo norte-americano, o salário, digamos, de uma faxineira, pago por hora, ultrapassa os 800 dólares mensais.

Se a babá do Warren for, como certamente é, pessoa modesta e precavida, e souber aplicar bem suas economias, daqui a 10 ou 20 anos, quando se aposentar e voltar ao Brasil, ela poderá instalar-se confortavelmente, não digo na Vieira Souto, mas, quem sabe, em Santa Tereza ou no Alto Leblon.

Eminentes *scholars* americanos, como Abraham Lowenthal, Skidmore ou Stepan, estudiosos das nossas coisas, vêm ao Brasil e se espantam com o clima de descrença e desalento que parece ter tomado conta dos corações brasileiros, antes tão confiantes não só nos altos destinos da pátria, mas sobretudo no seu cálido aconchego. Por que emigram agora os brasileiros, aos magotes, para os Estados Unidos, para o Canadá e, até, para Portugal?

Há-de haver, para isso, razões físicas e... metafísicas. As primeiras parecem bem ilustradas pelo caso da babá do Warren. Os governos brasileiros (especialmente de Geisel para cá) tanto achincalharam a moeda brasileira, tanto endividaram e abagunçaram a economia e as finanças da República que, hoje, é melhor negócio ser faxineiro em Nova York do que técnico em computadores nas grandes empresas do Rio ou de São Paulo.

Quatro quintos dos jornalistas brasileiros (talvez mais) ganham menos do que a babá do Warren e — o que é pior — não têm como fazer economias. Se, por milagre, conseguirem fazê-las, não terão onde aplicá-las decentemente e, chegada a hora da aposentadoria pelo INPS, só lhes restarão a humilhação e a vergonha (o ridículo) dessas pobres pensões carcomidas que são hoje o lote de milhões de brasileiros.

A mesma força que há 50 anos arrasta os retirantes do sertão para as grandes cidades, fazendo crescer e inchar desmedidamente centros como São Paulo, Rio, Belo Horizonte ou Recife, essa mesma força expulsa hoje do Brasil levas e levas de brasileiros (só em Nova York já são mais de 150 mil).

Com uma notável diferença: o êxodo de agora não é de sertanejos pobres das zonas mais atrasadas ou decadentes do país, mas de filhos das classes médias, jovens profissionais e universitários (ainda que das nossas horrendas universidades). E talvez nessa emigração de novo tipo esteja a mais irônica marca do progresso que fizemos — se é que a isso se pode dar o nome de progresso.

As razões físicas, materiais, são essas, ou pouco mais do que essas. Resta falar das metafísicas que são provavelmente ainda mais importantes porque são, afinal, a causa suficiente de tudo.

Ao longo da última meia dúzia de anos, o brasileiro médio sofreu uma série de humilhações e frustrações que teriam levado qualquer japonês de boa cepa a praticar o hara-kiri.

Em fins de 1982, passadas as eleições daquele ano, o governo foi obrigado a revelar o que os sabidos já sabiam: o país estava falido. Nossos governantes (sempre com a melhor das intenções) haviam feito dívidas que não tínhamos como pagar, haviam firmado em nosso nome contratos leoninos, com juros flutuantes, a critério dos credores, e *spreads* escorchantes, para não falar das gordas comissões embolsadas pelos signatários.

Todos esses governantes (*todos*: ex-presidentes, ex-ministros, ministros, altos burocratas, agentes e intermediários) ficaram riquíssimos. Enquanto ao brasileiro médio, *faute de mieux*, restava sonhar com um emprego de babá em Nova York, garçom em Miami ou lava-pratos em Quebec. Essa humilhação maior, básica, o sentimento nacional de falência e vergonha, não se dissipou até hoje: é o pano de fundo das nossas atuais dificuldades metafísicas.

Mas, viriam a seguir, ainda, a frustração das diretas, em 1984, parcialmente compensada pela vitória de Tancredo no Colégio Eleitoral; a tragédia da morte de Tancredo; o estelionato do Plano Cruzado e, afinal, esta imensa (ainda que difusa) decepção do governo Sarney e da Constituinte.

A democracia, que tanto custou a vir, parece incapaz de provar outra coisa senão a inacreditável falta de patriotismo e de caráter de uma classe política que só cuida dos seus interesses particulares, cartoriais, e dos seus currais eleitorais e projetos demagógicos. Com políticos e governantes dessa ordem, as finanças e a Administração do país não poderiam mesmo ser outras.

A experiência destes três anos sob José Sarney e Ulisses Guimarães foi acachapante. Os brasileiros não têm em quem acreditar. Continuam apegados à democracia (pois a memória da ditadura está ainda muito próxima), mas acreditam cada vez menos nos homens e nos partidos que deviam dar-lhe substância.

Que fazer? Emigrar? Rasgar a barriga como um honrado samurai? Ou continuar tentando? Procurar, entre essa malta de sacripantas, ladrões pequenos e grandes, burros falantes e demagogos, que disputam agora as prefeituras e, amanhã, a presidência da República, tentar descobrir entre eles governantes enfim à altura do país que o Brasil, apesar de tudo, já é, do país que queremos que seja o nosso?

A esperança, dizem, é a última que morre. Ânimo, meus amigos.

O maior fracasso editorial de 1968.

11-09-1968

Após seis meses e muitos milhões de cruzeiros gastos na preparação editorial mais bem cuidada deste país, Veja chegava às bancas. E com o maior lançamento publicitário da história da imprensa brasileira.

No domingo que antecedeu à saída de Veja nas bancas, o Brasil inteiro assistiu, durante 12 minutos, nas principais emissoras de TV do país, imagens da produção da revista e do trabalho experimental dos repórteres, misturadas a entrevistas com personagens variados, que incluíam até o presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

No dia 8 de setembro de 1968, 700.000 exemplares do número 1 da revista Veja saem da Editora Abril. 10 semanas depois, a tiragem já tinha caído para 91.900 exemplares.

Contrabandistas diversificam sua linha de produtos

Mônica Freitas

SÃO PAULO — Se o disquete de seu computador de repente perdeu as informações nele contidas, se o condensador, bomba de gasolina ou platinado do carro foram recém-trocados e o motor continua com problemas, ou ainda se você amanhece com dor de cabeça e cólicas depois de uma noite regada a uísque, vodca, vinho ou champanhe, você certamente foi vítima de espertos falsificadores. E nem mesmo as crianças deles escapam: colecionam figurinhas de álbuns que nunca serão preenchidos completamente e compram revistas em quadrinhos semelhantes à originais, reproduzidas em gráficas clandestinas.

No Brasil, falsifica-se de tudo — relógios, perfumes, fitas de videocassete, óculos, roupas, produtos alimentícios e farmacêuticos, peças industriais, dinheiro e o que mais se possa imaginar. Nove entre cada 10 falsificações são feitas no eixo Rio-São Paulo, região em que se dispõe de tecnologia mais avançada, e acabam no Paraguai, onde somente na cidade de Puerto Stroessner circulam, anualmente, 1 milhão de dólares de mercadorias fraudadas, que acabam retornando ao Brasil sobretudo via contrabando. Mas os falsificadores que se cuidem: o advogado Fernando Ramazzini, 41 anos, especialista no combate a falsificações no comércio, tem a seu serviço 50 investigadores espalhados pelo país e, em 18 anos de atuação, já solucionou dezenas de casos.

O resultado de seu trabalho está à mostra em uma das salas do escritório montado no Centro velho de São Paulo. São prateleiras e estantes atulhadas de peças falsificadas apreendidas, tendo ao lado as originais. Um verdadeiro museu que inclui desde cápsulas de antibióticos recheadas de fubá e drágeas de açúcar a pesadas caixas de direção para carros, pistões para tratores, torneiras, balões de ensaio e inocentes vidros de esmalte. Isso sem falar na enorme quantidade de embalagens, rótulos e até selos de importação (usados para remontar garrafas de bebidas), que de tão perfeitos são capazes de enganar mesmo aqueles que se consideram *experts* no assunto.

Murilo Menon

Ramazzini tem um batalhão de investigadores contra falsificação que invade o mercado

"O Brasil desponta hoje como um dos grandes produtores de falsificação. A indústria gráfica, por exemplo, está muito avançada e com isso tem facilidade de reproduzir embalagens e rótulos de produtos importados", afirma Ramazzini, representante no Brasil de 48 fabricantes de uísque escocês, um dos produtos mais falsificados no país. Seu escritório, que tem filial até em Puerto Stroessner, desvendou, nos últimos três anos, 63 casos de falsificação da bebida. "O falsário cria muito e cada fonte de produtos falsificados nos traz mais surpresas", comenta ele.

De acordo com o advogado, o Brasil consome hoje mais de 1 milhão de caixas de uísque legítimo por ano (cerca de 10 milhões de litros), o que representa 3,5% da produção da Escócia. Desse total, apenas 30 mil caixas entram legalmente no país, excluindo-se as vias diplomáticas e as *free-shops*, isentas do pagamento de impostos. O restante é contrabandeado. Por outro lado, o consumo de uísque falso chega, atualmente, a 200 mil litros anuais. Ramazzini, no entanto, garante que, embora o Paraguai seja "um berço de produtos falsificados", não tem interesse em comprar a bebida fraudada, que ficaria em torno de nove dólares o litro, se pode adquirir a autêntica a cinco dólares.

A falsificação de autopeças também é bastante comum e as peças que não podem ser recondicionadas sofrem uma maquilagem completa: são lavadas em ácido e reembaladas em caixas falsificadas. Isso acontece com bobinas, platinados, caixas de direção, velas e condensadores. *Griffes* famosas também são alvos prediletos dos falsários. "A falsificação desses produtos tomou um impulso tão grande que fui ao Chuí tratar de um caso da Topper e acabei apreendendo falsificações da Rainha e do Le Coq Sportif", conta o advogado, exibindo com orgulho algumas peças da apreensão.

O trabalho de Ramazzini em muito se parece com o da própria polícia e inclui exaustivos levantamentos que podem durar meses a fio até que a fraude fique constatada. Foi o que aconteceu, por exemplo, em 1987, quando sua equipe localizou no almoxarifado XM-6 da CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos) no Rio, 40 rolamentos falsificados, fornecidos pela Mac Diesel Peças e Equipamentos Ltda, devidamente acondicionados em embalagens, também falsas, da SKF do Brasil (subsidiária da produtora sueca). Só então o caso foi entregue à Delegacia de Defraudações, que apreendeu os rolamentos e indiciou o falsário.

O mais recente caso resolvido pelo advogado, que representa também a Federação dos Relojoeiros Suíços no Paraguai, foi um derrame de relógios falsos naquele país. "Atuamos em quatro cidades e apreendemos mais de 100 mil relógios", destruídos semana passada pela polícia paraguaia. "A fraude é perniciosa e deve ser combatida como se combate o tóxico", afirma Ramazzini. A punição para a falsificação está no artigo 175 do Código Penal, que prevê pena de seis meses a dois anos de prisão, podendo ser afiançável por quantia irrisória — de Cz$ 2 a Cz$ 10. Na União Soviética e na China, as penas, segundo Ramazzini, são bem mais duras: prisão perpétua e morte.

Como evitar o falso

Se o uísque for genuíno, fará espuma por mais de 20 segundos ao se agitar a garrafa com o gargalo para baixo, devido à leveza da água escocesa. Falsificado, não borbulhará por mais de cinco segundos.

O legítimo ray-ban tem arredondamento nas lentes e o aro adere aos ímãs, ao contrário dos falsos.

Se o perfume for francês, o número de identificação estará visível no fundo do frasco.

Etiquetas, botões e qualidade de acabamento das roupas devem ser verificados cuidadosamente no momento da compra.

Deve-se verificar se no fundo das garrafas de champanhe e vinho há marcas de fábricas de vasilhames nacionais. As mais freqüentes são *SM* (Santa Marina) e *CI* (Cisper).

□ *É bom lembrar também que remédios só devem ser adquiridos em farmácias conhecidas, e os carros, levados a oficinas autorizadas ou a mecânicos de confiança. Por último, tenha sempre em mente que o preço ainda é a melhor* dica *para se avaliar a procedência de um produto.*

Nádja Soraia

Falsificações geram lucros mundiais de bilhões de dólares

A indústria da falsificação tornou-se uma das mais lucrativas em todo o mundo e movimenta hoje cerca de 300 bilhões de dólares por ano. Ninguém está imune à ação dos falsários, nem mesmo a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) que, em 1984, adquiriu helicópteros montados com peças falsificadas. Do mesmo golpe foram também vítimas a família real inglesa e o falecido presidente do Egito, Anuar Sadat, além do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (Pentágono), que comprou componentes Boeing fraudados.

O universo dos falsários é inesgotável. A França perde 300 milhões de dólares por ano apenas com falsificações no setor de alta costura. Na Itália, mais de um milhão de pílulas anticoncepcionais foram produzidas em um laboratório de fundo de quintal e embaladas como se fossem de uma conhecida marca. Hospitais europeus receberam marcapassos de Taiwan (Formosa) como se tivessem sido produzidos em Zurique e, no Quênia, cafezais foram destruídos por inseticida importado e adulterado.

A maior parte dos produtos falsificados em todo o mundo é proveniente de países do Extremo Oriente, latino-americanos, e ainda do Marrocos e Itália. No Brasil, os casos mais conhecidos de falsificação começaram a ocorrer na década de 70, com dinheiro, documentos públicos e réplicas de griffes famosas, e se intensificaram nos últimos 12 anos, atingindo a produção industrial.

Delegado faz contas e compara o Brasil a um 'imenso Paraguai'

BRASÍLIA — "O Brasil é um imenso Paraguai". O desabafo é de um delegado da Polícia Federal que atua na área de combate ao contrabando. Ele mostra os números: apenas nos seis primeiros meses deste ano, foram apreendidos Cz$ 6,9 bilhões em mercadorias diversas. Traçando o perfil do contrabandista médio brasileiro, o delegado preferiu ser econômico nas palavras: "É gente de bem". Depois, completou: "É gente de bem, todo mundo sabe, dificilmente vai para a cadeia".

Contrabandeia-se de tudo um pouco neste Paraguai. Aliás, contrabandeia-se até para o Paraguai. A apreensão de 20.274 sacas de café, no primeiro semestre, talvez explique porque a pátria de Stroessner, mesmo não produzindo um único grão, exporta para Estados Unidos e Europa, como registra o Departamento de Polícia Federal (DPF).

A lista das mercadorias apreendidas de janeiro a junho deste ano é extensa e variada e inclui o tradicional uísque (foram 6.087), capaz de ajudar no orçamento de gente como o legendário Cafezinho, funcionário da Câmara que durante muitos anos responsabilizou-se pelo fornecimento dos imprescindíveis escoceses aos deputados, hoje duplamente — jura — aposentado. Mas o relatório do DPF desperta a atenção principalmente pelas novidades. São os artigos cuja procura não pára de crescer, em função de certas particularidades dos dias de hoje, e que caracterizam os contrabandistas da nova era.

É o caso das 95 metralhadoras e fuzis automáticos apreendidos somente no primeiro semestre, período em que se intensificou a disputa pelo *império do pó* nos morros do Rio. É também o caso das 79.950 agulhas e 24.720 seringas descartáveis, cujo potencial econômico passava despercebido antes do advento da Aids.

A reserva de mercado na área de informática, por sua vez, fez surgir um filão altamente promissor na área do contrabando. E aí, segundo a Polícia Federal, entra em cena, mais que nunca, o contrabandista "de bem". Afinal, o ramo exige certos requisitos, como o domínio razoável do inglês e conhecimento da máquina.

Esse ramo nobre do contrabando sofreu algumas baixas consideráveis nesses seis meses: o DPF apreendeu 42 computadores, 351 impressoras, 79.210 circuitos integrados, 43.667 disquetes, 67 *disk-drivers*, 721 placas e 7.478 peças em geral.

A Polícia Federal tem hoje 2 mil inquéritos em andamento. Grande parte deles deverá ir direto para o lixo. É que, no final de junho, o presidente Sarney assinou decreto-lei possibilitando a legalização fiscal (até 10 de outubro deste ano) de veículos automotores (principalmente Mercedes, os preferidos) e bens de capital que entraram no país pelas vias do contrabando. O decreto estabelece que "nenhum procedimento criminal será instaurado ou terá seguimento contra quem tenha requerido regularização fiscal".

Os grandes contrabandistas atualmente agem de maneira inteligente e dificilmente sujam as mãos com os produtos que vão lhes render muitos dólares. Para isso, usam testas-de-ferro. A conclusão é de delegados da Delegacia Fazendária do Departamento de Polícia Federal (DPF) em São Paulo. Outra constatação: com a crise econômica, tem aumentado o número de *muambeiros*, os pequenos contranbandistas que encontram nessa atividade um meio de reforçar o orçamento doméstico ou mesmo ganhar a vida. É o chamado *contrabando-formiga*.

Apoiados em uma infra-estrutura empresarial, os grandes contrabandistas dispõem de aviões, dezenas de carros, fazendas para a *desova* dos produtos e uma rede de distribuidores, normalmente identificados como médios contrabandistas. Esses distribuidores, de maneira geral, vivem de comissões para vender uma variada gama de produtos, como aparelhos eletrônicos, bebidas, relógios, equipamentos cirúrgicos, roupas, perfumes, brinquedos e peças para barcos e aviões, conforme explicou o delegado federal Antônio Borges Filho.

Uísque perde espaço no mercado

Bandidos ganham mais com novo filão dos tóxicos e componentes eletrônicos

Com a indústria da falsificação em alta cada vez maior e a desvalorização do cruzado, o clássico contrabando de bebidas e perfumes está cedendo espaço a outros produtos. O ramo se diversifica. Os grandes contrabandistas estão abrindo mão das pequenas mercadorias, preferindo correr os riscos do *negócio* com produtos de porte como café, soja e componentes eletrônicos, ou então abandonar o setor para se dedicar ao tráfico de entorpecentes, bem mais arriscado, porém muito mais lucrativo.

Foi o caso de Antônio José Nicolau, o *Toninho Turco*, que de próspero contrabandista, na década de 70, passou à maior atacadista de cocaína do Rio de Janeiro, até ser morto, em fevereiro, pela Polícia Federal. Em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, o mesmo aconteceu com os irmãos Rossati, conhecidos contrabandistas que, de acordo com a polícia, também mergulharam de cabeça no tráfico de drogas. Um deles, Paulo Arino Rossati Sanches, teve prisão preventiva decretada durante a Operação Mosaico 2.

"Acabou a orgia do passado", diz um policial referindo-se ao contrabando. De fato, a última grande apreensão feita pela Polícia Federal no Rio de Janeiro foi em meados de 86, quando foram descobertas cerca de 500 caixas de uísque em um caminhão-tanque que vinha do Paraguai. "Há dois anos eu vendia três caixas de uísque em duas horas. Hoje, vendo duas por mês", conta um pequeno contrabandista, "e quem antes consumia uísque 12 anos agora consome o de oito, que está 40% mais barato". Uma garrafa de Ballantine's 12 anos, por exemplo, custa 11 dólares (mais de Cz$ 5.700, no câmbio paralelo) em Puerto Stroessner, mas no Rio, se adquirida do contrabandista, fica 100% mais cara. É aí que os falsários se aproveitam, oferecendo a preços bastante inferiores produtos ditos importados mas que, na realidade, não passam de produções de fundo de quintal.

A falta do produto autêntico no mercado é considerada o principal fator que leva ao aparecimento das falsificações, comercializadas com preços bem inferiores aos das mercadorias originais. O barato, no entanto, pode sair caro, pois algumas das mais conhecidas fraudes podem causar sérios prejuizos à saúde do consumidor. Os perfumes falsificados, por exemplo, costumam causar erisipela. As imitações de óculos Ray-Ban provocam dores de cabeça e prejudicam a visão. O uísque, por sua vez, pode ser transmissor de doenças como o botulismo e a hepatite, devido à falta de condições de higiene na fabricação.

Selo paraguaio falsificado não deve nada ao original

A marca mais falsificada no país é o Old Parr, seguido do Ballantine's e do Chivas Regal. As formas mais comuns dessa fabricação clandestina de uísque consistem em misturar iodo, álcool etílico, éter, adoçante artificial e caramelo, que estabiliza a mistura e a torna mais parecida com o legítimo *scotch whisky*. As embalagens, quando originais, são adquiridas de garrafeiros, que recolhem frascos vazios em bares, boates e hotéis da cidade. Mas se a quantidade de uísque a ser falsificado for grande, os falsários encomendam vasilhames idênticos aos dos fabricantes à indústria de vidro, enquanto os rótulos são confeccionados em tipografias, assim como embalagens e selos até mesmo da Receita Federal do Paraguai.

Para os falsários nada é impossível, principalmente para aqueles que aprenderam o ofício no Rio de Janeiro com Licínio da Costa Loureiro, um português já falecido, considerado o papa da falsificação de uísque no Brasil, na década de 60. Quem o conheceu diz que ele era um falsário de mão cheia, que fazia rótulos tão bons quanto os de fábrica. Hoje, seus aprendizes falsificam não só uísque mas também vodca, vinho, champanhe e até miniaturas de garrafas, vendidas em geral a motéis. Costumeiramente mudam suas *tocas* (como são conhecidas as destilarias), localizadas na maior parte em sítios e chácaras afastados da cidade, o que dificulta e atrasa as investigações policiais, segundo o titular da Delegacia de Crimes contra a Fé Pública do Deic (Departamento Especial de Investigações Criminais), em São Paulo, delegado Jair de Castro Oliveira Vicente.

"Temos cerca de 420 inquéritos instaurados esse ano para apurar casos de falsificação, defraudações e violação de segredo industrial, todos de autoria desconhecida", diz o policial, informando que a maioria se refere a documentos públicos, marcas e patentes de produtos industrializados, bebidas e perfumes. Aos bons bebedores de uísque ele dá um conselho: "Devem inutilizar as garrafas, quando vazias, quebrando-as, porque, caso contrário, podem vir a ser vítimas de seu próprio descuido".(M.F.)

Família reinava na fronteira com aviões fazendas e caminhões

Sílvio Andrade

PONTA PORÃ, MS — Até o início desta década, o contrabando de uísque e perfumes eram um desafio para a Polícia Federal nesta região repleta de trilhas e pistas de pouso utilizadas pelos criminosos ao longo de 300 quilômetros de fronteira seca com o Paraguai. Gradativamente, porém, os *passeios* ao Paraguai da soja e do café brasileiros que saem daquele país, *exportados*, como se fossem lá produzidos. Agora, há também a opção pelo tráfico de tóxicos.

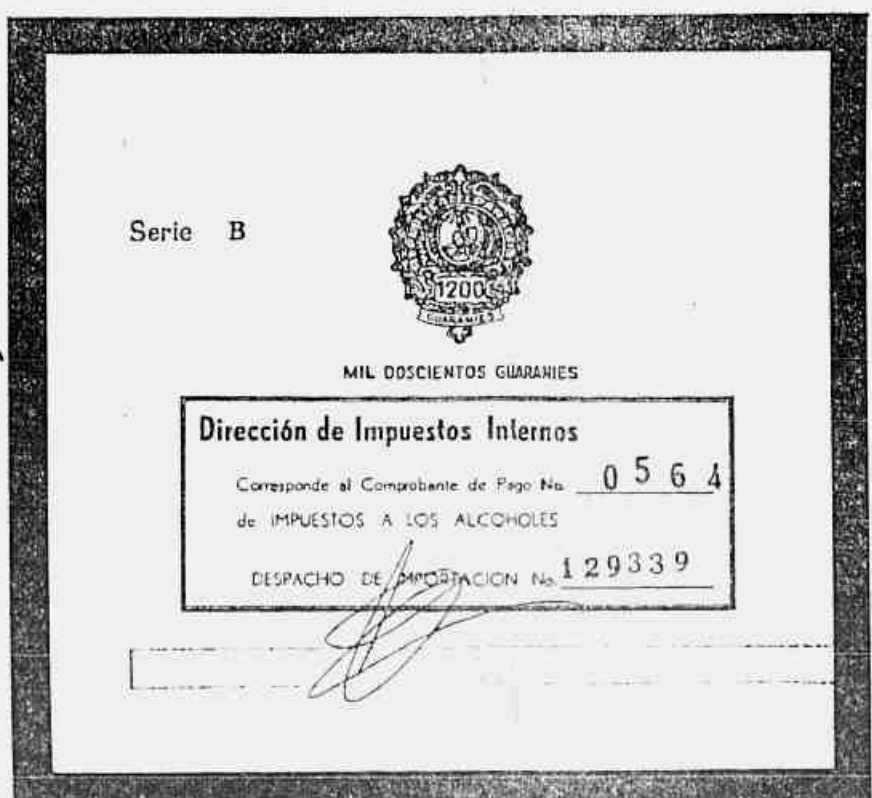
Hoje, quem comanda o narcotráfico e abastece o Rio de Janeiro e São Paulo de bebidas contrabandeadas, principalmente uísque, já não é mais o *rei* Adilson Rossati Sanches, preso no ano passado, no Paraguai, quando tentava embarcar 160 quilos de cocaína para Miami (EUA). Seu sucessor, também brasileiro, sequer assina Rossati, a temível família que ainda provoca reações de medo nos agentes federais, apesar de atualmente ter pouco ou nenhum poder. No lugar de Adilson, está Gilson Ferreira da Silva, 28 anos, que tinha ligações com o traficante Antônio José Nicolau, o *Toninho Turco*, morto no Rio de Janeiro em fevereiro. O outro poderoso da nova geração é Gerson Palerno, de 31 anos, o número um do tráfico de drogas. Os dois moram em fortalezas, do lado paraguaio da fronteira, a poucos metros do Brasil.

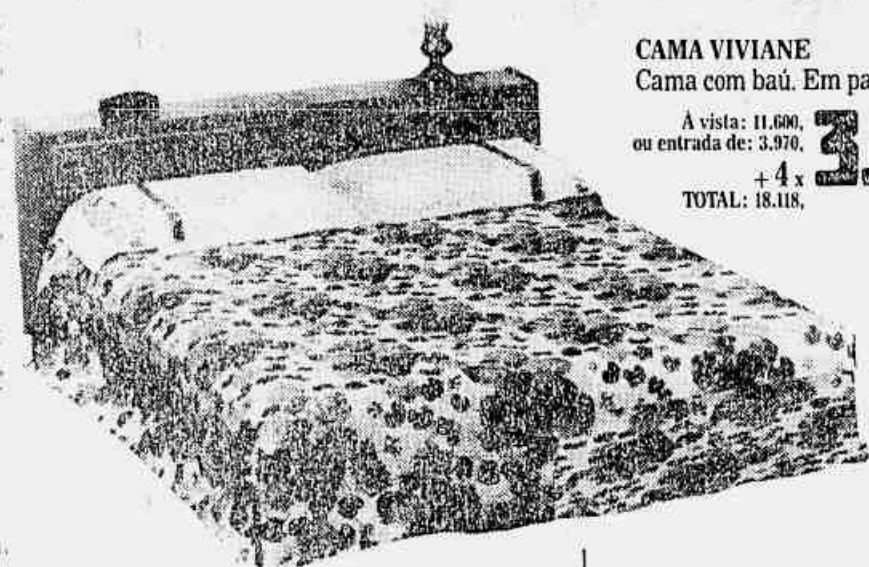
A família Rossati começou a perder o controle do contrabando com a morte de seu líder, Nelson, numa ruela da misteriosa Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia gêmea de Ponta Porã. Consta que ele tinha uma rivalidade muito grande com outros grupos e foi assassinado por vingança, com vários tiros, a 10 metros do marco da fronteira. Transportado em um jatinho para o Rio de Janeiro, ele não resistiu às infecções causadas pelos projéteis de calibre 22 especial.

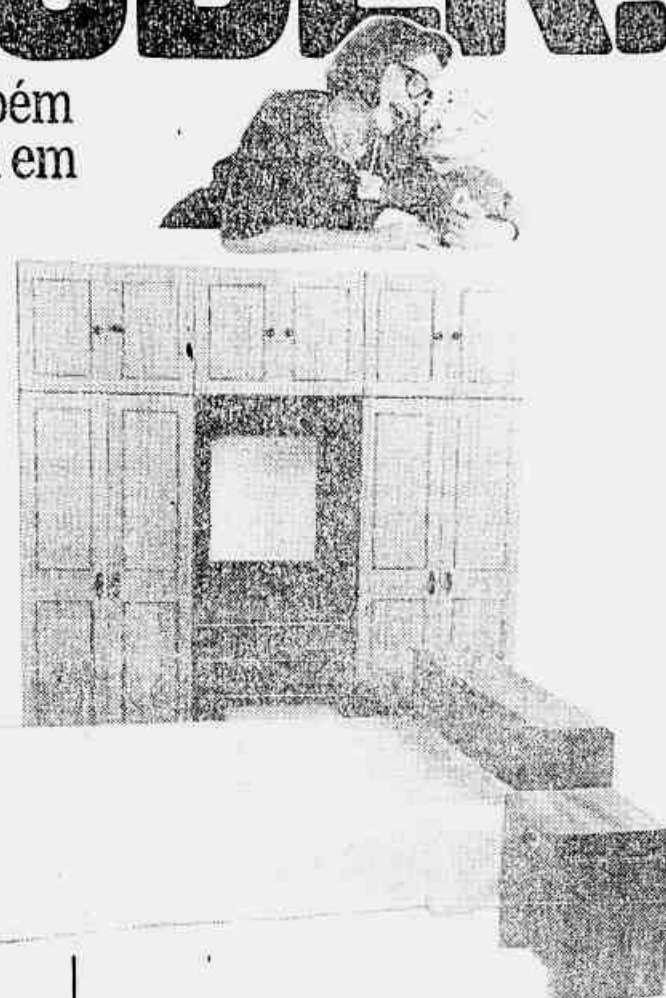
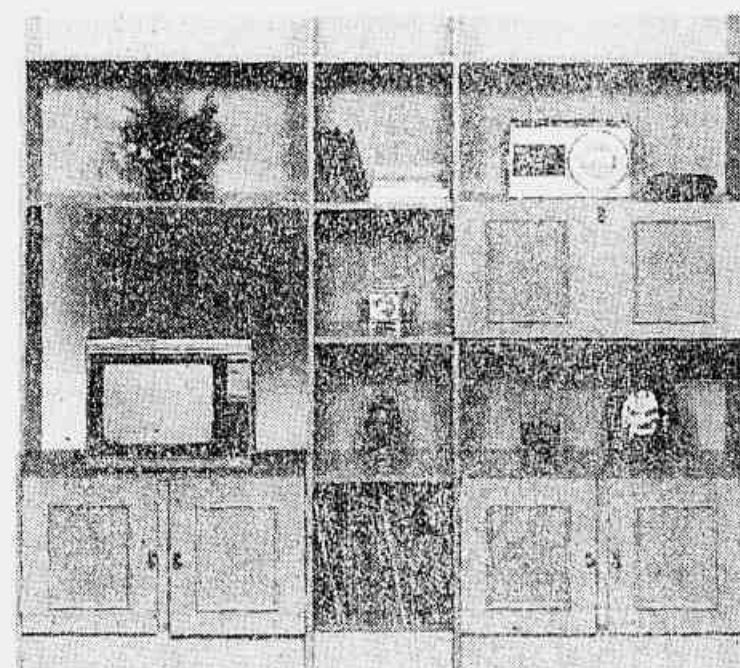
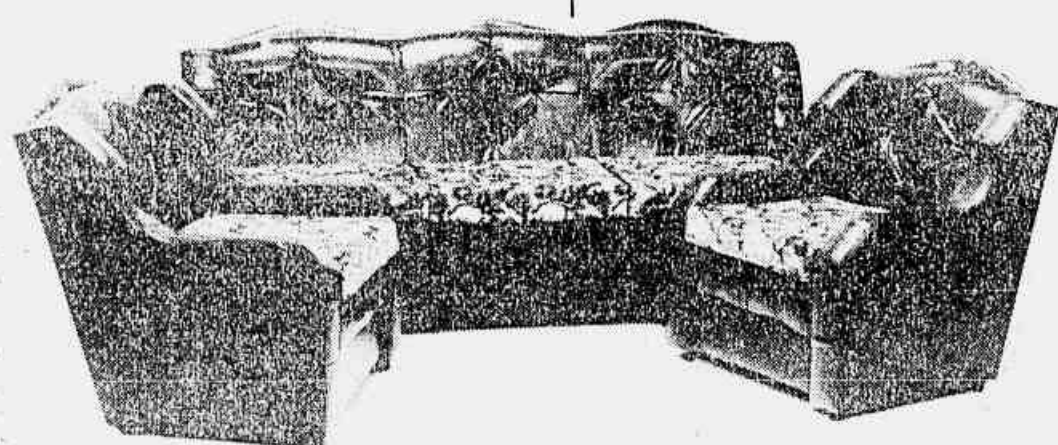
Há, no entanto, outra versão: Nelson teria sido morto por um menor de idade, desencadeando uma vingança, por parte da família Rossati, que ainda não terminou. Um delegado da Polícia Civil diz que mais de 60 pessoas já morreram, inclusive no Rio de Janeiro e São Paulo, e que a família do assassino foi eliminada.

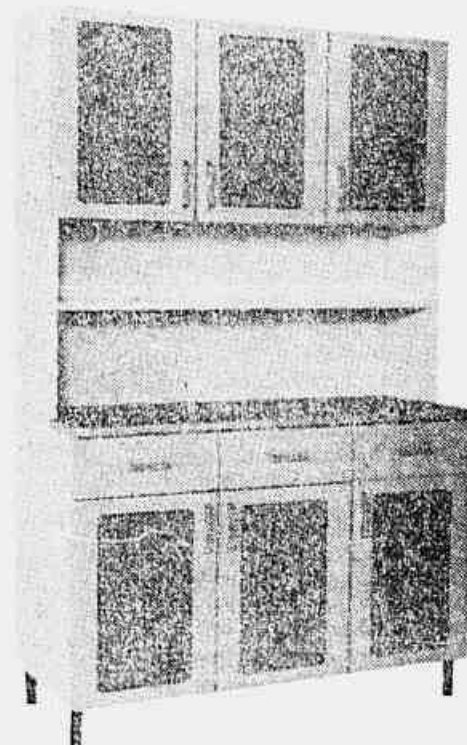
Com a morte do líder da família, começou o declínio dos Rossati. Adilson ficou à frente da quadrilha, mas nunca teve a mesma habilidade do irmão e acabou trocando o contrabando pelo tráfico de tóxicos. Por tráfico, foi preso na Argentina, Uruguai e Paraguai. Atualmente, cumpre pena em uma penitenciária perto de Assunção, onde tem vários privilégios, como ter praticamente vivendo na mesma cela uma atriz paraguaia. Comenta-se que a polícia chegou a Adilson através de informações de traficantes que integravam ou integram uma extensão do *Cartel de Medellín* no território paraguaio. De acordo com um antigo agente federal, Adilson queria agir sozinho e por isso não teve sucesso.

Com a prisão de Adilson, os Rossati perderam não apenas o comando do contrabando, mas também os bens que conseguiram durante seu *reinado*: aviões, fazendas, mansões, 28 caminhões e dólares guardados em bancos de Assunção, confiscados pelo governo do Paraguai. O terceiro irmão contrabandista, Paulo Aryno Rossati Sanches, o *Beto*, está refugiado em Pedro Juan Caballero desde fevereiro, quando a Operação Mosaico descobriu suas ligações com *Toninho Turco*, e mora numa mansão a quatro quarteirões do serviço de imigração paraguaio. Já sem força, *Beto*, que já foi chefe, estaria trabalhando para o novo *rei* do contrabando, Gilson Ferreira da Silva, também procurado pela polícia.

Embora a família Rossati tenha chegado a esse final melancólico, a simples menção de seu nome ainda provoca sobressaltos em Ponta Porã, principalmente entre os policiais. Mas um delegado dessa cidade se vangloria: "Os Rossati não existem mais, foram sepultados."

LEVE O QUE QUISER, PAGUE COMO PUDER.

A Arapuã não tem apenas os menores preços da cidade. A Arapuã também tem as melhores opções de pagamento. Você escolhe desde o Cartão Arapuã, ou em 4 vezes sem acréscimo ou em até 10 pagamentos. É aproveitar e levar.

CAMA VIVIANE
Cama com baú. Em padrão cerejeira.
À vista: 11.600, ou entrada de: 3.970, +4 x **3.537,**
TOTAL: 18.118,

DORMITÓRIO DALLAS
Armário com 10 portas e 4 gavetas. Cama de casal com baú e 2 criados mudos. Padrão cerejeira.
À vista: 89.100, ou entrada de: 27.170, +9 x **21.105,**
TOTAL: 217.115,

BELICHE PARATI
Design moderno. Fino acabamento. Em pinus.
À vista: 19.990, ou entrada de: 6.170, +5 x **5.643,**
TOTAL: 34.385,

ESTANTE SEUL
Estante dupla. Em padrão cerejeira.
À vista: 22.900, ou entrada de: 6.970, +6 x **6.035,**
TOTAL: 43.180,

ESTOFADO BOURBON
Em chenile e courvin. Alto design. Fino acabamento.
À vista: 67.300, ou entrada de: 20.370, +9 x **15.999,**
TOTAL: 164.361,

KIT VENEZA
6 portas. Estrutura em aço.
À vista: 45.900, ou entrada de: 13.970, +7 x **11.664,**
TOTAL: 95.618,

BERÇO ANABELA INFANTIL
Berço com baú. Em padrão cerejeira.
À vista: **9.290,**

CONJUNTO CURITIBA
Mesa redonda. 4 cadeiras em palha. Padrão cerejeira natural.
À vista: 33.660, ou entrada de: 10.730, +8 x **8.057,**
TOTAL: 75.186,

ARMÁRIO ANABELA INFANTIL
Armário com 4 portas. Em padrão cerejeira.
À vista: **16.590,**

CAMA COM GRADE ANABELA INFANTIL
Cama com baú. Em padrão cerejeira.
À vista: **7.490,**

O MENOR PREÇO DITO E FEITO.

CONSULTE NOSSOS ENDEREÇOS PELO TELEFONE: (021) 222-8112

Ofertas válidas até 17.09.88 ou enquanto durarem nossos estoques. Preços promocionais. Após sua validade voltarão a seus níveis originais. Esta oferta é válida somente no Estado do Rio de Janeiro.

Joaquim Pedro morre sem realizar o seu maior sonho

Anabela Paiva

O cineasta Joaquim Pedro de Andrade morreu às 4h10 min da madrugada de ontem, aos 56 anos, no Hospital Adventista do Silvestre, em Santa Teresa. Internado há uma semana para tratar do câncer do pulmão diagnosticado há quatro meses, vinha reagindo bem ao tratamento e os médicos esperavam lhe dar alta na sexta-feira. Entretanto, na quinta-feira o estado de Joaquim piorou. O diretor fez questão de não tomar sedativos. "Ele preferiu ficar lúcido. O médico disse que os olhos dele pareciam estar filmando tudo, procurando saber exatamente o que estava acontecendo", lembrou a viúva Ana Maria Moskovich, que ficou com ele até a morte, causada por insuficiência respiratória e neoplasia pulmonar. O cineasta morreu sem filmar *Casa Grande e Sensala*, baseado na obra de Gilberto Freyre, seu maior sonho no cinema.

Contendo o choro ao receber os amigos, na capela oito do Cemitério São João Batista, Ana Maria confessava : "estou devastada". Os diretores Arnaldo Jabor, Cacá Diegues e o ator Paulo César Pereio apoiavam a filha mais velha do cineasta, Alice, 23, que alternava o choro e a serenidade. Eles - assim como quase todos os 150 presentes ao velório realizado ontem à tarde, seguido do enterro às 17 h - mostraram-se revoltados com a morte do cineasta às vésperas de voltar a filmar, depois de um afastamento de seis anos das câmeras. "Gláuber, Leon Hirzman e Joaquim morreram de frustração", discursou exaltado Arnaldo Jabor. "Pela absoluta estupidez dos burocratas, o cinema brasileiro - um dos mais importantes movimentos culturais deste país - está morrendo".

Pereio, contudo, tinha outra preocupação - a filmagem do último roteiro do cineasta, *Casa Grande, Senzala e Cia*, baseado na obra do sociólogo Gilberto Freyre. " É o mínimo que a cultura deste país pode fazer pelo Joaquim", resumiu o ator, que faz parte do elenco escalado para o filme. Realmente, a grande preocupação do diretor no período final da sua doença era o prosseguimento do trabalho que vinha desenvolvendo há dois anos : "na quinta-feira, nós discutimos quem poderia dirigir o filme", lembrou o produtor de *Casa Grande*, Marcelo França. Nem mesmo durante a semana em que ficou internado no Hospital do Silvestre Joaquim deixou de trabalhar. Como conta França, que ia visitá-lo todos os dias. "Levava à papelada, ele examinava tudo, telefonava. Quando se convenceu de que iria morrer, disse : vamos levar o barco até onde der", recorda.

A coragem do diretor frente à doença impressionou todos os amigos. "Ele teve uma atitude de herói, encarando tudo até com um pouco do humor que marcou a sua obra", disse o Joel Barcelos. Quando, em março, Joaquim começou a sentir os primeiros sintomas da doença - tosse, dificuldade de respirar - pensou que fosse gripe. Por duas semanas, chegou a se tratar como se tivesse pneumonia, no Hospital Samaritano. Até que novos exames, realizados durante internação no Hospital do Silvestre revelaram que o câncer já dominava os dois pulmões. "É o velho câncer, meu caro", disse ao amigo Mario Carneiro, que ligou para lhe dar parabéns pelo aniversário, em 25 de maio. Aos amigos que foram à sua casa felicitá-lo, ele também comunicou a nova com bom humor : "não se preocupem, estou terminando um roteiro e começando outro".

Luiz Bittencourt

Afastado há seis anos das câmeras Joaquim Pedro morreu quando ia voltar a filmar

Arquivo

Grande Otelo encarnou a molecagem de Macunaíma

Arquivo

Wilson Grey e José Wilker em "Os Inconfidentes"

Uma filmografia do Brasil

Filmes retratam o país pela lente do cinema

Joaquim Pedro de Andrade estreou na profissão em 1959 com os documentários sobre Manuel Bandeira e Gilberto Freyre. Em 60, fez o curta *Couro de Gato* (do filme de episódios *Cinco Vezes Favela* , do qual participavam: Cacá Diegues, Leon Hizman e Marcos Faria e Miguel Borges) e, em 63, *Garrincha Alegria do Povo*. No ano de 65, lançou *seu primeiro longa, O Padre e a Moça* e, em 69, *Macunaíma*, que o consagrou. O filme foi laureado com o prêmio Gran Condor do Festival Internacional de Mar Del Plata, e Joaquim, com o Golfinho de Ouro, do Museu da Imagem e do Som, além do Air France, e uma série de outros. Desde então, após correr mundo, cineclubes que se prezem têm de tê-lo exibido pelo menos uma única vez . Já nesta época, ao receber a notícia da premiação, denunciava a dificuldade em "participar da vida do país e transmitir todas as nossas ânsias através do cinema."

Retratar o Brasil, tanto em seu aspecto social quanto histórico, era seu forte. Em 72, *Os Inconfidentes*, em uma concepção dramática e alegórica, com o ator José Wilker no papel de Tiradentes, foi sua primeira grande produção depois de *Macunaíma*. Joaquim o definia como "um filme sobre a morte." Em 75, fundiu os dois temas, amor e morte, em *Gurra Conjugal*. O resultado foi um poema imoderado e violento, com forte sentido de alegria e deboche. Nele as normas da sociedade são pulverizadas e a moral burguesa naufraga num oceano de horror.

Em 77, como de praxe principalmente naqueles anos, ele submeteu à Censura o filme de episódios *Contos Eróticos* do qual participava com *A Melancia*, que ficou na prateleira até 79. Isto porque em um dos quatro o ator Claudio Cavalcanti nutria uma irresistível paixão por uma melancia. Roberto Santos, Roberto Palmari e Eduardo Escorel, solidários, decidiram não exibí-lo sem o episódio de Joaquim. Sua última grande produção, foi *O Homem do Pau Brasil*, baseado em Oswald de Andrade, lançado em 82 e também premiado. Daí para cá, foi uma incessante busca de temas, dinheiro e, principalmente, apoio. No ano passado, Casa Grande e Senzala veio à tona, animado, Nelson percorreu países da Europa conseguindo, finalmente, um pool para executá-lo, a partir de outubro.

Joaquim Pedro de Andrade

Sonho era filmar o Casa Grande

Denise Assis

Homem de poucas palavras, poucos mas grandes filmes e muitos sonhos, o cineasta Joaquim Pedro de Andrade, 56, morreu sem realizar o principal deles, o de filmar *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire. Há seis anos sem exercer sua principal atividade, fazer cinema, foi se deixando abater, e "sucumbiu à falta de condições e dinheiro para trabalhar", conforme o amigo e também cineasta Zelito Viana, que definiu a morte de Joaquim Pedro como "um crime cultural". O diretor de cinema que tão bem retratou o Brasil em *Macunaíma*, seu segundo longa, terminou como o personagem do filme, *um herói derrotado* pela eterna crise do país.

Renovador da linguagem cinematográfica e considerado por Gláuber Rocha, com quem teve dissidências em 78, como o criador mais perfeccionista do Cinema Novo, Joaquim Pedro de Andrade não conseguiu apoio nem mesmo no ano da Abolição da Escravatura para colocar em prática seu projeto. Que com certeza teria muito do seu humor cáustico, beirando a crueldade. Era assim o seu cinema, como ele próprio o definia: "Faço uma visão comentada e inventada a partir do real do mundo que a gente vive. Meus filmes tratam das relações entre as pessoas e, freqüentemente, estas não são as mais sinceras e honestas do mundo. Faço filme sobre a patifaria, a safadeza." A declaração foi feita em julho último, quando previa o início das filmagens de *Casa Grande* para março de 89, em Porto Seguro.

Seria seu sexto longa-metragem se não perdesse a batalha para o câncer que desde o início do ano lhe corroía os pulmões, conseqüência talvez do velho hábito dos cigarros sem filtro. "Foi uma coisa meio fulminante", diz Zelito, abatido. "Infelizmente a morte tem buscado os melhores. Gláuber, Leon Hirzman, Joaquim eram as pessoas mais ligadas ao cinema. No fundo, a morte deles tem a ver com a tragédia cultural pela qual estamos passando. A cultura em nosso país é tratada tão mal quanto a pobreza", afirmou com amargura, lembrando que o amigo costumava dizer que ambos estavam apostando corrida de tartaruga. Zelito tenta filmar há três anos a vida de Villa-Lobos.

Arquivo

O cineasta, em foto de 87

Nos últimos anos, enquanto tentava desesperadamente correr atrás da realização dos dois roteiros que tinha engatilhados, um deles uma ficção sobre um paranormal, com o título *O imponderável Bento*, Joaquim Pedro andou fazendo incursões na área de publicidade, produzindo alguns *jingles*. Apesar de carioca de Ipanema, ele saiu mais ao jeito mineiro do pai, o acadêmico Rodrigo Melo Franco. Não era de frequentar os redutos cinematográficos, preferia receber os amigos em casa para um uísque ou se ocupar de leituras. "Lia de tudo e o dia inteiro", segundo o sobrinho Virgílio.

Joaquim morava na Rua Nascimento e Silva, em Ipanema, com a mulher, a socióloga Ana Maria Moskovith. Nos finais de semana gostava de rodear-se dos filhos, Alice, 23, Antônio, 11, e Maria, 9.

O humor e a ironia cortantes não eram usados apenas nos filmes. Deles lançou mão até a última hora. Ontem, por volta de 21h, brincou com a irmã Clara, que o acompanhou até o fim: "Vocês pensaram que eu ia morrer, heim? Pois eu também". Morreu às 4h10, de mãos dadas com a mulher e a irmã.

Câmara pode rever veto a pedido de empréstimo do Rio ao Banco Mundial

O prefeito Saturnino Braga ainda poderá ver aprovado o seu pedido de autorização à Camara dos Vereadores para contrair um empréstimo de 8 milhões e 600 mil OTNs - Cz$ 20 bilhões e 600 milhões - com a Caixa Econômica Federal. Esta posição foi assumida por diversos vereadores, inclusive do PDT, caso o prefeito avalie as correções apontadas pelas comissões da Câmara, que na sexta-feira deram parecer contrário à mensagem. A verba deverá ser utilizada no Programa de Reconstrução e Defesa contra Inundações do Município e sem a contrapartida da Caixa Econômica, o Banco Mundial não libera o empréstimo de 48 milhões de dólares (Cz$ 149 bilhões e 712 milhões, pelo câmbio oficial), já aprovado.

"Estou inconformado, as razões para o veto não procedem", afirmou o Secretário Municipal de Obras, Luiz Edmundo Costa Leite, lembrando que a prefeitura teve muita dificuldade para conseguir estes recursos. "Eu mesmo fui a Washington para discutir com o Banco Mundial e foram necessárias várias audiências para que o Ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, e o presidente José Sarney autorizassem a contrapartida da CEF, exigida pelo Banco Mundial", contou o secretário. Segundo ele, a alegação de que o projeto estava incompleto e não especifica a aplicação real da verba pedida é apenas uma desculpa para encobrir questões políticas, já que vários empréstimos foram aprovados pela Câmara nas mesmas condições.

Luiz Edmundo acredita que o veto foi uma represália à negativa do prefeito do pedido de aumento de 100% do IPC de março a setembro para os servidores da Câmara, o que segundo ele elevaria a folha de pagamento para Cz$ 1 bilhão e 200 milhões, além de ter determinado o pagamento do mês de setembro no final do mês. "Só na Câmara dos Vereadores, os funcionários recebem antes de transcorrido o mês", comentou ele. O secretário afirma que este empréstimo não irá onerar a próxima administração, já que o pagamento começará após cinco anos e com juros especiais de 10% ao ano.

O vereador Oswaldo Luís, do PDT, responsável pelo parecer contrário à duas mensagens do prefeito - a que aumentava os vencimentos dos chefes de gabinete para 80% do salário dos secretários e a que autorizava contratações para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - disse que a posição da bancada do PDT é a de aprovar o empréstimo caso o prefeito corrija as imperfeições apontadas pelas comissões.

Secretário inaugura no Leblon nova alternativa para esgoto

O Secretário Estadual de Desenvolvimento Urbano, Haroldo de Mattos Lemos, inaugurou ontem a nova alternativa para o despejo do esgoto proveniente dos bairros da Gávea, Jardim Botânico e Humaitá (Zona Sul do Rio). Os dejetos, que estavam sendo despejados diretamente no canal da Avenida Visconde de Albuquerque (Leblon), foram transferidos para a linha do antigo Emissário do Leblon, que sofreu obras emergenciais especialmente para receber cerca de 800 litros de esgoto por segundo e despejá-los no Costão do Vidigal. Pouco depois da inauguração, uma tampa da tubulação soltou-se e despejou esgoto *in natura* no mar do Leblon.

O esgoto dos três bairros da Zona Sul era levado até o emissário pela canalização da Praia do Leblon, que tem 700 milímetros de diâmetro. Depois das duas últimas ressacas, a tubulação de 1.200 metros se rompeu várias vezes e a Secretaria resolveu voltar a usar a antiga linha do canal da Avenida Visconde de Albuquerque, de 600 milímetros, que estava fora de uso há 15 anos.

"Não podíamos, porém, continuar a utilizar a linha antiga porque ela arrebentava a cada dois dias de uso", disse o Secretário. A melhor alternativa encontrada, avaliaram os técnicos da Secretaria, foi voltar a utilizar a linha de 600 milímetros, que sofreu dois tamponamentos: o primeiro na areia da Praia do Leblon, em frente ao último prédio da Avenida Delfim Moreira, e o segundo em frente à Elevatória do Leblon, 20 metros adiante.

"O mais importante agora é que o esgoto não está sendo mais despejado na Praia do Leblon", afirmou Haroldo Lemos. "Com isso, o grau de poluição da praia vai diminuir sensivelmente e esta alternativa será utilizada até o término das obras de construção da tubulação sob a Delfim Moreira, previsto para o dia 11 de dezembro".

Carlos Mesquita

Lemos garante que a nova obra limpa o mar do Leblon

Enquanto o Secretário apontava as virtudes da nova alternativa encontrada, uma tampa da tubulação localizada na Praça da Avenida Niemeyer soltou-se devido à intensa pressão recebida e despejou dezenas de litros de esgoto bruto no mar do Leblon. Muitos banhistas que desafiavam a interdição da Feema e tomavam banho de mar, correram da praia assustados. "Enquanto não estava aparecendo o esgoto, não tive medo de mergulhar, mas agora que a água ficou toda marrom, não vou cair mais", disse Waldomiro Soares, 30, morador do bairro.

O engenheiro de Manutenção Eletromecânica da Cedae de plantão na Elevatória do Leblon, Flávio Coutinho, disse que a tampa não suportou a pressão e por isso o esgoto foi lançado diretamente no mar. Os banhistas e adeptos da ginástica, no entanto, preferiram não arriscar mais e anteciparam sua volta para casa, não suportando o forte mau cheiro e a grande mancha de esgoto que tomou conta da Praia do Leblon.

Moradores do Grajaú reclamam de abusos nas contas da Cedae

"Queremos cobranças justas. Caso contrário, quem vai entrar pelo cano é a Cedae". Esta foi a frase mais ouvida ontem na Praça Edmundo Rego, no Grajaú, Zona Norte do Rio, onde cerca de 50 moradores protestaram ontem de manhã contra os aumentos abusivos na cobrança de suas contas de água e esgoto. Segundo Luiz Fernando Perrone, presidente da Associação de Moradores e Amigos do Grajaú (Amgra), a Cedae não tem qualquer critério na cobrança de suas contas.

"Aproximadamente 600 moradores do bairro já estiveram na associação reclamando erros nas suas contas de água mas até agora nada foi feito. Os aumentos nas contas de água dos moradores do Grajaú têm superado até a variação mensal da OTN", disse Luiz Perrone. Ele mostrou duas contas de diferentes moradores do bairro que servem como exemplo: um morador da rua Teodoro da Silva pagou, por 45 metros cúbicos de água consumidos em agosto, CZ$ 5.694,60, enquanto um outro da mesma rua pagou, pela mesma quantidade de água consumida no mesmo mês, CZ$ 3.037,12.

Caso mais inusitado, entretanto, aconteceu com Gerson Bessa Pereira. Inquilino de uma casa com dois hidrômetros na rua Prudêncio Feijó, Gerson solicitou à Cedae que desligasse um deles após a morte do proprietário da casa. Funcionários da Cedae, então, cortaram os canos de uma das saídas de água. Isso ocorreu no ano de 1983. Até hoje, no entanto, Gerson continua a receber duas contas da Cedae, contendo a medição dos dois hidrômetros.

Para o Secretário Estadual de Desenvolvimento Social, Haroldo de Mattos Lemos, os moradores que desconfiam de aumentos abusivos nas suas contas precisam se encaminhar à Cedae. "Por que estaríamos de marcação com um único do Rio?", questionou o Secretário. Segundo ele, a Cedae emite 1 milhão e 100 mil contas de água e esgoto mensalmente e, por utilizar um sistema de computador obsoleto, com 20 anos de uso, os erros na cobrança não estão descartados.

"Apenas no começo do segundo semestre conseguimos substituir nossos computadores que, em termos de tecnologia, eram da idade da pedra. Os moradores que acham que têm problemas, no entanto, devem se dirigir à Diretoria Comercial da Cedae, na rua Sacadura Cabral, para que os nossos técnicos constatem se realmente existe a cobrança indevida", recomendou Mattos Lemos.

Câmara pode rever veto a pedido de empréstimo do Rio ao Banco Mundial

O prefeito Saturnino Braga ainda poderá ver aprovado o seu pedido de autorização à Câmara dos Vereadores para contrair um empréstimo de 8 milhões e 600 mil OTNs - Cz$ 20 bilhões e 600 milhões - com a Caixa Econômica Federal. Esta posição foi assumida por diversos vereadores, inclusive do PDT, caso o prefeito avalie as correções apontadas pelas comissões da Câmara, que na sexta-feira deram parecer contrário à mensagem. A verba deverá ser utilizada no Programa de Reconstrução e Defesa contra Inundações do Município e sem a contrapartida da Caixa Econômica, o Banco Mundial não libera o empréstimo de 48 milhões de dólares (Cz$ 149 bilhões e 712 milhões, pelo câmbio oficial), já aprovado.

"Estou inconformado, as razões para o veto não procedem", afirmou o Secretário Municipal de Obras, Luiz Edmundo Costa Leite, lembrando que a prefeitura teve muita dificuldade para conseguir estes recursos. "Eu mesmo fui a Washington para discutir com o Banco Mundial e foram necessárias várias audiências para que o Ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, e o presidente José Sarney autorizassem a contrapartida da CEF, exigida pelo Banco Mundial", contou o secretário. Segundo ele, a alegação de que o projeto estava incompleto e não especifica a aplicação real da verba pedida é apenas uma desculpa para encobrir questões políticas, já que vários empréstimos foram aprovados pela Câmara nas mesmas condições.

Luiz Edmundo acredita que o veto foi uma represália à negativa do prefeito do pedido de aumento de 100% do IPC de março a setembro para os servidores da Câmara, o que segundo ele elevaria a folha de pagamento para Cz$ 1 bilhão e 200 milhões, além de ter determinado o pagamento do mês de setembro no final do mês. "Só na Câmara dos Vereadores, os funcionários recebem antes de transcorrido o mês", comentou ele. O secretário afirma que este empréstimo não irá onerar a próxima administração, já que o pagamento começará após cinco anos e com juros especiais de 10% ao ano.

O vereador Oswaldo Luís, do PDT, responsável pelo parecer contrário à duas mensagens do prefeito - a que aumentava os vencimentos dos chefes de gabinete para 80% do salário dos secretários e a que autorizava contratações para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - disse que a posição da bancada do PDT é a de aprovar o empréstimo caso o prefeito corrija as imperfeições apontadas pelas comissões.

Secretário inaugura no Leblon nova alternativa para esgoto

O Secretário Estadual de Desenvolvimento Urbano, Haroldo de Mattos Lemos, inaugurou ontem a nova alternativa para o despejo do esgoto proveniente dos bairros da Gávea, Jardim Botânico e Humaitá (Zona Sul do Rio). Os dejetos, que estavam sendo despejados diretamente no canal da Avenida Visconde de Albuquerque (Leblon), foram transferidos para a linha do antigo Emissário do Leblon, que sofreu obras emergenciais especialmente para receber cerca de 800 litros de esgoto por segundo e despejá-los no Costão do Vidigal. Pouco depois da inauguração, uma tampa da tubulação soltou-se e despejou esgoto *in natura* no mar do Leblon.

O esgoto dos três bairros da Zona Sul era levado até o emissário pela canalização da Praia do Leblon, que tem 700 milímetros de diâmetro. Depois das duas últimas ressacas, a tubulação de 1.200 metros se rompeu várias vezes e a Secretaria resolveu voltar a usar a antiga linha do canal da Avenida Visconde de Albuquerque, de 600 milímetros, que estava fora de uso há 15 anos.

"Não podíamos, porém, continuar a utilizar a linha antiga porque ela arrebentava a cada dois dias de uso", disse o Secretário. A melhor alternativa encontrada, avaliaram os técnicos da Secretaria, foi voltar a utilizar a linha de 600 milímetros, que sofreu dois tamponamentos: o primeiro na areia da Praia do Leblon, em frente ao último prédio da Avenida Delfim Moreira, e o segundo em frente à Elevatória do Leblon, 20 metros adiante.

"O mais importante agora é que o esgoto não está sendo mais despejado na Praia do Leblon", afirmou Haroldo Lemos. "Com isso, o grau de poluição da praia vai diminuir sensivelmente e esta alternativa será utilizada até o término das obras de construção da tubulação sob a Delfim Moreira, previsto para o dia 11 de dezembro".

Enquanto o Secretário apontava as virtudes da nova alternativa encontrada, uma tampa da tubulação localizada na Praça da Avenida Niemeyer soltou-se devido à intensa pressão recebida e despejou dezenas de litros de esgoto bruto no mar do Leblon. Muitos banhistas que desafiavam a interdição da Feema e tomavam banho de mar, correram da praia assustados. "Enquanto não estava aparecendo o esgoto, não tive medo de mergulhar, mas agora que a água ficou toda marrom, não vou cair mais", disse Waldomiro Soares, 30, morador do bairro.

O engenheiro de Manutenção Eletromecânica da Cedae de plantão na Elevatória do Leblon, Flávio Coutinho, disse que a tampa não suportou a pressão e por isso o esgoto foi lançado diretamente no mar. Os banhistas e adeptos da ginástica, no entanto, preferiram não arriscar mais e anteciparam sua volta para casa, não suportando o forte mau cheiro e a grande mancha de esgoto que tomou conta da Praia do Leblon.

Carlos Mesquita

Lemos garante que a nova obra limpa o mar do Leblon

Vazamento de material tóxico ameaça armazém nº 5 do Cais do Porto

Cinco dos 460 tambores do produto tóxico Isopropilbenzeno, guardados no Armazém 5, do Cais do Porto do Rio de Janeiro, estão vazando e colocando em risco a saúde de portuários que ali trabalham. No mesmo armazém, próximo ao local onde está estocado o produto, é guardada grande quantidade de arroz. A denúncia, feita por representantes do Sindicato dos Portuários, movimentou, desde as primeiras horas da manhã de ontem, a Feema, Defesa Civil, Corpo de Bombeiros e até Polícia Federal e Receita Federal.

Desde 8h, técnicos da Feema, orientados pelo chefe do Departamento de Controle de Poluição do órgão, Paulo César Magioli, tentaram inutilmente a abertura dos portões do Armazém 5, mas foram impedidos pela segurança do Cais do Porto. Com o forte cheiro exalado pelo Isopropilbenzeno, logo foram chamados reforços da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros. Mas, inutilmente, o diretor de Operações da Defesa Civil, capitão John Paul Pinto, tentou convencer a Segurança sobre a necessidade de abrir os portões.

Mais de 12 horas depois de a Feema ter tomado conhecimento do problema, mandar seus técnicos para o local, o problema ainda não estava solucionado. Preocupado com a situação, o capitão John Paul resolveu às 21h pedir a presença no local da Polícia Federal e da Receita Federal, pois não entendia "o motivo da recusa em se abrir os portões", admitindo que algo mais que o Isopropilbenzeno lá estivesse guardado. Mesmo assim, até o final da noite de ontem, todos continuavam aguardando a chegada ao local do diretor de Controle de Tráfego do Cais do Porto, comandante Athayde.

Um rigoroso esquema de prevenção contra incêndios foi montado, pois o produto, além de tóxico, é altamente inflamável, pelo calor, chamas ou centelhas. Foram providenciados cinco carros do Corpo de Bombeiros, do Quartel Central, sob o comando do tenente Pedro, inclusive com uma bomba de sucção para tirar água do mar, se fosse necessário.

O chefe de Controle de Poluição da Feema, Paulo Cesar Magioli, explicou que todo o aparato era necessário, devido aos perigos do Isopropilbenzeno, que produz também queimaduras na pele e nos olhos. Até mesmo a produção do Moinho Fluminense, localizado bem atrás do Armazém 5, foi paralisada, por precaução. Além disso, Magioli afirmou que todo o arroz lá guardado teria de ser inutilizado.

O material tóxico, segundo Magioli, pertence à Petroflex, que já fora advertida por ele de que teria de receber em seus depósitos os cinco latões com vazamento. Para retirá-los, foram acionados também bombeiros do Grupamento de Busca e Salvamento, com roupas e máscaras especiais.

Terapia pela água do mar é atração em Cabo Frio

Heliete Vaitsman

Da Dinamarca, Tchecoslováquia, Nova Iorque ou Bahia, os clientes chegam à Casa das Salinas, em Cabo Frio, para uma terapia rara em qualquer parte e única no Brasil: a talassoterapia, introduzida há dois anos pela tcheca Vera Kumpera, para tratamento de obesos, diabéticos, reumáticos, pessoas com dermatoses, gravidez complicada ou simplesmente estressadas. Talasso, em grego, significa oceano — e é dele que vem o tratamento, num trecho não poluído da Lagoa de Araruama.

Em centros talassoterápicos famosos, como os franceses Deauville e Hyères, os clientes banham-se em piscinas artificiais, com água salgada aquecida, pois a temperatura do mar é muito fria na maior parte do ano. Aqui é verão o ano inteiro, mas para tratar-se não basta mergulhar na lagoa e tostar-se ao sol. É preciso seguir um plano rigoroso, diz Vera, professora de Educação Física com mestrado na Universidade de Columbia, EUA, cuja clientela - no máximo oito pessoas de cada vez, que pagam, cada uma, 15 OTNs por dia — conta com uma vantagem inexistente na Europa: água entre 24 e 28 graus, ideal para os exercícios físicos.

Os clientes são examinados previamente por seus médicos e podem levar a própria dieta. As calorias ingeridas diariamente vão de 600 a 1 mil 200, conforme o caso, afirma o endocrinologista Isaac Benchimol, do HSE (Hospital dos Servidores do Estado) e do Hospital Central do Iaserj, para quem o tratamento com água salgada é perfeito para pessoas com doenças crônicas.

"O homem nasce envolto em água, que é um meio ótimo de relaxamento. A ferida de um diabético cicatriza muito mais facilmente quando lavada com freqüência. Num tratamento como o da Casa das Salinas, a adesão do paciente — essencial em pessoas diabéticas, hipertensas e cardíacas — facilita a melhora. Muitos diabéticos voltam de lá com menos necessidade de insulina", ele diz.

O psiquiatra carioca Cláudio Freire Carvalho diz que a talassoterapia lhe ensinou a lidar com as reais necessidades do seu corpo, submetido a cinco trataments quimioterápicos durante um ano, para combater leucemia. "É uma questão de reeducação e conscientização", opina.

Cocadas — Na Casa das Salinas, onde podem ficar de um fim-de-semana a 20 dias, os clientes têm o acompanhamento do clínico e cardiologista Ricardo Azevedo da Silva. Com seu sotaque de *erres* puxados, Vera comanda o grupo desde antes do café da manhã, quando durante uma hora são feitos exercícios ao ar livre. Mais tarde, na lagoa, realizam-se gargarejos, caminhadas, corridas, mergulhos e movimentos em várias posições. Tudo dentro d'água, com tempo de permanência mínimo de 20 minutos.

À tarde, o trabalho na água é repetido, de novo na lagoa ou na piscina da casa, sem cloro e com água potável. Bóias e bolas são usadas para facilitar os movimentos. Antes do jantar, há sessão de ioga ou outra técnica relaxante, além de caminhadas, coordenadas pela massagista Maria Isabel Machado, cujo maior inimigo é um vendedor de cocadas que tenta o grupo com seus produtos. Há pouco tempo, Maria Isabel flagrou uma cocada sob o travesseiro de uma atriz que precisava emagrecer.

Do tratamento fazem parte massagens, *peeling* e máscaras faciais mesmo para os homens. O cuidado com a pele é uma preocupação essencial de Vera. "A pele tem seis camadas de muitas funções. Em um centímetro quadrado dela, há cinco mil terminais sensitivos, quatro metros de rede nervosa, mais de 300 pontos sensíveis à dor. Em contato com a água do mar, todas as suas funções melhoram, com reeducação dos mecanismos térmicos reguladores e da capacidade de reação a estímulos".

João Cerqueira

Grávidas, diabéticas, gordas retomam um tratamento muito antigo

Reprodução

Um tratamento que remonta à Antiguidade

A terapia pela água remonta à Antiguidade — persas, egípcios e caldeus freqüentavam balneários públicos para curar males do fígado e da pele. Em Roma, havia no ano 300 nada menos que 11 termas públicas e quase 2 mil privadas, além de 2 mil fontes e 14 aquedutos. Só na pudica Idade Média tirar a roupa para banhar-se virou pecado — e uma das conseqüências da falta de higiene foram doenças como a peste.

Foi Josefina, mulher de Napoleão, quem introduziu na Corte francesa o hábito dos banhos diários, quando chegou da tropical Martinica. Nessa época, o palácio sequer tinha locais apropriados, e o banho era tomado em enormes tinas, com a ajuda de empregados. As tinas também foram tradicionalmente empregadas pelos japoneses para banhos relaxantes, com massagens nas costas: o navegador inglês do romance histórico Xogun suspira de prazer quando a japonesinha lava-o da cabeça aos pés.

A partir de 1850, os banhos começaram a ser reconhecidos terapeuticamente, e criaram fama locais como Karlovy Vary e Marienbad, na Europa Oriental. Uma gravura típica da época mostra um grupo de homens doentes tomando banho de mar, devidamente cercados por uma lona espessa. Um dos responsáveis pela difusão do valor da hidroterapia foi um pároco da Baviera, Sebastião Kneipp, cujo livro A minha cura d'água, lançado em 1886, teve 62 edições em 10 anos, com tradução em várias línguas. Kneipp apresenta curas para tudo — da dor de cabeça à melancolia — e seu nome tornou-se simbólico em alguns países: na Alemanha, a Federação Mundial Kneipp congrega 600 associações ligadas à saúde física e mental, e edita uma revista lida por 5 milhões de pessoas. No Brasil, o livro do pároco foi reeditado em 1986 pela Vozes. (H.V.)

Empresas disputam mercado de carecas

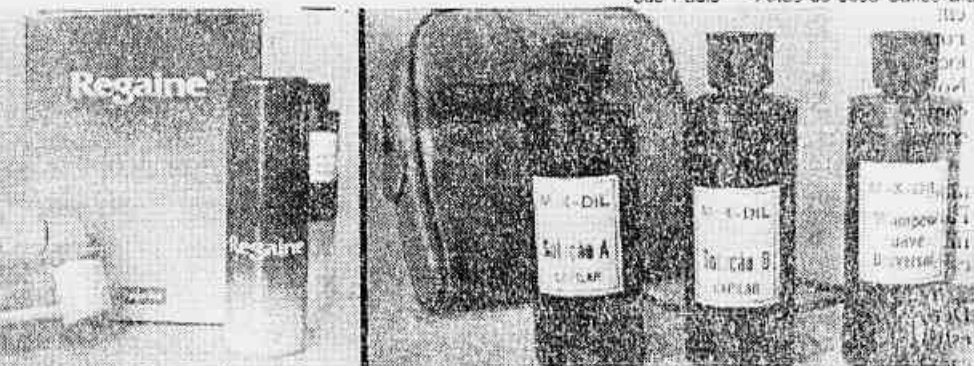
Cilene Pereira

São Paulo — Fotos de José Carlos Brasil

O Regaine enfrentará produtos já existentes à base de minoxidil, como os da Prati Kit

SÃO PAULO — A esperança dos mais de quatro milhões de carecas de todo o país (o equivalente às populações de Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte juntas) de ver crescer, ou de pelo menos manter intactos o que sobra dos seus fios de cabelo, está ganhando nova força com o surgimento no mercado de uma nova — e há quem diga milagrosa — substância: o minoxidil, usado durante mais de 15 anos contra a hipertensão.

Sua eficácia no fortalecimento ou combate à queda de cabelos foi descoberta por acaso, há pouco mais de quatro anos por técnicos do laboratório americano Upjohn, responsável pela fabricação dos comprimidos contra hipertensão Lonitgen, à base de minoxidil. Eles perceberam que o medicamento provocava o crescimento de pêlos nos pacientes e descobriram que o agente causador desse fenômeno era o minoxidil. O laboratório Upjohn começou, então, a produzir o Regaine, remédio líquido à base de minoxidil contra a calvície.

No Brasil, entretanto, o planejado lançamento do Regaine já motivou uma briga entre algumas poucas empresas que estão comercializando xampus à base de minoxidil — principalmente em São Paulo — e a Rhodia S/A, subsidiária da multinacional francesa Rhône Poulenc, que adquiriu os direitos de venda dos produtos da Upjohn e que está aguardando apenas a publicação no *Diário Oficial* do registro do remédio no Ministério da Saúde para lançá-lo no mercado. A expectativa cresceu desde que, há duas semanas, o Regaine foi liberado pela rigorosa FDA (*Food and Drug Administration*), órgão do governo americano que controla alimentos e remédios. A Rhodia está de cabelos em pé com a rede paralela de comercialização do minoxidil, já que, se fosse lançado este ano, o Regaine alcançaria um potencial de faturamento de 10 milhões de dólares, segundo as contas da empresa.

"Essas empresas estão vendendo ilegalmente xampus com minoxidil, uma vez que não possuem registro no Ministério da Saúde", diz o gerente da Divisão Farmacêutica da Rhodia, Farid Cheid, que afirma que os produtos, segundo exames feitos pela Rhodia, não contêm as concentrações adequadas da substância. "Quem faz nossos produtos é um farmacêutico com mais de 30 anos de carreira e até agora só temos bons resultados", defende-se Luiz Mezavilla, proprietário da Prati Kit, uma pequena empresa que está vendendo xampus contra calvície à base de minoxidil para todo o Brasil. Um frasco com o produto mais um xampu e uma loção custam Cz$ 13,7 mil.

Polpudo — Até agora, só a Prati Kit tem, nesse polpudo mercado de carecas, cerca de 50 mil clientes. "E a cada dia cresce mais o número de pedidos", diz Mezavilla, ele mesmo um dos usuários de seus xampus. O empresário admite que o comércio que vem fazendo com seu *kit* anticalvície é ilegal, mas garante que obterá o registro de seu produto na Dimed (Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde) dentro de pouco tempo.

Pouco se sabe a respeito da ação do minoxidil no couro cabeludo. Pesquisas e análises realizadas até agora atestam sua eficiência contra a queda, dos cabelos, e o seu fortalecimento em alguns tipos de calvície, como as causadas pela seborréia, mas os pesquisadores ainda não descobriram o mecanismo pelo qual a substância atua. "Pode ser que, como o minoxidil relaxa os vasos sanguíneos e melhora a circulação, facilite a saída dos fios de cabelo", diz Farid Chedid. Ele diz que o Regaine seria indicado apenas para 30% dos 4 milhões de carecas.

Nem mesmo José Queiroz da Costa, farmacêutico responsável pela botica Ao Veado de Ouro — centenária farmácia de manipulação paulistana que vem preparando loções à base de minoxidil há dois anos — é capaz de explicar com clareza sobre quais pontos causadores da calvície age a substância. "Ainda não se sabe o que ela provoca, talvez essa molécula química fortaleça a raiz dos cabelos, fazendo-o crescer", diz o farmacêutico, formado há 12 anos. No Ao Veado de Ouro, chegam todos os dias pelo menos 11 pedidos de calvos aflitos em busca do milagre do minoxidil — como o mineiro Túlio Landi, de 47 anos, que começou a perder cabelo aos 16. "Vi pelos jornais a notícia do minoxidil e decidi apostar", ele conta. "Se não der certo, farei um implante". E garante não estar preocupado com a calvície, mas sim incomodado com o fato de não poder fazer mais seu penteado preferido.

Se até agora não se sabe de que forma age o minoxidil, pouca coisa também se conhece a respeito de suas contra-indicações. Por enquanto, acredita-se apenas que a substância poderia provocar queda de pressão em pessoas de couro cabeludo mais sensível. "Mas isso não passa de especulação", diz José Queiroz da Costa, do Ao Veado de Ouro.

Cabeças famosas esperam ansiosas por novos pêlos

28/11/84 Valdir Peres — 02/07/82 Eduardo Suplicy

29/12/85 George Gazalle

28/01/88 Raul Cortez

A eficácia do minoxidil na manutenção e no fortalecimento dos poucos fios de cabelo que ainda restam nos sócios do enorme clube dos carecas caiu como uma luva — ou peruca — nas cabeças mais peladas do mundo. Ansiosos, alguns aguardam a oportunidade de conhecer os seus mais peludos efeitos, como o paulistano Jairo Liguor, de 34 anos, já em seu terceiro vidro de loção anticalvície à base de minoxidil, feito no Ao Veado de Ouro, em São Paulo. "Já fiz de tudo, mas este remédio é o único que está dando resultado", diz satisfeito.

Não tão aflito e preocupado com sua condição como o jovem Liguor, o ator Raul Cortez, uma das mais conhecidas calvas do país, é mais precavido. "Nunca usei nada, porque minha calvície nunca me incomodou, mas se essa substância for realmente eficaz e séria, talvez eu use", admite o ator de 56 anos, que, por causa desconhecida, começou a perder seus cabelos quando tinha 23.

Já o professor e ex-deputado Eduardo Suplicy, candidato do PT ao governo de São Paulo em 1986, e atualmente disputando uma cadeira na Câmara Municipal, prefere produtos naturais como antídoto contra uma acentuada queda de cabelos que vem sofrendo desde 1978, quando decidiu entrar para a vida política. "Não conheço esse tal de minoxidil, mas se não fosse tóxico ou químico, seria interessante testar *pra* ver no que ia dar", comenta Suplicy, um naturalista e esportista convicto que não dispensa pelo menos uma corrida por dia no arborizado Parque Ibirapuera, em São Paulo.

O goleiro Valdir Peres, entretanto, mesmo sendo aconselhado pelos médicos da Portuguesa de Desportos, seu clube atual, a usar produtos à base de minoxidil, pretende continuar cultivando sua careca, uma característica que, segundo ele, jamais lhe trouxe qualquer complexo. "Já ouvi o pessoal dizer que esses remédios são bons, mas não me interessei porque convivo bem com minha careca", diz o goleiro da seleção brasileira na Copa da Espanha, em 1982, de 37 anos, que começou a ver seus cabelos caírem quando tinha apenas 25. "Mas isto não me incomodou", afirma. "Sou feliz assim mesmo."

O empresário paulista George Gazalle, mais conhecido por sua amizade com o ex-presidente João Figueiredo do que por suas atividades profissionais, já usuário incondicional do Regaine, do Upjohn, que consegue através de amigos ou em suas viagens ao exterior. "Não tive receio de usar o Regaine e já nasceram alguns fios de cabelo desde que comecei a usar, há uns seis meses", diz Gazalle, que todos os dias cumpre o ritual de passar pelo menos duas vezes o seu tônico capilar. (C.P.)

Embrapa introduz biotecnologia em lavouras indígenas

Sizenando

Dois mil e quinhentos índios Bororo e Xavante de 19 aldeias do Mato Grosso serão os primeiros brasileiros a receber as sementes do milho BR-451 criado nos laboratórios do Centro Nacional de Milho e Sorgo, da Embrapa, em Sete Lagoas (MG). O alto valor nutritivo da espécie vai melhorar o regime alimentar das tribos que começa a indicar escassez de proteínas por causa da rarefação da caça e da pesca. Foram os índios que pediram, através da Funai, a ajuda da Embrapa.

Por trás de um projeto aparentemente inatacável, há uma questão complexa. Os Xavante e os Bororo cultivam sete variedades de milho, há centenas de anos. Se abandonarem os cultivos tradicionais pelo BR-451, estarão agravando o processo mundial de concentração da produção agrícola em sementes geneticamente produzidas, que induz ao desaparecimento da diversidade natural das espécies. A biotecnologia produz alimentos mais ricos a curto prazo, mas os seus produtos não têm a mesma longevidade das espécies tradicionais e são mais vulneráveis a pragas e doenças.

"O milho utilizado pelos índios é pobre em proteínas, tem baixa quantidade de lisina e triptofona (aminoácidos). O BR-451 tem um valor protéico equivalente a 80% do leite e 12% maior que o do ovo e produz o dobro do milho normal. Ele vai melhorar a dieta dos índios, principalmente dos velhos e das crianças", afirma Sidnei Neto Parentoni, o técnico da Embrapa que desenvolveu o BR-451. A nova espécie, salienta Parentoni, não é um híbrido, o que permite a utilização das sementes para o replantio.

O projeto de produção do BR-451 teve início há 14 anos no Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo (Cimit), no México, e, em 1958, foi adaptado às condições brasileiras. Foram realizados testes de produtividade em seis locais no país - Sete Lagoas (MG), Goiânia (GO), Nova Prata (RS), Londrina (PR) e Sergipe - que comprovaram o dobro do rendimento do milho comum - cerca de 5 mil 200 grãos por hectare.

"Não creio que o milho BR-451 venha a modificar o modo de vida dos índios" - afirma Parentoni - "e concordo que não se deve interferir, mas eles não estavam conseguindo encontrar caça nem pesca e estavam ficando sem proteínas".

A antropóloga Silvia Caiuby Novaes, do Departamento de Antropologia da USP, que estuda os Bororo há 18 anos, confirma que a caça e a pesca estão escasseando na região, dado o assédio de caçadores e pescadores ilegais e a própria diminuição das terras ocupadas pelos índios.

O milho é, desde tempos imemoriais, o principal composto alimentar dos índios, que o usam em bolos, mingaus, farinhas, sopas e fubás. Há vários rituais com o cereal. Na primeira colheita do ano, em dezembro, uma espiga de cada roça é reservada ao *Bari*, o Xamã da tribo, que *benze* e invoca a proteção dos espíritos para o grupo. São cultivadas as variedades branca, amarela, alaranjada, vermelha, preta, roxa e uma alaranjada listrada de vermelho.

Riscos — Um dos mais dramáticos exemplos dos riscos do abandono da diversidade dos cultivares é a fome da batata, na Irlanda. Os ingleses introduziram na ilha apenas uma espécie da costa do Caribe, plantada em toda a Europa Setentrional. O aparecimento de uma doença que devastou os cultivos uniformes foi apenas uma questão de tempo. Em 1840, os irlandeses perderam subitamente sua principal fonte de alimentação: dois milhões de pessoas morreram de fome e outros dois milhões emigraram.

O economista canadense Pat Roy Mooney, autor de *O Escândalo das Sementes* (Editora Nobel, 1987) recolheu dezenas de exemplos das consequências adversas do abandono dos cultivos tradicionais - o processo conhecido como *erosão genética*. Desde a década de 50, com o início da *Revolução Verde*, a criação de espécies superprodutivas nos laboratórios virou matéria de economia política.

Grandes empresas multinacionais produzem, hoje, adubos, agrotóxicos e sementes. Nos últimos 25 anos, 900 empresas que atuavam no ramo das sementes em todo o mundo foram compradas por grupos poderosos da indústria química. No Brasil, já operam sete empresas estrangeiras ou associadas ao capital estrangeiro no mercado sementeiro. A maior delas, a Cargill, americana, controla 25% do mercado de sementes e milho híbrido no Brasil. Em 19 países, os laboratórios contam com legislação que lhes permite cobrar *royalties* a quem quer que produza com suas sementes. E no caso das variedades híbridas, as sementes não servem para replantio: os agricultores estão obrigados a comprá-las a cada ano.

A uniformização das lavouras acarreta a perda do material selecionado naturalmente durante várias gerações pela agricultura de uma região. Como pode acontecer com os Bororo e os Xavante em Mato Grosso. E para debelar pragas e doenças, os cientistas só têm um caminho: recorrer às variedades existentes na natureza, capazes de resistirem a elas. A *erosão genética* ameaça privar de matéria-prima os próprios criadores de espécies.

Participaram: Ricardo Arnt (Rio de Janeiro), Antônio José (Belém) e Verner Uhlmann (Brasília).

A riqueza natural ameaçada

"Cuidado com a introdução de agricultura genética em comunidades indígenas", recomenda o etnobotânico William Balée, do New York Botanical Garden, há seis anos pesquisador do Museu Paraense Emilio Goeldi, em Belém. "As novas tecnologias podem ser benéficas aos índios, mas o importante é que as espécies introduzidas não substituam as tradicionais. A priori, não haveria prejuízo, mas grandes problemas poderão surgir com o desaparecimento das *raças da terra* - as espécies cultivadas tradicionalmente que não se reproduzem em condições experimentais", alerta.

"A maioria das pessoas, no mundo todo, depende de 20 espécies de plantas na sua dieta. É crucial conservar a diversidade genética das *raças da terra*. É extremamente importante que o Cenargem (Centro Nacional de Recursos Genéticos e Biotecnologia) tenha devidamente conservadas todas as espécies cultivadas por todas as tribos indígenas brasileiras", recomenda, enfaticamente, o cientista americano.

A razão é simples. As novas tecnologias agrícolas não demonstraram se têm a longevidade que as tecnologias indígenas apresentam pelo simples fato de existirem há milhares de anos. "Os povos que as utilizam sobrevivem até hoje e de modo geral não passam fome", observa Balée.

Segundo o pesquisador, não há dúvida de que existe uma riqueza genética indeterminável nas roças, capoeiras e capoeirões dos índios brasileiros. "Nós não conhecemos as tecnologias deles. A meu ver, temos que entender o mundo dos indígenas antes de tentar mudá-lo".

Existem apenas dois bancos de genes para conservar a enorme diversidade natural de espécies encontradas no Brasil, possivelmente a maior do mundo. O Cenargem, em Brasília, armazena as sementes, e o Centro Nacional de Milho e Sorgo, em Sete Lagoas, multiplica e distribui sementes frescas após a coleta em diversos pontos do país. "Somos uma espécie de Banco Central de genes", diz Jairo Silva, o chefe do Cenargem.

O Centro possui 35 mil amostras conservadas no seu banco - uma câmara semelhante a um cofre onde as sementes são hermeticamente fechadas em pequenas latas sob uma temperatura de 18º negativos. O mais importante na conservação das sementes é o baixo teor de umidade. "Normalmente, é de 5% a 8%", explica Silva."

O banco de genes mais seguro é a natureza. Preservado artificialmente, o tesouro das sementes está exposto a faltas de luz, incêndios e cortes de orçamento. Jairo Silva, porém, não teme acidentes: "Se faltar luz, um gerador a óleo é automaticamente ligado". O chefe do Cenargem acha que as ameaças à conservação do patrimônio genético no Brasil são os baixos salários, as limitações na formação de recursos humanos e a instabilidade das políticas orçamentárias.

Pinochet faz balanço dos 15 anos de regime militar

SANTIAGO — A viúva do presidente Salvador Allende, Hortensia Bussi, deverá retornar ao Chile no próximo sábado, dia 17, anunciou o dirigente socialista Ricardo Nunez, enquanto o general Pinochet se preparava para entregar ao povo chileno o último balanço de seu regime, que completa hoje 15 anos.

Fontes próximas ao governo indicaram que Pinochet vai anunciar alguns benefícios salariais e reafirmará seus conceitos sobre a *nova democracia* no Chile se vencer o plebiscito. Versões extra-oficiais afirmam que o general poderá referir-se também a uma reforma constitucional para dar maior flexibilidade à Carta promulgada pelos militares em 1981, que tornou ilegal o Partido Comunista e outras correntes marxistas.

Partidários do regime planejavam reunir-se hoje pela manhã na alameda Bernardo O'Higgins para respaldar a candidatura de Pinochet. A alameda fica em frente ao edifício Diego Portales, onde será realizada a cerimônia. Os partidos de oposição agrupados em torno da Campanha pelo *não* devem realizar grandes manifestações de protesto no bairro operário de La Bandera, no subúrbio de Santiago.

Durante entrevista coletiva na cidade de Chillan, a 400km ao sul de Santiago, Ricardo Nunez afirmou que Hortensia Allende embarcará no dia 17 em Buenos Aires rumo a Santiago, "onde será recepcionada com uma grande manifestação". Segundo Nunez, líder da facção moderada do Partido Socialista, a viúva de Allende "trará ao Chile uma mensagem de unidade e está disposta a desempenhar um papel simbólico, mas muito efetivo, para que os chilenos reencontrem a paz, justiça e entendimento".

A oposição prepara grandes manifestações de protesto para hoje, na tentativa de esvaziar o pronunciamento do general Pinochet, que será o único orador da cerimônia oficial de comemoração de 15 anos de regime autoritário. Observadores políticos afirmaram que seu discurso conterá "importantes anúncios", porque será a última oportunidade para Pinochet fazer um balanço de seu regime, com vistas ao plebiscito de 5 de outubro. Em caso de vitória do *sim*, o general fica no poder até 1997. Se o *não* sair vitorioso das urnas, deverão ser convocadas eleições gerais para o ano que vem.

Uma romaria de milhares de pessoas deverá comparecer ao cemitério Santa Inês, em Vina del Mar, a 100km a oeste de Santiago, onde está enterrado o presidente Salvador Allende.

O jornal de oposição *La Época* afirmou ontem que Clodomiro Almeyda, ex-chanceler socialista do governo Allende, será libertado esta semana com outros presos políticos que não estejam implicados em atentados políticos.

Isabel não guarda rancor

Isabel, filha do presidente Salvador Allende, disse que não tem nenhum rancor do general Augusto Pinochet, que há 15 anos liderou o golpe militar que matou seu pai.

"Nunca disse que o odiava porque o ódio não leva a lugar nenhum", disse ela aos jornalistas. "Tudo o que sinto é desprezo, quando não existe respeito aos direitos humanos", acrescentou.

Socióloga, Isabel Allende deixou o Chile junto com a mãe e as duas irmãs dois dias depois da queda do governo socialista de seu pai. No dia 2 de setembro, quando o governo militar autorizou a volta dos exilados, ela retornou para casa.

Nesta primeira entrevista à imprensa, Isabel Allende se mostrou disposta a lutar pela reconciliação do povo chileno e pelo restabelecimento da democracia. "Para nós, o importante é recuperar a democracia, reconciliar uma sociedade, inventar uma sociedade nova, um povo novo, um país diferente", afirmou ela.

Pensando no futuro, a filha de Allende disse desejar que a oposição seja vitoriosa no plebiscito. "Esperamos que haja um sólido *não* que signifique o princípio das negociações e o começo de uma transição democrática", disse. Sobre a possibilidade de o plebiscito não ser *limpo*, Isabel afirmou, "isso dependerá muito da organização interna" da oposição, que deverá ter observadores nos locais de votação e que fará uma contagem paralela dos votos.

Ela alertou também que será necessário observar, nas semanas que restam até o plebiscito, "o nível de liberdade de expressão e de liberdade de reunião" que as autoridades vão permitir. "Até agora tudo tem sido muito limitado", concluiu.

Muita emoção no aeroporto

A lenta procissão de exilados que retornam ao Chile desde 2 de setembro transformou o aeroporto de Santiago num lugar de confraternização de muitas famílias. Crianças que viram seus parentes apenas em fotografias agora podem conhecê-los em carne e osso.

Algumas chegadas, como a do ex-ministro da Economia da Unidade Popular, Pedro Vuskovic, foram discretas. Ele chegou num avião que aterrisou tarde da noite e não havia nenhuma manifestação ruidosa à espera.

Hernán del Canto, ministro do Interior de Allende, teve uma recepção festiva. Havia centenas de pessoas no aeroporto, com bandeiras vermelhas e faixas de boas-vindas. De repente, o ambiente de confraternização foi quebrado pela presença de dezenas de jovens que apóiam o general Pinochet. "Eles merecem o exílio", gritaram os jovens, mas acabaram indo embora porque a provocação não teVe resposta.

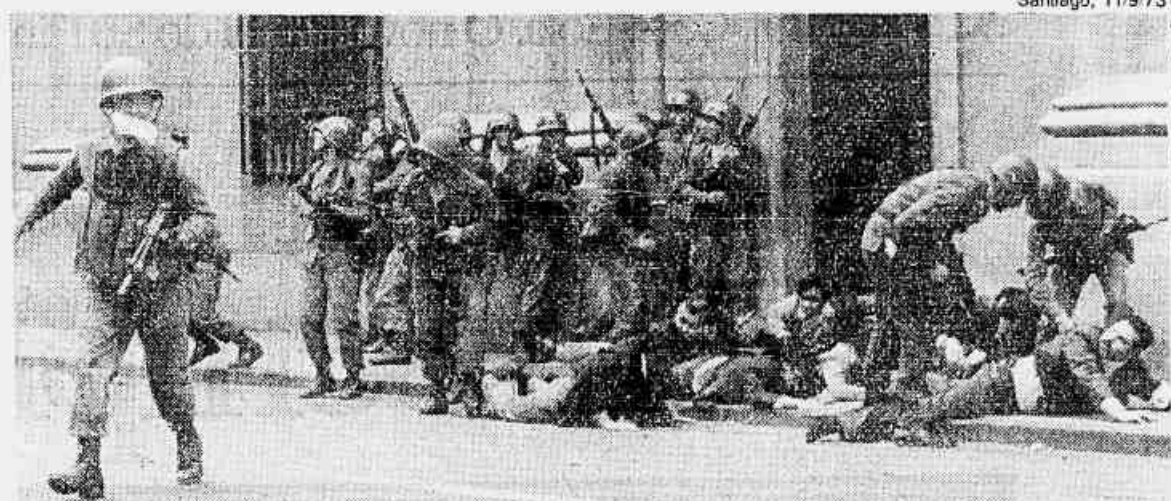
Quando os alto-falantes do aeroporto informaram sobre a chegada do avião que trazia Hernán del Canto, o nervosismo aumentou e todos procuravam enxergar através de portas que dão no salão de desembarque. Um policial aproximou-se e pediu que um advogado fosse levado até a sala da alfândega. Especulações. Alguém lembrou que Hernán tinha um processo pendente, tendo sido condenado à revelia em 1975.

A mãe de Hernán, uma mulher humilde de mais de 70 anos, não conseguia falar. Estava pálida. A angústia fez com que duas lágrimas silenciosas escorressem por seu rosto. "Não se preocupe. Eles vão deixá-lo entrar", disse alguém a ela. Momentos depois, Hernán aparecia. Todos explodiram em gritos: "Vai acabar, vai acabar, vai acabar a ditadura militar." Todos queriam abraçar o exilado que voltava.

Santiago — AFP

Del Canto: fim do exílio

A alegria cedeu lugar ao medo, quando agentes de polícia exigiram que Hernán del Canto se apresentasse ao tribunal para regularizar sua situação. A polícia fez concessão, dizendo que ele poderia ir num dos carros que foram esperá-lo. "A detenção foi calculada. É uma manobra do governo para amendrontar os que estão voltando", comentou com amargura Germán Correa, porta--voz do Partido Socialista.

A verificação foi excessivamente rápida para um país onde o arbítrio é regra há 15 anos. Mas Hernán del Canto conseguiu finalmente sua liberdade incondicional horas depois.

Santiago, 11/9/73

Militares golpistas prendem partidários de Allende no palácio La Moneda

O golpe que modificou a face do país

Terça-feira, 11 de setembro de 1973. Havia um céu azul e claro sobre Santiago. Às 7h, as pessoas já estavam na rua a caminho do trabalho, mas começava também o golpe militar mais violento da América Latina. Em 48 horas de fogo cerrado, os militares pulverizaram o governo socialista do presidente Salvador Allende Gossens, deixando, como se soube depois, mais de 2 mil 600 mortos e desaparecidos por todo o país.

"Tencha, a situação é grave. A Marinha se sublevou", disse Allende à mulher, Hortênsia, num telefonema do Palácio de La Moneda, sede do governo, para sua casa, no nº 200 da rua Tomás Moro, no bairro de Las Condes.

O presidente Allende saiu de casa às 7h em seu Fiat, mas, no meio do caminho até o palácio, teve que trocar o carro por um tanque do Corpo de Carabineiros por razões de segurança. O levante começara a partir da base naval de Valparaíso, que era comandada pelo almirante Toribio Merino, um dos quatro chefes militares que formariam a junta do general Augusto Pinochet.

Pouco depois da 8h, o presidente faria sua última aparição em público. Com capacete, casaco esporte branco, sem gravata, ele acenou para os poucos que ainda estavam na Plaza de la Constitución, já cercada por tanques Sherman e soldados rebeldes.

"Não vou renunciar. Pagarei com a minha vida a liberdade do povo. Tenho certeza de que meu sacrifício não será em vão. Este é o meu testamento político." Foram estas as últimas palavras de Allende, com a voz cansada, que vararam o Chile pela rádio comunista Magallanes. Era quase meio-dia.

Allende já tinha recebido vários ultimatos para se render. Seu interlocutor era o próprio general Pinochet, que prometeu ao presidente um salvo-conduto para toda sua família e um avião para abandonar o país. "Não negocio com traidores", teria dito Allende, num dos telefonemas.

Passava do meio-dia quando dois jatos Hawker Hunter da Força Aérea picaram sucessivamente sobre La Moneda, lançando toneladas de bombas. Aos jatos, seguiu-se o fogo de tanques, bazucas, morteiros e metralhadoras. La Moneda pegava fogo. Ao todo, 27 pessoas que estavam dentro do palácio renderam-se. Menos Allende.

Salvador Allende

Minutos depois da 14h, os militares golpistas invadiram o palácio. No mastro de metal derretido, ainda tremulavam pedaços da bandeira do Chile. O corpo do presidente foi encontrado no 2º andar, caído ao lado de um divã. Allende tinha levado vários tiros e jazia numa poça de sangue. Tempos depois, sua mulher, Hortensia, negou que ele teria se suicidado e disse que foi morto pelos militares.

Às 18h30min, o corpo de Allende foi retirado de La Moneda, embrulhado por um poncho boliviano surrado. No dia seguinte, o presidente foi enterrado no jazigo da família, em Viña del Mar. Sua mulher não pôde vê-lo e nem certificar-se se era mesmo o marido que estava ali dentro. O caixão estava soldado.

Naquele dia do golpe, o Estadio Nacional, com capacidade para 70 mil pessoas, estava enfeitado de cartazes, anunciando os Jogos Panamericanos de 1975. Aquele estádio escuro da Avenida Grecia, no bairro de Numoa, já abrigava cerca de 5 mil prisioneiros políticos. Eram os primeiros entre dezenas de milhares que pagariam por seu apoio ao primeiro governo socialista eleito pacificamente na América Latina, e que durou 1010 dias.

O emblema nacional do Chile lembrava: "Pela razão ou pela força". Naquele dia, a razão perdeu. A força prevaleceu. Até hoje.

Trem de alta velocidade acelera negócios na Europa

Sílvio Ferraz
Correspondente

PARIS — Uma reunião na hora do almoço, no centro de Genebra, e um jantar em Bruxelas - a capital política do Mercado Comum Europeu - seriam aparentemente dramas para a secretária de um executivo francês que não dispusesse de um Lear Jet ao alcance da mão. Engano. Hoje, sem correr riscos de congestionamentos nos aeroportos, sobretudo no inverno e nos períodos de férias, seu chefe pode atender a estes compromissos sem se meter em apuros e com a certeza de estar fazendo um excelente negócio para sua empresa. Afinal, as passagens nos maravilhosos trens de alta velocidade franceses, conhecidos por suas iniciais TGV, representam quase sempre menos da metade de um bilhete aéreo.

A rede de TGVs em funcionamento e a que será construída até 1993 são fundamentais para a integração econômica, social e política dos parceiros europeus nesta enorme comunidade que abolirá suas fronteiras tarifárias dentro de quatro anos. Os governantes sabem disso. Parlamentares idem. Por isso mesmo, não tem havido qualquer problema para a votação de verbas e mais verbas para a construção dessa imensa rede que unirá pontos extremos, formando uma teia de quase 30 mil quilômetros. E registre-se: toda ela cruzada por trens correndo entre 250 e 300 km/h.

Desde o primeiro apito, há 150 anos, o trem não conhecia uma revolução tão excepcional. Hoje, o setor ferroviário já é apontado como um ramo industrial gerador de tecnologia de ponta. Enquanto os franceses gabam-se, com justa razão, de seu sistema de alta velocidade e lutam para tê-lo como padrão tecnológico mundial, os alemães investem bilhões de dólares em outro supertrem - o ICE (Inter City Experimental) - e os japoneses tentam dar o pulo do gato depois de criarem o famoso *trem bala*, que desenvolve 200 km/h. Contrária à maioria dos investimentos estatais conhecidos no Brasil, a implantação da rede de alta velocidade francesa começou a gerar lucros 5 anos depois de sua construção. "Investimos US$ 2,5 bilhões em 1981 e 5 anos mais tarde já tínhamos nos ressarcido, com U$ 166 milhões de lucro", afirmou Louis Le Cor, porta-voz da ferrovia estatal francesa, ao JORNAL DO BRASIL.

O fascínio do trem está presente em qualquer latitude ou longitude. Da epopéia da conquista do Oeste americano aos romances policiais, o trem sempre foi visto como um símbolo a ser cultuado. Tanto é assim que uma empresa japonesa, que neste ano comemora o seu centenário, decidiu que a melhor maneira de fazê-lo é arrendar o legendário Expresso do Oriente para uma não menos épica viagem Paris-Tóquio. Preço da passagem: US$ 20 mil, incluído um pequeno trecho aéreo. Já na Europa de hoje, o TGV está incorporado ao cotidiano do homem de negócios. Uma viagem Paris- Genebra levará apenas 2h28 e custará um pouco menos de US$ 50. "O trem é imbatível em distâncias de menos de 600 quilômetros", garante Le Cor. Mesmo assim, quando a pressa não viaja na mala, o trem é imbatível como meio de transporte para os europeus. Frankfurt estará a 4h45 de Londres, em vez das 14 horas atuais; Milão a sete horas de Bruxelas, ao invés de 12; e Barcelona a 11 horas de Amsterdã, em vez de 16 horas.

Divulgação

O TGV francês poderá ser a vedete da malha ferroviária européia

As linhas da integração

Ari Aragão

Os trens nestes trechos correrão a uma velocidade entre 250 e 300 quilômetros por hora

A concorrência do século XX

Nem mesmo o empreiteiro Sebastião Camargo, sentado confortavelmente sobre seu bilhão de dólares, deixa de se coçar, inquieto, diante das notícias que lhe chegam de capitais européias, dando conta das grandes obras projetadas pelo governo espanhol para modernizar suas linhas férreas, dotando-as com os TGV. Mesmo sabendo que esta será uma luta entre os titãs do Primeiro Mundo, qualquer empreiteiro que se preze deve estar acompanhando seus lances com emoção. Não é para menos: o primeiro-ministro Felipe González já anunciou a disposição de seu governo de investir nos próximos três anos a fabulosa quantia US$ 10 bilhões para a primeira etapa do projeto. A segunda estapa consumirá outros tantos. "É o contrato do século", afirmou, excitado, um especialista. De fato, o dinheiro não ficará concentrado nas empreiteiras. Os lucros dessa operação gigantesca serão distribuídos entre indústrias de equipamentos, de ferramentas, siderúrgicas, bancos, companhias de seguros e intermediários.

De outro lado - talvez o mais importante dele, a escolha espanhola pela tecnologia ferroviária de alta velocidade consagrará a liderança mundial neste setor. Caso a escolha recaia, como é provável, sobre a Alsthom - a fabricante do TGV francês - isso representará o reconhecimento de sua supremacia e pioneirismo, ao mesmo tempo em que lhe abrirá as portas para outros promissores mercados mundiais. No momento, trava-se nos subterrâneos do mundo dos negócios uma verdadeira briga de foice no escuro. Todos querem vender sua tecnologia para os espanhóis: franceses, alemães, japoneses, italianos e até mesmo tcheco-eslovacos. Assim, as conversas diplomáticas não poderiam passar ao largo da *concorrência do século* e não há governante que não dedique um bom tempo de seu diálogo com o primeiro-ministro espanhol para exaltar a excelência da tecnologia de seu país.

O vencedor terá como prêmio a construção de 24 ramais de grande velocidade e o fornecimento de 75 locomotivas que cruzarão a Espanha a 300 quilômetros horários. Além disso,o vencedor estará automaticamente credenciado para vencer a segunda etapa do contrato multibilionário. Os franceses apostam pesado na conquista do mercado espanhol. Afinal, seu TGV está completando sete anos de bons servicos, enquanto alemães e japoneses, principalmente, estão ainda exibindo protótipos do que poderão ser os TGV espanhóis. (S.F.)

Faraós da nova engenharia

Túnel sob a Mancha vai ligar Calais a Dover até 1993

Em Sangatte, a 10 quilômetros de Calais - na parte onde o Canal da Mancha mais se estreita e a França fica mais próxima da Inglaterra - nada menos que 2 mil engenheiros e técnicos se revezam 24 horas por dia para construir a obra do século: o túnel ligando a Grã-Bretanha ao continente europeu, previsto para estar concluído impreterivelmente no dia 15 de maio de 1993.

O empreendimento, considerado um dos mais ousados do mundo, está mobilizando cerca de 4000 operários e gerando outros 3000 empregos indiretos. Só as instalações do Eurotúnel - empresa binacional encarregada da construção - estão espalhadas por 700 hectares em território francês - o equivalente a um aeroporto de grande porte. O Túnel é um dos maiores canteiros de obras do mundo, explica Gerald Vidal, responsável pela obra e que, anteriormente, se ocupava da construção de centrais nucleares espalhadas pela Europa.

O Túnel - e é com maiúscula que a imprensa francesa a ele se refere - não é apenas o maior desafio da engenharia moderna. É, sobretudo, um obra política capaz de ligar a Inglaterra fisicamente à Comunicade Econômica Européia um ano após a unificação da Europa. Por ele circularão em grande velocidade - entre 250 e 300 quilômetros horários - os famosos TGV (Trens de Grande Velocidade), carregando passageiros, carga, carros e caminhões.

Se o projeto financeiramente vai bem e não faltam recursos para tocar as obras, no aspecto técnico as autoridades francesas e inglesas se preocupam. A gigantesca broca capaz de abrir um buraco de 10 metros de diâmetro numa velocidade de um metro por hora e com uma precisão de centímetros não se comportou como esperavam os engenheiros. O resultado é que este mês, quando deveriam estar comemorando o primeiro quilômetro perfurado, foram obrigados a adiar a abertura da champanha: o túnel está com apenas 200 metros.

No início toda grande obra é assim, procuram minimizar os responsáveis pelo Eurotúnel. Talvez seja. Mas o fato é que a importância política de que se reveste esta obra a torna especialmente vulnerável a atrasos e imprevistos. Dispondo de uma verba de 27 bilhões de francos - algo em torno de 5 bilhões de dólares -, aos quais se juntarão outros tantos para equipamento de sinalização, locomotivas, vagões e construção de estações nos dois lados -, o Eurotúnel por tudo é o símbolo da engenharia européia dos anos da integração. Mesmo assim, os japoneses através da Mitsubishi não deixam de participar com 25% do empreendimento e são responsáveis também por grande parte da tarefa de perfuração, especialistas que são do ramo.

A fé dos ingleses e franceses - como dos demais europeus - é tanta que as margens do Canal da Mancha de um lado e de outro já começam a mudar de configuração. Capitalistas ingleses e franceses estão comprando terras, procurando desde já reservar seus pedaços naquele que será o corredor industrial mais importante do próximo século. (S.F.)

Uma guerra bilionária em cima dos trilhos

A França, aproveitando sua situação geográfica e seu pioneirismo no campo da alta velocidade ferroviária, tem a vocação assegurada de *corredor da Europa*, com tudo o que isso traz de bom. Por isso mesmo, o governo francês não hesita em investir pesado para construir 2 mil novos quilômetros de linhas de alta velocidade, que por sua vez irriga-rão outros 6 mil quilômetros. Os alemães investem pesado também e pretendem ter prontos, dentro de 5 anos, 4 mil 500 quilômetros de linhas de alta velocidade, onde esperam ver correr seu ICE a 400 km/h. Os italianos estão preparando o berço para seu *Alta Velocita*, que descerá de Veneza até Nápoles. Os austríacos, com aspiracões mais modestas, pretendem ligar Viena a Salzburg e Graz. E a Espanha é um caso à parte. Sua disposição de correr contra o tempo em busca da modernidade faz com que o primeiro-ministro Felipe González seja um dos mais entusiasmados defensores dos investimentos ferroviários. Tanto que já reservou para os três próximos anos nada menos que US$ 10 bilhões.

Diante desse cenário promissor para negócios, os gigantes dos setores ferroviário e financeiro estão esgrimindo com maestria para ver quem leva a maior fatia do bolo europeu. O primeiro *round* será travado na Espanha. Os franceses, capitaneados pela Alsthom, lançam sobre a mesa a confiabilidade e o pioneirismo de seu TGV. Alemães, representados por um consórcio liderado pela Thyssen, depositam suas esperancas no ICE. E os japoneses querem revolucionar o transporte ferroviário contando com a ajuda dos últimos avanços em supercondutividade. Seus trens deslizariam sobre um tapete magnético. Tanto alemães como japoneses já conseguiram êxitos expressivos em seus testes. O ICE já voou a 412 km/h na estrada experimental. E os japoneses rejubilam-se de já terem batido o recorde francês, estabelecido por um TGV em 1981: 300 km/h. Mas, para eles, a glória comeca a partir dos 1.000 km/h. Seu ponto fraco ainda está no fato de que as bobinas têm que ser resfriadas com helio líquido a 230 graus negativos. É, evidentemente, um obstáculo considerável para a engenharia japonesa.

O trem alemão chega a ser dotado de salas de reunião para executivos em viagem na primeira classe ou creches para viagens mais longas. O novo TGV francês é equipado com 22 computadores e sua cabine de comando tem muito mais a ver com um Airbus do que com um trem. Seu maquinista poderá ver com antecipação contratempos na linha e tomar providências, enquanto seus passageiros poderão mandar por computador ou FAX mensagens e documentos através de satélites para qualquer parte do mundo. (S.F.)

Papa condena 'apartheid' como racismo da desigualdade

HARARE, Zimbabwe — Ao iniciar um giro por cinco países da África austral, o Papa João Paulo II condenou o regime sul-africano de *apartheid* como visão racista da desigualdade humana. O papa desembarcou às 14h45min no aeroporto de Harare, a capital do Zimbabwe, e foi recebido pelo presidente socialista Robert Mugabe, embora sua visita não seja oficial. Esta é a quarta viagem de João Paulo II à África e ele deverá visitar também Botswana, Lesoto, Suazilândia e Moçambique.

Durante a viagem de nove horas até Harare, o papa conversou com alguns dos 70 jornalistas que o acompanham, um dos quais lhe perguntou se concordava com a opinião do arcebispo anglicano Desmond Tutu, de que a violência anti-*apartheid* se justificava como resposta à violência do Estado. João Paulo II respondeu que não, dizendo que a Igreja sempre buscou soluções humanas por meios morais. Outro repórter lhe perguntou se pediria a libertação do líder nacionalista negro sul-africano Nelson Mandela e João Paulo II disse que esse era seu desejo. "Tenho grande admiração por ele, por sua firmeza, e rezo todos os dias por sua libertação". Referindo-se ao *apartheid*, o papa disse que era uma "visão racista da desigualdade humana" e não podia continuar.

Após uma breve cerimônia no aeroporto, João Paulo II e Mugabe assistiram a uma série de danças tradicionais. Posteriormente, o presidente do Zimbabwe recebeu o papa para uma entrevista a sós no palácio do governo, e à noite presidiram o encerramento da Conferência Inter-regional de Bispos Católicos da África Austral, que durante seis dias se reuniram em Harare. Hoje, o papa reza uma missa no hipódromo de Borrowdale, na periferia da capital, que deve ser o ponto alto de sua visita, e amanhã visitará a segunda cidade do país, Balmayo, a 450 quilômetros no sudoeste de Hararé. Terça-feira de manhã, o papa segue viagem para Gaborone, capital de Botswana.

Segundo o Vaticano, todas as mensagens na África terão por base os direitos humanos. A Igreja considera a pobreza e a ausência de oportunidades econômicas como violações de direitos humanos tão graves quanto a opressão política. O papa não irá à África do Sul, mas cerca de um milhão de sul-africanos irão a Lesotho para vê-lo. Neste país, um dos mais pobres do mundo, a viagem do papa estaria sendo financiada por doações sul-africanas.

Harare, Zimbabwe — Reuters

O grupo de música folclórica deu boas-vindas ao papa

Bangladesh à beira da catástrofe

Sanitaristas temem epidemias quando as águas baixarem

Dacca, Bangladesh — AFP

Refugiados aguardam socorro em escola inundada

DACCA, Bangladesh — Especialistas em saúde esperam a ocorrência de uma catástrofe assim que começarem a baixar significativamente, dentro de uma a duas semanas, as águas das inundações que cobrem três quartas partes de Bangladesh. Cólera, distúrbios respiratórios, disenteria e outras doenças intestinais podem se generalizar depois que as águas escoarem, impedindo o tráfego de barcos, mas ainda não permitindo a movimentação de veículos por terra.

Já foram registrados quase 120 mil casos de diarréia, mas as autoridades sanitárias de Bangladesh afirmam que a situação ainda está sob controle. Visitando locais isolados do interior e centros de refugiados em Dacca, constata-se casos de distúrbios intestinais, mas ainda não se configura a epidemia que muitos especialistas e autoridades receiam.

"Mesmo sem graves problemas, para a maioria da população a vida não é fácil — por muitos motivos", diz o Dr Roger Eeckels, diretor do Centro Internacional de Pesquisas de Doenças Diarréicas. "Há muitas pessoas bem-treinadas aqui, mas, apesar disso, a saúde é algo extremamente precário. Quando acontece uma coisa assim, um tipo de vida dificilmente aceitável transforma-se em catástrofe. O momento crítico é quando as águas baixam e as pessoas simplesmente não têm um posto de saúde."

Subnutrição — Com um consumo médio diário de 1 mil 700 calorias, bem abaixo dos níveis mínimos admitidos internacionalmente, muitos dos 110 milhões de habitantes de Bangladesh vivem sob risco de sérios problemas de saúde. As doenças intestinais são comuns nesta época do ano, quando geralmente ocorrem inundações e as pessoas estão enfraquecidas pela falta de alimentação.

"No ano passado, a inundação foi muito menor do que esta e, mesmo assim, tivemos 2 milhões de casos de distúrbios estomacais", diz o Dr A. K. Siddique, colega do Dr Eeckels e especialista em epidemias.

A mais temida de todas as doenças intestinais é o cólera, infecção fatal, se não for tratada rapidamente. "Em epidemias de cólera, crianças e velhos, que são os mais vulneráveis, têm apenas 10 horas, entre o início da diarréia e a morte", diz o Dr Siddique. A doença simplesmente suga todos os fluidos do corpo, provocando o coma e depois a morte. Apesar da rapidez do ataque, o tratamento, se começado a tempo, também é rápido.

Cobras — Com as estradas intransitáveis, entretanto, muitas vítimas não terão socorro médico. O Ministério da Saúde, segundo informa uma autoridade, está pondo em campo 80 unidades sanitárias móveis na área da capital, que continua metade sob água. Mas são menos definidos os planos para o interior, onde estradas e pontes destruídas dificultam a passagem, mesmo depois que as águas baixarem.

O medo do futuro torna-se evidente nos apinhados e fétidos centros de refugiados da capital. Mais de 5 mil pessoas se amontoam num colégio feminino, a menos de um quilômetro do edifício do secretariado presidencial. As águas já escorreram, mas o pátio, a única privada do edifício, está recoberto de uma massa mal-cheirosa de lama verde, um perfeito caldo de cultura para as doenças.

Além das doenças e da fome — no colégio feminino, em nove dias, houve apenas duas entregas de alimentos: meio quilo de arroz num dia e um pouco de mingau no outro — há também o perigo das cobras venenosas, que, como as pessoas, procuram lugares seguros durante as inundações. Não há estatísticas seguras sobre casos de picadas de cobras, mas há alguns dias, no distrito de Tongail, das 40 mortes registradas, 18 foram provocadas por cobras. Num abrigo a 20km de Dacca, cercado pelas águas, os camponeses disseram ter matado "muitas" cobras em sua *ilha* de 10mx60m.

Greve geral — A Confederação Geral do Trabalho (CGT) confirmou a convocação de outra greve geral de 24 horas na Argentina, a partir da meia-noite de hoje, em repúdio à batalha da Praça de Maio, sexta-feira, onde 105 pessoas ficaram feridas. O ministro do Interior, Enrique Nosiglia, telefonou ao meio-dia de ontem ao secretário-geral da organização, Saul Ubaldini, mas não conseguiu demovê-lo. Ubaldini disse que a violência oficial era "pior que a do general Pinochet". Mas a adesão à greve não é total. Para Armando Cavalieri, presidente da Federação dos Empregados do Comércio, ela só aumentará a "convulsão social".

Guerrilheiros — O Exército da Colômbia matou pelo menos 30 guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias desde o início dos confrontos, há duas semanas, na região ao norte do estado de Cordova. Os guerrilheiros aprisionaram cerca de 22 soldados e policiais durante os ataques à aldeia de Saiza. O governo colombiano se negou a negociar com os guerrilheiros a libertação dos militares porque considera que eles foram sequestrados.

Birmânia — As autoridades birmanesas decidiram instaurar o multipartidarismo no país, após 26 anos de regime de partido único imposto pelo governo socialista. A decisão foi tomada numa reunião do Partido do Programa Socialista Birmanês, durante a qual seu comitê central analisou a possibilidade de se organizar eleições gerais sem convocar antes um referendo sobre o assunto. Líderes de oposição definiram o projeto do referendo como uma "manobra protelatória" do presidente birmanês Maung Maung.

Barcelona — AP

Show — O cantor e compositor britânico, Sting (E), e o astro americano de *rock*, Bruce Springsteen, chegaram à Espanha, onde participam de mais um concerto internacional em defesa dos direitos humanos no mundo. Eles cantam hoje no Estádio de Nou, em Barcelona, para um público de cerca de 90 mil pessoas. A turnê musical foi organizada pela Anistia Internacional por ocasião do 40º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos.

Bush impõe regras mas debate na televisão favorece Dukakis

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Debate presidencial é jogo duro, que pode definir a eleição americana. Mas, nesse jogo político, a partida começa a ser disputada muito antes, numa preliminar em que se enfrentam os organizadores das duas campanhas para resolver quantos e como serão os debates. Na atual temporada, George Bush está dando de goleada nessa preliminar, pois já conseguiu impor praticamente todas suas vontades, a começar pelo total de dois debates e pela não limitação de temas em cada um.

Mas, é Michael Dukakis quem vai entrar em campo como o grande favorito da partida principal. Ele e seus assessores se sentem tão certos da vitória que insistiam num maior número de debates - pelo menos quatro - e queriam que o jogo começasse realmente o mais rápido possível e terminasse somente pouco antes da eleição.

A preliminar dos debates vem se arrastando há mais de um mês, com os republicanos sempre na retranca. No começo, os democratas iam para o ataque pedindo que se definissem logo as regras, enquanto o próprio Bush respondia que só mais tarde mandaria seus assessores negociarem. Para os republicanos, jogar na retranca não significa fraqueza, embora fique evidente que eles temem a *performance* de Bush, capaz de confundir até a data do histórico ataque a Pearl Harbor pelos japoneses, que levou os Estados Unidos à Segunda Guerra Mundial, em 1941.

Cartão de Natal - De olho nos debates , os assessores de Dukakis ficaram exultantes, quando na quarta-feira Bush se confundiu e perguntou quantos americanos se lembravam que num 7 de setembro como aquele, há 40 anos, os japoneses atacavam Pearl Harbor. Logo depois, ele mesmo se corrigiu, lembrando que a data certa era 7 de dezembro.

Na campanha de Dukakis, começaram logo as piadas. Dayton Duncan,um dos assessores do candidato democrata, disse aos jornalistas que estava pensando em mandar um cartão de Natal para Bush no próximo dia 25, pois, de repente, ele comemoraria a data natalina agora em setembro. A gafe foi vista como um exemplo da falta de articulação de Bush, na primeira vez em que não seguiu o texto de seu discurso.

O professor e autor de vários livros sobre o processo eleitoral americano, Sandy Maisel, do Coby College, em Maine , observa que não é a primeira vez em que um dos candidatos a presidente está muito mais interessado nos debates do que o outro. Isso tem se repetido a cada eleição, desde que em 1960 os debates entraram definitivamente no cenário político americano, com a estrondosa vitória de John Kennedy, que deu notória goleada em Richard Nixon diante das câmeras.

O mais interessante é que, pela observação de Maisel, o candidato favorito, que entra em campo com pinta de campeão, acaba perdendo. Foi assim com Carter, em 1980, que queria enfrentar Reagan em sete ou oito debates.

Bush impôs também que os debates sejam de temas livres , em vez de o primeiro ser limitado à política externa, como queria seu rival. Mas essa preliminar ainda não terminou.Seguem as negociações para saber a duração e a forma dos debates.Bush quer 90 minutos de debate se for um grupo de jornalistas entrevistando os dois candidatos ao mesmo tempo. Ou 60 minutos , se apenas um moderador fizer as perguntas e um candidato perguntando ao outro.

Entre as vitórias mais importantes que Bush já conseguiu na preliminar dos debates, uma foi não arriscar um confronto muito perto da data da eleição (8 de novembro). O primeiro debate será no dia 25 e o segundo no dia 13 ou 14 de outubro, dependendo de a rede de televisão ABC e uma das ligas de futebol americano concordarem em mudar o horário de um jogo.

O período imposto por Bush, aliás, coincide tanto com o período dos jogos mais importantes do campeonato americano de futebol, quanto das Olimpíadas de Seul. Foi muito difícil para a equipe de Dukakis marcar um dos debates no dia 25, data em que os eventos Olímpicos não são tão importantes. Mesmo assim, a NBC parece mais disposta a resistir aos apelos e transmitir o debate em videoteipe mais tarde, em vez de tirar do ar os atletas de Seul para mostrar o jogo político de Dukakis e Bush.

AFP — Washington, 3/12/86

AFP — Los Angeles, 8/06/88

Bush(E) e Dukakis debaterão no período das Olimpíadas

Aulas de sadomasoquismo

Prostitutas na Alemanha agora dão seminários

Luc Rosenzweig
Le Monde

BONN — A profissão mais antiga do mundo está em crise na Alemanha Ocidental: uma após a outra, estão fechando as célebres *casas exclusivas* da Reeperbahn, em Hamburgo, substituídas por centros de lazer perfeitamente honestos, para jovens executivos. O medo do mal do século, a Aids, fez muito mais pela moralidade pública do que milhares de sermões de púlpito.

Para tentar sobreviver, nestes tampos de vacas magras, certas prostitutas de Hamburgo, especializadas na clientela sadomasoquista, tiveram a idéia de vender não só o próprio corpo, mas sua experiência e *savoir-faire*. Estão organizando "seminários de introdução às técnicas de dominação". Para homens e mulheres. Estas aulas especialíssimas são oferecidas em anúncios classificados nos jornais da cidade. Pelo equivalente a 600 dólares, qualquer dona-de-casa pode trocar seu avental ou seu *tailleur* Chanel pelo sutiã de couro negro e as botas com tacos esporados, ou o rolo de pastel pelo chicote. *O seminário* dura três dias.

A se dar crédito à revista *Tempo*, que matriculou uma de suas jornalistas no curso, o sucesso é grande. São numerosas as mulheres comuns que se apresentam, dispostas a aprender a satisfazer as fantasias mais secretas de seus maridos. Tudo redunda, afinal, em benefício para o lar: uma vez amortecido o investimento inicial, o chefe de família deixará de jogar dinheiro pela janela e achará certamente mais econômico ser chicoteado entre as quatro paredes do domicílio conjugal.

Aliedo

Casal exige US$ 100 milhões da clínica que trocou seu bebê

BALTIMORE, EUA — Parece novela de TV, mas é verdade. O casal Ernest e Regina Twigg, da Pensilvânia, está exigindo na Justiça 100 milhões de dólares de um hospital da Flórida, pela troca — aparentemente criminosa — de seu bebê nascido há nove anos. Mais real ainda é o duplo sentimento de perda: Arlena, a menina *errada* que criaram com sacrifício , ao lado de sete outros filhos, morreu no dia 23 de agosto, após uma operação cardíaca.

O caso está nas mãos de Marvin Ellin, advogado de Baltimore — celebrizado em uma série de ações envolvendo um delito sério nos Estados Unidos: *medical malpractire*, erro médico. Ele disse ao *Baltimore Sun* que dispõe de elementos suficientes para pedir ao FBI que investigue o paradeiro da filha biológica do casal — entregue logo após o nascimento a uma das duas outras gestantes então internas no Hardee Memorial Hospital em Wauchula, Flórida.

Nasceram então três crianças: Arlena, com insuficiência cardíaca congênita, um menino e outra menina , cuja mãe anunciou a uma das enfermeiras que pretende entregá-la a pais adotivos. Os indícios são claros e numerosos. Uma criança doente não seria aceita para adoção. O peso e as especificações médicas do atestado de nascimento de Arlene foram alterados. Regina Twigg, professora aposentada, hoje com 45 anos , reparou que a recém-nascida não parecia com seus outros filhos, e chegou mesmo a desconfiar que o bracelete de identificação do bebê havia sido trocado.

Arquivo AP Aliedo

Arlena, 9, morreu do coração

Mas as preocupações do casal logo tiveram de se voltar para a saúde da criança. No momento do nascimento, sua saúde foi declarada perfeita: três dias depois, quando a mãe ia deixar o hospital, um dos médicos comunicou-lhe o problema cardíaco, e queria operá-la imediatamente. Hesitantes, os pais autorizaram a primeira intervenção seis dias depois. Arlene cresceu frágil, ombros vergados, joelhos inchados, unhas e lábios azulados. Sucederam-se tratamentos e intervenções menores.

Uma nova operação foi marcada para agosto, quando o casal já se havia mudado da Flórida para a Pensilvânia. O receio de contaminação com Aids e a necessidade de escolher doadores levou à constatação surpreendente: Arlena tinha o sangue de tipo B positivo, o que parecia impossível, dado que ambos os pais têm sangue do tipo O. Era este o tipo que constava do certificado hospitalar de nascimento.

A comprovação final do que a ação judicial agora chama de "fraude e negligência" veio depois de entregue o caso a Ellin: um teste supersofisticado que compara as proteínas das células de pais e filhos, determinando as *impressões digitais* genéticas de cada um, positivou definitivamente que Arlena não era filha dos Twigg.

A menina morreu dias depois da operação. "Estamos arrasados. Nossas vidas se transformaram num pesadelo", chora Regina. Enquanto o advogado se preocupa em assegurar que no hospital da Flórida não sejam destruídos os registros — capazes de comprovar a fraude e ajudar a encontrar a outra menina —, o casal enfrenta agora o dilema de decidir se, encontrando-a, tentará reavê-la judicialmente dos pais adotivos.

"Meu amor por Arlena será sempre o mesmo", diz Regina. "Mas também estamos traumatizados com a perda da outra. Ninguém mais tem direito a ela. Quero pelo menos que ela saiba que não a perdemos, que a amamos. Fico me perguntando como é que alguém pode ter feito uma coisa tão cruel."

Eisenhower, o modelo de George Bush

Jack Nelson
Los Angeles Times

O vice-presidente George Bush anunciou o modelo de governo que pretende seguir se for eleito para ocupar a Casa Branca a partir de 20 de janeiro de 1989. Ele pretende adotar o estilo político de Dwight Eisenhower, comandante da invasão aliada da Normandia na Segunda Guerra e presidente dos Estados Unidos entre 1952 e 1960.

"Acho que ele tinha uma firmeza de caráter, um compromisso inabalável com a integridade e a honra e teve um período de governo relativamente tranqüilo porque não enfrentou problemas difíceis. Não foi o período mais traumático de nossa história", afirmou Bush em entrevista recente ao Los Angeles Times quando lhe perguntaram sobre seu modelo de presidência.

A referência a Eisenhower projeta alguma luz sobre as dúvidas mais importantes na mente do eleitor americano que pretende votar em novembro (nos EUA vota quem quer): Como Bush cuidaria da presidência ? Que tipo de liderança e estilo administrativo ele adotaria na chefia do Executivo ? O que isso poderia significar para o país ?

Alguns ex-assessores afirmam que - ao contrário de Ronald Reagan, por exemplo, que fez carreira como representante da ideologia conservadora - a vida de Bush é marcada pela ausência de um compromisso profundo com questões específicas ou políticas governamentais.

Bush-o-alto-funcionário-do- governo e Bush-o-político têm estilos de ação bem diferentes. Como funcionário, a escolha de Eisenhower como modelo realmente reflete o estilo de liderança e administração que marcou a performance de Bush em toda sua carreira. Como representante na ONU, emissário à China, diretor da CIA e vice-presidente, Bush se cercou de assessores competentes, foi moderado e pragmático, não se prendeu a argumentos ideológicos, não correu riscos e nem buscou confrontação.

David Keene, estrategista político que trabalhou para Bush na campanha presidencial de 80, afirma que o vice-presidente é um produto da tradição republicana de governo da Nova Inglaterra: "Ele é mais virado para o processo de governar do que para os objetivos que pretende alcançar, sempre preocupado em convocar os melhores talentos para lidar com os problemas". O ponto forte desse estilo é a competência, diagnostica Keene, mas o ponto fraco pode ser a falta de propósitos e de direção.

"Eu lembro da primeira vez que estive com Bush em 1978. Eu perguntei quais as duas ou três prioridades que ele tinha em mente e ele respondeu: 'Apenas conseguir as melhores pessoas que puder para trabalhar no governo'. Eu disse que achava fantástico mas precisava saber o que elas deviam fazer e ele não tinha a menor idéia".

Na entrevista ao Los Angeles Times, Bush afirmou que, como Eisenhower, seu objetivo era atrair pessoas talentosas e encarregar-se "apenas da direção filosófica do governo".

Esse credo à la Eisenhower, no entanto, difere bastante do estilo adotado até agora por Bush. Na busca de seus objetivos políticos, Bush se tornou um vigoroso defensor da ideologia conservadora. Como político, ele assumiu riscos que procurou evitar como funcionário do governo: escolheu o jovem e desconhecido senador Dan Quayle para companheiro de chapa sem recorrer a seus experientes assessores políticos, por exemplo. Além disso — ao contrário de Eisenhower, que não alimentava inimizades com rivais — sempre revelou preferência por um tipo de campanha política conhecido nos Estados Unidos como negative campaigning: ressaltar os pontos negativos do adversário.

25/2/1960

Eisenhower "tinha firmeza de caráter", elogia Bush

'Tainha' e mais oito morrem em madrugada violenta no Rio

Nove pessoas morreram assassinadas na madrugada de ontem no Grande Rio, entre elas o traficante Sebastião Correia dos Santos, o *Tainha*, do Morro da Providência, e seu lugar-tenente, Luís Garcia, o *Neném*. Os dois trocaram tiros com PMs da Companhia Independente de Operações Especiais-CIOE, após ferir com um tiro de raspão no braço, um PM do serviço reservado do 4º Batalhão.

Outras sete pessoas foram mortas por desonhecidos, na madrugada de ontem, no Rio e na Baixada. Um era funcionário da Prefeitura e candidato a vereador em Nova Iguaçu que, com outras duas vítimas, foi surpreendido por três homens encapuzados num bar em Queimados; dois foram executados dentro do cemitério de Olinda (Nilópolis) e dois, irmãos e trabalhadores, foram assassinados nas proximidades da residência, na Vila dos Pinheiros (Nova Iguaçu).

Tainha — Sebastião Correia dos Santos, o *Tainha*, 51, traficante que durante a década de 70 imperou no Morro da Providência e aparecia com destaque nos noticiários do jornais, e seu lugar-tenente, Luís Garcia, o *Neném*, além de levarem diversos tiros, ainda despencaram de um despenhadeiro de uns 100 metros, indo cair no pátio de estacionamento da empresa de ônibus São Silvestre, na Rua da América, junto à central do Brasil.

Os PMs prenderam ainda Agrício Pereira de Almeida, 53, e Agenor da Silva Rocha Neto, 24, que acusaram de ser integrantes do bando de *Tainha*. Foram apreendidos cinco quilos de maconha, pequena quantidade de cocaína, um pó branco não identificado e que seria para ser usado na mistura com a droga, balança de precisão, papel vegetal e grampeadores, encontrados, segundo os policiais, escondido perto do local em que ambos foram encontrados. Os dois negaram envolvimento com o tráfico. Além deles foi preso o jovem Roberto Soares de Moura Filho, 18, com quem encontraram dois papelotes de cocaína e uma trouxinha e maconha. Roberto foi autuado como viciado.

Na versão apresentada pelos PMs, êles foram chamados em auxílio aos colegas do 4º Batalhão. Uma patrulinha desse batalhão teria sido alvejada por um grupo de homens armados que fugiu para o alto do Morro da Providência. Mais soldados do batalhão foram para o local, houve troca de tiros e o PM José Carlos Machado foi ferido de raspão no braço.

Tainha, que já foi o homem forte do Morro da Providência, depois de longo tempo na cadeia teria sido beneficiado com a liberdade condicional. No retorno ao Morro encontrou outro líder, Edson Sarandy, o *Play-Boy*, que teria concordado em ceder um pedaço do *território* para ser explorado pelo velho traficante.

Encapuzados — Três homens encapuzados invadiram o bar da Rua São Roque, 134, no bairro São Roque, em Queimados, distrito de Nova Igua- çu, no final da noite de sexta-feira e mataram com mais de 20 tiros, o funcionário da Prefeitura e candidato a vereador em Nova Iguaçu, Pedro Coelho Mendes, 41, Vagner Jupiara Fagundes, 37 e Joel da Silva, 42, que estavam na sua companhia, e feriram também, Jorge Santana, 38 e Jorge Félix Cardoso, 39, que faziam parte do grupo de amigos.

Em Nilópolis, policiais da 57ª Delegacia estão investigando o assassinato, ontem de madrugada, de dois homens encontrados dentro do cemitério de Olinda. O primeiro, cabelos ruivos, aparentando 18 anos, foi encontrado sobre a sepultura 1339 do cemitério de Olinda, em Nilópolis. O outro, a uns dois metros de distância, junto ao muro do cemitério, tinha um tiro no queixo. O detetive Santos que fez as primeiras investigações e solicitou a perícia para o local, não tem dúvida de que ambos foram executados ali mesmo. Em torno dos dois cadáveres havia muito sangue e nada indicava que tivessem sido arrastados para lá.

Na Vila dos Pinheiros os irmãos operários Vanderlei dos Santos, 22, e Carlos Alberto dos Santos, 18, residentes no conjunto residencial Vila dos Pinheiros, em Bonsucesso, foram assassinados a tiros por desconhecidos nas proximidades de sua casa. Na noite de sexta-feira eles haviam participado de uma partida de futebol.

Jorge Silva

Três foram projetados para fora e um ficou preso no carro, içado por bombeiros

Carro desgovernado cai de 15m na Niemeyer e mata pagodeiros

O motorista Carlos André Pelegrino Rodrigues, 22, e os passageiros Vágner de Lima Pinto, 30, e Josias Jorge Oliveira da Silva, 22, morreram no acidente com a *pick-up* Saveiro vermelha JT-6857 que descia em alta velocidade a Avenida Niemeyer em direção ao Leblon, ontem de madrugada, e desgovernou-se, transpondo a mureta de concreto à margem da pista para se projetar no mar de uma altura de 15 metros. O quarto ocupante do carro, Luís Cláudio de Azevedo Bessa, 22, com fraturas múltiplas, foi internado no Hospital Miguel Couto e tem poucas possibilidades de sobreviver.

Os quatro formavam um grupo de pagode e iam de Jacarepaguá para animar a festa de um amigo na Zona Sul, levando dois cavaquinhos, um surdo de marcação e outros instrumentos musicais. O motorista Carlos André, que tinha uma carteira do Departamento Musical da escola de samba Império Serrano, foi retirado morto da cabine do carro por bombeiros da Gávea e Copacabana. Vágner, Josias e Luís Cláudio foram lançados para fora do veículo com a sucessão de impactos nas pedras. A Saveiro ficou completamente destruída à beira d'água, com as rodas para cima.

Luís Cláudio foi levado, agonizante, para o hospital e policiais do 23º BPM interditaram a Avenida Niemeyer nos dois sentidos até que os corpos dos outros três sambistas fossem removidos para o necrotério do Instituto Médico-Legal, no Centro. Durante a interdição, um Fiat creme sem placas, que pertenceria à Receita Federal ou ao DPF e cujo motorista não foi identificado pelos policiais da 15ª DP (Gávea), bateu na mureta de proteção e sofreu avarias na parte lateral direita.

Pistoleiros matam três em bairro operário

SÃO PAULO — Três rapazes foram mortos a tiros e três moças feridas por um grupo não identificado, sexta-feira à noite, no bairro operário de São Miguel Paulista, Zona Leste, perto de um descampado freqüentado por casais de namorados e fumantes de maconha. A polícia desconfia da história apresentada por uma das moças, Dilsa de Jesus, de 18 anos, que estaria escondendo alguma coisa. Dilsa contou que os casais estavam namorando quando apareceram três desconhecidos, um branco, um moreno e outro que não soube descrever, que obrigaram todos a se deitar no chão, exceto ela, que ficou de pé, e passaram a atirar.

Os mortos são Antônio José da Cruz Júnior, 18, Vanderlei Sales, 21, e Ivelto Neto da Cunha, 26. Foram feridas a tiros Maria José Hilária Guimarães, 21, internada no Hospital Municipal do Tatuapé, e M. J. B. S., 16, que esta em observação médica no Hospital Municipal de São Miguel Paulista. Dilsa foi ferida com uma coronhada de revólver na cabeça e desmaiou, segundo seu relato.

Dilsa de Jesus prestou depoimento no 22º Distrito Policial, em São Miguel, e será chamada a dar esclarecimentos no Departamento de Homicídios, onde verá fotografias de assaltantes para tentar identificar os criminosos. A polícia suspeita de vingança ou alguma rixa como motivo da chacina, mas não afasta a hipótese de que tenha sido praticada pelos chamados *justiceiros*, grupos de pistoleiros que agem nos bairros periféricos da capital paulista e em municípios vizinhos.

Policiais são presos em SP por assassinato

SÃO PAULO — Acusados de espancar até a morte um suspeito de roubo, quatro policiais rodoviários foram presos e autuados na 1º DP e levados ao Presídio Militar Romão Gomes. Os soldados Antônio Nogueira de Carvalho, 32, Arnaldo Zampieri Canguçu, 29, Antônio Carlos Socorro, 29, e Ecidirff Aparecido de Almeida, 30, disseram que ouviram gritos dos ocupantes de um carro na Avenida do Estado, Centro velho da capital, na noite de sexta-feira, e passaram a perseguir o suposto ladrão, que na corrida bateu com a cabeça na carroceria de um caminhão e caiu.

O rapaz com aparência de 20 anos e que se chamaria Carlos da Silva morreu enquanto era medicado na Santa Casa. Apresentava escoriações pelo corpo e hematomas no rosto, o que levou o delegado Hércules Crespi Filho a suspeitar de espancamento Carlos teria arrancado o cordão do pescoço da mulher que estava no carro parado em um sinal, mas os policiais, que voltavam de uma solenidade no Batalhão de Polícia Rodoviária e se vestiam à paisana, não localizaram a suposta vítima do roubo nem anotaram a placa do carro.

É o segundo caso de violência policial em uma semana. No último domingo, PMs balearam nas costas o estudante Sérgio Isnard Khair, 20, que fazia cooper no canteiro central da Avenida Faria Lima, Zona Sul da capital paulista. Sérgio continua internado, em estado grave. Os soldados alegaram que o disparo foi acidental. Há menos de um mês, o PM Vágner Luís da Silva feriu a tiro outro estudante, Edilson Tomas Amaral Cardoso, também de 20 anos, que pulou o muro da escola, na Zona Sul, porque chegara atrasado para as aulas e o portão estava fechado.

Candidato do PDS acusado de roubar caminhão

BELO HORIZONTE — A polícia prendeu quatro integrantes de uma quadrilha de roubo de caminhões que apontaram um candidato a vereador pelo PDS nesta capital, Milton Teixeira, o *Teixeirinha*, como um dos seus chefes. Os policiais informaram que ele responde a vários processos por estelionato e está foragido. Os presos são o despachante José Tarcísio Pereira, o motorista de táxi Romildo de Siqueira, o eletricista José Ovídio de Oliveira e José Natércio Lage, que seria o outro líder da quadrilha.

Eles são acusados do roubo de cinco caminhões em Minas Gerais, vendidos por Cz$ 3 milhões cada no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia. O delegado Valdomiro Pascoal acredita que descobrirá outros roubos com a prisão de *Teixeirinha*. Ele contou que Romildo roubava os caminhões e os entregava a Natércio para escondê-los numa granja na região metropolitana. Tarcísio arranjava documentos falsos para os veículos e Ovídio adulterava os números de chassis e fazia os consertos necessários. O candidato a vereador pelo PDS fazia o trabalho final: encarregava-se das vendas.

Os caminhões identificados pela Delegacia de Roubos e Furtos são de propriedade da Concreto Construtora (placa CL-3208), da Transdelta (GT-1545), de Sílvio Cristo Moreira (JI-9577), de Sérgio Alves (HG-5220) e de Helio Geraldo Siqueira (CS-0791), todos de Belo Horizonte. Os cinco veículos roubados são Mercedes Benz e o único localizado pela polícia até agora é o da Concreto Construtora.

Tempo

Rio e Niterói

Claro, passando a nublado, com nevoeiros isolados pela manhã. Possível instabilidade a partir da tarde. Visibilidade boa, ocasionalmente moderada. Ventos do quadrante Norte, fracos a moderados com rajadas ocasionais. Temperatura em ligeira elevação. Máxima e mínima de ontem: 31.5° em Santa Cruz e 14.2° no Alto da Boa Vista.

O SOL

Nascente 05h54min — Ocaso: 17h45min

Marés

Preamar:
01h41min/1.3
14h19min/1.3
Baixa-mar:
08h39min/0.0
20h47min/0.2

■ A frente fria que aparece no litoral Sul causando nebulosidade e chuvas isoladas em algumas áreas deve deslocar-se para o oceano. A temperatura irá declinar com a penetração da massa fria ainda no interior da Argentina. Esse sistema frontal poderá no decorrer da semana influenciar o litoral do Sudeste causando aumento de nebulosidade. Nas demais regiões apenas algumas áreas do Norte e litoral do Nordeste poderão ter chuvas ocasionais.

Nos Estados

	Condições	Máx.	Mín.
PA:	Pte. nubl	—	22.6
RR:	Pte. nubl	33.2	24.0
AP:	Pte. nubl	—	24.1
AM:	Pte. nubl	34.0	24.1
RO:	Pte. nubl	33.5	21.2
AC:	Pte. nubl	—	—
SE:	Pte. nubl	26.0	18.8
CE:	Pte. nubl	30.1	21.5
PB:	Pte. nubl	—	—
AL:	Pte. nubl	25.9	18.5
RN:	Pte. nubl	28.6	20.1
PE:	Pte. nubl	27.0	19.8
BA:	Pte. nubl	25.9	20.5
MA:	Pte. nubl	—	23.6
PI:	Pte. nubl	—	—
DF:	Claro	28.2	15.4
MS:	Claro	35.4	21.8
MT:	Claro	38.0	20.6
GO:	Claro	33.2	14.6
MG:	Claro	30.2	17.4
SP:	Claro	31.3	13.6
ES:	Claro	27.9	18.7
PR:	Encoberto	29.7	10.2
SC:	Encoberto	22.8	16.4
RS:	Encoberto	24.1	15.1

A Lua

Minguante Até 10/09
Nova 11/09
Crescente 19/09
Cheia Até 25/09

No mundo

	Condições	Máx.	Mín.
Amsterdã	claro	20	11
Atenas	nublado	28	16
Berlim	claro	20	8
Bogotá	chuvoso	16	6
Bruxelas	claro	22	5
Budapeste	claro	27	10
Buenos Aires	claro	25	13
Caracas	nublado	26	17
Chicago	nublado	33	22
Cairo	claro	33	23
Genebra	claro	21	8
Jerusalém	claro	27	17
Lima	nublado	17	12
Lisboa	nublado	36	23
Londres	claro	21	13
Los Angeles	nublado	27	18
Madri	claro	30	[illegible]
México	claro	25	12
Miami	nublado	31	25
Montevidéu	claro	19	8
Montreal	nublado	21	10
Moscou	nublado	12	4
Nova Iorque	nublado	27	19
Oslo	claro	21	10
Paris	nublado	35	16
Roma	claro	28	15
Santiago	claro	18	1
Seul	nublado	30	19
Sydney	nublado	22	12
Tóquio	claro	29	21
Toronto	nublado	[illegible]	7
Viena	claro	25	10
Varsóvia	nublado	19	10

Presos da 'Falange' suspendem sua greve

Acabou ontem a greve de fome dos presos pertencentes à *Falange Vermelha*, depois de cinco dias de jejum. A exigência dos grevistas de que a liderança da organização fosse retirada do presídio de segurança máxima de Bangu não foi atendida pela direção do Departamento do Sistema Penitenciário (Desipe), e a decisão de suspender a greve foi tomada pelos presos da galeria um do presídio de Bangú, liderados por Rogério Lengruber, o *Bagulhão*,que enviaram carta as outras unidades do sistema, considerando o movimento "inadequado".

Dos cinco presídios que adediram no todo ou em parte a greve de fome convocada pela liderança da Falange Vermelha, apenas o Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande, ainda não suspendeu o movimento. É que devido as dificuldades de comunicação o anúncio do fim da greve foi feito pelas próprias autoridades e os presos costumam não acreditar esperando checar a notícia com um mensageiro de confiança.

Com intenção de retirar do presídio de Bangú I a cúpula da Falange Vermelha e transferi-la para outra unidade do Desipe de onde possam controlar mais facilmente a massa carcerária, a greve contou com a adesão de 1.780 presos e foi planejada com a antecedência necessárias para que os presos de melhor sorte tivessem tempo de estocar comida. Nos presídios Hélio Gomes, no Complexo da Frei Caneca, e Ari Franco, em Água Santa, a estratégia de fazer greve sem passar fome acabou não dando certo: na noite de terça para quarta-feira uma revista geral retirou dos cubículos a comida estocada, fazendo com que a greve fosse para valer. No Hélio Gomes 11 dos 920 grevistas foram atendidos em hospitais e 100 chegaram a pedir comida, enquanto no Ari Franco 180 dos 300 integrantes da Falange furaram a greve ontem.

Com o fim da greve as visitas serão reestabelecidas e os presos grevistas começam se alimentando de comidas pastosas para reacostumar o organismo a ingestão de sólidos. A aceitação da reivindicação da liderança da Falange de ser transferida de Bagú 1, não será examinada tão cedo pela direção do Desipe.Segundo o diretor do Departamento, Oswaldo Deleuse Raimundo, "Não pretendemos sepultar a liderança da Falange em Bangú, que é um estabelecimento de segurança máxima, onde depois de seis meses de internos os presos tem sua situação e comportamentos avaliados para se decidir ou não pela transferência. Acontece que até hoje a lidernaça da Falange não tem dado mostras de merecimento para ser transferida".

Oswaldo Deleuse Raimundo afirmou que não considera a greve um movimento fracassado. "Tenho muito receio que os detentos se sintam humilhados e frustados por não ter sido aceita a exigência da cúpula da Falange. Prefiro creditar o fim do movimento à volta do bom senso as lideranças, que em carta admitiram ser o movimento inadequado e prefiriram voltar ao diálogo, e a uma percepção da massa carcerária de que estão sendo manipulados", disse o diretor do Desipe.

A íntegra da carta da cúpula da Falange suspendendo a greve de fome não foi divulgada pelo Desipe, que informou apenas que ela estava assinada por Rogério Lengruber que, numa primeira tentativa de divulga-la no sistema penitenciário, tentou fazer de portador um médico que foi chamado para atender a presos na galeria B do presídio de Bangú. Diante da negativa do médico de se envolver na questão a cúpula fez circular a carta através de funcionários do próprio Desipe.

Obituário

Rio de Janeiro

Eunice Antunes, 83, de acidente vascular encefálico, em sua residência em Copacabana. Matogrossensse, solteira.

João Valladares do Pazo, 73, de insuficiência respiratória aguda, na Casa de Saude Santa Teresinha. Carioca, aposentado, casado com Purificacion Gonzalez Gamallo. Tinha dois filhos. Morava na Tijuca.

Antonieta Vianello Hallage, 85, de insuficiência cardio-respiratória, na Casa Maternal São Cristovão. Brasileira, viuva de Raphael Hallage.

José Piña Rodrigues, 91, de pneumonia, em sua residência em Copacabana. Espanhol, aposentado, casado com Ida Rodrigues.

Romilda Seraphim Curuba Canedo, 88, de arritmia cardíaca, em Niterói. Carioca, viúva, residia em Copacabana.

Maria de Lourdes Martins de Lucena, 76, de insuficiência renal no Hospital Samaritano. Carioca, viúva de Alvaro Pereira de Lucena. Tinha dois filhos. Morava no Cachambi.

Dora Magdalena Lopes, 66, de choque septico e pneumonia, no Prontocor da Tijuca. Carioca, casada com Antônio Carlos de Sá Lopes. Tinha dois filhos. Morava em Vila Isabel.

Sebastião Teixeira, 66, de insuficiência cardíaca; na Casa de Saúde e Maternidade de Nossa Senhora da Penha. Capixaba, era viúvo de Maria da Silva Teixeira. Tinha oito filhos. Morava na Mangueira.

Washington Alves da Cruz, 55, de infarto do miocárdio, em sua residência em Honório Gurgel. Carioca, comerciário, era casado com Maria Astrogilda de Oliveira. Tinha um filho.

Marina Pamplona Penfold, 89, de acidente vascular cerebral, no Hospital Naval Marcílio Dias. Viúva, tinha dois filhos. Morava na Tijuca.

Cecília de Paiva Câmara, 82, de infarto do miocárdio, em sua residência na Tijuca. Natural do Rio Grande do Norte. Solteira.

Geralda do Nascimento, 69, de parada cardiorespiratória, na Santa Casa de Misericordia. Carioca. Solteira. Morava em Sampaio.

Isolina Cândido Honorato, 59, de infarto do miocarido, em sua residência no Caju. Casada. Tinha dois filhos.

'Tainha' e mais oito morrem em madrugada violenta no Rio

Nove pessoas morreram assassinadas na madrugada de ontem no Grande Rio, entre elas o traficante Sebastião Correia dos Santos, o *Tainha*, do Morro da Providência, e seu lugar-tenente, Luís Garcia, o *Neném*. Os dois trocaram tiros com PMs da Companhia Independente de Operações Especiais-CIOE, após ferir com um tiro de raspão no braço, um PM do serviço reservado do 4º Batalhão.

Outras sete pessoas foram mortas por desonhecidos, na madrugada de ontem, no Rio e na Baixada. Um era funcionário da Prefeitura e candidato a vereador em Nova Iguaçu que, com outras duas vítimas, foi surpreendido por três homens encapuzados num bar em Queimados; dois foram executados dentro do cemitério de Olinda (Nilópolis) e dois, irmãos e trabalhadores, foram assassinados nas proximidades da residência, na Vila dos Pinheiros (Nova Iguaçu).

Tainha — Sebastião Correia dos Santos, o *Tainha*, 51, traficante que durante a década de 70 imperou no Morro da Providência e aparecia com destaque nos noticiários do jornais, e seu lugar-tenente, Luís Garcia, o *Neném*, além de levarem diversos tiros, ainda despencaram de um despenhadeiro de uns 100 metros, indo cair no pátio de estacionamento da empresa de ônibus São Silvestre, na Rua da América, junto à central do Brasil.

Os PMs prenderam ainda Agrício Pereira de Almeida, 53, e Agenor da Silva Rocha Neto, 24, que acusaram de ser integrantes do bando de *Tainha*. Foram apreendidos cinco quilos de maconha, pequena quantidade de cocaína, um pó branco não identificado e que seria para ser usado na mistura com a droga, balança de precisão, papel vegetal e grampeadores, encontrados, segundo os policiais, escondido perto do local em que ambos foram encontrados. Os dois negaram envolvimento com o tráfico. Além deles foi preso o jovem Roberto Soares de Moura Filho, 18, com quem encontraram dois papelotes de cocaína e uma trouxinha e maconha. Roberto foi autuado como viciado.

Na versão apresentada pelos PMs, êles foram chamados em auxílio aos colegas do 4º Batalhão. Uma patrulinha desse batalhão teria sido alvejada por um grupo de homens armados que fugiu para o alto do Morro da Providência. Mais soldados do batalhão foram para o local, houve troca de tiros e o PM José Carlos Machado foi ferido de raspão no braço.

Tainha, que já foi o homem forte do Morro da Providência, depois de longo tempo na cadeia teria sido beneficiado com a liberdade condicional. No retorno ao Morro encontrou outro líder, Edson Sarandy, o *Play-Boy*, que teria concordado em ceder um pedaço do *território* para ser explorado pelo velho traficante.

Encapuzados — Três homens encapuzados invadiram o bar da Rua São Roque, 134, no bairro São Roque, em Queimados, distrito de Nova Igua- çu, no final da noite de sexta-feira e mataram com mais de 20 tiros, o funcionário da Prefeitura e candidato a vereador em Nova Iguaçu, Pedro Coelho Mendes, 41, Vagner Jupiara Fagundes, 37 e Joel da Silva, 42, que estavam na sua companhia, e feriram também, Jorge Santana, 38 e Jorge Félix Cardoso, 39, que faziam parte do grupo de amigos.

Em Nilópolis. policiais da 57ª Delegacia estão investigando o assassinato, ontem de madrugada, de dois homens encontrados dentro do cemitério de Olinda. O primeiro, cabelos ruivos, aparentando 18 anos, foi encontrado sobre a sepultura 1339 do cemitério de Olinda, em Nilópolis. O outro, a uns dois metros de distância, junto ao muro do cemitério, tinha um tiro no queixo. O detetive Santos que fez as primeiras investigações e solicitou a perícia para o local, não tem dúvida de que ambos foram executados ali mesmo. Em torno dos dois cadáveres havia muito sangue e nada indicava que tivessem sido arrastados para lá.

Na Vila dos Pinheiros os irmãos operários Vanderlei dos Santos, 22, e Carlos Alberto dos Santos, 18, residentes no conjunto residencial Vila dos Pinheiros, em Bonsucesso, foram assassinados a tiros por desconhecidos nas proximidades de sua casa. Na noite de sexta-feira eles haviam participado de uma partida de futebol.

Jorge Silva

Três foram projetados para fora e um ficou preso no carro, içado por bombeiros

Carro desgovernado cai de 15m na Niemeyer e mata pagodeiros

O motorista Carlos André Pelegrino Rodrigues, 22, e os passageiros Vágner de Lima Pinto, 30, e Josias Jorge Oliveira da Silva, 22, morreram no acidente com a *pick-up* Saveiro vermelha JT-6857 que descia em alta velocidade a Avenida Niemeyer em direção ao Leblon, ontem de madrugada, e desgovernou-se, transpondo a mureta de concreto à margem da pista para se projetar no mar de uma altura de 15 metros. O quarto ocupante do carro, Luís Cláudio de Azevedo Bessa, 22, com fraturas múltiplas, foi internado no Hospital Miguel Couto e tem poucas possibilidades de sobreviver.

Os quatro formavam um grupo de pagode e iam de Jacarepaguá para animar a festa de um amigo na Zona Sul, levando dois cavaquinhos, um surdo de marcação e outros instrumentos musicais. O motorista Carlos André, que tinha uma carteira do Departamento Musical da escola de samba Império Serrano, foi retirado morto da cabine do carro por bombeiros da Gávea e Copacabana. Vágner, Josias e Luís Cláudio foram lançados para fora do veículo com a sucessão de impactos nas pedras. A Saveiro ficou completamente destruída à beira d'água, com as rodas para cima.

Luís Cláudio foi levado, agonizante, para o hospital e policiais do 23º BPM interditaram a Avenida Niemeyer nos dois sentidos até que os corpos dos outros três sambistas fossem removidos para o necrotério do Instituto Médico-Legal, no Centro. Durante a interdição, um Fiat creme sem placas, que pertenceria à Receita Federal ou ao DPF e cujo motorista não foi identificado pelos policiais da 15ª DP (Gávea), bateu na mureta de proteção e sofreu avarias na parte lateral direita.

Pistoleiros matam três em bairro operário

SÃO PAULO — Três rapazes foram mortos a tiros e três moças feridas por um grupo não identificado, sexta-feira à noite, no bairro operário de São Miguel Paulista, Zona Leste, perto de um descampado freqüentado por casais de namorados e fumantes de maconha. A polícia desconfia da história apresentada por uma das moças, Dilsa de Jesus, de 18 anos, que estaria escondendo alguma coisa. Dilsa contou que os casais estavam namorando quando apareceram três desconhecidos, um branco, um moreno e outro que não soube descrever, que obrigaram todos a se deitar no chão, exceto ela, que ficou de pé, e passaram a atirar.

Os mortos são Antônio José da Cruz Júnior, 18, Vanderlei Sales, 21, e Ivelto Neto da Cunha, 26. Foram feridas a tiros Maria José Hilária Guimarães, 21, internada no Hospital Municipal do Tatuapé, e M. J. B. S., 16, que está em observação médica no Hospital Municipal de São Miguel Paulista. Dilsa foi ferida com uma coronhada de revólver na cabeça e desmaiou, segundo seu relato.

Dilsa de Jesus prestou depoimento no 22º Distrito Policial, em São Miguel, e será chamada a dar esclarecimentos no Departamento de Homicídios, onde verá fotografias de assaltantes para tentar identificar os criminosos. A polícia suspeita de vingança ou alguma rixa como motivo da chacina, mas não afasta a hipótese de que tenha sido praticada pelos chamados *justiceiros*, grupos de pistoleiros que agem nos bairros periféricos da capital paulista e em municípios vizinhos.

Policiais são presos em SP por assassinato

SÃO PAULO — Acusados de espancar até a morte um suspeito de roubo, quatro policiais rodoviários foram presos e autuados na 1ª DP e levados ao Presídio Militar Romão Gomes. Os soldados Antônio Nogueira de Carvalho, 32, Arnaldo Zampieri Canguçu, 29, Antônio Carlos Socorro, 29, e Ecidirff Aparecido de Almeida, 30, disseram que ouviram gritos dos ocupantes de um carro na Avenida do Estado, Centro velho da capital, na noite de sexta-feira, e passaram a perseguir o suposto ladrão, que na corrida bateu com a cabeça na carroceria de um caminhão e caiu.

O rapaz com aparência de 20 anos e que se chamaria Carlos da Silva morreu enquanto era medicado na Santa Casa. Apresentava escoriações pelo corpo e hematomas no rosto, o que levou o delegado Hércules Crespi Filho a suspeitar de espancamento.Carlos teria arrancado o cordão do pescoço da mulher que estava no carro parado em um sinal, mas os policiais, que voltavam de uma solenidade no Batalhão de Polícia Rodoviária e se vestiam à paisana, não localizaram a suposta vítima do roubo nem anotaram a placa do carro.

É o segundo caso de violência policial em uma semana. No último domingo, PMs balearam nas costas o estudante Sérgio Isnard Khair, 20, que fazia cooper no canteiro central da Avenida Faria Lima, Zona Sul da capital paulista. Sérgio continua internado, em estado grave. Os soldados alegaram que o disparo foi acidental. Há menos de um mês, o PM Vágner Luís da Silva feriu a tiro outro estudante, Edilson Tomás Amaral Cardoso, também de 20 anos, que pulou o muro da escola, na Zona Sul, porque chegara atrasado para as aulas e o portão estava fechado.

Candidato do PDS acusado de roubar caminhão

BELO HORIZONTE — A polícia prendeu quatro integrantes de uma quadrilha de roubo de caminhões que apontaram um candidato a vereador pelo PDS nesta capital, Milton Teixeira, o *Teixeirinha*, como um dos seus chefes. Os policiais informaram que ele responde a vários processos por estelionato e está foragido. Os presos são o despachante José Tarcísio Pereira, o motorista de táxi Romildo de Siqueira, o eletricista José Ovídio de Oliveira e José Natércio Lage, que seria o outro líder da quadrilha.

Eles são acusados do roubo de cinco caminhões em Minas Gerais, vendidos por Cz$ 3 milhões cada no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia. O delegado Valdomiro Pascoal acredita que descobrirá outros roubos com a prisão de *Teixeirinha*. Ele contou que Romildo roubava os caminhões e os entregava a Natércio para escondê-los numa granja na região metropolitana. Tarcísio arranjava documentos falsos para os veículos e Ovídio adulterava os números de chassis e fazia os consertos necessários. O candidato a vereador pelo PDS fazia o trabalho final: encarregava-se das vendas.

Os caminhões identificados pela Delegacia de Roubos e Furtos são de propriedade da Concreto Construtora (placa CL-3208), da Transdelta (GT-1545), de Silvio Cristo Moreira (JI-9577), de Sérgio Alves (HG-5220) e de Hélio Geraldo Siqueira (CS-07 ...) e de Belo Horizonte. Os cinco veículos roubados são Mercedes Benz e o único localizado pela polícia até agora é o da Concreto Construtora.

Tempo

Rio e Niterói

Claro, passando a nublado, podendo instabilizar no decorrer do período. Visibilidade boa. Ventos do quadrante Norte a Noroeste, fracos a moderados com rajadas no período. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 36.5º em Santa Cruz e 16.7º no Alto da Boa Vista.

O SOL

Nascente: 06h07min — Ocaso: 18h13min

Marés

Preamar:
02h11min/1.3
14h44min/1.3
Baixa-mar:
09h13min/0.0
21h19min/0.2

■ A frente fria que aparece no litoral Sul está ocasionando nebulosidade e chuvas. A partir de hoje este sistema frontal poderá influenciar o tempo no Sudeste, provocando do aumento de nebulosidade e instabilidade em algumas áreas. No restante do país predomina bom tempo, apenas no litoral do Nordeste existem chuvas isoladas.

Nos Estados

	Condições	Máx.	Mín.
PA:	Nublado	33.0	23.0
RR:	nublado	33.8	19.6
AP:	nublado	32.0	23.2
AM:	nublado	33.8	25.3
RO:	nublado	—	22.2
AC:	nublado	—	—
SE:	nublado	26.4	21.6
CE:	nublado	30.2	23.0
PB:	nublado	28.0	26.0
AL:	nublado	25.9	19.8
RN:	nublado	—	20.6
PE:	nublado	27.9	21.0
BA:	nublado	25.9	20.6
MA:	nublado	—	24.6
PI:	nublado	22.8	18.6
DF:	Claro	28.2	15.9
MS:	Claro	35.3	18.9
MT:	Claro	37.8	18.6
GO:	Claro	—	15.7
MG:	Claro	29.2	18.1
SP:	Estável	29.4	11.9
ES:	Em elevação	29.4	19.2
PR:	Enc.	30.4	12.2
SC:	Enc.	23.0	14.6
RS:	Enc.	15.9	12.3

A Lua

Nova Até 18/09
Crescente 19/09
Cheia 25/09
Minguante 2/10

No mundo

	Condições	Máx.	Mín.
Amsterdã	claro	20	12
Atenas	nublado	29	16
Berlim	claro	22	8
Bogotá	chuvoso	18	7
Bruxelas	nublado	19	8
Buenos Aires	nublado	18	7
Caracas	nublado	—	—
Copenhague	claro	20	8
Chicago	nublado	27	10
Estocolmo	claro	19	15
Genebra	nublado	24	12
Lima	nublado	18	13
Lisboa	nublado	36	24
Londres	claro	23	14
Los Angeles	nublado	25	16
Madri	claro	36	20
México	claro	25	12
Miami	chuvoso	28	30
Montevidéu	nublado	13	10
Montreal	nublado	25	13
Moscou	nublado	15	8
Nova Iorque	claro	—	—
Paris	nublado	23	16
Roma	claro	28	12
Santiago	claro	20	1
Seul	chuvoso	24	21
Tóquio	nublado	27	23

Presos da 'Falange' suspendem sua greve

Acabou ontem a greve de fome dos presos pertencentes à *Falange Vermelha*, depois de cinco dias de jejum. A exigência dos grevistas de que a liderança da organização fosse retirada do presídio de segurança máxima de Bangu não foi atendida pela direção do Departamento do Sistema Penitenciário (Desipe), e a decisão de suspender a greve foi tomada pelos presos da galeria um do presídio de Bangú, liderados por Rogério Lengruber, o *Bagulhão*,que enviaram carta as outras unidades do sistema, considerando o movimento "inadequado".

Dos cinco presídios que adediram no todo ou em parte a greve de fome convocada pela liderança da Falange Vermelha, apenas o Instituto Penal Cândido Mendes, na Ilha Grande, ainda não suspendeu o movimento. É que devido as dificuldades de comunicação o anúncio do fim da greve foi feito pelas próprias autoridades e os presos costumam não acreditar esperando checar a notícia com um mensageiro de confiança.

Com intenção de retirar do presídio de Bangú I a cúpula da Falange Vermelha e transferi-la para outra unidade do Desipe de onde possam controlar mais facilmente a massa carcerária, a greve contou com a adesão de 1.780 presos e foi planejada com a antecedência necessárias para que os presos de melhor sorte tivessem tempo de estocar comida. Nos presídios Hélio Gomes, no Complexo da Frei Caneca, e Ari Franco, em Água Santa, a estratégia de fazer greve sem passar fome estocada, fazendo com que a greve fosse para valer. No Hélio Gomes II dos 920 grevistas foram atendidos em hospitais e 100 chegaram a pedir comida, enquanto no Ari Franco 180 dos 300 integrantes da Falange furaram a greve ontem.

Com o fim da greve as visitas serão reestabelecidas e os presos grevistas começam se alimentando de comidas pastosas para reacostumar o organismo a ingestão de sólidos. A aceitação da reivindicação da liderança da Falange para ser transferida de Bagú 1, não será examinada tão cedo pela direção do Desipe.Segundo o diretor do Departamento, Oswaldo Deleuse Raimundo, "Não pretendemos sepultar a liderança da Falange em Bangú, que é um estabelecimento de segurança máxima, onde depois de seis meses de internos os presos tem sua situação e comportamentos avaliados para se decidir ou não pela transferência. Acontece que até hoje a lidernaça da Falange não tem dado mostras de merecimento para ser transferida".

Oswaldo Deleuse Raimundo afirmou que não considera a greve um movimento fracassado. "Tenho muito receio que os detentos se sintam humilhados e frustados por não ter sido aceita a exigência da cúpula da Falange. Prefiro creditar o fim do movimento à volta do bom senso as lideranças, que em carta admitiram ser o movimento inadequado e prefiriram voltar ao diálogo, e a uma percepção da massa carcerária de que estão sendo manipulados", disse o diretor do Desipe.

A íntegra da carta da cúpula da Falange suspendendo a greve de fome não foi divulgada pelo Desipe, que informou apenas que ela estava assinada por Rogério Lengruber que, numa primeira tentativa de divulga-la no sistema penitenciário, tentou fazer de portador um médico que foi chamado para atender a presos na galeria B do presídio de Bangú. Diante da negativa do médico de se envolver na questão a cúpula fez circular a carta através de funcionários do próprio Desipe.

Obituário

Rio de Janeiro

Eunice Antunes, 83, de acidente vascular encefálico, em sua residência em Copacabana. Matogrossensse, solteira.

João Valladares do Pazo, 73, de insuficiência respiratória aguda, na Casa de Saúde Santa Teresinha. Carioca, aposentado, casado com Purificacion Gonzalez Gamallo. Tinha dois filhos. Morava na Tijuca.

Antonieta Vianello Hallage, 85, de insuficiência cárdio-respiratória, na Casa Maternal São Cristóvão. Brasileira, viúva de Raphael Hallage.

José Piña Rodrigues, 91, de pneumonia, em sua residência em Copacabana. Espanhol, aposentado, casado com Ida Rodrigues.

Romilda Seraphim Curuba Canedo, 88, de arritmia cardíaca, em Niterói. Carioca, viúva, residia em Copacabana.

Maria de Lourdes Martins de Lucena, 76, de insuficiência renal no Hospital Samaritano. Carioca, viúva de Alvaro Pereira de Lucena. Tinha dois filhos. Morava no Cachambi.

Dora Magdalena Lopes, 66, de choque séptico e pneumonia, no Prontocor da Tijuca. Carioca, casada com Antônio Carlos de Sá Lopes. Tinha dois filhos. Morava em Vila Isabel.

Sebastião Teixeira, 66, de insuficiência cardíaca, na Casa de Saúde e Maternidade de Nossa Senhora da Penha. Capixaba, era viúvo de Maria da Silva Teixeira. Tinha oito filhos. Morava na Mangueira.

Washington Alves da Cruz, 55, de infarto do miocárdio, em sua residência em Honório Gurgel. Carioca, comerciário, era casado com Maria Astrogilda de Oliveira. Tinha um filho.

Marina Pamplona Penfold, 89, de acidente vascular cerebral, no Hospital Naval Marcílio Dias. Viúva, tinha dois filhos. Morava na Tijuca.

Cecília de Paiva Câmara, 82, de infarto do miocárdio, em sua residência na Tijuca. Natural do Rio Grande do Norte. Solteira.

Geralda do Nascimento, 69, de parada cardiorespiratória, na Santa Casa de Misericórdia. Carioca. Solteira. Morava em Sampaio.

Isolina Cândido Honorato, 59, de infarto do miocárido, em sua residência no Caju. Casada. Tinha dois filhos.

Loteria

Saiu para o bilhete 06.050, vendido em São Paulo, o 1º prêmio da extração 2.471 da Loteria Federal, no valor de Cz$ 25 milhões. O 2º prêmio, de Cz$ 1 milhão 800 mil, é do bilhete 51.372, também vendido em São Paulo; o 3º, de Cz$ 800 mil, bilhete 10.251, foi para São Paulo; o 4º prêmio, de Cz$ 500 mil, Paraná; o 5º prêmio é do bilhete 22.417, de Cz$ 300 mil, vendido em São Paulo.

O milhar do 1º prêmio tem Cz$ 13.750; o milhar 0251 tem Cz$ 4.500; os milhares 1372 — 2417 — 7874 têm Cz$ 3 mil. Já a centena 500 tem Cz$ 6 mil; a centena 005 tem Cz$ 4.500; as centenas 372 — 417 — 874 têm Cz$ 2.250.

Informe Econômico

Quando mais se fala em investimento, há quem relembre toda a história do *desenvolvimento* para sustentar que sem uma renegociação da dívida externa e a redução da transferência líquida de recursos para os credores estrangeiros não há salvação. Do contrário, continuaremos trabalhando e construindo superávits gigantescos, sem, ao final de tanto esforço, conseguirmos aumentar sequer nossas reservas.

É com essa preocupação na cabeça que o empresário Roberto Nicolau Jeha, diretor-adjunto do Departamento de Economia da Fiesp, analisa o atual momento econômico do país. "Não conseguiremos retomar o ritmo normal dos investimentos, enquanto não desmontarmos a armadilha da transferência das rendas nacionais ao exterior."

Ele lembra que o Brasil tomou recursos na década de 70, quando os juros internacionais estavam baixos, e iniciou o processo de transferência líquida, quando os juros saltaram, nos Estados Unidos, de 7% para 20% ao ano, atraindo todos os capitais disponíveis no mercado e elevando o serviço da dívida.

Em 1988, de acordo com a previsão levantada pelo Departamento de Economia da entidade, o Brasil correu risco de chegar ao final do ano como começou, ou seja, com as mesmas reservas. Isso se o seu superávit for de US$ 15 bilhões, número com o qual a previsão trabalha, apesar de já o considerar *conservador*. Mas é um exercício que não deixa dúvida, segundo Jeha.

Do lado positivo o Brasil terá as exportações de US$ 30,3 bilhões; transferências favoráveis de US$ 0,1 bilhão; conversões de dívida em US$ 2,5 bilhões; novos investimentos de US$ 0,2 bilhão; novos financiamentos de US$ 1,9 bilhão; US$ 3,7 bilhões em novos empréstimos e US$ 0,3 bilhão na monetarização da produção nacional de ouro.

Do lado contrário há US$ 15,2 bilhões de importações; US$ 10,2 bilhões de pagamentos de juros; US$ 4 bilhões em fretes e turismo; US$ 3,9 bilhões de amortização líquida; US$ 3,4 bilhões de juros atrasados; US$ 2,3 bilhões de liquidação de outras obrigações, com o FMI e o Clube de Paris, por exemplo.

Quer dizer, depois de tudo bem somado e feita a subtração, as contas zeram. O Brasil trabalhou e exportou um ano todo, sem acrescentar nada às suas reservas.

A toda força

Além de uma série de medidas de desregulamentação e simplificação na atividade de comércio exterior, que o diretor da Cacex, Namir Salek, anunciará durante o IX Encontro Nacional de Comércio Exterior, quinta e sexta-feira, no Rio, o ministro Maílson da Nóbrega deverá levar outras novidades.

Ele dirá que o governo não abre mão de manter o ritmo vigoroso do comércio exterior e, para muitos exportadores, não será nenhuma surpresa um anúncio relativo à política cambial. Não se trata de máxi. Mas será o uso do câmbio como instrumento de promoção das exportações.

O governo não deseja retração depois que os superávits se tornaram o maior argumento da capacidade brasileira na renegociação da dívida.

Simonsen I

Se o governo federal emitir mais moeda para pagar os títulos da dívida pública, o país afunda na hiperinflação. Se o governo federal decretar uma moratória interna e não pagar os mesmos títulos, o país afunda na mesma hiperinflação.

As previsões, nada alentadoras, são do ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, que o setor privado insiste em manter em evidência. Junto com o diagnóstico da doença ele avia a receita: amortização da dívida pública de forma gradual, para que ela fique sempre girando, e se evite medidas mais drásticas que possam comprometer a política monetária do governo.

Simonsen II

O mesmo Mário Henrique Simonsen adverte para o perigo da tentação que a Operação Desmonte significa para as administrações estaduais e municipais, com os cofres acrescidos de 17% das verbas da União: ao invés de aplicar em novos investimentos, inchar as máquinas com mais funcionários e gastar todos os novos recursos com pessoal.

Custos constitucionais

Levantamento do Departamento de Recursos Humanos de uma entidade de classe quantificou os custos dos preceitos determinados pela nova Constituição — perda de receita, anistia fiscal, funcionalismo, previdência, novos estados, anistia a créditos e novos tribunais — em nada menos que um desembolso de Cz$ 4 trilhões, preços de julho último.

Os estudos prosseguem com exercícios sobre como se conseguirá conter o déficit aos níveis exigidos pelo FMI.

Gás de Campos

A Comgás (Companhia de Gás de São Paulo) não tem nenhum acordo com empresas do município de Pedreiras (SP), visando a distribuição de gás canalizado, conforme noticiou esta coluna. As 65 indústrias citadas são da região metropolitana de São Paulo e correspondem exatamente ao número de clientes envolvidos na primeira fase de fornecimento de um contrato que a Comgás tem com a Petrobrás.

Por esse contrato, a Comgás deveria começar a receber 1 milhão e 100 mil metros cúbicos/dia de gás natural da Petrobrás, oriundos da Bacia de Campos (RJ), a partir de janeiro de 1988. No entanto, por dificuldades independentes de sua vontade (corte de investimentos e incêndio em Enchova), segundo a própria Petrobrás, o fornecimento foi adiado em duas ocasiões, unilateralmente.

No momento, ainda conforme a Petrobrás, o início desse fornecimento será a partir de outubro.

Marco Antônio Antunes, com sucursais

ENTREVISTA/Ernane Rodrigues Lopes

"Empresário brasileiro é ignorante e apressado"

LISBOA — Com seu cachimbo e (quase sempre) o paletó xadrez, o professor Ernane Rodrigues Lopes *passou oito anos e meio travestido de Sherlock Holmes para resolver uma questão impossível: aproximar os Pirineus do Estreito de Gibraltar. Às seis horas do dia 26 de março de 1985 o que, geograficamente, lhe dava a solução por perdida, tornou-se elementar. Nesse momento, quando todos os ventos sopravam em direção contrária, Portugal tornava-se membro do Mercado Comum Europeu. De embaixador em Bonn e em Bruxelas junto à Comunidade Econômica Européia, Lopes tornou-se* ministro das Finanças em 1982 *e desde o começo vem sendo reconhecido como o principal articulador desse processo. Pois foi esse homem de quase dois metros de altura que mudou a história recente de seu país.*

Agora, para esse Sherlock chegou a vez de equacionar questão ainda mais elaborada: a parceria Brasil-Portugal no processo de europeização, *no qual dispende todo seu empenho e teimosia. É para essa segunda tacada que Ernane Lopes está de amanhã até o dia 18 na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, ensinando o que é a CEE, sua economia e política. É o fecho de uma dúzia de viagens Lisboa-Rio que efetuou no último ano e meio enquanto conduzia, como diretor do Centro de Estudos Europeus da Universidade Católica Portuguesa, em conjunto com a FGV carioca, uma investigação sobre as relações Brasil-Portugal-Europa Comunitária. Os resultados desse trabalho, concluído silenciosamente há pouco mais de um mês, já estão nas mãos do presidente Sarney. Lopes, porém, não demonstra pressa.*

Afinal, gastou quase 10 anos para conseguir seu primeiro intento e hoje, aos 42 anos, consultor econômico do Banco de Portugal (uma espécie de Banco Central de Portugal) garante que tem todo o tempo para selar seu objetivo. Um dia antes de embarcar para o Brasil forneceu algumas lições aos investidores brasileiros e deu, de quebra, um conselho: "Não adianta gesticular, nem dar saltos grandes demais", *diz, caminhando com suas pernas imensas.* "Esse processo é longo e é preciso, apenas, usar a cabeça". *Ernane Rodrigues Lopes concedeu entrevista a Norma Couri.*

— Por que as relações comerciais Brasil-Portugal não deram certo quando todas as portas pareciam abertas desde 1986?

— Porque sempre se falou só em comércio ou em investimento, dois elementos que são válidos nas relações internacionais mas que não têm muito significado no intercâmbio entre Portugal e Brasil. Acontece que o Brasil, um mercado de 130 milhoões de produtores e consumidores, tentava investir em Portugal, essa pequena economia européia sem significado e de baixo rendimento **per capita** no âmbito europeu. E as coisas não eram bem assim.

— Como eram?

— Um dos lados, Portugal, modificava-se drasticamente, e o outro lado, o Brasil, não percebeu. Portugal deixou de ser uma economia de 10 milhões de consumidores e produtores para ser um mercado de 320 milhões de pessoas de alto nível de rendimento, e uma das maiores zonas de atividade econômica. Foi essa mudança decisiva que mudou a natureza das relações Brasil—Portugal.

— O Brasil ainda não percebeu isso?

— As pessoas sentem que algo vai mudar. Como sentiram antes a mudança e então vieram. Mas demoraram um bocado para perceber o que realmente estava se passando. Por isso a relação não funcionou.

— Então não é muito viável para o Brasil entrar no MCE via Portugal?

— É mais do que viável. É viabilíssimo.

— Por que, na prática, as coisas não funcionam?

— Não funcionaram. Não quer dizer que não vão funcionar. Alguém ainda tem dúvidas de que o Brasil só tem interesse em se posicionar com os 12 países da CEE, e que as vantagens são enormes se ele escolher Portugal como seu parceiro preferencial? E que o melhor dessa relação é que ela não implica em custos?

— Não houve custos nas mais de 200 empresas brasileiras que chegaram de mala e cuia em Portugal e retornaram de mãos vazias, e decepcionadas?

— Eu falava em custos de ordem cultural. Agora, a falta de experiência de um certo tipo de empresariado brasileiro é outra questão.

— Se tudo parecia tão fácil — Portugal entrou no Mercado Comum Europeu, o Brasil também vai entrar — por que o processo emperrou?

— Precisamente por esse passo em falso. Essa idéia "Portugal entrou eu também vou" é erradíssima, pressupõe ignorância e mais nada.

— Alguns acusam a excessiva agressividade brasileira no estilo do marketing norte-americano, como o culpado da retração. Outros apontam a lentidão do empresariado português, habituado às gestões familiares, como o responsável por tudo. De quem é a culpa?

— Não foi culpa nem do Brasil nem de Portugal, mas da ignorância. O que aconteceu foi uma seqüência de coisas mal feitas.

— Por parte de quem?

— De ambos. Cada um conhecia mal o mundo do outro, o que resulta de décadas de pouca ou nenhuma relação econômica, além do total desconhecimento do que é a vida no espaço comunitário europeu. Foi ignorância mas sobretudo das empresas que estão fora da Comunidade, ou seja, as brasileiras. E ainda foi culpa da pressa. Os empresários acreditavam no mito de que negócios importantes se fazem a jato e trazem resultados na próxima dúzia de semanas. Mentira. Esse empresário acalentava uma visão infantil. E algumas fantasias.

— No centro de tudo está a fantasia brasileira em relação a Portugal?

— No bojo de tudo está o comportamento e as atitudes de empresários brasileiros e portugueses que são totalmente inversos. Aliás, esse é um dos capítulos mais interessantes desse estudos que acabamos de concluir.

— É possível identificar três erros básicos dos empresários brasileiros e mais três corretivos dessa caótica situação que foi criada?

— A **chek list** negativa é a seguinte: primeiro, não se avançar num terreno que não se conhece. Segundo, não pensar que tudo se resolve sem investimento de capital. Terceiro, não julgar que o comportamento agressivo e de grande mobilidade justifica impunemente as insuficiências. Isso está em qualquer manual básico. Por outro lado o caminho correto é: primeiro, identificar oportunidades e perceber que se abriu um espaço novo para o futuro da economia brasileira com a entrada de Portugal para a CEE. Segundo, conhecer muito bem o terreno e preparar a entrada dentro da Comunidade. Terceiro, apostar nas **joint-ventures** e nos novos investimentos.

— Esses pontos devem se constituir na cartilha do investidor brasileiro que quiser chegar, futuramente, a Portugal?

— Esses pontos todos são um só: a vida econômica não é uma sucessão de desembaraços e sim uma sucessão de riscos calculados com conhecimento da realidade, investimento e organização.

— Fica claro que os problemas foram mais do Brasil do que de Portugal?

— O problema central é a economia brasileira, porque é muito grande, uma economia de massa que se defronta com a sua internacionalização sem ter muita prática de investimento no exterior.

— Mas o Brasil já exporta mais de 30% de sua pauta para a Europa, nosso maior parceiro depois dos Estados Unidos...

— Eu sei. Mas é igualmente verdade que as exportações brasileiras começam a se retrair na Europa, e além disso a qualidade da operação é questionável. Trata-se, basicamente, de exportação de matéria-prima, de têxtil e de couro barato. Não há cooperação tecnológica ou industrial, nem investimentos cruzados europeus no Brasil e brasileiro na Europa. E sem essa evolução a economia brasileira não se desenvolve.

— Portugal seria a mudança qualitativa do investimento brasileiro na Europa?

— Com certeza, no que se refere a relações econômicas. Volto a insistir que, para o Brasil, Portugal é o país com menos custos dentro da comunidade — custo tanto de produtos como aquele que não vem da contabilidade como os da adaptação da empresa ao mercado em que se instala. Em Portugal não há choque cultural.

— E todo esse preconceito dos empresários portugueses em relação aos brasileiros, deixando claro que a intenção política nem sempre corresponde à econômica?

— Eu diria que a visão do preconceito parte de uma análise simplista, de conclusões tiradas em dois anos e meio de investimentos brasileiros e seus eventuais insucessos. Ora, dois anos e meio não são nada, esse é um longo processo de ganhos e perdas e não vão parar agora por causa da ilusão de um preconceito. No mundo dos negócios, o que conta é a capacidade de articulação e seus resultados, admito que houve experiências que correram mal; mas essas já começaram mal.

— Poderia dar algum exemplo?

— Poderia mas não dou. Só digo que, como tudo na vida, a entrada das empresas brasileiras em Portugal não é fácil. Estamos lidando com um primeiro movimento que gerou desencantos e frustrações. Está na hora de se assumir que houve um desconhecimento de parte a parte. Isso pressupõe um novo aprendizado que não se faz em uma ou duas viagens. Não sei se há realmente o preconceito, sei que houve muita dificuldade de operações, mas sei também que há uma grande diferença entre projetos — organizados, estruturados — e uma idéia. No caso do investidor brasileiro em Portugal, houve muito mais investimento de idéias do que de projetos.

— Agora ficou estabelecida a falta de confiança portuguesa no estilo de negociação brasileiro?

— Sobre a questão confiança eu sou partidário de um princípio à japonesa. Os negócios fazem-se depois de as empresas se conhecerem. E os japoneses não têm se dado nada mal com esse princípio.

— O que é preciso fazer?

— Retomar o caminho. Se conhece melhor. Algumas empresas brasileiras optaram por vir e insistir com planejamento e organização. Essas vão dar certo.

— O problema é que não há muito tempo para se solidificar esse processo: a Europa sem fronteiras será em 1992. Isso nos dá, apenas, quatro anos para acertar?

— Não é com blá-blá-blás, um copo de champanha e três pancadinhas nas costas que se constrói a vida ou se fazem os negócios. O mundo não vai acabar em 1992. É preciso novamente olhar o mundo como os japoneses que desconfiam da realidade objetiva — ou seja, tudo depende da maneira como olhamos para ele, o que muda é o ângulo. Agora, em matéria econômica, a forma mais rápida de se perder é com a visão imediatista. Reconheço que as empresas que já estiverem em Portugal em 1992 estarão mais bem posicionadas. Mas depois de 1992 muita coisa ainda pode acontecer. E se eu fosse o Brasil prestava mais atenção nos países que estão investindo a longo prazo nessa Europa integrada.

— Quais países?

— O Japão. Os Estados Unidos, preocupadíssimo com o problema do comércio europeu. Tanto que criaram recentemente a lei protecionista de comércio externo. E a Suiça, que tradicionalmente optou pela manutenção de seu neutralismo, mas anda essencialmente interessada em tudo o que se passa na Comunidade. Eu gostaria imensamente que o Brasil, como a Suiça, os Estados Unidos e o Japão, também mudasse sua estratégia de ação.

— Mas Portugal também precisa mudar muito para deixar o lugar de um dos países mais pobres da Europa...

— Portugal precisa mudar, está mudando e vai mudar mais.

— E o empresário português, com seu medo excessivo de perder a liderança do negócio ao se associar, também vai mudar?

— Também vai mudar. É preciso dotar o empresariado português de uma visão mais voltada para as técnicas de produtividade e a agressividade comercial.

— Então, em relação à agressividade, o erro foi no timing brasileiro?

— Vou usar um chavão economês e dizer que o que houve foi um choque de culturas empresariais.

— Ou foram, realmente, choques de cultura? O brasileiro habituado ao português bigodudo da esquina, alheio ao que se passa no mundo...

— Não sei se esta é uma questão de bigodes.

— De qualquer forma o português pouco fez para alterar essa imagem que lhe cabia, não é?

— Não fez muito mas essa não é a questão. Ela vai muito além da imagem do português da esquina e diz respeito a medidas governamentais brasileiras. É preciso haver comércio, investimento, estratégia de empresas, sim. Mas sem o quadro de cooperação entre governo e empresariado não se faz nada. Esse é um grande empecilho das relações Brasil-Portugal.

— As restrições impostas pelo Banco Central às remessas ao exterior?

— São. No nosso estudo fazem só uma proposta expressa pedindo dispensa da compensação cambial vigente na legislação brasileira em relação aos investimentos de capital em Portugal. E uma conseqüente construção de patamares para setores de investimento que se forem mostrando prioritários. Estamos esperando um sinal do governo brasileiro ao investidor no exterior. Embora esse não seja o único bloqueio.

— Quais os outros?

— O custo altíssimo dos fretes. Esse não é um problema isolado e só se resolverá na medida em que houver comércio e investimento gerando tráfego adicional e a natural redução dos custos. Se de Amsterdã para cá os custos são bem mais reduzidos do que entre Brasil e Portugal é porque o fluxo é bem mais intenso no Atlântico Norte. Esse é um problema secular.

— Vem atrelado à baixíssima pauta de exportação de Portugal para o Brasil, que se resume a algumas latas de sardinha, a azeite, cortiça e vinho?

— Essa é outra herança de décadas. A percentagem de nossa exportação para o Brasl é de 0,5% — uma participação mínima que, se continuar calcada em produtos tradicionais, não vai crescer. Não pode crescer. O fluxo tem de se abrir nas duas pontas e aí se baixam os custos dos fretes, as relações comerciais aumentam com **joint ventures** e portuguesas no Brasil e brasileiras em Portugal. Tudo está interligado. Porque na História nada acontece por acaso.

— Assim como a Europa é importante para o Brasil, o Brasil também é necessário para a Europa?

— O Brasil é importante separadamente e enquanto faz parte da América Latina.

— A Europa não optou há muito pela África em detrimento da América Latina?

— Essa é uma questão simples que envolve os paralelos, os meridianos e as diagonais nas relações comerciais. Na economia mundial estamos todos ligados uns aos outros. A metáfora cosmográfica uma das ligações é por paralelo: No Norte são os Estados Unidos e Canadá, a CEE e o Japão — os três grande pólos da economia mundial — e no Sul uma ligação não organizada dos países que apresenta uma fraqueza atroz dos tecidos. A idéia de aproximar os paralelos — tão decantada nos anos 50 — ruiu por completo. O fosso só fez aumentar. Então partimos para uma segunda maneira de organização que é pelos meridianos: Estados Unidos em relação à América Latina, o MCE com a África, e o Japão com a parte ocidental da Bacia do Pacífico.

— Onde entra a relação Europa-America Latina?

— É uma terceira organização da economia, porque só os paralelos e os meridianos não se mostram suficientes para tal. É aí que entra a economia diagonal. Se na paralela ou na meridional o Brasil não tem papel, na economia diagonal — que rompe com a lógica e o modelo fechado — o Norte e o Sul realmente começam a se cruzar.

— A seu ver, quando essa revolução da economia vai acontecer no mundo?

— Voltamos à lição dos investidores: sou muito persistente, para não dizer teimoso. E se tem uma coisa pela qual me empenho no momento é a adesão do Brasil a Portugal e à comunidade européia. Consequentemente, no aumento do interesse da CEE pela America Latina. Agora, sem imediatismos, demorei oito anos e meio para concretizar a adesão de Portugal à Comunidade e nunca me queixei do tempo.

Portugal gasta US$ 1 milhão para mudar imagem

Por US$ 1 milhão Portugal se submeterá a uma cirurgia plástica nos próximos 4 anos para ressurgir, em 1992, remoçado, agressivo, bem disposto e com nova identidade: a européia. Um milhão de dólares é a verba de que dispõe o secretário estadual de Comércio Externo, Miguel Horta e Costa, para criar uma nova imagem de seu país, até então taxado de cauda da Europa, fornecedor de mão-de-obra barata onde até o primeiro ministro ganha cinco vezes menos que seu colega alemão.

Com essa injeção de ânimo o secretário Horta e Costa delineia desde já o novo perfil português. Tem uma das mais baixas taxas de desemprego — 6,5% e uma das maiores de crescimento — 5,3% dentro da Europa. Reduziu sua inflação a 9% ao ano e só em 1992 receberá financiamento de US$ 14 bilhões da Comunidade Econômica Européia. É esse novo Portugal que se oferece como ponte para a europeização brasileira, dando aos ex-colonos uma carona na História.

Embora a Espanha tenha apostado fundo nos negócios portugueses, tornando-se a segunda parceira logo abaixo do Reino Unido, seguido dos Estados Unidos, o Brasil até agora não conseguiu superar a faixa de 1% de investimentos, nem seus desacertos em terras lusas.

Para diminuir o fosso que se criou entre os dois países irmãos, Horta e Costa visitou o Brasil há duas semanas numa missão de convite, alerta e paz depois dos atropelos. "O Brasil pode nos emprestar seu entusiasmo, seu calor, sua dinâmica" diz, "e abandonar de vez a posição de país subdesenvolvido que vive de concessões da Europa", diz.

A missão portuguesa voltou empenhada em remover montanhas como o altíssimo preço dos fretes estabelecidos pelo acordo marítimo de 1978, a restrição à circulação de capitais, as barreiras impostas aos países exportadores.

Enquanto isso o secretário de Estado da Integração Européia, Vitor Martins, não se cansa de dizer que há 12 alternativas (12 países) para o Brasil integrar a Europa: "Mas ele só terá a ganhar se tomar Portugal como parceiro. Além de ser muito melhor do que entrar só, o Brasil se beneficiará de muitos investimentos, com nossos acessos privilegiados, por exemplo, no mercado espanhol".

— Não há paternalismos", garante Martins. "O Brasil não precisa de padrinhos, mas de parceiros", insiste.

Miguel Horta e Costa tem 40 anos, Vitor Martins 41 e ambos representam o novo Portugal, liberto dos mitos do passado. "Portugal", avisam aos investidores brasileiros, "definitivamente, virou a página".

Final da Constituinte não faz retomar investimentos

A conclusão dos trabalhos da Constituinte não animou empresários do setor privado nacional e multinacional a definirem os investimentos de médio e longo prazos no Brasil. A instabilidade política e econômica do governo é apontada como a razão principal para a falta de confiança. Aparentemente, no entanto, não há razão para indefinições.

Nas grandes empresas já estão criadas as condições objetivas fundamentais para a retomada dos investimentos: a grande capacidade de autofinanciamento, pouca ociosidade, estrutura gerencial e administrativa moderna, penetração no mercado externo. Algumas companhias de grande porte confirmam seus projetos e grandes investimentos.

Alguns planos, no entanto, já foram engavetados e deverão fazer falta no esforço conjunto da economia para sustentar o crescimento da população e saldar a chamada dívida social. Para fazer frente a esse compromisso histórico, o país precisa crescer em ritmo de 7% ao ano, o que implica investimentos anuais de US$ 75 bilhões.

Num ponto, todos concordam: a necessidade de combate à inflação de 20% ao mês. Nessa cruzada, o presidente da Fiesp, Mário Amato, procura obter a simpatia do governo à tentativa de um acordo amplo com lideranças trabalhistas que leve a um pacto social. Apesar do apoio obtido do presidente Sarney, Amato não teve até agora a simpatia da área econômica do governo.

Executivos confirmam mais aplicações

— As multinacionais não estão de mal com o Brasil. É certo que seus executivos não gostaram de alguns artigos da nova Constituição. É evidente, também, que a inflação de 1.000% ao ano está enlouquecendo seus aplicados contadores. Mas não é verdade, com se acreditou nos momentos mais tensos do segundo turno de votação da nova Carta, que o capital estrangeiro tenha perdido o interesse em investir no Brasil.

Rolf Loechner

"Não conheço uma única empresa americana que, a longo prazo, não confie bastante no Brasil", depõe o empresário Christopher Lund, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. "As restrições impostas ao capital estrangeiro pela nova Constituição foram uma pisada na bola, mas acredito que a necessidade de colocar o Brasil no rol das economias modernas vai derrubar essas coisas", opina, por sua vez, o engenheiro José Carlos Villaça, diretor vice-presidente da Rhodia, a maior empresa de capital francês no Brasil.

Estas declarações iluminam as duas vertentes em que se alimenta o otimismo das multinacionais instaladas no Brasil. De um lado, eles enxergam a Constituição e suas restrições como um acidente de percurso, incapaz de comprometer seus interesses de longo prazo no país. De outro lado, acreditam que estas restrições, por nefastas, não terão vida longa.

Futuro — "Entendemos que o processo político é dinâmico e não se encerra com a costura da nova Constituição", explica Rolf Loechner, presidente da Bayer do Brasil e da Câmara do Comércio e Indústria Brasil-Alemanha. O executivo, naturalizado brasileiro, lembra que agora terão início os trabalhos de elaboração da legislação complementar, e que eles conduzirão, no prazo de cinco anos, à revisão do texto constitucional. "Até lá, somente os pregadores das catástrofes temerão pelo futuro do país", acrescenta.

Lund, da câmara americana, compartilha esse ponto de vista. "Apesar de conter artigos contraproducentes, o novo texto fortaleceu o sistema democrático, e dentro da democracia os obstáculos podem ser removidos", diz ele.

Alguns executivos estão muito preocupados, como é o caso de José Augusto Marques, diretor de Relações Externas da Asea Brown-Boveri, multinacional suíço-sueca de equipamentos elétricos. Esta companhia tem 80% de seu faturamento ligados às encomendas governamentais, e está, evidentemente, muito apreensiva com o artigo da nova Constituição que ordena ao estado dar preferência de compra às empresas de capital nacional.

Mercado — "É cedo para se fazer uma análise mais profunda sobre investimentos, mas o panorama no primeiro momento não é muito animador", diz Marques. Sua empresa, que tem um faturamento anual de US$ 300 milhões no país, vê no Brasil "um mercado fantástico" para os seus produtos, principalmente na área de geração de energia.

Loechner, o presidente da Bayer, diz que sua empresa não irá cancelar os investimentos já programados, mas ressalva que sem as novas restrições ao capital estrangeiro eles se processariam mais rapidamente. Poucas empresas, como a Rhodia — que vai tocar firme investimentos de US$ 120 milhões por ano até 1992 — e a Ford — que em parceria com a Volks investirá US$ 1,3 bilhão no mesmo período — irão adiante com seus planos sem reservas. "A Constituinte nunca foi inibidora de nossos investimentos", sustenta Luiz Carlos Mello, presidente da Ford.

Melhor seria, para o país, que as multinacionais — que têm aportados no país US$ 26,2 bilhões e respondem por 26% da produção industrial brasileira — pensassem como a Ford.

"O perigo, com a discriminação, é que ela assusta os novos investimentos feitos por empresas que ainda não estão no país, mas poderiam, vindo para cá, ajudar no desenvolvimento", raciocina Lund, da Câmara americana. "Em termos quantitativos, o Brasil é um mercado espetacular", diz ele. "Mas quem está de fora e olha o país apenas pelo noticiário dos jornais pode enxergar apenas xenofobia e inflação."

Empresas vivem dilema

Over pode ser tão arriscado quanto investir

O cidadão que aplicasse as suas economias no *overnight* no dia 1º de janeiro deste ano, esperando, alguns meses depois, manter o poder de compra e, assim, adquirir um carro zero quilômetro, cometeria um grande equívoco.

O dinheiro que garantia a aquisição do veículo no início do ano é insuficiente, oito meses depois, para que o dono dos recursos tivesse condições de fazer idêntico negócio. Os reajustes de preços dos carros no período inviabilizam essa equação para o bolso do interessado.

O exemplo é usado por Márcio Orlandi, sócio da Arthur Andersen, uma das empresas líderes de consultoria do país, para ilustrar o dilema em que se encontram muitas indústrias. Capitalizadas, com dinheiro no *overnight*, elas sabem que, quanto mais tempo passar, menos construirão, em razão dos pesados aumentos de custos de um novo investimento que superam qualquer aplicação financeira. Os empresários constatam a necessidade de mudar de postura mas também de manter um comportamento cauteloso.

"Se alguém vê o final da atuação da Constituinte como um marco para uma reviravolta na economia, engana-se, porque esse marco não deverá levar a novos investimentos pelo menos a curto prazo, porque as dúvidas permanecem", acredita Orlandi, ao comentar que as empresas ainda avaliam os custos que decisões da Constituinte, como os benefícios trabalhistas, podem pesar em novos projetos. É o que pensa também Mozart Martins Dorna, consultor de empresas da Coopers & Lybrand.

Investimentos — Um levantamento realizado por Orlandi demonstra que o primeiro semestre de 1988 mostrou que os investimentos em ativos imobilizados são irrelevantes e mal cobrem a depreciação do período nas fábricas em atividade.

O encerramento dos trabalhos da Constituinte não significa que os investimentos possam ser retomados, analisa Antoninho Marmo Trevisan, presidente da empresa de consultoria e auditoria Trevisan & Associados, que identifica dois problemas que devem ser atacados de frente pelo governo para se criar um clima de segurança aos agentes econômicos: a inflação e a redução do déficit público.

Trevisan, que já comandou a Sest (Secretaria de Controle das Estatais), tem uma visão pragmática sobre o assunto: altas taxas de inflação levam o empresário a se encolher, buscando proteção para o seu dinheiro em diversos ativos.

O governo, diz Trevisan, deve centrar fogo na questão da dívida interna, que está por volta de US$ 70 bilhões e o obriga a buscar recursos no *overnight*, através da colocação de títulos, para pagar os encargos desse débito das 176 estatais. Trevisan, propõe um fundo de ações do conjunto das estatais produtivas para substituir os títulos da dívida pública, que pressionam a inflação.

Déficit público — O economista Yoshiaki Nakano, que ocupou o cargo de principal assessor do então ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, de maio a dezembro de 1987, analisa que as empresas passam a uma nova etapa, com uma reavaliação do que elas podem fazer em termos de investimento.

Navarro calcula que os recursos do *overnight* situam-se entre US$ 35 bilhões e US$ 40 bilhões e podem sofrer algum impacto em razão do quadro de incertezas na economia e desconfia que a política de elevação das taxas de juros praticada pelo governo "é o caminho mais rápido para a hiperinflação".

Para ele o déficit público deve ser atacado, como defende Trevisan, mas vê na transferência brutal de recursos o grande complicador para que não haja investimentos maciços no país. E afirma que, às custas de megasuperávits na balança comercial, o Brasil vai transferir US$ 10,6 bilhões em 1988, para pagar os juros da dívida externa, dos quais 80% são de responsabilidade do setor público.

Alguns projetos são engavetados

As mais de cem leis complementares à nova Constituição que serão elaboradas pelo Congresso Nacional ainda são um empecilho para a retomada dos investimentos, segundo alguns empresários. Executivos de multinacionais, porém, acham que a instabilidade econômica e política do governo ainda não permite a confiança de que as regras do jogo não voltarão a mudar.

Mas para as multinacionais, a grande preocupação é com a decisão da Constituinte de dar preferência às empresas de capital nacional. Isto não chegou a assustar as empresas, a ponto de cortarem seus investimentos ou encerrarem suas atividades no país, mas deixou engavetados vários novos projetos. Entre essas empresas está a White Martins, que produz gases industriais. Segundo seu presidente, Félix de Bulhões, a empresa pretendia diversificar suas atividades. Mesmo assim, ela continuará investindo na área de gases industriais, eletrodo de grafite e soldagem. Este ano, disse Bulhões, serão US$ 57 milhões, e para 1989 já estão previstos US$ 70 milhões.

A Shell, que atua na distribuição de derivados de petróleo, com 4 mil 500 postos, na área química e de metais, com a Alumar, manterá os investimentos planejados de US$ 230 milhões nos próximos dois anos. Para Omar Carneiro, diretor da empresa, daqui para a frente com a nova Constituição ficará mais difícil disputar recursos junto à matriz.

Preferência — A Xerox também não planeja arrefecer os investimentos, tanto que nos próximos três anos gastará US$ 150 milhões em equipamentos e numa nova fábrica de copiadoras em Manaus. Para o vice-presidente executivo da Xerox do Brasil, Gunnar Vikberg, provavelmente haverá alterações e adaptações nas leis ordinárias. "O ponto que dá preferência às empresas de capital brasileiro para vender ao governo será removido pela sociedade", diz.

O investimento da R. J. Reynolds deverá permanecer em torno de US$ 5 milhões anuais, o suficiente para manter os equipamentos e a renovação da frota de carros. "Há disposição e dinheiro para investir, mas falta confiança nas regras do jogo", afirma Thomas McCoy, presidente da empresa.

Empresa privada está capitalizada

Do ponto de vista das grandes empresas privadas instaladas no Brasil, já estão criadas as condições fundamentais para a retomada dos investimentos: grande capacidade de autofinanciamento; nível de capitalização elevado que permite o aumento de alavancagem financeira sem assumir riscos muito altos; capacidade ociosa baixa; estrutura gerencial e administrativa moderna; e razoável penetração no mercado externo.

Essas foram, em linhas gerais, as principais conclusões a que chegou o economista e consultor de empresas Domingos Rodrigues, ao final de uma detalhada pesquisa sobre os indicadores econômicos e financeiros de 230 grandes grupos empresariais, entre 1970 e 1987. A análise desses indicadores, segundo o economista, mostra claramente que as empresas privadas adotaram uma postura gerencial completamente diferenciada daquela seguida pelas estatais. Como decorrência, apresentam hoje uma situação econômico-financeira muito melhor que as últimas, constituindo-se nos principais ativos do país.

Lucros — O trabalho mostra ainda que embora a rentabilidade das empresas privadas brasileiras tenha declinado entre 1975 e 1983, acompanhando a desaceleração do crescimento econômico, ela voltou a crescer de forma expressiva a partir de 1984. Em 1987, por exemplo, a margem de lucro média das 500 maiores empresas norte-americanas foi de 4,6% enquanto que a média das empresas brasileiras foi de aproximadamente 10%, descontado os casos anormais. Além disso, o fato de a margem bruta de lucro das empresas nacionais privadas ter subido de 30,1% em 1986 para 42,4% no ano passado aliado aos bons resultados obtidos no primeiro semestre deste ano mostra, segundo Domingos Rodrigues, que a lucratividade bruta das empresas já está colocada num patamar bastante favorável.

Em função desses indicadores — conclui Domingos —, o papel dos empresários não deve ser distribuir o capital acumulado em suas empresas: seria um erro histórico. O que eles devem fazer é utilizar o seu estoque de capital.

Philips espera mudanças

São Paulo — Ariovaldo Santos

Sluiter: vento moderadamente contra

O administrador Franz Sluiter, diretor-superintendente da Philips brasileira, ramo vigoroso do quinto maior conglomerado mundial do setor de eletrônica, gosta de navegar. E é com a linguagem dos navegadores, afeitos aos caprichos do tempo, que este executivo de 49 anos, há 16 meses no Brasil, resume suas impressões sobre o clima que a nova Constituição criou para os investimentos da companhia que dirige.

"O vento sopra moderadamente contra", diz ele. "Mas é bom lembrar que os sistemas atmosféricos de alta e baixa pressão, que determinam os ventos, também mudam." Está aí, na expectativa de mudanças, a chave para entender o profundo otimismo desse holandês bem humorado, que vive há vinte anos longe do seu país e da matriz mundial da companhia, em relação ao futuro da economia brasileira e à participação da Philips nesse futuro.

Ele acredita que as restrições impostas pela Constituição à atuação do capital estrangeiro não serão interpretadas ao pé da letra. Confia, especificamente, em que a evolução das discussões no interior da sociedade e do governo brasileiros tornem inaplicáveis, na prática, as reservas de mercado embutidas no novo texto pela diferenciação entre empresas de capital estrangeiro e de capital nacional.

Planos — Ainda assim, a companhia — que já desativou negócios na área de telecomunicações e medicina devido a restrições impostas pela reserva de mercado na área de informática — prefere acautelar-se a curto prazo. "Vamos acompanhar a evolução das coisas antes de prosseguir com os planos de investimento", admite Sluiter.

Nos próximos quatro anos, a Philips planeja investir 400 milhões de dólares no Brasil. Esta capital viria se somar aos US$ 800 milhões trazidos pela companhia em seus 80 anos de Brasil.

"No nosso negócio, quem não investe fecha as portas em quatro ou cinco anos", ensina o executivo, cuja companhia lidera o ranking nacional do setor eletroeletrônico, com um faturamento estimado em US$ 570 milhões. Obviamente, a Philips não pretende fechar suas portas. Até porque, pondera seu superintendente, a Constituição não revogou as vantagens comparativas que o país oferece como praça de investimento.

"Como poucas nações, o Brasil tem um mercado com economia de escala, infra-estrutura industrial, mão-de-obra treinada e matérias-primas abundantes", enumera Sluiter. Não é pouco, mesmo para uma multinacional que tem fábricas operando na China, Japão, Estados Unidos e domina, sobranceira, o mercado europeu: "Temos uma visão a longo prazo do Brasil."

Simonsen vê instabilidade

A Constituinte afastou as dúvidas sobre a questão institucional mas não avançou o suficiente para que as empresas se sentissem seguras nas suas opções de investir. Economistas e consultores como o ex-ministro, Mário Henrique Simonsen, até admitem que os maiores grupos empresariais brasileiros estão supercapitalizados e com baixo coeficiente de endividamento. Lembram, no entanto, que o fracasso do governo no combate à inflação e as conseqüentes indefinições de política econômica ainda constituem fortes inibidores dessas decisões de investimentos.

O ex-ministro chega, inclusive, a afirmar que a Constituinte não ajudou. Retraiu os investimentos estrangeiros e ainda emitiu sinais de instabilidade político-econômica ao inserir no texto constitucional um dispositivo tabelando as taxas de juros em 12%. Apesar disso ele assegura que em alguns setores as empresas já saíram em busca de novas oportunidades mas que muitos grupos ainda vão esperar o horizonte ficar mais claro para realizar novas inversões.

O raciocínio do ministro Mário Henrique Simonsen bate, de certa forma, com as avaliações do economista Paulo Rabelo de Castro, da Fundação Getúlio Vargas. Para ele já existem razões objetivas incentivando os empresários na busca de investimentos mas, do ponto de vista subjetivo, o investidor ainda se sente inseguro para tomar a decisão. Entre os fatores objetivos Rabelo destaca o baixo preço cobrado por bens de capital no país (terras, imóveis e equipamentos) e a baixa rentabilidade que as aplicações no mercado aberto proporcionam às empresas. "As opções de continuar aplicando o caixa no *over* estão se transformando num negócio arriscado, tendo em vista a instabilidade do setor público", que está com as finanças completamente caóticas contribuindo para espalhar um efeito maléfico sobre o restante da economia", afirma.

Da mesma forma que o ministro Simonsen, Rabelo também assegura que um grupo por ele classificado de "destemido" já tomou consciência do Brasil real e já saiu em campo "da mesma forma que a alma sai na frente do corpo quando as pessoas estão com pressa". Esses "destemidos", na opinião do economista, não estão preocupados com a crise e apostam pesado no futuro. Seus principais expoentes são os produtores de laranja, os pecuaristas, os industriais ligados ao setor de papel e celulose e os empresários envolvidos com tecnologias de ponta e serviços.

Instabilidade — O fato de o poder executivo se apresentar frágil para a sociedade é um fator que inibe os investimentos e contribui para aumentar as incertezas. Acontece que, na avaliação do sócio-diretor da Arthur Andersen, Boris Jaime Lerner, é justamente nas horas de incertezas que acontecem as melhores oportunidades de investimento. O empresário continua reticente em relação aos investimentos mas nos consultores sabemos que, apesar da espiral inflacionária, a economia brasileira não está parada. Até parece — explica — que o país aprendeu a conviver com a inflação acima dos 20%".

O mesmo ponto de vista foi manifestado pelo diretor da Price Waterhouse, Célio Lora, para quem o momento de incerteza e até mesmo a desorganização do setor público farão com que as empresas iniciem uma fase de fusões e incorporações. Pelo que nós temos observado, o mercado ainda não se manifestou por novos investimentos. Mas, na medida em que nos deparamos com um universo empresarial, onde alguns grupos continuam supercapitalizados e outros com grandes dificuldades financeiras, é mais do que lógico se supor que o próximo passo será a incorporação. As unidades mais capitalizadas vão acabar adquirindo as endividadas".

Célio Lora exemplifica lembrando que todas as empresas colocadas em leilão pelo BNDES foram rapidamente absorvidas pelo mercado, o que demonstra que o custo foi compensador considerando suas potencialidades futuras. As empresas disponíveis no mercado estão muito baratas, e tudo indica que uma fase de expansão se aproxima. E o melhor: tenho certeza que o setor privado nacional sairá fortalecido neste processo".

Fiesp mobilizada para o acordo

Fim de emoção. Fim da divisão. Essas são as duas novas palavras de ordem que começam a percorrer os agitados corredores da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). Agora, com o fim da votação da nova Constituição pela Assembléia Nacional Constituinte, muda-se o cenário, deixa-se a cena central e estimula-se o movimento de bastidores. O empresariado procura agora compatibilizar sua ação com o novo texto e esta proposta integra o documento que articula com líderes trabalhistas. O presidente da Fiesp, Mário Amato, ensaia o discurso para a retomada dos investimentos. Tranqüiliza seus parceiros e remete o problema ao novo inimigo: a inflação. Dentro da entidade há perfeitamente assimilado e satisfatoriamente recebido o princípio básico da nova Constituição: a iniciativa privada prevaleceu.

A diretoria da Fiesp passou a trabalhar em várias frentes. Em uma delas anuncia para o público interno que há necessidade de se "administrar" o resultado da Constituinte, enquanto prepara textos, documentos, sugestões e afina seu poderoso *lobby* para a próxima fase. Em outra, continua proclamando-se contra o déficit público, o tamanho do Estado na economia e exigindo a privatização de empresas rentáveis e a extinção das deficitárias.

"Basta à inflação" foi a palavra de ordem nascida em um encontro com a CUT (Central Única dos Trabalhadores). O acordo pretende criar, paralelamente, as condições ideais para a retomada dos investimentos.

Nas suas negociações com os trabalhadores, Amato, auxiliado pelo diretor do Departamento Sindical, e também primeiro-secretário da Fiesp, Roberto Della Manna, tem buscado, em segundo lugar, criar mecanismos seguros de correção de preços e salários, desde que se incluam no mesmo rol as tarifas públicas e os preços dos produtos e serviços públicos ou das estatais.

Para atrair os trabalhadores, os empresários aceitaram incluir no acordo cláusulas que pedem a renegociação da dívida externa, mas também não se esqueceram de formular um plano para a conversão da dívida pública interna. A partir de sugestão do presidente da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica), Aldo Lorenzetti, Amato pede o pagamento da dívida do setor público em ações. Ou seja, cada estatal pagaria até 50% de suas dívidas às empresas credoras em ações. Com isso, o Estado reduziria o déficit e conseqüentemente diminuiria a rolagem periódica de sua dívida, atacando de frente o grande dragão devorador: a inflação.

Reportagem de: Ivan Martins, Zelão Rodrigues e Nilton Horita (São Paulo); Ronaldo Lapa, Elane Maciel e Lúcio Santos (Rio)

Sistema financeiro é cético

O final dos trabalhos da Constituinte chegou ao meio empresarial como um bombeiro depois do incêndio. Não apagou as chamas a tempo de salvar todo o patrimônio, mas serviu para rescaldar as bases chamuscadas do reinício de uma nova fase de desenvolvimento. Essa é a sensibilidade dos executivos do sistema financeiro, peças fundamentais na percepção do desejo de investir dos setores produtivos da economia. "Pior do que estava não ficará", garante o gerente-geral adjunto do Lloyds Bank (o mais antigo banco estrangeiro em atividade no país, de capital britânico), Luís Lisboa.

"Os empresários estavam emperrados em suas decisões", lembra Lisboa. "Não fazíamos mais hoje o que deveríamos fazer amanhã, ao contrário, adiávamos as decisões para a próxima semana em função da intranqüilidade gerada pela Constituinte". Essa opinião é compartilhada pelo diretor do BBA Creditanstalt Banco de Investimento, Cândido Botelho Bracher. Para ele, o final da Constituinte trouxe a perspectiva de um período de estabilidade institucional para os próximos anos.

Essas previsões ainda não podem ser trazidas em números por uma razão bem simples: há pelo menos 200 leis complementares a serem votadas para que as novas regras sejam bem definidas, e essa fase precisa ser transposta. "O mais importante foi termos a Constituinte homologada, agora estaremos avançando paulatinamente, à medida e ao ritmo da votação das leis complementares", acredita Lisboa.

Há opiniões, porém, que concordam na abertura de um novo período de desenvolvimento na economia brasileira, mas consideram a Constituinte como um fator impotente na tomada de decisões. É o caso do economista Francisco Barbosa, assessor de várias instituições financeiras estrangeiras. A Constituinte, para ele, não inibiu o investimento no período em que ela foi discutida e votada.

"A economia brasileira está vinculada às decisões das empresas e aos consumidores, e toda recessão é uma debandada das empresas e consumidores para o mercado financeiro", acrescenta.

Países ricos já admitem abater dívida dos pobres

AP — Washington

Greespan: não há ginástica fiscal que resolva crise

Reuter — Washington

Rhodes: redução da dívida e volta do dinheiro novo

Reuter — Tóquio

Camdessus: diretor-geral do FMI também participa

José Varella — 05/08/87

Bresser: tese provocou risos mas a ONU encampou

AP — Nova Iorque

Cuellar: juros altos farão dívida inadministrável

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Às vésperas da assembléia anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, que se realiza este mês em Berlim, multiplicam-se nos principais centros financeiros do mundo, especialmente aqui nos Estados Unidos, as discussões sobre novas alternativas para lidar com a crise da dívida externa dos países em desenvolvimento. Até banqueiros e funcionários de governos, antes inflexíveis, acabam de aderir à tese de que a única solução é o abatimento da dívida.

Mesmo do sisudo e tradicionalmente conservador Federal Reserve Board (Fed, o banco central dos Estados Unidos) surgiu finalmente o primeiro sinal de mudança. Um dos diretores do Fed, John LaWare, aproveitou a convenção da Associação Nacional dos Banqueiros, em Boston, esta semana, para dar sua contribuição. Ele aconselhou os bancos a promoverem a reestruturação da dívida do Terceiro Mundo, trocando os vencimentos de curto prazo por títulos de longo prazo, com período de carência e juros fixos. Com isto, finalmente o capital externo voltaria a fluir para esses países.

A idéia não chega a ser original. Países, como o Brasil, já estão tateando por esse caminho e conseguindo os primeiros resultados. Mas o importante é que a única voz que se ouvia até recentemente do Fed era pouco estimulante. Num dos seus recentes discursos, Alan Greespan, que preside a instituição, dizia que não há "esquema financeiro ou ginástica fiscal" capaz de resolver a crise. Para ele, o único jeito é os países pobres se contorcerem em políticas de austeridade para arranjar um jeito de pagar.

Discussões — Esse tipo de abordagem vai cedendo lugar a outras menos ortodoxas. Acaba de ser finalizada, por exemplo, uma discussão que se vinha estendendo por diversas reuniões desde fevereiro, em que um grupo de banqueiros, acadêmicos e funcionários conclui que o plano Baker morreu e que chegou o momento de pensar diretamente em duas medidas: o abatimento da dívida, através de redução direta dos totais ou de juros abaixo do mercado, e a volta de verdadeiro dinheiro novo para o Terceiro Mundo. Entre os participantes da discussão, estava William Rhodes, do Citibank, chefe do comitê de credores do Brasil.

Ainda nas vésperas da reunião de Berlim, vão surgir vários outros documentos. Um instituto de Washington, financiado pelos bancos internacionais, acaba de mandar uma carta ao FMI e ao Banco Mundial, com dados para mostrar que o atual esquema de rolagem da dívida já deu o que tinha que dar. Até a nova lei de comércio, autoriza o Executivo a iniciar discussões para encontrar uma solução para o problema da dívida.

Na realidade, discussões específicas já começaram no Subcomitê de Finanças Internacionais e Política Monetária do Senado, onde no mês passado o presidente de uma das maiores corporações americanas — o American Express — foi convidado a expor suas idéias sobre a necessidade de se criar uma instituição multinacional capaz de resolver a crise. Esse "Instituto Internacional de Dívida e Desenvolvimento", sugerido por James Robinson III, compraria, com desconto, a maior parte da atual dívida, renegociando caso por caso com os devedores, dando-lhes condições de real recuperação.

Os governos da França e do Japão já se manifestaram claramente pelo perdão de parte importante da dívida dos países mais pobres e na própria América Latina já houve o caso da Bolívia, que com ajuda dos Estados Unidos e outros ricos, conseguiu redução substancial de sua dívida. A Costa Rica, um pequeno devedor, está para conseguir um abatimento sem precedentes de sua dívida, enquanto os maiores devedores, como o Brasil, também têm conseguido importantes avanços, que parecem abrir novas perspectivas.

Abatimentos reais —Os planos de conversão e de títulos de saída (*exit bonds*) são, na prática, abatimentos reais, verdadeiras reduções nos volumes das dívidas de países como o México ou o Brasil. Eles parecem apontar para passoas ainda mais audaciosos e criativos nessa mesma direção. Os bancos que aceitam os *exit bond* trocam sua dívida de curto prazo por títulos a vencer em 25 anos, com juros fixos de 6%. Como o Brasil está pagando mais de 10% (taxa *libor* mais *spread*), isso significa uma redução real dos juros. Uma forma de abater a dívida.

Ninguém sabe aonde exatamente vão parar os atuais avanços e o inédito ritmo de discussões sobre a crise da dívida. Mas o certo é que se está criando um clima para que o próximo governo dos Estados Unidos aceite o desafio que a adminitração Reagan quis evitar. "De uma forma ou de outra, o problema (da dívida externa dos países em desenvolvimento) precisa ser enfrentado. Ignorar isso é abdicar da liderança moral e pôr em perigo a saúde econômica dos Estados Unidos", como disse um editorial a *New York* Times saudando a volta do Brasil ao sistema e condenando a falta de ação da administração Reagan.

ONU propõe divisão do deságio

Sônia Beatriz de Barros

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, neste fim de semana é o anfitrião de um encontro informal para consultas sobre o problema da dívida externa do Terceiro Mundo. No documento de encaminhamento para o debate, a Secretaria-Geral da ONU manifesta sua preocupação com a questão da dívida que, em seu entender, "ficará inadministrável se a economia murdial sofrer uma virada e se os juros tiverem uma alta generalizada".

Os convidados de Perez de Cuellar, entre eles o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, os presidentes do Banco Mundial e do BID, Barber Conable e Enrique Iglesias, o ex-ministro da Fazenda do Brasil Bresser Pereira e o *pai da perestroika*, Abel Aganbegyian, além do ex-chanceler da Alemanha Helmut Schmidt e o ex-ministro do Japão Saburo Okita, debatem o que para a ONU é uma questão hoje fundamental: como financiar o desenvolvimento do Terceiro Mundo, principalmente dos 15 maiores devedores.

"As perspectivas de um aumento substancial na ajuda financeira em resposta às necessidades de desenvolvimento do Terceiro Mundo são desanimadoras", constata o secretário-geral da ONU. "Os créditos oficiais estão estabilizados, a ajuda bilateral tende a diminuir, os empréstimos dos organismos multilaterais estão estagnados e em alguns casos o fluxo é negativo, devido ao alto custo do serviço da dívida. Os créditos oficiais para exportações diminuíram nos últimos anos e o refinanciamento das dívidas no âmbito do Clube de Paris aumentou significativamente."

Dinheiro novo — Na avaliação das Nações Unidas, o financiamento pelos bancos comerciais é desapontador. Os bancos hesitam em dar dinheiro novo aos devedores, embora a maioria tenha reduzido sua *exposure*, através de provisões nos balanços contra os endividados de alto risco. Em resumo, para a ONU, o dinheiro necessário para a retomada do crescimento e o desenvolvimento futuro dos países devedores não poderá ser obtido apenas através de novos empréstimos pelas condições hoje em vigor. A redução da dívida torna-se "uma medida necessária" para aliviar as atuais condições que, em casos como o de alguns dos 15 países de renda média, poderão resultar em tensão social e política, além de estagnação.

Deságio — Entre as sugestões encaminhadas por Perez de Cuellar para debate está a tese do ex-ministro Bresser Pereira que, quando divulgada em setembro do ano passado, provocou risos e descrença geral. Trata-se da sugestão de *rachar o deságio* com que são vendidos os títulos da dívida externa no mercado secundário. Agora é a ONU quem diz:

"Se aos países devedores for dado um pouco mais da metade do deságio (em média de 55%, hoje), eles poderão romper o círculo vicioso. Após cinco anos, a renda será 24% superior, os investimentos 36% maiores do que no ano-base, a relação entre o nível de endividamento e o PIB será em média 17 pontos percentuais mais baixa, e a existente entre as exportações e o pagamento da dívida 100 pontos percentuais menor. Uma taxa de crescimento de 5,5% se manterá estável, e os números da dívida vão melhorar. Este perdão será um mecanismo que colocará em ação o processo de crescimento dos superendividados que é o objeto deste documento."

Perdão — As nações Unidas entendem ainda que o perdão trará conseqüências benéficas para os credores: eles não terão de se envolver em prolongadas negociações para refinanciamento dos débitos; o progressivo fortalecimento da capacidade dos devedores continuarem servindo a dívida levará à queda dos descontos no mercado secundário; e o mais rápido crescimento dos endividados abrirá oportunidade para novos empreendimentos rentosos.

Um consenso sobre este perdão, no entender das Naçoess Unidas, não representará uma ameaça para a política de ajuste caso a caso defendida pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker. "Nem enfraquecerá o sistema financeiro internacional, pois os bancos comerciais estão numa posição em que, com a ajuda das autoridades reguladoras, poderão absorver o impacto deste perdão."

Outras sugestões, segundo Perez de Cuellar, estão sendo feitas por organizações e indivíduos proeminentes, mas podem ser divididas em dois grupos: a criação de uma agência internacional para avaliar os empréstimos, dando aos bancos credores a garantia necessária; e a redução espontânea dos juros cobrados, através de incentivos e outras medidas fiscais concedidas pelos governos envolvidos.

As duas sugestões exigem, porém, uma decisão política, e a aplicação de qualquer uma delas também exigirá que os devedores se comprometam a seguir políticas de crescimento e de ajuste não muito diferentes das atuais, entendem as Nações Unidas.

Sarney faz viagem histórica à URSS

Muda a qualidade das relações entre os países

Maria Luiza Jacobson

BRASÍLIA — A viagem do presidente José Sarney a Moscou, em outubro, tem um significado histórico para o Itamarati, já que ele será o primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar a União Soviética. Preparando essa viagem, duas missões brasileiras reúnem-se esta semana em Moscou para uma série de entendimentos na área econômica, que poderão transformar-se em acordos a serem assinados durante a viagem presidencial. Serão reexaminados também todos os acordos assinados até agora com a URSS.

O principal recado que os negociadores brasileiros darão aos soviéticos é que estão dispostos a desenvolver o comércio com a URSS em base de mercado e não mais trocando equipamentos pesados por produtos primários. "É preciso que os soviéticos aproveitem o discurso externo para se engajarem diretamente com o setor privado", disse uma fonte do Itamarati.

Importância — Por esse motivo, representantes de 18 empresas privadas participarão, como observadores, das reuniões da 11ª Comissão Intergovernamental de Cooperação Econômica, Científica e Tecnológica Brasil-URSS, chefiada pelo embaixador Luís Felipe Lampréia, subsecretário de Assuntos Políticos Bilaterais do Itamarati. O número de delegados a esta reunião é uma demonstração da importância que o governo brasileiro está dando ao encontro: integram a missão representantes dos ministérios da Indústria e do Comércio, Irrigação, Transportes, Ciência e Tecnologia, além da Cacex, Vale do Rio Doce, BNDES e Inpe (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial).

Entre as 18 empresas do setor privado, encontram-se a Andrade Gutierrez (ligada a projetos de irrigação), Norberto Odebrecht (interessada em obter financiamento soviético para a construção da ferrovia Transnordestina, ligando o interior de Pernambuco ao Ceará), café solúvel Cacique e sucos de laranja Cutrale, responsáveis pelas duas primeiras *joint ventures* entre Brasil e URSS, e a Staroup, preparando também uma *joint venture* para confecção de *jeans* na União Soviética.

O Banco do Comércio Exterior da URSS propôs ao governo brasileiro um acordo interbancário do tipo *clearing* (de crédito recíproco, com as contas liqüidadas em moeda local pelo próprio governo, até um determinado limite, após o qual o pagamento deve ser feito em moeda forte, geralmente o dólar). O Banco Central e a Cacex concordaram. A Cacex está propondo aos soviéticos a abertura de linhas de financiamento com diferentes prazos para diferentes categorias de produtos. Esses financiamentos eram até agora analisados caso a caso.

As negociadores brasileiros sabem que é necessário um esforço para aumentar as importações brasileiras da URSS, já que a balança comercial é fortemente favorável ao Brasil. O comércio entre os dois países, que em 1983 chegou perto de US$ 1 bilhão, caiu para apenas US$ 450 milhões em 1987, sendo que o Brasil vendeu US$ 380 milhões e comprou apenas US$ 70 milhões.

Interesses — A Braspetro quer pesquisar com os soviéticos novas zonas de prospecção de petróleo na URSS e em países onde os soviéticos atuam. O Inpe (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial) e a Cobrae (Comissão Brasileira de Atividades Espaciais) querem desenvolver pesquisas conjuntas com os soviéticos na área especial. Quanto ao interesse da Aeroflot em estabelecer uma linha regular de vôos para o Brasil, o Itamarati informou que é preciso uma avaliação dos benefícios que esta concessão geraria, uma vez que há uma resistência da Varig em "repartir de mão beijada" uma rota do mercado europeu onde opera praticamente sozinha. Segundo o Itamarati, empresas aéreas da Finlândia e da Bélgica aguardam uma concessão semelhante há mais de 20 anos.

O presidente interino da Ceti (Comissão de Estudos Tributários Internacionais do Ministério da Fazenda), José Rodolfo Hulse, chefiará a delegação brasileira à 2ª rodada de negociações sobre o acordo para evitar a dupla tributação entre os dois países. Embora Brasil e URSS não tenham problemas de dupla tributação, o acordo antecipa a intensificação no relacionamento econômico entre ambos, disciplinando, desde já, as normas que o regerão.

Maturidade — Há três acordos assinados entre o governo brasileiro e o soviético, aguardando aprovação do Congresso. O primeiro deles, assinado pelo ex-chanceler Olavo Setúbal, em Moscou, em 1985, de cooperação econômica e técnica, poderá ser ratificado na visita de Sarney. Os outros dois, assinados por ocasião da visita do chanceler soviético, Eduard Shervadnadze, a Brasília, no ano passado, referem-se à cooperação cultural e à cooperação econômica, científica e tecnológica. Segundo o Itamaraty, a ida de Sarney neste momento, corresponde a um processo de maturação política do país. Embora os presidentes da Argentina e do Uruguai já tenham ido a Moscou, ainda não era o momento do Brasil. Durante o regime militar, o Brasil manteve com a União Soviética e com os países do Leste Europeu uma relação considerada correta, centrada apenas no aspecto econômico e comercial.

O processo de abertura foi gradual e lento. À visita de Setúbal à URSS, seguiram-se as dos ministros Renato Archer, da Ciência e Tecnologia; Denis Schwartz, da Habitação e Urbanismo; José Reinaldo Tavares, dos Transportes, que irá, esta semana, negociar o acordo de construção da ferrovia Transnordestina; e o comandante-do-ar Querubim Rosa Filho, que chegou recentemente de Moscou, onde visitou a base aérea de Kubianca, um segredo até agora indevassado para os militares brasileiros.

CASA DA MOEDA DO BRASIL

TOMADA DE PREÇOS

TP Nº	OBJETO	ENCERRAMENTO
1247/88	(CONTRATAÇÃO DE LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS)	26/09/88 às 15:30 h

Os interessados poderão obter o edital e demais informações na seção de compras — SECP, na Rua René Bitencourt, 371 Distrito Industrial de Santa Cruz — RJ.

Faculdade cinqüentenária dá consultoria à sociedade

Kido Guerra

Do velho Eugênio Gudin, pai do pensamento econômico brasileiro, resta muito pouco na Faculdade de Economia e Administração da UFRJ — a FEA —, da qual ele foi um dos fundadores: alguns livros, um quadro a óleo na sala de reuniões e a lembrança de professores mais antigos. A efervescência dos anos 40 e 50, em que a FEA reinou como única escola de economia do Brasil, foi palco de calorosos debates e Gudin era professor, já não existe mais.

Ao completar meio século este ano, no entanto, a faculdade relembra seus mitos, espanta os fantasmas e busca retomar sua importância a nível nacional, traçando planos para o presente e o futuro. Um seminário internacional sobre economia, que abre as comemorações do cinqüentenário da escola na próxima terça-feira, com a presença do outro fundador da FEA, o ex-ministro Octávio Gouvêia de Bulhões, é o forte sinal dessa tentativa de revigoramento, juntamente com atividades diversas, também destinadas à sociedade, que vão de um amplo fórum de debates a trabalhos de consultoria econômica.

Um resgate do passado? Não, segundo a atual diretora da FEA, professora Anna Luiza Ozorio de Almeira, desde 1978 na UFRJ: apenas o prosseguimento de um trabalho acadêmico, marcado pelo dinamismo e pela diversidade de idéias.

Eletismo — Essa é uma unanimidade. A FEA sempre se caracterizou por seu intenso ecletismo. "A Faculdade não é matriz de um pensamento totalitário, não segue uma única tendência, é nesse sentido ela é mais uma universidade do que uma escola", diz o economista Aloísio Teixeira, ex-superintendente da Sunab e, até pouco tempo, secretário-geral do Ministério da Previdência Social, também professor da FEA. "O que caracteriza a faculdade é o fato dela ser universal. Existe nela, até hoje, um caldo de cultura para a formação de um pensamento eclético. É importante que haja um lugar assim", diz Aloísio Teixeira.

Por ela passaram, enquanto alunos, economistas que, a partir dos anos 70, ganharam notoriedade e, mais recentemente, passaram a dividir, com colegas de outras universidades de linha ideológica mais definida — como as PUCs do Rio e de São Paulo e a Universidade de Campinas —, a linha de frente do debate econômico no país.

O heterodoxo Francisco Lopes passou por lá, de 1964 a 1967, e se lembra bem de Carlos Langoni, presidente do Banco Central, no governo Figueiredo. O antecessor de Langoni no BC, Paulo Pereira Lyra, também estudou na FEA, só que bem antes, entre 1950 e 1953. Apesar da distância, Lopes e Lyra concordam: "Nunca houve uma linha de pensamento definida. As atividades sempre foram praticamente voltadas para o estudo global da economia."

Correntes — Pela faculdade, passaram praticamente todas as correntes do pensamento econômico brasileiro: do conservadorismo de Bulhões e Gundin ao desenvolvimento nacionalista de Antônio Dias Leite — ministro das Minas e Energia do governo Médici —, passando pelo liberalismo reformista do senador Roberto Campos, que foi ministro do Planejamento do governo Castello Branco. Todos ex-professores.

Além do progressismo de Maria da Conceição Tavares, que hoje, ainda professora da FEA — onde estudou e foi assistente do professor Bulhões —, faz questão de bradar: "Somos todos heterodoxos", com a concordância dos colegas Antônio Barros Castro e Carlos Lessa, atualmente diretor do BNDES.

Nos anos 50, as discussões marcantes foram voltadas para o estruturalismo inovador trazido pelo economista Celso Furtado — que não chegou a ser professor da FEA, mas lá esteve como debatedor —, seguido do pensamento de esquerda do chamado *cepalismo*, que deu origem ao pensamento que, nos anos 60 e 70, motivou o esvaziamento e a ruptura quase fatais para a faculdade.

Durante uma década, a FEA foi sendo esvaziada, mas, em 1978, como lembra o secretário de Fazenda do Estado do Rio, também professor de pós-graduação da faculdade, Antônio Cláudio Sochaczewsky, vários concursos públicos foram promovidos, determinando o início do renascimento da escola.

Renascimento — "Foi um marco para a história recente da faculdade e, desde então, os colegas que entraram comigo nessa época passaram a influenciar a vida econômica do país e do Rio, em particular", diz o secretário, lembrando que antes disso "a faculdade estava esquecida e desmotivada". Ou, como prefere Carlos Lessa, "a faculdade passou por um grave período de senilização, em que professores iam morrendo ou saindo, sem serem substituídos".

Lessa lembra também que a história da FEA se relaciona diretamente com o surgimento no Brasil da profissão de economista, inexistente quando a escola foi criada em 1938. No final dos anos 50, a categoria passou a ser ouvida na condução da vida política do país e nos anos 60 o economista passou a ser uma personalidade importante. Muitos deles egressos da FEA.

Mas fica nisso tudo uma frustração, como lamenta Maria da Conceição Tavares. "Esta é uma escola de fracassos", diz, referindo-se às incontáveis teorias de salvação do país pela economia.

Reprodução

'La Prensa' affirma que completada a renovação da nossa Armada, esta c tituirá uma força moderna e effici

GAZETA DE NOTICIA

Para dar ao Brasil administrad technicos em questões econom

A fundação da FEA por Eugênio Gudin, até hoje presente no quadro a óleo da sala de reuniões (D), foi um marco e virou manchete de jornal

Fantasmas circulam pelos corredores e nas histórias reais

Dizem que, além de estudantes, funcionários e professores da FEA, o nº 250 da Avenida Pasteur, no bairro da Urca, construído de 1842 a 1852, abriga diariamente fantasmas que circulam, nem sempre de forma silenciosa, pelos extensos corredores e amplas salas do antigo prédio que, durante quase um século, serviu ora de hospital ora de manicômio judiciário. Visitas de assombrações podem ser apenas histórias, mas até hoje restam na FEA traços de um passado não muito remoto e real, nas marcas de grades nas janelas e em buracos nas paredes, de onde pendiam correntes e grilhões.

Há 27 anos, uma significativa parcela do pensamento econômico brasileiro vem sendo gerada nesse cenário que, no final dos anos 60, já na vigência do AI-5, voltou a servir, em caráter excepcional e esporadicamente, de cárcere para universitários mais engajados na política estudantil, por vezes sitiados no pequeno teatro de arena.

"Foi o início do período negro da escola", conta a economista Maria da Conceição Tavares, uma das mais notórias crias da FEA, diretora do Instituto de Economia Industrial. "Fecharam o diretório acadêmico, prenderam e mataram muita gente, expulsaram vários professores, outros foram embora por opção", generaliza Conceição, que lamenta o esvaziamento da faculdade, sob os pontos de vista político e acadêmico, nesta fase.

Exigências — *A economista Lia Hasenclever, professora da FEA, ingressou na faculdade em 1972, como aluna, e recorda algumas das exigências feitas aos estudantes pelo então diretor, Paulo Vieira Vasconcelos, como a realização obrigatória de abreugrafias de seis em seis meses e o uso de crachá com o número de registro na faculdade, para melhor identificação. Também era proibido qualquer tipo de reunião antes ou após as aulas, até mesmo para estudar, lembra.*

Outro ilustre ex-aluno da FEA, Antônio Carlos Lemgruber, presidente do Banco Central no início do governo José Sarney, e formando da turma de 1969, tem viva a imagem da agitação política do período, mas ressalta: "Minha geração teve a sorte de pertencer à FEA numa fase brilhante de ensino. Quem se manteve neutro teve um belo preparo, pois ficamos expostos a todas as idéias existentes. Foi uma época muito rica e bonita, apesar dos problemas políticos do país."

Lembranças mais amenas tem Carlos Lessa. Aluno da faculdade na segunda metade dos anos 50, quando a FEA ainda funcionava na rua Marquês de Olinda, Botafogo, Lessa guarda imagens tranqüilas e divertidas daqueles tempos, como a eloqüência do jurista San Thiago Dantas, que poucos anos mais tarde seria chanceler do governo João Goulart, ou o rigor formal de Antônio Dias Leite, ministro das Minas e Energia do governo Médici.

Ou, ainda, o carioquismo reinante na época — "eram anos alegres", diz Lessa —, representado pelo colega de turma Ronald Russell Wallace Chevalier, o Roniquito, que colecionou diversos processos de expulsão da faculdade, pela ironia e sarcasmo exercitados nas dissertações, escritas ou orais. Numa delas, Roniquito, já falecido, exigiu discorrer, em inglês, sobre uma tese econômica, visto que o autor do livro era britânico. Seria uma homenagem, argumentou. O professor, que não conhecia o idioma, aceitou o desafio. Após dezenas de minutos de impropérios dirigidos ao mestre ignorante no mais perfeito inglês, Roniquito obteve a nota máxima. O professor, só muito depois, soube o que acontecera. (K. G.)

Mauro Nascimento

Maria da Conceição: ex-aluna

Tabelamento poderá facilitar a vida do brasileiro

Joyce Jane

Se o tabelamento de juros não sofrer nenhum atropelo entre sua aprovação, regulamentação e colocação em prática, a vida do brasileiro, pelo menos aparentemente, vai mudar. Adeus ao pagamento de gordos juros nos cheques especiais — que atualmente chegam a superar 60% ao ano — e às altas taxas cobradas na concessão de crédito direto ao consumidor (que ultrapassam a casa dos 100% reais ao ano em algumas financeiras). Também as empresas serão beneficiadas, com taxas mais baixas na hora da obtenção de empréstimos e desconto de suas duplicatas. Enfim, o tabelamento de 12% ao ano desenhou para cada tomador de dinheiro um cenário que, pelo menos em tese, traz o sonho de dinheiro mais barato.

O sonho só não é completo porque os Constituintes não pensaram em criar uma lei para tabelar a inflação. Como a componente da taxa de juros que mais pesa no bolso de cada cidadão brasileiro refere-se à correção monetária, o custo final do dinheiro continuará elevado porque o juro real é o que menos vem pesando atualmente no financiamento de créditos. "A taxa real não é muito representativa. O que importa mesmo é a inflação", esclarece René Aduan, Diretor Financeiro do Banco Real.

Mas essa tranqüilidade não permeia todo o sistema financeiro. O Presidente da Associação dos Dirigentes de Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento (Adecif), Luís Madeira Coimbra, considera um absurdo que as financeiras tenham que que praticar juros máximos de 12% ao ano. "É preciso que as coisas seja esclarecidas. Crédito direto é diferente de juros de empréstimos para investimentos de longo prazo. Até nos Estados Unidos a taxa de crédito para consumidor é mais alta, variando entre 18% e 22% ao ano", informa ele.

Reciprocidade — A grande ameaça para o tomador de empréstimos é que o mercado financeiro tem formas de contornar a lei e acabar cobrando taxas indiretas. Isso fica mais fácil para os conglomerados financeiros, que trabalham com uma gama tão ampla de produtos que o cliente poderá ser atingido pelo vírus da reciprocidade bancária, em que ele aceita e faz operações paralelas para garantir o dinheiro bancário ou perde o acesso a ele.

O que vai acontecer daqui para frente é que todo mundo deve ficar atento ao que vai determinar o Congresso. Como existe uma discussão se a lei é autoaplicável ou não, ou seja, se ela entra em vigor imediatamente após a promulgação da Constituição (5 de outubro) muitos segmentos do mercado estão concentrando suas atenções no que vai ser definido. Madeira Coimbra acha que na regulamentação vai haver uma adequação do tabelamento à realidade brasileira. Se isso não acontecer ele diz que só há há duas saídas: "Ou as financeiras fecham as portas ou encontram alternativas para escapar ao tabelamento."

Os banqueiros também não escapam e demonstram alguma preocupação. Na semana passada, vários empresários financeiros paulistas, ligados aos maiores conglomerados financeiros, se reuniram e tentaram armar um esquema de como enfrentar a nova situação. Não conseguiram. Concluíram que eles estão nas mãos do Banco Central, que é quem vai ditar as taxas do mercado a partir do tabelamento.

Rentabilidade — As taxas pagas ao consumidor continuam livres. Por isso se o Banco Central resolver praticar juros altos na política monetária ele vai conseguir travar todas as operações do mercado" afirma René Aduan. Ele explica que se o overnight estiver oferecendo uma taxa real de, por exemplo 15% ao ano, ninguém vai querer comprar um CDB a 8,5% ao ano.

Isso significa que o tabelamento tem duas faces. Se, por um lado, reduz a taxa a ser paga pelo consumidor de dinheiro do sistema financeiro, por outro diminui a rentabilidade que o aplicador de recursos vai obter no mercado.

Cheque especial (real ao ano)

Nacional	OTN + 61,46%
Bradesco	OTN + 40,00%
Banerj	OTN + 60,00%
Itaú	OTN + 37,67%

Cartões de crédito (taxa mensal)

Nacional	32,87%
Credireal	32,90%
Dinner's	30,9 %
Elo	21,0 %
A. Express	29,0 %

Financeiras (Crédito direto ao consumidor)

Fininvest	32% ao mês
Losango	29% ao mês
Bradesco	OTN + 30% ao ano

Juros reais pagos pelo CDBs (ao ano)

Bradesco	10,5%
Bahia	15,0%
BMC	15,0%
Itaú	10,7%

Taxas médias de juros pagas pelo mercado (real ao ano)

CDB	14%
Poupança	6%
OTN	até 18%
Overnight	até 28%

Taxas médias de juros cobradas pelo mercado (real ao ano)

Cartões de Crédito	29%
Cheques Especiais	50%
Crédito Pessoal	90%
Desconto de Duplicata	40%
Empréstimo (pessoa física)	40%
Empréstimo (pessoa jurídica)	23%
Empréstimo (hot money)	19%
Financiamento de casa própria	9%

As coleções de verão chegam às lojas com os preços estipulados na nova moeda forte do país

OTN vira moda no ramo das confecções

Preço em cruzado não consegue atravessar uma estação inteira

Carina Caldas

A OTN tornou-se a moeda forte nos negócios realizados entre confecções e lojas de roupas. Camuflada ou não, ela vem sendo utilizada há alguns meses para determinar os reajustes e preços das coleções de verão que agora chegam ao varejo a preços extorsivos. Os confeccionistas alegam ser impossível manter os mesmos preços ao longo da estação e, por isso, defendem-se da inflação com a variação da OTN. Mas, por outro lado, os consumidores consideram impraticável desembolsar Cz$ 10.000 por uma minissaia ou Cz$ 42.000 por um conjunto de bermuda e blusa de javanesa.

O presidente do Sindicato do Comércio Lojista de São Paulo, Murad Salomão Saad, afirma que a situação é de impasse: "Se as lojas acompanham a correção pela OTN imposta pelos fabricantes, simplesmente não vendem. Mas se colocarem preços defasados também levam prejuízo. Segundo Saad os lojistas só conseguem repassar os aumentos mensais praticados com base na OTN pelos confecções ao longo dos dois meses seguintes.

"O problema é a inflação. Não se pode estipular um preço de início da estação e mantê-lo ao longo dos meses explica uma consultora de empresas, que presta serviços a confecções do Rio. Ela recomenda a seus clientes adotar a OTN nas tabelas de preços, mas muitos temem a reação negativa dos compradores e assim encontram um meio-termo: colocam preços em cruzado, mas praticam reajustes a cada mês com base na variação da OTN. Já diversas confecções de nome e tradição no mercado parecem não temer represálias e utilizam tabelas em OTN. Para elas, entre as quais estão a Georges Henri Marco Rica e Andrea Saletto, há vantagem até na economia de papel, já que é a mesma tabela que atravessa toda a estação.

Tiroteio — No meio do tiroteio entre cruzado e OTN, os consumidores ficam perdidos e sem saber como se proteger dos altos preços estampados nas vitrines de verão. "Agora não dá mais para comprar várias peças a cada estação" desabafa Regina Dualibi fisioterapeuta de 27 anos. Ela conta que ficou revoltada" ao entrar na Fiorucci e descobrir o preço da calça jeans: Cz$ 21.000 à vista ou Cz$ 25.000 com cartão. "Todos os dois preços são absurdos"

Mesmo as etiquetas sem sofisticação estampam preços nada convidativos: na C&A uma camisa pólo da coleção de verão está a Cz$ 7.900 (cartão) ou Cz$ 6.715 à vista. 'É impressionante mas a camisa vale 10% do meu salário' revela Gerson Faria, de 25 anos, que recebeu Cz$ 80.000 este mês no emprego em um escritório de contabilidade, no Centro do Rio.

Na Pituca, loja de roupas infantis, no Rio Sul um pequeno vestido de malha para meninas de quatro anos sai a Cz$ 7.900. Parece que a quantidade de tecido utilizado na roupa é o que menos importa pois uma minissaia também está com a cotação alta: cerca de Cz$ 10.000 em várias das tradicionais butiques que ditam a moda carioca.

Na Fabricatto, em Ipanema as vendedoras estão armadas para enfrentar o desânimo das clientes diante dos preços dos novos modelos: até cheques pré-datados para o dia de recebimento do salário fazem parte da estratégia de não deixar a consumidora sair da loja de mãos vazias. O esforço é realmente necessário: um conjunto de saia e blusa custa algo em torno de Cz$ 50.000.

F para as clientes mais exigentes, comprar roupas pode parecer uma aplicação financeira, já que os valores envolvidos chegam a 10 salários mínimos Na Rabo de Saia, por exemplo, um conjunto de minisaia e minisblusa de couro custa Cz$ 185.180 Para amortecer o impacto do preço, a vendedora assegura que é "couro de cabra": os pagamentos à vista são presenteados com 20% de desconto. Mesmo com a redução do preço, o nobre conjunto sai a Cz$ 148.144. Esse total equivale a oito salários mínimos ou ao preço de uma televisão colorida de 20 polegadas, feita de componentes eletrônicos aço, plástico e outros itens bem mais complexos do que tecido, linha e agulha.

Alternativas para driblar a legislação

As conseqüências do tabelamento nos diversos segmentos: Financeira independente *talvez seja a área mais afetada do mercado. Como não estão ligadas a nenhum conglomerado financeiro a quantidade de produtos que elas têm a oferecer ao cliente é muito pequena. Por isso fica mais difícil exigir reciprocidade. A saída deverá ser compor com o comerciante que pode repassar custos para os preços*

Cartão de crédito *esses não deverão sofrer muitas perdas com o tabelamento. Embora a taxa real praticada por eles esteja muito acima dos 12% estabelecidos pela lei (há cartões cobrando quase 100% de taxa real), há diversas formas de compensação. Uma das saídas é passar a cobrar juros sobre os 40 dias iniciais do vencimento. O aumento da anuidade e da comissão exigida das lojas são outras opções.*

Cheque especial *há casos abusivos no mercado com taxas de juros muito elevadas. Para burlar os 12% a saída deverá ser a exigência do já tão conhecido saldo médio*

Desconto de duplicata – *é uma incógnita. Como são descontados antecipadamente (taxa prefixada) não se sabe exatamente como a taxa real cobrada do empresário será medida. Atualmente, há banco cobrando de pequenos empresários juros de até 110% além da inflação*

Empréstimos para pessoas físicas *Essa taxa está rondando os 40% ao ano. Além da reciprocidade o cliente poderá ter que se submeter a algumas regras especiais de operação como por exemplo deixar o dinheiro do empréstimo em conta corrente por uma semana a fim de que o banco aplique e compense as perdas. Se nada disso acontecer a tendência é que a oferta de crédito seja reduzida porque a taxa poderá não compensar o risco dos bancos. Se nada disso acontecer, ótimo para o tomador que vai ver sua taxa cair para algo abaixo de 1/3 do que é pago atualmente*

Empréstimo para capital de giro — *Segmento que mais preocupa os bancos. Como o dinheiro usado para essas operações é comprado do investidor, através da venda de CDBs, os bancos estão temendo que os spreads (ganho) fiquem menores. A venda de vários produtos para as empresas, como seguros e planos de saúde deverão ser alguns dos recursos a serem utilizados pela máquina bancária*

Investidor — *será certamente o que vai ter a maior perda: continuará pagando caro pelo dinheiro (mesmo que por formas indiretas) e seu dinheiro vai ser remunerado com uma taxa mais baixa. A saída será ativos de risco fora da legislação governamental*

Política monetária *O Banco Central é sem dúvida um dos que mais vai sofrer com o tabelamento. Sem ter como criar subterfúgios para fugir da lei o governo perde um instrumento que ajuda a controlar a inflação, através do controle de liquidez do mercado. Embora o financiamento da dívida possa ficar mais barato é provável que haja menos investidores interessados em aplicar no governo (principalmente se as taxas ficarem muito baixas para não atrairem todo o dinheiro do setor privado)*

Financiamento de imóveis *talvez seja o único segmento que não será afetado. A fonte de recursos para esse mercado (as cadernetas) já está enquadrada na lei, porque paga juros de 6% ao ano. E as taxas para o tomador de dinheiro estão variando entre 8,5% e 11% ao ano. Portanto dentro dos limites permitidos pela nova Constituição (J.J.)*

Trabalhador vai à greve protegido pela Constituição

Marcelo Auler e Tereza Cristina Lobo

Liberati

As greves dos petroleiros — cerca de 60 mil em todo o país — e dos funcionários de bancos federais — aproximadamente 200 mil — marcadas respectivamente para os próximos dias 13 (terça-feira) e 14 (quarta-feira) poderão se transformar nos primeiros movimentos reivindicatórios de empregados de estatais respaldados pela nova Constituição.

Bancários e petroleiros, ao cruzarem os braços estarão conscientes de que suas empresas pouco poderão fazer além de sentarem para negociar. Qualquer punição que seja dada será automaticamente revogada a partir da promulgação da nova Constituição cujas Disposições Transitórias anistia todos os "servidores e empregados públicos que tenham sido punidos ou demitidos por atividades profissionais interrompidas em virtude de decisão de seus trabalhadores" (art. 9º parágrafo 5º).

Mesmo ainda estando em vigor o Decreto-Lei nº 1632, que o ex-presidente Geisel assinou em agosto de 1978 proibindo as greves nos serviços públicos e atividades essenciais de interesse da segurança nacional (nas quais se incluem os serviços de petróleo e bancos), os grevistas estarão respaldados. Afinal, a anistia prevista nas Disposições Transitórias prevê expressamente as punições em "decorrência do DL 1.632".

Além disso o espírito da nova Constituição é nitidamente de não proibir paralisações. Seu artigo 9º do Capítulo II assegura "o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade e os interesses que devam por meio dele defender". O parágrafo primeiro deste artigo diz que "a lei definirá os serviços ou atividades essenciais e disporá sobre o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade". Com esta redação, advogados especializados em direito trabalhista como Evaristo de Moraes Filho garantem que "nenhuma lei poderá restringir o direito de greve nas chamadas atividades essenciais, ela apenas irá criar condições para que estas atividades não sejam interrompidas".

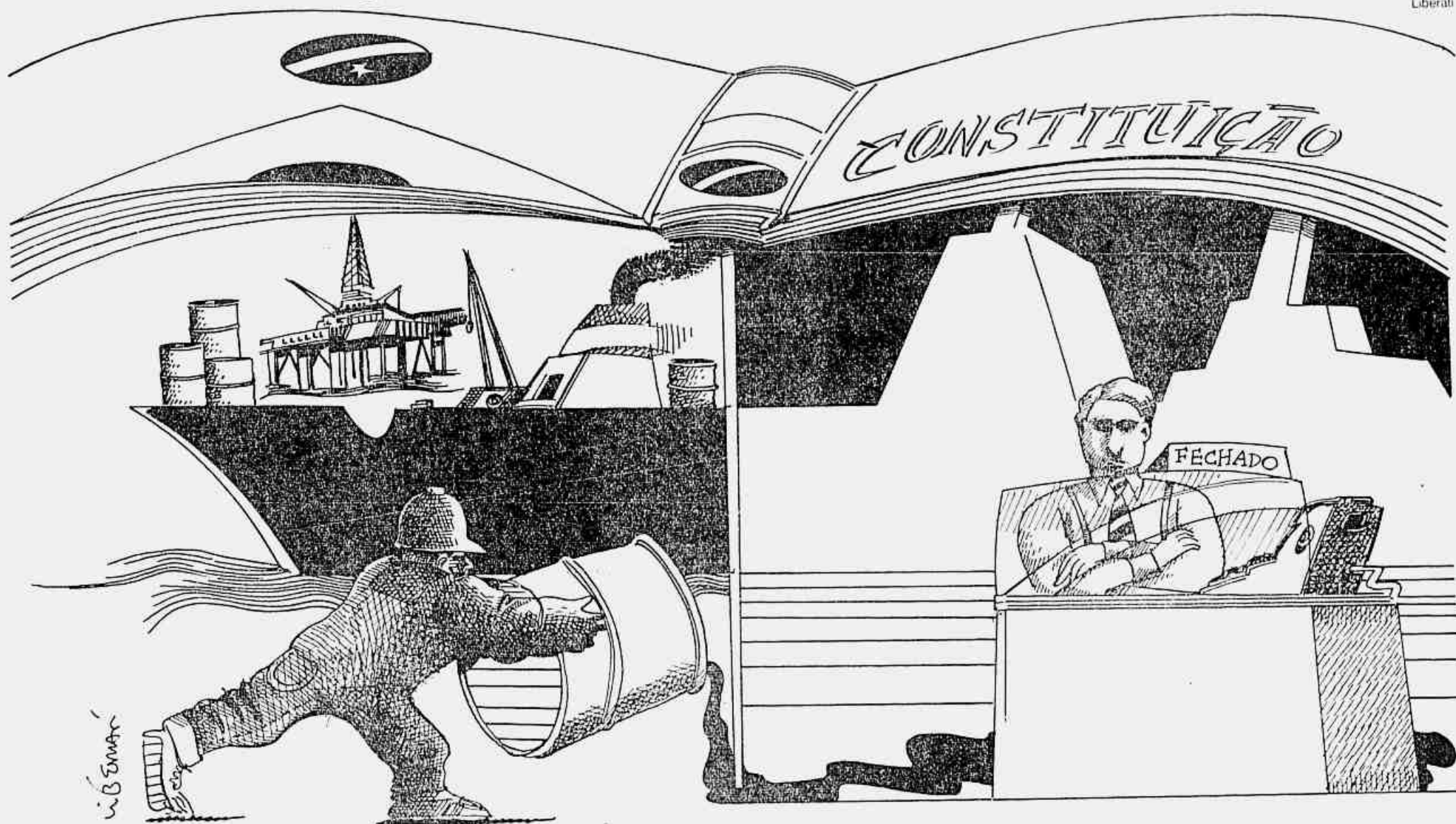
Grevistas não seriam punidos

Este também é o entendimento do ex-deputado federal João Gilberto que dirige o Centro de Estudos e Acompanhamento da Constituinte da Universidade de Brasília. "A lei não poderá restringir a greve", afirma. A questão, porém vai suscitar muita discussão jurídica até que a nova lei seja votada. O ministro do Trabalho, Almir Pazzianoto, por exemplo, entende que enquanto a nova lei não for aprovada a Justiça vai continuar se baseando no decreto atual, o mesmo cujas punições previstas estão sendo anistiadas pelas Disposições Transitórias da Constituição. Foi o que ele relatou aos líderes sindicais dos petroleiros, em Brasília, segundo conta o presidente do sindicato de belo Horizonte, Luis Fernando Maia.

Discussões e interpretações à parte, os sindicalistas, como admite Maia, utilizaram a anistia da nova Constituição na mobilização dos trabalhadores. O único risco é o de a greve estender-se e ultrapassar a promulgação da nova Carta. A anistia prevista termina no dia da promulgação. Mas se não puderem contar com a anistia os trabalhadores, segundo Maia, apostam que também não poderão ser punidos, já que a paralisação não mais será proibida.

O governo tem consciência de que estes fatores estão ajudando na mobilização tanto dos 60 mil petroleiros como dos funcionários do Banco do Brasil (120 mil), Caixa Econômica Federal (50 mil), Banco Meridional (16 mil), Banco do Nordeste (10 mil), Banco da Amazônia (4 mil) e BNCC (3 mil). Pazianotto admitiu em Brasília que estão sendo estudadas alternativas para enfrentar as greves, embora não as tenha revelado.

Tanto a Petrobrás — que já tratou de remanejar estoques de combustíveis retirando-os das refinarias — como o Banco do Brasil — que também andou estudando a transferência do sistema de compensação de cheques para um banco privado — preferiram levar a discussão sobre os reajustes para o judiciário. E a forma de lavarem as mãos não só perante os seus empregados, mas principalmente diante dos ministros da área econômica, Maílson da Nóbrega e João Batista de Abreu, caso sejam obrigadas a concederem reajustes acima do previsto pela política salarial do governo. Os trabalhadores, porém, sabendo que estão respaldados, vão tentar de todas as formas conseguirem os reajustes reivindicados, incluindo o pagamento da URP de setembro, que a lei não prevê.

Colaborou Luiz Fonseca

Paralisação afetará centros decisivos

Está tudo pronto. Se até a noite de terça-feira a Federação Nacional dos Bancos e a diretoria do Banco do Brasil e de outros bancos estatais não modificarem as propostas de reajuste que colocaram na mesa de negociação, os principais sindicatos de bancários do país irão comandar mais uma greve nacional por tempo indeterminado, a partir de zero hora do dia 14 — quarta-feira. A data-base dos bancários é 1º de setembro.

A paralisação poderá não atingir totalmente os cerca de 500 mil bancários espalhados pelo país, mas certamente será bastante forte nos dois mais importantes centros financeiros: os municípios do Rio, com 70 mil bancários, e de São Paulo, com quase 150 mil. E os reflexos se estenderão por todo o país.

O movimento parece forte. O maior sinal disto é o provável encontro entre banqueiros e bancários, marcado à última hora, para a segunda-feira à tarde, quando a Fenaban tentará melhorar sua proposta procurando evitar a greve. Também o Banco do Brasil resolveu provocar junto ao TST, em Brasília, o julgamento do dissídio e conseguiu uma primeira audiência de conciliação na tarde da mesma segunda-feira. Enquanto isto, em cidades como o Rio, Curitiba, Salvador, Belo Horizonte e Fortaleza, os Tribunais Regionais do Trabalho estarão realizando também as primeiras audiências de conciliação entre os sindicatos locais de bancos e bancários.

Entre os bancários, porém, há poucas expectativas em torno destes encontros e reuniões. A diferença entre o que vem sendo reivindicado e o que está sendo oferecido é muito grande. Eles não têm um índice único de reajuste salarial. Em São Paulo pede se 92%, que inclui a inflação do período (setembro de 1987 a agosto de 1988) mais 15% de produtividade. Em outros estados e no Distrito Federal este índice é de 88%, enquanto no Rio ele chega a 102%. Eles explicam estas diferenças de índices pelo fato de terem trabalhado com a inflação estimada de agosto quando aprontaram a pauta de reivindicações.

Distância — A uni-los, porém, há reivindicações como o pagamento da URP de setembro (que a legislação não prevê) e a reposição dos 26,06% da inflação de junho de 1987 comida pelo Plano Bresser, duas exigências comuns a diversas outras categorias, como é o caso dos petroleiros. Há ainda os 15%, dados em março como antecipação, que eles não querem ver descontados. Por fim, é comum a todos também a reivindicação de piso salarial de Cz$ 90 mil.

Os banqueiros, na última proposta apresentada no dia 30 de agosto, limitaram o reajuste a 46,85%. Este total compreende 41,2% que é a diferença entre a inflação do período menos as URPs pagas e o adiantamento de 15%; e 4% a título de produtividade. O piso deles é de Cz$ 43.438,00 para portaria e escritório, ou seja, menos da metade do que reivindicam os sindicatos. Eles não admitiam falar no pagamento dos 26,06% nem tampouco no pagamento da URP de setembro que, entretanto, poderá ser colocada amanhã na negociação em São Paulo. Ainda assim, porém, a distância entre as reivindicações e a proposta é muito grande.

Banco do Brasil — Os 120 mil funcionários do Banco do Brasil em todo o país têm reivindicações diferenciadas dos demais bancários. Eles não receberam duas URPs (abril e maio), o que faz com que lutem por 125% de aumento a título de reposição da inflação calculada pelo Dieese, incluindo os 15% de produtividade. Pedem ainda a URP de setembro, os 26,06% da inflação de junho de 1987 e os 40% que faltam para que seus salários sejam equiparados aos dos funcionários do Banco Central. Acumulando, a reivindicação chega a quase 380%.

O banco só está oferecendo 120% relativos à inflação do período menos as URPs já pagas e não fala nem em produtividade nem na URP de setembro, e muito menos na inflação que desapareceu com o Plano Bresser. Como os bancários ajuizaram o dissídio junto ao TST para não perderem a data base de 1º de setembro, terão amanhã a primeira audiência de conciliação, que a diretoria do BB tratou de antecipar para tentar evitar a paralisação que atingirá diretamente todo o sistema financeiro.

Banerj — Já os 15 692 funcionários do Banco do Estado do Rio de Janeiro estão fazendo uma negociação à parte. O banco só ofereceu 63% de reposição, que corresponde à diferença entre a inflação e a URP. O percentual é maior do que o oferecido pelos bancos privados por conta da não antecipação dos 15% em março. Com isto, e como o banco estadual não oferece nada de produtividade, o índice é inferior ao oferecido pela Fenaban, levando a diretoria do sindicato a resistir a esta proposta.

Mas os sindicalistas sabem que os funcionários do Banerj não demonstram disposição de greve. Relacionam ainda algumas outras conquistas, como a estabilidade até 31 de janeiro, quando haverá nova discussão de aumento em cima do balanço do 2º semestre de 1988; a reintegração de líderes sindicais demitidos pela junta interventora e até mesmo a possível anistia dos dias de greve que foram descontados pela junta. A direção do banco acredita que poderá isolar os mais radicais, fazendo com que a maioria dos funcionários aceite a proposta. Mas entre os bancários e as lideranças sindicais há quem ache que a paralisação dos demais bancos e a anistia prevista na Constituição, ainda que só se aplique ao banco estadual por analogia, acabarão servindo como fatores de mobilização. Na segunda-feira os funcionários do Banerj vão fazer nova assembléia na frente da sede do banco. *(M.A)*

Petroleiros não desistem

Até amanhã à noite a Petrobrás e os petroleiros estarão medindo forças. A empresa, reconhecendo a forte mobilização dos empregados, que não desistiram da greve a partir da zero hora de terça-feira, vem tentando dividir a categoria, com a ajuda do Tribunal Superior do Trabalho, que marcou a primeira audiência de conciliação para as 14 horas do dia da greve. A direção da estatal aposta que a apreensão gerada por esta medida possa desmobilizar os petroleiros. Mas eles reagem e argumentam que o pedido de dissídio coletivo é uma arma antiga usada para desmobilização e que não surte mais efeito. Por precaução, a Petrobrás remanejou os estoques de derivados para garantir o abastecimento, mas os postos contam com volume suficiente apenas para atender o consumo de gasolina e álcool de cinco dias.

A mobilização dos petroleiros é a maior da história da Petrobrás como reconhecem não apenas os empregados mas a própria direção da empresa que, por isto mesmo, teme por um confronto de maiores proporções. Afinal, foi o governo que interveio logo no início das negociações, proibindo as discussões diretas entre a Petrobrás e os petroleiros e só permitindo a reposição da inflação, descontadas as URPs, o que significa um reajuste de 63,27%, índice muito distante da reinvindicação dos empregados, de 252% (a diferença da inflação, mais a URP de setembro, os 26,06% de junho de 1987 e 10% de produtividade).

Sem medo — Sem uma margem mínima de negociação — a Petrobrás pretendia conceder um reajuste 20% acima do índice oficial do governo — a política econômica passou a ser o pano de fundo da greve. A direção da estatal acreditava ainda que poderia dar um reajuste de 4% a título de produtividade, mas o governo limitou este índice a 0,8%. Para amenizar a situação e também desmobilizar a categoria, antecipará para amanhã o pagamento que só sairia no dia 25 de setembro. Mas esta decisão também não afetou o ânimo dos petroleiros, que agora brincam afirmando que vão fazer greve com dinheiro no bolso.

Os petroleiros não temem mais as demissões porque sabem que a nova Constituição anistia os demitidos por greve em empresas estatais. Além disso, os demitidos na greve de maio já começam a ser reintegrados por decisão da Justiça do Trabalho. E também não temem muito o TST, pois, conforme argumenta o presidente do sindicato de Minas Gerais, Luís Fernando Maia, "neste quadro de desgoverno, os ministros do TST têm mostrado sensibilidade significativa".

Endurecer — No entanto, o governo promete endurecer para dar exemplo a outras categorias que possam estar pensando em reajustes salariais acima do índice oficial. E caberá à Petrobrás cumprir todas as determinações, o que significa manter as refinarias operando a qualquer custo, o que pode incluir a presença do Exército, relatou um funcionário do alto escalão da empresa. Além disso, a estatal está montando um esquema operacional com funcionários que já se comprometeram a não aderir à greve.

Outras medidas de coação estão sendo adotadas. Em Minas, por exemplo, os líderes sindicais não podem mais entrar nas bases desde sexta-feira, quando os funcionários que trabalhariam hoje foram informados para levar objetos de uso pessoal e até baralho para maior conforto, pois pode ser que não sejam liberados, revelou Luís Fernando Maia. Ou seja, a Petrobrás pretende manter dois turnos dentro da refinaria para operá-la durante a greve. Uma das táticas usadas pelos petroleiros é a não rendição dos turnos para levar os empregados à exaustão, forçando assim a própria empresa a interromper a operação.

Prevenção — No primeiro indício da greve, há três semanas, a Petrobrás começou a se preparar para manter o abastecimento de derivados de petróleo no país inteiro e iniciou a transferência de combustíveis para fora das refinarias, enquanto as enchia de petróleo, seguindo uma tática básica para épocas de greve. As informações sobre os estoques variam. Os petroleiros garantem que as refinarias contam apenas com cinco dias de estoques dos derivados, prazo que a Petrobrás desmente sem, no entanto, revelar o volume armazenado. O superintendente comercial da estatal, Arthur de Carvalho, diz apenas que os estoques "estão bons" e que as distribuidoras estão abastecidas pois tiveram um adiantamento das cotas. Todos concordam, no entanto, que foi grande a movimentação de transferência de produtos nestas últimas semanas. Desta vez, a direção da Petrobrás mudou de tática e, ao contrário da greve anterior, decidiu que não vai dar informações sobre os estoques estratégicos.

O produto mais crítico em termos de estoques é o gás liquefeito de petróleo, o gás de cozinha, que permite um armazenamento de apenas três dias junto às empresas distribuidoras devido às dificuldades de estocar o produto. No entanto, o estoque total, considerando-se o que se encontra na Petrobrás, atende ao consumo de dez dias. A maior parte deste volume, no entanto, está fora das refinarias, nos terminais de Santos, Baía de Guanabara e Madre de Deus (Bahia), permitindo assim um rápido remanejamento por cabotagem.

Poucos dias — Quanto ao óleo diesel, derivado de maior consumo (cerca de 400 mil barris diários) e usado no transporte coletivo, os estoques elevam-se a 6,3 milhões de barris, suficientes portanto para uma demanda de 15 dias, mas metade deste volume encontra-se dentro das refinarias. Quanto ao óleo combustível, a maior parte está nas refinarias.

Gasolina e álcool é que não faltam devido aos excedentes, mas os proprietários de postos alegam que, por estarem descapitalizados, não vêm operando com a plena capacidade de armazenagem. Atualmente os estoques atenderiam ao consumo de cinco dias, um prazo considerado médio dependendo do tamanho e da vendagem de cada posto. O presidente da Rede Itaipava, Richardson Valle, com 46 postos espalhados pelo Rio, São Paulo e Salvador, afirmou que se até amanhã as companhias distribuidoras não se sensibilizarem, enchendo os tanques com prazo de pagamento de uma semana, o abastecimento ficará ameaçado se a greve for bem-sucedida. O estoque médio de seus postos é de três dias. *(T.C.L.)*

Uma negociação salarial insólita

Funcionário do BC quer equiparação ao do BC e vice-versa

Maurício Corrêa

BRASÍLIA — Os assessores do ministro Maílson da Nóbrega encarregados do acompanhamento das negociações salariais com os funcionários do Banco do Brasil e do Banco Central descobriram uma situação insólita: enquanto os funcionários do BB exigem equiparação salarial com os do Banco Central, estes estão forçando o Cise (Conselho Interministerial de Salários das Estatais), a lhes conceder equiparação com o pessoal do Banco do Brasil. O assunto, inclusive, está dividindo a própria equipe técnica do ministro Maílson da Nóbrega, que, basicamente, recrutou os principais assessores nos quadros profissionais das duas instituições.

O assunto, na realidade, não é novo e já foi detectado pelo ministério no auge da crise salarial do ano passado, quando o Banco do Brasil e do Banco Central já estavam envolvidos naquilo que um especialista da Fazenda classificou como "jogo de empurra". Agora, entretanto, o assunto assumiu uma dimensão diferente, não só porque ambos os grupos passaram a exigir, por escrito, equiparação ao outro, como também pelo pagamento de gratificações aos comissionados do Banco Central, que, na avaliação de seus colegas do Banco do Brasil, motivou o aprofundamento da distância salarial entre eles.

Difícil — No Governo, há o reconhecimento de que a situação é difícil de ser resolvida. O curioso é que tanto funcionários do BC quanto do BB têm uma mesma explicação para a continuidade desse círculo vicioso. Entendem que a situação é artificialmente tolerada pelo Governo Federal, para justificar os privilégios salariais concedidos ao pessoal do BC e do próprio BB, que, de longe, ultrapassam toda a escala salarial das demais categorias de serviços públicos civis e militares.

Hoje, cerca de 2 mil e 400 funcionários do Banco Central que exercem cargos comissionados receberão a quarta e última parte do ajuste de gratificação concedido pela instituição. Em alguns casos, os contracheques virão com créditos superiores a Cz$ 1 milhão e 500 mil fora o salário normal, dependendo do tempo de casa e da função comissionada.

No caso específico de um funcionário — que não quis se identificar — em junho passado o BC lhe creditou Cz$ 450 mil, Cz$ 600 mil em julho, Cz$ 800 mil em agosto e, hoje, o banco deverá depositar em sua conta cerca de Cz$ 1 milhão e 500 mil, o que totaliza um ajuste de Cz$ 3 milhões e 350 mil em quatro meses.

Amparo — Especialistas graduados do BC explicaram que a instituição está totalmente amparada pelo apoio do próprio Cise, com base numa correspondência de 25 de abril passado, encaminhada pelo diretor de Administração do BC, Antenor Araken Caldas Farias, que justificou a concessão desses recursos para evitar litígios judiciais com os funcionários do BC.

A partir de outubro de 1986, houve uma crescente deterioração no relacionamento entre os dirigentes do BC e os funcionários comissionados, já que o exercício das funções gratificadas não era compensador, devido à baixa remuneração até então concedida à dedicação integral ao BC. Muitos funcionários decidiram, então, largar as funções comissionadas ou, então, ingressar com ação na Justiça, para reclamar direitos adquiridos.

Assessores da Presidência do Banco do Brasil, contudo, não abrem mão da reivindicação de equiparação ao BC e alegam que as últimas gratificaçãoes creditadas aos comissionados do Banco Central são "uma espécie de trem da alegria, contribuindo para aumentar a distância salarial entre o BB e o BC".

Atletas levam crenças e esperanças para Seul

A maior parte da delegação brasileira viajou ontem para Seul, onde disputará os Jogos Olímpicos. Lá se encontrará com os iatistas, que seguiram antes, e com o futebol, o basquete e o vôlei masculino e feminino, que completaram a fase de preparação no exterior. São, no total, 172 atletas de 21 modalidades, a maior equipe brasileira na história das Olimpíadas.

Os atletas embarcaram após vários meses de treino e, nos últimos dias, em horários coincidentes com o de Seul, para tentar melhor adaptação à diferença de 13 horas. Organicamente, nem todos podem considerar-se saudáveis. Segundo o médico Carlos Eduardo de Carvalho, da Amil, que fez o check-up em 94 atletas, apenas 10 por cento têm possibilidades de ganhar medalha.

Na bagagem tem de tudo: bíblias, rosários, patuás, imagens de santos, pirâmides, velas, e até ferramentas para a montagem de barcos, como é o caso dos remadores.

Superstição na luta olímpica

PORTO ALEGRE — Floriano Spiess se considera um cara de sorte. E por confiar nela só levará para Seul um rosário que a avó Helena Spiess lhe deu, especialmente para os momentos que antecederem as disputas mais difíceis. "Minha família é muito católica e eu acredito em Deus, acho que isso pode me ajudar."

Além do rosário, a mala do lutador de luta olímpica também contém as duas roupas, uma malha azul e outra vermelha, e, embora ele prefira lutar com a azul, acha que a vermelha pode lhe dar mais sorte. Pelo menos sempre que a veste se dá bem. Mas para evitar que a sorte lhe pregue uma peça, ele já estabeleceu um código: se for sorteado com número ímpar (na chave de classificação) usará a vermelha, e se der par, a azul.

O carinho e a força dos pais ele acha que também ajudarão em Seul, e, embora confie nisso, por via das dúvidas leva o rosário e vai rezar para que o sorteio das chaves lhe seja favorável, que não enfrente de cara os búlgaros e os soviéticos. Fitas cassete com música instrumental (Jean Michel Jarre, Andreas Vandevailan e Banda Fox e um pouco de jazz) também serão incluídas na bagagem do atleta gaúcho, que detesta rock.

Rosário e patuá na bagagem do atletismo

SÃO PAULO — Além dos uniformes e roupas de competição cedidos pelo (Comitê Olímpico Brasileiro) — COB) — e das sapatilhas de prego, os brasileiros que participarão das provas de atletismo viajam com as malas cheias de apetrechos nada olímpicos. Tudo é válido na corrida pelas medalhas, desde comprimidos de vitamina C, até orações, terços, imagens de santos e velas. "Quem não acredita em um santo?", pergunta o sargento da Aeronáutica Abcelvio Rodrigues, 31 anos, o carioca que vai disputar o salto triplo. "Todo mundo tem uma crença", trata de responder.

Abcelvio é um dos muitos atletas que reservaram um lugar da mala azul marinho para suas crenças religiosas. Umbandista, leva uma oração a seu protetor, São Jorge, e só tira seu guia espiritual do pescoço na hora de competir, "para não atrapalhar o salto". Leva também duas velas brancas para acender nas noites que antecederão as competições, uma para a etapa de qualificação e outra para a final. "Rezo para ter condições de fazer o melhor", explica. Já a católica apostólica romana praticante, Conceição Geremias, 32 anos, representante brasileira no heptatlo, não se separa do rosário de Nossa Senhora Aparecida que ganhou há oito anos dos pais e que guarda em sua bolsa de competição. "Também levo um livro de orações e, quando posso, vou à capela da Vila Ólimpica rezar", conta.

Nossa Senhora Aparecida, aliás, é também a protetora invocada por Ivo Machado Rodrigues, o maratonista de 27 anos que carrega na bagagem uma pequena imagem da Santa. "Foi presente de um amigo, em 1984, na primeira vez em que fui a Aparecida do Norte", diz. Seu objetivo é repetir a façanha do ano passado no Jogos Pan-Americanos de Indianópolis: trazer a medalha de ouro.

"E para atrair algo de positivo", explica a paraense Suzete Montalvão, 23 anos, (correrá os 400 metros rasos e o revezamento 4 x 400m) ao mostrar o terço que ganhou há três anos da irmã e um caderno com vários pensamentos escritos a mão por ela mesma, entre eles algumas frases do Pastor pacifista americano Martin Luther King.

Garotas prevenidas — Mas a característica principal das garotas que vão disputar o revezamento 4 x 400 é a mala repleta de absorventes higiênicos. Tanto Suzete como Maria Magnólia Figueiredo, 24 anos, — que também vai correr os 200 e 400 metros rasos — Soraya Telles, 30 anos, — representante do Brasil também nos 800 metros livres — e Tânia Miranda, 30 anos, ficarão menstruadas durante os Jogos. Tânia, por sinal, correrá menstruada. "Eu até prefiro" diz. "Em 1981, quando bati o recorde sul-americano dos 400m (52s80), estava menstruada", lembra.

Roupas novas também fazem parte da bagagem dos atletas. Tânia comprou seis calcinhas. Suzete não se esqueceu nem das blusas de seda e dos vestidos rendados. O maratonista Ivo precisou correr as lojas, na última hora, para comprar cuecas. O mesmo aconteceu com o gaúcho Jorge Luiz Teixeira, 22 anos, outro representante brasileiro no salto triplo. Mas as cuecas mais comentadas da equipe são as de Jailto Santos, atleta de 24 anos que vai competir nos 4 x 100 metros. Todas elas são azul-claras.

Abcelvio só tira a guia para saltar

Lander Alves 9/9/88

Denival: arma e material de costura

Americana, SP — Fotos de Ariovaldo Santos/8.9.88

Tânia, Suzete e Soraya levam som e imagens de santos

Magnólia leva suas pernas e muitas esperanças

"Acho que a cor dá sorte", explica. Conceição Geremias preferiu levar calças *jeans* e mais algumas camisetas. "Não sei lavar roupa", comenta.

Para relaxar, os atletas estão levando livros, *walkman* e fitas, Maria Magnólia vai esperar suas provas acabando de ler "Poliana moca" e devorando "She", de Robert A. Johnson. Conceição Geremias prefere os livros de Norman Vicent Peale, "O poder do pensamento positivo" e "O poder do subconsciente". Aliás, Conceição costuma comer chocolate enquanto lê seus livros. O estoque está na mala: cerca de cinco quilos de bombons.

Para ouvir, a atleta do heptatlo escolheu músicas de Tom Jobim, Djavan, Maria Bethânia, Fundo de Quintal e Zeca Pagodinho.

O pagode parece marcar o passo da equipe de atletismo. Também é a preferência do corredor Adauto Domingues — 3 mil metros com obstáculos — de Abcelvio e Jorge. Mas há quem preferiu outros estilos. Jailto promete animar a delegação brasileira com 20 fitas de *funk* e Arnaldo de Oliveira — corredor dos 100 e 400 metros rasos — prefere músicas de discoteca bem suaves, como as de Alexander O'Neil e Green Jones.

Volta carregada — Tanto Arnaldo quanto Adauto não estão muito preocupados com o que vão levar para Seul, mas sim com o que vão trazer. "Vou trazer presentes para a minha família e comprar tênis. Disseram-me que tem bastante lá", diz Adauto. Já Arnaldo está tão empolgado com os presentes e encomendas que recebeu que prefere até deixar algumas roupas cedidas pelo COB por aqui mesmo. "Me deram nove meias, eu não vou precisar disso, só vou levar quatro", conta o corredor que não costuma correr de meias. Arnaldo pretende trazer um fone de ouvido, fitas e um videocassete para um primo.

Na mala de volta, os atletas deverão trazer muitas roupas de atletas de outros países. "O pessoal troca tudo", comenta Adauto. A troca, por sinal, já deverá começar logo que os atletas desembarcarem. Nas malas entregues a eles o COB cometeu graves erros de medidas. "As roupas estão todas grandes", avisa Arnaldo. A corredora Soraia Telles, por exemplo, calça 38 e recebeu dois tênis 40. Sua companheira de prova, Suzete, ganhou tênis 38 e calça 36. Mas o pior ficou para Tânia. No lugar de receber uma bermuda branca para o desfile de abertura, roupa definida para as mulheres, ganhou uma calça, peça a ser usada apenas pelos homens da delegação. Se pode parecer estranha, a troca na mala de Tânia é bem mais inofensiva que a da bagagem do maratonista Ivo no Pan-Americano do ano passado. Ivo, que por sorte não participou do desfile de abertura porque sua prova era uma das primeiras da competição, escapou por pouco do vexame de vestir uma saia. "Eles me mandaram uma saia no lugar da calça", lembra rindo.

Mala carrega até ferramenta

Atleta não é diferente de ninguém. Uns odeiam carregar peso e por isso levam o mínimo e indispensável. Outros, por mais que tentem, não conseguem se livrar das quinquilharias e, quase sem notar, abarrotam as malas. E têm ainda os supersticiosos, que não abrem mão de objetos que dão sorte, santos e preces. Entre os brasileiros há gente de todos os tipos, desde o jogador de vôlei Renan, que leva apenas duas cuecas, até o técnico Buck, do remo, que entope a mala de ferramentas.

Tralha por tralha, uma das maiores parece ser mesmo a da tenista paranaense Gisele Miró. Como se não bastasse a obrigação de levar oito raquetes, babagem já bastante volumosa, e que geralmente cria problemas na alfândega, Gisele carrega ainda quase 20 fotografias de todos seus animais de estimação: 7 cachorros, o coelho Gabriel e o cavalo Seul. A tenista é exatamente o oposto do ala Marcel, titular da Seleção de basquete, que não leva absolutamente nada além do uniforme nescessário.

Quem realmente engrossa a bagagem dos atletas são os santos. "Sou devoto de São Judas Tadeu. Tenho que levar uma imagem para mim e outra para o Oscar, que também é devoto, mas sempre esquece do santinho em casa", conta o técnico da Seleção de basquete, Ari Vidal. Se fosse feita uma enquete, provávelmente São Judas Tadeu seria o preferido dos atletas. Roberto Leitão, representante do Brasil na luta livre, nem pensa em deixá-lo no Brasil, assim como a jogadora de vôlei Sandra, que além do santinho leva ainda uma Bíblia.

Apegado aos santos é também o remador Ângelo Roso, do dois com. Ele não entra no barco sem Nossa Senhora Aparecida, que julga ter dado sorte em Los Angeles, quando ficou em quarto lugar, a melhor colocação do remo brasileiro na história dos Jogos. O judoca Aurélio Miguel pendura no pescoço uma medalha da Sagrada Família e a aliança da mãe, já falecida. Já seu treinador, Geraldo Bernardes, prefere a proteção das pirâmides.

Bagagem curiosa é a do atirador Delival Nobre. Livros, material de costura e apetrechos para fazer as unhas foram os primeiros a entrar na mala. "Um atirador precisa ter as mãos perfeitas", explica, lembrando que uma unha encravada pode influenciar na sua atuação. Em talismãs ele não acredita, assim como o técnico Buck, do remo. "Depois de seis Olimpíadas ninguém pode ser supersticioso", fala ele, que recheia a mala com chave de fenda, chave inglesa e outras ferramentas para ajudar na regulagem dos barcos.

A Bíblia na mão dos pugilistas

Os dois pugilistas de São Paulo (o terceiro integrante da equipe é o baiano Joilson Santana) que vão a Seul, Vanderlei de Oliveira e Peter Venâncio, viajam com uma cobertura espiritual para os socos com que pretendem trazer uma medalha: um exemplar da Bíblia. Protestantes de seitas diferentes — Vanderlei é evangélico e Peter adventista —, os dois são religiosos e não viajam sem a Bíblia.

"Acredito em Deus e se é meu destino viver dando socos sem prejudicar ninguém, não vejo contradição em lutar boxe e ser cristão", anuncia Peter, que leva na bagagem outros dois itens inseparáveis: um velho capuz azul, com o qual costuma até dormir, e envelopes de Sonrisal, "porque a comida aí fora às vezes me dá azia".

A religiosidade de Vanderlei, porém, não exclui boa dose de superstição. Por isso, ele não esqueceu de colocar na mala um pé de coelho que o acompanha há seis anos, "sempre me dando sorte. É claro que vou atrás da sorte, mas acho que o pé de coelho me ajuda". Mas não se trata de um amuleto qualquer. Como explica o pugilista, "pé de coelho não se compra ou ganha; tem que ser roubado. Como o meu".

A exemplo dos demais atletas, Vanderlei leva tamém um pedaço de pedra brasileira. "Escolhi um pedaço de granito, que vai ajudar a construir o Monumento da Paz em Seul com as pedras que o pessoal de todo o mundo vai levar", explica. O que os dois não pensam é em trazer muitas compras, as chamadas *muambas*. Afinal, representantes de um esporte tipicamente amador e oriundos de famílias pobres, essa possibilidade é realmente remota.

"Sou patriota e vou aos Jogos para defender meu país e ajudar o boxe brasileiro. A *muamba* que pretendo trazer é uma medalha", diz Vanderlei.

Participaram Luísa de Oliveira, Ouhydes Fonseca(SP), Bárbara Oliveira(RS), Mariucha Moneró e Gilberto Pauletti(RJ)

Cáries, parasitas, os brasileiros nos Jogos

Médico diz que equipe não tem saúde para ganhar

A saúde da delegação brasileira não é boa. Na verdade, é muito ruim. A avaliação é do médico Carlos Eduardo de Carvalho, da Amil, empresa de prestação de serviços médicos, que examinou 94 dos 172 atletas brasileiros, 68 homens e 24 mulheres. Carvalho acabou decepcionado, porque pensava encontrar nesse grupo uma espécie de elite. "Se compõem uma seleção, imaginava que em termos de saúde também se verificasse isso"

Não, é claro. Isso é Brasil e o índice de cárie — 80% — por exemplo, é o mesmo da população brasileira. Disse ele que se fosse tratar dos dentes de atletas, cuja modalidade tem na força um componente básico — caso do levantamento de peso — o país ficaria sem representantes nos Jogos Olímpicos, pois abscessos e extrações impediriam a viagem desses competidores. As doenças parasitárias atingem a metade dos atletas. Destes, 30% têm parasitas múltiplos.

Esse quadro triste levou o médico a estimar que, entre os atletas examinados, 60% vão " passear" na Coréia do Sul, 30% entrarão nas pistas para competir e 10% têm chances de ganhar alguma medalha. Carvalho não quer dizer, com isso, que haja turistas entre os atletas e sim jovens sem nenhuma chance de competição.

"Há coisas surpreendentes, outras muito tristes. No time de vôlei feminino, todas fumam. Algumas fumaram até quando aguardavam o momento de se submeterem ao teste de espirometria (sopro num balão para testar a capacidade pulmonar). Nas concentrações, a comida era igual para todos, embora se saiba que a alimentação varia de pessoa para pessoa, não existe um grupo exatamente igual em matéria de necessidades nutricionais", conta.

Ele garante, e assina embaixo, que se o alerta dado pela Amil sobre a necessidade de reorganizar a alimentação dos atletas, segundo suas necessidades individuais, tivesse sido atendido (quinze dias antes do embarque) seus rendimentos cresceriam de 15% a 20% "Apenas com a melhora do estado de saúde. Ora, isso é elementar, numa mesma equipe de natação, por exemplo, você tem atletas diferentes, consequentemente com necessidades diversas de proteínas e vitaminas".

A Amil contratou o médico Eduardo de Rose como consultor. Ele faz parte da comissão médica do Comitê Olímpico Internacional e participará ainda de um congresso médico, realizado paralelamente aos Jogos Olímpicos. Esse trabalho todo poderá ter prosseguimento, se para os próximos jogos as providências forem tomadas com maior antecipação.

É, porém, junto a atletas mirins que o médico Carlos Eduardo Carvalho espera ver esse trabalho frutificar. E também sonha com o apoio da iniciativa privada. Assim, uma equipe jovem como a da Mangueira poderá brilhar muito mais do que na Passarela do Samba.

Turistas encontrarão cão e gato à mesa e 'grifes' falsificadas

SEUL — A possibilidade de comprar perfeitas falsificações de bolsas italianas Gucci ou francesas Louis Vuitton e conviver com temperos exóticos para pratos de carnes de gato e cachorro, que serão vendidos clandestinamente durante os Jogos, farão parte da rotina dos turistas que estiverem em Seul para assistir aos Jogos Olímpicos de 16 a 2 de outubro.

Mas para comprar as falsificações francesas ou italianas ou "saborear" pratos exóticos, o turista terá que superar difícil obstáculo: encontrar um táxi nas movimentadas ruas de Seul. Prevendo problemas de comunicação entre os passageiros e motoristas, os organizadores dos Jogos realizaram vários cursos com os motoristas e meses depois chegaram a triste conclusão. Não havia como ensiná-los nem as mais elementares expressões em inglês para as conversas com os turistas.

Derrotados pela frustrante experiência, os organizadores aconselham os turistas a chamarem um táxi aos berros, quantas vezes for necessário. Se o táxi parar, o turista enfrentará outro problema. Geralmente, eles trafegam por Seul superlotados e encontrar vaga dentro do carro é tarefa das mais difíceis.

A *via crucis* do turista não terminará ao entrar no táxi. É aconselhável que ele olhe bem os outros passageiros e certique-se, sabe-se lá como, de que são confiáveis e dividirão as despesas da corrida. Os organizadores recomendam também que os visitantes aprendam algumas expressões em coreano, que facilitarão a comunicação com o motorista e com a população, tais como An Yong Hash Innika (para falar com um desconhecido mais velho) e An Yong Ha Say Yo (quando a pessoa tem nível superior) e An Yong (para se dirigir a um garoto ou jovem).

No caso específico do táxi, o passageiro, ao sair do carro, deve se despedir com curta saudação An Yong Hee Kae Say Yo ("fiquem em paz") e receberá como resposta An Yong Hee Ka Say Yo ("vá em paz").

Falsificações — A perspectiva de receber turistas de todo o mundo se refletiu nas indústrias coreanas. Aumentou a produção e as falsificações estão cada vez mais perfeitas. Qualquer artigo pode ser encontrado nas lojas de Seul por preços bem inferiores aos produtos originais.

Os comerciantes coreanos esperam arrecadar com a venda de camisas, calças, vestidos, perfumes e bolsas o suficiente para manter o orçamento estável durante o resto do ano.

Enquanto os comerciantes acenam com as falsificações, os donos de restaurantes investem no exotismo da cozinha coreana.Desde o Kimchi (dente de alho mergulhado em pimenta) até os pratos com carnes de gato e cachorro. Apesar dos protestos do Fundo Internacional pelo Bem-Estar dos Animais, com sede em Londres, as carnes destes dois animais continua a ser vendida em toda a Coréia por preços 10 vezes superior ao da carne de vaca.

Recente enquete feita no país mostrou que de cada 100 coreanos, 43 comem carne de gato e cachorro e oito, entre 10, lamentam os métodos utilizados para matá-los. Reza a cozinha coreana que a carne fica mais saborosa quando o animal sofre para morrer.

A polêmica é interminável e no coro dos defensores dos pratos com estes animais entram alguns médicos. A carne do cachorro, segundo eles, é benéfica porque estimula a fertilidade, enquanto a do gato é importante para a recuperação da mulher após a gravidez.

Preocupados com estes hábitos alimentares dos coreanos, os europeus iniciaram série de protestos. Em recente encontro com o prsidente do Comitê Organizador dos Jogos, Park Seh Jik, um francês não se conteve e mostrou seu horror a mania de transformar gatos em cachorros em ensopados, assados e milanesas. A resposta foi contundente. "os senhores na França comem carne de cavalo. Isso é uma crueldade incrível para nós".

Lander Alves

Para se adaptar às águas de Seul, Patrícia Amorim teve que treinar de madrugada, junto com outros nadadores brasileiros

Natação treinou até de madrugada

Jantar de madrugada, dormir depois das duas da manhã e acordar depois das 10h nunca estiveram nos planos dos nadadores do Brasil que disputarão os Jogos Olímpicos de Seul. Nada de insubordinações ou farras noturnas. Essa foi a vida dos atletas nos últimos dias, antes do embarque para a Coréia. A boemia dos nadadores foi mesmo dentro da piscina, treinando em horários trocados, para ir adaptando o organismo ao fuso horário que separa o Brasil da Coréia.

Eles não se sentiam exatamente à vontade. Para quem está acostumado a se levantar às 6h, é difícil ficar na cama até às 10h, após ter ido dormir de madrugada, uma novidade na sacrificada vida de atleta. Mas todos concordam que era melhor estranhar agora do que esperar chegar a Seul para descontar a diferença de 13 horas.

O programa de adaptação ao fuso horário começou a ser desenvolvido no início da semana. Os treinos da manhã tiveram início às 8 h, no dia seguinte às 10h, depois às 11 h e assim sucessivamente."É como o soro caseiro. Esse treinamento em horários estranhos foi uma receita caseira para quem não podia estar em Seul 12 dias antes da competição, como os norte-americanos", afirma Daltely Guimarães, técnica da equipe de natação.

O mesmo aconteceu à noite. Na segunda-feira, os nadadores chegaram à piscina do Flamengo às 19 h, saíram às 21h e a cada dia foram chegando uma hora mais tarde. Nessa progressão, o último treino da Seleção, antes do embarque, ontem, acabou à 1h.

O rendimento dos nadadores deu uma caída, segundo Daltely Guimarães. "Eu me sinto meio mole, diferente", revelou Patrícia Amorim."É difícil acordar tarde, mesmo dormindo tarde. Estou superacostumado a levantar cedo, na mesma hora. Tento ficar o máximo na cama, para dormir pelo menos oito horas", conta Cristiano Michelena. Mas a tonteira desses dias deve diminuir em Seul. O fuso não pode ser mais um adversário na já tão difícil missão de uma boa atuação da natação brasileira nos Jogos Olímpicos.

Judô evita contato com americano

Todo mundo fica na Vila Olímpica o tempo inteiro

A chefia da equipe brasileira de judô já traçou a estratégia que deve ser usada por todos na Coréia do Sul: evitar qualquer contato com norte-americanos durante os Jogos Olímpicos. A recomendação partiu do chefe de equipe Sérgio Bahi. Nada tem a ver com compreensíveis precauções esportivas. O objetivo principal é resguardar os judocas brasileiros de possíveis atentados na Coréia, em represália à realização dos Jogos. Segundo Sérgio Bahi, presidente da Federação Sul-Americana de Judô, os norte-americanos serão os mais visados em casos de atentados. Manter distância deles, então, será uma defesa.

"Conversei muito com o presidente Joaquim Mamede sobre a possibilidade de atentados em Seul", disse Sérgio. "Esta é a minha principal preocupação e ficarei atento para que nada aconteça". Mas os judocas receberam outras intruções, como não se ausentar da Vila, sequer para compras, até o término das competições. "Eles vão ficar juntos, torcendo um pelo outro até o final. A permanência na Vila Olímpica, naturalmente, garantirá maior segurança.".

Se depender das instruções do presidente da CBJ, a Seleção Brasileira de judô será a mais disciplinada. "Devido à conscientização dos atletas, que nunca estiveram tão bem, o Bahi leva uma equipe pronta e a mais determinada do país", diz Mamede. Determinação que começou com a inversão de horários há dias, quando os judocas passaram a levantar-se às 19h, almoçar à meia-noite, jantar às 8h e dormir às 9h, para mais bem se adaptar ao fuso de Seul. O maior aliado foi a temperatura amena, que permitiu sono tranqüilo entre os treinos.

Um dos mais animados é o peso-ligeiro Sérgio Pessoa. Recuperado da pneumonia, Pessoa — cujo filho mais novo, Sérgio, nasceu no último sábado — prometeu uma medalha de ouro como lembrança para o caçula. "Nos Jogos de Indianápolis, consegui o ouro para o Diogo; agora é a vez do Sérgio", disse Pessoa, que teve dia cheio na véspera do embarque, como toda a equipe. O último treino no Centro de Santa Cruz começou às 7 h; ao meio-dia foi servido o almoço e logo a inauguração da capela; às 18h saíram para o aeroporto.

Gérson, um doutor no atletismo

SÃO PAULO — A equipe brasileira de atletismo que vai a Seul levará um médico a mais. Sua especialidade é a ortopedia, mas ele não vai tratar das contusões dos corredores, e sim de um deles. O médico que vai correr representando o Brasil na prova dos 400 metros rasos é Gérson Andrade, paulistano de 28 anos que divide seu dia entre as pistas de corrida e a enfermaria do 2º Batalhão de Guarda do Exército em São Paulo, onde é tenente.

Ainda quando estudante de medicina, com vontade de fazer residência em ortopedia, Gérson chegou às pistas em 1979, quando foi dar uma volta na pista de atletismo para ver se conseguia representar a Escola Paulista de Medicina, na Inter Med, competição esportiva entre faculdades de medicina. Correu tão bem que os colegas o aconselharam a procurar um treinador. Animado, Gérson começou a participar de competições, sempre nos 400 metros rasos. Já no ano seguinte, 1980, foi vice-campeão brasileiro da modalidade e desde então colecionou sete títulos de campeão brasileiro. Em 1982, apressou o passo e bateu o recorde sul-americano da prova com a marca de 45,21 segundos.

Difícil opção — Já o Exército apareceu em sua vida por uma dessas ironias do destino. Aos 18 anos, ele obteve dispensa do serviço militar por estar cursando medicina — mas ficou devendo o serviço obrigatório. Em 1984, depois da frustração de não trazer medalha das Olimpíadas de Los Angeles, Gérson tinha duas opções. Ou fazia a residência médica e largava o atletismo ou arranjava um emprego de meio período e tirava o resto do dia para treinar. Como precisava cumprir o serviço militar, foi para o Exército. Em 1985, tornou-se tenente e passou a clinicar todos os dias das 12 às 17 horas. "A vida dá voltas", comenta o tenente ao lembrar que há quase dez anos usou de todas as suas armas para se livrar da farda.

Almir Veiga — 29/08/83

Gérson Andrade, ortopedista e especialista em 400 metros

Durante este ano Gérson passou quatro horas de suas manhãs diárias e três horas de suas noites nas pistas de treinamento. Entre uma corrida e outra, ia para o 2º Batalhão, "onde a tarde costuma ser tranqüila". É expediente normal, "não tem muitos casos" comenta.

Seu grande objetivo foi melhorar a resistência para agüentar os últimos 100 metros da prova. "Nos primeiros 300 metros todo mundo vai junto. Quem suporta melhor os últimos 100 é que ganha a corrida", explica.

Há 15 dias Gérson conseguiu dispensa do Exército, pôde continuar treinando de manhã e se esforçar de duas a três horas à tarde. O resultado foi bom. Nos testes realizados na terça e quarta-feira passadas, conseguiu baixar em 21 segundos seu recorde sul-americano. Fez 45 segundos cravados. O resultado ainda está a muitos passos do recorde mundial de 43s29 do americano Harry *Butch* Reynolds, obtido este ano, depois de desafiar os corredores por 20 anos. "Com este tempo eu chego na final" diz Gérson. "Depois vamos ver né?"

Ciclismo assume compromisso com um futuro vazio

O ciclismo brasileiro, que nunca sentiu a emoção de um pódio olímpico, sabe que ser filiado à União Internacional de Ciclismo Amador significa selar um futuro sem medalhas nos Jogos Olímpicos de Seul. Isto porque encontram-se esta entidade reúne os países sem expressão internacional no esporte. Os favoritos para ouro, prata e bronze na Coréia - França, Itália, Espanha, Bélgica, União Soviética e Colômbia, entre outros - são todos integrantes do rígido profissionalismo que impera na União Internacional de Ciclismo Profissional.

Os oito ciclistas nacionais, todos de São Paulo, também sabem que nunca houve preparação tão internacional como a que a Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC) organizou para Seul. Mais do que as viagens, competições e treinamentos nos Estados Unidos, Bélgica, Tcheco-Eslováquia, Polônia, Alemanha Oriental e Colômbia, a internacionalização do esporte deu-se com uma filosofia pautada em duas vertentes: disciplina e trabalho. E Fernando Nabuco, presidente da CBC, encontrou no polonês Wojciech Walkiewicz a pessoa que achou ser ideal para mudar a mentalidade do ciclista brasileiro.

Personalidade — Ex-técnico da Polônia de 1965 a 75, quando foi bicampeão do mundo, Walkiewicz trouxe consigo um *portunhol* que só não assustou mais do que sua forte personalidade, capaz de provocar atritos iniciais com os atletas e até mesmo brigas com fiscais belgas durante a Volta da Bélgica, competição que se seguiu à Volta da Paz. Expulso da prova, quase perdeu o empego.

Dono de uma franqueza singular, ele logo classificou o ciclista brasileiro de " pouco apegado aos treinos e ruim nos *sprints* ", a arrancada próxima ao fim da prova. No começo do ano, ao fim da II Volta Ciclística do Brasil, desabafou diante do que chamou de má performance da equipe olímpica e disse que, naquele momento, " ninguém teria condições de seguir para Seul ".

Nabuco então resolveu então dividir o time em duas equipes, a de pista e a de estrada, e treiná-las no exterior. Walkiewicz ficou com o trabalho do segundo time - Marcos Mazzaron, Wanderlei Magalhães, Cassio de Paiva e César Daneliczen - e seguiu para quase dois meses de trabalho na Europa. E a delegação de pista - Paulo Jamur, Clovis Anderson, Fernando Louro e Antônio Carlos Silvestre - concentrou a preparação em San Diego, Califórnia.

Na Bélgica, o melhor resultado foi o de Magalhães, que venceu os 132 quilômetros da última etapa da Volta, mas terminou num modesto 35º lugar. Logo após o Pan-Americano de Medellin, Colômbia (onde o Brasil ficou em terceiro, atrás de cubanos e colombianos), o mesmo Magalhães foi bem no Clássico Internacional de Ciclismo de Oakland, Califórnia. Na segunda etapa, foi terceiro, atrás só dos americanos. Na mesma prova, Mazzaron foi nono.

Pouca tradição — O problema que afasta as medalhas do Brasil em Seul não é a falta de qualidade do trabalho, e sim seu pouco tempo de execução. Além disso, tradição também conta. Esporte de rico num país de pobre (uma bicicleta oficial custa hoje em dia cerca de US$ 1.200 , pouco mais de Cz$ 600 mil), o ciclismo ainda engatinha no Brasil. São 21 federações com quatro mil filiados — na França, onde é esporte nacional, eles são 80 mil — e uma rala história de resultados internacionais.

Em 1964, Antônio Prado Junior chegou em sexto no Campeonato Mundial de Velocidade. Quatro anos depois, Luiz Carlos Flores foi vice-campeão mundial amador com 18 anos. A coisa melhora no Pan. Em 1959, Anésio Aragão conquistou ouro no Chile e, em 1963, foi bronze. No Pan de Cali, 1971, o mesmo Flores conseguiu prata. Em 1983, Cidade do México, a equipe brasileira de perseguição foi segunda colocada. E em Indianápolis, ano passado, Mazzaron ganhou prata em resistência e o time de perseguição — Jamur, Louro, Silvestre e Antônio Huger — conseguiu o bronze. E só.

Sete garotas e um destino nas ondas do mar

Elas nem conseguem lembrar da primeira onda. Nasceram e cresceram perto da praia, com o sol queimando a pele e dourando os cabelos. E viraram todas rainhas do mar. Dora Bria, no Mariana e Isabela Nogueira e Stephanie Petersen, no body-board; Isabelle e Marie Claude De Loys, no surfe de peito; e Brigitte Mayer, no surfe feminino; todas precisaram vencer preconceitos para, com talento e disciplina, conquistar seu espaço nos 7.408 quilômetros de litoral do Brasil.

"Algumas coisas não mudam. Até o pessoal do surfe é muito machista", conta Stephanie. Outras mudaram. Da imagem do surfista alienado, que passava o dia na praia sem estudar, não sobrou nada. "Os esportes do mar agora são todos profissionais e tanto os rapazes como as meninas têm, na maioria, outra mentalidade", garante Isabelle. É uma nova geração no mar. Elas estudam, cuidam muito da saúde, não gostam de drogas e são contra a idéia de posar nua para revistas masculinas. "Eu cuido do meu corpo para me sentir bem. Eu estaria desvalorizando o esporte se ficasse mostrando o corpo", argumenta, com a aprovação das outras, Mariana, que já recusou dois convites da revista Playboy.

Profissionais, elas usam maiôs que cobrem boa parte do corpo e levam as marcas de seus patrocinadores. São eles que pagam os equipamentos caros e as viagens para disputar torneios no mundo. Campeãs, elas têm consciência que não vão poder viver do esporte. Mas garantem que não vão trair seu amor pelo mar. "Eu posso fazer outras coisas mas vou pegar onda até não poder mais", diz Brigitte.

As atletas do mar

Elas são as primeiras do 'ranking'

Em comum, elas têm generosos patrocínios, pertencem à classe média alta e são louras. Encaram a vida mais ou menos da mesma forma e se destacam em atividades no mar. Da veterana Dora Bria à pequena Mariana, passam horas e mais horas dentro da água, conquistando títulos, no Brasil e no exterior.

□ *Mariana Nogueira*, 16 anos, boarder há três anos.
Patrocínio: Redley e Speedo.
Títulos: venceu seis das oito etapas no Campeonato do ano passado da Associação de Body-board do Rio de Janeiro (Abberj), só não foi campeã porque não pagou as mensalidades da associação. Foi a primeira colocada na etapa Fico do Circuito Brasileiro de surfe de 87 e primeira colocada no Body-Board Wahine Contest, no Havaí. Venceu ainda o International Bliss Competition, em 87, e foi segunda colocada na primeira etapa do Campeonato Brasileiro, o OP Pro, em janeiro.

□ *Isabela Nogueira*, 18 anos, boarder há três anos e meio.
Patrocínio: Redley e Speedo.
Títulos: campeã carioca em 87, atualmente é a primeira do *ranking* da Abberj e vice campeã no Wahine Contest, na categoria de 17 a 29 anos. Foi a segunda colocada na etapa Fico do Circuito Brasileiro de surfe profissional, categoria *body-board*, e segunda também no International Bliss Competition.

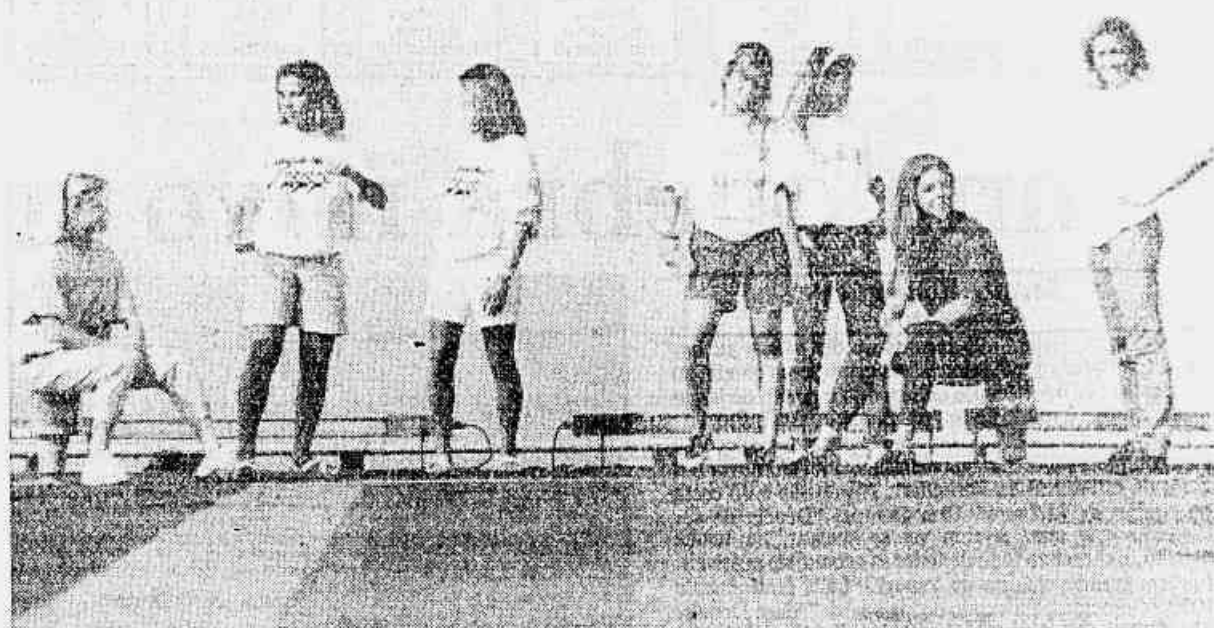
□ *Stephanie Petersen*, 18 anos, boarder
Patrocínio: Redley e Speedo.
Títulos: terceira colocada no International Bliss Competition de Body-board, em janeiro deste ano, vice campeã no Wahine Contest.

□ *Isabelle De Loys*, 20 anos, surfista de peito há dez anos.
Patrocínio: Ozônio e Príncipe das Peixadas.
Títulos: várias vezes campeã carioca e brasileira, junto com sua irmã gêmea Marie Claude, já que as duas se revezam como únicas concorrentes nas competições no estado. O último título foi de vice campeã do 12º Campeonato Mundial de surfe de peito, na Califórnia, na categoria de 18 a 24 anos.

□ *Marie Claude De Loys*, 20 anos, surfista de peito há dez anos.
Patrocínio: Ozônio e Príncipe das Peixadas.
Títulos: várias vezes se revezou no primeiro lugar com a irmã Isabelle. O último título foi de 11ª colocada no Mundial de surfe de peito da Califórnia.

□ *Brigitte Mayer*, 20 anos, surfista há quatro anos.
Patrocínio: Ozônio e Spirit
Títulos: campeã carioca de 87, segunda colocada na etapa Fico do Campeonato Brasileiro, ano passado, e 14ª no Mundial de Porto Rico, este ano. Primeira colocada na etapa OP Pro e primeira do Campeonato Coca-Cola, em 88.

□ *Dora Bria*, 30 anos, *wind- surfista* há sete, primeira mulher a praticar o *wind surf* sobre as ondas.
Patrocínio: Malt 90, Pan Am e Alternativa
Títulos: campeã sul-americana de *slalon*, em 87, campeã sul-americana de *fundboard*, em 88. Venceu todos os campeonatos femininos sobre as ondas e *slalon* em 87 e 88. Oitava colocada no Triatlon de surf no Havaí, em 85, e primeira nas ondas em Barbados, em 86.

Olavo Rufino

As jovens atletas do mar não usam drogas e reclamam do machismo dos surfistas

O "wind surf" é o esporte mais caro

O *wind surf* sobre as ondas é semelhante ao tradicional, com variações apenas em algumas regras já que o competidor deve atravessar as ondas até a arrebentação, comandando a vela sem virar a prancha. As manobras — assim como as do Jacaré e *body-board* são semelhantes às do surfe comum, como *dropar* (descer a onda) e *cut-back* (curva rápida para retornar à espuma da onda).

O material básico utilizado é a prancha, mastro, pé de mastro, velas, talas (para manter o formato da vela), retranca (peça na qual o velejador segura) e trapézio (colete com gancho usado pelo velejador para se pendurar no cabo). O custo do material de segunda mão está em torno de 400 ou 500 dólares, ou o de primeira que pode ultrapassar os 10 mil dólares.

O material de *slalon*, variação do *wind surf*, é um pouco diferente, já que o mastro é geralmente de alumínio e a prancha é mais leve para atingir maior velocidade e cortar melhor as ondas. Os preços variam na mesma faixa.

O custo das pranchas de *body-board* é de Cz$ 40 mil; o estrepe — corda para prender a prancha ao surfista — está em cerca de Cz$ 3.500; a roupa de borracha para proteger do frio pode atingir de Cz$ 30 a 70 mil, variando da bermuda ao macacão inteiro. E os pés de pato ficam na faixa de Cz$ 10 mil. As principais manobras são o *el rollo* (giro completo, 360 graus), *drop knee* (apoiar um joelho e um pé na prancha), *off the lip* (batidas na crista da onda).

No surfe, a prancha, o maiô e o estrepe formam o material necessário. O preço da prancha está em torno de Cz$ 70 mil, dependendo do fabricante. O esporte mais barato é o surfe de peito. O equipamento necessário não passa dos pés de pato e do maiô. Existem alguns acessórios como a madeirite para "cavar" as ondas.

Nas demarcadas águas do Rio, a técnica vence o preconceito

A melhor resposta para o preconceito é a técnica. Foi assim que as atletas do mar se impuseram em competições no Brasil e no exterior, mas o sucesso simultâneo ainda não lhes garantiu uma vida tranqüila no esporte, nem um espaço mais livre para a prática de suas modalidades.

Brigitte Mayer, 20 anos, uma das poucas adeptas do surfe feminino no Brasil, enfrenta realidade das mais difíceis, que procura contornar com descontração. Sem rigor ou treinamento especial, faz do esporte mais que uma religião, uma diversão na água. "Pego onda quando estou com vontade", afirma.

O número de praticantes do surfe feminino no Brasil, que disputam competições freqüentemente, não ultrapassa 15 meninas, e o sonho de levar o esporte à mesma profissionalização do masculino ainda parece muito distante. A única associação feminina não tem representatividade, não garante apoio ao esporte e nem a sua valorização. "Não sei se vou ver este tempo", diz Brigitte.

Menos pessimistas, Mariana, Isabela e Stephanie, praticantes de body-board, assim como Isabelle e Marie Claude, do surfe de peito, pensam formar associações que promovam a profissionalização do esporte. A dificuldade para as primeiras é o aval de outras *boarders*, que com a profissionalização não poderiam mais correr os campeonatos brasileiros e nem os internacionais amadores.

"Se fôssemos profissionais, ganharíamos premiação em dinheiro. Isso é muito melhor do que correr no exterior e ganhar apenas pranchas e troféus", fala Isabela. Já Marie Claude e Isabelle De Loys lutam por uma divulgação maior do esporte, que permitiria a novas surfistas de peito competir com elas, atualmente as únicas do circuito brasileiro. "Uma associação deveria estimular novas garotas a competir e acabar definitivamente com o preconceito contra o surfe de peito, que afinal foi a base do surfe e body-board atuais", defende Isabelle.

Estrutura — Mais profissional, Dora Bria, 30 anos, experimenta situação oposta. Praticante de windsurf sobre as ondas há sete anos, ela vive atualmente de seus dois patrocinadores e não se preocupa com estudos ou atividades paralelas, como Mariana, Isabela e Brigitte. "Vou ficar velha malhando", diz Dora, rindo. "Sei que é difícil conciliar o esporte com outras atividades. Gostei de estudar engenharia química, mas como não suportei trabalhar na área, fiquei só no windsurf".

Uma das mais animadas com o futuro é Isabela Nogueira, que fala de seus planos no body-board após terminar o segundo grau. Ela já recebeu vários convites para posar nua em revistas masculinas, mas a resposta foi sempre negativa. "Como levo o esporte a sério, não tenho vontade de posar nua", justifica. "Quanto aos estudos, por que continuar se quero mesmo ficar surfando? Vou me preocupar com isso quando não estiver bem nos campeonatos".

O apoio da família em suas vocações foi fundamental para quase todas as garotas. Os pais de Mariana e Isabela Nogueira, por exemplo, além de apoiá-las, incentivam os treinos e a participação em competições. Marie Claude e Isabelle De Loys, ao contrário, não contam com a mesma sorte. "Por que competir? é a pergunta de meus pais", conta Isabelle. "Isso não leva a nada, é o que sempre repetem".

"Hoje ganho dinheiro com o meu esporte. Conheço vários lugares do mundo e quero formar uma escola de windsurf", diz Dora Bria, valendo-se de sua estabilidade. Os planos de Brigitte, menos entusiasmada com seu esporte, estão mais ligados à Faculdade de Análise de Sistemas, na Nuno Lisboa. "Nunca estagiei na minha área, mas sei que os profissionais ganham em torno de Cz$ 300 mil. Quando vou conseguir esta grana com o surfe? Além disso, meu gás para competir já está acabando", desabafa.

Democratização — Segundo as surfistas, o democrático espaço do mar não é tão bem dividido assim como se pensa. Além do preconceito para com o surfe de peito, considerado categoria menor, os *boarders*, windsurfistas e surfistas têm suas áreas bem delimitadas. A falta de intercâmbio e apoio entre todos é a principal queixa das surfistas de peito Isabelle e Marie Claude. "Nas competições no exterior, vários surfistas correm juntos, independente de idade ou categoria. O pessoal do surfe respeita os surfistas de peito, assim como aos *boarders*", afirma Marie Claude.

No Rio de Janeiro, as meninas do surfe de peito praticam no Leme e as *boarders*, windsurfistas e surfistas, no Meio da Barra. "Acho que todo o pessoal deveria ter um tipo de acordo e respeito. Esta questão de limites vem de encontro com a educação dos brasileiros. Nas praias do Havaí, você encontra várias pessoas surfando com todos os tipos de prancha em um espaço mínimo", diz Dora.

A opção pelo surfe e o estilo de vida mais informal passa pela alimentação natural e a repulsa às drogas. "A preocupação agora é com o corpo, com um estilo mais natural de vida", diz Isabelle. Todas reconhecem, entretanto, que apesar da liberdade, uma campeã não pode se dar ao luxo de ser "aloprada", porque isso fortaleceria a idéia da surfista alienada e marginal. O eterno desocupado saiu de moda. Dora, Brigitte, Isabele, Marie Claude, Stephanie, Mariana e Isabela que o digam.

"Estamos pensando em criar associações para profissionalizar o nosso esporte"
Stephanie Petersen

"Gostei de estudar, mas o trabalho não me pegou e vou malhar no 'wind' até a velhice"
Dora Bria

"Um campeão não deve ser como um aloprado porque ajuda na visão do surfista marginal"
Mariana Nogueira

"Levo o esporte à sério e não poso nua apesar dos vários convites"
Isabela Nogueira

Senna quebra novo recorde e larga na frente

Sérgio Rodrigues
Correspondente

MONZA, Itália — O recorde de dez *poles-positions* numa temporada que Ayrton Senna estabeleceu ontem, ao conquistar por três décimos de segundo o direito de largar alguns metros à frente de seu companheiro Alain Prost no Grande Prêmio da Itália, hoje, foi apenas o começo de uma completa subversão que o brasileiro vai promover nos livros de estatísticas da Fórmula-1. A previsão é do chefe de equipe da McLaren, Ron Dennis. "Depois de ser campeão este ano, Ayrton vai se dedicar, na minha opinião, a chegar ao topo de todas as estatísticas possíveis. Ele tem grandes chances de conseguir bater praticamente todos os recordes, mais cedo ou mais tarde", disse Dennis.

Outro desses recordes isolados Senna pode bater ainda hoje, sob os olhos do público de todo o mundo, em 51 voltas pelos 5,8 quilômetros de Monza, a partir das 9h30min (hora do Brasil), com transmissão pela TV Globo. Se vencer a corrida de hoje, a 12ª do ano, Senna terá obtido sua oitava vitória da temporada, uma além dos atuais recordistas Jim Clark e Alain Prost. Estará também empatado com o lendário pentacampeão Juan Manuel Fangio em segundo lugar na contagem de vitórias consecutivas, com cinco, perdendo apenas para Alberto Ascari, que entre 52 e 53 conseguiu enfileirar nove primeiras posições seguidas. Mais do que tudo isso, é claro, uma nova vitória sua reduzirá as chances de Prost brigar pelo título a algo próximo de zero.

Isso não é tudo. Se vencer hoje, Senna também vai disparar como o piloto que mais pontos brutos (sem o descarte dos cinco piores resultados) marcou numa temporada. Hoje com 75, ele está apenas um atrás do total alcançado por Prost em 85 e Nélson Piquet ano passado. Depois de igualar o recorde de seis *poles* consecutivas de Stirling Moss e Niki Lauda, no GP dos Estados Unidos, e deixar para trás as nove *poles* numa temporada de Niki Lauda, Ronnie Peterson e Nelson Piquet, ontem, Senna tem a seu alcance apenas um feito capaz de ofuscar todos os outros: a marca de 99 pontos numa estação, chamada de *contagem perfeita*, o máximo que um piloto pode alcançar e que até hoje ninguém alcançou.

A contagem perfeita — 11 vitórias nas 11 corridas que podem ser computadas no fim do ano — é quase uma entidade mística, uma espécie de Santo Graal do automobilismo. Compreensivelmente, Senna fala com cautela da possibilidade de chegar lá. "A possibilidade existe, mas eu nem penso nisso. É muito difícil", afirmou ele. Mesmo o recorde de dez *poles* numa temporada — que Piquet, um dos detentores da marca batida, disse ser "muito importante, um negócio que você não tem chance de fazer todos os dias" — foi comemorado por Senna com moderação. "Estou feliz, é lógico, mais pelos mecânicos e pela Honda, que me permitiram chegar lá", disse ele, repisando o clichê. "Mas minha próxima meta é o campeonato", acrescentou, como se até hoje tivesse havido alguma outra.

Monza, Itália — Reuters

O ímpeto de Ayrton Senna contagiou a direção da McLaren

As 'poles' de Senna em 1988

Corrida	Classificação final
GP Brasil	desclassificado
GP San Marino	1º
GP Mônaco	não completou
GP México	2º
GP Canadá	1º
GP EUA	1º
GP Alemanha	1º
GP Hungria	1º
GP Bélgica	1º
GP Itália	?

Ayrton procura falhas do carro

Ayrton Senna não gostou do desempenho de seu carro nos treinos classificatórios de ontem à tarde, embora tenha melhorado em dois décimos de segundo seu tempo de sexta-feira, garantindo com tranqüilidade a décima *pole-position* do ano e a 26ª de sua carreira. O problema é que, nos treinos não-classificatórios da manhã, ele havia sido ainda mais rápido, com uma volta de 1min25s733. "O carro piorou em relação aos treinos da manhã, e até mesmo em relação a sexta-feira", queixou-se ele.

Antes de se trancar durante horas com seus engenheiros, na tentativa de descobrir a causa dessa ligeira queda de rendimento, Senna manifestou esperanças de que ela se devesse apenas ao estado da pista. "Talvez as condições do asfalto tenham mudado ligeiramente; pois nem todo mundo conseguiu melhorar os tempos, e quase todos os que conseguiram só melhoraram uma pequena fração", afirmou.

O líder do Campeonato não se juntou ao coro de críticos do traçado de Monza, que obriga os pilotos a subirem nas zebras. Ontem, Nelson Piquet e Maurício Gugelmin juntaram-se a Alain Prost nessas queixas, mas Senna discordou: "As chicanes sempre foram assim e isso faz parte dessa corrida. Gosto muito da pista. É um traçado difícil, principalmente para acertar o carro, pois há um trecho de alta e outro de baixa velocidade. Por outro lado, ultrapassar é fácil. É *fogo* você se manter na frente aqui."

Prost erra e invade areal

As esperanças de Alain Prost de roubar a *pole position* de Ayrton Senna, pela segunda vez este ano, como havia feito no GP da França, terminaram a nove minutos do fechamento da pista, quando o McLaren número 11 passou reto na primeira *chicane* do circuito, a variante Del Rettifilo. Quando a gigantesca nuvem de poeira baixou, Prost já estava fora do carro, que acabou atolado no terreno arenoso. Prost assistiu ao que restava dos treinos ali mesmo ao lado da pista, enquanto o McLaren era levado pelo guincho.

"Foi uma coisa inexplicável", justificou-se Prost depois. "Eu nem estava numa volta rápida. Perdi o controle do carro quando vinha relativamente lento e freei bem antes do limite seguro. Talvez houvesse óleo na pista, ou talvez alguma coisa tenha travado na caixa de marchas quando freei, o que explicaria a vibração esquisita que eu venho enfrentando desde os primeiros treinos."

Estas não foram as únicas queixas de Prost. O comportamento irregular de seu motor foi, segundo ele, o principal responsável por não haver chegado perto de ameaçar o tempo de Senna e sequer de melhorar sua marca de sexta-feira, que acabou sendo sua volta mais rápida em todo o fim de semana. Ontem, ele não foi além de 1min26s428 em sua oitava volta. "Quando botei meu segundo jogo de pneus, os mecânicos devem ter mexido sem querer em algum ajuste do motor, pois ficou impossível guiar e trocar marchas. As rotações ficaram altas demais, e o carro vibrava muito", afirmou.

Um outro motor deve ser instalado hoje de manhã em seu carro para a corrida, na qual Prost vai jogar quase todas as suas esperanças de chegar ao terceiro título mundial este ano. Como Senna — e de resto quase todos os pilotos —, ele não espera trocar pneus durante a prova. (S.R.)

Monza vê Silhueta da Alfa

Pilotado por Alessandro Nannini, da Benetton, um Alfa Romeo 164 aparentemente igual ao modelo de rua da fábrica chegou a 300 quilômetros na pista de Monza. Não era um carro normal, mas o Alfa 164 Pró-Car em sua primeira exibição pública antes da estréia no Campeonato Mundial de Fórmula Silhueta — que, tudo indica no momento, não vai acontecer nunca.

A Fórmula Silhueta, ou Pró-Car, foi idealizada pelo presidente da Associação dos Construtores de F-1 (Foca), Bernie Ecclestone, para substituir o Campeonato Mundial de Marcas com mais apelo de *marketing* e um formato de campeonato *televisável*. Por fora um carro esporte, por dentro um motor de 3.500 cilindradas e 600 cavalos de potência, igualzinho ao da Fórmula-1.

A Alfa foi a primeira equipe a comprar a idéia — e, infelizmente para ela e Ecclestone, a única até agora. A falta de interesse das fábricas numa categoria cara e de retorno duvidoso levou a estréia do Campeonato, prevista para o ano que vem, a ser adiada para 90. Hoje, muita gente aposta que o projeto já está enterrado definitivamente, como é o caso do presidente da Confederação Brasileira de Automobilismo, Piero Gancia, que veio a Monza para negociar com Ecclestone uma prova do Mundial de Marcas no Brasil, em agosto do ano que vem, provavelmente em Interlagos. "O Pró-Car morreu", garantiu ele.

Cesare Fiorio, diretor esportivo da Fiat e responsável pelo projeto Alfa Pró-Car — desenvolvido lado a lado com a Brabham, de Ecclestone — pensa diferente. Ele acredita que os 3 milhões de dólares investidos até agora no projeto terão retorno. "Acho que vai haver Campeonato. Mas, se não houver, nada nos impede de usar a tecnologia desenvolvida neste motor em outra categoria, como a Fórmula-1, por exemplo. Várias equipes já manifestaram interesse em comprar o motor", disse ele. (S.R.)

Fiat põe sua marca na F-1

Mesmo sem promover qualquer revolução, como já era esperado, a Fiat começou a fazer notar sua hegemonia na Ferrari, conquistada com a compra dos 40% de ações que pertenciam ao Comendador Enzo, semana passada. As duas principais mudanças de rumo anunciadas ontem por Vittorio Ghidella, homem da Fiat que preside a Scuderia Ferrari desde os anos 70, foram o abandono do câmbio eletrônico no carro aspirado do ano que vem e o afastamento de Marco Piccinini do papel de diretor esportivo, que ele exerceu nos últimos dez anos.

Foram mudanças discretas, feitas para pavimentar o caminho de uma nova Ferrari, totalmente controlada pela Fiat, que deve virar realidade a médio prazo. Piccinini, braço direito do Comendador em seus últimos anos de vida, não foi mandado para a rua. Teoricamente foi até promovido, tornando-se assistente pessoal de Ghidella, mas não vai mais comparecer às corridas.

Ganha força, dentro do novo esquema, o engenheiro Giorgio Capelli, que é também doutor em física e administração de empresas. Gerente da sessão de corridas desde a revolução promovida pelo Comendador pouco antes de sua morte, ele agora reina sozinho, sem ter que dividir responsabilidades com Barnard. Todos estes anúncios foram feitos por Ghidella no tradicional café da manhã que a Ferrari oferece à imprensa italiana todo sábado de grande prêmio.

Os rumores de que a Alfa Romeo pode associar-se no futuro com a Ferrari não foram negados por Ghidella. Ele disse que a Alfa prefere se dedicar à futura Fórmula Silhueta, idealizada por Bernie Ecclestone, mas ressalvou que, se o Campeonato não se realizar (o que é provável), a marca poderá refugiar-se na Fórmula-1, "sem concorrer com a Ferrari". A Alfa, também controlada pela Fiat, poderia fabricar motores para a Ferrari, por exemplo.

A primeira corrida de F-1 na Itália depois da morte do Comendador Transcorre, a exemplo do GP da Bélgica, será sem solenidades ou grandes homenagens. A visita do presidente da Federação Internacional de Automobilismo, Jean Marie Balestre, ao túmulo de Ferrari, seguida de um almoço com seu filho Piero Lardi e família, foi uma exceção. *(S.R.)*

André Durão e Divulgação

Maurício Gugelmin e Piquet tiveram um dia de problemas

Conta Giros

GP do Brasil — O presidente da Confederação Brasileira de Automobilismo (CBA), Piero Gancia, disse em Monza que não concordou com a data de 26 de março que a Federação Internacional fixou provisoriamente para o Grande Prêmio do Brasil de F-1 do ano que vem. "É domingo de Páscoa, o que seria ruim para todo mundo, rede hoteleira, organizadores e público", disse ele. Os dias 2 e 9 de abril foram suas contrapropostas, que a comissão de calendário da Federação vai apreciar mês que vem, em Paris, quando serão divulgadas as datas oficiais. Gancia também espera a confirmação de uma etapa do Campeonato Mundial de Marcas no Brasil, em agosto do ano que vem.

Arrows — O norte-americano Eddie Cheever estava satisfeito com sua quinta posição de largada, imediatamente à frente de seu companheiro de equipe Derek Warwick, mas adiantou que não espera render o mesmo na corrida. "Infelizmente, as soluções de maior potênciaque encontramos para o motor, embora também sejam soluções de menor consumo, não devem funcionar tão bem na corrida, segundo nos indicam nossos testes", afirmou.

Troféus — Dois novos prêmios foram instituídos no Grande Prêmio de Monza. Um deles foi conquistado ontem por Ayrton Senna: o troféu *Pole Position* Ronnie Peterson, em homenagem ao piloto suíço que morreu há dez anos, exatamente em Monza, e que detinha o recorde de nove *poles* temporada. O outro, a Copa Enzo Ferrari, será entregue à equipe que vencer três vezes o GP da Itália, a partir de hoje.

Stock cars — O paulista Fábio Sotto Mayor, líder do campeonato Brasileiro de Stock Cars, na *pole position* hoje no autódromo de Interlagos, em São Paulo, na sétima etapa do campeonato. *Fabinho* fez o tempo de 3m02s26 e terá o seu lado Chico Serra, vice-líder. Além dos dois, só Ingo Hoffman pode conquistar o campeonato, mas Ingo Karga hoje na oitava posiçãoo.

Motocross — O líder do Torneio Holly-Wood Motocross, Craig Canoy, despede-se das pistas brasileiras na quinta etapa que será disputada hoje no motódromo de Mato Queimado, em Gramado (RS).

Piquet perde esperanças

Nélson Piquet é o piloto em atividade com maior número de vitórias em Monza — três, em 83, 86 e 87 — mas não tem qualquer esperança de ampliar essa contagem hoje. Largando em sétimo lugar no *grid*, ele disse que terá como rivais fortes a Benetton, que, mesmo com um motor aspirado que não rende bem em circuitos velozes como Monza, deve dar trabalho a seu Lotus. "Os Arrows estão largando na minha frente, mas não acredito que eles consigam fazer nada na corrida por causa do consumo. A Benetton é que me preocupa", disse ele.

Monza é um circuito que Piquet diz "adorar", e não só por seu bom currículo aqui. "É um circuito com curvas de alta, que eu gosto muito, muito gostoso de guiar. Os únicos problemas são as zebras, que você é obrigado a atropelar se quiser andar rápido, um problema que acaba com o carro. Fora isso, é muito bom." Sua desesperança vem do fato de que, mais uma vez, não conseguiu encontrar um ponto de equilíbrio no carro. "Se você ganha na reta, perde na curva, e vice-versa. Além disso, houve um problema novo: os pneus traseiros esquentaram demais", disse ele.

Mas Piquet, como nas últimas corridas, não se mostrou irritado com a falta de competitividade do carro. Jogando as esperanças para o ano que vem, ele preferiu comemorar a licença para pilotar helicóptero que lhe foi concedida quinta-feira, depois de um ano de lições e horas de vôo com acompanhante. Até o fim do ano espera ter mais tempo para curtir o terceiro filho, Lazslo Alexandre Nélson, que só teve tempo de ver um dia desde que nasceu, há três semanas. "Ele está ficando *punk*. O cabelo caindo dos lados da cabeça e deixando só um topete em cima", revelou.

Gugelmin — Maurício Gugelmin larga na 13ª posição depois de mais um dia ruim de treinos, mas por isso mesmo tem algumas esperanças de fazer boa corrida. "Quando os treinos vão mal, a corrida vai bem", garantiu. Ontem de manhã ele quebrou o bico do carro reserva ao subir numa zebra e, de tarde, esbarrou no desacerto do chassis. "Se eles fizessem zebras mais altas seria melhor, pois ninguém passaria em cima delas. Detesto subir em zebras. Afinal, isso aqui não é Fórmula Ford", queixou-se ele. A ligeira melhora de seu tempo, no final dos treinos, foi atribuída por ele à pilotagem, não ao carro. "Parti para a ignorância", explicou. (S.R.)

Uma vida privilegiada entre cocheiras

Nas vilas hípicas, o Jardim Botânico de muitos sonhos

Paul Jurgens

Poucas pessoas abririam mão de um pedaço do Jardim Botânico, um dos bairros mais valorizados e cobiçados do Rio. Nas imobiliárias, há filas de pretendentes a apartamentos, pequenos ou grandes, não importa. Os preços até assustam, mas não são capazes de reduzir a atração que a região exerce. Indiferente a tudo isso, a comunidade dos profissionais do turfe — cerca de mil pessoas — desfruta de condições excepcionais de moradia numa especie de oásis às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas e do verde Jardim Botânico. O hipódromo da Gávea, com suas vilas hípicas, oferece aos que ali vivem em casas confortáveis, vizinhas às cocheiras, uma situação privilegiada.

O imenso descampado no qual se estende o terreno, verde na pista de grama e nas alamedas arborizadas, se contrapõe com leveza aos condomínios próximos, como o conhecido Selva de Pedra, prédios construídos na antiga favela do Pinto. O ar puro e o clima ameno mesmo no verão em nenhum outro local da Zona Sul parecem tão saudáveis. Muito menos nas ruas de grande movimento que cortam a região, como a Jardim Botânico. E as vantagens não param aí.

Se nos luxuosos prédios da Avenida Vieira Souto os assaltos são cada vez mais freqüentes, na Gávea os portões de acesso às vilas são permanentemente guardados por vigilantes. Sem falar no que a maior parte dos moradores do Rio procura e raramente encontra: um enorme sossego.

Preferências — Os residentes desta cidade oculta, que recriam de maneira surpreendente o clima de fazenda em pleno centro urbano, são treinadores, jóqueis, segundos-gerentes e cavalariços, para citar apenas algumas classes do turfe. De origem simples em sua maioria, eles têm hábitos particulares e preferências muito distantes da socialmente elitizada comunidade que os cerca.

Sua fala não se encontra com o dialeto readaptado todos os anos pelos surfistas de Ipanema ou os artistas do Leblon. Também não freqüentam os caros restaurantes da mesma região próxima ao mar. Ali, no momento em que os bares estão fechando, é hora de iniciar o exigente trabalho com os treinos matinais que começam às 5 horas e terminam às 9 horas. À noite, nas raras folgas da classe, alguns preferem comparecer ao pagode no Carioca Esporte Clube, na Rua Jardim Botânico mesmo.

Com 85 anos incompletos, o ex-jóquei e treinador Cláudio Rosa é o mais velho remanescente dos primeiros dias de vida do prado. Cláudio, matrícula número 1 no Jóquei, ainda se recorda dos tempos em que subia a estrada da Vista Chinesa para exercitar seus cavalos ou os levava para banhos de mar no Leblon.

Dividindo as dependências de espaçosa casa com quintal privativo (onde estão as cocheiras) — uma das primeiras a serem construídas na Vila Hípica — com a filha, a neta, três gatos, um cachorro e uma cabra, o treinador diz ainda hoje que não trocaria o local por nenhum outro, mesmo se pudesse escolher: "A vida aqui é muito saudável, com o trabalho que começa de madrugada quando preparamos os animais para os matinais. O ar puro e mais as longas caminhadas pelas vilas durante todos estes anos foram fundamentais para eu ter chegado até aqui em perfeita condição física. E depois das 8 horas da noite isto aqui é um silêncio grande".

O presidente da Associação dos Profissionais do Turfe, o treinador José Luiz Pedrosa, que desde 1961 ocupa a cocheira número 17 da Vila Lagoa, contou que recebeu cinco propostas para negociar a cocheira, mas nunca aceitou discutir o assunto. É sobretudo depois que seu filho optou pela mesma profissão há alguns anos: "No romper da aurora é uma higiene mental observar os cavalos chegarem ao padoque. É gratificante e venho aos treinos matinais sempre com a mesma vontade e prazer".

Além do Hospital Octávio Dupont, dotado de moderno centro cirúrgico, o armazém para a ração dos equinos e o tattersal onde são realizados os leilões, o hipódromo possui 92 cocheiras — que totalizam 1991 boxes para os cavalos — e cerca de 40 residências. Elas têm quase sempre dois pavimentos. No andar superior, dois quartos e banheiro. No térreo, sala, copa, cozinha e banheiro. É numa destas, localizada na Vila Hípica número 3, que mora o subgerente e redeador Jonas Souza Guerra, 27, há cinco no turfe carioca. Mineiro, criado em fazenda, ele revela que o sonho antigo de viver na grande cidade não correspondia exatamente àquilo que encontrou; "Sempre quis vir para o Rio, mas agora vejo que tudo é muito diferente do que pensava. As coisas não são tão fáceis. Ao menos aqui no Jóquei eu reencontrei o ambiente da fazenda. Vivemos mais perto da natureza, cercados pelos animais e as plantas".

Para o treinador Guilhermo Ullôa, membro de família com longa tradição no esporte, a casa é confortável e ele espera continuar ali para sempre: "O importante para mim foi ter criado os meninos sem vícios. Aí fora é preciso tomar muito cuidado". Quando não tem compromissos com as corridas nos finais de semana, Guilhermo gosta de organizar churrascos no quintal para o numerosa família, com toda a tranqüilidade. Seus vizinhos de bairro, no entanto, saem à cata de locais distantes, que garantam um pouco de paz.

João Cerqueira

Cavalos e cavalariços passeiam pelas alamedas limpas e arborizadas das vilas hípicas

Bom, bonito e valorizado

O mais tradicional prado de carreiras do país é, sem dúvida, um dos mais bonitos do mundo. A área que ocupa na Zona Sul foi cedida pela Prefeitura do Rio ao Jóquei Clube, inaugurado em 1926. No início, a Vila Hípica, junto à Rua Jardim Botânico, foi a primeira a ser construída. Depois vieram as outras — Tattersal e Lagoa —, para atender à demanda crescente de novas cocheiras para alojar os cavalos e os profissionais do turfe.

Nos últimos anos, a direção do clube oficializou o regime de comodato (empréstimo gratuito de coisa que não se gasta, que deve ser restituída no tempo convencionado) para os novos interessados na obtenção de cocheiras na Gávea. Assim, as despesas do clube com os serviços oferecidos (água, esgoto, imposto predial, etc) são rateadas entre os locatários, sempre proporcionalmente ao número de boxes existentes em cada cocheira, que às vezes chegam a 50.

Ocupando uma área com cerca de 850.000 m², o clube já sofreu a investida de diversos empreiteiros que sonham em erguer ali algo mais parecido com o resto da paisagem urbana da região, e que traria lucros há muito não alcançados em transações imobiliárias. O metro quadrado dentro da Sexta Região Administrativa está avaliado em torno de Cz$ 200 mil.

A ocupação das vilas, inicialmente cedidas a treinadores autônomos, mudou bastante de perfil nas últimas décadas. Alguns treinadores antigos, que buscavam aposentadoria mais vantajosa, preferiram passar suas cocheiras aos novos pretendentes a uma vaga no turfe carioca em troca de compensação financeira mediada pelo clube. Os novos ocupantes foram, em um período, os grandes Haras que hoje dominam as principais competições. O Haras Santa Ana do Rio Grande e o Santa Maria de Araras foram alguns deles.

Mas para os parentes de profissionais já mortos, o Jóquei mostrou complacência ao aceitar sua permanência no local, após terem sido negociados os boxes. Hoje, os que ficaram sem manter laços com a atividade pagam aluguel simbólico para desfrutar do agradável local em que foram acostumados a viver.

Hipódromo da Gávea

Steffi Graf derrota Sabatini nos EUA e fecha o Grand Slam

NOVA IORQUE — Steffi Graf, alemã-ocidental, é lenda viva do tênis aos 19 anos. Ao vencer a argentina Gabriela Sabatini por 6/3, 3/6 e 6/1 na primeira final de Aberto dos Estados Unidos sem as americanas Chris Evert e Martina Navratilova desde 1974, ela tornou-se o sexto tenista da história a fechar o Grand Slam - antes foram dois homens e três mulheres - e a primeira a vencê-los na mesma temporada desde a australiana Margareth Court Smith, aos 28 anos, em 1970. Com a vitória, Graf ganhou 275 mil dólares e agora acumula quatro milhões 210 mil 234 dólares.

O grande feito de Steffi acontece 50 anos após a conquista do americano Donald Budge, o primeiro a ganhar os torneios da Austrália, França, Wimbledon e Estados Unidos. Além deles dois, apenas quatro outros tenistas obtiveram esta glória: a americana Maureen Connolly (1953, aos 18 anos), o australiano Rod Laver (1962 e 1969) e a tcheca naturalizada americana Martina Navratilova (aos 28 anos, ela venceu três em 1983 e um em 1984).

O favoritismo de Steffi era tão grande que há 18 anos o US Open não testemunhava uma pressão tão grande sobre uma tenista. Toda a atenção estava voltada para a campanha da destra alemã de 1,73m e 57kg, que derrotou quatro diferentes tenistas nas quatro finais: a americana Chris Evert na Austrália (6/1 e 7/6), a soviética Natalia Zvereva em Paris (6/0 e 6/0) e Martina em Wimbledon (5/7, 6/2 e 6/1). Steffi, treinada pelo checo Pavel Slozil e primeira do *ranking* desde 16 de agosto do ano passado, perdeu dois *sets* durante as 27 partidas que disputou. Normalmente seriam 28 jogos, mas sua adversária da semifinal de sexta-feira, Chris Evert, nem saiu do seu quarto de hotel por causa de uma infecção estomacal. Em 1953, Connoly perdeu um *set* fazendo 22 partidas. E em 1970, Maragareth perdeu três em 23 jogos.

Homens — O sueco Mats Wilander, segundo do *ranking*, é um dos finalistas do Aberto após vencer Darren Cahill, surpresa australiana do torneio, por 6/4, 6/4 e 6/2. Vice-campeão em 1987 e vencedor na Austrália e França este ano, ele decide com o vencedor da partida entre o tcheco Ivan Lendl e o americano Andre Agassi. A Bandeirantes mostra o jogo às 17 horas.

Fluminense derrota o Bahia e fica mais perto dos líderes

Embora o técnico Sérgio Cosem tenha insistido durante toda a semana no treinamento das cobranças de pênaltis, o Fluminense não precisou desse recurso para derrotar com certa facilidade o Bahia ontem à tarde, no Maracanã. O placar de 3 a 0 mostra bem sua superioridade durante toda a partida, que só conseguiu atrair pouco mais de cinco mil torcedores.

O resultado melhorou a posição do Fluminense no Grupo A do Campeonato Brasileiro. Com os três pontos, passou a somar cinco pontos ganhos e volta a jogar no próximo sábado com o Criciúma, no Rio. O Bahia, que vinha de duas vitórias — uma delas nos pênaltis —, também ficou com o mesmo número de pontos do Fluminense.

O jogo só valeu pela velocidade apresentada por Fluminense e Bahia no segundo tempo. No primeiro, os dois times cansaram de errar passes e tiveram que ouvir algumas vaias vindas das arquibancadas. As poucas oportunidades de gol foram criadas pelo Fluminense, enquanto o Bahia insistia nos contra-ataques, quase todos mal executados. Donizete teve boa chance aos seis minutos, mas chutou para fora. Logo depois Edinho obrigou o goleiro Ronaldo a fazer bela defesa. O domínio tricolor acabou sendo recompensado através de um pênalti duvidoso — o lateral-esquerdo Paulo Róbson teria cortado um cruzamento com a mão. Edinho cobrou e fez seu primeiro gol após a volta às Laranjeiras, aos 37 minutos.

No segundo tempo, o Fluminense estebe bem melhor. O Bahia também passou a ousar mais e teve, inclusive, um gol marcado por Paulo Róbson anulado por Romualdo Arppi Filho. Washington, Marcelo Henrique e Romerito tiveram mais espaços no ataque, o que acabou sendo fatal para o Bahia. Aos 18 minutos, Andreoli bateu córner, Washington cabeceou bem e o goleiro Ronaldo aceitou: 2 a 0. O terceiro gol veio rápido, após bela triangulação de Jandir, Eduardo e Rangel, que concluiu com êxito.

Foi uma tarde tricolor, que só teve a reclamar o fato de ser obrigado a pagar Cz$ 47 mil para jogar. Em tempo: o jogo, ao contrário do anunciado, foi transmitido pela TV Globo para o Rio de Janeiro.

3 Fluminense — Ricardo Pinto, Polaco, Rangel, Edinho e Eduardo; Jandir, Donizeti e Romerito; Marcelo Henrique(Cacau), Washington e Andreoli(Charles). **Técnico** — Sérgio Cosme

0 Bahia — Ronaldo, Edinho, João Marcelo, Pereira e Paulo Róbson; Sales, Zé carlos e Bobô; Osmar(Renato), Gil e Sandro. **Técnico** — Evaristo de Macedo

Local — Maracanã **Renda** — Cz$ 2.756.600,00 **Público** — 5.464 **Juiz** — Romualdo Arppi Filho **Cartão Amarelo** — Jandir **Gols** — No primeiro tempo, Edinho, aos 37 minutos. No segundo tempo, Washington, aos 18, e Rangel, aos 29

Outros jogos

Coritiba x Goiás, 15h30, Couto Pereira; juiz: Ulisses Tavares da Silva
São Paulo x *Botafogo*,17h, Morumbi; juiz: Gilson Cordeiro (TV para o Rio)
Internacional x Santos,17h, Beira-Rio; juiz: Alahil Bolivar Viana Filho
Cruzeiro x Atlético-PR, 17h, Mineirão; juiz: José Roberto Wright
Sport x Grêmio, 17h, Ilha do Retiro; juiz: Luís Carlos Félix
Palmeiras x Criciúma,17h, Parque Antártica; juiz: Paulo Roberto Chaves
Vitória x Santa Cruz, 17h, Fonte Nova; juiz: José de Assis Aragão
Guarani x Atlético-MG, 17h, Brinco de Ouro; juiz: Carlos Elias Pimentel

Ontem na Gávea:

1º Páreo: *1º Lodato W.Guimarães 2º Crypton J.Aurélio 3º Dasaev J.M.Silva — Vencedor(2)3,50 Inexata(24)37,90 Placês(2)2,20(4)6,80 Exata(2-4)43,80 Triexata(2-4-7)394,00 Tempo: 1min24s4/5.*

2º Páreo: *1º Dyrielle M.Cardoso 2º Princesa Carioca F.Pereira 3º Sinha Fabulosa C.Lavor — Vencedor(2)4,20 Inexata(2-10)11,30 Placês(2)2,90 (10)1,70 Exata(2-10)12,70 Triexata (2-10-8)74,00 Tempo: 58s1/5.*

3º Páreo: *1º Ethologic E.S.Rodrigues 2º Lord Rum J.M.Silva 3º Chamiran M.B.Santos — Vencedor(5)8,40 Inexata(58)27,90 Placês(5)3,60 (8)3,20 Exata(5-8)95,90 Triexata (5-8-3)657,00 Tempo: 1min24s4/5.*

4º Páreo: *Handicap — 1 mil metros — Grama — Produtos de 3 anos e mais — 1º Cateto J.F.Reis 2º Charter Party J.Ricardo 3º Felix The Cat M.Ferreira — Vencedor(4)1,50 Inexata(14)2,10 Placês(4)1,20 (1)1,20 Exata(4-1)4,30 Triexata (4-1-3)7,00 Tempo: 57s2/5.*

5º Páreo: *1º Don Pedron F.Pereira 2º Henbrujo J.Ricardo 3º Jacquin J.F.Reis — Vencedor(3)11,60 Inexata(13)9,40 Placês(3)2,90(1)1,20 Exata(3-1)21,60 Triexata(3-1-6)1.698,00. Tempo: 57s3/5.*

6º Páreo: *1º Fort Link U.Meirelles 2º Heiguen P.Vignolas 3º Bolicho R.Rodrigues — Vencedor(4)3,90 Inexata(49)6,70 Placês(4)2,30(9)2,30 Exata(4-9)14,40 Triexata(4-9-10)48,00 Tempo: 1min24s2/5.*

7º Páreo: *1º Jagalur L.A.Alves 2º Dunard J.Ricardo 3º God Bless You C.A.Martins — Vencedor(8)7,40 Inexata(78)13,60 Placês(8)4,10 (7)2,20 Exata(8-7)25,60 Triexata(8-7-6)135,00 Tempo: 1min20s2/5.*

8º Páreo: *1º Desembargador J.Ricardo 2º Dahman A.Machado 3º Lagone M.Silva — Vencedor(1)2,80 Inexata(12)4,00 Placês(1)1,80(2)1,40 Exata(1-2)7,40 Triexata(1-2-4) 104,00 Tempo: 1min20s4/5.*

9º Páreo: *1º Immature C.Lavor 2º Guacuri J.R.Oliveira 3º Mussei L.Esteves — Vencedor(1)5,20 Inexata(19)15,50 Placês(1)3,20(9)2,70 Exata(1-9)38,60 Triexata(1-9-11)586,00 Tempo: 1min14s1/5*

Qualificado enfrenta Rasharkin

Qualificado reaparece muito bem preparado hoje à tarde no Hipódromo da Gávea e tem condições de superar a favorita Rasharkin, no Grande Prêmio José Carlos de Figueiredo, em 1 mil 600 metros, pista de grama e com a dotação de Cz$ 350 mil para o proprietário do ganhador.

Conduzido por Gonçalino Feijó de Almeida, Qualificado enfrentará a recordista nos 1 mil 600 metros, Rasharkin.

Ingratz, que obteve surpreendente segundo lugar na milha internacional, superando Qualificado e Rasharkin, tem a oportunidade de provar, esta tarde, que sua excelente colocação, não foi obra do acaso.

Shelter, depois do segundo lugar no Clássico Delegações Turfísticas, volta a pista de grama, raia de sua preferência e deve ser considerado ótimo azar na carreira.

Javelon, Ling e Danilo Principe são surpresas possíveis no páreo, embora a primeira colocação dificilmente escape de Qualificado ou Rasharkin.

Hoje, na Gávea

1º PÁREO — Às 14h — 1.400 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	Lerape	57	1 U. Meireles
2	Soberano	58	2 J. Queiroz
3	Neris	57	3 J. R. Oliveira
4	Speak Easy	57	4 E. R. Ferreira
5	Tubim	57	5 F. Pereira Fº
6	Hard Boy	57	6 M. Silva
7	Critic Price	57	7 L. A. Alves
8	Regime	56	8 J. F. Reis

2º PÁREO — Às 14h30min — 1.000 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	Tu Lady	57	1 C. Vasconc. ap 3
2	Obrisa	57	2 R. Antonio
3	Nefre	57	3 A. Machado Fº
4	Ever Grateful	57	4 J. F. Reis
5	Fotocópia	57	5 C. Lavor
6	Hat Day	57	6 M. Cardoso ap 4
7	Fina Lu	57	7 A. Souza
8	Democrata Chris	57	8 J. Ricardo
9	[illegible]	57	9 J. Pessanha

3º PÁREO — Às 15h — 1.300 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	[illegible]	56	1 J. F. Reis
2	[illegible]	58	2 J. Ricardo
3	Orange D'Oro	56	3 G. F. Silva
4	[illegible]	58	4 J. Aurélio
5	Naiche	55	5 E. S. Gomes
6	Hiraz	55	6 C. Lavor

4º PÁREO — Às 15h30min — 1.300 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	[illegible]	57	1 J. Ricardo
2	[illegible]	56	2 L. Esteves
3	[illegible]	57	3 J. Aurélio
4	Safety First	57	4 G. F. Silva
5	[illegible]	57	5 C. Lavor
6	Just Jazz	57	6 R. Rodrigues ap 1
7	Chão Preto	57	7 W. Gonçalves
8	Thalos	57	8 W. Guimarães
9	Dom Rafael	57	9 Não Corre
10	El Chico	57	10 J. Queiroz
11	Explosão Coração	57	11 C. A. Martins

5º PÁREO — Às 16h — 1.500 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	Izabuna	56	2 L. A. Alves
2	Cosmic Charge	58	4 J. Ricardo
3	El Aguerrido	58	5 J. Januário
4	Elmir	54	6 E. O. Ferreira ap 4
5	Luzara	58	7 E. R. Ferreira
6	Hard Fighter	57	8 L. S. Santos
7	Inbreeding Lark	58	1 G. F. Silva
11	Lower Up	55	3 U. Meireles

6º PÁREO — Às 16h30min — 1.500 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	Tharlap	55	1 J. M. Silva
2	[illegible]	56	2 C. Lavor
3	Kartel	56	5 A. Machado Fº
4	[illegible]	56	6 E. S. Gomes
5	[illegible]	54	8 J. F. Reis
6	Rosa Mística	54	10 E. S. Rodrigues
7	Le Top	56	11 J. Pessanha
8	Magal	56	2 L. A. Alves
[illegible]	Mister Bar	56	4 L. S. Santos
9	Estrutura	54	7 J. Ricardo
11	[illegible]	56	9 J. Aurélio

7º PÁREO — Às 17h — 1.600 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	Rasharkin	58	8 C. Lavor
[illegible]	[illegible]	60	4 F. Pereira Fº
[illegible]	Ingratz	60	6 [illegible]
[illegible]	Qualificado	55	[illegible] Almeida
4	Delvecchio	55	11 J. M. Silva
[illegible]	Danilo Príncipe	55	10 J. Ricardo
5	Shelter	60	1 J. F. Reis
6	Javelon	59	3 J. Pessanha
	Ling	53	5 W. Gonçalves
7	Gavião de Ouro	60	7 J. Aurélio
8	[illegible]	59	12 E. R. Ferreira
9	[illegible]	53	13 R. Rodrigues ap 1
10	Festival	60	9 E. S. Gomes
[illegible]	[illegible]	59	2 P. Cardoso

8º PÁREO — Às 17h30min — 1.300 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	Julie Manet	56	1 F. Pereira Fº
2	Tipsy Gal	56	2 C. Lavor
3	Partidora	56	3 J. M. Silva
4	[illegible]	56	4 J. Queiroz
5	[illegible]	58	5 L. S. Santos
6	Alluring	56	6 J. F. Reis
7	Ezba	55	7 J. Ricardo

9º PÁREO — Às 18h — 1.300 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	[illegible]	57	1 A. Ramos
2	[illegible]	57	2 J. Aurélio
3	[illegible]	57	3 J. Machado
4	Ann-Maryland	57	4 J. Pessanha
5	[illegible]	57	5 J. F. Reis
6	[illegible]	57	6 J. Ricardo
7	Mia Diva	57	7 F. Pereira Fº
8	Prove India	57	8 E. S. Gomes

10º PÁREO — Às 18h30min — 1.200 metros

Nº	Cavalo	Peso	Jóquei
1	Dream Dancer	56	1 J. M. Silva
2	Pizzarela	56	3 R. Rodrigues ap 1
3	New Eng	56	5 E. R. Ferreira
4	The Shadow	56	6 C. Lavor
5	[illegible]	56	8 L. Correa
6	[illegible]	56	10 A. Machado Fº
7	Love Lorn	56	11 J. Pessanha
8	Via Volta	56	13 J. Ricardo
9	Princesa Bruna	56	4 E. S. Gomes
[illegible]	[illegible]	56	12 J. Aurélio
10	Never go Away	56	2 J. Machado
[illegible]	[illegible]	56	7 M. B. Santos ap 2
[illegible]	[illegible]	56	9 J. Machado

Indicações

Páreo	Indicações
1º Páreo	Critic Price □ Hard Boy □ Soberano
2º Páreo	Fotocópia □ Nefre □ Ever Grateful
3º Páreo	Hiraz □ Naiche □ Xango
4º Páreo	El Chico □ Safety First □ Thalos
5º Páreo	El Aguerrido □ Cosmic Charge □ Hard Fighter
6º Páreo	Rosa Mística □ Tharlap □ Estrutura
7º Páreo	Qualificado □ Rasharkin □ Ingratz
8º Páreo	Tipsy Gal □ Ezba □ Partidora
9º Páreo	Ann-Maryland □ Prove India □ Mia Diva
10º Páreo	Love Lorn □ The Shadow □ Via Volta
Acumulada	3º6 (Hiraz), 8º2 (Tipsy Gal) e 10º7 (Love Lorn)

Roberto é enredo do carnaval de escola modesta de Inhaúma

Tadeu de Aguiar

O ídolo Roberto virou tema de escola de samba, entrará nos versos do poeta popular e será exaltado na avenida. O jogador do Vasco é o reforço com que o modesto GRES Boêmios de Inhaúma espera surpreender no desfile do V Grupo das Escolas de Samba, também conhecido como grupo de acesso, e vencer o Carnaval de 89. A homenagem cativou tanto o artilheiro de 34 anos — "Samba e futebol têm um mesmo elo com o povo", diz — que ele admite pisar o asfalto da Avenida Intendente Magalhães, em Campinho, na terça-feira de carnaval como principal destaque da Escola e ajudá-la também a ser campeã.

"Vamos ser os *zebrões*", empolga-se Ari da Ilha, 44 anos, presidente do Boêmios de Inhaúma, entusiasmado com a adesão que o enredo *Roberto Dinamite, a explosão de gol* recebeu no bairro e adjacências. A idéia era esta mesmo. Quando o radialista João Estevam, 22 anos, idealizou o tema pensou nas facilidades que a Escola teria graças ao carisma do ídolo. "Contamos com a ajuda dos vascaínos e admiradores de Roberto", confessa Ari, lembrando que a Escola gastará cerca de Cz$ 15 milhões no desfile.

Sem direito a subvenção da Riotur por pertencer ao grupo de acesso e sem banqueiros de bicho, o Boêmios de Inhaúma, que até o ano passado era um bloco, marcou um gol importante com esta jogada. De cara Fernando Horta, presidente da Unidos da Tijuca e torcedor do Vasco, deu 50% do material que a escola precisaria para montar seu carnaval.

Reduto vascaíno — Na escolha por Roberto também pesaram dois outros fatores: a própria imagem do jogador — "É o exemplo do menino pobre, sem muitas condições de estudar, que vence na vida com muito esforço e se transforma em ídolo e exemplo de profissional no Brasil e no mundo", explica João Estevam — e o fato de o desamparado bairro de Inhaúma ser um reduto de vascaínos — "Setenta por cento dos moradores torcem pelo Vasco", garante Ari, também vascaíno.

Ele vive a expectativa de ver aumentar de 800 para 1 mil 200 o número de componentes em função do enredo. A escola terá o reforço da Astov (Associação das Torcidas Organizadas do Vasco) que se comprometeu comparecer em peso para também homenagear o artilheiro. Dulce Rosalina, chefe da Renovascão, será um dos destaques, desfilando no carro do Vasco.

Se confirmar a presença, Roberto irá num tripé especial, onde poderá ser visto e aplaudido por toda platéia. "A emoção de desfilar é a mesma de um gol", compara o artilheiro, que defende hoje mais uma vez o Vasco no jogo contra a Portuguesa pelo Campeonato Brasileiro. O Boêmios de Inhaúma não terá nenhum calouro: Roberto já desfilou na Beija Flor de Nilópolis, duas vezes na Estácio de Sá e exibe orgulhoso o título de bicampeã pela Mangueira, embora tenha desfalcado a Verde-Rosa por estar machucado.

Influência positiva — Coube à carioca e coreógrafa Léa Meira, 30 anos, a tarefa de estrear como carnavalesca com o tema *Roberto Dinamite, a explosão do gol*. Sete carros alegóricos, fantasias, 12 alas e uma bateria de 150 ritmistas vão mostrar um enredo dividido em três partes. Na primeira parte do desfile o Boêmios falará sobre o menino pobre de Caxias, onde Roberto nasceu e foi criado. Na segunda, sobre sua vida profissional, lembrando sua passagem pelo Barcelona, Seleção Brasileira e Vasco. E na terceira e última mostrará os fãs ilustres do ídolo, em especial Chacrinha.

A empolgação é mesmo grande pelos lados de Inhaúma. Até *Caçapa*, na verdade, Jorge Edilson Alves, 33 anos, o mestre sala, promete novidades nas evoluções que fará com a porta-bandeira Claudinha *Furacão*, 17 anos, filha do presidente da Escola. "Vou lançar um passo novo em homenagem a Roberto", anuncia.

É também esta empolgação que Ari da Ilha quer ver na avenida. Empolgação e confiança, segundo ele, que fluem do personagem do enredo *Roberto Dinamite, a explosão do gol*.

Vasco	Portuguesa
Acácio — 1	1 — Valdir Peres
Paulo Roberto — 2	4 — Chiquinho
Célio — 3	2 — Márcio Araújo
Leonardo — 6	3 — Eduardo
Mazinho — 4	6 — Luciano
Zé do Carmo — 5	5 — Capitão
França — 8	8 — Toninho
Bismarck — 9	10 — Zenon
William — 11	7 — Jorginho
Vivinho — 7	9 — Kita
Roberto — 10	11 — Wanks
Técnico: Zanata	Técnico: Jair Picerne

Local: São Januário. **Horário:** 17 horas. **Juiz:** Carlos Rosa Martins

Flamengo e Coríntians disputam clássico em que faltam craques

Houve época em que Flamengo e Coríntians acreditavam em seus craques para obter vitórias. Hoje, no Maracanã, os dois voltam a se enfrentar, mas, com equipes fracas, os dois técnicos apostam mais em fatores extras ao campo do que em seus próprios times. O Coríntians confia no bom aproveitamento dos seus jogadores nas cobranças de pênaltis e o Flamengo conta com o apoio dos seus torcedores.

Se não têm mais grandes jogadores, Coríntians e Flamengo mantêm entretanto um motivo especial para fazer um grande clássico. Os dois clubes estão empatados em números de vitórias em Campeonatos Brasileiros: cinco cada. Quem perder hoje vira freguês do adversário. Na história dos times, eles se enfrentaram 67 vezes com outro empate: 27 vitórias para cada e 13 empates. A última partida entre os dois espelhou essa igualdade histórica: 1 a 1, ano passado no Morumbi.

Para desempatar, o técnico Candinho pediu "pelo amor de Deus", na sexta-feira, para que os torcedores compareçam hoje ao Maracanã. Já o treinador do Coríntians, Carlos Alberto Torres, se gaba do seus jogadores terem convertido 48 dos 55 pênaltis no último treino, uma média bem alta de acertos. Os dois treinadores não creditaram a nenhum jogador a confiança pela vitória.

O Flamengo, que já havia perdido Zico em um dos seus treinos, também não poderá contar para o jogo de hoje com Renato e Leandro, machucados. Aldair e Zé Carlos formarão a zaga e Alcindo entra na ponta-direita. Com Ailton improvisado na lateral-direita, o júnior Luis Carlos de centroavante e dois cabeças-de-área, Delacir e Paulo Martins, a equipe do Flamengo não dá nenhuma confiança ao seu treinador.

Apesar da vitória nos pênaltis sobre o Fluminense, o técnico Carlos Alberto Torres não ficou satisfeito com o futebol do Coríntians. Já desfalcado de Biro-Biro, seu principal jogador, ele fez duas modificações no time: o ponta-direita Aguinaldo e o centroavante Viola foram substituídos Paulinho Gaúcho e Ronaldo Marques.

Flamengo	Coríntians
Cantarele — 1	1 — Ronaldo
Ailton — 2	2 — Edson
Zé Carlos — 3	3 — Marcelo
Aldair — 4	4 — [illegible]
Leonardo — 6	6 — Dida
Delacir — 5	5 — Wilson Mano
Paulo Martins — 8	8 — Sérgio Gil
[illegible] — 10	10 — Márcio
Alcindo — 7	7 — Paulinho Gaúcho
Luis Carlos — 9	9 — Ronaldo Marques
Zinho — 11	11 — Paulinho Carioca
Técnico: Candinho	Técnico: Carlos Alberto Torres

Local: Maracanã. **Horário:** 17 horas. **Juiz:** Silvio Luis de Oliveira

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 11 de setembro de 1988

Só um fio de esperança

■ Resta saber se a sociedade será capaz de organizar-se para exigir que não incendeiem o patrimônio público.

Washington Novaes

NUMA tarde quente de setembro de 1983, o pequeno avião Seneca, que já pulara como cabrito na rota Cuiabá—Vilhena, tocado pelo ar quente das queimadas, levantou vôo em direção a Ji-Paraná, a cidade que mais crescia em Rondônia. Duas horas depois, estava de volta: não conseguimos localizar a cidade, tanta era a fumaça das queimadas em todo o trajeto. Tivemos de dormir em Vilhena, no luxuoso hotel quatro estrelas inaugurado pelo presidente Figueiredo, assistindo ao interminável desfile de caminhões carregados de gigantescas toras de madeira em direção ao sul.

A cidade parecia plantada sobre o cenário do **day after**, sem uma só árvore, esgotos a céu aberto. E recebendo, no Centro de Triagem de Migrantes, mais de mil pessoas por dia, todas chegando com a cara e a coragem, atraídas pela possibilidade de conseguir do governo um pedacinho de terra.

Na manhã seguinte, graças ao chuvisco da madrugada que limpara o céu, conseguimos chegar a Ji-Paraná, uma Vilhena em ponto maior. E seguimos por rodovia, atravessando dezenas e dezenas de quilômetros de matas ainda fumegantes das queimadas, que só não consumiam o mogno, a cerejeira e poucas outras madeiras nobres abatidas antes pela moto-serra.

Alvorada D'Oeste, a frente extrema de penetração, era uma ferida vermelha no meio da floresta, nenhuma árvore a erguer-se entre o casario pobre. Na pequena feira da manhã de sábado, o vendedor orgulhoso explicava que a maçã era argentina, a batata paulista, a laranja do Estado do Rio, o tomate de Goiás. E uns poucos quilômetros além, o cearense miúdo narrava sua saga, igual à de tantos nordestinos que compõem essa diáspora a que já nos acostumamos: saíra adolescente de sua terra em busca de trabalho nos canaviais de Pernambuco, dali, para o sul da Bahia, no cacau. De lá, para o Espírito Santo, derrubar madeira, Minas, em seguida, na lavoura do algodão, a caminho de Franca e Ribeirão Preto, para plantar café, depois como milhares de bóias-frias, o norte do Paraná, ainda no café, antes de chegar ao oeste, com a soja, e depois Santa Catarina, como peão de obra, e então Itaipu, como barrageiro, de novo o norte paranaense, na cana, e em seguida o trigo de Dourados, no Mato Grosso do Sul, e as obras de rodovia em Tangará da Serra, no outro Mato Grosso — ate chegar a Ji-Paraná, mendigando. Ali na choupana, quase barranca do rio São Miguel, ele completava a décima-quarta migração e explicava com calma por que tocava fogo na mata: "E o senhor queria que eu fizesse o quê? Sem fogo não dá pra derrubar e plantar lavoura branca (mandioca e arroz), a família passa necessidade." De nada adiantaria dizer-lhe que, sem a floresta, a terra se empobreceria rapidamente, pois a camada fértil em geral é muito rasa e depressa se esvai deixando só a areia para sepultar os sonhos (como já se aprendeu na Transamazônica e em tantos outros lugares). Que outra solução teria ele, sem nenhuma assistência do governo que lhe dera o lote e mais nada?

Seu Franscisco era o "responsável" por um desses milhares de pontos de fogo que os satélites detectam em número cada vez maior na Amazônia, atiçados por ricos e pobres, empresas rurais e sitiantes, e que estão queimando mais de 200 mil quilômetros quadrados por ano — na mesma hora em que se inviabiliza uma reforma agrária decente e o governo de Rondônia põe anúncio nos jornais pedindo aos migrantes que não se dirijam para lá, escolham outro lugar. Na mesma hora em que um relatório da ONU nos diz que a cada ano 6 milhões de hectares (ou 60 mil quilômetros quadrados, quase uma vez e meia o Estado do Rio de Janeiro) se desertificam no mundo, enquanto em outros 21 milhões de hectares "a produção agrícola se torna antieconômica".

Rondônia certamente está no rol das terras que contribuem para essa desoladora estatística, ao lado do sul do Pará, de Roraima, de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Mas não apenas esses: os satélites mostram também a desertificação em processo ao longo da fronteira sul do Rio Grande, inclusive Alegrete do poeta Mário Quintana, mostram os primeiros pontos desertificados no sudoeste goiano, onde se repete o processo de mecanização intensiva e compactação do solo que já atormentou o norte do Paraná, mostram o norte do Espírito Santo no mesmo caminho, como previu mestre Augusto Ruschi, mostram que talvez o prof. Vasconcellos Sobrinho, do Recife, tenha razão em seus temores de que começa a formar-se o deserto que caminha do Nordeste para o centro do país.

Mas quem está preocupado com isso, a não ser os "profetas do apocalipse" ridicularizados pelos cultores do desenvolvimento econômico a qualquer preço? O IBDF brinca de faz-de-conta com as queimadas: ameaça com pesadas multas os incendiários, sem jamais chegar a tempo a qualquer delas, pois são apenas 500 ou 600 fiscais para todo o território nacional e um orçamento ridículo, que provavelmente ficará ainda mais ridículo após a "operação desmonte".

Para completar, os dois principais órgãos do meio ambiente — a SEMA e o Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) — acabam de ser despejados sumariamente do Ministério da Habitação e do Urbanismo. Como os flagelados das enchentes, serão abrigados pelo Ministério do Interior, que sabe tanto do assunto quanto de língua chinesa. E até que aprenda, continuarão repousando em suas gavetas, como repousavam nas do ministro Prisco Viana, resoluções importantes do Conama proibindo o uso de mercúrio nos garimpos ou obrigando à realização de audiências públicas para discutir os relatórios de impacto sobre o meio ambiente em obras que possam prejudicá-lo. Quando o ministro do Interior descobrir de que se trata, também já terá passado o prazo fatal (que se esgota nos próximos dias) para o Brasil ratificar a convenção Internacional de Proteção da Camada de Ozônio.

E assim vamos. Com o governador Orestes Quércia recuando na proibição de queimadas nos canaviais, porque daria alguma despesa aos pobres barões da cana. Com o governador Moreira Franco vetando a lei que proibia a comercialização de produtos prejudiciais à camada de ozônio (vamos ver se não veta agora o projeto do deputado Carlos Minc para os relatórios de impacto sobre o meio ambiente). Com a Funai abrindo a garimpeiros e empresas mineradoras a maior parte do território ocupado imemorialmente pelos Yanomami — e quebrando o compromisso público assumido há 10 anos pelo governo federal, de criar um parque **em todos os 9 milhões de hectares desses índios**.

O fio de esperança fica por conta da nova Constituição, que coloca ao alcance dos cidadãos alguns recursos legais para impedir tanta insânia. Resta saber se a sociedade será capaz de organizar-se em prazo curto, para exigir que não incendeiem, não devastem, não conspurquem o patrimônio público. Lembrando — há quem não dê importância a essas coisas — que o Subsaara também já foi floresta um dia.

Voltando aos bons tempos

■ Entre as disposições legais que envergonham a cultura jurídica brasileira, está a incriminação de adultério.

Nilo Batista

A imprensa noticiou, com o correspondente alarde, uma condenação pelo crime de adultério, ditada há menos de um mês, no Rio de Janeiro. A história era simples: a esposa de um destacado profissional liberal de classe média alta se apaixonara pelo motorista, com quem foi — como diria Machado, se vivesse nesses tempos de Fórmula Um — estudar a tangência das curvas na Baixada fluminense. A sentença condenatória, ao que parece, optou pela multa substitutiva (art. 60, § 2° CP). Ainda bem. Poderia ter aplicado prestação de serviços à comunidade (arts. 43, inc. I, e 46 CP), e a Vara de Execuções estaria na contingência de impor aos dois condenados a tarefa, por exemplo, de orientar o trânsito na frente de um motel.

Já que voltou à moda um crime tão antigo, tão desafinado com a modernidade, por que não voltar de vez aos bons tempos, e pensar na reintrodução de suas antigas penas? Pode ser um divertido porém útil exercício imaginar como seria o dispositivo da sentença, se aplicasse as penas que historicamente foram cominadas ao adultério.

Segundo as mais velhas leis que se conhecem, que regeram no reino de Eshunna, no século XIX AC, a mulher seria morta, desde quê provados os requisitos do casamento: "um contrato e um banquete de núpcias para os sogros". O rei Bilalama era muito objetivo nisso: sem contrato e banquete, não se tinha propriamente uma esposa, e portanto não era juridicamente pensável o adultério (§§ 27 e 28 das Leis de Eshunna).

Ainda na Babilônia, temos, por volta de 1700 AC, o Código de Hammurabi. Se nossa sentença quisesse aplicar a pena prevista em seu § 129, a esposa e o motorista teriam que ser conduzidos, bem algemados, até o vão central da ponte Rio-Niterói. Hammurabi era implacável: "se a esposa de um awilum foi surpreendida dormindo com um outro homem: eles os amarrarão e os jogarão n'água".

Leis assírias que datam do final do século XII AC, procurando ser justas, prescreviam (tábua A, § 14) que "se um homem dormir com uma mulher casada, seja numa hospedaria, seja na rua, sabendo que é casada, será tratado da mesma forma que o marido tratar a mulher". Recorrer hoje a essa regra implicaria a criação do cargo de **debatedor público**, um funcionário que, na Vara de Execuções Penais, se encarregasse de infindáveis e tensas discussões com o cúmplice da adúltera, para que ele padecesse, na mesma e cronometrada proporção, o suplício dos debates conjugais. Normalmente, os assírios não conversavam: matavam os dois. Mas o § 15 revelava uma estranha percepção de analogia anatômica entre eles, porquanto "se o marido cortar o nariz de sua mulher, ele (o juiz) tornará o homem eunuco e mutilará o seu rosto".

Passemos ao chamado Código de Manu, as regras bramânicas promulgadas por volta de 700 AC. O legislador de uma sociedade tão rigidamente dividida conhecia bem, e por isso temia, os riscos do adultério: "porque é do adultério que nasce no mundo a mistura da castas". Das diversas penas cominadas ao delito (entre as quais a morte por fogo de ervas de caniço), cremos que nos socorreríamos, hoje, apenas daquela consistente em raspar as cabeças dos réus e regá-las com urina de burro. Ou se criava a carreira de **barbeiro juramentado**, ou se credenciavam alguns salões particulares — como os cartórios privados. De resto, quem conheça profundamente nosso foro, e não tenha sacrificado o senso crítico no altar de Têmis, sabe que a produção do líquido penal — urina de burro — é ali abundante, e por sua falta jamais se paralizariam os serviços.

Sob o direito romano, a sorte de nossa dupla de condenados dependeria muito do período. Após a **lex Julia de adulteriis coercendis**, promulgada por Augusto, além de uma pena patrimonial, teríamos que infligir a relegação a ambos "**dummodo in diversas insulas relegentur**" (Paul., Sent., 2, 26,§ 14). Ou seja: o motorista para a Ilha Grande, a mulher para as Cagarras. A consideração da classe social poderia alterar isso: motorista dono de carro sofre a pena patrimonial (perde metade do carro), porém motorista pobre, sem carro para dividir, sofre uma pena corporal — "**si humiles, corporis coercitionem**" — (Inst., IV, 18, § 4). Mais tarde, a pena de morte seria cominada; Constantino fê-la executar largamente, situação que perdurou até o ocaso do direito romano. Justiniano recomendava a internação da adúltera num convento, idéia que, modernizada, poderia levar a criação do convento-albergue.

Já no direito germânico, o destino dos dois condenados dependeria não apenas do período, mas também da variável geográfica de seu crime. Se o cometessem, por exemplo, em Zwickaw, em meados do século XIV, poderiam ser amarrados juntos e empalados simultaneamente. A melhor alternativa era a morte pela espada. Se o marido os surpreendesse em flagrante delito, poderia matá-los. No direito sueco medieval se previa, para essa hipótese, o instituto singular da "queixa contra o morto" (**Klage gegen den toten Mann**). Aplicadas as disposições das **Äldre Västgötalaghen**, nossa história ficaria assim: o motorista seria morto e o marido, tomando as almofadas e os lençóis com sangue, levaria tudo ao tribunal, com nada menos que duas dúzias de testemunhas (substituíveis pelo depoimento do prefeito Saturnino Braga e do administrador regional), e ali acusaria o morto pelo adultério. A sentença teria, neste caso, o efeito de impedir qualquer indenização ou vingança por parte da família do motorista.

Apliquemos, por fim, as penas das Ordenações Filipinas, que datam do início do século XVII e cujas normas criminais, contidas no famoso Livro V, regeram no Brasil até 1830. O marido poderia ele mesmo ter morto mulher e motorista, se os surpreendesse: "Achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela como o adúltero, salvo se o marido for peão e o adúltero Fidalgo ou nosso Desembargador ou pessoas de maior qualidade" — o que não seria o caso (tít. XXXVIII). Havendo processo e julgamento, a pena seria igualmente a **morte natural** para ambos: "e se ela para fazer adultério por sua vontade se for com alguém de casa de seu marido (...) se o marido dela querelar, ou a acusar, morra morte natural. E aquele com que ela se for morra por isso" (tít. XXV, 1). D. Felipe II sabia que às vezes, "em favor do Matrimônio" pode o marido perdoar a adúltera, porém não ao comborço. Nesse caso, porque "parecia escândalo ao povo, sendo a adúltera reconciliada com seu marido, ser o adúltero justiçado", o monarca determinava que ele "não morra morte natural, mas seja degredado para sempre para o Brasil" (tít. XXV, 4). Como pareceria revanchismo histórico deportar o motorista para Portugal, a solução seria criar uma cidade penal na Amazônia — não existem umas idéias nesse sentido? —, que poderia chamar-se "Valeu-a-pena do Rio Negro", "Caí-da-cerca no Igarapé" ou quejando. E já que estamos reabilitando essas normas sábias que regulamentaram o adultério, não devemos ser menos rigorosos com os maridos complacentes, que sem dúvida colaboram, e muito, para o delito. D. Felipe II não tergiversou à questão: "sendo provado que algum homem consentiu a sua mulher que lhe fizesse adultério serão ele e ela açoutados com senhas capelas de cornos" (tít. XXV, 9). Por certo haveria interesse da Riotur em concentrar a execução coletiva dessa pena em períodos determinados; nasceria a "cidade-presépio"?

Entre as tantas disposições legais que envergonham a cultura jurídica brasileira está a incriminação do adultério. É hoje inconteste dogma aquele proclamado pela Resolução nº 1, 2 da Seção Segunda do IX Congresso Internacional de Direito Penal, realizado em Haia, em 1964: **"L'adultère ne doit pas être pénalement incriminé"**. Fomos capazes de produzir um cipoal de leis que se complementam, se superpõem e se retificam. Acabamos de redigir uma Constituição. Não haverá por aí um deputado que apresente o seguinte projeto de lei: "Art. 1°. Revoga-se o artigo 240 do Código Penal. Art. 2°. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação"? Não é simples?

Nilo Batista é advogado e professor da PUC-RJ

Paulo Mendes Campos

Emplacado o sabiá

A final numa livraria Saraiva do Morumbi foi merecidamente emplacado, como padrinho, Rubem Braga. Ele costuma dizer que sou eu a coisa mais antiga que conhece; deixa isso pra lá.

Moramos juntos em Copacabana, e nossa esquina vivia cheia de jornalistas que iam entrevistar diariamente o general Góis Monteiro. Nesses tempos, em que bicicleteávamos fagueiros pelos bairros, fomos alunos de um professor de inglês, que ignorava a existência de Bernard Shaw, ainda vivo, e muito vivo. O mestre depois caiu na risada ao traduzir, a nosso pedido, um poema de Ezra Pound, no qual o poeta se dizia uma árvore na mata. (Dispensamos seus serviços e contratamos um professor de russo; o Oleg, era mesmo um **gelo** de trás pra diante). Às vezes o Rubem me pedia para dizer ao professor inglês que ele tinha saído; o gringo me empurrava com certo vigor disciplinar, subia os degraus da escada e comandava: "Desce, preguiçazinha, não acreditar em mentira de vagabundo." Mr. Braga descia a esfregar os olhos e começava sonolentamente a dar sua lição de verbos irregulares.

Deitado na rede, armada no **gabinete de trabalho**, falava de mulheres, da raridade de um cotovelo bonito, de paixões, arrasadoras ou frívolas , mas a conversa acabava quase sempre no mato, onde ele gostaria de viver, caçando, pescando, bestando e dormindo. Uma vez, entrando numa loja pra comprar gravata, sentiu súbita vergonha de estar escolhendo um pano colorido para amarrar no pescoço; nenhuma boate lhe deu prazer parecido ao que sentiu na choupana de um velho caboclo do Acre, onde compartilhou da cachaça e do peixe moqueado do seringueiro, entre vozes distantes de bichos noturnos.

Já antecipadamente cheio das obrigações urbanas, ele suspirava um evasivo verso colombiano: **Trabajar era bueno en el Sur!** Fechava os olhos e dormia com facilidade, embora às vezes saltasse da rede em transe sonambúlico e começasse a "matar" com os pés as "saúvas" da sala. Nunca deu inteiramente certo seu casamento com a cidade grande.

Nasceu, modéstia à parte, em Cachoeiro do Itapemirim, um ano antes de estourar a primeira guerra; cinco anos depois, estava no caramanchão quando alguém falou que o Brasil tinha ganho a guerra contra a Alemanha. No ano do Centenário da independência assiste a um desfile de archotes e conhece a glória literária, com uma composição sobre a lágrima, publicada no jornalzinho do colégio. Termina o ginásio no Rio, onde inicia o curso de Direito, recebendo o diploma de bacharel em Belo Horizonte. É aí que se revela o jornalista, transformando um assunto sem repercussão — um desfile de cães — numa página graciosa, até hoje relembrada por velhos colegas. Faz a cobertura da revolução de 1932 pelo "Diário da Tarde", e chega a ser preso, suspeito de espionagem, na região do Túnel da Mantiqueira.

Daí por diante, a profissão de jornalista encarrega-se de tanger a vocação cigana de RB: "Como Quinca Cigano (seu tio), eu também só tenho caçado brisas e tristezas. Mas tenho outros pesos na massa do meu sangue."

Foi como jornalista que chegou a São Paulo com 20 anos e 30 mil réis; como jornalista fundou a "Folha do Povo" em Recife; como jornalista assistiu à rendição de uma divisão alemã na Itália, acompanhou a queda de Vargas em 1945, dentro do Ministério da Guerra, fez a cobertura da primeira eleição de Perón e da segunda de Eisenhower; como jornalista entrevistou Picasso e outros grandes, ou transfigurou acontecimentos humildes por todos os cantos do mundo, Brasil, Argentina, Chile, Paraguai, Colômbia, Cuba, México, Estados Unidos, Inglaterra, Índia, Quincas Cigano!

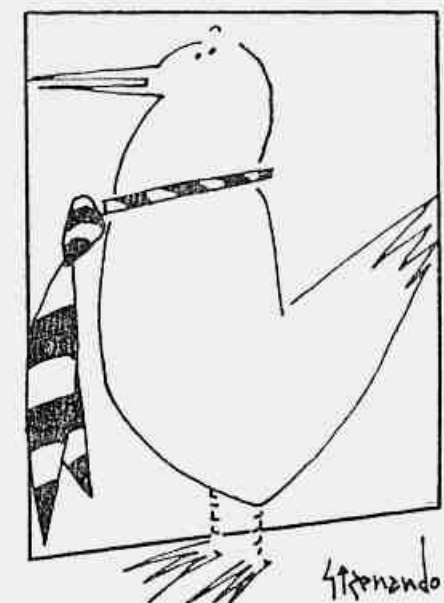
A eventualidade do Escritório Comercial do Brasil em Santiago do Chile não apagou o homem de jornal, e ainda como embaixador no Marrocos continuou a mandar crônicas, confessando: "Toda a minha vida enfrentei mais ou menos bem as tarefas que me tocaram, das mais humildes às mais honrosas. Sem brilho e sem fulgor, como diz um velho samba — mas razoavelmente". Até hoje só não se acostumou com uma coisa: cadeia.

Vinicius de Moraes esboçou seus traços num poema: **Terno em seus olhos de pescador de fundo/Feroz em seu focinho de lobo solitário/Delicado em suas mãos e no seu modo de falar ao telefone.**

Manuel Bandeira, seguramente o mais fervoroso de seus fãs, falava muito sobre "a inefável poesia que é só do Braga, sempre bom e, quando não tem assunto, então é ótimo".

Sempre o vi leitor da Bíblia, do Padre Antônio Vieira, de Diogo do Couto, do excelente Francisco Manuel de Melo, de livros esquisitos sobre emas, elefantes, colibris, da lista telefônica e sobretudo de jornais e revistas. Não muito mais do que isso, mas José Lins do Rego, entusiasmado com uma crônica do Braga sobre um pé de milho, uma vez me pegou pelo braço e exclamou bem à paraibana: "Esse homem diz que não lê quase nada mas sabe de tudo!"

Muito releu também **Os Sertões**, **A Pesca na Amazônia** de José Veríssimo e **Caçando e Pescando por todo o Brasil** de Francisco de Barros Júnior.

Em matéria de poemas, o que mais o tocou foi o **Cântico dos Cânticos**, cujos versículos costuma recitar com ênfase entre os íntimos. Não é bom leitor de romances, e o que mais o impressionou foi **As Aventuras de Júlio Jurenito** de Ilia Ehremburg, tendo se decepcionado, para indignação de Joel Silveira, com **O Vermelho e o Negro** de Stendhal. Não é de teatro, por horror aos entreatos, e contribui pouco para a bilheteria do cinema, lembrando-se com emoção de Bali, **A Ilha das Virgens Nuas**, **Luzes da Cidade**, **O Encouraçado** Potemkim...

Não fosse cronista ou poeta-cronista, creio que o velho Braga seria desenhista, uma espécie talvez de Tiepolo de Cachoeiro do Itapemirim, de traços apenas sugestivos e líricos. Mas não quis fazer parte da recente exposição de escritores que pintam o sete, na Casa de Rui Barbosa.

Falando num grupo de estranhos, é uma lástima, quase ininteligível, e já fui seu intérprete num bar do Pina, em Recife, até o quinto uísque, quando ele passou a ser entendido somente por Deus.

Mas é uma flor, precisamente uma orquídea que atende pelo nome de **Physosiphon Bragae Ruschi**, classificada e nomeada pelo naturalista Augusto Ruschi.

Grande escritor. Capaz de transmitir até o lirismo do paladar, um sentido sem maior prestígio poético: "O lombo era o essencial, e a sua essência era sublime. A faca penetrava nele tão docemente como a alma de uma virgem pura entra no céu. A polpa se abria, levemente enfibrada, muito branquinha, desse branco leitoso e doce que têm certas nuvens à quatro e meio da tarde na primavera."

Ao inimitável sabiá da crônica, agora em bronze, envio deste galho seco o meu saudoso e invejoso pio de coruja.

O urso com música na barriga

Maria Lúcia Dahl

BOICOTADA por minha irmã mais velha, que me impedia de participar de suas brincadeiras e amizades por me achar pirralha, busquei na minha fantasia uma amiga inseparável que se chamava Vêla. (Por que eu não sei.)

Não me recordo de suas características físicas, pois criança não se liga à forma, mas ao conteúdo. (Fiquei muito espantada quando mamaē me contou que minha babá era negra.)

Mas sei que as características principais de Vêla eram: ser mais velha do que eu, portanto mais importante, e estar sempre disposta a brincar.

Combinávamos em tudo. Era uma excelente companheira que transformou em liberdade a minha solidão. Desde que a descobri, nunca mais precisei de companhia pra ir a lugar nenhum.

Conversávamos muito enquanto andávamos nos equilibrando no murinho de cimento do jardim.

Observávamos as formigas e os formigueiros e tínhamos uma caixa de papelão cheia de vira-bolas e joaninhas.

Não gostávamos das lesmas, pois uma delas muito me assustou quando caiu de dentro da torneira em cima da minha mão. Das minhocas também não. Davam aflição.

Também brincávamos de voar por cima da escadaria da varanda.

Até hoje não sei como funcionava essa brincadeira. Sei que fechava os olhos no último degrau da escada, e quando abria estava no primeiro.

Um dia quis voar da janela do meu quarto. Mas Vêla, mais prudente do que eu, avisou que mamãe ficaria furiosa se eu me machucasse. Por isso voávamos rasteirinho, de mãos dadas sobre o jardim.

Só os cachorros eram bem-vindos e podiam participar das nossas brincadeiras.

Muitas vezes desprezava outras crianças nas festinhas de aniversário pra ir me encontrar com Vêla atrás das cortinas da sala de jantar. (Vêla não gostava de festas. Era muito anti-social.)

Também passeávamos pelos canteiros de antúrios estourando as sementes de maria-sem-vergonha, e tínhamos uma vasta coleção de pedras brancas.

Às vezes jogávamos bola no quarto, e quando chovia eu lia pra ela "O urso com música na barriga", pois Vêla não sabia ler. Era muito intuitiva e só gostava de aprender qualquer coisa com a experiência.

Com o tempo Vêla passou a falar inglês, influenciada pelos filmes da Metro. Também arranjou um namorado que ela beijava com a boca colada no espelho do banheiro.

Mas quando eu arranjei meu primeiro namorado, ciumenta, sumiu de mim. Fiquei muito tempo sem vê-la.

Muitos amores, alguns maridos, algumas fases de incompreensão.

Sem Vêla sentia um tédio terrível e já não tinha companhia pra ir ao cinema ou passear no jardim. Ficava em casa, sem graça, sem ninguém pra conversar. E, quando pegava um livro, faltava música na barriga do urso. Me dava sono, dormia.

Mas um dia pus um disco na vitrola, batom vermelho na boca e comecei a dançar. Imediatamente Vêla veio dançar comigo. Foi um reencontro feliz. Rimos muito de tudo até rolar pelo chão.

Mas na primeira desilusão amorosa Vêla sumiu de vez. O jeito foi encontrar pessoas, fumar, beber. Mas, mesmo com tanta gente em volta, me sentia sozinha, coitadinha...

Então tomei uma providência. Saí, com muita dificuldade, do quarto escuro. Coloquei meus óculos rayban por causa do sol (não estava mais habituada a ele), e comecei uma busca ferrenha atrás de Vêla.

Passei novamente a ir à praia, fazer ginástica, nadar. Mas voltava pra casa vazia, pensando: "Esse dia não valeu. Tomara que comece logo um outro." Era difícil acordar sem tê-la ao meu lado. Mas um dia mais luminoso esqueci de minha amiga. Ah, é? Tá fazendo doce? Pois vou me divertir sozinha. Foi quando ouvi suas gargalhadas brincando com a verdade no fundo de um poço.

Desde esse dia não me abandonou mais. E olha que temos viajado por esse mundo de Deus.

É bem mais sociável que antigamente. Até já a apresentei a alguns amigos mais íntimos.

Mas às vezes ainda saio correndo das festas barulhentas pra encontrar com ela numa ilha deserta.

E seguimos contentes o caminho do mar.

ZÓZIMO

Pretensão

Não deixa de ser curiosa a pretensão do pastor evangélico David Gomes de entrar para a Academia Brasileira de Letras.
- *Ele inscreveu-se para disputar a vaga de Menotti del Picchia amparado numa obra que ele garante englobar até agora 10 livros.*
- *Todos rigorosamente inéditos, pelo menos para seus eleitores acadêmicos.*

* * *

- *O candidato parece não ter ainda percebido que a crendice que leva pastores a ganharem cadeiras na Câmara Federal é bem diferente da que leva acadêmicos a elegerem seus pares para a Casa de Machado de Assis.*

■ ■ ■

A fundo

- D. Marly Sarney está dedicando três horas por dia ao estudo da União Soviética, de hábitos e costumes à cultura e arte.
- Quer desembarcar em outubro em Moscou com a lição na ponta da língua.

Novo dono

- **Mudou de mãos a casa na Urca em que residia até pouco tempo atrás o sr. Assis Paim.**
- **Pertence agora ao secretário municipal de Obras, Luiz Edmundo.**

Medo de greve

- *O ex-presidente do Banco Central Carlos Langoni deu um giro esta semana em Brasília e ficou impressionado com o medo geral de que à promulgação da Constituição se suceda uma onda de greves, o que agravaria o problema da inflação.*
- *Daí, deu tratos à bola e chegou a duas reflexões:*

— Nem toda a greve é inflacionária. A paralisação, pelos funcionários, da Casa da Moeda, por exemplo, aparece como um instrumento precioso de combate à inflação.

— A greve de estatais pode aumentar a possibilidade, no futuro, de sua privatização.

- *Langoni localiza na sucessão de greves e na inquietação da opinião pública a viabilização do programa de privatização empreendido na Inglaterra pela primeira-ministra Margaret Thatcher.*

Eleitoreiro

- **Um dos lances da campanha à prefeitura do Rio do sr. Marcello Alencar leva a marca pessoal do ex-governador Leonel Brizola.**
- **Ele encomendou uma série de vídeos, para exibição em praças públicas, mostrando a situação precária dos Cieps inaugurados em seu governo.**

* * *

- **Resta saber se os Cieps estão capengas por falta de manutenção ou porque foram feitos de afogadilho, na pressa eleitoreira de ganhar as eleições.**

■ ■ ■

Linha dura

- *Os funcionários da TV Rio se queixam da falta de espelhos nos banheiros da emissora.*
- *O decálogo do pastor Fanini inclui como pecado a contemplação da própria imagem.*

■ ■ ■

Imagem

- O presidente José Sarney admite aos amigos mais próximos que uma única grande preocupação o aflige no caso da Transbrasil.
- Não quer legar à posteridade a imagem de algoz da empresa.
- Como aconteceu com o falecido presidente Castello Branco em relação à Panair.

Nuinha

- **A revista** Playboy **está apenas a espera da chegada ao Rio, prevista para amanhã, da escritora americana Tony Tucci para acenar-lhe com a chamada proposta irrecusável.**
- **Tony vem lançar seu novo livro,** Os Novos Segredos da Borboleta, **e vai ser convidada, do alto de seus 68 anos, para aparecer em pêlo na revista.**
- **Por um bom punhado de dólares.**

Livro-bomba

- *A deputada Dirce Tutu Quadros vai garantir a sua aposentadoria, no futuro, com a renda de um livro de memórias no qual a parte mais importante será dedicada à renúncia a presidência da República do pai, o prefeito Jânio Quadros.*
- *A revelação foi feita no programa de televisão baiano* Opinião, *comandado pelo repórter Hermano Henning, cujo passe foi comprado a peso de ouro pela TV Aratu.*

* * *

- *Na entrevista, Tutu adiantou alguns pontos do livro contando que a renúncia foi um golpe fracassado porque Jânio não teve, como imaginava, o apoio de governadores como Magalhães Pinto e Carvalho Pinto.*
- *É indisfarçável no depoimento da deputada a sua admiração pelo falecido governador Carlos Lacerda.*

■ ■ ■

Não gostou

- O crítico de cinema do **Time** detestou o filme **Moon over Parador**, de Paul Mazursky, que tem como estrela Sônia Braga.
- Embora ressalve o trabalho dos artistas — a própria Sônia, além de Richard Dreyfuss e Raul Julia — chamou o filme de "lua minguante".

■ ■ ■

Degola

- **Bem quietinho, contrariando a imagem de deputado falastrão que circulava no plenário da Constituinte, o ministro Roberto Cardoso Alves tem, em mãos, a sentença de morte do IBC.**
- **O órgão pediu Cz$ 6 bilhões para continuar vivo em 89.**
- **O Ministério da Indústria e Comércio já decidiu quanto vai lhe dar.**
- **Nadinha.**

■ ■ ■

Naufrágio

- *Estão em festa os teóricos da breguice paulista que cotavam a caravela de concreto, ancorada em plena Avenida 23 de Maio, como o segundo maior e mais evidente exemplar paulistano de mau gosto, só superado pelo monumento a Borba Gato.*
- *Depois de abrigar restaurantes, loja de azulejos e uma casa de rock — todas malsucedidas — amanheceu há poucos dias com a placa de uma firma de demolição afixada na porta.*
- *Vai a pique.*

Rubens Monteiro

Silvinha Fraga, anfitriã, Lily de Carvalho, homenageada e Regina Marcondes Ferraz no elegante jantar da semana passada

Fora de combate

- Vai ser mais longa do que se supunha a temporada do secretário particular do presidente da República, Jorge Murad, no estaleiro.
- Operado do joelho no Hospital Sírio e Libanês, Murad ficará em São paulo pelo menos mais 30 dias.
- Engana-se, contudo, quem pensa que ele está fora do circuito.
- Sua linha direta com Brasília está permanentemente em comunicação.

■ ■ ■

Primeira vez

- *O presidente da Venezuela, Jaime Lusinchi, desembarcará no dia 8 de outubro em Carajás.*
- *Almoça com o presidente José Sarney e, no mesmo dia, toma o avião com o seu anfitrião rumo a Fernando de Noronha, onde passará o fim de semana.*

* * *

- *É a primeira vez que um presidente da República estrangeiro põe os pés em Fernando de Noronha.*

■ ■ ■

Interinidade

- **Modéstia à parte, nada no momento é tão prestigiado no atual governo quanto a cultura.**
- **Exercido interinamente pelo ministro da Educação, Hugo Napoleão, desde a saída do ex-ministro Celso Furtado, o ministério da Cultura está há quatro dias nas mãos do interino do interino.**
- **É que Napoleão partiu para o exterior em missão oficial e deixou no cargo o seu secretário-geral.**
- **A bem da verdade, ninguém sentiu falta.**

Para ficar

- *Visitou o Brasil na semana passada o empresário espanhol José Luis Zoreda, que vem a ser o diretor da cadeia de hotéis Sol, a maior da Espanha.*
- *Passou pelo Rio e Recife, cidades para as quais deverá estender a sua rede.*
- *Zoreda estará de volta ao Brasil ainda este ano, desta vez para fechar negócio.*

■ ■ ■

Sucesso

- Apenas 10 dias depois do lançamento dos cruzeiros de verão no hemisfério sul, a Línea C já vendeu 80% das cabines de luxo de seus navios **Eugenio C** e **Enrico C**.
- Como ficou mais uma vez provado que a crise não é para todos, a companhia está pensando em deslocar para as rotas brasileiras, no verão de 90, seu mais novo rebento, o transatlântico **Costa Marina** que sairá em breve dos estaleiros em Gênova.

Programa raro

- *O especial* Bernstein rege West Side Story, *que a TV Manchete coloca hoje no ar, às 22h, é uma oportunidade rara de se ver como trabalha um grande maestro que é também um grande compositor.*
- *O vídeo mostra Bernstein dando lições de música — e até de pronúncia — a estrelas do* bel canto *como Kiri Te Kanawa e José Carreras.*

* * *

- *Considerado o músico mais versátil que já apareceu depois de Liszt, Bernstein está nas estantes discográficas com versões novas das sinfonias 7 e 9 de Mahler — compositor com quem Bernstein, compreensivelmente, se identifica.*
- *Gustav Mahler também era considerado na sua época um regente* full-time *que escrevia sinfonias nas horas vagas.*

■ ■ ■

Roda-Viva

- O pintor Cícero Dias estará presente amanhã à inauguração de sua retrospectiva na galeria Montesanti, no São Conrado Fashion Mall.
- **O ex-governador Leonel Brizola oferece amanhã um churrasco à ministra das relações Exteriores da Nova Zelândia, Fran Wilde.**
- A sra Maria Eudóxia da Cunha Bueno reúne amigas no dia 15 para um almoço em torno da embaixatriz Yeda Assumpção.
- **O empresário Roberto Osório está convidando os amigos para jantar no dia 15 inaugurando o seu novo apartamento. Ao fundo, a decoradora Laurinha Simões.**
- O embaixador e sra Mario Gibson Barboza recebem no dia 21 para uma noite de queijos e vinhos.
- **Betsy e Olavinho Monteiro de Carvalho voarão na terça-feira para Paris.**
- Os amigos se movimentando para festejar no dia 13 o aniversário do prefeito Saturnino Braga.
- **O chanceler Abreu Sodré será homenageado no dia 22 em Lisboa com um jantar oferecido pelo primeiro-ministro de Portugal, Cavaco Silva, no Palácio São Bento.**
- O shopping Cassino Atlântico abrirá as portas amanhã, às 16h, para um desfile-show de jóias e moda coordenado por Blanda Nascimento.
- **Desembarca amanhã em Brasília o ministro da Energia da Colômbia, Oscar Mejia.**
- Abre-se amanhã em São Paulo a Casa Cor 88, a mais importante mostra de arquitetura e decoração do país, reunindo 40 profissionais.
- **D. Sarah Kubitschek estará amanhã em Brasília para as comemorações do aniversário do falecido presidente Juscelino Kubitschek, no Memorial JK.**
- O embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima recebe para almoço dia 16 no Clube das Nações em homenagem aos embaixadores membros da unidade africana.

Zózimo Barrozo do Amaral, com sucursais

EM QUESTÃO

Eleições municipais: escolha uma cidade

Às vésperas das eleições municipais, muitas cidades e alguns administradores oferecem oportunas lições. A mais surpreendente delas vem de Santos e de São José do Rio Preto

Onde é mais fácil viver

	População Estimada	Por mil nascidos Mortalidade Infantil	Leit[illegible] Hospit[illegible]
Santos	650.000	30	7,
São José do Rio Preto	259.000	26	1[illegible]
Pelotas	278.000	18	1,[illegible]
Maringá	290.000	25	4,4
Uberlândia	400.000	28	2,5

Onde a vida é mais difícil

	População Estimada	Mortalidade Infantil	Leitos Hospit.
Magé	240.000	49	1,5
Nova Iguaçú	1.460.000	62	1
Jaboatão	500.000	120	0,1
Carapicuíba	400.000	57	0,00
Fortaleza	1.700.000	180	7

Fontes: Prefeituras e Serviços Estaduais de Planejamento, Empr[illegible]
* Não disponível

QUAL é a cidade que tem um prefeito excêntrico, autoritário e onde se vive como num país do primeiro mundo? Quem respondeu São Paulo errou — por 65 quilômetros. A Cidade que ostenta a melhor qualidade de vida do país, entre as que tem mais de 200 mil habitantes, é Santos. Quem respondesse São José do Rio Preto também não erraria, mas a grande surpresa dessa competição é mesmo Santos, pelo seu porte (mais do que o dobro da população de Rio Preto) e pela surpresa. Numa pesquisa feita pela revista **Dirigente Municipal** junto a 1300 municípios brasileiros, a cidade que revelou Pelé revela também agora um outro craque: o prefeito Osvaldo Justo, considerado o melhor da história da cidade.

"Sou um ditador aqui, um ditador democrático", diz esse administrador zenbudista e macrobiótico, faixa preta em caratê, que hoje é o herói de uma cidade que exibe índices de avanço e conforto inimagináveis para a esmagadora maioria dos brasileiros. Com uma taxa de mortalidade infantil equivalente à da Espanha, com 97% da população alfabetizada e uma renda per capita três vezes superior à da média nacional, Santos se transformou num fenômeno, graças à administração de Justo, que conseguiu, entre outros, o milagre de reduzir o quadro de funcionários púbicos. Hoje, a Prefeitura gasta com eles apenas 36% do orçamento de Cz$ 10 bilhões para este ano.

Na pesquisa que realiza anualmente, **Dirigente Municipal**, uma revista do Grupo Visão especializada em problemas urbanos e de administração municipal, aponta os mil municípios **mais desenvolvidos** segundo uma bateria de indicadores econômicos, financeiros, sociais e de infraestrutura de serviços. Esses índices, agrupados, apontam a qualidade de vida de seus cidadãos. Da relação, que não inclui as capitais, o JORNAL DO BRASIL selecionou cinco das melhores e cinco das piores cidades, incluindo Fortaleza pela notória precariedade de seu equipamento urbano. O resultado da visita da reportagem a essas cidades deixa algumas lições para esse ano de eleições municipais.

A primeira delas não vem, certamente, da Fortaleza da socialista Maria Luísa, mas ainda de Santos do exótico Osvaldo Justo. É ele que ensina que, além das ideologias e dos interesses partidários, o prefeito deve ter como meta principal o trabalho. "A função do governante", diz Justo, "não é andar para onde o povo quer, mas indicar caminhos. Fui eleito para isso. Aqui, tudo é decidido na hora. Os primeiro anos da administração são sempre difíceis, porque é época de plantar, pagar dívidas, restabelecer a autoridade do governo."

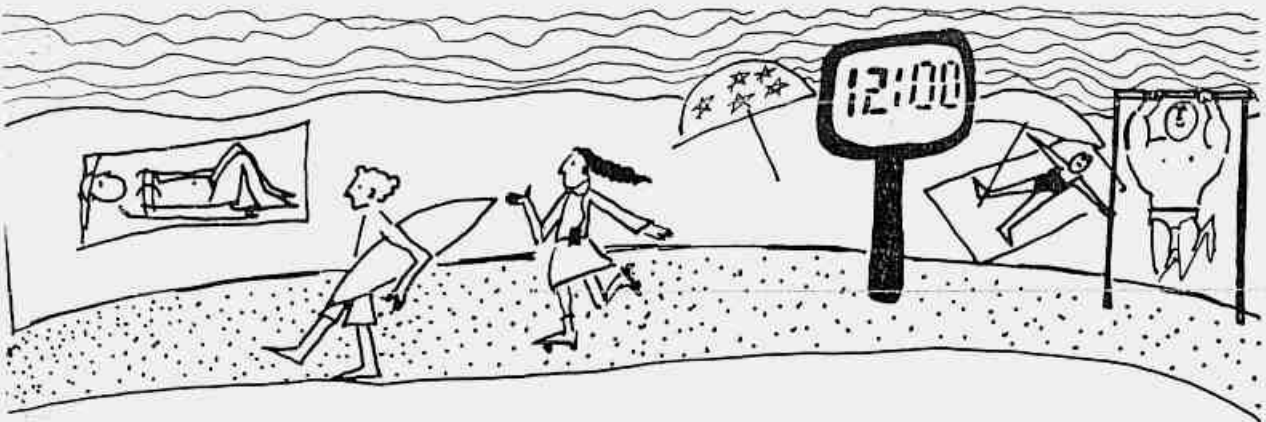
Nessa época de plantar e ser xingado, Justo mandou instalar palanque para seus opositores em frente à Prefeitura, cedeu microfones, policiais e até médicos para garantir as manifestações contra ele mesmo. Em três anos, com dois aumentos do IPTU, conseguiu que o seu orçamento saltasse do 16° para o primeiro lugar do Estado, depois da capital.

Graças a isso e, inclusive, à coragem de desagradar, quando precisou, Osvaldo Justo chega ao final do seu mandato com 79% de aprovação popular, uma marca que poucos de seus colegas podem apresentar.

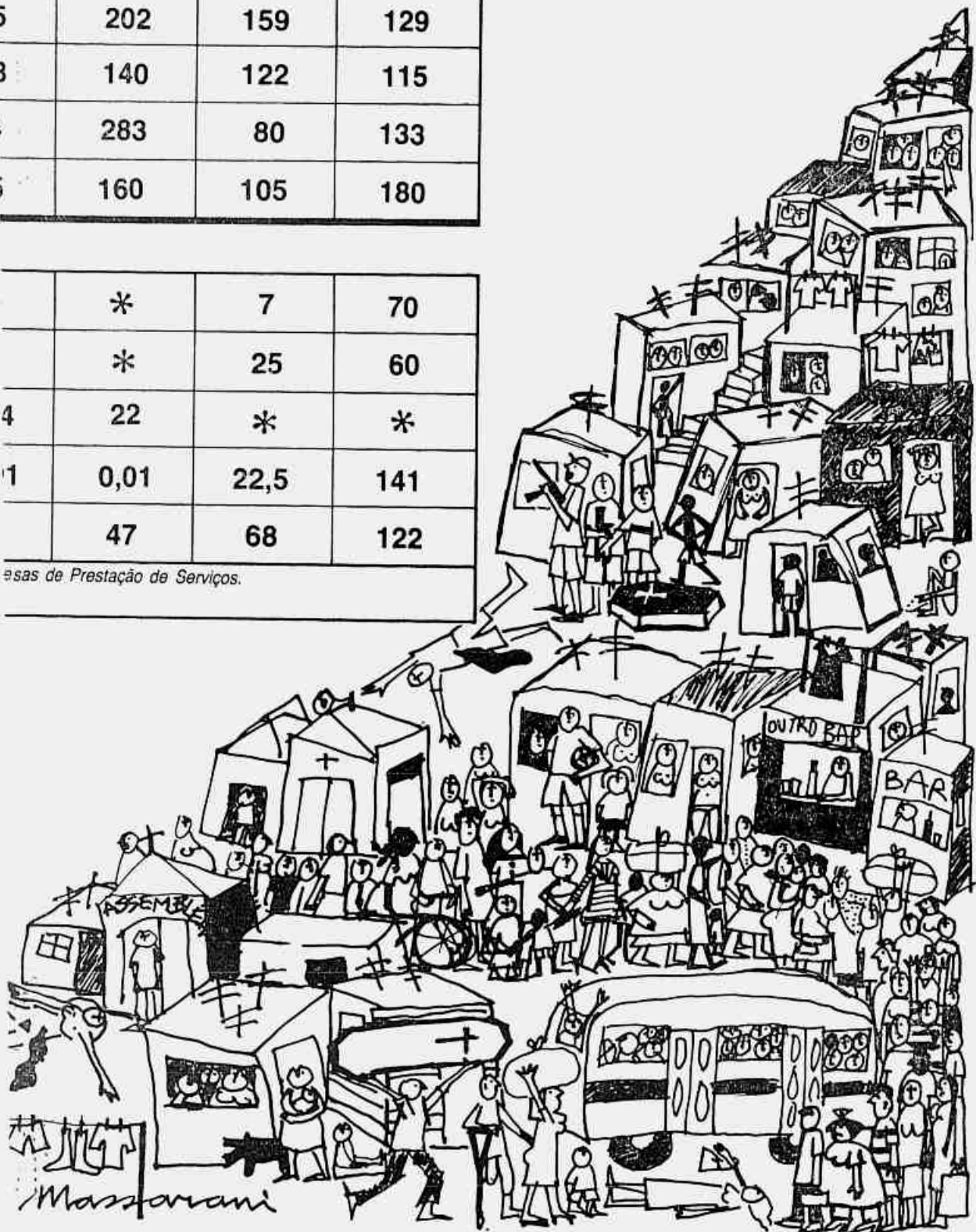
Um Brasil moderno, nascido no interior

A Constituinte fez um retrato fiel do novo Brasil. Um país em que a população em 40 anos se transferiu em massa para as grandes metrópoles, formando um dos maiores eleitorados do mundo.

Não está longe o dia em que um carioca com um primo morando no interior acabará sendo chamado, por ele, de capiau. E o morador de São José do Rio Preto vai brincar com seu primo paulistano dizendo que a pequena cidade do interior tem tudo que há na grande metrópole, a não ser a miséria. A Constituinte fotografou esse país que está nascendo e esse Brasil "essencialmente agrícola" que foi agonizando entre 1940 e 1980. Antes, 30% dos brasileiros eram urbanos e 70% moravam no campo. Hoje, esta proporção foi rigorosamente invertida: as cidades incharam com os foragidos do campo, acumularam problemas, se conformaram em ser grandes capitais do Terceiro Mundo.

Enquanto isso, a modernidade avançava pelo interior de São Paulo, em direção a Mato Grosso, Roraima e Goiás, espalhando-se pelo sul do país e contornando o grande bolsão de miséria, arcaísmo e mandonismo político, que basicamente demarca o Nordeste. O primo de São José do Rio Preto, como milhares de outros primos do interior moderno, garantem, por exemplo, a curva ascendente da venda da indústria automobilística no período da safra, e enquanto o país mergulha na estagnação econômica, este mesmo interior bate recordes sucessivos na produção de grãos. Se a Constituinte derrubou, com tanta tranqüilidade, a questão agrária é porque os interesses do interior miserável são, hoje, minoritários. Agora,

Getúlio Vilanova

...os ...lares	Por mil habitantes: Veículos	Telefones	Alunos inscritos no primeiro grau
2	190	265	145
5	202	159	129
3	140	122	115
[illegible]	283	80	133
[illegible]	160	105	180
	*	7	70
	*	25	60
4	22	*	*
1	0,01	22,5	141
	47	68	122

...esas de Prestação de Serviços.

suas vítimas assediam e votam nas metrópoles: com 70 milhões de votantes, o Brasil terá nas próximas eleições um dos maiores eleitorados do mundo. Para obter trabalho nas grandes cidades, o migrante teve que tirar seu título.

O grande problema hoje é a reforma urbana: as grandes cidades apodrecem sob a pressão dos flagelados e marginais do setor indiano da Belíndia. Isto se reflete nos trágicos contrastes e na violência que marcam o Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo. Daí a sensação de que os grandes centros "passam da barbárie à decadência, sem conhecer a civilização". Eles estão falidos, não conseguem lidar com a forte pressão demográfica e são obrigados a conviver com enormes taxas de analfabetismo, mortalidade infantil e criminalidade. Em priscas eras, o escritor Afrânio Peixoto jactava-se: "O sertão começa no fim da avenida Rio Branco." Hoje, esta frase orgulhosamente cosmopolita perdeu o sentido. Agora, na lista das cidades com melhor qualidade de vida não há grandes capitais.

O modelo de vida, hoje, está sendo definido pelas cidades do interior que dão certo — as cidades médias sem favelas, com saneamento básico impecável, transportes coletivos eficazes, baixos índices de analfabetismo, grande percentagem de médicos e hospitais, crianças nas escolas e não nas ruas. Como diz um médico que mora no interior do Estado de São Paulo: "Só saio daqui para morar no exterior, em cidades européias médias como Nantes ou Leiden." Nessas cidades a que o nosso médico se refere nem a juventude sonha em ir embora. Um jovem de 19 anos, de Pelotas, conhece o Rio e São Paulo, mas não trocaria a sua por nenhuma das duas. Em breve, quando os cariocas e paulistanos viajarem para o interior, terão a impressão que estarão visitando o Primeiro Mundo.

Mais: cariocas e paulistas à procura de um grande neurologista, de um transplante de rim ou de um grande professor de piano, provavelmente, terão de migrar, ou pelo menos fazer uma conveniente e rápida viagem ao interior. Os próximos Pitanguis talvez apareçam por lá. Os criadores sempre seguem a modernidade.

A Constituinte também foi sensível a essa tendência descentralizadora que se verificava independentemente das leis: a reforma tributária foi um mero reflexo desse processo histórico que está criando uma nova geografia social do país. Pela primeira vez uma eleição municipal tem a oportunidade de discutir essas questões fundamentais. Mas até agora o que surpreende é que a retórica dos candidatos passa ao largo do Brasil moderno e desvia olhar de um modelo viável para as cidades brasileiras.

Os números do conforto e as marcas da miséria

De como uma administração austera e eficiente conseguiu dar a Santos a melhor qualidade de vida do país, acabando com a miséria e os problemas que ainda infernizam a outrora importante Magé.

Ricardo Kotscho

Foram 17 anos de intervenção dos governos militares que, usando como pretexto a importância do maior porto da América Latina, retiraram a autonomia do município, indicando seus administradores de acordo com interesses políticos. Hoje, menos de três anos depois de ter eleito novamente seu Prefeito, a população de Santos, a 65 km de São Paulo, tem motivos de sobra para comemorar o fim de uma época: a cidade ostenta, simplesmente, o título de ter a melhor qualidade de vida do país entre todos os municípios com mais de 200 mil habitantes. Mais do que isso, seus indicadores estatísticos exibem um avanço inacessível à esmagadora maioria dos brasileiros. Números dignos de um país de primeiro mundo.

A taxa de mortalidade é um bom exemplo. De cada mil crianças nascidas, apenas 30 não completam o primeiro ano de vida, um quadro semelhante ao que é registrado na Espanha. E pelo menos 40% da população santista tem uma renda per capita superior a 6 mil dólares por ano, o triplo da média nacional. Santos, na verdade, com 650 mil habitantes, tornou-se um exemplo de como pode se transformar uma cidade através de uma administração marcada pela eficiência, austeridade e combate à corrupção. Ali, o número de funcionários municipais caiu de 6 mil 500 para 5 mil, todas as dívidas estão pagas e o orçamento da Prefeitura — que já foi o 16º do Estado — subiu para a primeira posição, fora a capital, movimentando cifras de Cz$ 10 bilhões este ano. Dos quais apenas 36% são consumidos pela folha de pagamento.

Curiosamente, o primeiro prefeito eleito depois do período de intervenção tem o hábito de se apresentar como um ditador. "Mando porque fui eleito para isso. Sou um ditador democrático", brada o pemedebista Osvaldo Justo, um macrobiótico, zembusdista e lutador de caratê que chegou ao Governo como verdadeira zebra eleitoral, do alto de seus 78 mil votos. Se disputasse a reeleição, porém, seu favoritismo agora seria incontestável. Afinal, as pesquisas apontam para uma aprovação popular de 79%, facilmente medida a cada caminhada por ruas do centro e periferia da cidade: por onde passa, Justo é aplaudido como o melhor administrador que os santistas já tiveram em todos os tempos.

E não é para menos. Apesar de cumprir um mandato de tão pouco tempo — foram três anos, metade do que a maior parte dos prefeitos brasileiros atuais — ele desenvolveu a economia, implantou três distritos industriais e mudou a paisagem de Santos, transformando-a numa cidade bonita, ajardinada e limpa onde se pode viver com segurança. Para tanto, usou de recursos administrativos nem tanto convencionais: criou uma guarda municipal formada por 200 lutadores de caratê desarmados e um batalhão caça-ratos, ou melhor, 60 gatos sarmentos recolhidos nos morros e soltos nas praças e nas praias em substituição aos inseticidas anteriormente utilizados, prejudiciais ao equilíbrio ambiental por matarem também os pássaros e insetos. Os resultados foram ótimos.

Na parte insular de Santos — que tem densidade demográfica de 2 mil 200 habitantes por quilômetro quadrado — a cidade simplesmente não tem mais para onde crescer. Um problema, é verdade, mas que poderia ser ainda mais grave, não fosse a germânica taxa de crescimento da população: apenas 1.89% ao ano. Os números de primeiro mundo na terra governada por Justo, contudo, não param por aí: oito em cada 10 crianças santistas terão quando adultas emprego assegurado no setor terciário — o filé econômico da prestação de serviços — uma taxa superior à dos EUA. E nada menos do que 5.3% da população tem curso universitário completo, média que supera inclusive a da Áustria com seus 3.3%.

Em Santos, há mais imóveis próprios do que alugados e, numa época em que a maioria dos brasileiros debate-se para pagar o aluguel ou as prestações da casa própria, uma família santista pode se dar ao luxo de trocar um apartamento de dois quartos por um de três sem com isso abalar as finanças domésticas. A média de ocupação residencial, aliás, é de apenas 4,5% pessoas por imóvel, um número adequado aos padrões nórdicos e que, mesmo escondendo o fato de milhares de apartamentos de veraneio permanecerem fechados a maior parte do ano, não deixa de ser bastante significativo.

Por tudo isso — até dos empreiteiros o Prefeito livrou a cidade, construindo uma fábrica de pontes e passarelas e cuidando da coleta de lixo sem intermediários —, o que não falta ao santista é motivo para festejar. E haja comemoração: entre tantos números favoráveis, Santos registra uma outra marca que igualmente merece destaque: sua gente consome nada menos do que 180 milhões de garrafas de cerveja por ano, a brava taxa de 383 litros por cabeça. Naturalmente, com a ajuda dos milhares de turistas que fazem a população dobrar nas épocas de temporada.

Evanildo da Silveira

Longe de Santos, não só em distância quanto em qualidade de vida, está Magé, a 62 quilômetros do Rio de Janeiro. Quem anda por suas ruas de casas pobres, 70% das quais sem água nem esgoto, não imagina que até meados do século XIX o município era um importante entreposto comercial. Por ali escoavam milhares de toneladas de café e cereais vindos de Minas Gerais e Goiás para serem embarcadas no porto do Rio. A importância de Magé era tanta no Segundo Império que foi ali que se construiu a primiera estrada de ferro da América do Sul, a Mauá, mais tarde denominada Estrada de Ferro Príncipe Grão-Pará.

Hoje, a decadência é evidente. A pobreza é vista nas ruas e confirmada pelos números. Com uma população estimada em 240 mil habitantes, o município de Magé tem uma das mais altas taxas de mortalidade infantil do Brasil: de cada mil crianças nascidas vivas, 49 morrem antes de completar um ano — nos países desenvolvidos este índice gira em torno de 10 por mil. Há apenas dois hospitais com um total de 353 leitos ou 1,47 por mil habitantes, índice muito inferior ao que recomenda a Organização Mundial da Saúde (OMS), que é de um leito para sete habitantes ou 142,85 por mil.

No setor da educação a situação não é melhor. Há 16.735 alunos inscritos no primeiro grau, assistindo aulas em salas superlotadas. Segundo Pedro Garcia, assessor do prefeito, cada uma das 220 salas de aula do município recebe uma média de 50 alunos, quando o ideal seria 35 ou, no máximo, 40. "Só aí há uma carência de perto de 2.200 vagas", diz Garcia. A secretária de Educação do município, Maria da Glória Correa, calcula que haja um déficit de oito escolas com no mínimo 16 salas cada uma. O que daria para atender mais cerca de 8 mil crianças, que hoje não estão nas escolas por falta de vagas.

Mas, de todos os problemas de Magé, um dos mais graves é o da saúde da população, principalmente das crianças. Embora não existam dados precisos, um trabalho do INPS, realizado em 1975, classificou Magé como a terceira "área-problema" do Brasil. Foi constatado que 100% das crianças de um a 8 anos sofriam de verminose. Treze anos depois a situação não mudou muito. Segundo a pediatra Débora Ferreira Bastos, que dá plantão uma vez por semana no hospital municipal, houve dias no verão passado em que ela chegou a atender até 100 casos de crianças com desnutrição, desidratação, doenças infecciosas ou outros males. "A situação é precaríssima", emenda a clínica-geral Cláudia Valéria Garcia, colega de plantão de Débora.

De acordo com as duas médicas, há falta de tudo. "Há carência de informação e de esclarecimento para as pessoas. Um exemplo: quase ninguém leva os filhos para vacinar", atesta Cláudia. Isso somado à miséria em que vive a maior parte da população e à falta de medicamentos e equipamentos resulta num quadro grave. "Muitas vezes precisamos internar pacientes apenas para medicá-los. Não podemos simplesmente receitar remédio e mandar para casa, porque as pessoas não têm dinheiro para comprá-lo", explica Débora.

Os adultos, por sua vez, também têm problemas de saúde. Além dos causados pela violência — esfaqueamentos, tiros e acidentes — ha uma "doença" típica da região. Cláudia conta que atende pelo menos um ou dois casos a cada plantão de 24 horas de pessoas se dizendo malucas, pedindo para ser internados no hospital psiquiátrico do distrito de Guapimirim. A explicação, de acordo com as médicas, é simples: o hospital dá cama, comida e roupa lavada. "Tudo o que as pessoas mais carentes procuram e não têm. Para ter um prato de comida não hesitam em se fazer de loucos", explica Débora.

Santos é hoje uma cidade bonita, ajardinada e limpa, onde 40% da população tem uma renda per capita superior a 6 mil dólares por ano.

A pobreza em Magé é vista nas ruas e confirmada pelos números: de cada mil crianças que nascem vivas, 49 morrem antes de completarem um ano.

Um oásis na crise e a capital do sofrimento

Como diz um morador, São José do Rio Preto tem tudo de uma cidade grande, menos a miséria. Compará-la com Nova Iguaçu, a 20 quilômetros do Rio, equivale a comparar a prosperidade com a violência e a pobreza.

Mara Ziravello

Ninguém quer sair de São José do Rio Preto, cidade limpa e ordeira, situada a 450 kms de São Paulo, onde a receita do município já chegou a ser maior do que sua despesa e onde mais de 90% dos seus 259.014 habitantes contam com água encanada, esgoto, luz elétrica e céu ensolarado a maior parte do ano, um verdadeiro oásis de prosperidade e otimismo à margem da crise brasileira.

Ao contrário do que acontece em muitas cidades do interior, os jovens que deixam São José do Rio Preto para cursar uma faculdade em outro lugar — as 5.600 vagas dos 23 cursos superiores da cidade estão todas preenchidas — voltam com o diploma na mão para arriscar seu próprio negócio. "Aqui a gente se estabelece logo", diz o comerciante Élcio Lima Barbosa, 25 anos, diplomado em música e dono de uma loja de discos no calçadão da cidade. "Rio Preto tem tudo de uma cidade grande", afirma com orgulho, "menos a miséria".

A miséria foi extirpada da cidade: as 13 favelas que existiam até 1982, ano da eleição do prefeito Manoel Antunes (PMDB) foram substituídas por 2 milhões de m² recheados de casas de tijolo e cimento que circundam o centro num projeto chamado "nossa terra", aprovado pelos 17 vereadores do município. Antes de vender os lotes da terra por prestação de 10% do salário mínimo vigente (Cz$ 15.552,00) durante sete anos, a prefeitura abasteceu todo o terreno com esgotos, água encanada e luz elétrica.

Em cada novo bairro — quatro no total — foram construídos um pronto-socorro, uma creche para 150 crianças de até cinco anos e uma escola pública que permite atender 33.501 alunos inscritos no primeiro grau. "A parte educacional está bem servida", diz a diretora escolar Nilza Evangelista. "Agora posso trabalhar sossegada", diz aliviada a empregada doméstica Aparecida Pascoalina do Carmo, 35 anos, solteira, que ganha Cz$ 12 mil mensais e mora com seus três filhos pequenos, a mãe e o pai aposentado, que engrossa a renda familiar com seus Cz$ 34 mil da pensão.

Aparecida espera uns dez minutos pelo ônibus que passa em frente à sua casa e leva meia hora para atingir o centro da cidade, o mesmo tempo que a médica Solange Piloto Farinazzo, 32 anos, leva caminhando de sua casa ao centro de saúde. "Aqui o saneamento básico existe mesmo", garante ela, "e este é o único meio de acabar com a mortalidade infantil". Em São José do Rio Preto, a taxa de mortalidade infantil vem caindo vertiginosamente, encostando hoje no índice considerado bom pela Organização Mundial de Saúde: 20 mortes para cada mil crianças nascidas vivas. Com, no mínimo, um posto médico em cada um dos 200 bairros da cidade, a distribuição de soro contra a desidratação e as vacinas alcançam praticamente a totalidade da população infantil.

Se São José do Rio Preto cresce na horizontal, espalhando-se pelos seus 586 km², o crescimento vertical não fica atrás. A febre da construção civil, ausente nos grandes centros, lá exibe vistosos sinais: atualmente, nada menos que 108 edifícios de 20 andares, em média, estão sendo erguidos ao mesmo tempo, empregando quase 30 mil pessoas.

A qualidade de vida de São José do Rio Preto, reflete-se numa civilidade esquecida em boa parte do país: desde cedo, as crianças jogam o lixo nos cestos espalhados por toda a cidade; existem 41.176 telefones instalados, ou 158,9 para cada mil habitantes, o que equivale, pelo menos estatisticamente, a um telefone por família. Do total, 2.176 são telefones públicos — e funcionam. Nos seis dias da semana, as feiras livres oferecem os mesmos produtos encontrados no mercado municipal ou nos supermercados da rede particular. É raro andar pela cidade sem ver alguém carregando um pacote. "O comércio é o forte da cidade", diz o funcionário público aposentado Mario Mariotti, 63 anos, que não vê a hora de completar os 65 para poder andar de ônibus sem pagar — um conforto em vigor em Rio Preto.

Os nove hospitais da cidade, com 3.983 leitos (15.3 para cada mil habitantes) — um dos mais altos do país — são conveniados em os Suds (Sistema unificado e descentralizado de saúde). Com mil médicos trabalhando em postos de saúde e em clínicas particulares, São José do Rio Preto é hoje um dos melhores centros de moléstia cardíacas e renais do país. Criado há 20 anos, o Instituto de Urologia e Nefrologia realiza uma média de 30 transplantes de rim por ano. Criado a 20 anos, o Instituto de Urologia e Nefrologia realiza uma média de 30 transplantes de rim por ano. "Só sairia daqui para viver de novo no exterior", diz o nefrologista Mario Abud, 35 anos, que compara o Rio Preto com cidades européias que conheceu, como Nantes (França) ou Leiden (Holanda). Como nada é perfeito, há uma estranha imprudência por parte dos motoristas nessa cidade bem sinalizada. Talvez seja um resquício da bonomia interiorana, ainda mal adaptada ao crescimento. Um simpático toque Roque Santeiro.

Evanildo da Silveira

No dia 21 de agosto, um sítio em Queimados, distrito de Nova Iguaçu, comemorava o aniversário de uma menina de seis anos. A casa foi invadida por três homens e o que ocorreu ali chocou até os duros policiais da Baixada Fluminense: três pessoas foram assassinadas e outras quinze foram forçadas a manter relações sexuais entre si — mães com filhos, pais com filhas. Crianças foram estupradas com garrafas e canos de revólveres. A vida é assim em Nova Iguaçu.

Situada a 20 kms do centro do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu tem 1 milhão 460 mil habitantes, uma mortalidade infantil de 61,57 por mil e 3,06 assassinatos por dia. Seus traços mais característicos são a violência e a pobreza. Segundo estatísticas da Secretaria Estadual de Polícia Civil, nos primeiros sete meses deste ano 646 pessoas foram assassinadas, 46 famílias tiveram suas casas invadidas e saqueadas, 35 pessoas foram estupradas. O distrito fica encravado no segundo lugar mais pobre do mundo, só perdendo para Bombaim, na Índia. Segundo a Organização Mundial de Saúde, em vinte anos, 500 mil pessoas em estado de miséria absoluta viverão na Baixada Fluminense.

Os dados sobre a violência são esmagadores: uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa da GERP revela que 45,2% dos moradores da Baixada já foram vítimas de assaltos. Mais: considerando um grupo de dez pessoas vítimas de assaltos, pelo menos uma viveu essa desagradável experiência seis ou mais vezes; três delas passaram por isso quatro ou cinco vezes — só três afortunados foram assaltados apenas uma vez. Em toda a Baixada, de primeiro de janeiro a 30 de junho, ocorreram 1.136 homicídios, 194 invasões de residências e 150 estupros.

Confrontado com esse quadro, o delegado substituto da 52ª DP, Carlos de Souza Oliveira, jura que a cidade não é tão violenta assim. "Houve tempo em que aconteciam até dois assassinatos por dia", diz ele, "hoje são só uns 15 homicídios por mês". O delegado tem uma teoria conveniente para justificar sua opinião: "Nova Iguaçu é local de desova de cadáveres. Muitos homicídios são cometidos em outros lugares, só que os corpos são jogados aqui."

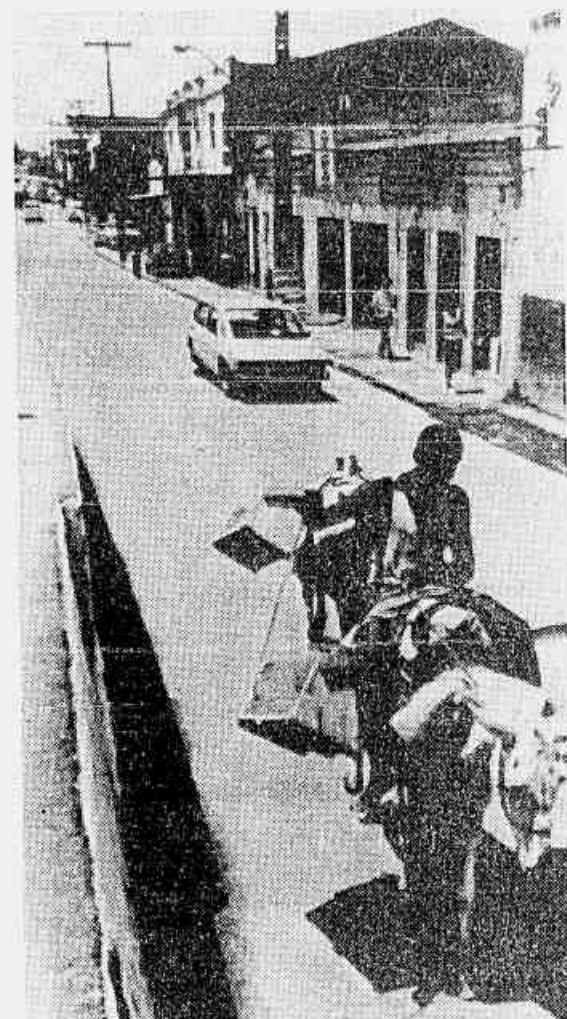
A violência não é o único problema de Nova Iguaçu. Embora seja a oitava cidade brasileira em população e a terceira em arrecadação de ICM no estado, suas ruas são mal iluminadas e cheias de valas de esgoto a céu aberto, os sistemas de transporte, educação e saúde são precários. Menos da metade (43%) das residências estão ligadas à rede de distribuição de água e apenas 34% à rede de esgoto. O número de alunos inscritos no primeiro grau (cerca de 88 mil) é inferior ao das crianças de 7 a 14 anos fora das escolas (mais de 100 mil).

No campo da saúde a situação é preocupante. Segundo a secretária Municipal de Saúde, Lúcia Souto, há um déficit de 3 mil leitos e de um milhão de consultas anuais no município. "A situação é muito grave", diz ela, "há anos que não se investe na saúde da Baixada".

É uma situação que não surpreende se for levada em conta a renda da população. Nada menos do que 46,2% da população economicamente ativa não tem qualquer tipo de rendimento e 14,2% recebe até um salário mínimo. Um contingente intermediário (35,7%) recebe de um a cinco salários mínimos, enquanto 3% ganham de cinco a 20 salários mínimos. Só 0,01% da população recebe mais de 20 salários mínimos. Nova Iguaçu é um pesadelo brasileiro.

Desde cedo as crianças se acostumam a jogar lixo nos cestos espalhados pela cidade e a zelar pelos telefones públicos que, lá, funcionam

Segundo a Organização Mundial de Saúde, em 20 anos 500 mil pessoas em estado de miséria absoluta viverão na Baixada Fluminense

A mortalidade infantil foi reduzida à metade e as crianças têm direito a atendimento gratuito nos vários postos da prefeitura de Pelotas

No centro de Jaboatão, os animais disputam o trânsito com os automóveis. É apenas um dos contrastes da cidade da poluição

De um lado o orgulho, de outro a má fama

No sul, Pelotas ostenta inúmeros motivos para se orgulhar de ser uma das melhores do Brasil. No nordeste, Jaboatão sofre as conseqüências de suas administrações danosas e a má fama de seus vereadores

Juarez Porto

□ A aristocrática Pelotas, a 234 quilômetros de Porto Alegre, tem inúmeros motivos para se orgulhar de ser uma das melhores cidades do Brasil. Com o seu acervo de méritos, ela pode ostentar um precioso troféu: praticamente erradicou o analfabetismo. Só 8,2% de sua população não sabem ler e escrever. Pelotas ainda mantém um sistema de saúde exemplar, que poderia servir de exemplo para o resto do país, além de saneamento e fornecimento de água potável extensivo a toda cidade.

Pioneira na municipalização da saúde, em Pelotas e nos seus distritos, funcionam 31 postos de atendimento médico-odontológico gratuito, destinado à população de baixa renda, cumprindo horário integral. Por meio desse projeto, propagaram-se outros programas como orientação à odontologia, prevenção de doenças, combate a drogas, acompanhamento materno-infantil, etc. Ricardo Nogueira é um dos raros secretários de Saúde que pode garantir que "aqui ninguém morre por falta de atendimento médico".

A mortalidade infantil foi reduzida em pouco mais de um ano de 39 óbitos para 18 em cada criança nascida. As baixas hospitalares foram igualmente reduzidas, e o município possui uma boa rede hospitalar, formada por instituições públicas e privadas. Segundo ainda o secretário de saúde, o mal de Chagas está também erradicado, mantendo-se ainda em alguns pontos do interior.

A dona-de-casa Maria da Glória Martins, 46 anos, moradora do bairro Fragata, onde se concentra a maior população operária da área urbana, concorda com o secretário de Saúde, considerando que o atendimento médico dos postos de saúde da prefeitura — sistema montado com recursos da Previdência Social — "é muito bom, os médicos são superatenciosos e ensinam a gente".

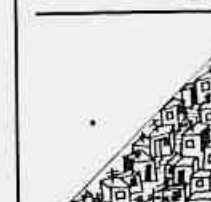
Se a saúde vai bem, o mesmo acontece com o seu movimentado comércio, com suas galerias de **boutiques** e lojas, que fazem a alegria de uruguaios e argentinos, vizinhos relativamente próximos. Ao longo da avenida Bento Gonçalves, que corta Pelotas ao norte, também é grande a agitação em seus inúmeros bares e restaurantes. Toda essa animação pode ainda ser estimulada pelos seus cinco teatros e duas universidades.

É consenso entre a população de várias gerações de que a cidade proporciona "tudo o que uma metrópole tem, com a vantagem de ser apenas uma cidade média." Esta é a opinião, por exemplo, do comerciante Armando de Paula, 74 anos, dono do bazar Edson, uma das mais antigas lojas de revenda de material fotográfico. "Apesar de haver mais gente pobre do que na minha juventude, Pelotas melhorou muito: tem tudo que existe numa cidade grande, sem os problemas dela", diz.

Mas nem tudo é mar de rosas em Pelotas. O crescimento demográfico registrado nas duas últimas décadas pelas migrações de trabalhadores, atraídos pela oferta de emprego nas indústrias de alimentos e conservas, frigoríficos e nas beneficiadoras de arroz, preocupa as autoridades e o cidadão comum, este cioso da perda de tranqüilidade e do desequilíbrio do padrão social. Com o fluxo do exôdo rural, surgiram problemas até então desconhecidos da cidade, como favelas (é verdade que ainda são poucas), criminalidade e outros sintomas de marginalização.

O prefeito José Maria Carvalho da Silva (PMDB) lamenta, por exemplo, que a crise econômica enfrentada pelo país acabou também por afetar a sua cidade, levando a pique duas grandes fábricas locais: a Cica e a Vega, endividadas e obrigadas a demitir em massa seus empregados. As estimativas do Sistema Nacional de Empregos (Sine) indicam que Pelotas tem oito mil desempregados ou pessoas vivendo de subempregos. Este universo aumentou com a falência das duas fábricas devido à retração da comercialização de enlatados no mercado nacional e o endividamento das empresas. Para sanar este problema, a prefeitura está estimulando programas de incentivo à microempresa, coma finalidade de garantir sustento provisório para as famílias atingidas pela crise, enquanto os dirigentes das empresas procuram junto aos bancos rolar as suas dívidas.

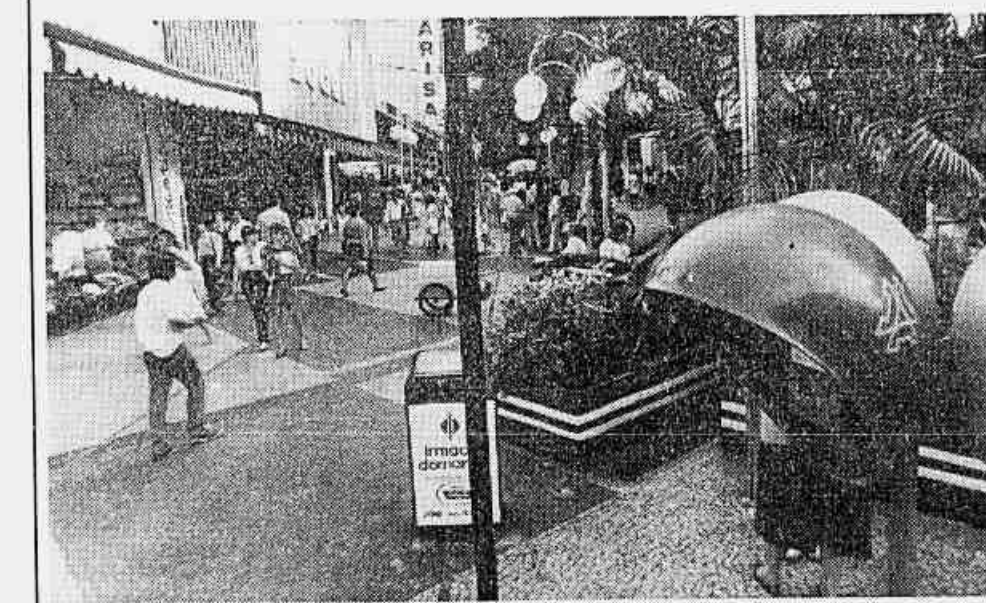
Apesar desses problemas, o estudante Roger Terres, de 19 anos, um entre dezenas de jovens que se concentram na galeria Central — um ponto de encontro da juventude local —, tem a mesma opinião do comerciante Armando de Paula. "Acho um **barato** esta cidade. Quem quer calma tem calma. Quem quer agitação tem agitação", diz com o orgulho de quem conhece Porto Alegre, Rio e São Paulo. "Não troco nenhuma delas por Pelotas," garante.

Gilvandro Filho

A tranqüilidade de Pelotas está ainda muito longe de ser um padrão para a tumultuada Jaboatão, cidade vizinha de Recife. A começar por uma placa afixada na porta da prefeitura. A cidade está sob intervenção estadual, quando em março deste ano, por determinação do Tribunal de Contas, o ex-prefeito José Fagundes de Menezes (PMDB) foi afastado do posto. Até agora o governo de Pernambuco tenta, sem sucesso, consertar a cidade. Até parecia fácil. Jaboatão é rica em número de indústrias, mas pobre de arrecadação. Perto de Recife, amarga radicais contrastes. Junto com a sofisticação de bairros situados à beira-mar, como Piedade e Candeias, redutos da classe média e área valorizada pela especulação imobiliária, há a miséria de distritos industriais, como Prazeres e Curado, ou regiões povoadas de favelas, como Santo Aleixo, Cavaleiro e Muribeca, onde a falta de segurança favorece um alto índice de criminalidade.

Não é só isto. Para quem chega, a cidade já oferece uma paisagem de desalento. São ruas mal cuidadas, esgotos a céu aberto, trânsito ótico e densa poluição, uma das taxas mais altas registradas em todo o Estado. Na área urbana, Jaboatão compõe-se de uma salada de cenas, que exibem a sua degradação. À confusão do trânsito, que torna o centro da cidade irrespirável po: causa de taxas elevadas de monóxido de carbono, ajunta-se um grande número de animais, que circulam pelas ruas principais. Esta confusão aumenta pela linha férrea que corta o centro, sem nenhum tipo de aviso ou sinalização. Nas áreas ribeirinhas, os moradores são obrigados a conviver com o mau cheiro permanente, provocado pelos despejos de calda e de vinhoto atirados no rio Jaboatão pelas usinas de açúcar. Aumentando a poluição, uma fábrica de tecidos, a Portela, mantém a cidade sob uma nuvem cinzenta. Muitas casas estão cobertas pelo pó lançado pela fábrica.

"Vou morrer aqui. Não sei se de morte natural ou assassinada pela poluição", conta, dramaticamente, Maria Luiza Gonçalves, de 72 anos, há 23 morando junto da fábrica. Ela já foi internada três vezes com deficiência respiratória, mas não sai de casa por razões sentimentais. "Foi o meu velho que construiu e morreu aqui", explica.

O que não são sentimentais são as estatísticas da cidade. Oposta a Pelotas, que não parece ter problemas de saúde pública, Jaboatão, para uma população estimada em 500 mil habitantes, conta com apenas 50 leitos hospitalares na sua rede municipal de hospitais. A mortalidade infantil é alta: 120 em cada mil crianças nascidas em 1987 morreram.

Reduto eleitoral da esquerda, dando boas votações para políticos como Miguel Arraes e Jarbas Vasconcelos, Jaboatão, contudo, freqüenta o noticiário dos jornais por um motivo, que, talvez, explique a sua situação dramática: as suas administrações danosas, devidamente respaldadas por vereadores, cuja fama de desonestos já ficou conhecida em todo o país. "Gente que só lembra da gente em época de eleição", reclama Euclides Ferreira dos Santos, nascido e criado no município. O caos administrativo da cidade — cuja prefeitura tem 4 300 funcionários, ganhando pouco e, na sua maioria, passando na repartição no final do mês para receberem o salário — impediu que fossem realizadas obras essenciais para a população. O saldo são ruas esburacadas, lixo amontoado nas margens dos rios e a falta de fiscalização de usinas e fábricas, responsáveis por boa parte das reclamações de seus moradores. "Aqui já foi bom de morar, mas vieram as fábricas, a poluição e os prefeitos corruptos", queixa-se seu Euclides. (Gilvandro Filho)

Feliz como uma canção, triste como um dormitório

Maringá tem, ao longo de suas amplas avenidas e praças mais de uma árvore para cada habitante. Carapicuíba tem os chamados "pombais" de apartamentos empilhados em quatro andares, sem elevador, desconfortáveis e tristes.

Martha Feldens

No norte do Paraná, já no planalto, as temperaturas são altas o ano inteiro, mas uma cidade quase não sente calor. É Maringá, cidade que herdou o nome de uma canção e que tem ao longo de suas amplas avenidas e praças mais de uma árvore para cada um de seus 290 mil habitantes. Uma cidade privilegiada desde que a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, trouxe da Inglaterra sua planta, junto com o projeto de colonização da região.

Depois de 41 anos de emancipação e do fim da tutela da Companhia, Maringá se desviou um pouco de seu projeto original, mas continua sendo uma cidade muito distante da média brasileira. E não apenas na arborização. Com uma arrecadação de quase Cz$ 5 bilhões em 88, a cidade pode ser administrada sem grandes ajudas federais ou estaduais e, com a reforma tributária aprovada pela Constituinte, será ainda mais privilegiada. Para 89, a expectativa de arrecadação no município permitiu a prefeitura fazer um orçamento de mais de Cz$ 70 bilhões.

Administrada desde 83 pelo prefeito Said Ferreira, do PMDB, Maringá é hoje a única cidade de mais de 100 mil habitantes no Paraná que não tem favelas. Num projeto ousado, iniciado em 1984, a prefeitura construiu 245 casas para 1400 pessoas que viviam em 15 favelas da cidade. São casas de 60 metros quadrados, feitas com pré-moldados, com ligações de água e energia elétrica, hoje ocupadas por famílias com renda máxima de Cz$ 25 mil e uma média de seis filhos.

Quem pensa que monopólio na prestação de serviço significa mau atendimento muda de idéia ao conhecer o sistema de transporte coletivo de Maringá. Uma única empresa — a Cidade Canção — transporta 60 mil passageiros diários em carros limpos, com motoristas e cobradores atenciosos e um quadro de horários bastante rígido. No terminal central da Praça Napoleão Moreira da Silva, dois funcionários da empresa estão à disposição dos usuários para reclamações e informações. Na parede do modulo construído na praça para abrigar os funcionários da empresa há um quadro com os horários de todas as linhas. O menor atraso é registrado pelos funcionários e pelos fiscais da prefeitura que trabalham no local.

É onde Maringá se desviou do projeto original que estão seus problemas. o diretor da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, que ainda está na região com terras e indústrias, Aníbal Bianchini, aponta os principais: "A cidade foi projetada para 200 mil habitantes e está crescendo além das linhas demarcadas no projeto. Com isto, surgem novos loteamentos que deformam o desenho original e acabam se transformando em áreas de insalubridade, sem árvores", queixa-se ele.

Sempre atenta ao verde, a Companhia mantém em Maringá uma das maiores áreas de mata — o horto florestal — que tem 37 hectares com árvores nativas da região. Há vários anos nas mãos da empresa Banco Mercantil de São Paulo, a Melhoramentos do Norte do Paraná é vista com respeito e gratidão pela população da cidade, misto de imigrantes mineiros, paulistas e nordestinos.

Se Maringá é bem nascida, é verdade também que ela continuou tendo bons administradores. O atual prefeito, Said Ferreira, é reconhecido na cidade como um administrador honesto e principalmente competente. Com uma aceitação de 78 por cento da população, segundo pesquisa feita pela própria prefeitura, é certo que ele fará seu sucessor, na eleição deste ano. Seu candidato, o ex-secretário da Indústria Comércio e Agricultura do Município, João Reis, não é um homem popular, conta com um companheiro de chapa campeão de votos, o deputado estadual Lindolfo Junior, que já foi do PFL e do PTB e que foi atraído numa manobra inteligente do prefeito.

Mas são os númros que falam por Maringá, cidade com 80 telefones para cada mil habitantes. E na prática, no uso de sua estrutura, na apreciação de sua bela paisagem e na sombra das imensas árvores de suas avenidas de tráfego fácil, que ela parece mais perfeita. A cidade sonhada pelos ingleses não é mais a mesma, mas é talvez a mais próxima do sonho brasileiro.

Ricardo Kotscho

O funcionário público Antonio Bezerra da Silva, 46 anos, quatro filhos, só não pode esquecer o boné para proteger a careca. Às 5h20min da manhã, dá um beijo na mulher e sai de casa de cabeça baixa, olhando para o chão, com muito cuidado para não despencar da pirambeira onde mora, no Jardim Mesquita, a 25 quilômetros de São Paulo.

Auxiliar de escritório da Polícia Militar, Bezerra só entra no serviço às oito, mas para chegar ao emprego tem que enfrentar uma cansativa viagem. Primeiro, são vinte minutos a pé até o ponto de ônibus que liga a periferia de Carapicuíba à estação de trem. Quando o trêm não atrasa, 40 minutos depois, viajando quase sempre de pé e equilibrando-se como artista de circo, estará chegando a São Paulo. Até o quartel, caminha mais meia hora. Chega um pouco cansado, mas não tem outro jeito.

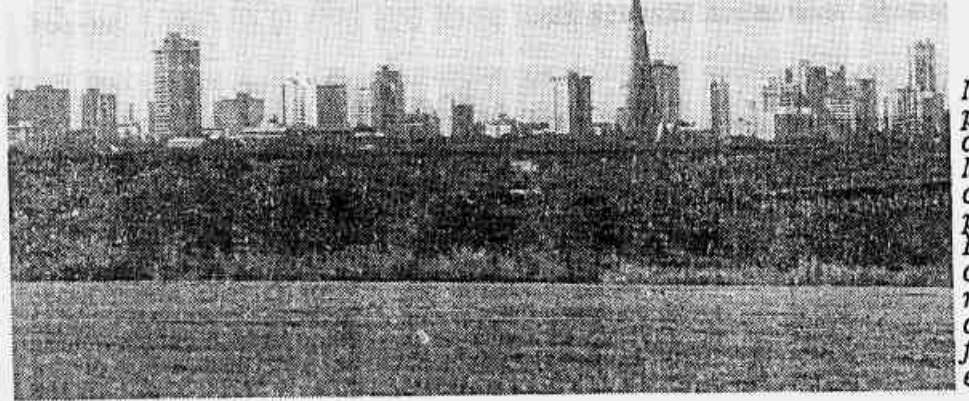
Como a absoluta maioria dos 400 mil habitantes de Carapicuíba, uma aldeia fundada pelos padres jesuítas por volta de 1580 e que, nas últimas três décadas, se transformaria na maior cidade-dormitório da Grande São Paulo, Bezerra veio parar aqui em 1972, tangido por uma questão de sobrevivência: fugir do aluguel.

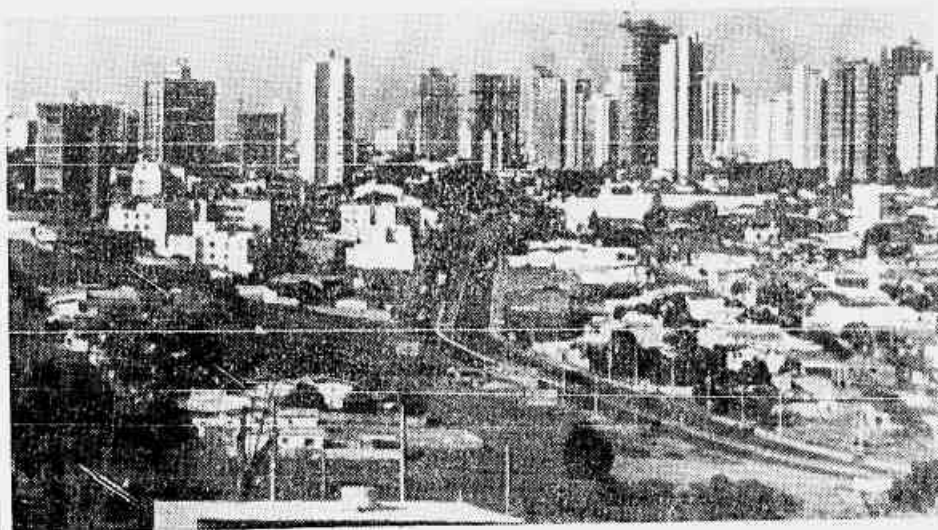
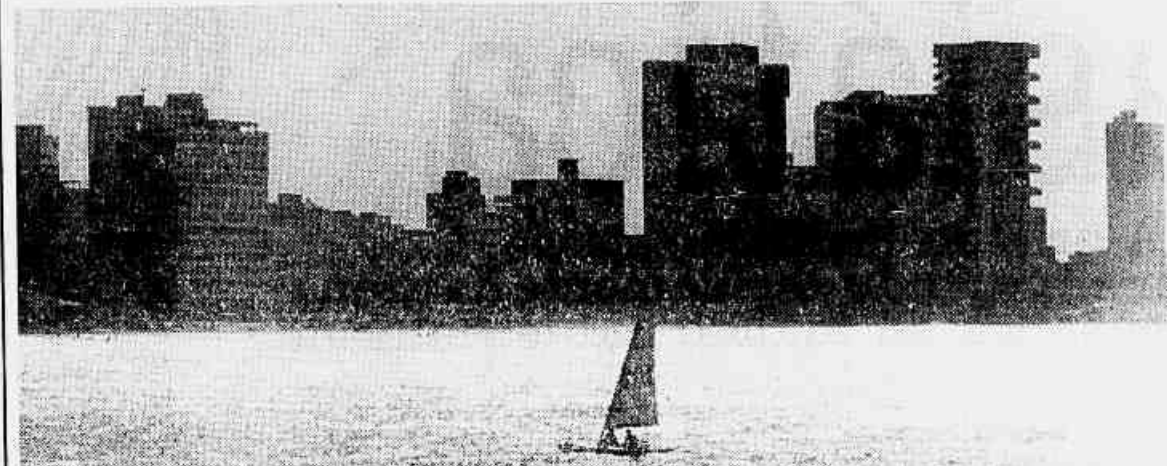
-com três filhos pequenos e o salário de fome de servente de pedreiro, o ex-lavrador Bezerra, um homem conformado com o destino que freqüenta os cultos da Congregação Cristã do Brasil quatro vezes por semana, achava que tinha, finalmente, chegado sua vez de encontrar uma vida melhor. E se tornou um dos primeiros moradores dos pombais de 54 apartamentos empilhados em quatro andares, sem elevador — hoje já são mais de 300 prédios — que mudariam radicalmente a vida da outrora pacata aldeia.

A explosão demográfica de Carapicuíba, um antigo distrito do município de Barueri, que só seria emancipado politicamente em 1962, foi a mais violenta registrada em todo o país. Os números dos censos do IBGE são assustadores. Os 17 mil 590 habitantes de 1960 multiplicaram-se para 55 mil 339 dez anos depois, chegaram a 186 mil 830, em 1980, e no próximo censo ultrapassarão a marca dos 400 mil, um crescimento de 1 mil 600 por cento em três décadas.

Além do trem de subúrbio, a única via de ligação deste formigueiro humano com o mundo ainda é a velha Estrada da Aldeia, um caminho de carros de boi rasgado na mata por bandeirantes e depois utilizado pelos tropeiros que traziam gado do interior para a capital. De manhã cedo e no fim da tarde, pelo asfalto da velha estrada o interminável comboio de ônibus parece seguir um cortejo fúnebre, provocando congestionamento de fazer inveja a Nova Iorque.

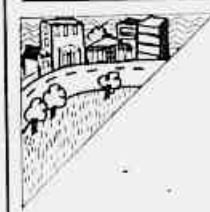
Hoje, como constata o presidente da Câmara Municipal, Alexandre Bentim, do PSDB, Carapicuíba é uma cidade nordestina incrustada na Grande São Paulo: "Mais de 90% do povo daqui veio da Bahia para cima e a cidade não tem renda porque quase todo mundo trabalha fora."

Uma cidade pobre do nordeste. Das 2 mil 360 ruas do município, espremido numa área de 35 quilômetros quadrados entre os trilhos da Sorocabana e a rodovia Raposo Tavares, a antiga ligação de São Paulo com o Paraná, menos de um quinto está asfaltado. De cada dez casas, apenas uma está ligada à rede de esgotos. Diante deste quadro, o delegado Melinaldo Gomes Granja, que conta com apenas sete viaturas e outro tanto de investigadores para zelar pela segurança de uma população maior do que várias capitais do nordeste, acha até baixa a média de 15 ocorrências diárias, em média registradas este ano — a absoluta maioria, por desavenças entre parentes ou vizinhos. Como a maioria dos trabalhadores ganha até dois salários mínimos e ainda há o costume de se andar armado, exatamente pela falta de polícia, por qualquer motivo sai tiro nas bebedeiras de fim de tarde nos botecos — o único lazer possível para quem sai de casa de madrugada, como Bezerra, é só trabalhar para comer.

Não apenas pela densa arborização Maringá se considera privilegiada. Ela é uma cidade que não depende de ajudas federais ou estaduais

Antônio Bezerra da Silva, com a mulher, anda vinte minutos a pé até o ônibus que o leva à estação de trem e este a São Paulo

Os edifícios em construção marcam a paisagem de uma cidade do interior condenada a crescer 200 mil habitantes a cada quatro anos

Os que só visitam a parte nobre de Fortaleza não sabem que ela é, segundo a própria prefeita, "a mais mal servida de esgotos do mundo"

Um pólo de atração e um foco de rejeição

Atraindo migrantes dos mais variados lugares, Uberlândia se transformou numa das melhores cidades para se morar. Fortaleza, ao contrário, cheia de problemas para seus moradores, é cada vez mais uma cidade para os turistas

José Guilherme Araújo

Há dois anos e meio, quando deixou sua terra natal, Patos de Minas, a 230km desta cidade do Triângulo Mineiro, com a mulher, Maria Elisabeth, e os três filhos, o professor de Educação Física Ademar Vieira planejava apenas encontrar para o pequeno Marcos, surdo de nascença e então com 6 anos, assistência médica e educação especiais para se desenvolver normalmente. Não só a família teve o que precisava, como não pensa em voltar a Patos. O motivo: não vai ser fácil achar outro lugar, em Minas, com a qualidade de vida que se tem aqui, em Uberlândia.

O que torna ela uma cidade boa para se morar, atraindo migrantes dos mais diversos lugares e pelos mais variados motivos (e isso apesar de ter uma população que cresce ao ritmo espantoso de 8,5% ao ano) vai além das razões que satisfazem famílias de classe média, como a de Ademar Vieira, 39 anos, funcionário público estadual, que leva "uma vida de cidade grande, num lugar tranqüilo de interior"; ou as de ricos industriais, comerciantes atacadistas e latifundiários, agricultores e pecuaristas, donos de grandes patrimônios e fortunas.

Basta comparar alguns dados, levantados pela Prefeitura e técnicos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU): quase 100% da população tem em casa água tratada e esgoto, um desempenho três vezes melhor do que a média brasileira; em cada mil bebês nascidos vivos, morrem 28 no primeiro ano de vida, contra 93 na média nacional e menos do que em qualquer uma das principais capitais do país; o índice de homicídios é de um para cada grupo de 27 mil habitantes. No Rio, ocorre um homicídio para cada grupo de 3 mil cariocas e, no Brasil, um para cada 13 mil. A cidade não tem favelas.

"Em Uberlândia só não tem médico quem não quiser, atesta Nazira Bittar Jorge, 61 anos, cuja mãe "nasceu junto com a cidade", há 100 anos, e que a viu se desenvolver, durante mais de meio século. De fato, existem hoje 20 centros de saúde urbanos em Ubelândia contra apenas três em 1982, o que representa um posto médico para cada 15 mil habitantes, uma taxa desejável, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Este é, segundo o prefeito Zaire Resende, médico, 56 anos, ex-militante da Juventude Universitária Católica e da AP (Ação Popular) um dos motivos pelos quais a mortalidade infantil decresceu. Mas, não o único: 80% das vias urbanas estão calçados ou asfaltados. Há 50 creches (eram três em 1982); aumentou a área verde, de 4,5 m² para 11,5 m² por habitante; e funciona a municipalização da merenda escolar, com a distribuição de 300 toneladas de alimentos por mês.

A melhoria da qualidade de vida de Uberlândia, porém, conta com um outro dado altamente significativo: a prosperidade econômica. Nos últimos cinco anos, o distrito industrial, que tinha 30 empresas em 1982, ganhou outras 45. Juntas, as 75 indústrias mantêm 11 mil 200 empregos diretos, que se transformarão em quase 20 mil, em breve, quando as 77 empresas em fase de instalação começarem a funcionar.

A prefeitura subsidiou, em cinco anos, cerca de 3 mil casas para famílias de baixa renda. Cada um paga 25% do custo do terreno e 50% do preço do material de construção, como puder e sem correção monetária. O asfalto chegou à periferia com o plano comunitário de pavimentação de ruas.

Os moradores dos cinco distritos de Uberlândia, na zona rural, todos urbanizados, já têm cada um seu centro de saúde, além de um posto volante de assistência médico-dentária, os micro e pequeno agricultores recebem assistência técnica e implementos subsidiados, que são pagos em dinheiro ou produtos, destinados à merenda escolar. "Assim, se dá condição ao pessoal de continuar lá, sem ter que vir procurar emprego na cidade", comenta o microprodutor Salomão Gomes, 48, enquanto espera um ônibus no Centro, para voltar para a casa, em Martinesia.

Uberlândia é um município de 4 mil 40Km² de puro cerrado, onde a agricultura alcança recordes nacionais na produtividade de grãos e tem a maior capacidade de armazenamento de grãos do país (931 mil toneladas). Das 2 mil 191 propriedades rurais, 4% delas têm mais de 500 ou acima de 1 mil Ha, ocupando 36% de toda a área de 432 mil 514 ha.

Bruno Cassotti

Os turistas em Fortaleza geralmente conhecem a parte nobre da cidade e passam ao largo dos graves problemas de seus 1,7 milhões de habitantes. Um rápido passeio pela periferia ou uma simples conversa com moradores, entretanto, pode revelar a precariedade da condição de vida da população com os sistemas de saúde, educação, coleta de lixo e transportes ineficientes. A cidade carece de saneamento na maior parte de sua área de 336 km², o que lhe garante o índice de mortalidade infantil mais alto da América Latina.

— "Fortaleza é a capital mais mal servida de esgostos no mundo", afirma a prefeita Maria Luiza Fontenelle, sem esquecer o agravante de que muitos bairros cresceram sobre lagoas aterradas, mangues e terrenos arenosos. "Aqui nunca houve investimentos em drenagem" diz o diretor da Superintendência Municipal de Obras e de Viações, Francisco Loiola, segundo o qual, 82% da população de Fortaleza não têm rede de esgostos.

"A falta de saneamento é o maior responsável pela grande mortalidade infantil, diz o dentista Domingos Leite Neto, ex-secretário de Saúde do município, que apresenta números assustadores. Segundo ele, a taxa de mortalidade infantil varia de 180 a 250 crianças a cada 1.000 nascidas com vida. Causa básica: desnutrição. Domingos atribui esse quadro a outros dois fatores: o modelo de ensino médico arcaico e ações políticas inadequadas.

Os esgotos vão dar no rio Cocó, que corta toda a cidade, e em boa parte dos 25 quilômetros de praias de Fortaleza, várias delas ostentando placas de proibição de banho de mar. Num lugar com poucas atrações culturais, em que a praia é a maior atividades de lazer, os moradores têm o consolo de contar com a Barra do Ceará e a praia do Futuro, as mais populares, livres da poluição.

Cerca de 700 mil pessoas vivem em 400 favelas, principalmente na periferia, mas também desfrutam espaço em bairros de classe média e alta, como Aldeota, onde 600 barracos proliferam ao longo da linha férrea, na favela do Trilho. Quase todos moram em ruas sem pavimentação, já que somente 30% das vias são asfaltadas. "Tivemos 5 anos consecutivos de seca, em que a população cresceu em 300 mil habitantes que é a população de Natal (RN)", diz a prefeita, assustada também com êxodo rural.

A ineficiência da coleta de lixo, dominada por duas empresas privadas, é agravada pelo mau hábito da população de jogar seus restos na rua e até ao lado de **containers**. Os esforços da prefeitura se limitam a campanhas educativas de pouca penetração e cobrança de taxas, mas só a quem produz mais de 100 litros por dia — até agora, apenas 95 empresas estão cadastradas. A arrecadação é revertida em compras de caminhões para frota da prefeitura, atualmente com 18 veículos.

"O maior índice de analfabetismo do Brasil é o do Ceará", afirma o secretário municipal de Educação, Manuel de Araújo Couto. Segundo ele, Fortaleza tem 100 mil crianças em idade escolar fora das escolas. Os colégios particulares concentram 52,4% dos alunos de 1º grau e metade das crianças do município estuda em escolas comunitárias, que não fazem parte da rede oficial. Dos 327 menores com idade entre sete e 14 anos, 226 mil estão matriculados.

Com dívida bancária em três milhões de dólares — segundo o secretário municipal de Fazenda, Antonio Carlos Souza —, Fortaleza tem na política um dos motivos para sua carência de recursos. A "administração popular" esbarra no governo estadual pemedebista e na sociedade tradicionalmente conservadora. "Em nenhum momento o governo do estado ajuda a cidade, pelo contrário, cria dificuldades", reclama o secretário.

A economia é marcada pelo comércio, que tem grande numero de ambulantes, e pelo funcionalismo público. A prefeita, que trocou o PT pelo PSB, conta o que aconteceu quando reduziu de 42 mil para 24 mil o número de contracheques dos servidores municipais: "A cidade quase desabou sobre mim." Até da falta de padrinhos políticos a cidade se ressente. O senador, por duas vezes governador, Virgílio Távora, morreu. Camilo Calazans, ex-presidente do Banco do Brasil, que segundo a prefeita lhe deu apoio, não está mais lá, assim como deixaram o governo os assessores do ex-ministro Bresser Pereira, que lhe eram simpáticos.

A nova ordem asiática

■ A orla do Pacífico está se transformando rapidamente na arena econômica do mundo industrializado

Armand Hammer/Los Angeles Times

UMA nova ordem de harmonia política e prosperidade econômica está para nascer no Extremo Oriente, tendo como berço a orla do Pacífico. Tenho a satisfação de ser um dos espectadores a testemunhar sua chegada, ansioso para ver a criança crescer.

"Nova Ordem" é uma expressão historicamente fria, mas o que está surgindo no Oriente não tem raízes ideológicas nem é um conjunto de preceitos teológicos retirados de textos antigos. Os sinais captados em alguns dos países e cidades preponderantes do Extremo Oriente, tanto capitalistas como comunistas, são de que a maioria das pessoas cada vez mais desejam viver juntas em próspera harmonia — não impor uns aos outros suas crenças políticas e ideologias divergentes, mas melhorar o mais possível seu padrão de vida através do comércio entre si e, de qualquer modo, deixar que cada um viva sua vida.

Acho que não vai demorar muito para Formosa negociar diretamente com a República Popular da China e o mesmo acontecer entre as Coréias do Sul e do Norte. Por causa de sua posição nos mercados internacionais e por causa do seu povo, estes países **necessitam** uns dos outros. E a experiência em 70 anos de negócios me ensinou que, a longo prazo, a necessidade econômica sempre conta mais do que a ideologia.

O que está acontecendo no Extremo Oriente é incrível; a velocidade das mudanças é tão rápida, o ritmo das atividades humanas tão frenético que às vezes a gente duvida do testemunho dos próprios sentidos.

A última vez que estive em Seul, há seis anos, havia seis pontes sobre o Rio Han, ligando os dois lados da cidade. Quando a visitei no mês passado, contei 16 pontes e vi mais duas em construção. Em 1982, quando visitei a Coréia do Sul pela primeira vez, a população de Seul era de 7 milhões de habitantes. Agora, são 10 milhões. Quantos serão no final do século? Em Taipé, um alto membro do partido governante, o Kuomitang, fez piada com a idéia de que a China poderia dar ajuda econômica a Formosa se algum dia esses países se reunificassem, dizendo: "Para falar a verdade, qualquer oferta de ajuda deveria ser do outro lado."

As reservas externas da minúscula Formosa somam 75 bilhões de dólares, e, como me disse um ilustre diplomata americano, "o país está nadando em liquidez: isto fica evidente quando você anda nas ruas; os bancos estão abarrotados". Os benefícios dessa prosperidade são sentidos pelas pessoas em todos os níveis.

Sob uma nova política liberal, dezenas de milhares de habitantes de Formosa podem agora visitar seus antigos lares e parentes no continente. Para espanto de ambos os governos, praticamente todos os que têm feito a viagem têm retornado a Formosa e aos benefícios do sistema da livre empresa. Os únicos a ficarem foram algumas pessoas idosas que desejam ser enterradas no antigo país e alguns empresários que detectaram oportunidades financeiras sob a política de "portas abertas", de Deng Xiaoping.

A orla do Pacífico está se transformando rapidamente na arena econômica do mundo industrializado ("estes países são plataformas de produção para o Ocidente", disse-me um diplomata americano); mas poucos de nós começamos a entender o que esses países poderiam conseguir se pudessem romper as velhas barreiras políticas e ideológicas que ainda os refreiam economicamente. Em minha recente viagem, detectei claros sinais de que as rupturas podem estar iminentes.

> *"Em Seul, negociantes impacientes insistiram comigo para agir como intermediário entre eles e o governo da Coréia do Norte, na esperança de efetivar alguma conexão comercial entre o norte e o sul."*

Seria absurdo tratar a orla do Pacífico como uma entidade econômica homogênea. Cingapura, Indonésia e Filipinas são diferentes entre si e diferentes da Coréia do Sul e de Formosa. Os problemas políticos desses dois últimos países são excepcionais — disso é testemunha a contínua agitação em Seul. Contudo, a Coréia do Sul e Formosa têm uma característica econômica em comum: um incrível rendimento de produção, conseguido, na verdade, sem nenhuma matéria-prima. Enquanto isso, do outro lado das fronteiras de ambos os países, há reservas ilimitadas de riquezas minerais, interceptadas pelos caprichos da história e conseqüências da guerra. Imaginem o que a Coréia do Sul poderia fazer se conseguisse acesso às reservas minerais da Coréia do Norte; e o que Formosa conseguiria, se tivesse acesso a uma parte dos superavits minerais da China.

Esse comércio serviria aos interesses da Coréia do Norte e da China. Como acontece com todos os membros do bloco socialista, os dirigentes do Pyongyang e de Pequim enfrentam crescentes dificuldades para proporcionar a seus povos níveis de vida satisfatórios. Suas indústrias internas não têm capacidade para fornecer bens manufaturados acabados na quantidade e qualidade exigidas pelo povo.

Eles compreendem que a soluão está, parcialmente, em ligações comerciais amigáveis com os velhos inimigos capitalistas em suas fronteiras. Os céticos dirão que isso não acontecerá em grande escala em futuro previsível. Mas eu acredito que o futuro já está chegando.

Em Taipé, almocei com todos os grandes fabricantes de cimento de Formosa. Estes industriais compram carvão na Austrália, África do Sul e Estados Unidos. Poderiam importar carvão muito mais barato da China, mas velhas barreiras proíbem esse comércio. Um dos seus temores, não o menor, é ficarem dependentes do carvão do continente, que a China poderia cortar a qualquer momento. Dei-lhes uma idéia, sugerindo que se voltem para o capitalismo americano a fim de satisfazer as necessidades de Formosa e da China.

Em associação com o governo chinês, minha companhia, a Ocidental Petroleum Corp., desenvolveu uma das maiores minas a céu aberto do mundo em An Tai Bao, província de Xianxi. Enquanto isso, através de sua subsidiária, a Island Creek Coal Co., a Ocidental é uma das maiores produtoras de carvão dos EUA. "Que tal", disse eu aos fabricantes de Formosa, "se vocês nos comprassem carvão chinês e nós garantíssemos o fornecimento contra nossas reservas americanas? Desse modo, vocês seriam independentes da China."

Ao redor da mesa, os cavalheiros, que saboreavam uma delicada sopa de tubarão, saudaram minha idéia com alegres gargalhadas e aplausos. Não a rejeitaram imediatamente como inexeqüível ou imoral. Não levantaram objeções éticas a realizar negócios com seu velho inimigo. O único impedimento mencionado foi que tal arranjo exigiria uma mudança de política nos altos escalões (e depois, **sotto voce**, acresceram que essa mudança talvez fosse possível).

Quando homens forjados na escola de Chiang Kai-chek podem dizer que fariam tranqüilamente negócios com a China continental, através da intermediação de uma firma americana, então os observadores podem realmente calcular que um novo dia está nascendo no Mar da China.

Em Seul, negociantes impacientes insistiram comigo para agir como intermediário entre eles e o governo da Coréia do Norte, na esperança de efetivar alguma conexão comercial entre o norte e o sul.

Contudo, sabemos muito mais sobre Pequim do que sobre o Pyongyang. Conheço Deng Xiaoping tão bem como conheço qualquer dirigente político da terra; não há no poder, em nenhum país, homem mais realista e pragmático. Deng iniciou uma política de "portas abertas" muito antes de ouvirmos falar da **glasnost** em Moscou e, até certo ponto, as políticas reformistas de Mikhail Gorbachev parecem refletir as campanhas de Deng em Pequim. Se as autoridades de Formosa abrirem uma janela de oportunidade, Deng entrará por aí com a China.

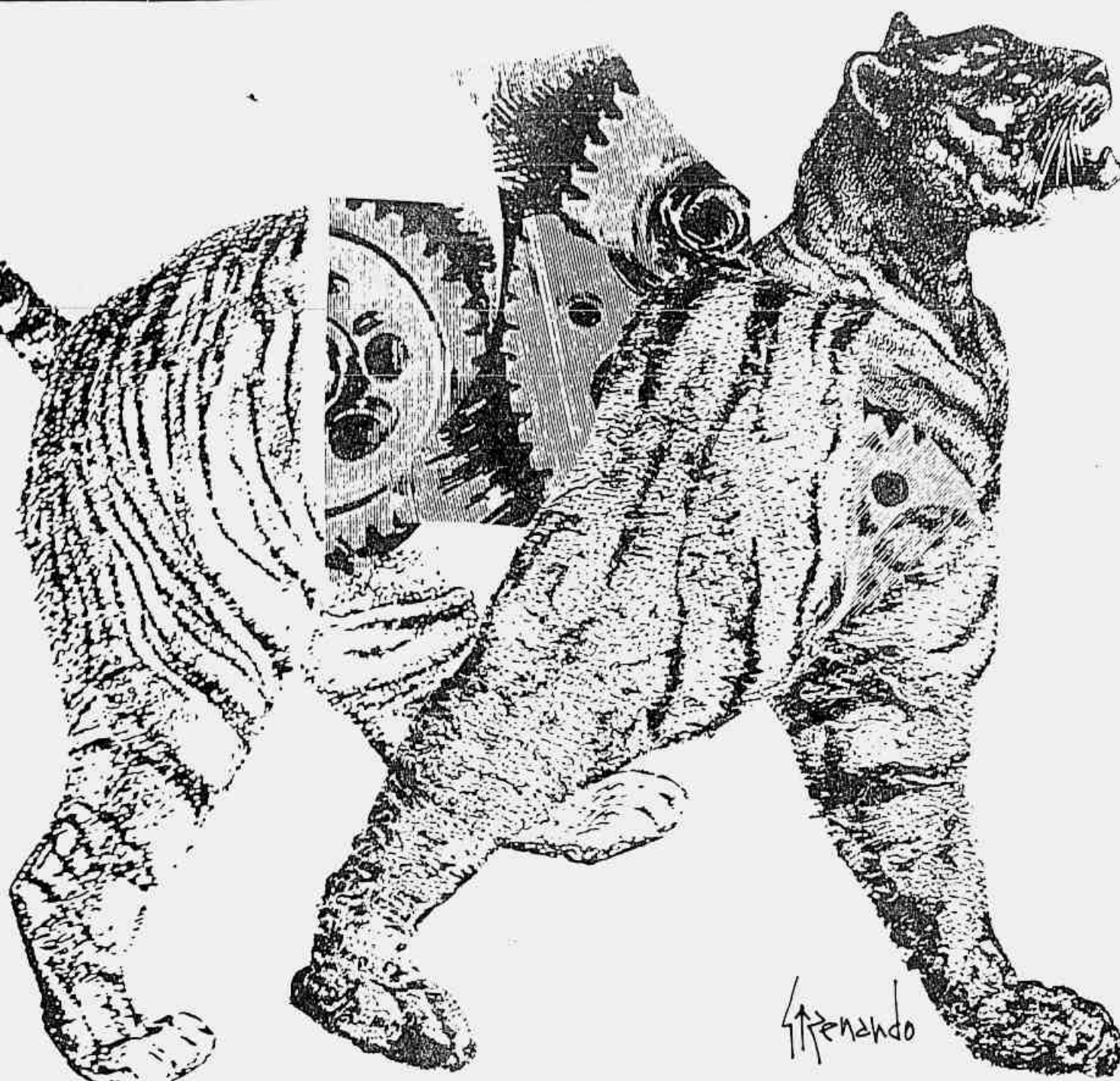
Kim Il Sung, em Pyongyang, é uma força menos previsível. A Coréia do Norte é a Albânia do Extremo Oriente, uma das sociedades mais rigidamente controladas e exclusivas em toda a história. O comportamento público do governo parece extremamente hostil ao mundo externo e as percepções políticas da liderança norte-coreana são objeto de especulação de todo mundo.

Todos estão olhando para as Olimpíada de Seul como um teste vital para boa fé de Kim Il Sung. Se ele contiver seus seguidores e os jogos olímpicos seguirem seu curso sem distúrbios ou ataques, podemos acreditar que a Coréia do Norte deseja sinceramente um novo clima de boa vontade; nessas circunstâncias, talvez possamos considerar mais favoravelmente o pedido do presidente Roh Tae Woo para que os amigos da Coréia do Sul tentem abrir novo relacionamento comercial com a Coréia do Norte.

A posição do governo dos EUA é inequívoca: firmeza inflexível. Durante recente visita à Coréia do Sul, o secretário de Estado George Shultz reafirmou o apoio a Roh e confirmou que tropas americanas permaneceriam na Coréia do Sul. Um dia depois que estive com Roh, o secretário de Defesa dos EUA, Frank Carlucci, de visita a Seul, disse que os EUA estavam dispostos a usar força militar para impedir quaisquer atividades terroristas dos norte-coreanos.

Declarações firmes das intenções americanas dão confiança e segurança a Roh. Seus pronunciamentos públicos mais recentes mostram que ele está cada vez mais disposto a iniciar um acordo com Kim.

Com o início do comércio entre as Coréias do Norte e do Sul, e entre a China e Formosa — levando posteriormente ao livre comércio na região e através do mundo, daríamos um passo vital rumo a uma nova ordem na política mundial. E o século XX, tantas vezes tão desanimador e sombrio para o Extremo Oriente, poderia fechar com uma grande nota de esperança, uma nova alvorada na marcha para a paz mundial.

Armand Hammer é presidente da Occidental Petroleum Corp.

ÚSICA | *Luiz Paulo Horta*

CLÁSSICA

Loucuras no IBAM

Margarita Schack (soprano), Maria Teresa Madeira (piano) e o percussionista Carlos Sergipe são os responsáveis pelo programa de terça-feira no IBAM. Um recital de surpresas; ou, como anunciado, "A Arte — ou Loucura — de fazer um programa"; ou ainda, "como combinar Duke Ellington com Bach, Lionel Ritchie com Brahms, Folklore com Koellreutter", etc, etc. Especialista em música contemporânea — e em **happenings** deste tipo —, Margarita Schack é casada com o professor Hans-Joachim Koellreutter, guru de diversas gerações de músicos brasileiros. A pianista Maria Teresa Madeira é uma camerista consumada. O que se pode garantir, desde já, é que o programa será bem pouco convencional. Está marcado para as 21h50min.

Margarita Schack

Corais em confronto

Numa promoção que já se integrou definitivamente à nossa paisagem musical, o JORNAL DO BRASIL e a Rádio JORNAL DO BRASIL, com patrocínio da Coca-Cola, realizam de 22 a 26 de novembro, na Sala Cecília Meireles, o 11º Concurso de Corais do Rio de Janeiro. As apresentações incluem uma etapa eliminatória, de 22 a 24, e as provas finais a 25 e 26. Realizado a cada dois anos, o concurso congrega conjuntos vocais de todo o país, e tem revelado continuamente novos valores em termos de regência ou de conjuntos vocais. Premiados recentes são o Coral Harmonia, Coral da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Canto Livre e Coral da Universidade de Brasília, grupos cujo trabalho resultou em apresentações de alto nível. Para o concurso deste ano estão previstas três categorias: infantil, juvenil de vozes mistas e adultos de vozes mistas. Cada conjunto deverá executar uma peça de confronto destinada à sua categoria, uma peça de livre escolha, uma obra de autor brasileiro e uma peça folclórica. Inscrições podem ser feitas sem ônus, pelos regentes dos conjuntos, até 14 de outubro, no JORNAL DO BRASIL ou em suas sucursais nos Estados.

□ **Heitor Villa-Lobos e o Dilema da Cultura Brasileira** é o tema da palestra a ser realizada amanhã, às 21 horas, no Teatro da UFF (Niterói) pela professora Maria Célia Machado. Harpista da Orquesta do Teatro Municipal e professora da Escola de Música da UFRJ, Maria Célia é experiente estudiosa do tema, e publicou recentemente um livro de textos de Villa-Lobos.

□ O pianista Sérgio Barcelos, que se apresenta dia 14, às 18h30min, no IBEU de Copacabana, é outro grande estudioso de Villa-Lobos, que vem divulgando sobretudo na Espanha, onde se aperfeiçoa artisticamente. No IBEU, Sérgio tocará Chopin, Mignone, Nazareth e (naturalmente) Villa-Lobos.

□ Uma versão de **West Side Story** dirigida pelo próprio compositor — Leonard Bernstein — será exibida hoje, às 22 horas, na TV Manchete, em vídeo que investiga também os bastidores da produção. Nos papéis principais, Kiri Te Kanawa e José Carreras.

□ Hans Graf e Clarissa Costa, formando o ilustre duo pianístico que acaba de apresentar na Sala Cecília Meireles **A Arte da Fuga**, de Bach, inauguram dia 16, às 19 horas, o piano Boesendorfer do Museu de Arte Moderna, recém-chegado de Viena. O recital será realizado em benefício da obra social O Sol, e inclui a grande Sonata de Mozart para piano a quatro mãos, uma igualmente célebre Fantasia de Schubert e, de Ravel, **Ma Mère l'Oye.**

□ O Madrigal degli Amici canta hoje, às 18 horas, na Casa de Cultura Laura Alvim.

□ O tenor Eduardo Alvares de partida para a Europa: participa, com Ileana Cotrubas, de **tournée** da London Sinfonietta.

□ A Filarmônica do Rio de Janeiro comemora hoje o seu 10º aniversário de existência, apresentando-se na Sala Cecília Meireles às 21 horas. O programa inclui Bach, Mozart e Grieg. Solista: Lícia Lucas. Regência de Florentino Dias.

□ Às 10h30min, também na Sala, a Sinfônica Jovem está se apresentando sob a regência de David Machado. No programa, **Suite Cinematográfica** de Guerra Peixe, Concerto em lá menor (para violino) de Bach e **Sinfonia Modal** de Ernst Mahle.

Visita a um velho pesadelo

L'Express

■ Os primeiros 500 mil exemplares sumiram em apenas dois dias. Até o final do ano, seus editores calculam que 2,4 milhões de livros serão vendidos. Ele foi traduzido em vinte línguas e a versão brasileira deverá ser lançada em outubro, pela editora Best Seller. Os que leram **Os filhos de Arbat**, de Anatoli Rybakov, durante os 20 anos em que ficou proibido, perceberam logo o fenômeno. O poeta Ievtuchenko sentenciou: "Esse romance será capaz de mudar a União Soviética". Abaixo, reproduzimos um trecho da obra de Rybakov e um artigo do historiador francês Emmanuel Leroy Ladurie sobre esse livro situado entre o riso e o terror.

"Quem denunciava o mau funcionamento de uma máquina era deportado"

Alguém correu, um dia, para a casa de Sacha: a desnatadeira estava quebrada. Ele a havia consertado tempos atrás e tinha compreendido que era absolutamente desnecessário: as correias já tão usadas não sustentavam as roscas; Sacha se cansara de pedir para enviá-la para a seção dos tratores, mas sem o menor sucesso.

No mesmo dia, à noite, uma carroça parou diante da casa de Sacha; desceu um camponês desconhecido, que entrou e deu para Sacha uma carta dirigida ao deportado A. P. Pankratov: "Com o recebimento da presente, você está convocado para comparecer imediatamente à presença do chefe da seção da NKVD do distrito de Kejma. Ass: camarada Alferov." Seguia a assinatura de Alferov, uma assinatura de homem cultivado, sem volutas desnecessárias. O próprio Alferov produzira esta impressão de homem cultivado para Sacha, ao ponto que este último ficou admirado dele não ser o chefe de uma seção de distrito da NKVD. Depois, seu título não era claro: ele era civil.

Seu escritório era situado na própria casa em que trabalhava, ocupando a parte anterior da cabana de madeira. Mas ele recebeu Sacha numa vasta peça, cuja porta dava para um escritório, uma outra para um quarto e uma terceira para a cozinha e, de lá, para o corredor a julgar pelo frio que vinha daquela parte.

"Sente-se Pankratov", disse Alferov, indicando uma cadeira perto da mesa e se sentando do outro lado.

Ele era amável, jovial e a Sacha pareceu ligeiramente grisalho.

— Como você se instalou nesta aldeia?

— Bem, eu me instalei.

— Você está num bom quarto, com proprietários corretos?

— Estou.

— Então, muito bem.

Alferov levantou-se, retirou o globo da lâmpada que pendia em cima da mesa, acendeu a mecha, regulou-a e enfiou-a, de novo no globo. Os lados da peça mergulharam na escuridão, o centro se iluminou, e Sacha percebeu sobre a mesa uma folha de papel e adivinhou imediatamente que era uma reclamação contra ele.

— Então — disse Alferov, recostando-se na cadeira. — Então tudo vai bem, não se pode queixar, perfeito, perfeito... Mas algo vai mal, Pankratov — indicou a folha colocada na sua frente. Queixam-se de você. Você agiu de maneira premeditada, e com objetivos de sabotagem (é o que está escrito "com objetivos de sabotagem"), quebrando a única desnatadeira da aldeia. O que você tem em sua defesa?

— Não quebrei nenhuma desnatadeira, respondeu Sacha. Eu a limpei três vezes, e, por isto, fui obrigado a desmontá-la, o que é muito complicado. Quando eu o desmontei pela primeira vez, constatei que as correias tinham sido bastante usadas, que as roscas não conseguiam ficar mais firmes e que era necessário levar a máquina para a seção dos tratores para fazer novas correias. Não importa qual mecânico ou ajustador poderia realizar esse trabalho. Foi o que eu disse naquele dia e que repeti quando desmontei o aparelho a segunda e a terceira vez. Eu não sou, portanto, culpado. Os culpados foram aqueles que não levaram o aparelho para Kejma em tempo. Eu não poderia porque não tenho o direito de abandonar a aldeia.

Alferov escutava com atenção, limitando-se de tempos em tempos a mudar de posição e ajeitando-se na sua cadeira e a olhá-lo, várias vezes, de uma maneira bastante particular. Ele havia, sem dúvida, bebido um pouco no almoço e estava com vontade de ficar conversando. Depois, tinha bastante tempo.

— Bem, disse Alferov, a primeira vez, então, em que você desmanchou a máquina, você constatou que as correias estavam bastante usadas. Não foi isto que você falou?

— Foi. E em seguida, disse que...

— Deixemos isto por um momento. Você sustenta que não se importaria que qualquer mecânico ou ajustador dissesse que as correias naquela máquina não estavam boas.

— Exato.

— Eis o problema, Pankratov. Um mecânico confirmará que, agora, eu repito, só agora as correias romperam. Mas nenhum mecânico confirmará que elas se partiram há um mês, quando você pela primeira vez desmontou a máquina. E se lhe perguntasse: se o cidadão Pankratov, no momento em que fosse aparafusar a rosca, quebrasse as correias, que, então, responderia o mecânico? Ele poderia responder que ele colocou mal a rosca, movimentou mal a chave de fenda e arrebentou as correias. Raciocino logicamente?

— Não, não é lógico, respondeu Sacha.

— Como? — disse num tom admirado Alferov. — E eu que acredito que o meu forte é a lógica. Em que consiste minha falta de lógica, Pankratov?

Campo de deportados nos anos 30: danificar uma desnatadeira dava dez anos

— Quando eu desmontei a desnatadeira pela primeira vez, eu pedi que fosse imediatamente levada para a seção de tratores para consertá-la.

— A quem você solicitou isto?

— A todos que se encontravam lá.

— Quais as pessoas que se encontravam lá?

— Mulheres, as kolkhozianas. Havia umas vinte pessoas. Alferov o olhou com um ar folgazão.

— Pankratov, você é um homem inteligente e instruído. Você as avisou, e elas, na sua opinião, o que elas fizeram?

— Contar o que eu havia dito para o presidente do Kolkhoze.

— Pankratov! Você tem confiança em camponesas iletradas que nunca na vida ouviram falar em correias, parafusos. Elas são incapazes de repetir essas palavras, e elas não ousariam falar com o presidente do Kolkhoze, porque ele responderia— cuide de suas cebolas. E, depois elas não gostariam que levasse a máquinas delas, porque ele não poderia retornar. De qualquer forma, a máquina funcionava, não é? Você poderia ter dito isto ao presidente, mas você se absteve e o resultado foi que a máquina não funciona mais. E, agora, o que você me diz de minha lógica?

— Ela não tem sentido num ponto.

— Qual?

— Não sou empregado do Kolkhoze e reparei a desnatadeira gratuitamente. Eu queria fazer simplesmente um favor. A única questão é a seguinte: quebrei ou não a máquina? Como, desde a primeira vez que a desmontei, publicamente disse que ela não tinha conserto, isto prova que não a quebrei. E todos podem confirmar o que eu disse.

Alferov o olhou sorrindo. Depois, perguntou-lhe numa voz subitamente triste e baixa:

E eles confirmarão?

— Por que não? — respondeu Sacha com um tom pouco seguro, pois ele começava a compreender a precariedade de sua situação.

— Ah! Pankratov, Pankratov! — continuou Alferov no mesmo tom de voz, baixo e triste. Como você é ingênuo. Imagine que o tribunal convoque esses camponeses. Você conhece os nomes e os sobrenomes deles? Claro que não. Segundo, eles fogem de todos os tribunais como se fosse da peste e se esforçam, de todas as maneiras, para não aparecerem no tribunal. Se, apesar de tudo isto, conseguisse levar dois ou três à sala do tribunal, eles só repetiriam: eu não vi nada, não escutei nada, eu não sei de nada. Nós, então, teríamos de um lado da balança um deportado, um contra-revolucionário, e, de outro, o presidente do Kolkhoze, que representa o poder, que é o senhor do seu destino. Em favor de quem se testemunharia? Desça das nuvens, Pankratov, e avalie a sua situação. Você não tem nenhuma testemunha. E o presidente do Kolkhoze, todos os habitantes da aldeia! E o procurador terá todas as razões do mundo para acusar você de degradação material premeditada de material agrícola, isto é, sabotagem. É claro que você costuma ler o jornais, não é?

— Eu ainda não os recebi pelo correio.

— Mas em Moscou, você os lia, não?

E você sabe muito bem. Em todos os lugares, há atos de sabotagem. São tratores, ceifadeiras, inúmeras máquinas agrícolas. Há atos de sabotagem em vários lugares, não é verdade? As máquinas são quebradas, mas quem as quebram? Os kolkhozianos? Por quê?... E o resultado é que não temos outra saída. O mujique russo só conheceu, durante séculos, um único instrumento: o machado e nós, nós lhe confiamos um trator, uma ceifadeira, um automóvel e eles o quebram por ignorância, por falta de conhecimento, por analfabetismo. Que devemos fazer? Esperar que o campo adquira os rudimentos da tecnologia, ultrapasse seu atraso ancestral e que o mujique transforme o seu secular comportamento? E os deixar quebrar os tratores, as ceifadeiras, os automóveis, se é este o preço que devemos pagar para que eles possam se instruir? Mas não podemos deixar nossas máquinas ao léu, prontas para a demolição e a destruição: nós as pagamos com o nosso sangue. E não podemos esperar mais: os países capitalistas nos sufocam.

Nós só temos um meio, é duro, mas não há outra forma: é o medo. O medo concretizado pela palavra "sabotador". Você quebrou o trator, portanto você é um sabotador, merece uns dez anos! E por uma debulhadora ou uma ceifadora, são também dez anos. Então, nosso mujique começa a refletir, a coçar a nuca, a cuidar de seu trator, e oferece uma garrafa a um técnico improvisado para que ele o ajude. Alguns dias atrás, eu passeava pela margem do rio quando vi um camarada sentado num bote com um motor de popa, chorando: "Eu puxei a corda e quebrei alguma coisa, o motor não pega e eu vou pegar cinco anos." Era um motor simples, quase primitivo. Eu o abri e vi que a alavanca de comando tinha saído do lugar. Recoloquei-a e o motor pegou. E esse camarada teria sido condenado por deterioração de material, por sabotagem do plano e da economia da região, e Deus sabe por que mais. São as diretrizes dos tribunais. E não há outra solução; salvamos nossos equipamentos técnicos, salvamos nossas indústrias, salvamos nosso país e seu futuro. Por que os países ocidentais empregam outros métodos? Vou lhes dizer. A União Soviética produziu seu primeiro trator em 1930, e os países ocidentais em 1830, isto é, 100 anos antes. Portanto, eles já têm um século de experiência e, ainda por cima, lá os tratores são de propriedade dos particulares, e cada um cuida bem do seu. Mas aqui, os tratores pertencem ao Estado, que deve tomar conta deles. Se nos damos cinco anos, até dez, pela sabotagem de um camponês iletrado que teve a infelicidade de ser desajeitado, quantos anos daríamos a um deportado, a um contra-revolucionário e quase-engenheiro como você? Qualquer juiz o condenará sem hesitar, em sua alma e consciência; você será responsável pela paz de sua consciência, pois ele dirá: condenei esses pobres mujiques obedecendo ordens; mas esse aí é por um bom motivo! Você não compreende sua situação, Pankratov! Você acha que, deportado, vive em liberdade! Erro! Digo mais: os detentos dos campos estão em melhor situação. Claro, evidentemente que nos campos é duro, você está atrás do arame farpado. Mas lá, você está rodeado de detentos como você, todo mundo é igual. Aqui não há guardas nem torres de controle: estamos rodeados de floresta, o ar é puro; mas aqui você é um corpo estranho, um inimigo; aqui você não tem nenhum direito. À primeira denúncia, somos obrigados a prendê-lo. Basta que seu senhor declare que você disse frases hostis contra o camarada Stalin. E eis você acusado de preparação de um ato terrorista.

Ele observou Sacha e sorriu. "As coisas são assim, Pankratov, no que diz respeito à primeira acusação. Por esta você não pega menos de uns dez anos, entendeu, Pankratov?

— Entendi — respondeu Sacha.

Ele tinha compreendido muito bem. Se Soloveitchik tinha sido deportado por causa de uma anedota inocente; Ivachkine por causa de um erro de impressão em um jornal; o cozinheiro por ter amaldiçoado a sopa, se por causa de um par de solas de sapatos você levava dez anos em virtude da lei do 7 de agosto, se ele mesmo tinha sido deportado por causa de epigramas completamente estúpidos, era evidente que depois da história da desnatadeira a gente não ia bobear com ele

O apparatchik canonizado

Um grupo de jovens da rua Arbat, ponto de encontro da **intelligentsia** moscovita, se dispersa "aos pares", ao saber dos expurgos estalinistas. De um lado, emerge um casal negativo: Yuri, filho de um alfaiate, se torna agente oficial da polícia política, logo encarregado por seus patrões de tramar a morte de Kirov. Esse policial promissor forma uma dupla com sua amiga-inimiga Vika, filha de um grande médico, descendente de nobres da Ucrânia, garota de programa para farristas estrangeiros. Os tempos bicudos a transformaram em indicadora, manipulada por Yuri. Do outro lado, dois jovens operários, caros ao autor, ascendem moderadamente na escala social: a encantadora Varia devota uma paixão pura e infeliz a Sacha, condenado a alguns anos de exílio na Sibéria por causa de uma brincadeira de estudante. Esse vigoroso jovem é deportado para a taiga, não propriamente para o Gulag, mas para uma aldeia de fazendeiros marginais, em torno da qual gravitam as vítimas das perseguições; entre elas, um comerciante, renegado por seu filho que pretende prosseguir seus estudos, e um ex-policial czarista, que tenta impor o divórcio a sua mulher para que ela possa refazer sua vida... Em uma cena extremamente evangélica, um padre dostoievskiano lava os pés de Sacha. Uma jovem judia, que crê em Deus e quer emigrar para a Palestina, consola os expatriados. Sobre esse fundo de floresta sub-aquática, cheia de ursos e foragidos, os bons sentimentos nem sempre descambam em má literatura.

Além dos ex-locatários da Arbat, o outro interesse do livro reside na polícia secreta (e superior hierárquico de Yuri), é apresentado pelo romancista como um antigo espião a serviço da polícia do Czar. Iejov, sucessor de Iagoda e seu carrasco, é um anão sádico, uma espécie de máquina calculadora dotada de patas: "Esse nanico funciona como um fichário ambulante", escreve Rybakov. Resta Stalin, cujas meditações secretas transparecem para o leitor, combinadas a comparações históricas: o ditador bigodudo ocupa seu lugar numa galeria de quadros que inclui Pedro o Grande, Ivã o Terrível, Robespierre e Napoleão. A hilariante extração de um dente do ditador, dificilmente levada a cabo por um dentista tremelicante que acabará perdendo seu emprego, é um dos pontos altos da obra.

Todo o final da narrativa está assentado nos preparativos da morte violenta de Kirov, dirigente do partido em Leningrado. Seu assassinato, obviamente premeditado por Stalin, inaugura o grande terror e os processos na base de confissões "espontâneas", dirigidas contra os antigos companheiros de Lenin: Zinoviev, Kamenev, Bukharin. Nessa perspectiva contrastada, Kirov — caso tivesse sobrevivido — teria sido o homem de todos os degelos, de todos os socialismos humanistas? De toda forma, ele é apresentado como um herói tranqüilo, um bom dirigente que quer "deixar o terreno limpo para a História, obras, desenvolver a indústria, a ciência, a cultura, e deseja se opor a todos os excessos".

Quer dizer, um Gorbachev "avant la lettre"? Na verdade, ele não merecia nem a indignidade que Stalin lhe impôs, nem o excesso de honra com o qual Rybakov volta e meia o cumula. Kirov tinha lutado, em 1920, contra a república livre da Geórgia. Durante a guerra civil, ele tinha praticado uma repressão selvagem. Homem forte do Azerbaidjão, entre 1921 e 1925, Kirov eliminou sem qualquer suavidade a resistência religiosa e nacional; arrancou dos partidários de Zenoviev o controle da organização do partido em Leningrado. Ele foi, em suma, o porrete de Stalin na segunda cidade da União Soviética. Que os cúmplices do ditador se livraram desse porrete em 1934, com a habitual crueldade, é um fato histórico inegável.

Não há, pois, como canonizar o **apparatchik** de Leningrado, sob pretexto de que ele foi uma das primeiras vítimas do massacre que ele próprio avalizara em outros tempos.

Em resumo, o livro de Rybakov é muito amarrado, vivo, variado; simultaneamente atroz e sorridente. Ele vai acabar tornando céticos os últimos crentes do bolchevismo tardio, de essência estalinista ou pós-estalinista. Sua publicação sinaliza uma certa abertura intelectual na Rússia de hoje. Rybakov chega mesmo (com uma discrição infinita, é verdade) a arranhar, umas duas ou três vezes, a múmia de Lenin! A leitura de sua obra trágica e agradável não deixará saudades da eloqüência rabelesiana de um Zinoviev, nem dos furores apocalípticos de um Soljenitsyn. Aqui o tom é outro: a objetividade jovial e curiosa, tingida de um profundo pessimismo e de humor negro.

(Emmanuel Leroy Ladurie)

Stalin com Kirov, o chefe do partido em Leningrado, pouco antes de ser assassinado

Os funcionários do genocídio

Luc Ferry e Sylvaine Pasquier
L'Express

■ *Ele dedicou 36 anos de sua vida a desmontar o mecanismo burocrático nazista, responsável pelo holocausto. O resultado é o livro definitivo sobre o assunto,* A destruição dos judeus da Europa, *lançado recentemente em Paris e que serviu de base para o filme* Shoah, *de Claude Lanzman. Ele não fala em "catástrofe" ou "extermínio", empregando sempre termos frios e neutros (embora implacáveis e irrefutáveis) pouco apropriados aos requisitórios indignados. Seu livro refuta todo tipo de revisionismo complacente: não é uma reafirmação da "banalidade do mal" de Hanna Arendt, mas a descrição de um processo cotidiano no qual tomaram parte todas as engrenagens da sociedade alemã. Ele diz: "Pessoas normais, nos escritórios, aplicavam rotineiramente a solução final."*

Quando e como nasceu seu livro?

Em Nuremberg, em 1948. Eu assistia, então, ao processo como testemunha do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Fiquei convencido de que os SS não eram os únicos responsáveis pela destruição dos judeus: todas as organizações do estado alemão estavam implicadas nessa tarefa. Para começar as ferrovias, das quais dependiam o transporte dos produtos industriais e das tropas, assim como a deportação. O trabalho era simples: encontrar informações. Não imaginava, então, a que ponto ele seria árduo. Até o final dos anos 50, não descobri nada sobre os trens — nenhum horário ou itinerário. E a Reichsbahn era um monstro administrativo: em 1942, ela tinha meio milhão de funcionários! Seus arquivos tinham sido destruídos com a eficácia que caracterizava seus serviços, em parte ajudada pela aviação aliada porque as estradas de ferro eram alvos privilegiados. Com o tempo foram surgindo alguns documentos, sobretudo os que haviam caído nas mãos do exército vermelho. O acaso também ajudou: na estação de Minsk [URSS] descobriu-se uma centena de páginas de uma correspondência sobre os trens destinados a Auschwitz e Treblinka; sobre as atas de conferências realizadas em Berlim a respeito do transporte das vítimas através da Europa.

Como foram esses anos de pesquisa?

Como a montagem paciente de um **puzzle** destinado a reconstituir o cotidiano de algo inédito na história. A Alemanha nunca teve comissariado para questões judias. Ela não precisava disso. Pessoas normais, nos escritórios, aplicavam a solução final rotineiramente. No mesmo registro relativo aos "comboios especiais", figurava um trem de férias para a juventude hitlerista e um trem de judeus destinado às câmaras de gás. Os especialistas do orçamento da Reichsbahn negociavam constantemente com a Gestapo, responsável pelas encomendas em matéria de deportação. Era um transporte "como os outros", devidamente faturado, pagando tarifa de terceira classe embora utilizasse vagões para animais. Quatro **pfenings** por quilômetro. As crianças de menos de dez anos pagavam meia tarifa, as de menos de quatro viajavam gratuitamente. Para os deportados a Gestapo adquiria apenas bilhetes de ida; para os guardas, de ida e volta. Tudo era cuidadosamente registrado, inclusive os créditos concedidos à Gestapo. Seus fundos, aliás, eram insuficientes para cobrir despesas tão elevadas. Resolveu-se então empregar os recursos que o escritório central da segurança do Reich cobrava das comunidades judias. Isso equivalia a fazer com que os judeus pagassem sua própria deportação. Três milhões deles embarcaram nos vagões do Reich.

O senhor viveu a ascensão do III Reich na Áustria. Quando descobriu o que se preparava?

Eu tinha 12 anos em 1938, mas me lembro da **Anschluss** (a anexação da Áustria pela Alemanha). Em uma noite deixei de ser uma criança. Nos dois primeiros meses da ocupação, a população judia ignorou o perigo que a ameaçava. Os que abandonaram o país o fizeram porque não tinham mais os meios de subsistência: seus bens haviam sido confiscados. As autoridades alemãs impuseram uma data-limite para a saída do país: o dia primeiro de abril. Muitas pessoas vinham lá em casa sem saber o que fazer nem o que pensar. Os mais velhos se sentiam protegidos por sua honorabilidade. Mas meu pai — que havia passado seis meses na frente de batalha do exército austríaco, tinha sido ferido e condecorado — não se julgou a salvo.

O que ele fez?

Ele escolheu os Estados Unidos via Cuba, uma das portas de entrada. A legislação americana me favorecia, devido a minha idade, mas impunha um prazo de espera para meus pais. Foi assim que cheguei sozinho em Havana, em 1939. Quatro meses e meio depois fui acolhido por uma família. Entrei numa escola — em seis meses estava falando inglês. Aos 18 anos enverguei o uniforme do exército americano.

E voltou à Europa?

A batalha das Ardenas já havia terminado, não participei dos combates. Meu regimento tomou Munique, enquanto eu dormia na retaguarda. Quando acordei, ainda estremunhado, entrei no jipe de um soldado tão perdido como eu e acabei desembarcando no meio de uma divisão alemã. Uma comédia. Disse-lhes que eram prisioneiros de guerra e, para meu espanto, eles abandonaram suas armas. Durante cinco ou seis semanas errei pela cidade. Foi assim que descobri a biblioteca de Hitler. Sessenta caixas! Livros sobre Frederico o Grande, sobre arquitetura, alguns dedicados ao "arquiteto da Alemanha", o que deveria envaidecer Hitler. Lembre-se de que ele havia sido recusado pela Escola de Belas-Artes de Viena porque não era capaz de fazer um retrato.

O Reich teria sido a aberração de um arquiteto fracassado?

No final da guerra eu me perguntava como Hitler havia concebido o processo de destruição dos judeus, em que medida sua interminável burocracia tivera consciência disso. Eu acreditei, e acredito ainda, que eles viveram isso como uma experiência "estética", por mais estranho que essa palavra possa soar nesse contexto. Como uma espécie de estrutura monumental, um edifício de leis, decretos, diretivas, regulamentos, construídos num espírito coerente, com a permanência de um **leitmotiv** — como em uma obra de arte. A experiência se concentrou, cristalizou em 12 anos frenéticos. Eles não tiveram necessidade de convencer nem de converter as pessoas. A ideologia nazista, ao contrário da comunista, não era "missionária": só os alemães, os verdadeiros arianos, eram dignos de ser nazistas.

Por que, então, levar a cruzada ariana e anti-semita além das fronteiras alemãs?

Porque estavam em situação de força e, para a realização do nazismo, eles decidiram selecionar os povos e expandir a idéia de arianidade. Compreendi claramente isso em Munique, em 1945. Estava sentado com os livros de Hitler nas mãos e pensava: foi aqui que Chamberlain e Daladier vieram, em 1938, assinar um acordo que não impediu nada.

O que sabia sobre o genocídio naquele momento?

Alguma coisa. Os nomes de Auschwitz e de Birkenau não me eram desconhecidos, ainda que se aplicassem a uma realidade pouco nítida. Não se esqueça que tínhamos parentes espalhados pelo continente. Um tio de Viena num campo dos Pireneus (tivemos notícias dele até 1942); um outro, fazendeiro, que vivia na Polônia com nossos avós, uma tia que falava várias línguas e que trabalhava numa fábrica de meias na Romênia, na região conquistada pela Hungria. Pessoas modestas. O grande homem da família era o tio médico que vivia com sua mulher e duas filhas, lá para os lados do corredor de Dantzig. No total, 26 parentes próximos que não se manifestaram no final da guerra. Em 1945, a comunidade judia contou seus sobreviventes: famílias inteiras haviam desaparecido da face da terra.

Como conseguiu avaliar de forma detalhada o número de vítimas do holocausto?

A burocracia não podia dispensar os números. Três seções dividiam entre si a contabilidade das vítimas, segundo se tratasse de morte por privação, execuções sumárias, exterminação nos campos da morte. Os conselhos judeus dos guetos eram encarregados de transmitir estatísticas aos organismos alemães. Elas são muito precisas quanto ao de Varsóvia, desde sua criação, no final de 1940, até 1943, sem contar a insurreição: 83 mil mortos. E o de Lodz: 45 mil. Mortos de fome, de tifo, fuzilados — vítimas. A partir do momento em que se fecham as portas dos guetos, todas as mortes se tornam suspeitas. As estatísticas das deportações são, de longe, as mais importantes. Temos mesmo listas nominais que acompanham os planos de transporte nos países ocidentais, no Reich e Eslováquia.

Isso significa que a solução final era admitida pelo conjunto da sociedade?

Os serviços públicos e privados, os contadores, os juristas, os engenheiros, os médicos que realizaram suas experiências, os psiquiatras que aplicaram o programa de eutanásia não precisaram receber ordens de um SS para agir. As diretivas não estavam especificadas no papel. O próprio Hitler só dava ordens verbais, ou "morais", como dizia Himmler. Mas houve gente que chegou a se preocupar: Albert Speer, ministro da Produção de Guerra, e o general Fromm, comandante do exército de reserva. O Reich precisava de mão-de-obra e soldados para o **front**. Os serviços de armamentos transmitia notas a Speer deplorando as quantidades insuficientes de material fornecido por essa ou aquela usina, incriminando claramente a retirada dos trabalhadores judeus. Em 1941, a indústria bélica empregava dezenas de milhares de judeus. Uma empresa observa que eles "são mais capazes e trabalhadores do que os outros, afinal eles são os únicos que arriscam alguma coisa se o rendimento não é satisfatório".

Como explica esse consentimento coletivo?

É evidente que se os burocratas não tivessem caprichado no trabalho ele não teria sido tão bem sucedido. Se isso não aconteceu é porque os objetivos da solução final não lhes criava problemas de consciência. A construção nazista foi erguida sobre fundações antigas. A igualdade de direitos, que beneficiava os judeus sob o império romano, ficou comprometida a partir do momento em que o cristianismo se tornou religião de estado. O fracasso das tentativas de conversão envenenou as relações. Do século 13 ao século 14, por todo lugar, eles tiveram de escolher entre a conversão e a expulsão. Quando Napoleão concedeu a cidadania aos judeus da França, a Alemanha seguiu seu exemplo, forçada pelas conquistas revolucionárias.

O caso Dreyfuss é revelador quanto à persistência do anti-semitismo francês...

Sem dúvida. Mas, no mundo germânico, amalgamada ao racismo, a hostilidade aos judeus se tornou a ideologia oficial de certos partidos políticos com grande penetração na pequena burguesia. A um tal ponto que o anti-semitismo passou a ser um atributo das classes médias, algo inconcebível num aristocrata ou num intelectual.

Mas isso não basta para explicar como se chegou ao genocídio?

Os anti-semitas do século XIX retomaram a questão onde a Igreja a havia deixado. A exclusão foi a política do Reich até 1941. Organizou a segregação, os judeus foram expropriados, fechados em guetos, em seguida expulsos o mais longe possível. Inicialmente pensou-se em Madagascar, que a França deveria ceder à Alemanha — um projeto quimérico. Restavam milhões de indivíduos que os responsáveis regionais aceitavam com repugnância. Como se livrar deles? Chegou-se assim à terceira etapa: a morte. De certa forma legitimada pelo fracasso das soluções anteriores, e preparada por uma vasta experiência coercitiva conduzida durante 1.500 anos pela Igreja e o Estado cristãos.

O senhor diz que, em agosto de 1941, Himmler decidiu assistir à execução de uma centena de judeus em Minsk. E que ao ver entre eles um jovem louro de olhos azuis, chegou a interrogá-lo pessoalmente. Como faziam os nazistas para definir quem era judeu?

Os anti-semitas da geração precedente não se mostraram capazes disso. Uma coisa era atormentar a comunidade com maldições, outra era elaborar um conceito jurídico. Eles próprios caíram na armadilha ao falar em "raça judia", o que implicava "caracteres físicos comuns". Mas quais? Quem seria capaz de distinguir na rua um judeu de um não judeu? Em 1931, em Berlim, por ocasião no ano novo judeu, os camisas-marrons resolveram investir contra as sinagogas. Como ignoravam o calendário judeu, chegaram uma hora após o ofício e acabaram batendo nos arianos. Quando Hitler chegou ao poder, em 1933, um decreto excluiu os judeus das funções públicas. Os funcionários encarregados da sua aplicação não sabiam que vocabulário empregar. "Não cristão"? A expressão foi rejeitada. Foi aí que se descobriu o "não ariano".

E esse 'achado' se aplicava a quem?

A toda pessoa que tivesse, entre seus parentes diretos, pelo menos um judeu ou alguém presumidamente judeu, devido a sua fé judaica. A coisa era aparentemente clara e precisa, só que não se tratava de fatos, mas de pressuposições. Além do mais, a definição era tão ampla que se tornava perigosa. Ela incluía um número excessivo de famílias alemãs. A medida poderia desencadear uma oposição considerável. Os nazistas recuaram. Mas havia o caso dos "meio judeus", os que tinham avós judeus. Não dispondo de qualquer recenseamento, eles se dirigiram aos peritos do partido nazista, que então produziram números astronômicos. O exército preocupou-se, pois isso afetava seus efetivos. E o que fazer com o honrado pai de família que descobrisse, após 10 anos de casado, a ascedência suspeita de sua mulher? Apesar das pressões do partido, que queria equiparar os "semijudeus" aos judeus integrais, a questão foi adiada.

Como se resolveu esse impasse?

Os bravos funcionários aceitaram uma solução de compromisso com uma habilidade rara. Dividiram em dois a categoria crítica dos "semijudeus". De um lado ficaram os que estavam nos registros de uma sinagoga ou tinham se casado com um judeu na data da promulgação da lei (de 14 de novembro de 1935): esse haviam demostrado claramente o desejo de participar da **tribo**. Os que eram cristãos ou tinham um conjuge alemão foram batizados "mestiços em primeiro grau". Os alemães com apenas um avô judeu se tornaram "mestiços em segundo grau". Era uma terceira "raça", submetida a restrições mas autorizada a viver. Os funcionários separaram assim os vivos dos mortos.

Tinham, então, aceitado implicitamente colaborar com o objetivo final? A administração sabia perfeitamente o que estava fazendo?

É perigoso subestimar as pessoas. Olhei esses burocratas nos olhos, ao mesmo tempo em que lia seus testemunhos. Os que escolhem esse tipo de carreira se retraem a uma vida anônima. Não pretendem ganhar o prêmio Nobel, ao contrário, dizem sempre estar copiando o passado mesmo quando inovam. Mas nunca ignoram a importância de seus atos, sobretudo se são peritos, mesmo num terreno minúsculo. Vi o homem que estabeleceu o horário dos trens da morte, o que planejou um gueto, o que expulsou os médicos judeus, o que concebeu taxas sobre a ração de pão e sobre os enterros. Como falar em banalidade do mal?

Por que a resistência foi tão fraca e tardia? A insurreição do gueto de Varsóvia só ocorre em 1944?

As novas gerações vivem fazendo essa pergunta aos mais velhos. É uma pergunta difícil, a que o procurador do processo Eichmann, em 1960-1961, dirigiu aos sobreviventes. Acho que ela não pode ser feita a indivíduos isolados. Só a comunidade em conjunto poderia respondê-la, interrogando sua história e uma estratégia ancestral: fazer o jogo do agressor para reduzir ao mínimo os efeitos da agressão.

Não há mais dúvidas, hoje, que os aliados sabiam o que acontecia. Eles não teriam podido intervir?

Não é fácil julgar **a posteriori**. Mas os governos inglês, americano e soviético só tinham um objetivo: ganhar a guerra. Eles não tinham nenhuma razão política ou estratégica para se interessar pelas vítimas naquele momento. Apesar de bem informados sobre o destino dos judeus, os aliados nunca procuraram a falha psicológica do Reich. Nada foi feito, a não ser uma declaração vaga e tardia em Moscou, 1943, mencionando represálias contra a Alemanha. O curso da História teria sido outro se os aliados tivessem manifestado sua vigilância. Em 1944, falou-se em bombardear Auschwitz. Era o único campo que ainda realizava execuções em massa. De maio a novembro de 1944, meio milhão de judeus morreram nas câmaras de gás. Ora, a primeira fotografia aérea foi feita pela aviação sul-africana no início de abril de 1944. As missões fotográficas preparavam os ataques contra o complexo industrial IG Farben, instalado em Monowitz, nas vizinhanças das câmaras de gás. As fotos, realizadas a 10 mil metros de altura, eram nítidas e as câmaras de gás visíveis, no canto esquerdo. As usinas foram bombardeadas. Se as bombas atingissem alvos situados alguns quilômetros adiante, muitas vidas teriam sido salvas.

Qual é a sua resposta aos que tentam, hoje, recusar a existência das câmaras de gás?

Mesmo se a verdade nos parece evidente, seria um erro acreditar que todos a admitem. É preciso trazer a prova. Ela provém de uma aritmética bem simples. Não é fácil assassinar mil pessoas em plena rua. No início, as operações móveis de matança, na retarguarda da frente leste, eliminavam 100 mil pessoas por mês. Mas o método era indiscreto. Além das testemunhas, os soldados ou policiais dos pelotões de excecução ficavam traumatizados. Os engenheiros inventaram, então, os caminhões a gás. Mas eles tinham uma capacidade limitada, se comparada com as destruições em massa previstas pela solução final. Assim surgiram as câmaras de gás. Elas foram testadas em 80 mil alemães, no quadro de um programa de eutanásia, antes de serem empregadas contra os judeus. Esses são os fatos.

Trens da morte

Os judeus pagaram sua própria deportação. As crianças de menos de 10 anos pagavam meia tarifa.

Responsabilidade

Contadores, juristas, engenheiros, médicos, pisiquiatras não precisaram de ordens para agir.

Aliados

Se suas bombas tivessem caído alguns quilômetros adiante da IG Farben, perto de Auschwitz, muitas vidas teriam sido salvas.

Auschwitz

A primeira foto aérea do campo é de abril de 1944. De maio a novembro desse ano, meio milhão de judeus morrem ali.

Resistência

Sim, ela foi fraca e tardia. Só a comunidade judaica em conjunto poderá explicar por quê.

Câmaras de gás

Não é fácil matar 100 mil pessoas em plena rua. Os engenheiros inventaram então o gás.

Ano 13, nº 645, 11 de setembro de 1988. Não pode ser vendida separadamente

DOMINGO

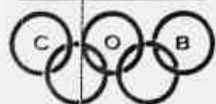
Um é pouco, dois é bom

JORNAL DO BRASIL

Précision
H_2O
Helena Rubinstein
HR
Précision
H_2O
gel hydratation totale
GEL DE HIDRATAÇÃO TOTAL
Helena Rubinstein

ASPEN.
O CLUBE DE REGATAS RAINHA.

Agora o seu estilo ganhou muito mais conforto. Rainha Aspen. Um verdadeiro clube de esportes e lazer. Nele você encontra leveza e durabilidade em cores variadas. E um solado exclusivo que garante total flexibilidade. Aspen. O Clube de Regatas Rainha. Você entra como sócio. A Rainha entra com a qualidade.

SGB

TRABALHO DE 9 ÀS 5 E PRECISO CONTINUAR BONITA DE 5 ÀS 9.

"Todos os dias é aquele corre-corre. Acordar cedo, me arrumar rapidinho, dar um jeito na casa e começar mais um dia de trabalho. Uma vez a Ritinha do café me perguntou: "Nossa, dona Luciana, como a senhora tem tempo de ficar tão bonita assim?"

Se ela soubesse... Será que o Sérgio vai ligar confirmando aquele cineminha? Seja como for, eu já estou pronta."

Mademoiselle

NOVA LOJA: GONÇALVES DIAS, 31

FOTO: Claudio Jaguaribe

UMA VIDA SAUDÁVEL É FEITA DE PEQUENAS ATITUDES SAUDÁVEIS.

A Amil tem o compromisso de cuidar da saúde dos seus clientes.

Ela tem a obrigação de oferecer um atendimento de qualidade, sempre que for preciso.

De garantir a internação nos melhores hospitais, quando for o caso.

De ter sempre um médico de plantão, ao alcance de um telefonema, pronto para ajudar numa emergência.

Tudo isso a Amil faz. E faz bem feito, porque ela foi criada por médicos. Gente que entende e respeita a emoção que acompanha as pessoas quando têm que lidar com problemas de saúde.

Por fazer o seu trabalho bem feito, a Amil é uma empresa saudável.

Mas ela quer ser mais do que isso. Quer ser uma empresa feliz.

Você já leu que a Amil foi criada por médicos. E sabe que o que faz um médico feliz, é ver o seu cliente com saúde.

Cuide-se bem.

E quando precisar, você sabe que pode contar com a Amil.

Amil

Uma empresa que liga para a sua saúde.

240-1000

Celeste
LOJAS: COPACABANA ★ IPANEMA ★ GARCIA D'AVILA ★ TIJUCA ★ BARRASHOPPING
Show Room - Rua Garcia D'Avila, 68 s/l. - Tel.: (021) 274-5945 — Venda apenas para outros estados
MAURÍCIO COSTA

Informe Publicitário

RECOMENDAÇÕES

CASANOVA — Estrada da Barra, 1.636 — Itanhanga Center. Versatilidade e boa comida fazem de Casanova o ponto de encontro da juventude carioca. São três ambientes distintos com ar puro e muito verde à volta. **Feijoada** dos sábados e **Cozido a Madrileña** dos domingos marcam os almoços dos fins de semana. **Cabrito assado** com batatas e arroz de amêndoas. **Gnocchi verde ao Gorgonzola** ou ao **Champagne**, **Tagliarini tricolor** e **Pansotti ao molho de nozes** fazem parte das **massas caseiras**. **Frutos do mar** e **Medaillon de lagosta** flambada, ao molho de champagne ou **Picanha fatiada na brasa**, são as sugestões "In loco" ou a domicílio, pelos telefones 399-3922 ou 399-9011.

ADEGA DO VALENTIN — Rua da Passagem, 176 — Botafogo. Almoço e jantar a partir das 12 hs. de 4ª a 2ª com especialidades portuguesas. Chales, tamancos, quadros e moças vestidas à caráter no atendimento dão autenticidade ao ambiente luso. Seus ambientes (altos e baixos) dotados de ar condicionado central acomodam 240 a 300 pessoas. A casa está sendo ampliada e brevemente terá também música ao vivo. **Bacalhau ao Valentim** e o **Cozido** dos domingos, além de **lulas, polvos, linguados, trutas**, etc. são os pratos principais da casa onde as porções satisfazem duas pessoas. Os **Doces típicos** são importados da terrinha. Manobreiro e **seguro total** p seu carro exceto dos acessórios ou objetos pessoais. Res. tel.: 541-1166.

VIA FARME — Rua Farme de Amoedo, 47 — Ipanema. De especialidades italianas, **Via Farme** teve sua cozinha toda reformada recebendo utensílios novos. O salão também está de roupa nova. No cardápio também foram acrescentados pratos novos como o **Tagliarini ao Cartoccio** e o **Peixe ao Via Farme** entre outros. Dentre os tradicionais, **Spaghetti a frutos do mar** continua o mais procurado. Todas as **massas** são feitas na casa e as **hortaliças** são de **fazenda própria** onde não conhecem **agrotóxicos**. Em seus **seis** anos de existência, vem mantendo alto padrão de serviço e atendimento esmerado não só em sua cozinha como também na recepção calorosa. Ambiente alegre e descontraído com almoço e jantar. Tel.: 227-0743.

PANTAGRUEL — Rua Maria Angélica, 51 — Jardim Botânico. Funcionando de 3ª a domingo até o último freguês, Pantagruel é um lugar aconchegante onde se tem várias opções a um preço mais em conta. Entre elas a **Carne assada**, **Cavaquinha**, **Lombinho de porco**, etc., sempre dependendo do que de melhor o mercado oferece. **Cozido Pantagruel** com 32 qualidades de legumes e 16 diferentes tipos de carne entre frescas e defumadas é o prato chave dos sábados. Tem caldo e pirão. Molho de raiz forte e de tomates. Pepinos e cebolas em conservas compõem o "couvert" do cozido. Para adoçar, **Gratinada de Morangos**. Estacionamento fácil em frente. Reservas, tel.: 246-2982.

OURO VERDE (Hotel Ouro Verde) — Av. Atlântica, 1.456 Copacabana. Em seus 34 anos de tradição, Ouro Verde marca uma existência gloriosa tanto no atendimento quanto no conforto. De elevado conceito internacional, sua cozinha tem sempre uma novidade. O Chef Hans Hermann nos recomenda para hoje a sopa fria "Vichysoise", o **Linguado ao molho cremoso c/arroz de açafrão**, uma **Lagosta com massa folhada**, **Bisteca de Vitela com fundos de alcachofra e batatinhas, com purê de espinafre** ou um **Medaillon de filet mignon ao molho Cep** e, como prato do dia, o **Pato com laranja japonesa**. Para adoçar, **Mousse de morangos frescos** (glacé). Reservas, telefone 542-1887. Almoço e jantar.

IL CAPO — Rua Visconde de Pirajá, 276 — Ipanema. **Massas caseiras, pizzas, peixes, carnes e aves** preparadas com receitas genuinamente italianas fazem de Il Capo a casa de sua preferência. **Spaghetti a frutos do mar, Robalo ao forno, Truta laminada c/manteiga d'escargot, Filet de Badejo a Mamma Mia, Cabrito c/arroz de amêndoas** etc., além da "deliciosa" **Feijoada** dos sábados são as recomendações. Grande variedade em **doces, tortas e frutas da estação** compõem a **sobremesa**. Farta linha de bebidas nacionais e importadas. Ar condicionado central em seus dois ambientes decorados de maneira sóbria e muito confortável. Manobreiros estacionam seu carro. Reservas, tel.: 287-3845.

EL PESCADOR — Largo de S. Conrado, 20 — Tel.: 322-3131. Almoço e jantar nos moldes portenhos. Em pleno sucesso o **Festival de Paellas** com mais de 20 tipos diferentes. De **lula, polvo, crustáceo, badejo, mista, à la mariana** ou **à Valenciana**. Preço: **Cz$ 1.000,00 p/pessoa**. Aos domingos, além de **Paellas**, **El Pescador** oferece **Cozido a Madrileña** a **2 mil** para **duas pessoas**. Às noites a casa fica em festa com as canções típicas do trio "Los Dominantes", vestidos a caráter, o que dá mais autenticidade ao ambiente. Além dos pratos do festival a casa tem carnes, peixes, aves e massas, bem como pizzas e, como destaque Peixe ao Forno ou à grelha e Perna de Cordeiro à moda sngovaelha.

ADEGÃO PORTUGUÊS — Cpo. de São Cristovão, 212 — Tel.: 580-7288. Conservando tradição de mais de 20 anos, Adegão Português possui "menu" vastíssimo com pratos exclusivos marcantes. Sugestões do Chef mudadas diariamente. Dos tradicionais, **Cozido a Madrileña** das 4as. feiras e **Bacalhau a Zé do Pipo** das 6as., além da suculenta **Feijoada** dos sábados. Durante a semana o ambiente propicia reuniões de executivos e nos fins de semana as reuniões de famílias em torno dos **Leitões** e **Cabritos assados**, das **Trutas**, **polvos** e **peixes** preparados com receitas **lusas** e **brasileiras** e, por vezes, **internacionais**. Vários ambientes dotados de ar condicionado e todo conforto. Estacionamento fácil em frente.

Laura Fabris

APICIUS

Coisas de Portugal

Gosto dos restaurantes quando deles já saiu o último freguês do almoço e ainda não chegaram os do jantar. Mas que, nesse intervalo, estejam atentos, lépidos e dispostos os garçons! E que não haja desleixos, mesas tortas, estrépitos na cozinha! Podes ver, leitor, que não encontro muitas casas com tantas adoráveis condições.

Por isso mesmo, muito as procuro. Agora mais do que nunca, pois me caiu na cabeça, outro dia, gravíssima desgraça. Acordei (coisa que, aliás, costumo fazer todos os dias, exceto nos dedicados a dormir). E que encontro no lugar da empregada? Um bilhete: "Prezado senhor: fui ficar doente. Não sei quando curo." E me vi só, entregue às tentações que cercam um pobre gordo sem criada.

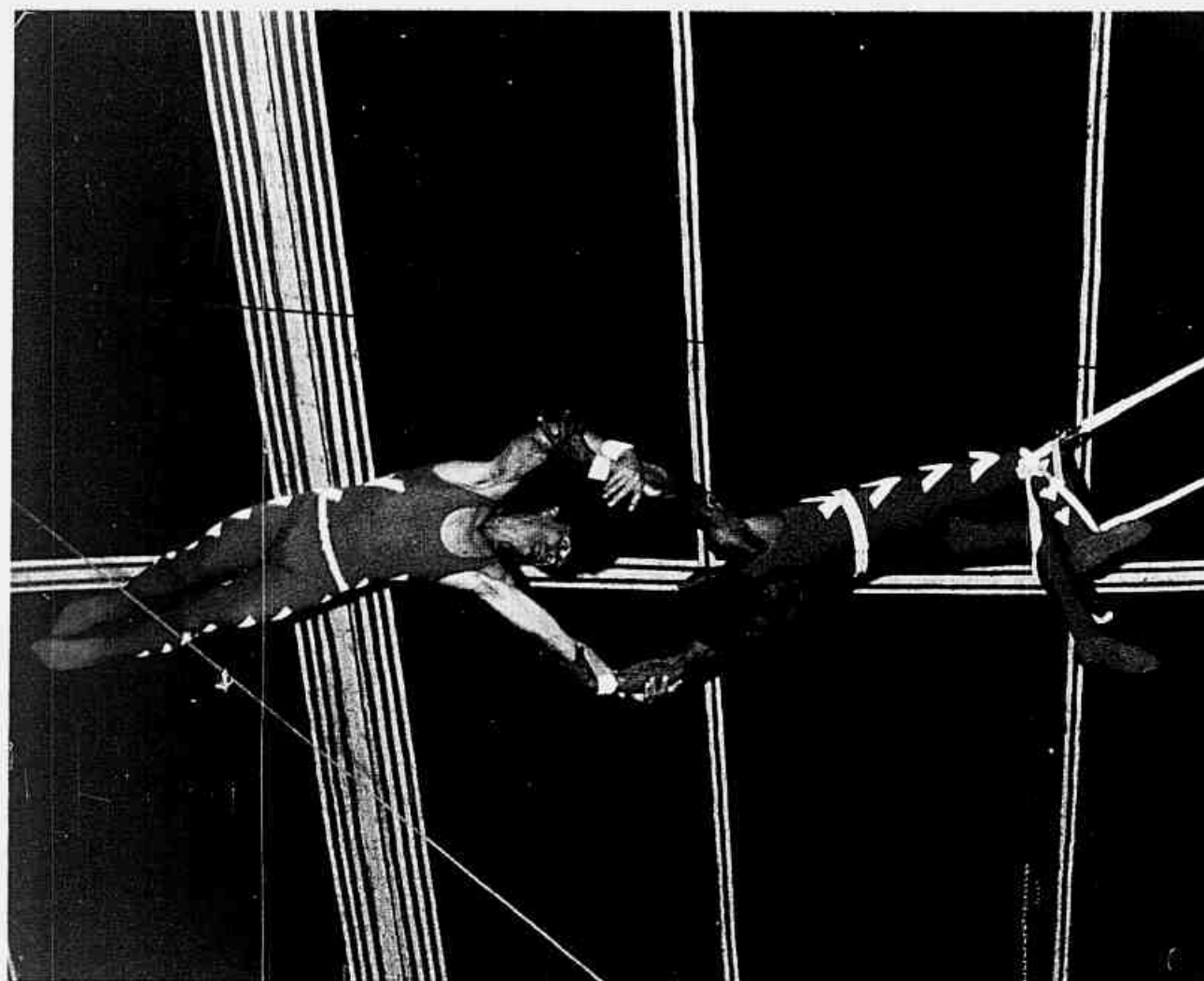
A mais grave é fugir da casa, que se transforma em coisa sem limpeza, sem cheiros na cozinha e sem café, chá, sobremesa, frutas. E nem falo nos doces, no jardim regado, nas queixas sobre a vida e nos variados detalhes que fazem da empregada um ser indispensável aos preguiçosos. Passei então, mais uma vez, a freqüentar restaurantes em horas entre o almoço e o jantar. É triste o celibato dos patrões!

Nem sempre me dei bem. Mas tive sorte no *Adega do Valentim*, casa que fica na Rua da Passagem, nº 178. Lá gosto das novidades — que a casa se quer novidadeira. Outro dia, conforme te contei, me serviu umas adoráveis línguas de bacalhau. Desta vez me acenaram com a cara do bicho. E me disseram que há senhores que vendem seus armazéns, com todos os toucinhos, em troca de uma coisa dessas. É gosto que bem respeito, pois cabeça de peixe — e nela, principalmente, a bochecha — é das coisas mais saborosas que o bicho tem. No entanto, bacalhau só é peixe no papel. Salvam-se em sua face — seca como a alma de um banqueiro escocês — alguns pedaços. Não muitos. Mas estes são bem macios e têm detalhes untuosos. Será vício? Pouco me importa. Com vícios detalhados e repetidos se faz gastronomia. Quem gosta de ostras, caramujos e enguias não pode se queixar da face de um honesto peixe dos mares do norte.

Não fiquei só no bacalhau, porém. Alguns dias depois — como a criada continuasse doente e eu entregue ao deus-dará dos restaurantes —, voltei ao *Adega*. Nele encontrei um coelho em *cocotte*. Correto. Mas, mais do que tudo, lá prefiro as entradas, as saídas, os *intermezzi*. Tinha a casa — não sei se ainda tem — um belo queijo da Serra da Estrela. E uma marmelada de Portugal que muito me molhou de gozo a língua, sem falar nos Portos e em um tinto da *Adega Cooperativa de Borba*, de 1982.

Ah! Leitor meu! Como é torta a vida! Peguei da pluma para te contar de minhas desditas ancilares. E o que acabei te contando foi como os bacalhaus perdem a face. Nem sempre se cumpre o que se prometeu.

CONVERSA DE DOMINGO

Evandro Teixeira

Mauricio Cavalcanti (E) depende do trabalho em dupla com Orlando Vieira para chegar ao "triplo"

"Tabelinha". Foi o tempo em que o futebol celebrizava em uma só palavra o entrosamento de suas grandes duplas. Pelé e Coutinho, Parada e Bianchini, Ademir e Maneca, Henrique e Dida, Roberto e Jairzinho. Dentro das quatro linhas, esse entrosamento profissional deu lugar a complicados esquemas táticos, com jogadas mais coletivas, embora nem tão eficientes. Mas é verdade que no circo, nas agências de publicidade, na criação musical, em alguns esportes ou numa sala de cirurgia as tabelinhas continuam sendo a fórmula mais simples e garantida do sucesso profissional.

Uma relação que por vezes ocorre quase que sem palavras entre o cirurgião plástico Ivo Pitanguy e sua instrumentadora chefe, a francesa Nicole Chauvau. Muita conversa também não vai levar o paraibano Maurício Cavalcanti ao salto triplo mortal no trapézio, façanha que persegue com a ajuda de seu partner Orlando Vieira. Ao contrário do cirurgião e do trapezista, o redator João Bosco discute à exaustão com o diretor de arte Jair de Souza as campanhas publicitárias que a dupla responde pela criação. O trabalho a quatro mãos é o assunto da reportagem de Capa, a partir da pág. 34.

Alfredo Ribeiro

DOMINGO

Editores Alfredo Ribeiro e Joaquim Ferreira dos Santos

Subeditor Paulo Vasconcellos

Repórteres Claudio Figueiredo, Helena Tavares, Maria Silvia Camargo, Márcia Vieira, Mauro Ventura, Sidney Garambone

Diagramadores David Lacerda, Eliana Krajcsi, Ila Maria Kohen

Colaboradores Braulio Tavares, Dulce Caldeira, Ingo Ostrovsky, Liliane Shwob, Marcelo Gomes, Rosa Maria Corrêa, Tutty Vasques, Pojucan, Guto, Gil, Timoteo Lopes.

Secretária Oneir Pinho

Fotografia Bruno Veiga, Evandro Teixeira, Flávio Rodrigues, Sérgio Moraes, Orlando Brito e Agência ZNZ.

Moda Regina Marteli, Guiga Soares (Produção)

Projeto gráfico Bitiz Afflalo

Secretário Gráfico José Hildemar

Gerência comercial Heloysa Helena C. Magalhães — RJ. Tels.: 585-4324 e 585-4322 — Tile Avelaira — SP. Tel.: (011) 284-8133

Redação Av. Brasil, 500/6° andar. Tel.: 585-4697

Composição e Fotolito
JORNAL DO BRASIL

Impressão
JB Indústrias Gráficas S.A
Rua P, n° 200, Penha
Uma publicação do
JORNAL DO BRASIL

N° 645, 11 de setembro de 1988
Capa: Ilustração de Pojucan sobre ampliação fotográfica da Renart

Sumário

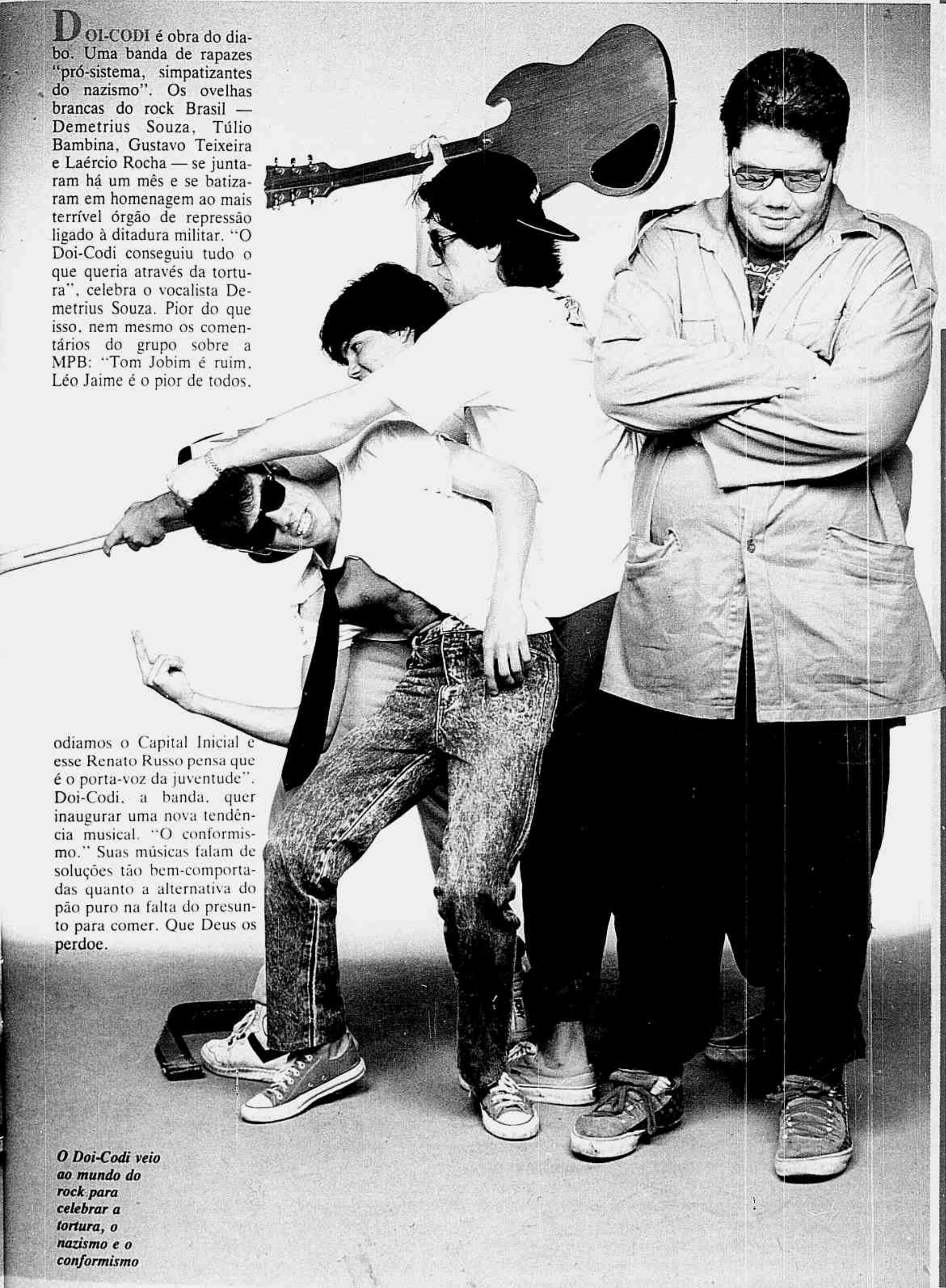
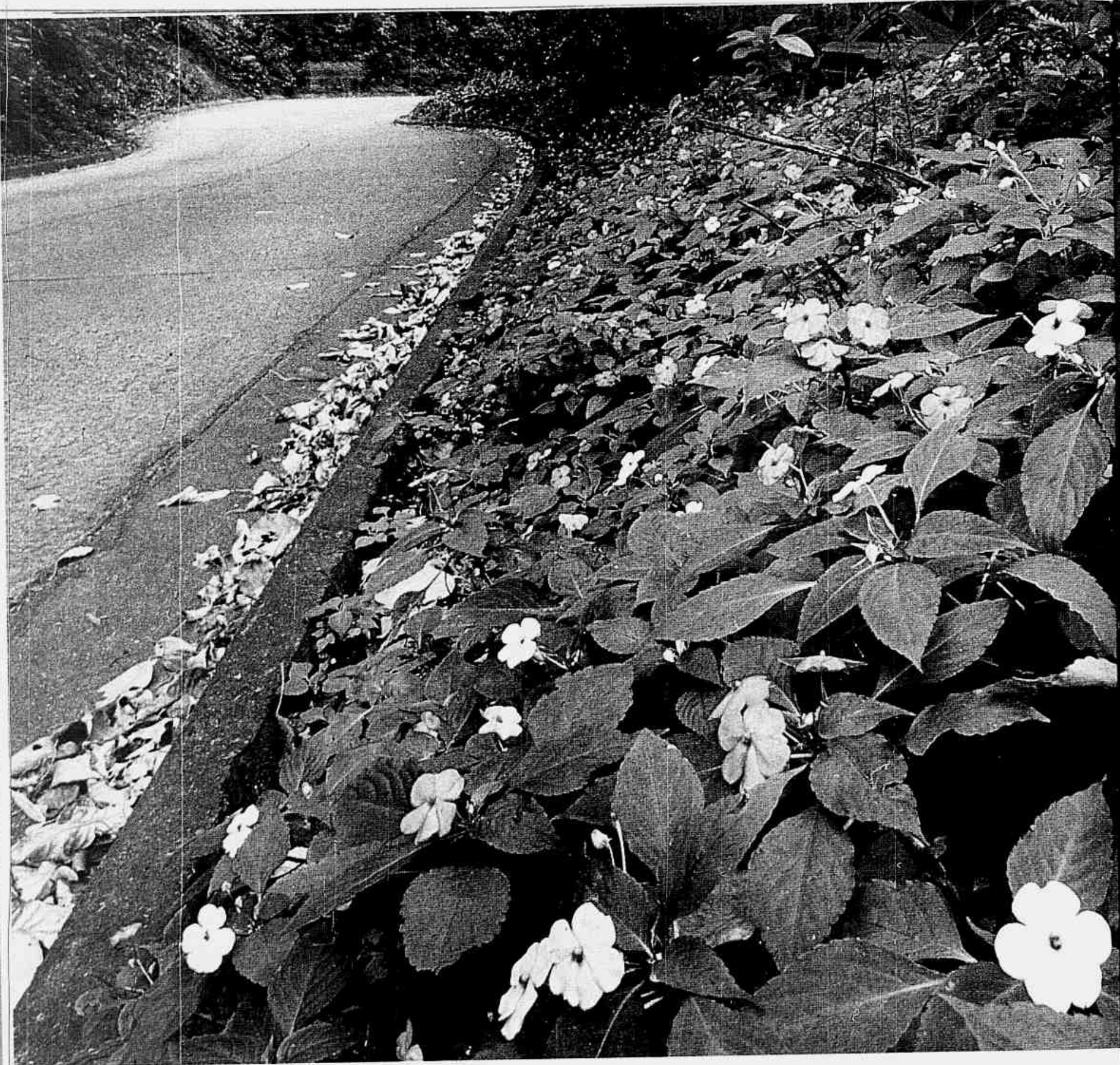
As Cobras

Luís Fernando Veríssimo

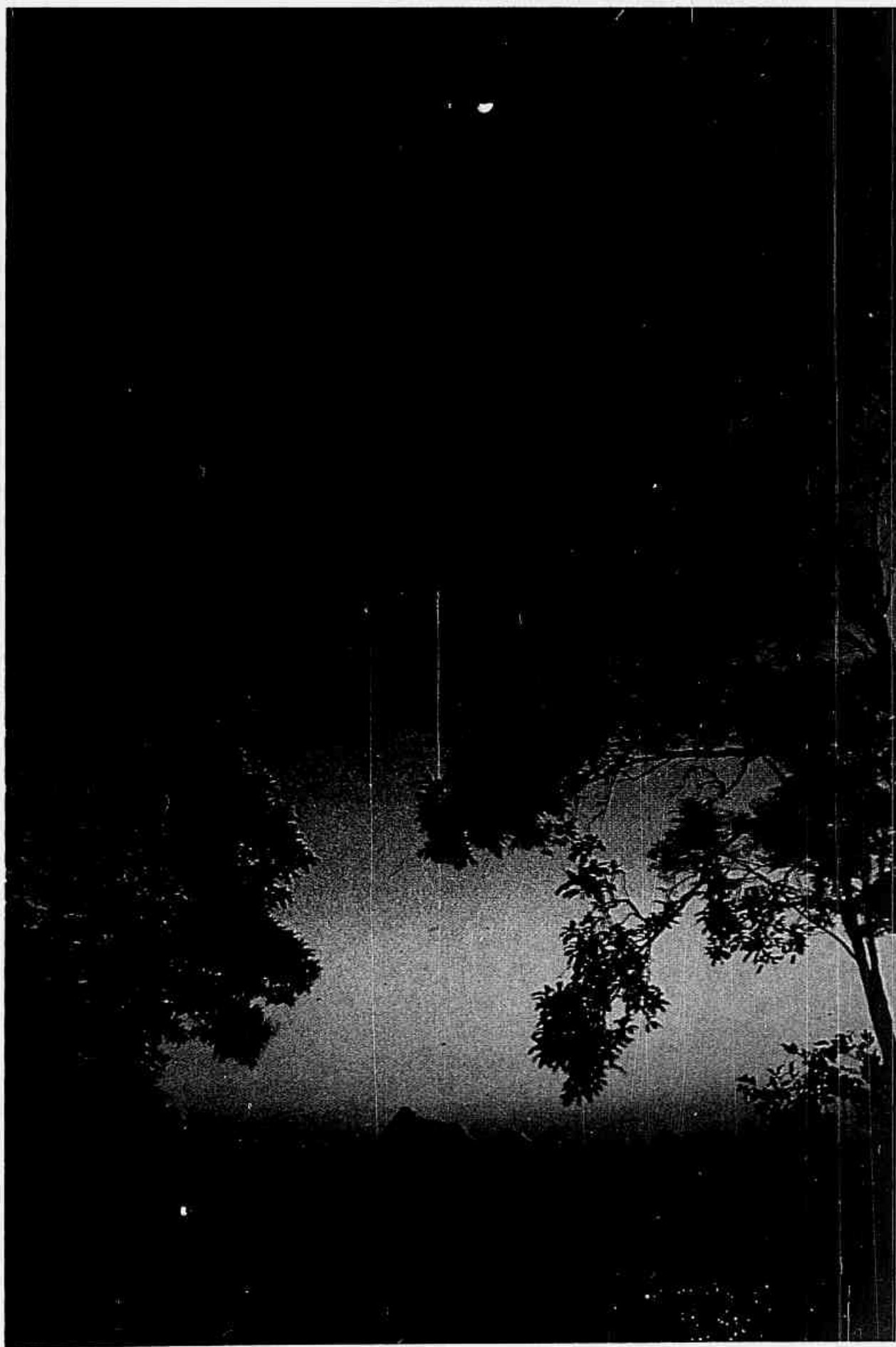
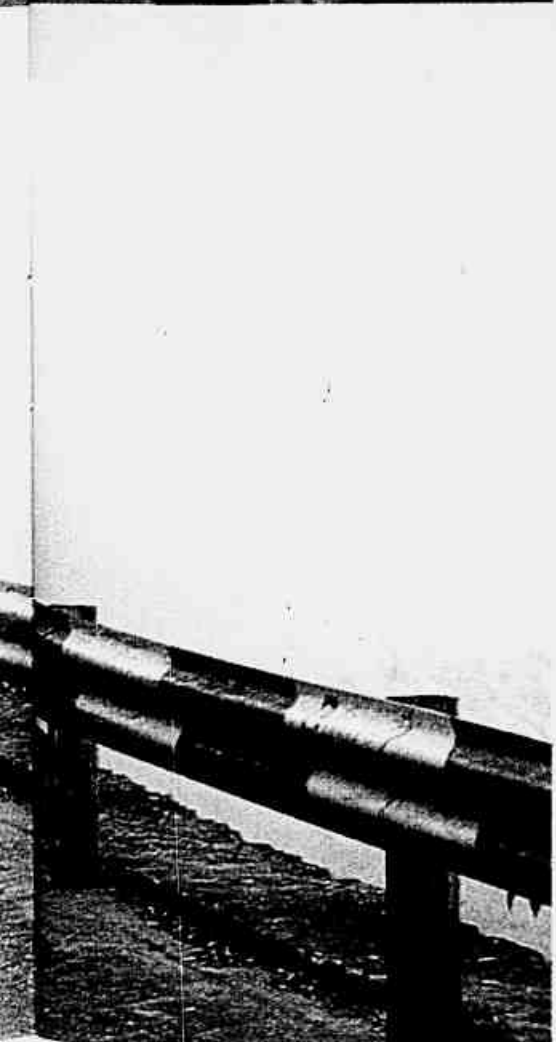
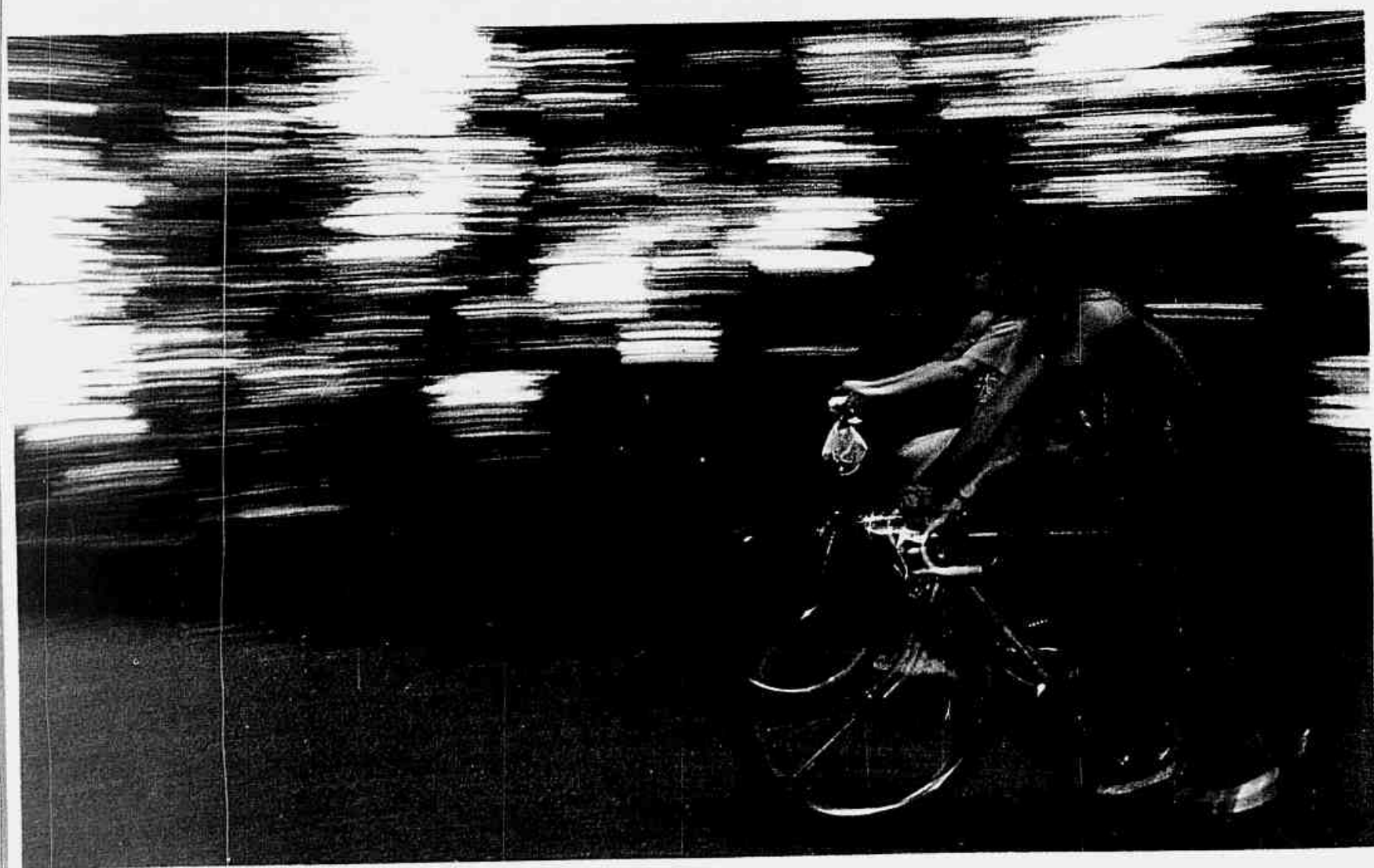
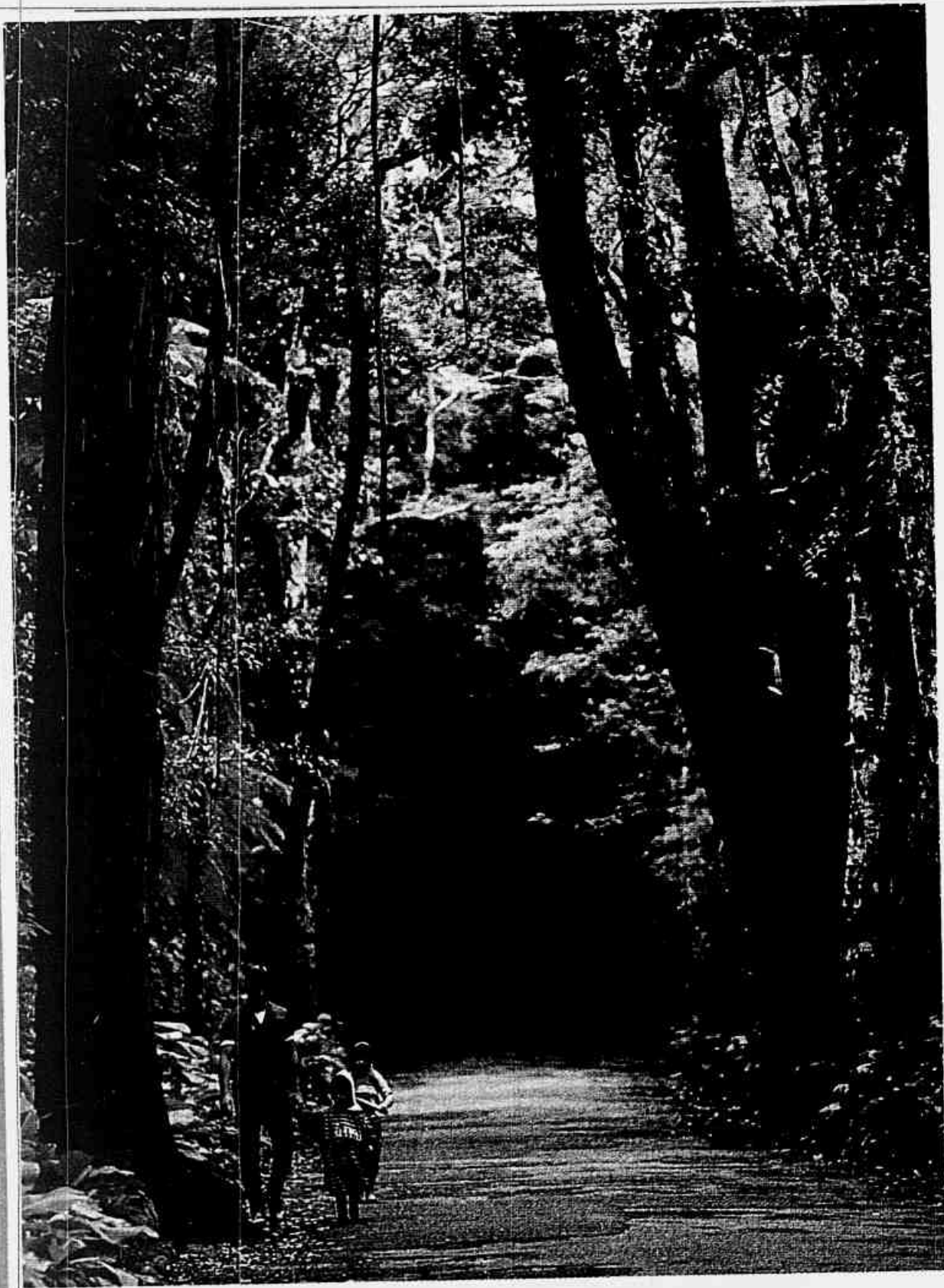
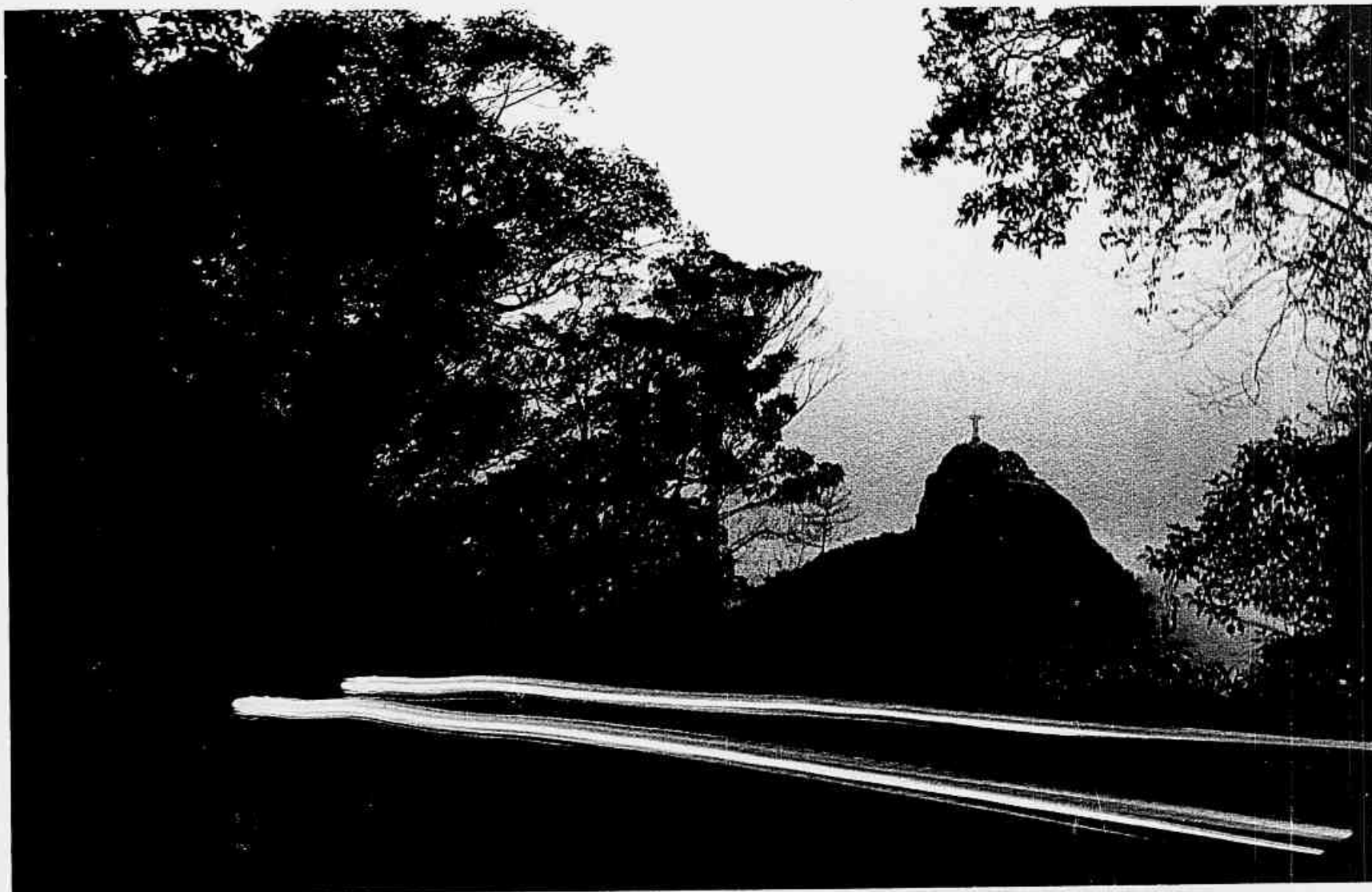
REBANHÃO é obra de Deus. Uma espécie de Jesus Band que por qualquer 35 OTNs de cachê leva a mensagem do Senhor em ritmo de rock aos "irmãos" presbiterianos. Terça-feira agora, o Rebanhão passa a fazer jus ao nome, lançado em 83 numa igreja de Copacabana. Acredite: o Rebanhão vai tocar no Canecão, esperando reunir umas 2.000 ovelhas para encher a casa. "Nosso som é pauleira", avisa o líder do grupo Carlos Félix, 30, que por essas e por outras já teve problemas com a velha guarda dos evangélicos. "Pauleira" — para os "irmãos ortodoxos" — mais parecia coisa do demônio. Não é verdade: o rock bíblico do Rebanhão vendeu 150.000 cópias do primeiro disco (*Mais Doce Que o Mel*) e arrebanhou adeptos em número suficiente para outros três LPs. O problema de Carlos Félix e seus companheiros de banda — Paulo Marotta, Fernando Augusto, Beno Cesar e Pedro Braconno — é descobrir um mecenas. Está na hora de passar a sacolinha no Canecão.

O Rebanhão é uma espécie de Jesus Band que vai divulgar a obra do Senhor terça-feira no Canecão

DOI-CODI é obra do diabo. Uma banda de rapazes "pró-sistema, simpatizantes do nazismo". Os ovelhas brancas do rock Brasil — Demetrius Souza, Túlio Bambina, Gustavo Teixeira e Laércio Rocha — se juntaram há um mês e se batizaram em homenagem ao mais terrível órgão de repressão ligado à ditadura militar. "O Doi-Codi conseguiu tudo o que queria através da tortura", celebra o vocalista Demetrius Souza. Pior do que isso, nem mesmo os comentários do grupo sobre a MPB: "Tom Jobim é ruim, Léo Jaime é o pior de todos, odiamos o Capital Inicial e esse Renato Russo pensa que é o porta-voz da juventude". Doi-Codi, a banda, quer inaugurar uma nova tendência musical. "O conformismo." Suas músicas falam de soluções tão bem-comportadas quanto a alternativa do pão puro na falta do presunto para comer. Que Deus os perdoe.

O Doi-Codi veio ao mundo do rock para celebrar a tortura, o nazismo e o conformismo

Siga o caminho do ar puro

Cascatinha, Sumaré, Soberbo, Açude, Paz, Sapucaia. Qualquer uma dessas estradas vai dar no paraíso verde da Floresta da Tijuca. Um lugar pontilhado por caminhos fascinantes, de natureza exuberante, onde o asfalto é praticamente a única marca deixada pelo homem. Caminhos que levam o carioca a uma visão generosa de sua cidade. De onde o Rio é uma floresta, descortina-se a cada curva, a cada mirante, um emaranhado de prédios que misturados ao mar, à Lagoa Rodrigo de Freitas e à Baía de Guanabara até que compõe um desenho de harmonia grandiloqüente. Lá em cima, o lugar inspira meditação sobre o crescimento urbano desvairado, como você vai perceber nesse ensaio fotográfico de Bruno Veiga.

À esquerda, a Estrada da Paz sugere a tranqüilidade de caminhos tão surpreendentes como a Estrada do Sumaré (abaixo nas duas páginas): o nevoeiro quando passa descortina vistas valorizadas pelo entardecer, que na Cascatinha acende velhos lampiões

O Alto da Boa Vista pode ser o ponto de partida para os caminhos mais belos da Floresta da Tijuca. Na página ao lado, a família passeia pela Estrada da Cascatinha e os ciclistas respiram o ar puro da Estrada Sapucaia, antes do desvio para beber água na fonte da Vista Chinesa. No alto, vista do Corcovado a partir da subida do Sumaré; o caminho bucólico do Açude (ao lado) e o abandono da Estrada do Soberbo (acima)

COLEÇÃO PRIMAVERA-V[illegible]

STREET•LOOK RIO SUL

Misturados aos beges, os pastéis dão o tom da estação. À esquerda, o look casual vem com short e jaqueta. Ao lado, adere à seda, às flores e às pantalonas

Fotos de Sergio Nadal

COLEÇÃO PRIMAVERA-VERÃO

STREET•LOOK RIO SUL

Flores. Rosas, de preferência. É o decote degagé. *Sensual e ingênuo*

Safari com t-shirt *e bermuda. Destaque: bolsão, botões e a* pochette

Sobre a transparência sutil da camisa, a volta de muitos colares

Tempo de contraste. Leveza no tecido e força nos pés: a plataforma

Novidades no ar da nova estação. Um perfume que pode ser das flores nas estamparias, um frescor que passa através dos linhos, das popelines e malhas de algodão. Ou nos coloridos pastéis. A moda não abre mão do charme **nem da elegância. Um perfeito equilíbrio entre o novo, a ousadia das misturas e o** prático do dia-a-dia. **Ao lado da fantasia convive o dinamismo do básico.**

A mulher leva às ruas o buquê variado das estampas florais, onde as rosas recebem destaque especial, dentro de um romantismo ágil. Chega a descontração requintada do **safari-look**, com os cáquis e verdes emprestando a bermudões, camisas e calças a magia da aventura. As pantalonas já são sucesso. Bijuterias, mais volumosas, usam e abusam dos colares. E, nos pés, o conforto exige sandálias. Com plataforma, é claro.

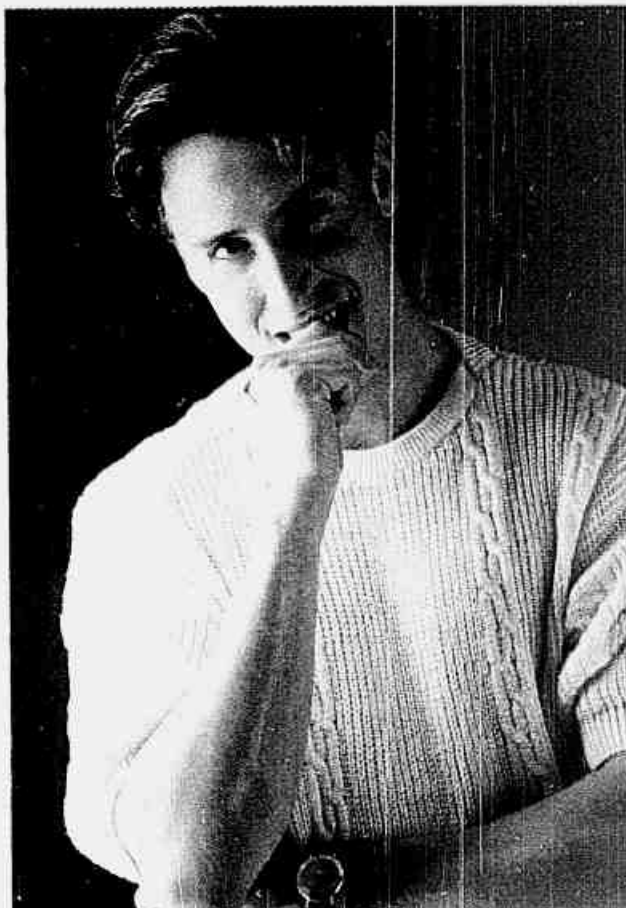
COLEÇÃO PRIMAVERA-VERÃO

STREET•LOOK RIO SUL

Nesta estação o homem é clássico, porém contemporâneo. À esquerda, o terno de linho brinca com padronagens. Ao lado, é chic, atual e confortável

COLEÇÃO PRIMAVERA-VERÃO

STREET•LOOK RIO SUL

O look *safári em momento* chic. *Listras sob camisa e calça de pregas*

Descontração requintada em tricô. Relógio antigo, um charme extra

O clássico se recicla: a bainha italiana e o mocassim em crocodilo

Azul e bege, combinação elegante. Destaque para o cinto e a estampa

A cada temporada, o *prêt-à-porter* reserva novidades básicas que vão determinar o estilo da estação. Esta primavera, o homem vai optar mais pela qualidade do que por algum detalhe especial. Um estilo casual que tira partido das fibras naturais e dos tons sóbrios, brincando sutilmente com a ousadia. Ele ousa no jogo de padronagens, com xadrezes, listras e estampas miúdas fazendo composições e misturas tão inesperadas quanto bonitas. O linho toma a forma de paletós mais estruturados, mas mantendo a noção de conforto dentro de uma modelagem ainda folgada. As calças chegam com um pouco de nostalgia *à la* Humphrey Bogart, aquele ar anos 40 que as pernas largas e boca estreita para cair sobre os sapatos. Em visual esportivo, o cáqui se destaca sobretudo nas superposições com listras. O homem vai buscar na linha safári a descontração sofisticada.

COLEÇÃO PRIMAVERA

STREET•LOOK
RIO SUL

À esquerda, ele usa camisa pólo e bermudão mais comprido. Para ela, o minivestido com corpo de lycra cotton *e saia de popeline em estampa floral*

COLEÇÃO PRIMAVERA-VERÃO

STREET•LOOK RIO SUL

Conforto e graça da camiseta com pressão e calça de cintura alta

Listrados diferentes para o conjunto com suspensório. O máximo!

O básico fundamental: t-shirt, *minissaia e tênis. Nas cores da moda*

Olimpíadas no ar: stretch *nas três peças para múltiplas atividades*

Muita suavidade e romantismo também para as crianças. As pequenas, as maiores, as adolescentes. Criança de hoje em dia, que gosta, sabe e quer escolher o que veste. Na primavera delas, a moda sugere flores nas estampas e tons pastéis num colorido gostoso. Mas tem, também, listrados, roupa justa, roupa larga. Peças para um quotidiano variado e feito de conforto. Nada de cercear brincadeiras e atividades. As malhas, os algodões leves, a lycra cotton garantem total liberdade aos movimentos. Setembro chega com uma roupa descomplicada e cheia de graça. O básico com novo tempero onde modelagem racional e charme se unem numa completa cumplicidade. Os bermudões estão mais compridos, os vestidos podem ter corpo ajustado e minissaia rodada, bem curta. Nos suspensórios, camisa e bermuda ganham um ar retrô.

O terceiro-mundo em preto e branco

leia na pág. 22

Sebastião Salgado vai expor suas fotos na Funarte

Foto de Sebastião Salgado

Ano 4, nº 645, 11 de setembro de 1988

DOMINGO
PROGRAMA

Conversa ao pé do vídeo

O povo não é bobo, abaixo...

O debate na TV ainda não ajuda o eleitor e o apresentador às vezes é o melhor candidato

Nossa televisão virou personagem da campanha eleitoral durante o debate levado ao ar pela TV Globo, no domingo passado. Foi quando o candidato do PMDB, José Colagrossi, disse que seu ideal é ser como a Raquel da novela *Vale Tudo*. Antes de mais nada, isso mostra que ele não se inclui entre os sessenta e tantos por cento de telespectadores que ligam a novela das oito todas as noites. Essa maioria do eleitorado sabe que, como freqüentador de colunas sociais e político fissurado pelo poder, Colagrossi está muito mais para Odete Roitman do que para a personagem interpretada por Regina Duarte. Ou será que tem alguém aí que consegue imaginar o Colagrossi de bermudão vendendo sanduíche na praia?

Mas fora isso e ainda que infeliz, a intervenção de Colagrossi pode render um divertido jogo entre os candidatos, um jogo aliás do qual os caros tele-eleitores também podem participar. Quem seria, por exemplo, a Xuxa entre os nossos candidatos, uma qualidade que serviria para ganhar os votos da maioria masculina do eleitorado? Quem dentre os postulantes poderia, para ficar no *Vale Tudo*, ser comparado ao autoritário Marco Aurélio? E fera radical, será que tem alguma ou esse seria o tipo ideal para a Jandira Feghali, que desistiu? Aliás é uma pena que nenhuma mulher esteja disputando a prefeitura carioca, pois ficamos sem uma Leda Nagle, uma Hebe Camargo, até sem uma Elke Maravilha, para falar em apenas algumas das nossas tele-primadonas. Façam seu jogo senhores, quem sabe assim a campanha se anima um pouco, porque, pelo andar da carruagem, não é ouvindo antigas promessas que a gente vai se entusiasmar.

Posso estar enganado. Afinal, o horário do TRE ainda nem estreou e ele pode trazer algumas novidades. Mas o que vimos até agora é bem morno. No debate da Globo, o melhor profissional dentro do estúdio foi sem dúvida Eliakim Araújo, sempre sóbrio, sempre competente e muito bem preparado para segurar um bate-boca que, afinal, acabou não acontecendo. Mas deu pra sentir a autoridade do apresentador nos raros momentos em que os candidatos estouraram o tempo concedido. As regras do debate são rígidas demais e percebe-se, de parte da produção, uma grande preocupação em evitar discussões mais acaloradas. Uma preocupação saudável, já que bate-boca entre políticos atrás de voto normalmente vira gritaria.

Esta eleição, já foi dito, é a que chega mais perto do cidadão, pois vamos escolher prefeitos e vereadores, ou seja, pessoas que a gente vê com freqüência e que vão mexer com problemas do nosso dia-a-dia. Nesse sentido, a TV não nos ajuda muito, infelizmente. Não é por incompetência, não, até que a Globo e Bandeirantes principalmente estão se esforçando para colocar no ar bastante informação. O problema é a estrutura que rege o funcionamento de nossas redes. Durante esses anos todos de autoritarismo, o que prevalecia era o espírito "Brasil Grande", a síndrome da "oitava economia do mundo", o complexo do "via satélite". Foi assim, matando os regionalismos, que nossas redes de TV se estabeleceram. Para a democracia municipal, isso é como a peste. As redes cresceram tanto que hoje o máximo de regionalização que se consegue, com algumas raras exceções (especialmente no interior do estado de São Paulo), obedece as fronteiras estaduais.

Na prática, isso significa que os debates, com o da Globo semana passada, e os especiais de quarta-feira na Bandeirantes acabam sendo vistos por gente que não tem o menor interesse neles. O que os eleitores de Teresópolis, por exemplo, tem a ver com a disputa pelo palácio da rua São Clemente? A Bandeirantes está prometendo trazer ao seu estúdio, para debates, os candidatos de outras cidades importantes do Estado do Rio, que todo o Estado será obrigado a assistir. É louvável a preocupação em atingir esse eleitorado, que não é pequeno. Mas, e no horário do TRE, como vai ser? O pessoal de Nova Iguaçu vai ver seus candidatos?

O horário gratuito de propaganda eleitoral, além disso, vai começar praticamente junto com os Jogos de Seul e vai ter candidato se congratulando com os medalhados ou prometendo melhorar nossa educação esportiva se as medalhas não vierem. E sempre tem a chance de Carl Lewis ou Joaquim Cruz ganhar de quebra uma vereança qualquer.

Eu sei que tem gente aí achando que os eleitores das cidades pequenas estão é com muita sorte por não terem que aturar candidatos pedindo votos. Mas em TV os eleitores vão ficar com menos informação até pra votar em branco, o que, convenhamos, é uma maneira pouco eficaz de brincar de democracia.

Ingo Ostrovsky

CENA ABERTA

Regina Rito

Balançando

A TVS está balançando o coreto da TV Globo.

Embora a emissora paulista tenha desmentido — através de seu diretor artístico Carlos Alberto da Nóbrega — o convite feito a Chico Anísio para integrar o *cast* da TVS, sabe-se agora que é a mais pura verdade.

O humorista inclusive está pensando seriamente no assunto.

Chico balançado pela TVS

Descanso

Depois de Glória Pires e Regina Duarte, agora será a vez de Beatriz Segall deixar os telespectadores de *Vale tudo* descansarem por uma semana.

Sua personagem, Odete Roitmam, fará uma viagem à Europa e quando retornar trará a tiracolo um novo namorado.

Os autores só não decidiram ainda quem será o ator, mas garantem que vai ser um gatão com o mesmo *physique du rôle* de César (Carlos Alberto Riccelli).

Bis

Emílio Surita é o novo apresentador do programa *Bis*, da Rede Manchete, que vai ao ar todo domingo, às 15h.

Uma espécie de vídeo-show, que mostra as melhores cenas das novelas até como são realizadas as aberturas dos programa.

Surita, para quem não lembra, comandou *Batalha do Amor* ao lado de Cristina Prochaska, na TV Bandeirantes, em 84.

In English

A famosa *top-model* inglesa Immy Bickford-Smith seguiu ontem para o Alto Xingu.

Por ter-se transformado numa defensora da ecologia foi escolhida pela BBC de Londres para fazer um documentário sobre as filmagens de *Kuarup*.

Vai registrar entre outras coisas a assinatura dos estatutos da Fundação Kuarup — idealizada por Fernando Bicudo — com o intuito de preservar o Parque.

Cidinha Campos fará participação especial em Olho por Olho

Especiais

A novela *Olho por Olho* ganhará em breve duas participações especiais: a comunicadora Cidinha Campos e o cronista Carlos Eduardo Novaes.

Por enquanto os autores José Louzeiro e Geraldinho Carneiro ainda não definiram o personagem de Novaes, mas já se sabe que Cidinha será uma funcionária da Corregedoria de Justiça, que vai infernizar a vida do delegado (José Peçanha).

TV 'Noire'

Marília Carneiro, figurinista do *TV Pirata*, tem um novo desafio pela frente.

Apesar dos muitos anos de profissão será a primeira vez que ela vai ocupar-se de uma produção em preto e branco.

Trata-se da série policial *O Detetive Pestana e o Caso das Sete Cabeças*, primeira do gênero escrita por Luis Fernando Veríssimo, para o programa.

As gravações começam na semana que vem.

Perfil

Aproveitando o sucesso de Antonio Fagundes na novela *Vale tudo* e o lançamento do filme *A Dama do Cine Shangai*, a TV Globo está preparando para breve um perfil do ator.

Será exibido num dos próximos *Globo Repórter*.

Por sinal, o programa não será exibido nos dias 16, 23 e 30 por causa das Olimpíadas, retornando apenas no dia 7 de outubro.

Em alta

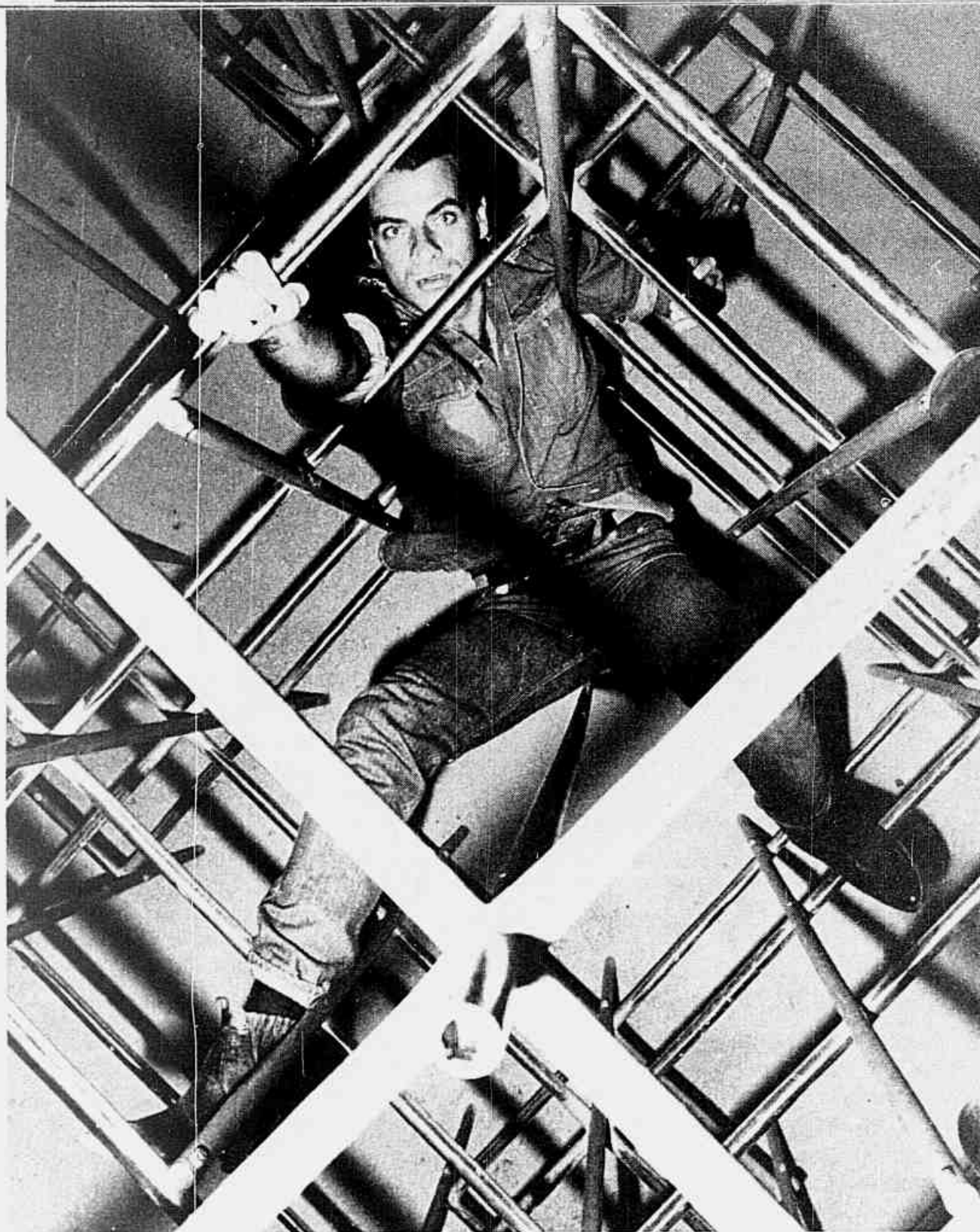
O cartaz de Araken, símbolo da última Copa do Mundo, continua em alta entre o mulherio.

Atual garoto-propaganda das transmissões das Olimpíadas de Seul, da TV Manchete, Araken causou o maior *frisson* esta semana, no departamento de eletrodomésticos de um magazine carioca, ao aparecer na telinha a imagem burlesca do personagem cercado de garotas.

Hoje às 22h, na Manchete, Berstein rege West Side Story

Uma festa para Leonard Berstein

O norte-americano Leonard Berstein não é apenas um dos maiores maestros do mundo. Somou à sua reputação de regente a consagração que recebeu seu trabalho como compositor. Para comemorar seus 70 anos, a TV Manchete coloca no ar hoje às 22h o especial *Leonard Berstein rege West Side Story*, filmado durante a gravação da sua bem-sucedida incursão na área dos musicais. *West Side Story* estourou na Broadway em 1957 e mais tarde carregou dez *Oscars* com sua versão para o cinema. O especial mostra os bastidores da gravação do Compact Disc, um sucesso absoluto que já ultrapassou a cifra de um milhão de peças vendidas. No elenco, a neozelandesa Kiri Te Kanawa e o tenor espanhol José Carreras. Preparem seus videocassetes e bom proveito.

Bruno Veiga

Acostumado a escândalos, Mário Gomes avisa que "a cenoura é minha e faço dela o que quiser"

Perfil

Sucesso por sucesso

Mário Gomes tenta retomar na Manchete os bons tempos de galã da Globo

Mário Gomes é um ator retomando o rumo. Três anos depois de sua última aparição no vídeo, como o impagável Luca de *Vereda Tropical*, está de volta: é o Máximo da novela *Olho por Olho*, na Manchete, um cara simples que tenta vencer na cidade grande mas acaba trapaceado e precisa prostituir-se para sobreviver. Um personagem que já começa a lhe render alguns elogios. "Ele está me surpreendendo como ator", diz o diretor Ary Coslov. "Ele vem crescendo a cada dia", reforça a amiga Beth Faria. Contracenando com ela, Mario Gomes marcará também sua volta ao cinema até o final do ano com *Lili Carabina*, de Lui Faria.

Nada mal para quem andava se queixando da marginalização a que foi relegado desde o sucesso de *Vereda Tropical*. "Só eu sei o que é iniciar um trabalho importante numa emissora e depois não poder curtir o sucesso", resmunga. Seria uma perseguição que remonta ao tempo de *Duas Vidas*, na Globo, em 77, quando ele ousou namorar Beth Faria, que estava se separando de Daniel Filho. Consta que foi riscado do caderninho do todo-poderoso diretor da Central Globo de Produções. E nunca mais perdoado, embora tenha voltado a trabalhar lá depois disso. "Não posso ser culpado por ter cometido um "pecado". Nos apaixonamos e pronto", diz o ator.

"Como companheiro, ele foi um namoradão", garante Beth Faria. Menos mal. Aos 35 anos, Mário Gomes quer varrer a poeira e recuperar o tempo perdido.

"Tentaram me tolher, mas estou aqui novamente." Ele já devia estar acostumado. No fatídico ano de 77, esteve envolvido também no "escândalo da cenoura". "Segurei mais essa. A cenoura é minha e faço dela o que quiser", diz hoje. Naquela época chegou a se revoltar com a trama que acredita foi arquitetada por Carlos Imperial devido a um processo judicial que movia contra ele por causa dos cartazes do filme *O Sexo das Bonecas*. Neles, o ator aparecia de cílios postiços e batom. A história da cenoura foi bem pior. Durante dias, as manchetes de jornais estamparam que foi internado num hospital porque fez da leguminosa objeto sexual.

"Foi tudo um mal-entendido", tenta desculpar-se Carlos Imperial. "Inclusive, através de minha coluna na revista Amiga, já cobrei a presença dele na Globo." Imperial garante que não perde um capítulo de *Olho por Olho*. "Acho que ele está excelente na novela da Manchete." Não deixa de ser uma opinião insuspeita. A do ator Jonas Torres, que contracenou com ele em *Vereda Tropical*, é igual apenas no entusiasmo. "Ele é um cara gente fina", diz o Bacana da série *Armação Ilimitada*.

Mário Gomes acredita-se o criador do neo-galã de novelas. "Fui eu quem joguei o herói no chão e amassei a cara dele." Pode ser modéstia, mas foi daí que surgiram tipos como o Luca. Nada que as rasteiras da vida não destruíssem. Para escapar delas, ele agora diversifica. "Penso como o Donald Trump: devemos manter vários balões no ar. Quando um estoura, buscamos o outro." Um desses balões é a *MG Confecções*, uma fábrica de roupas esportivas. Outro, as músicas que compõe e a banda que sustenta para sua eterna aspiração de cantor já registrada em alguns discos. O balão de ator, este voltou a ser inflado.

Helena Tavares

Os eternos fantasmas bergmanianos em tons mais suaves estão em Fanny e Alexander *às 22h, no 7*

O humor de um deprimido

"Este filme é a soma de toda a minha vida como diretor de cinema". A frase dita por Ingmar Bergman na época do lançamento de *Fanny e Alexander* já deixou de ser novidade. Esta obra-prima que a Bandeirantes exibe hoje, pela primeira vez na TV, é mesmo uma espécie de *melhores momentos* do diretor. A grande e eterna novidade neste agradável filme de quase três horas de duração é a simples constatação de que o deprimido Bergman — quem diria — tem, e muito, bom humor.

Fanny e Alexander retoma quase todos os temas tratados anteriormente na obra do diretor — fé, arte, amor, convivência, casamento. O esquema de produção também é o de sempre. O roteiro é de Bergman e a bela fotografia leva a habitual assinatura do gênio Sven Nykvist. Mas o espectador logo vai perceber que há algo de errado em mais este filme do veterano cineasta. Enquanto cada hora de qualquer Bergman parece durar uma eternidade este aqui flui ágil e deliciosamente ao longo de toda a sua duração.

Impossível não se apaixonar pelos guris Fanny e Alexander perdidos no início do século numa família estranha como qualquer família. Um delicado fantasma, um padrasto tirano, parentes irresistíveis ou insuportáveis fazem parte do cotidiano prosaico e poético dos dois garotos através dos quais Bergman resolveu reviver sua infância de europeu do início do século, fascinado por um mundo em mudanças envolvendo uma família perene.

Este é o filme mais acessível de Bergman. Não é à toa que abiscoitou Oscars de fotografia, direção de arte, figurino, roteiro e melhor filme de língua não inglesa. Esta síntese feliz do trabalho do diretor sueco é perfeita. Mas poderia ter sido melhor. Caso tivesse provado definitivamente ao americano Woody Allen — cujo grande sonho era ser Bergman — que levar algum humor como lastro em profundos mergulhos na alma não é coisa de cineasta menor.

Rogério Durst

OS VISITANTES DA NOITE
TV E — 20h

(Les Visiteurs du Soir) de Marcel Carné. Com Arletty, Alain Cuny e Fernand Ledoux. França, 1942.

Na Idade Média, dupla de menestréis, na verdade enviados do demo, perturbam a vida de um grupo de nobres. Bonito, poético e divertido filme do francês Carné. Mas um pouco lerdo demais para os gostos mais americanos.

OURO DA COBIÇA
TV Bandeirantes — 20h

(Wet Gold) de Dick Lowry. Com Brooke Shields, Tom Byrd, Brian Kerwin e Burgess Meredith. EUA, 1984.

Drama de aventuras. Casal de namorados busca tesouro em navio submerso. O único interesse deste teledrama está nos maiôs molhados de Brooke Shields. Se você acha isto motivo bastante para se assistir a um filme... **Cor** (91').

FANNY E ALEXANDER
TV Bandeirantes — 22h

(Fanny och Alexander) de Ingmar Bergman. Com Pernilla Allwin, Bertil Guve e Erland Josephson. Suécia-França-Alemanha, 1982.

Síntese feliz. A vida de uma família sueca vista pelos olhos de dois garotos Fanny e Alexandre. Filme que retoma lindamente os temas desenvolvidos por Bergman ao longo da carreira.

AMOR À PRIMEIRA MORDIDA
TV Globo — 0h

(Love at First Bite) de Stan Dragoti. Com George Hamilton, Susan Saint James e Richard Benjamin. EUA, 1979.

Comédia. Expulso da Transilvânia pelos comunistas, o Conde Drácula vai a Nova Iorque onde se apaixona por bela e vadia modelo. Irreverente avacalhação com a vida e obra do velho sanguessuga. Nada de muito brilhante aqui mas as boas piadas e o elenco disposto fazem uma engraçada sátira. **Cor** (93').

HOJE · RÁDIO & TELEVISÃO

TV · MANHÃ

6:30 — 4 SANTA MISSA

7:00 — 7 O GORDO E O MAGRO
13 MAIS QUE UMA PALAVRA

7:15 — 2 TELECURSO 2º GRAU — Aula de **Biologia** e recapitulação semanal
13 UMA NOVA ESPERANÇA

7:20 — 4 GLOBO RURAL

7:40 — 6 PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA

7:45 — 11 MÃOS MÁGICAS — Educativo
13 PRESENÇA BATISTA

7:55 — 11 CLUBE IRMÃO CAMINHONEIRO DO BRASIL

8:00 — 6 HOMENS E LIVROS
7 A CONQUISTA DA TERRA — **Informativo sobre o campo**
11 ARK II — **Seriado**
13 MOMENTOS DE PAZ

8:20 — 4 SOM BRASIL

8:30 — 2 CAMINHOS DA REPORTAGEM — Jornalístico. Hoje: **Artesanato do Distrito Federal**
6 JORNAL DO PROFESSOR
7 ANUNCIAMOS JESUS
11 BOOMER — Seriado
13 NOVO AMANHECER

8:45 — 13 MAIS QUE VENCEDOR

9:00 — 2 PALAVRAS DE VIDA — Mensagem com D. Eugênio Salles
6 VERSO E REVERSO
7 GUERRA, SOMBRA E ÁGUA FRESCA — **Seriado**
9 COMUNIDADE NA TV
11 SHAZAN — Seriado
13 SAÚDE E VIDA

9:30 — 4 GRANDE PRÊMIO DE MONZA DE FÓRMULA—1
6 ESTAÇÃO CIÊNCIA
7 JORNAL DE HABITAÇÃO
11 ELO PERDIDO — **Seriado**
13 VINDE A CRISTO

10:00 — 2 ARRUMAÇÃO — Musical
6 MANCHETE RURAL — Informativo sobre o campo
7 SHOW DO ESPORTE
9 POSSO CRER NO AMANHÃ — Religioso
11 AS AVENTURAS DE B.J.
13 POSSO CRER NO AMANHÃ

11:00 — 2 PRIMEIRO MOVIMENTO — Música erudita
6 DOMINGO DE AVENTURA — Seriados: **A fuga de Gioday & Ambição perigosa**
9 PAPO DE ARQUIBANCADA
11 LUCAN — Seriado
13 ESPORTREZE

11:10 — 4 DISNEYLÂNDIA — Infantil. Hoje: **Dilema de Donald**

11:45 — 4 BRAVESTARR — Desenho. Episódio: **O desaparecimento do furacão**

11:55 — 6 MINUTO OLÍMPICO

TV · TARDE

12:00 — 2 GLOBO CIÊNCIA
6 ESPORTE E AÇÃO — Apresentação de Alberto Léo
7 SELEÇÕES PORTUGUESAS — O SHOW DA MALTA — Musical. Apresentação de Jorge Sereno
11 TARZAN — Seriado

12:15 — 4 TRANSFORMERS — Desenho. Episódio: **A destruição final I — A busca**

12:30 — 2 FUTEBOL — VT completo

12:45 — 4 ALF, O E. TEIMOSO — Seriado. Episódio: **Um viva ao chefe**

13:00 — 6 ESPORTE 88
9 PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório
11 PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Programa de auditório

13:20 — 4 NA MIRA DO TIRA — Seriado. Episódio: **Hammer na fazenda**

13:50 — 4 A BELA E A FERA — Seriado. Episódio: **Enjaulado**

14:00 — 2 STADIUM — Imagens do esporte amador no mundo

14:50 — 4 VÍDEO-SHOW

15:00 — 2 M.P.B. — Musical com **Roupa Nova**
6 BIS — Apresentação de Jacyra Lucas. Hoje: perfil de Marina; duo de guitarras entre Chuck Berry e Keith Richards

15:30 — 9 RIO TURISMO

16:00 — 2 BELLE ÉPOQUE — Documentário: **Última voragem** (4º episódio)
6 SHOCK — Variedades. Apresentação de Andréa Morucci & Sabrina Costa. Hoje: The Mission; perfis de Celso Blues Boy e Eduardo Duzek
13 TÚNEL DO TEMPO — Seriado. Episódio: **Fim do mundo**

17:00 — 2 BALEIA VERDE — Espaço aberto para a ecologia. Hoje: Bia Bedran conversa com Manoela, filha do ator Otávio Augusto, que acompanhou os debates sobre meio-ambiente na Constituinte; um técnico do IBDF falando sobre as grandes queimadas; depoimento de Baby Consuelo sobre ecologia e o curta **Devastação da Mata Atlântica**, Vitor Lustosa
4 COPA UNIÃO
13 PERDIDOS NO ESPAÇO — Seriado. Episódio: **Planeta fantasma**

TV · NOITE

18:00 — 2 OS ANOS 30 — Documentário: **Caminhos acidentais e agonia oriental** (4º episódio)
6 NASHVILLE — Programa de música **country**
13 RIO HIT PARADE ESPECIAL

18:30 — 9 PROGRAMA SÍLVIO SANTOS — Continuação

18:55 — 4 OS TRAPALHÕES
6 MINUTO OLÍMPICO

19:00 — 2 JORNAL DE DOMINGO
6 ROCK ESPECIAL — Musical

19:55 — 6 MINUTO OLÍMPICO — Boletim

20:00 — 2 CADERNOS DE CINEMA — Filme: **Os visitantes da noite**
4 FANTÁSTICO — Variedades
6 PROGRAMA DE DOMINGO
7 CINEMAX — Filme: **Ouro da cobiça**
13 RIO IN CONCERT — Apresentação de Tessy Callado. Hoje: **clips** com **Supertramp** e **Eurythmics**

21:50 — 6 PRIMEIRA FILA

21:55 — 6 MINUTO OLÍMPICO — Boletim

22:00 — 2 O ÚLTIMO TREM PARA PARIS — Debates políticos. Apresentação de João Paulo dos Reis Veloso. Tema: **De Dutra a Jango: Redemocratização, anos dourados e colapso do populismo**
6 ESPECIAL — O maestro Leonard Bernstein regendo um especial com as músicas do filme **West Side Story**
7 CARLTON CINE — Filme: **Fanny e Alexander**
9 CAMISA NOVE — Mesa-redonda sobre esporte
11 SESSÃO DAS DEZ — Filme: a programar
13 COLUMBO — Seriado. Episódio: **Assassinato na planta**

22:05 — 4 ESPORTE ESPETACULAR — Apresentação de Fernando Vanucci. Hoje: os bastidores do Grande Prêmio de Monza; Hollywood Motocross em Gramado; finais da US Open de Tênis; preparativos para os jogos de Seul e os gols da rodada

22:55 — 4 TIRO CERTO — Seriado

23:00 — 2 ESPORTE VISÃO — Mesa-redonda sobre esporte
6 TOQUE DE BOLA — Mesa-redonda sobre esporte
13 RIO VIP — Agenda cultural e social

23:50 — 4 DOMINGO MAIOR — Filme: **Amor à primeira mordida**

0:00 — 7 CRÍTICA E AUTOCRÍTICA — Entrevistas políticas
9 RIO TURISMO — Programa bilíngue sobre turismo no Rio
11 SESSÃO DAS DEZ — Reprise

0:20 — 6 DEBATE EM MANCHETE — Apresentação de Arnaldo Niskier

1:00 — 7 FLASH — Entrevistas com Amaury Jr.

RÁDIO JB AM 940 KHz

Jornal do Brasil Informa — às 7h30, 12h30, 18h30 e 0h30.

Repórter JB — Informativo às horas certas.

Arte Final Jazz — Produção de Celio Alzer e Jota Carlos. Apresentação de Maurício Figueiredo, às 22h. Destaques de hoje: Courtney Pine, Tony Williams, Orquestra de Música Brasileira, Diane Schuur e Claude Bolling Quartet.

FM ESTÉREO 99,7 MHz

10h — **CDs a raio laser: Sonata em Dó maior, para trompete e órgão**, de Jean Baptiste Loeillet (Maurice André, Bilgram — 8:17); **Moby Dyptich, Canção sem palavras e Dois Aniversários (1965)**, de Leonard Bernstein (James Tocco — 6:27); **A páscoa russa — Abertura Festival**, de Rimsky-Korsakoff (OS Londres, Scherchen — Grav. 1954 — 15:32); **Missa para tempo de guerra**, de Haydn (Blegen, Fassbaender, Ahnsjo, Sotin, OR Bávara, Bernstein — 45:19); **6 pequenos prelúdios**, de Bach (Martins — 8:32); **Sinfonia espanhola, para violino e orquestra, op. 21**, de Lalo (Perlman, Orq. Paris, Barenboim — 33:08); **Andantino, op. 2 nº 3**, de Fernando Sór (J.M. Moreno — 3:39); **Pavana para uma princesa morta**, de Ravel (Orq. Paris, Barenboim — 7:40); **Sinfonia nº 39, em Mi bemol maior, K 543**, de Mozart (CE Dresde, Davis — 31:18).

20h — **CDs a raio laser: Suite de danças, de Terpsichore**, de Praetorius (Calliope — 10:11); **Concerto nº 3, em Ré maior, para violino, cordas e contínuo**, de Telemann (Iona Brown — 5:30); **6 números da Prole do bebê nº 1**, de Villa-Lobos (Rubinstein — 10:27); **Suite para flauta doce e orquestra de cordas**, de Gordon Jacob (Michala Petri — 18:16); **Danças húngaras nºs 10 a 21**, de Brahms (Fil. Viena, Abbado — 24:39); **Sonata nº 6, em Lá maior, op. 82**, de Prokofieff (Pogorelich — 28:11); **A morte e a donzela — Quarteto para cordas, em ré menor, D. 810**, de Schubert (Amadeus — 38:30); **O Filho Pródigo — cantata dramática**, de Debussy (Norman, Carreras, Dieskau, OR Stuttgart, Bertini — 34:50).

DIA	CANAL/H	FILMES	SINOPSE
seg 12	4 · 14:20	OS TRES MOSQUETEIROS (The Three Musketeers) EUA, 1948, cor, 126'. De George Sidney. Com Gene Kelly e Gig Young.	Aventura. Jovem espadachim se une aos mosqueteiros e evita uma intriga maquiavélica do cardeal Ricchelieu.
	4 · 21:30	FÉRIAS FRUSTRADAS (National Lampoon's Vacation) EUA, 1983, cor, 98'. De Harold Ramis. Com Chevy Chase.	Comédia. Americano típico leva a família para uma viagem de férias que resulta numa série de desastres.
	9 · 21:30	A LONGA VIAGEM DE VOLTA (Long Journey Back) EUA, 1978, cor, 104'. De Mel Damski. Com Cloris Leachman.	Drama. Jovem sofre acidente e perde uma perna e a memória. Começa então uma luta para voltar à vida normal.
	4 · 00:10	SUPLÍCIO DE UMA SAUDADE (Love Is a Many Splendored Thing) EUA, 1955, cor, 103'. De Henry King.	Dramalhão. William Holden é um jornalista americano que vive amor impossível com a asiática Jennifer Jones.
	11 · 01:15	CHARLES E DIANA (The Royal Romance of Charles and Diana) EUA, 1982, cor, 100'. De Peter Levin. Com Ray Milland.	Romance real. Dramatização para a TV do badalado casamento entre o herdeiro do trono inglês e Lady Di.
ter 13	4 · 14:20	OS SEUS, OS MEUS, OS NOSSOS (Yours, Mine and Ours) EUA, 1968, cor, 111'. De Melville Shavelson. Com Henry Fonda.	Comédia. Viúvo com dez filhos se apaixona por viúva com oito filhos. Casam-se, criando uma confusa família.
	9 · 21:30	A VINGANÇA DE CROPSI (The Burning) EUA, 1981, cor, 90'. De Tony Maylem. Com Brian Mathews e Leah Ayres.	Terror. Na falta do que fazer, garotos carbonizam homem que volta anos depois para uma terrível vingança.
	11 · 00:45	CRIME DE ESTUPRO (Rape and Marriage) EUA, 1980, cor, 96'. De Peter Levin. Com Michey Rourke e Linda Hamilton.	Drama baseado em fatos reais. Esposa leva ao tribunal seu violento marido que a agrediu e estuprou.
	4 · 01:10	O OVO DA SERPENTE (The Serpent's Egg) EUA e Alemanha, 1977, cor, 120'. De Ingmar Bergman. Com Liv Ullman.	Drama. Na Alemanha entre guerras, trapezista e a viúva de seu irmão vivem a crise e o nascimento do nazismo.
qua 14	4 · 14:20	OS VIÚVOS TAMBÉM SONHAM (A Hole in the Head) EUA, 1959, cor, 111'. De Frank Capra. Com Frank Sinatra.	Comédia. Dono de hotel tenta salvar seu negócio da falência enquanto enfrenta problemas com o filho.
	9 · 21:30	MR HORN (Mr Horn) EUA, 1979, cor, 104'. De Jack Starret. Com David Carradine e Richard Widmark.	Faroeste. Continuação das estrepolias do heróico batedor Scott Tom Horn, iniciadas quarta passada.
	4 · 01:10	TAGARELICE NA ALDEIA (Talk of the Town) EUA, 1942, P&B, 116'. De George Stevens. Com Cary Grant e Jean Arthur.	Comédia. Anarquista acusado por crime que não cometeu se esconde na casa de professora e os dois se apaixonam.
	11 · 01:45	O MENINO BIÔNICO (The Bionic Boy) Filipinas, 1976, cor, 92'. De Leody M. Dias. Com Johnson Yap e Ron Rogers.	Karatê eletrônico. Pequeno campeão de artes marciais é reconstruído bionicamente e persegue bandidos.
qui 15	4 · 14:20	A VIDA SECRETA DE JOHN CHAPMAN (The Secret Life of John Chapman) EUA, 1976, cor, 78'. De David Lowell Rich.	Drama. Bem-sucedido executivo (Ralph Waite) vai viver como operário, em busca de novas experiências.
	7 · 21:30	DESESPERO A 40 GRAUS (Heatwave) EUA, 1974, cor, 74'. De Jerry Jameson. Com Ben Murphy e Bonnie Bedelia.	Catástrofe. O vilão aqui é — quem diria — uma onda de calor, que ameaça a vida de um casal grávido.
	9 · 21:30	UMA QUESTÃO DE VIDA E MORTE (A Matter of Life and Death) EUA, 1981, cor, 104'. De Russ Mayberry. Com Linda Lavin.	Drama. Enfermeira dedicada volta a salvar vidas na TV Corcovado. Para quem gosta de hospitais e reprises...
	11 · 00:45	O ÚLTIMO PISTOLEIRO (The Shootist) EUA, 1976, cor, 103'. De Don Siegel. Com John Wayne e Lauren Bacall.	Faroeste. Velho pistoleiro, sofrendo de câncer, resolve travar um último duelo com velhos inimigos.
	4 · 01:10	A PERVERSA (The Wicked Lady) Inglaterra, 1983, cor, 98'. De Michael Winner. Com Faye Dunaway e Alan Bates.	Drama. Apaixonada por bandoleiro, aristocrata inglesa resolve se tornar também uma fora da lei.
sex 16	4 · 14:20	KELLY E EU (Kelly and Me) EUA, 1956, cor, 85'. De Robert Z. Leonard. Com Van Johnson e Piper Laurie.	Comédia dramática. Ator faz dupla com cachorro. O astro canino desaparece e o cara passa a ter vida de cão.
	9 · 21:30	O TEMPLO DAS MIL LUZES (La Montagne di luce) Itália, 1964, cor, 98'. De Umberto Lenzi. Com Richard Harrison.	Aventura. Ladrão americano vai à Índia roubar valioso diamante de um mosteiro. Mas não é o único interessado.
	11 · 21:30	O EXTERMINADOR DO FUTURO (The Terminator) EUA, 1984, cor, 102'. De James Cameron. Com Arnold Schwarzeneger.	Ficção-científica. Vindo do futuro, monstruosa criatura artificial tenta eliminar bela jovem americana.
	2 · 00:30	A PISTA (La Trace) França, 1983, cor, 103'. De Bernard Favre. Com Richard Berry e Sophie Cemineau.	Comédia dramática. Estranho personagem contrabandeia para a França um instrumento ainda mais estranho.
	7 · 01:00	A CRUZ DO MEU DESTINO (Footstep in the Fog) Ingl., 1955, cor, 90'. De Arthur Lubin. Com Stewart Granger.	Suspense. Aristocrata assassino planeja matar sua empregada, testemunha dos crimes que cometeu.
	4 · 01:35	NORMA RAE (Norma Rae) EUA, 1979, cor, 114'. De Martin Ritt. Com Sally Field, Beau Bridges e Pat Hingle.	Drama trabalhista. Mãe solteira se torna líder de trabalhadores têxteis enfrentando todo tipo de pressões.
	11 · 02:45	HOMENS EM GUERRA (Men in War) EUA, 1957, cor, 102'. De Anthony Mann. Com Robert Ryan e Aldo Ray.	Guerra. Na Coréia, em 1950, tenente sofre várias baixas e acaba tendo de cumprir missão com apenas 17 homens.
sáb. 17	2 · 14:30	SE EU TIVESSE UM MILHÃO (If I Had a Million) EUA, 1932, P&B, 88'. De Ernest Lubitsch, Norman Taroug e outros.	Comédia em episódios. Magnata resolve distribuir milhões a estranhos, mudando suas vidas. Um clássico.
	11 · 15:00	A MAIOR AVENTURA DE TARZAN (Tarzan's Greatest Adventure) Ingl., 1959, cor, 88'. De John Guillermin.	Aventura. Tarzan, interpretado pelo fortudo Gordon Scott, persegue pela selva sanguinários criminosos.
	7 · 3:00	O VENDEDOR DE BALÕES (Il Venditore de Pallocine) Itália, 1975, cor, 102'. De Mario Gariazzo. Com Lee J. Cobb.	Drama. Filho de pai alcoólatra e imprestável tem que vender balões para sustentar a família.
dom 18	2 · 20:00	A MAGIA DOS FANTASMAS (La Féerie des Fantomes) França, P&B, 108'. De Marcel L'Herbier.	Antologia. A história do filme fantástico francês, de 1895 a 1975, contada de forma mágica.
	7 · 20:00	CALADA PELO MEDO (Silent Witness) EUA, 1985, cor, 96'. De Michael Miller. Com John Savage e Valerie Bertinelli.	Drama criminal. Jovem testemunha um estupro mas nada conta pois um dos criminosos é seu cunhado.

Esta é uma seleção dos melhores filmes programados para esta semana pelas emissoras de TV. Acompanhe a programação, diariamente, pelo Caderno B.

☐ *Recomendações*

A polivalente Laurie Anderson aparece com sua banda no musical **Terra de Bravos**, *em cartaz no Star-Ipanema*

Lançamentos

TERRA DE BRAVOS (Home of the brave), de Laurie Anderson. Com Laurie Anderson e sua banda. **Star-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).
Musical apocalíptico concebido e interpretado pela compositora, violinista, poeta e dramaturga americana. EUA/ 1986.

A FARSA (Masquerade), de Bob Swaim. Com Rob Lowe, Meg Tilly, Kim Cattrall e Doug Savant. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 40 — 240-6541): 13h40min, 15h30min, 17h20min, 19h10min, 21h. **São Luiz 1** (Rua do Catete, 307 — 285-2296). **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532), **Barra-3** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), **Tijuca-2** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945): 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min. (16 anos).
Drama de amor e mistério. Rica herdeira e fatista **bon vivant** começam um romance que termina mal depois que o padrasto da moça é assassinado acidentalmente pelo rapaz. EUA/1987.

UM AMOR FATAL (China girl), de Abel Ferrara. Com James Russo, Richard Panebianco, Sari Chang e David Caruso. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): 13h40min, 15h30min, 17h20min, 19h10min, 21h. **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194), **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min. **Tijuca-Palace-2** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): de 2ª a sábado, às 15h30min, 17h20min, 19h10min, 21h. Domingo, a partir das 17h20min. (14 anos).
O romance entre dois adolescentes de guetos diferentes — o rapaz italiano e a garota chinesa — desencadeia uma guerra entre gangues juvenis. EUA/1987.

A FAMILIA (La famiglia), de Ettore Scola. Com Vittorio Gassman, Stefania Sandrelli, Fanny Ardant e Ottavia Piccolo. **Cinema 1** (Av. Prado Júnior, 281 — 295-2889): 14h, 16h30min, 19h, 21h30min. (Livre).
A história de uma família, abrangendo o período que vai de 1907 a 1987, tendo como cenário principal a casa, onde todos se reúnem. Itália/1987.

A PRINCESA PROMETIDA (The princess bride), de Rob Reiner. Com Cary Elwes, Robin Wright, Mandy Patinkin e Chris Sarandon. **Art-Fashion Mall 2** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): de 2ª a 6ª, às 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. **Ar-Casashopping-2** (Av. Alvorada — Via 11, 2.150 — 325-0746): de 2ª a 6ª, às 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. (Livre).
Garoto com forte gripe é obrigado a passar o dia na cama e para consolá-lo o avô conta-lhe uma bela história, cheia de fantasia, sobre uma princesa que descobre estar apaixonada pelo encarregado dos estábulos. EUA/1987.

ADEUS, MENINOS (Au revoir les enfants), de Louis Malle. Com Gaspard Manesse, Raphael Fejto, Francine Racette e Stanislas Carré de Malberg. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 255-7121): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. (Livre).
Em um pensionato para meninos na França, um garoto toma consciência da guerra quando descobre a perseguição sofrida por seu colega judeu, escondido pelo padre, diretor do colégio. França/1987. Prêmio Leão de Ouro no Festival de Veneza.

OLHOS NEGROS (Ocie ciornie), de Nikita Mikhalkov. Com Marcello Mastroianni, Silvana Mangano, Marthe Keller e Elena Sofonova. **Art-Fashion Mall 1** (Estrada da Gávea, 899: 322-1258): 20h, 22h. **Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h, 17h15min, 19h30min, 21h45min. **Bruni-Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 591-2746): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
Na virada do século, a bordo de um navio, um italiano conta a um passageiro russo a história de sua vida: sua paixão por uma mulher russa casada, a falência de seus negócios e o abandono de sua mulher. Baseado em contos de Anton Chekov. Itália/1987. Melhor ator no Festival de Cannes.

A DAMA DO CINE SHANGHAI (Brasileiro), de Guilherme de Almeida Prado. Com Maitê Proença, Antônio Fagundes, Paulo Villaça e Miguel Falabella. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 40 — 240-6541): 14h, 16h10min, 18h20min, 20h30min. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. **Tijuca-1** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246): 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (14 anos).
Corretor de imóveis encontra no cinema misteriosa mulher muito parecida com a estrela do filme. A partir daí envolve-se numa aventura cheia de intrigas e suspense. Produção de 1987.

FELIZ ANO VELHO (Brasileiro), de Roberto Gervitz. Com Marcos Breda, Malu Mader, Eva Wilma e Marco Nanini. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Fashion Mall-3** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): de 2ª a 6ª, às 16h, 18h, 20h, 22h, sábado e domingo, a partir das 14h. **Art-Casashoping-3** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): de 2ª a 6ª, às 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. **Art Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578), **Art-Madureira-2** (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
Jovem fica tetraplégico ao chocar-se com uma pedra no fundo de um lago. Mergulhando no passado ele descobre novas forças para encarar a trágica situação e dar um rumo à vida. Baseado no livro autobiográfico de Marcelo Paiva. Produção de 1987.

DEDÉ MAMATA (Brasileiro), de Rodolfo Brandão. Com Guilherme Fontes, Malu Mader, Marcos Palmeira e Iara Jamra. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1291): 14h, 15h50min, 17h40min, 19h30min, 21h20min. **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Largo do Machado 1** (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 14h30min, 16h20min, 18h10min, 20h, 21h50min. **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1.747 — 390-5745): 15h30min, 17h20min, 19h10min, 21h. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Barra-2** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246), **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min. (14 anos).
A geração de adolescentes esmagada e oprimida durante a década de 70 e seu envolvimento com a política e as drogas. Baseado no livro homônimo de Vinicius Vianna. Produção de 1987.

COLORS — AS CORES DA VIOLÊNCIA (Colors), de Dennis Hopper. Com Sean Penn, Robert Duvall, Maria Conchita Alonso e Randy Brooks. **Odeon** (Praça Mahatama Gandhi, 2 — 220-3835), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178), **Madureira-3** (Rua João Vicente, 15 — 593-2146), **Art-Méier** (Rua Silva Rebelo, 20 — 249-4544): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **São Luiz 2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048), **Barra-1** (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. (16 anos).
Os confrontos entre dois policiais de Los Angeles e as gangues de adolescentes que disputam o domínio das ruas onde imperam a violência e as drogas. EUA/1987.

TAL PAI, TAL FILHO (Like father like son), de Rod Daniel. Com Dudley Moore, Kirk Cameron, Margaret Colin e Catherine Hicks. **Art-Casashopping-1** (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): de 2ª a 6ª, às 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975: 15h, 17h, 19h, 21h. **Art-Fashion Mall 4** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): de 2ª a 6ª, às 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado, domingo a partir das 14h. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 256-4588): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).
Comédia. Por acidente, cardiologista famoso troca de corpo com o filho, aluno do curso secundário, no dia em que o filho tinha um encontro com a namorada. EUA/1987.

ATIRANDO PARA MATAR (Deadly pursuit), de Roger Spottiswoode. Com Sidney Poitier, Tom Berenger, Kirstie Alley. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642): de 2ª a sábado, às 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. Domingo, a partir das 17h10min. **Palácio** (Campo Grande).

15h, 17h, 19h, 21h. (16 anos).
Agente do FBI requisita a ajuda de um **expert** em trilhas para prender um assassino escondido numa remota área montanhosa do Pacífico. EUA/1987.

A CEGONHA NÃO PODE ESPERAR (For keeps) de John G. Avildsen. Com Molly Ringwald, Randall Batinkoff, Kenneth Mars e Miriam Flynn. **Art-Fashion Mall 1** (Estrada da Gávea, 899 - 322-1258): de 2ª a 6ª, às 16h, 18h. Sábado e domingo, às 14h, 16h, 18h. (14 anos).
Comédia romântica. Casal de adolescentes vê seus planos futuros perturbados com a notícia de que a garota está grávida, justamente no ano de formatura da escola secundária. EUA/1987.

ABAIXO DE ZERO (Less than zero) de Marek Kanievska. Com Andrew McCarthy, Jami Gertz, Robert Downey Jr. e James Spader. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72 — 285-0642). 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min. (16 anos).
A futilidade de jovens ricos de Beverly Hills, cujas vidas giram em torno de festas, sexo, drogas e rock'n'roll. Baseado no livro de Bret Easton Ellis. EUA/1987.

CROCODILO DUNDEE II (Crocodile Dundee II), de John Cornell. Com Paul Hogan, Linda Kozlowski, John Meillon e Ernie Dingo. **Largo do Machado 2** (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. **Tijuca-Palace 1** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 228-4610): 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (10 anos).
Continuação das aventuras do herói australiano em Nova Iorque. Desta vez, ele está sendo procurado por perigosos traficantes e, para não arriscar a vida da namorada, resolve fugir com ela para a Austrália. EUA/1987.

RAMBO III (Rambo III), de Peter MacDonald. Com Sylvester Stallone, Richard Crenna, Marc de Jonge e Kurtwood Smith. **Campo Grande** (Rua Campo Grande, 880 — 393-4452): **Art-Madureira-1** (Shopping Center de Madureira — 390-1827); **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628), **Bristol** (Av. Ministro Edgar Romero, 460 — 391-4822) **Ramos** (Rua Leopoldina Rego, 52-230-1889): 15h, 17h, 19h, 21h. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 11h30min, 13h30min, 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min. Sábado e domingo, a partir das 13h30min. (14 anos)
Nesta terceira aventura, Rambo deixa o mosteiro budista onde estava meditando para libertar o amigo, preso como refém no Afeganistão. EUA/1987.

A última chance de ver a fatal Glenn Close em O Reencontro

Curta na tela

A SUPERFÍCIE DOMADA, PARTIDA, DOBRADA — De Newton Silva. Cinema: **Star-Ipanema**
BECO SEM NÚMERO — Octávio Bezerra. Cinema: **Bruni-Copacabana**
CANTA DIAMANTINA — De Moacir de Oliveira. Cinema: **Barra-3**
CAPIBA, ONTEM, HOJE, SEMPRE — De Fernando Spencer. Cinema: **Pathé**
DEDO DE DEUS — De Cristiano Requião. Cinema: **Art-Madureira-1**
FAZ MAL II — De Still. Cinema: **Art-Fashion Mall-2**
GINECEU — De Helena Lustosa. Cinema: **Art-Casashopping-2**
JENNER AUGUSTO — De Fernando Coni Campos. Cinemas: **Paissandu** e **Art-Fashion Mall-1**
LÁ — De Carmem Pereira Gomes. Cinemas: **Bruni-Tijuca** e **Art-Casashopping-1**
LAMPIÃO, CAPITÃO MALAZARTE — De Octávio Bezerra. Cinemas: **Largo do Machado-2** e **Olaria**
LÍVIO ABRAMO, GRAVURAS — De Fernando Coni Campos. Cinemas: **Art-Méier** e **Ramos**
LUPE, PROFISSÃO BOHEMIO — De David Quintana. Cinema: **Campo Grande**
MELODRAMA — De Jorge Mansur. Cinemas: **Ópera-1 Rio-Sul** e **Vitória**
MERCADORES DE SÃO JOSÉ — De Sani Lafon Pádua. Cinemas: **Copacabana** e **Tijuca-2**
MORANGOS MOFADOS — De Rubem Corveto. Cinemas: **Odeon** e **São Luiz-2**
NEM TUDO SÃO FLORES — De Paulo Maurício Caldas. Cinemas: **São Luiz-1** e **Palácio-1**
O LOBO SE ESTREPA — De Still. Cinemas: **Bruni-Méier**
O MURO — O FILME — De Sérgio Péo. Cinemas: **Studio-Copacabana** e **Lagoa Drive-In**
UM CERTO MANOELZÃO — De Leonardo Bartucci. Cinema: **Paratodos**
VIOLURB — De Cleumo Segond. Cinemas: **Barra-1**, **Tijuca-Palace-2**, **Madureira-1** e **Studio-Catete**

Reprises

CAMINHOS VIOLENTOS (At close range), de James Foley. Com Sean Penn, Christopher Walken e Mary Stuart Masterson. Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7098): 14h, 16h30min, 19h, 21h30min. (14 anos).
Baseado em fatos reais ocorridos na Pensilvânia, no verão de 1978, narra a história de pai e filho unidos na criminalidade até que o Tribunal do Júri os separe. EUA/1985.

O REENCONTRO (The big chill), de Lawrence Kasdan. Com Tom Berenger, Glenn Close e William Hurt. **Sala 16** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 17h30min, 19h30min, 21h30min. Último dia. (18 anos).
O reencontro entre amigos da universidade, muitos anos depois, no enterro do mais brilhante deles, que se suicidou, serve para fazer o balanço de suas vidas e antigas esperanças.

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS (Ai no corrida), de Nagisa Oshima. Com Eiko Katusa e Tatsuya Fuji. **Opera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Olaria** (Rua Uranos, 1.474 — 230-2666): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).
História real ocorrida no Japão, em 1936. Jovem prostituta e seu amante entregam-se a uma paixão intensa que termina num ritual trágico e belo. Japão/1976.

QUEM É ESSA GAROTA? (Who's that girl), de James Foley. Com Madonna, Griffin Dunne e Haviland Morris. **Lagoa Drive-**

Isabel Ribeiro e Joana Fomm em Todas as Mulheres do Mundo, *hoje, às 18h no Parque Lage*

Campeões de Bilheteria

1. **Rambo III** (Art-Madureira, Paratodos, Pathé e outros). Público: 799.713 espectadores. Renda: Cz$ 226.024.360 na quinta semana.
2. **Crocodilo Dundee II** (Largo do MaChado-2 e Tijuca Palace). Público: 174.305 espectadores. Renda: Cz$ 58.133.300 na quarta semana.
3. **Atirando Para Matar** (Lido-1). Público: 81.208 espectadores. Renda Cz$ 29.890.550 na segunda semana.
4. **Colors, as Cores da Violência** (Odeon, Carioca, Madureira-3 e outros). Público: 72.408 espectadores. Renda: Cz$ 29.881.600 na primeira semana.
5. **Feliz Ano Velho** (Art-Copacabana, Art-Fashion Mall-3 e outros). Público: 61.362 espectadores. Renda: Cz$ 31.378.800 na primeira semana.

Fontes: Fox, Columbia, Embrafilme, UPI e Warner.

In (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h15, 22h30. Último dia. (Livre) Depois de passar quatro anos numa prisão por um crime que não cometeu, jovem garota sai revoltada e planeja encontrar o responsável por sua condenação.

Extra

MOSTRA ROMAN POLANSKI — Hoje: **Repulsa ao sexo (Repulsion)**, de Roman Polanski. Com Catherine Deneuve, Yvonne Furneaux e Ian Hendry. Complemento: **Mamíferos (Mammals)**, de Roman Polanski. **Cineclube Estação Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos)
Misto de terror e suspense mostrando a visão deformada de uma mulher esquizofrênica com problemas para se relacionar sexualmente. Inglaterra. 1965. P&B.

ANTES DE HOLLYWOOD/ AMÉRICA EM TRANSIÇÃO (III) — Domingo: filmes americanos do início do século incluindo **First mail delivery by airplane, A tin-type romance, The dream** e outros. **Cinemateca do MAM** (Av. Beira-Mar, s/nº): 16h30min.

INGLESES ANOS 80 (IV) — Hoje: **Sexta-feira santa (The long good friday)**, de John Mackenzie. Com Bob Hoskins, Helen Mirren e Eddie Constantine. **Cinemateca do MAM** (Av. Beira-Mar, s/nº): 18h30min.
Os ricos da derrota para um chefão do submundo londrino. Inglaterra 1980.

EXTRA — Hoje: **A comissária (Komissar), de Alexander Askoldov. Com Nonna Morjukova, Rolan Bykov e Raisa Nedaschovskaja.** Cinemateca do MAM (Av. **Beira-Mar, s/nº): 20h30min.**
Filme proibido pela censura soviética durante anos e finalmente liberado ano passado, depois de descoberto pelos críticos durante o Festival de Moscou. URSS. 1967/87.

SONHO SEM FIM (Brasileiro), de Lauro Escorel. Com Carlos Alberto Riccelli, Débora Bloch, Imara Reis e Marieta Severo. Hoje, às 16h30min e 18h30min, no **Museu de Astronomia e Ciências Afins**, Rua General Bruce, 586. (Livre)
Inspirado na história verídica de Eduardo Abelim, um gaúcho pioneiro do cinema no Brasil. Para fazer cinema ele é obrigado a trabalhar com malabarismo e quiromancia. Produção de 1986.

TODAS AS MULHERES DO MUNDO (Brasileiro), de Domingos de Oliveira. Com Paulo José, Leila Diniz e Isabel Ribeiro. Hoje, às 18h, na **Escola de Artes Visuais**, Rua Jardim Botânico, 414. (18 anos)
As aventuras amorosas de um Don Juan de Copacabana que se apaixona por uma jovem independente e renuncia à vida de boêmio. Produção de 1966.

OS VISITANTES DA NOITE (Les visiteurs du soir), de Marcel Carné. Com Arletty e Alain Cuny. Hoje, às 17h, no **Cineclube Jean Renoir**, Rua Jacinto, 7.
No fim da Idade Média, menestrel e amigo vão ao castelo de um conde, casado com bela mulher. Possuída pelo diabo, ela seduz o menestrel. França 1942. P&B.

CURTAS — Exibição de **Quadro a quadro**, de Paulo César Sarraceni, **Painel**, de Lima Barreto e **Um sorriso por favor**, de José Sette de Barros. Hoje, às 16h, no **Cineav**, Rua Jardim Botânico, 414. Entrada franca.

A programação dos cinemas de Niterói está no suplemento **Niterói**

GRUPO SEVERIANO RIBEIRO

HOJE HORARIOS DIVERSOS

PALÁCIO 2 · VENEZA · TIJUCA 1 · CENTER (CARIOCA)

STAR RAIZ apresenta

A DAMA DO CINE SHANGHAI

2ª semana

Um Filme de GUILHERME DE ALMEIDA PRADO

8 PRÊMIOS GRAMADO 88

14 ANOS

com MAITÊ PROENÇA ANTONIO FAGUNDES e grande elenco

ASSISTA ESTE FILME DESDE O INÍCIO E NÃO CONTE A NINGUÉM O FINAL

NACIONAL

CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO

HOJE HORARIOS DIVERSOS

METRO BOAVISTA · MACHADO 1 · CONDOR COPACABANA · LEBLON 2 · BARRA 2 · AMÉRICA · MADUREIRA 2 · BARONESA · CENTRAL · PETRÓPOLIS

UM FILME SOBRE O AMOR E A AMIZADE

SELEÇÃO OFICIAL DOS FESTIVAIS DE VENEZA E MONTREAL - 1988

3 prêmios no Festival de Gramado

GUILHERME FONTES · MALU MADER

2ª semana

14 anos

DEDÉ MAMATA

JB FM 100.5

UM FILME DE RODOLFO BRANDÃO PRODUÇÃO DE CARLOS DIEGUES E PAULO CÉSAR FERREIRA COM MARCOS PALMEIRA E IARA JAMRA

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL LUIZ FERNANDO GUIMARÃES ATOR CONVIDADO PAULO PORTO

MÚSICA CAETANO VELOSO DIRETOR RODOLFO BRANDÃO

PRODUÇÃO EXECUTIVA RENATA ALMEIDA MAGALHÃES ROTEIRO ANTONIO CALMON E VINICIUS VIANA

CININVEST · MULTIPLIC

BREVE POLTERGEIST III Cresce o Pavor 10 ANOS

TOM SKERRITT NANCY ALLEN

GARY SHERMAN

Negro, lindo e livre são os outros!

Colunista pede para ser adotado por Nina Simone, a cantora

Faz tempo que eu estou para entrar nesse papo de "raça negra". Mas sempre que penso nisso me aparece um anjo vermelho cheio de não-me-toques. "Sai dessa, bicho, olha o preconceito, brother!" E eu me engasgava, como branco que sou, como simpatizante da causa "não toque no meu maninho". Me calei um tempão, engoli a seco aquela campanha publicitária da raça que anunciava na TV o destino da neguinha: "Quando crescer você vai ser negra, linda e livre." Enganaram a neguinha novamente. Percebi isso vendo o show da fabulosa crioula Nina Simone. E imaginei que quando Nina era garota a mãe dela deve ter dito para ela: "Quando crescer você vai ser negra, Nina e Simone."

Assim como a mãe do Gilberto Gil deve ter feito uma festa no interior da Bahia quando sacou que seu filho ia ser negro, Gilberto e ainda por cima Gil. O negro — como o branco — só vale a pena quando é bom. E isso independe desses detalhes estéticos. Seria surpreendente se a mãe chegasse para a filha e dissesse "você vai ser branca, gorda e sapatão" ou ainda "serás Nabi, Abi e Chedid". Por sinal, taí um cara que merece um resgate. Viva os pênaltis inventados por Nabi, este branco, feio e cheio de rabo preso. Minhas congratulações com a mãe de Abi e tomara que o Chedid continue sempre assim. Agora, se um negro perde um pênalti não há nenhum motivo para a torcida do Botafogo ficar reverenciando a mãe do cara como "negra, linda e livre".

Imaginem o que a mãe do Josimar não falou para ele quando o craque ainda era criança! É por essas e por outras que o Tim Maia não aparece para cantar de vez em quando. "Hoje não dá! Tô me sentindo assim tão negro, tão lindo, tão livre, gente!" Pense bem: o que foi que a tua mãe te disse quando eras criança? Vamos, responda! Sei por exemplo que o pequeno Dapi, o correspondente do Caderninho B no Festival de Veneza, tem uma porção de problemas nessa área. Todo dia a mãe dele gasta uma fortuna em interurbano para dar o mesmo recado a seu filho na Itália. "Seu gatinho te mandou uma lambidinha, meu Dapizinho!" Isso lá é um escândalo de proporções mais alarmantes do que o filme do Scorcese. E logo com o Dapi que só queria ser amarelo, dark e botafoguense!

Já disseram que mãe é mãe, só muda o endereço. Esqueceram de lembrar que mãe não tem nada a ver com a cor da pele. O que a mãe do negro Barrosinho disse para ele não deve ter sido muito diferente do que a mãe do Antonio Adolfo desejou para seu filho branco. "Quando crescer vocês vão ser músicos, independentes e vão comer o pão que o diabo amassou." E eles são o que são: gente finíssima. Mas, enfim, acho que só estou falando essas coisas porque ouvindo Nina Simone me deu uma imensa vontade de deitar no seu colo negro e balbuciar: "canta outra, mamãe! Você é negra, linda e nós somos livres nesse momento!"

PS: Esta coluna é dedicada as minhas irmãs Monique e Silvia Gardenberg!

Tutty Vasquez

Circo

CIRCO HATARY — Circo de três lonas, com acrobatas, mágicos, palhaços e o urso da Ucrânia. Novas atrações. Pça. 11 (242-8164 e 242-3217). 4ª, às 21h, 5ª e 6ª, às 14h e 12h, sáb., às 15h, 17h30min e 20h, e dom., às 10h, 15h, 17h30min e 20h. Ingressos de arquibancada a Cz$ 500,00 (crianças até 10 anos) e Cz$ 600,00 (adultos); cadeira lateral a Cz$ 600,00 (crianças até 10 anos) e Cz$ 700,00 (adultos); cadeira central a Cz$ 700,00 (crianças até 10 anos) e Cz$ 800,00 (adultos) e camarote (quatro lugares) a Cz$ 4.000,00.

CIRCO D'ITALIA - Espetáculo tradicional italiano com animais amestrados, mágico, palhaços e acrobatas. Ao lado da Estação das Barcas, em Niterói. 4ª e 6ª, às 21h, 5ª, às 16h e 21h, sáb. às 17h e 21h, dom. às 15h, 17h30min e 20h. Ingressos de arquibancada a Cz$ 600,00 (crianças de dois a 10 anos) e Cz$ 800,00 (adultos); cadeira a Cz$ 800,00 (criança entre dois e 10 anos) e Cz$ 1.000,00 (adulto), a Cz$ 6.000,00, camarote (quatro lugares).

Planetário

Programação: Às 17h, **Carrinho feliz** (crianças de três a seis anos); às 18h30min, **Robozinho Blitz e as estrelas** (crianças de cinco a 12 anos). Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0046). Ingressos a Cz$ 56,00, adultos e Cz$ 28,00, crianças.

Show

PÃO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS — Show com o grupo Bobos da Corte. Às 16h, no **Morro da Urca**, Av. Pasteur. Ingressos a Cz$ 550,00 e a Cz$ 275,00, crianças de 4 a 10 anos. Entrada franca para as crianças até 4 anos. Até dia 25.

FAMILY SHOW — Música, brincadeiras e mágicas com o grupo de teatro Euvoce. Direção de João Soncini e Vera Macedo. Participação especial de Lena Macedo. Todos os domingos, às 16h, no **Clube Monte Sinai**, Rua São Francisco Xavier, 104 (248-8448). Ingressos a Cz$ 500,00. Sorteio de brindes em todas as sessões.

OS GOLFINHOS DE MIAMI — Show aquático com Flipper e sua turma. Às 14h, 16h, 18h e 19h30min, no **CasaShopping**, Av. Alvorada, 2150 (325-3077). Ingressos a Cz$ 500,00, adulto, e a Cz$ 400,00, crianças de 2 a 10 anos. Último dia.

FOLIA PARADE — Desfile de alegria e brincadeiras. Com Intrépida Troupe e Banda do Chiquinho, palhaços, mágicos e malabaristas. Dom. às 10h30min, no Posto 8 em Ipanema. Entrada franca.

MUSEU DE ASTRONOMIA — Observação do Planeta Marte, da Lua, das constelações e de outros planetas. De 3ª a dom. das 20h às 23h, no **Museu de Astronomia e Ciências Afins**, rua Gal. Bruce, 586. Entrada franca. Até dia 2 de outubro.

Karaokê

KARAOKÊ DO VOVÔ JEREMIAS — Discoteca, karaokê e brincadeiras no sáb. V Festival de Karaokê do Vovô Jeremias, no dom. Direção do ator Walter Jeremias. Sáb e dom., às 17h, **Gig Restaurante**, Av. Gal. San Martin, 629 (294-3545). Ingressos a Cz$ 300,00. Reservas (259-6427).

Cinema

DESENHOS ANIMADOS — Exibição de curtas de Popeye, Pica-Pau, a Pantera Cor-de-Rosa e outros. Sáb e dom. às 15h, no **Cineclube Estação Botafogo**, Rua Voluntários da Pátria, 88.

Teatro

ALADIM — Texto adaptado por Marco Ortiz. Direção de José Roberto Mendes. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10. Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 400,00.

APRENDIZ DE FEITICEIRO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Marco A. Marcondes. **Teatro do América**, Rua Campos Sales, 118 (234-2068). Sáb e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 400,00.

AS AVENTURAS DE UMA SEREIA TRESLOUCADA E UM ROBÔ MALUCÃO — Texto e direção de Valeria Abbade. **Teatro Aliança Francesa**, Rua Andrade Neves, 315 (268-5798). Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 350,00.

AVENTURA MUSICAL — Texto de Magda Valente Muniz. Direção de Carlos Henrique Casanova. Adaptação de Eleonora Apelbaum e Carlos Henrique Casanova. Com o grupo Cena Nova. **Teatro Benjamin Constant**, Av. Pasteur, 350. Sáb., dom e feriados, às 17h. Ingressos a Cz$ 500,00. Até dia 29 de setembro.

BECO LAMBANÇA — Texto de Christian Machado e Luís Igreja. Direção de Luís Igreja. **Teatro BarraShopping**, Av. das Américas. Sáb e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 600,00.

BETO E TECA — Texto de Volker Ludwig. Tradução e direção de Renato Icarahy. **Teatro de Arena**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 700,00.

BONECOS CEM MODOS — Direção e roteiro de Ferré. Direção da manipulação e confecção dos bonecos de Beto Dorneles. Com o Grupo. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882). Sáb e dom. às 17h e 18h. Ingressos a Cz$ 700,00. O espetáculo começa rigorosamente no horário.

O BOTO E O RAIO DE SOL — Texto de Arnaldo Niskier. Adaptação de Anamaria Nunes. Direção de José Roberto Mendes. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664. Sáb e dom. às 17h30min.

O CAVALO TRANSPARENTE — Musical de Sylvia Orthof. Direção de Sylvia Orthof. **Teatro João Theotônio**, Rua da Assembléia, 10 (224-8622). Sáb e dom. às 16h30min. Ingressos a Cz$ 400,00. Até dia 25.

A MÁGICA AVENTURA AFRICANA — Texto de Caio de Andrade. Direção de João Gomes do Rego. **Espaço Cultural Sergio Porto**, Rua Humaitá, 163 (266-0896). Sáb e dom. às 16h30min. Ingressos a Cz$ 500,00.

OS CIGARRAS E OS FORMIGAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Claudia Vieira. Com o grupo Brincando de Criar. **Teatro de Bolso**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 500,00.

CINDERELA E SEU PEQUENO PRÍNCIPE ENCANTADO — Texto e direção de Valéria Abbade. **Teatro Aliança Francesa**, Rua Andrade Neves, 315 (268-5798). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cz$ 350,00.

CORRE CORRE QUE A TV FUGIU! — Texto de Gilmar Rodrigues. Direção de Márcia Rotstein e Nostradamus. **Teatro América**, Rua Campos Sales, 118 (234-2068). Sáb e dom. às 17h30min. Ingressos a Cz$ 500,00.

DON CHICOTE MULA MANCA — Texto de Oscar Von Pfhull. Direção de Jorge Roberto Borges. **Teatro João Caetano**, Praça Tiradentes, s/nº (221-0305). Sáb e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 500,00.

ETERNOS MENINOS — Texto de Paulinho Tapajós. Direção de Marco Antonio Palmeira. **Espaço Cultural Sérgio Porto**, Rua Humaitá, 163. Sáb e dom. às 17h30min. Ingressos a Cz$ 400,00. Os aniversariantes do mês de setembro têm entrada franca.

FELIZ ANIVERSÁRIO — Texto de Marcelo Silveira e Reinaldo Godinho. Direção de Marcelo Silveira. **Teatro Villa Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb. às 16h, e dom. as 17h. Ingressos a Cz$ 400,00. O espetáculo está suspenso temporariamente.

FLICTS — Musical infantil com texto de Ziraldo e Aderbal Jr. Direção e cenários de Paulo Afonso de Lima. Direção musical de Nelson Melim. Com Elizangela, Rogério Fabiano, Teté Pritzl, Silvia Salgado, Eduardo Martini, entre outros. **Teatro Vannucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 — 3º andar (239-8595). Sáb e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 700,00.

FORMIGANDO — Texto e direção de Sérgio Coelho. **Teatro do Planetário**, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0046). Sáb e dom. às 17h30min. Ingressos a Cz$ 600,00.

A GATA BORRALHEIRA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Alexandre Mendonça. **Teatro do Grajaú Country Club**, Rua Professor Valadares, 262 (258-5155). Sáb e dom. as 17h30min. Ingressos a Cz$ 400,00. Sáb e dom. acompanhante não paga e dom. acompanhante paga meia.

O GATO ROQUEIRO — Texto e direção de Jayr Pinheiro. **Teatro Brigitte Blair** 1, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 400,00.

UMA ARMADILHA PARA BRANCA DE NEVE — Texto e direção de Luna Brum. **Teatro do Tijuca Tênis Clube**, Rua Conde de Bonfim, 451. Dom. às 17h30min. Ingressos a Cz$ 450,00.

HEP E REG — Texto de Arnaldo Miranda. Direção de Ivan Merlino. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º (274-7246). Sáb e dom. às 17h30min. Ingressos a Cz$ 700,00.

MAROQUINHAS FRU FRU — **Musical de Maria Clara Machado. Direção de Milton Dobbin.** Teatro Nelson Rodrigues, **Av. Chile, 230. Sáb e dom. às 17h. Ingressos a Cz$ 600,00. Estréia hoje.**

INTRÉPIDA TRUPE — Criação da Intrépida Trupe, Gringo Cardia e Graciela Figueiroa. Direção e coreografia de Graciela Figueiroa. Com o grupo. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Moraes, 824 (247-9794). Sáb e dom. às 17h. Ingressos a Cz$ 500,00. Maiores de 60 anos têm entrada franca.

JANJÃO, O ANJO DOIDÃO — Texto de Paulinho Tapajós. Direção de Beatriz Junqueira. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Sáb. às 17h, e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 600,00.

JOÃO E MARIA — Adaptação de Anamaria Nunes. Direção de Eduardo Wotzik. Com o grupo Tapa. Prêmio de melhor espetáculo, direção e atriz do Mambembe-87. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539. Sáb. às 17h, e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 600,00. Após o espetáculo, sorteio de torta.

JOÃOZINHO E MARIA VÃO À LUTA — Texto e direção de André Luiz Lopez. **Teatro do Céu**, Av. Rui Barbosa, 762. Sáb. e dom. às 17h30min. Até dia 28.

A LENDA ENCANTADA — Texto de Limachen Cherem. Direção de Henriqueta Brieba. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. Sáb e dom. as 17h30min. Ingressos a Cz$ 500,00. Acompanhante não paga.

O MÁGICO DO SOM — Texto inspirado no conto O flautista de Hamelin. Adaptação livre do grupo. Direção de Neyde Lyra. **Teatro do BarraShopping**, Av. das Américas, 4666. Sáb e dom. as 17h15min. Ingressos a Cz$ 600,00.

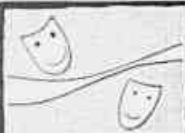
O MENINO MÁGICO — Texto de Rachel de Queiroz. Direção e adaptação de José Roberto Mendes. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb. às 17h, e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 500,00.

O MISTÉRIO DE FEIURINHA — Texto de Pedro Bandeira. Adaptação e direção de Leonardo Simões. **Teatro Municipal de Niterói**, Rua XV de Novembro, s/nº. Sáb e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 400,00.

MOSTRA DE ARTE DA LONA DE CULTURA — Espetáculo **O sonho do lápis preto**. Hoje, às 17h, na **Lona Cultural**, Aterro do Cocotá, s/nº, Ilha do Governador. Entrada franca. Último dia.

MUGNOG! — Texto de Rainer Hachfeld. Direção de Renato Icarahy. **Teatro dos Quatro**, Rua Marques de S. Vicente, 52 (274-9895). Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 700,00.

NÃO SE ESQUEÇAM DA ROSA — Texto de Giselda Laporta Nicolélis. Adaptação de Ana Dias. Direção de Neyde Lyra. **Teatro Sesc de Engenho de Dentro**, Av. Amaro Cavalcante, 1661 (249-1391). Sáb e dom. as 16h30min. Ingressos a Cz$ 250,00.

PINÓQUIO, O BONECO DE PAU — Texto e direção Brigitte Blair. **Teatro Brigitte Blair** 2, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). Sáb. e dom. às 17h. Ingressos a Cz$ 400,00.

NO PAÍS DA ORTOGRAFIA — Texto de Alice Arja e Valdir Guedes. Direção de Valdir Guedes. Com o Ballet Infantil do Rio de Janeiro. **Teatro da Cidade**. Av. Epitácio Pessoa, 1664 (287-1145). Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 500,00.

O PATINHO FEIO — Texto de Aurimar Rocha. Direção de Wagner Lima. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**. Av. Ataulfo de Paiva, 269 (239-1498). Sáb. e dom. às 17h30min. Ingressos a Cz$ 500,00.

RISOS DO PORÃO — Texto de Marcos Francisco e Vanderlei Galvão. Direção de Vanderlei Galvão. **Teatro Sesc Meriti**. Av. Automóvel Clube, 66 (756-4615). Sáb. e dom. às 18h. Ingressos a Cz$ 300,00, a Cz$ 200,00, estudantes, e a Cz$ 150,00, comerciário.

O ROBÔ TÁ ROUBADO — Musical de Marcelo Guapyassú. Com o grupo de artes Theatro Dona Eugênia. **Teatro do Planetário**. Av. Pe. Leonel Franca, 240. Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 600,00. Até novembro.

PALHAÇADAS — Texto de João Siqueira. Direção de Tônio Carvalho. Com Markus Avaloni e Gilberto Gawronski. **Teatro Glauce Rocha**. Av. Rio Branco, 179 (220-0259). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cz$ 300,00.

O ROUXINOL DO IMPERADOR — Texto de Flávio Marinho. Direção de Miguel Falabella. **Teatro Clara Nunes**. Rua Marquês de S. Vicente, 52-3º andar (274-9696). Sáb 17h30min e dom. às 17h. Ingressos a CZ$ 500,00.

SEMENTE DE GENTE — Texto de Janssen Hugo Lage e David Green Mason. Direção de Janssen Hugo Lage. **Teatro Tereza Rachel**. Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb e dom. às 16h30min. Ingressos a Cz$ 400,00. Sorteio de jogos e brinquedos.

SENHOR REI, DONA RAINHA — Texto de Benjamin Santos. Direção de Adilson Gomes. **Teatro do Grajaú Tenis Clube**. Rua Engenheiro Richard, 83 (238-2388). Sáb e dom. às 16h30min. Ingressos a Cz$ 400,00.

O SONHO DE GRACINHA — Direção de Reinaldo Sant'Ana e Alcione Carvalho. Com o grupo Entrou Por Uma Porta. **Teatro do Retiro**. Rua Retiro dos Artistas, 571 (392-7403). Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a Cz$ 200,00. Pai acompanhado de duas crianças tem desconto de 50% no ingresso.

SONHO DE POEMA — Texto de Alberto Chicayban. Direção de Clóvis Levi. **Teatro Bertold Brecht**, Av. Pe. Leonel Franca, 240 (274-0096). Sáb. e dom. às 15h. Ingressos a Cz$ 400,00.

TREM DE LATA — Texto de Ana Deveza. Direção de Maria Idalina. **Teatro Senac de Copacabana**. Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2640). Sáb. e dom. às 17h. Ingressos a Cz$ 600,00. A criança que apresentar um trem feito em casa, receberá 20% de desconto no ingresso. Depois, haverá exposição.

OS TRÊS MOSQUETEIROS — Texto de Alexandre Dumas. Adaptação de Ana Maria Machado. Direção de Carlos Wilson (Damião). **Teatro João Caetano**. Praça Tiradentes, s/nº (221-0305). Sáb e dom. às 17h. Ingressos a Cz$ 500,00. Ensaio aberto, hoje, às 17h. Ingressos a Cz$ 300,00. Estréia dia 17.

TRIBOBÓ CITY — Comédia musical de Maria Clara Machado. Direção de Maria Clara Machado. **Teatro Tablado**. Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb e dom. às 16h e 17h30min. Ingressos a Cz$ 300,00.

E O VERDE, COMO É QUE FICA? — Texto de Moisés Morais. Direção de Carlos A. Castro. **Sala Vianinha**. Rua do Catete, 243. Sáb e dom. às 17h. Ingressos a Cz$ 200,00 e a Cz$ 150,00, estudantes e para ingressos antecipados.

OS VISIGODOS — Texto e direção de Karen Acioly. Direção musical de Tim Rescala. **Casa de Cultura Laura Alvim**. Av. Vieira Souto, 176. Sáb e dom. às 16h30min. Ingressos a Cz$ 500,00.

Três perguntas para Ana Beatriz

Ana Beatriz Nogueira, 21 anos, está de volta às origens. Ela estréia hoje na peça infantil *Maroquinhas Fru Fru*, de Maria Clara Machado — a mesma peça que marcou o início de sua carreira de atriz, há três anos. De lá para cá, Ana Beatriz colecionou prêmios. Urso de Prata de melhor atriz em Berlim, melhor intérprete no Festival de Brasília e no Festival dos três Continentes, em Nantes, na França, e o Moliére de cinema — todos pelo filme *Vera*, de Sérgio Toledo.

1. *Por que voltar a fazer 'Maroquinhas Fru Fru', peça do início da carreira, após o sucesso de 'Vera'?*

R — Decidi dedicar este ano ao teatro. Além disso, são duas peças absolutamente diferentes. Mudou a montagem, o diretor, a proposta, o elenco. Na primeira vez, atuei apenas dois meses substituindo outra atriz, a Drica Moraes. Desta vez faço a Maroquinhas.

2. *Por que teatro infantil?*

R — Ela habitua a criança ao teatro. A criança acostumada a freqüentar as peças infantis hoje é o público adulto de amanhã. Teatro infantil bem-feito é fundamental para formar o público.

3. *Onde está o Urso de Berlim?*

R — No quarto de estudos, numa prateleira, segurando uns livros.

Último dia

OS DOIS OU O INGLÊS MAQUINISTA — Texto de Martins Pena. Direção de Guti Fraga e Fred Pinheiro. Com o grupo Nós do Morro. Às 20h, no **Teatro do Centro Comunitário Padre Leeb**, Rua Dr. Benedito Calixto, 93 — Vidigal. Ingressos a CZ$ 50,00.

Continuações

ALÉM DA VIDA — Texto psicografado por Chico Xavier e Divaldo P. Franco. Direção de Augusto Cesar Vanucci. Com Lucio Mauro, Felipe Carone, Solange Theodoro, Léa Bulcão, Jorge Queiroz, Rosane Pena e Renato Prieto. De 5ª a dom. às 21h no **Teatro Suam**. Praça das Nações, 88 (270-7082). Ingressos a Cz$ 700,00. Até dia 18.

O BAILE D'SCOLA — Texto de Martins Penna. Adaptação de Marcia Castanon, Evandro Carvalho, Fátima Azamor e Gisele Sumar. Direção de Anselmo Vasconcellos. Com Antonio Melo, Bia Crespo, Christina Rodrigues, Vivian Nascimento, entre outros. **Escola de Teatro Martins Pena**, Rua Vinte de Abril, 14 (232-5598). Sáb e dom. às 20h. Ingressos a Cz$ 200,00.

DENISE STOKLOS IN MARY STUART — Apresentação da atriz e mímica Denise Stoklos. **Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176 (247-6946). De 4ª a sáb, às 21h30min e dom. às 20h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 1.200,00 e de 6ª e dom, a Cz$ 1.500,00 e sáb. a Cz$ 2.000,00. (10 anos) Duração: 1h15min.

EDIPO REI — Texto de Sófocles. Tradução de Geir Campos. Direção de Da Costa. Com Jitman Vibronovski, Regina Gutman, Nanci Freitas, Alexandre Mello e Tatiana Motta Lima. De 6ª e sáb., às 21h e dom, às 19h no **Espaço Cultural Sérgio Porto**, Rua Humaitá, 163. Ingressos a Cz$ 500,00 e a Cz$ 400,00, estudantes. Até dia 9 de outubro.

EXTRA-VAGÂNCIA — Texto de Dacia Maraini. Tradução de Celina Sodré e Maria Pace Chiavari. Direção de Luiz Carlos Mendes Ripper. Com André Valli, Bia Nunes, Eduardo Tornaghi, Ivone Hoffman e Mário Borges. 4ª e 5ª às 18h30min; 6ª e sáb. às 21h, dom. às 20h. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179. Ingressos 4ª e 5ª e dom a Cz$ 800,00 e 6ª e sáb a Cz$ 1.000,00. Estudantes pagam Cz$ 500,00 em todas as sessões. Desconto de 20% no ingresso mediante apresentação do cartão Leitor do J.B.

FILHOS DA MÚMIA — Comédia de Mongol. Direção de Paulo Araújo. Com Sylvinho e Mongol. **Teatro Senac Copacabana**, Rua Pompeu Loureiro, 45. De 4ª a sáb. às 21h30min, e dom. às 20h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom, a Cz$ 1.000,00 e 6ª e sáb. a Cz$ 1.200,00. (16 anos).

FILUMENA MARTURANO — Texto de Eduardo de Filippo. Direção de Paulo Mamede. Com José Wilker, Yara Amaral, Yolanda Cardoso, Arthur Costa Filho, Bia Sion e outros. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 2º andar (274-9895). De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb, às 20h e 22h30min, e dom, às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 1.100,00, 6ª e sáb, a Cz$ 1.500,00, e dom, a Cz$ 1.300,00. Ingressos às sextas para menores de 18 anos e maiores de 55, a Cz$ 800,00.

AS GUERREIRAS DO AMOR — Direção e adaptação de Domingos Oliveira. Com Maitê Proença, Domingos de Oliveira, Priscila Rosembaum, Dedina Bernadelli, outros. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882) 5ª e 6ª, às 21h30min; sáb, às 20h30min e 22h30min e dom. às 20h. Ingressos 5ª, a Cz$ 1.300,00; 6ª e dom, a Cz$ 1.500,00, e sáb, a Cz$ 1.800,00. Ingressos para a classe artística a Cz$ 500,00. Não será permitida a entrada após o início do espetáculo.

GRETA GARBO, QUEM DIRIA, ACABOU NO IRAJÁ — Texto de Fernando Mello. Direção de Israel Gazella. Com Luis Dias, Bruno Bargiella, Kinnara Bueno. **Teatro América**, Rua Campos Sales, 118 (234-2068). 4ª e 5ª, às 21h. Ingressos a Cz$ 500,00. **Teatro Artur Azevedo**, rua Vitor Alvez, 454 (394-1622). Sáb e dom, às 21h. Ingressos a Cz$ 300,00. (16 anos).

A MALDIÇÃO DO VALE NEGRO — Texto de Caio Fernando de Abreu e Luiz Artur Nunes. Direção de Luiz Artur Nunes. Com Maria Esmeralda, Angela Valério, Ivo Fernandes, Nara de Abreu, Shimon Nahmias, Regina Rodrigues, Almir Telles. Narração de Ubirajara Valdez. **Teatro Benjamin Constant**, Av. Pasteur, 350 (295-3448). De 4ª a sáb, às 21h30min e dom, às 20h. Ingressos 4ª e 5ª a Cz$ 700,00, 6ª e dom, a Cz$ 900,00 e sáb, a Cz$ 1.000,00. Duração: 1h30min. (Livre).

O PADRE ASSALTANTE - Texto e direção de João Bethencourt. Com Milton Carneiro, Guilherme Correia, Alexandre Marques, entre outros. **Teatro da Praia**, Rua Francisco de Sá, 88 (267-7749). de 4ª a 6ª, às 21h30min, Sáb, às 20h e 22h30min., e dom, às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 800,00; 6ª e dom, a Cz$ 1.000,00 e sáb, a Cz$ 1.200,00. Estudantes e pessoas com mais de 55 anos de idade têm 50% de desconto até o final do mês de setembro. Desconto de 20% no ingresso com apresentação do cartão do leitor do JB.

O NOVIÇO — Comédia de Martins Pena. Direção de Claudia Valli. Com Leonardo Simões, Sandra Valdetaro, Marco Neubarth, André D'Souza, Danielli Aguiar, e outros. **Sala Paschoal Carlos Magno**, Av. Pasteur, 436. 6ª e sáb, às 21h30min e dom e dias 27 e 28, às 17h. Entrada franca.

PERDIDOS NUM ESPAÇO — Textos de Maninha Cerrone, Lola Lorraine e Marcello Caridad. Direção de Lug Paula. Com Horário Vetter e Marcello Caridad. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb, às 20h e 22h, e dom, às 20h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom, a Cz$ 800,00 e 6ª e sáb, a Cz$ 1.000,00.

O PREÇO — Texto de Arthur Miller. Tradução de Millôr Fernandes. Direção de Bibi Ferreira. Com Paulo Gracindo, Carlos Zara, Rogério Fróes e Beatriz Lyra. **Teatro Copacabana**, Av. N. S. Copacabana, 291 (257-0881). De 4ª a sáb., às 21h30min, dom., às 19h e vesperal de 5ª, às 17h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 1.300,00, 6ª e dom., a Cz$ 1.600,00 e sáb., a Cz$ 2.000,00. Após o início do espetáculo não será permitida a entrada.

A PRESIDENTA — Comédia de Bricaire e Lasaygues. Direção de José Renato. Com Jorge Dória, Carvalhinho, Benjamin Cattan, Jalusa Barcellos, Gilesa Sá e Paula Burlamaqui. **Teatro Vannucci**, Rua Marquês de São Vicente, 52. De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb, às 20h e 22h30min, e dom, às 19h e 21h30min. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 1.500,00, 6ª e sáb, a Cz$ 2.000,00 e dom, a Cz$ 1.700,00.

QUEM PROGRAMA AÇÃO COMPUTA CONFUSÃO — Comédia de Anthony Marriott e Bob Grant. Tradução de Marisa D. Muray. Direção de Attilo Ricco. Com Denise Fraga, José Augusto Branco, José Carlos Sanches, Nedira Campos, Angela Vieira, Rogério Cardoso, e outros. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 4ª a 6ª, às 21h15min; sáb, às 20h e 22h30min e dom, às 18h e 21h15min. Ingressos 4ª, 5ª e dom, a Cz$ 1.300,00, 6ª e sáb, a Cz$ 1.500,00. Desconto de 5% no ingresso com apresentação do cartão de Leitor do JB.

OS REIS DO FERRO-VELHO — Texto de André Ervilha e Walmor Chagas. Direção de João Albano. Com Walmor Chagas, Paulo Villaça, Ana Rosa, Deborah Figueiredo, Clara Becker, Rider Santos, Ivan Candido, Nenna Camargo, Tania Dias, Silvia Aderne e Tarcisio Ortiz. **Teatro Ziembinsk**, Rua Urbano Duarte, 22 (228-3071). 4ª e 5ª, às 20h; 5ª, às 17h e 20h; sáb, às 20h e 22h; e dom, às 18h. Ingresso a Cz$ 1.000,00. 4ª, 50% de desconto para estudantes e comerciários e vesperal de 5ª, 50% de desconto para aposentados.

O REVERSO DA PSICANÁLISE — UMA COMÉDIA IRRESPONSÁVEL — Texto de Charles Ludlam. Tradução de Ricardo Pessoa. Adaptação e direção de Marília Pera. Com Yoná Magalhães, Luiz Fernando Guimarães, Ariel Coelho, Sandra Pera e Dinorah Marzullo. **Teatro Casa Grande**, Av. Afranio de Melo Franco, 290 (239-4046). De 4ª a sáb, às 21h30min e dom., às 19h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 1.300,00, 6ª, a Cz$ 1.500,00, sáb, a Cz$ 1.800,00 e dom, a Cz$ 1.600,00, com promoção para menores até 18 anos, a Cz$ 1.300,00. Duração: 1h20min (10 anos). 4ª e 5ª, desconto de 10% no ingresso com apresentação do cartão de leitor do JB. Entrega a domicílio, com desconto para grupos pequenos.

O SASSARICO DA NEGA — Texto de Marcelo Caridad, Sérgio Henrique Silva e Hilton Have. Direção de Jorge Laffond. Com Jorge Laffond, Luca Sales e Ciro Santos. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. De 4ª a dom., às 20h30min. Ingressos a Cz$ 800,00.

AS SEREIAS DA ZONA SUL — Texto de Vicente Pereira e Miguel Falabella. Direção de Jacqueline Laurence. Com Miguel Falabella e Guilherme Karam. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º (274-9696). De 4ª a sáb., às 21h30min; dom, às 20h. Ingressos 4ª e 5ª a Cz$ 1.000,00; 6º e dom a Cz$ 1.200,00 e sáb a Cz$ 1.500,00. (10 anos). Desconto de 25% (4ª, 5ª e dom) no ingresso mediante apresentação do cartão Leitor do JB.

SOBRE A DOENÇA DA MORTE UM ESTUDO EM MARGUERITE DURAS — Direção de Ivana Leblon. Com Anat Geiger e Oscar Marques. **Teatro Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 730 (286-4248). 6ª e sáb, às 21h30min e dom, às 20h. Ingressos a Cz$ 500,00. Duração: 1h.

UMA SUÍTE PARA DUAS — Texto de John Ford Noonam. Tradução e direção de Maria Pompeu. Com Lady Francсyscu e Monique Lafond. **Teatro Barrashopping**, Av. das Américas, 4666 (325-5844). 4ª e 6ª, às 21h, 5ª, às 17h30min e 21h, sáb, às 20h e 22h e dom, às 18h30min e 21h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 1.000,00, vesperal de 5ª, a Cz$ 800,00, 6ª e sáb, a Cz$ 1.500,00 e dom, a Cz$ 1.200,00.

TANTO PRAZER — Texto de Mendel G. Schnee. Direção de Naldo Alves. Com Suzy Quintella, Marco Razek e Leandro Bini. 6ª e sáb., às 21h e dom, às 20h, no **Teatro do Planetário da Gávea**, Av. Pe. Leonel Franca, 240. Ingressos a Cz$ 700,00. Profissionais da área de psicologia têm entrada franca.

UMA VEZ MAIS — Texto de Woody Allen. Direção de Rubens Corrêa. Com Joana Fomm, Rubens Corrêa, Felipe Martins, Serafim Gonzales e Marcelo Olinto. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 92 (225-8846). De 4ª a sáb, às 21h e dom, às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 900,00, 6ª e dom, a Cz$ 1.000,00, sáb, a Cz$ 1.200,00 e a Cz$ 500,00, estudantes em todas as sessões. (10 anos). Até dia 25.

VIA CRUCIS DO CORPO — Textos de Clarice Lispector e Christine Lopes. Direção de Manoel Prazeres. Com Helena Varvaki e Archimedes Bibiano. **Teatro Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). 6ª e sáb, às 21h e dom, às 19h. Ingressos a Cz$ 600,00 e a Cz$ 450,00, classe e estudantes. Até dia 2 de outubro. Não será permitida a entrada após o início do espetáculo.

VIVA — Espetáculo com o grupo francês Theatre Caroube. Direção e criação coletiva. **Teatro João Caetano**, Praça Tiradentes, s/nº (221-0305). De 4ª a sáb, às 21h30min e dom, às 20h. Ingressos a Cz$ 1.000,00, balcão e balcão nobre, e a Cz$ 600,00, balcão simples. Duração: 1h30min (Livre). Até domingo.

Gugo Melgar

Extra-Vagância, *com Mário Borges, Eduardo Tornaghi e Bia Nunes, é o cartaz do Glauce Rocha*

Gentil Barreira

A dupla Valerie e Paulo Façanha se apresenta às 21h na Casa de Cultura Laura Alvim

Show

SOZINHA — Show da cantora Fafá de Belém acompanhada de banda. 5ª, às 22h, 6ª e sáb, às 22h30min, e dom. às 21h, no **Scala 1**, Av. Afrânio de Melo Franco, 296 (239-4448). Ingressos 5ª e dom. a Cz$ 1.800,00 e 6ª e sáb. a Cz$ 2.000,00.

CANÇÕES DE AMOR E BOMBAS — Show do cantor e compositor Eduardo Dusek. Hoje, às 21h, no **Teatro da Uff**, Rua Miguel Frias, 9. Ingressos a Cz$ 1.000,00.

ALCIONE — Show da cantora acompanhada da Banda do Sul. Às 19h, no **Teatro Suam**, Praça das Nações, 88 (270-7082). Ingressos a Cz$ 1.000,00. Último dia.

CUIDADO — Show do cantor e compositor Lobão, acompanhado de banda. 5ª, às 22h, 6ª e sáb. às 23h e dom. às 18h, no **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). Ingressos a Cz$ 1.300,00, pista e arquibancada, a Cz$ 1.600,00, lugar em mesa lateral, e a Cz$ 2.000,00, lugar em mesa central.

PAULO E VALERIE — Show dos cantores. Hoje às 22h, e dom. às 21h, na **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176. Ingressos a Cz$ 500,00.

ZE ALEXANDRE — Show do cantor e compositor. Às 22h e dom. às 21h, no Teatro Ipanema, Rua Prudente de Moraes, 824 (247-9794). Ingressos a Cz$ 1.000,00. Último dia.

AS CANTORAS DO RADIO — Show com as cantoras Carmélia Alves, Ellen de Lima, Nora Ney, Rosita Gonzales, Violeta Cavalcanti e Zezé Gonzaga. Direção do maestro Hélcio Brenha. Apresentação de Edwin Luisi. De 3ª a sáb às 21h, dom. às 19h e 21h, às 19h, no **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 400 (275-6695). Ingressos a Cz$ 800,00.

CARAS & BOCAS — Comédia musical de Juan Carlos Berardi. Com Barbara Vilella, Claudio Alvarez, Daniel Juarez, Deise Costa e Fernando Silveira entre outros. **Teatro Alaska**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). De 4ª a 6ª, às 21h30min, sáb. às 20h e 22h e dom. às 19h. Ingressos 4ª e 5ª e dom. a Cz$ 1.000,00 e 6ª e sáb. a Cz$ 1.200,00.

ADEUS AMIGOS — Apresentação da atriz Derci Gonçalves com participação do ator Luiz Carlos Braga. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). 5ª, às 20h, e 6ª a dom. às 21h. Ingressos 5ª e dom. a Cz$ 1.500,00, mesa central por pessoa, a Cz$ 1.200,00, mesa lateral por pessoa, e a Cz$ 1.000,00, arquibancada. 6ª e sáb. a Cz$ 2.000,00, mesa central por pessoa, a Cz$ 1.600,00, mesa lateral por pessoa, e a Cz$ 1.300,00, arquibancada. Duração: 1h10min. Até dia 18.

AGORA SÓ COMO EM CASA — Show humorístico de Gugu Olimecha. Com Roberto Roney e Elias Perino. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). 5ª e 6ª, às 21h30min, sáb. às 20h e 22h, e dom. às 19h. Ingressos 5ª e dom. a Cz$ 600,00 e 6ª e sáb. a Cz$ 800,00. (16 anos).

O CABARÉ DO BARATA — Show com o humorista Agildo Ribeiro. De 4ª a dom. às 23h30min, no **Un, Deux, Trois**, Rua Bartolomeu Mitre, 123 (239-0198). **Couvert** 4ª, 5ª e dom., a Cz$ 1.500,00 e 6ª e sáb. a Cz$ 1.800,00.

O GORDO AO VIVO! — Texto e direção e apresentação de Jô Soares. 5ª, às 22h, 6ª e sáb. às 22h30min, e dom. às 21h, no **Scala II**, Av. Afrânio de Mello Franco, 296 (239-4448). Ingressos 5ª e dom. a Cz$ 1.200,00, poltrona, e a Cz$ 1.500,00, lugar em mesa; 6ª e sáb., a Cz$ 1.500,00, poltrona, e a Cz$ 2.000,00, lugar em mesa.

JOÃO KLEBER — Show do humorista. Direção de Chico Anísio. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). De 5ª a dom. às 21h30min. Ingressos 5ª, 6ª e dom. a Cz$ 900,00 e sáb. a Cz$ 1.000,00.

OCTAVIO CESAR CANTA A MULHER DOS OUTROS — Apresentação do ator e comediante. **Teatro do Ibam**, Largo do Ibam, 1 (266-6622). 5ª e 6ª, às 21h30min, sáb. às 22h e dom. às 20h. Ingressos 5ª a Cz$ 600,00, 6ª e dom. a Cz$ 800,00 e sáb., a Cz$ 1.000,00. Estacionamento próprio. Até dia 3 de outubro.

Revista

NOITE DOS LEOPARDOS — Espetáculo de dança e música com Eloina e um grupo masculino. Sáb., às 24h e dom., às 21h30min, no Teatro Alasca, Av. Copacabana, 1241. Ingressos a Cz$ 1.000,00.

DEU BOKU NO BAFON — Revista musical com direção e roteiro de Renato Prieto. Com Gabriel Cortes, Ana Karina Berg, Phernanda Rocha, e outros. **Teatro da Faculdade Castelo Branco**, Av. Santa Cruz, 1631 (331-1207). Sáb., às 21h, e dom. às 20h. Ingressos a Cz$ 400,00.

RIO EM TRAVESTI — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Marlene Casanova, Jair Pinheiro, Mila Sineider, Roberta Kim e Oswaldo Ferra. **Teatro Brigitte Blair I**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). De 4ª a dom. às 21h30min. Ingressos de 4ª, 5ª e 6ª, a Cz$ 700,00 e sáb e dom. a Cz$ 800,00.

O QUE É QUE ELAS TÊM... QUE EU NÃO TENHO — Texto e direção de Brigitte Blair. Com Clovis Gierkens, Bianca Blonde, Walter Costa. **Teatro Brigitte Blair II**, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). De 4ª a dom. às 21h15min. Ingressos a Cz$ 500,00.

Casas noturnas

CAUBY PEIXOTO — Show do cantor acompanhado por Juarez Santana (teclados), César Souza (baixo) e Fernando Pinto Dias (bateria). 22h30min. **Botecoteco**, Av. 28 de Setembro, 205 (204-2727). Ingressos a Cz$ 1.000,00. Último dia.

OSMAR MILITO — Apresentação do pianistae partipação da cantora Clarisse. Diariamente, às 21h30min. A casa abre às 17h30min **Cálice Bar**, Rua Dias Ferreira, 571. **Couvert** de dom a a 4ª, a Cz$ 1.000,00 e 5ª a sáb. a Cz$ 1.300,00.

BOSSA A TRES — Show com os maestros Hélcio Brenha e Nelsinho e seus amigos. Participação especial do cantor Pedrinho Rodrigues. Todos os domingos, das 18h a 1h da manhã, no **One-Twenty-One**, Av. Niemeyer, 121 (274-1122). Consumação a Cz$ 700,00.

OMELETE A TROIS — Show da banda. Dom, às 21h, no **Manga Rosa**, Rua Dezenove de Fevereiro, 94 (266-4996). Couvert a Cz$ 400,00. Consumação a Cz$ 400,00.

GRITOS DO 3º MUNDO — Festa-show com sorteios, exposições, poesias e música de fita. Todos os domingos, às 19h, no **D'Africa**, Rua André Cavalcanti, 58 (242-4139). Ingressos a Cz$ 200,00.

FATIMA DUBOC — Show da cantora e compositora. Dom. às 21h, no **Nó na Madeira**, Av. Almirante Tamandaré, 810 — Niterói. Couvert a Cz$ 500,00.

IRAKITAN — Apresentação do trio. Dom. 2ªs e 3ªs, às 23h, no **Alô Alô**, Rua Barão da Torre, 368 (521-1460). **Couvert** a Cz$ 2.500,00. Até 11 de outubro.

TERRA MOLHADA — Show do grupo. Dom. a partir das 22h30min, no **People**, Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). **Couvert** a Cz$ 1.000,00.

Pagode e gafieira

DOMINGUEIRA VOADORA — Apresentação da Orquestra Tabajara do Maestro Severino Araújo. No intervalo, apresentação do grupo Espumas Flutuantes. Hoje, a partir das 22h, no **Circo Voador**, Arcos da Lapa. Ingressos a Cz$ 400,00.

DANÇA

GLAUBER, A GRANDEZA DO DRAGÃO — Adaptação livre dos roteiros de Glauber por Gilda Rebello e Sylvio Dufrayer. Direção e coreografia de Sylvio Dufrayer. Com a Cia de Dança Sylvio Dufrayer. De 4ª a sáb, às 21h e dom, às 19h e vesperal de 5ª, às 18h30min, no **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (240-4879). Ingressos a Cz$ 600,00 (4ª, 5ª e dom), a Cz$ 800,00 (6ª e sáb) e a Cz$ 400,00 (vesperal de 5ª). Até dia 2 de outubro.

PROCURA — Espetáculo de dança com o grupo Vacilou Dançou. Direção de Carlota Portella. Coreografias e concepção de Carlota Portella e Ciro Barcelos. De 4ª a 6ª, às 21h15min, sáb, às 19h30min e 22h, e dom, às 20h, no **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230. Ingressos 4ª e 5ª, a Cz$ 850,00 e de 6ª a dom, a Cz$ 1.000,00 e a Cz$ 850,00, estudante. Até dia 2 de outubro.

MÊS DA DANÇA — Espetáculo com os bailarinos Denise Panessa, Jackie Mota, Liliane Queyroi, Maria Lucia Priolli, Marise Reis, Priscila Teixeira, Xika Timbó, Soraya Yarlich, Doriana Mendes, Henrique Schuler e Edilson Roque. Coreografias de André Vidal, João Viotti Saldanha, Lia Rodrigues, Marcelo Lopes e Regina Miranda. Às 20h, no **Teatro Experimental do Leme**, Ladeira Ari Barroso, 1 (295-6895). Ingressos a Cz$ 600,00. Último dia.

IV MOVIMENTO FORMAS DE DANÇA — Programação: Dom, Corpus Núcleo de Dança e Pas de Deux com Ana Botafogo e Carlos Louzada. Às 19h, no **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Gal. Osvaldo Cordeiro de Farias, 511. Ingressos a Cz$ 500,00.

VIDEO-SHOW — Exibição de **Some Great Videos**, com Depeche Mode. Hoje,

O grupo Vacilou Dançou está em cartaz com o espetáculo Procura *no Teatro Nelson Rodrigues*

DANCETERIA

COLUMBUS — Discoteca a partir das 22h. Rua Raul Pompéia, 94. (521-0272). Ingressos a Cz$ 1.300,00.

VINICIUS — Música ao vivo para dançar, a partir das 22h, com a Bigband, os cantores Regina Falcão, Vitor Hugo e Luís Carlos. **Couvert** a Cz$ 600,00. Copacabana, 1144 (267-1497).

ZOOM — Discoteca com Tony D'Carlo, Gustavo de Caux, e Adão. Às 22h e dom, às 15h, matinê. Lgo. de S. Conrado, 20 (322-4179). Ingressos a Cz$ 500,00, mulher e a Cz$ 700,00, homem. Matinê a Cz$ 250,00.

LEON'S DISCO — Discoteca sob o comando de Edinho e Adilson. Às 20h e vesperal com brincadeiras e sorteio de brindes no dom, às 15h. Trav. Almerinda Freitas, 42 (359-0277). Ingressos a Cz$ 300,00, mulher, e a Cz$ 400,00, homem. Vesperal a Cz$ 300,00.

BARÃO — Discoteca sob o comando de Marcelo. Às 22h, na Rua Barão da Torre, 334 (227-9836). Ingressos a Cz$ 700,00. Dom, matinê, às 17h. Ingressos a Cz$ 500,00.

PRESS — Discoteca e vídeos com os DJ's Roger e Marcelo Maia. Av. Sernambetiba, 2700 (385-2813). Às 22h. Consumação 6ª, sáb e véspera de feriado a Cz$ 2.000,00.

BIBLOS — Diariamente a partir das 21h30min com Tinoco (piano), Alvinho (baixo), Toninho (guitarra), Désio (bateria) e Cesar Marques (voz). Todas as terças, **Rio Jazz Orchestra**. Av. Epitácio Pessoa, 1484 (521-2645). **Couvert** a Cz$ 700,00, mulher e Cz$ 1.000,00, homem.

SOTÃO — Discoteca sob o comando de Ricardo Lima. Diariamente, a partir das 22h. Av. N.S. de Copacabana, 1241-loja M (267-6298). Ingressos de a Cz$ 500,00.

MEMÓRIA — Discoteca sob o comando de Rogério Melo e Michael Naum. Às 22h30min, na Av. Bartolomeu Mitre, 662 (239-1792). Ingressos, a Cz$ 400,00, com direito a um drinque.

ELITE — Baile-show. Na Rua Frei Caneca, 4 (232-3217). Ingressos a Cz$ 300,00, homem, e a Cz$ 250,00, mulher.

CARINHOSO — Música para dançar com a banda da cantora Dora e Carinhoso, diariamente, a partir das 22h. **Couvert** a Cz$ 700,00. Rua Visc. de Pirajá, 22 (287-0302).

LA DOLCE VITA DISCO CLUB — Discoteca matinê sob o comando de Serginho Araújo. Dom, das 16h às 20h, na Av. Ministro Ivan Lins, 80 (399-0105). Ingressos a Cz$ 500,00.

MISTURA FINA-BARRA — Discoteca com Cacau e Fernando. Às 22h, na Estrada da Barra, 1636 (399-3460). Ingressos a Cz$ 500,00, homem e Cz$ 400,00, mulher.

HELP — Discoteca. Av. Atlântica, 4332 (521-1296). Diariamente, às 22h; vesp. dom, às 16h. Ingressos a Cz$ 1.300,00. Vesperal, a Cz$ 500,00.

SOBRE AS ONDAS — Música ao vivo para dançar, diariamente, a partir das 21h, com o maestro Miguel Nobre e banda, a cantora Consuelo e o Quarteto do Joãozinho. **Couvert** Cz$ 600,00. Av. Atlântica, 3432 (521-1296).

CIRCUS — Discoteca a cargo de Marcelus e Davi, diariamente, a partir das 21h. Ingressos a Cz$ 500,00, mulher e Cz$ 800,00, homem. Rua Gal. Urquiza, 102 (274-7895).

PSICOSE DISCO PUB — Discoteca sob o comando de Walter e Robson. Às 22h; vesp. de dom. às 15h. Rua Mariz e Barros, 1050 (284-1796). Ingressos a Cz$ 400,00, mulher e Cz$ 500,00, homem. Vesp. (crianças até 13 anos) a Cz$ 250,00.

VOGUE — Discoteca e música com o conjunto da casa diariamente, a partir das 22h, à Rua Cupertino Durão, 173 (274-4145). **Couvert**. Às 21h, show do grupo Hangar 18. Couvert a Cz$ 600. Consumação a Cz$ 400,00.

SALSATECA — Discoteca com ritmos do caribe. Dom, às 21h, no **Mariuzzin**, Rua Raul Pompéia, 102 (247-8849). Ingressos a Cz$ 700,00.

VÍDEO

VÍDEO-SHOW Exibição de **Some Great Videos**, com Depeche Mode. Hoje, às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63.

EWARTUNG (ESPERA) — Vídeo de Maysa Braga baseado no conto **A dor**, de Marguerite Duras e em **Fragmentos de um discurso amoroso**, de Roland Barthes. Hoje, às 17h30 e 18h30, na **Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Mariz Barreto, 730. Narração em português. Entrada franca.

WAGNER DRAMA MITO MÚSICA — Vídeo de Ricardo Gondim. Hoje, às 19h, na **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176. Entrada franca.

TV PIRATA — Exibição de **Deep Purple** (Live USA 87), **Yes** (Live New Jerdey 76), **Vandergraff** (Live) e **Jethro Tull** (Live Madison Square Garden). Hoje, às 19h, no **TV Pirata**, Rua Bento Lisboa, 64.

VÍDEOS NO GIG — Hoje. **Yes in concert**. A partir das 21h, no **GIG Restaurante-Video Bar**, Av. General San Martin, 629.

VÍDEOS NO TULLULA — Hoje, às 14h, 18h30min e 19h. **Yes** (Yessongs), **Rick Wakeman** (Journey to center of the earth) e **King Crimson** (Rock of the 70's). Na **Sala de Vídeo Tullula**, Av. Nilo Peçanha, 398 — Duque de Caxias.

MÚSICA

DOMINGO NA SALA — Concerto da Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro. No programa, obras de Bach e Grieg. Regência de Florentino dias. Dom, às 21h, na **Sala Cecília Meireles**, Largo da Lapa, 47. Ingressos a Cz$ 1.000,00, balcão e platéia, e a Cz$ 500,00, estudante.

ENCONTRO JOVEM — Concerto da Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro. No programa, obras de Bach, Guerra Peixe, Mahle. Regência de David Machado. Dom, às 10h30min, na **Sala Cecília Meireles**, Largo da Lapa, 47. Entrada franca.

MADRIGAL DEGLI AMICI — Apresentação do coral especializado em música renascentista e peças brasileiras. Domingo, às 18h, na **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176. Ingressos a Cz$ 500,00.

LITURGIA DO ESPAÇO — Recital da pianista e compositora Jocy de Oliveira. Domingo, às 20h, no **Estádio de Remo da Lagoa**, Lagoa. Entrada franca. Espetáculo ao ar livre, se chover não haverá apresentação.

LORIN MAZEL — O maestro americano, da Sinfônica de Pittsburgh e da Orchestre National de France rege a Orquestra Sinfônica Brasileira. No programa, Carlos Gomes, Beethoven, Tchaikovsky e Katchaturian. Hoje, às 13h30 no Aterro do Flamengo. Entrada franca.

EXPOSIÇÃO

ADIR BOTELHO — Xilogravuras. **Sala Bernadelli do MNBA**, Av. Rio Branco, 199. Das 15h às 18h. Último dia.

FEIRA DE ANTIQUÁRIOS — Barracas que expõem obras de arte como cristais, porcelanas e quadros. 10h às 19h, no **Casashoping**.

MADEIRA À MODA MINEIRA II — Esculturas de G.T.O., Mário Teles, GFO e Higino Almeida. **Trem de Minas**, Rua Cosme Velho, 433 loja D. Das 9h às 19h. Até dia 12.

ERNI — Pinturas. **Hebraica**, Rua das Laranjeiras, 346/4º andar. Das 14h às 21h. Até dia 18.

ENSAIO POÉTICO — Fotografias de Ana Lontra Jobim para o livro **Ensaio Poético**. **Casa de Cultura Laura Alvim**, Av. Vieira Souto, 176. Das 16h às 19h. Até dia 18.

ABSTRAÇÃO GEOMÉTRICA — Coletiva reunindo 25 trabalhos em papel de 16 artistas. **Galeria Edifício Gilberto Chateaubriand**, Rua General Artigas, 419. Das 13h às 18h. Até dia 18.

65 ANOS DE COPACABANA PALACE — Coletiva com obras de Manabu Mabe, Tomie Otake, Fayga Ostrower, Cícero Dias e outros. **Place des Arts**, Av. Copacabana, 313. Das 10h às 22h. Até dia 18.

ROBERTO LACERDA — Pinturas. **People**, Rua Bartolomeu Mitre, 370. A partir das 21h. Até dia 25.

68 X 88/NO BALANÇO DOS ANOS — Exposição com obras do período tropicalista, painéis de publicidade da época, fotos dos **Domingos da Criação**, primeira páginas dos jornais da época e fantasias do Chacrinha. **Escola de Artes Visuais**, Rua Jardim Botânico, 414. Das 10h às 19h. Até dia 25.

GERAÇÃO 80 PENSANDO 68 — Coletiva de artistas da geração 80.· **Espaço Cultural Sérgio Porto**, Rua Humaitá, 163. Das 12h às 15h. Até dia 25.

HENRIQUE RAIZLER — Fotografias. **Espaço Cultural Sérgio Porto**, Rua Humaitá, 163. Das 12h às 22h. Até dia 27.

HENRI MATISSE — Exposição de 20 peças do **Livro Jazz. Museu da Chácara do Céu**, Rua Murtinho Nobre, 93. Das 13h às 17h. Até dia 30 de setembro.

ALFREDO FONTES — Esculturas. **Atelier do Artista**, Rua Marechal Bittencourt, 9 — Riachuelo. Das 15h às 21h. Até dia 30 de setembro.

SEMANA DO TROCARTE — Coletiva com 300 artistas de todo o Brasil. **Museu Historico do Exercito**, Forte de Copacabana. Das 14h às 21h. Até dia 2 de outubro.

SÃO CRISTÓVÃO PADROEIRO — Exposição sobre o padroeiro dos motoristas, com enfeites usados nos carros e frases de caminhão. **Sala Memória de São Cristóvão do Museu do Primeiro Reinado/Casa Marquesa de Santos**, Av. Pedro II, 293. Das 13h às 17h. Até dia 30 de outubro.

AXÉ. BAIANAS — Fotos e desenhos focalizando a origem e a evolução do traje de baiana. **Museu Carmem Miranda**, Av. Rui Barbosa, s/nº, em frente ao nº 560. Das 13h às 17h. Até dia 5 de novembro.

O programa dominical infantil você pode escolher em ***O Dia da Criança***

Jocy de Oliveira faz grátis o recital **Liturgia do Espaço**, *às 20h, no Estádio de Remo da Lagoa*

O BARATO DO DOMINGO

· O que há para fazer gastando pouco ou nada

9h

Pegue seus filhos e vá curtir a Maratona Cultural da Rioarte. O evento acontece na Mangueira (Buraco Quente — Travessa Sayão Lobato). Tem show musical, circo, pintura etc.

9h30

Acorde cedo e torça pelo sucesso dos pilotos brasileiros no Grande Prêmio de Fórmula-1 da Itália. A corrida, transmitida pela TV Globo, acontece no circuito de Monza. **DE GRAÇA**

10h30min

Já que a praia está poluída, o negócio é curtir a Folia Parade, que acontece no calçadão de Ipanema (posto 8). Trata-se de um desfile alegre, com palhaços, mágicos e malabaristas. **DE GRAÇA**

11h

Vá ao Aterro do Flamengo e prestigie a corrida e os shows, que acontecem em benefício do menor carente. A campanha foi coordenada pela Cruz Vermelha brasileira. Colabore. **DE GRAÇA**

Galinha cabidela

Chegue cedo e reserve sua mesa no restaurante Arataca (R. Dias Ferreira, 535 — Leblon). Prove a galinha cabidela. Como acompanhamento, arroz e farofa. Dá para dois e custa Cz$ 980.

Rã com arroz à grega

O prato parece estranho, mas faz sucesso. Trata-se de rã com arroz à grega, servida no restaurante Rancho das Mangas (Estrada do Catonho, 1520 — Taquara). Uma opção de Cz$ 650.

Lasanha verde

Um prato de massa cai sempre bem no almoço de domingo. Experimente a lasanha verde à mama virginia, do restaurante Lasanha Verde (r. Dias Ferreira, 559 — Leblon). É Cz$ 900.

Carneiro à moda arabe

Fuja da rotina e almoce no restaurante Príncipe da Arábia (r. Constança Barbosa, 45-A — Meier). A pedida é o carneiro à moda arabe, com grão de bico e arroz. Dá para dois. Cz$ 970.

15h

Aproveite a tarde calma e vá apreciar a exposição **Bairro de Botafogo no Cartão Postal — 1990 a 1930**. A mostra acontece no Centro Empresarial Rio (praia de Botafogo, 228). **DE GRAÇA**

16h

Leve a garotada para passar a tarde no NorteShopping (Av. Suburbana, 5.474 — Del Castilho). Hoje tem palhaços, mágicos, um ventríloco, um anão e oito personagens do Disney. **DE GRAÇA**.

16h

Chegue na Escolade Artes Visuais do Parque Lage (r. Jardim Botânico, 414) e aprenda um pouco mais sobre os artistas brasileiros. Assista a cinco curtas-metragens. O programa é **DE GRAÇA**

17h

Quem não é Flamengo ou não pode pagar o ingresso do Maracanã, deve assistir ao jogo São Paulo X Botafogo, transmitido pela TV Globo. A partida é válida pelo campeonato brasileiro.

20h

Chame a namorada e vá assistir ao show da compositora e pianista Jocy de Oliveira. Ela apresenta sua **Opera Magica — Liturgia do Espaço**, no Estádio de Remo da Lagoa. Um programa **DE GRAÇA**.

20h30

Marte está bem próximo da Terra. Passe no Museu de Astronomia (R. General Bruce, 586 — São Cristóvão) e aproveite para observar o planeta através do telescópio. Sai **DE GRAÇA**.

20h30

Passe na Cinemateca do Mam (Av. Infante Dom Henrique, 86 — Parque do Flamengo) e entre no ciclo **Ingleses anos 80**. O filme de hoje é **Sexta-Feira Santa**, de John Mackenzie. Cz$ 200.

22h

Termine a noite dançando ao som da Orquestra Tabajara, do maestro Severino Araujo. Ela anima a festa na Domingueira Voadora, no Circo Voador (Arcos da Lapa). O ingresso custa Cz$ 500.

Harrison Ford e Emmanuelle Seigner, a nova ninfeta de Polanski, em Busca Frenética

A última do Polanski

O mês de setembro começa esquentar com as duas estréias da próxima quinta. Chegam enfim às telas os falados *Busca Frenética* (*Frantic*), de Roman Polanski, e *Jogo de Cintura* (*The Big Easy*), de Jim Mac Bride. Ambos têm em comum os temas policiais e o forte apelo das cidades onde foram filmados: Paris e Nova Orleans, respectivamente. *Jogo de Cintura* narra de maneira um tanto convencional uma briga de quadrilhas no berço do Jazz, enquanto *Busca Frenética* envereda pelo suspense hitchcockeano.

O filme de Mac Bride tem um clima charmoso que fica por conta das locações e do jeitão dos personagens, muito parecidos em certos aspectos com a malandragem carioca. Não é à toa: Mac Bride estudou no Brasil e trabalhou neste filme com Afonso Beato, um diretor de fotografia carioca. *Busca Frenética*, no entanto, tem mais peso: fala de um envolvimento antigo de Polanski por Paris, homenageia o mestre do suspense inglês e ainda por cima tem Harrison Ford no papel principal. Coisa que as grandes platéias adoram. De quebra, o diretor veio ao Brasil para lançar o filme. Polanski investiu muito neste *Frantic*, rodado após o fracasso da superprodução *Piratas*. Escolheu Paris, a cidade onde nasceu, retratando-a com ironia e fez de sua nova namorada, a francesinha Emmanuelle Seigner, 21 anos, a estrela. Harrison ford vive um médico novamente, não tão heróico quanto seu Indiana Jones. Em *Frantic* é o amor pela mulher que o faz destemido. Lindo, não?

Maria Silvia Camargo

Música

A flauta mítica

Dois verdadeiros acontecimentos marcam a semana. Logo amanhã, Jean-Pierre Rampal e sua flauta de ouro estarão no Teatro Municipal, para um recital que tem Mozart, Debussy, Moschelles e outros autores. Quarta-feira, também no Municipal, o Rio de Janeiro poderá ouvir a orquestra Tonhalle de Zurich, como parte da temporada internacional do Mozarteum Brasileiro. Rampal é um artista mítico, tão importante para a flauta quanto um Rostropovich para o violoncelo, e já esteve várias vezes no Brasil. Faz-se acompanhar, desta vez, pelo pianista John Steele Ritter. A Tonhalle não está entre as orquestras mais famosas da Europa. Daí a surpresa do público brasileiro quando pôde ouvi-la em 1978: este conjunto sinfônico de Zurich soava como as suas congêneres de Berlim ou Viena. Desta vez, traz como novidade a regência do japonês Hirosho Wakasugi, e como solista o pianista Rudolf Buchbinder. No programa, uma obra-prima de Dvorak: a sinfonia nº 8, em sol maior.

Mas a semana não se resume nisto. Dia 16, em recital beneficente para a obra social O Sol, Hans Graf e Clarissa Costa inauguram (a quatro mãos) o piano Boesendorfer do Museu de Arte Moderna. Uma das nossas melhores orquestras de câmara — o Brasil Consort — toca terça no Paço Imperial e quinta na Casa de Ruy Barbosa. Também na terça, o barítono José Hue canta na Sala Cecília Meireles, a soprano Margarita Schack comanda um *happening* musical no IBAM e o Quarteto Guanabara apresenta-se (às 18h30min) na Sala. Domingo próximo, orquestra e coro do Teatro Municipal apresentam-se nos jardins do MAM; e a Casa de Cultura Laura Alvim

Rampal, amanhã no Municipal

apresenta, sábado e domingo, um programa de música antiga com o grupo Caleidoscópio. Quarta-feira, deverá tocar na Sala Cecília Meireles o pianista uruguaio Pedro Domínguez, com um programa que vai de Beethoven a Stravinsky.

Luiz Paulo Horta

Show

Cristina Granato

Chico sobe ao palco do Canecão, quarta, às 21h30min, no espetáculo em homenagem a Mestre Marçal

Troca de gentilezas

Agora é a vez de Chico Buarque retribuir a gentileza. Nesta quarta-feira, às 21h30min, ele sobe ao palco do Canecão no show *Ao mestre com carinho*, que homenageia os 40 anos de carreira do percussionista Mestre Marçal, diretor de bateria da Unidos da Tijuca. Mestre Marçal foi uma das atrações do excepcional show *Francisco*, que marcou a volta de Chico aos palcos. O espetáculo, que tem direção de Naum Alves de Souza, reúne ainda nomes do calibre de Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Elizeth Cardoso, Simone e Alcione. Marçal, aos 57 anos, desfila 25 músicas de seus cinco LPs.

Mas a semana tem poucas atrações de peso. Verônica Sabino se apresenta de quarta a sábado, às 22h30min, no People. O compositor independente Antônio Adolfo faz também de quarta a sábado, no Jazzmania, às 23h, uma première das músicas de seu novo disco, que será lançado até o final do ano. A bela voz de Leila Pinheiro ocupa de quarta a domingo o Teatro Ipanema, às 21h30min. Antes disso, a partir de terça, Teca Calazans e Vicente Barreto se reúnem para homenagear Jackson do Pandeiro na Sala Funarte Sidney Miller, às 18h30min.

Sexta e sábado é a vez de apostar nos novos talentos. O Circo Voador é palco do festival *Rock que rola*, que apresenta, a partir das 22h, 12 bandas pouco conhecidas do público, entre elas Fantasmas da Guerra, Xaka-Xaka e A Mosca.

Tem mais. Quarta, às 12h30min, a sambista Violeta Cavalcante ocupa, com sua voz de canto lírico, o Teatro João Theotônio (rua da Assembléia, 10, no subsolo). O preço é superacessível para ouvir essa cantora descoberta aos 10 anos pelo maestro Heitor Villa-Lobos: Cz$ 200. Sábado, às 23h, é a vez de Zé da Gaita, no Bar Pitéu, na Barra. O cardápio musical da semana inclui ainda Leci Brandão, de quinta a domingo, às 22h30min, no Botecoteco; o conjunto Época de Ouro e o coral Garganta Profunda, de segunda a sexta, às 18h30min, no Teatro João Caetano; o grupo Rosa Púrpura, terça, às 22h30min, no Barão com Joana, e Os Plácidos, terça e quarta, às 21h30min, no Manga Rosa.

Dança

De cisnes e vacilos

Em 1985, a Cisne Negro Companhia de Dança foi convidada para representar o Brasil no Aberdeen International Youth Festival e no Festival Italica. Dois anos depois fizeram uma temporada no Royal Festival Hall em Londres e em abril dançaram no City Center Theater, em Nova Iorque. Suas apresentações no exterior marcam o reconhecimento do sucesso do grupo na sua dedicação ao balé contemporâneo. Quinta, a Companhia estréia no Teatro Villa-Lobos onde continua até domingo contando com o pesado reforço de Ana Maria Botafogo.

Em Niterói, no Teatro da UFF (rua Miguel de Frias, 9 — Praia de Icaraí) a Academia de Ballet Johnny Franklin como costuma fazer anualmente apresenta espetáculo, de sexta a domingo, sob a direção do próprio Franklin, um ex-aluno da American Ballet School e da Escola de Martha Grahan. No Teatro Nelson Rodrigues, o grupo Vacilou Dançou continua sua temporada de quarta a domingo com seu mais recente espetáculo, *Procura*, somando as diferenças de estilo das coreografias de Carlota Portella e Ciro Barcelos.

Claudio Figueiredo

Artes Plásticas

Langsdorff, Miró e Gaudí

Fernando Pinto — Um Carnaval nas Estrelas *mostra o trabalho do carnavalesco da Mocidade*

Mulheres, Pássaros, *de Miró*

Há quase 160 anos, o barão de Langsdorff — cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro — comandou, entre 1824 a 1829, a expedição que percorreu a Mata Atlântica, o cerrado do Centro-Oeste e a Floresta Amazônica, registrando a flora, fauna, arquitetura, formas de economia e costumes das populações interioranas do Brasil. A partir de quarta, às 18h30min, o Paço Imperial reúne parte do material recolhido pela expedição.

Pelas lentes de Sebastião Salgado

Fotos de Sebastião Salgado

O brasileiro Sebastião Salgado, considerado um dos melhores fotógrafos do mundo, expõe seu trabalho em p/b na Funarte

O mineiro Sebastião Salgado tinha tudo para ser apenas mais um competente economista. No início dos anos 70, doutor em economia pela Sorbonne, ele peregrinou por vários países africanos à frente da Organização Mundial do Café. "Foram dois anos de relatórios econômicos mecânicos, quase desumanos", lembra Salgado, que desde 69 mora na França. Graças a esse trabalho, porém, Salgado é hoje um dos mais brilhantes fotógrafos do planeta — cada foto sua não sai por menor de U$ 1.000. Nas viagens à África, Salgado percebeu que as fotos que fazia por hobby eram um retrato mais nítido da realidade que os tediosos relatórios que era obrigado a fazer. Foi o que bastou para largar o emprego — e a economia — e aventurar-se em novos caminhos.

O resultado dessa ousadia poderá ser visto a partir desta quinta-feira na Galeria de Fotografia e no Espaço Alternativo da Funarte (Rua Araújo Porto Alegre, 80), nas exposições *Sahel, o Homem em Abandono* e *Outras Américas*. Sob a câmara sensível de Salgado desfilam imagens cruas, dramáticas e igualmente líricas de países da África e da América Latina. A primeira exposi-

junto com obras de Rugendas, Taunay e Hercules Florence. Sexta, de novo no Paço, às 18h30min, com o patrocínio do Generalitat da Catalunha serão exibidas pinturas, esculturas e cerâmicas de Joan Miró e painéis fotográficos, maquetes e reproduções de elementos arquitetônicos do catalão Antoni Gaudí, considerado um precursor da arquitetura pós-moderna na opinião de Charles Jenks, teórico que divulgou esta tendência. Amanhã, às 18h30min, no Centro Cultural Cândido Mendes, além dos jogadores de futebol, Rubens Gerchman apresenta a sua mais recente fase — a série "Bandidos". Na Anna Niemeyer, Paulo Klabin e Saramenha, Ione Saldanha mostra seus 45 anos de pintura. No Museu do Carnaval, às 20h, a exposição *Fernando Pinto — Um Carnaval nas Estrelas*. Terça, às 21h, na Montesanti de Ipanema (ex-Petite Galerie), 10 pinturas de Luiz Aquila. Quinta, na Funarte, fotografias de Sebastião Salgado (leia quadro abaixo).

Wilson Coutinho

ção exibe 58 das 54.000 fotos, todas em preto e branco, feitas por ele entre 84 e 85 na região do Sahel, no sul do Saara. As cinco viagens de Salgado ao local resultaram num livro lançado na França e inédito aqui. Em *Outras Américas*, o olhar se desloca para os países latino-americanos, entre eles o Brasil. Os temas, porém não mudam: a fome, as injustiças, o sofrimento humano.

"Não faço fotos de moda ou paisagem. Só fotografo gente, quer seja em ação social ou política", disse certa vez. Há nove anos, ele é um dos 25 sócios efetivos da agência Magnum, fundada por Cartier-Bresson. Eleito ano passado fotógrafo do ano pela Sociedade Americana de Fotografia, Salgado passa boa parte do ano em lugares como a Etiópia e o garimpo de Serra Pelada. Vale a pena. As cenas devolvidas ao público pelas lentes de Salgado são um sensível — e poderoso — registro dos dramas e injustiças sociais do Terceiro Mundo.

Mauro Ventura

Variedades na Rua do Sabão

Guilherme Leme é Aramis em Os Três Mosqueteiros, *a partir de sábado no João Caetano*

Espadachins do Damião

Um quase especialista em montagens para o público juvenil o diretor Carlos Wilson, o Damião, tomou uma direção inesperada na hora de escolher o tema de sua próxima peça: foi direto ao século XVIII. De lá catou um tema que virou clássico entre os jovens de todas as épocas, *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas. A peça estréia sábado no João Caetano, com base numa adaptação de Ana Maria Machado, figurinos de Kalma Murtinho e cenários de Cláudio Torres Gonzaga que procuram recriar o ambiente da França do século XVIII. No elenco, 37 jovens atores que receberam nos últimos quatro meses aulas de canto, dança e até de esgrima.

Uma pequena pausa no ritmo das estréias. A semana só registra uma única novidade: *O Califa da Rua do Sabão*, de Arthur Azevedo, sexta-feira no Teatro Rival. Com direção de Márcio Augusto e direção musical de Ubirajara Cabral, o espetáculo reúne, sob a forma de um show de variedades, duas peças curtas de Azevedo. Além da que dá título à montagem, estará ainda em cena *Uma Noite em Claro*. A idéia é transferir para o início do século 20 a ambientação do *Califa*, que escrita em 1880 passa a ter a sua ação situada num café-concerto, em 1917. Toda a hierarquia teatral da época, com *compère* e *commère*, além de esquetes e números de platéia, traça painel do Brasil (com a inclusão de anúncios e noticiários retirados do jornal *O Paiz*). Para reproduzir o espírito e os acontecimentos do período, alguns fatos serão incorporados ao espetáculo, como a prisão pela polícia das ousadas dançarinas de can-can. São mais de 50 figurinos e 3 cenários desenhados por Cristina de Lamare. As coreografias têm assinatura de Cláudia Gomes e fazem parte do elenco, entre outros, Ana Cristina Fidalgo, Beatriz Nuppe, Cláudia Barroso, Elísio Filho e Sandra Lindo.

Macksen Luiz

Classe & Mídia

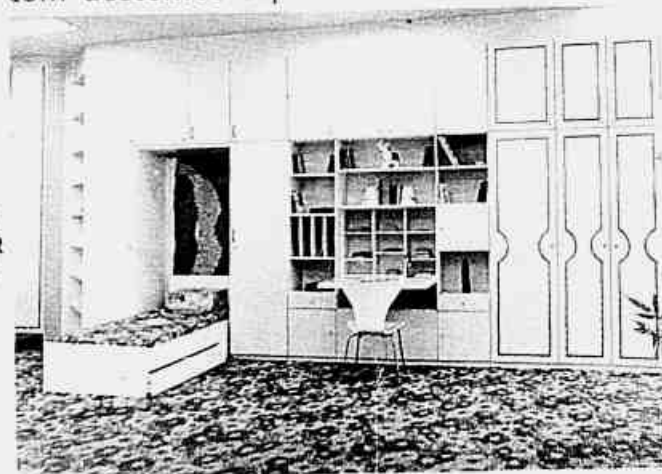
Marco

SuperCentro VOGUE móveis práticos

O QUE TÊM EM COMUM ESTES DOIS NOMES?

TRADIÇÃO ♦ QUALIDADE ♦ LIDERANÇA ♦ MENORES PREÇOS

52% DESCONTO À VISTA
Promoção de cozinhas e banheiros com descontos especiais

MESA MOGNO MACIÇO C/CRISTAL — a partir de 75.273, por 2 x 28.114,
CADEIRA MOGNO MACIÇO — de 25.178, por 2 x 9.404,
CONSOLE MOGNO MACIÇO C/CRISTAL — de 65.432, por 2 x 24.439,

ARMÁRIOS TRADICIONAIS
E COM PORTAS DE CORRER
DIVERSOS ACABAMENTOS

SOFÁ MARAVILHA
2 lugares
de 42.836,
por 2 x 15.999,

SuperCentro VOGUE

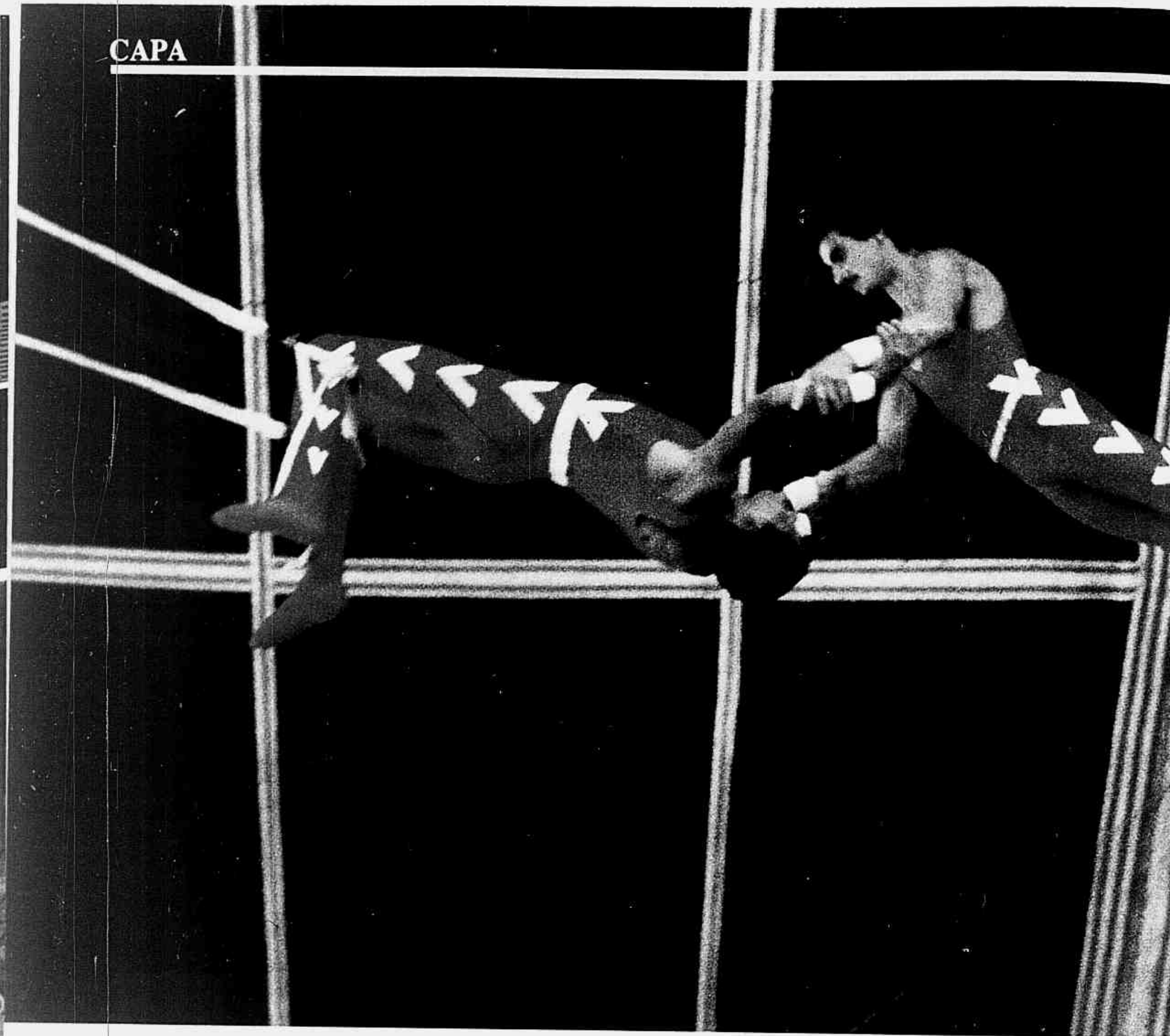
♦ ARMÁRIOS ♦ COZINHAS ♦ BANHEIROS

NOVA LOJA — Av. Brasil 6.179 — Tel. 260-4897
LEBLON — Ataulfo de Paiva 19-F Tel. 239-5195 Ataulfo de Paiva 80-B Tel. 259-0545
V. ISABEL — Pereira Nunes 395 — Tel. 228-1992
CENTRO — Buenos Aires 85 — Tel. 222-2134
BARRA — CASASHOPPING — Tel. 325-9837
TIJUCA — Conde Bomfim 80-B Tel. 234-4788
COPACABANA — Barata Ribeiro 194-J — Tel. 541-8447

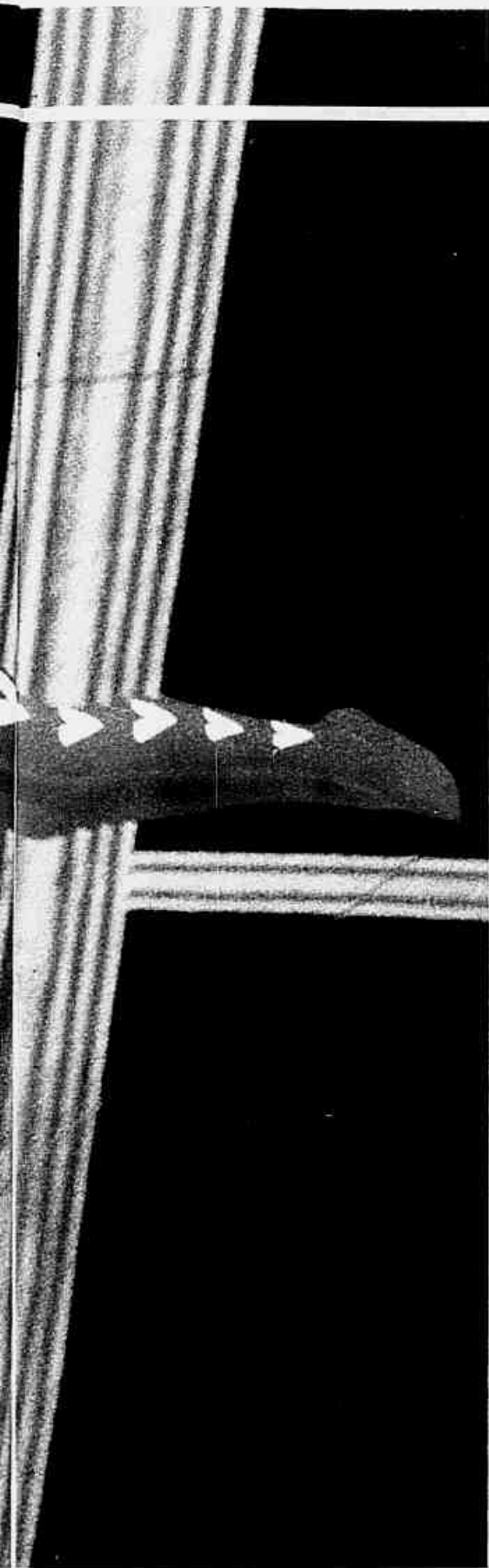
móveis práticos

MÓVEIS CONVENCIONAIS

NOVA LOJA — Av. Brasil 6.179 — Tel. 260-4897
LEBLON — Ataulfo de Paiva 80-B — Tel. 259-3947
COPACABANA — Barata Ribeiro 194-J — Tel. 542-2698
BARRA — CASASHOPPING — Tel. 325-8588
V. ISABEL — Pereira Nunes 395 — Tel. 254-5637

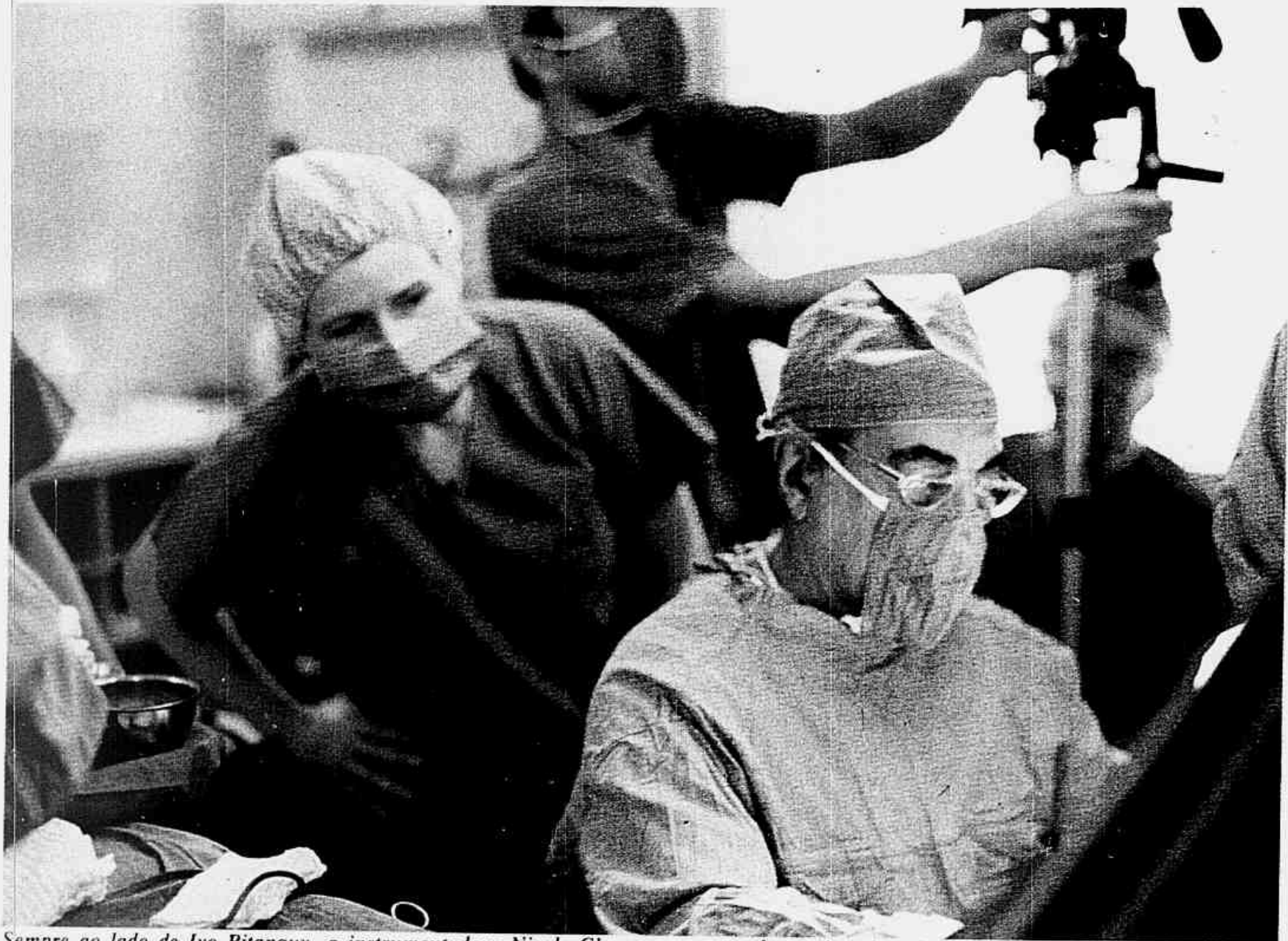
PLANTÃO DOMINGO: ATAULFO DE PAIVA, 80-B Tels: 259-0545 259-1147

São dois pra lá, dois pra cá

A fama nem sempre é importante: o trabalho em dupla continua sendo a razão do sucesso profissional

Um mais um igual a dois: reza a mais elementar operação matemática. No entanto, há duplas que conseguem alterar este resultado óbvio. Existem profissionais que trabalhando em parceria, com a soma de suas qualidades, acabam se tornando numa terceira entidade tão una e indivisível quanto qualquer pessoa de carne e osso. Os nomes Ivanilton de Souza Lima e Paulo César Massadas passariam completamente desapercebidos se não tivessem se unido na dupla Sullivan e Massadas, uma marca registrada no mundo do disco que coloca sua assinatura em uma média de 80 a 100 músicas gravadas por ano e que teve mais de 50 de suas composições no primeiro lugar em vendas. "Nos juntamos como numa fórmula química. É como se eu fosse H_2 e ele o O", diz Massadas comentando o entrosamento da dupla. "*Sullivan e Massadas* tem uma sonoridade ótima em termos de marketing", observa seu parceiro, que escolheu o nome de Michael Sullivan numa lista telefônica de Nova Iorque ao lançar seu primeiro sucesso no mercado americano, *My Life*. Os críticos — é verdade — ainda não chegaram a um acordo sobre a qualidade desta fórmula e, para muitos, o nome da dupla sugere mais um neon a piscar na frente de alguma fábrica de músicas. Desde que

Maurício e Orlando (acima) têm de sincronizar seus movimentos; Jair de Souza (à direita) e João Bosco fazem uma tabelinha na publicidade

iniciaram a parceria em 1979, os dois já despejaram no mercado aproximadamente 500 composições. "Acho que o número é esse. Perdi a conta há dois anos quando chegamos às 350", conta Massadas. A dupla também já não consegue computar os discos de ouro e de platina que sua assinatura já conquistou para outros artistas, de Xuxa a Fagner.

O par Roberto e Erasmo é o ideal dessa dupla. "Eles fizeram nossa cabeça", explica Massadas, que espera imitar seus ídolos e manter a própria parceria durante, no mínimo, 25 anos. A parceria inspiradora começou, como lembra o próprio Erasmo, em 1958. Então, ele era um Elvismaníaco fanático e conheceu seu futuro parceiro — o Roberto — quando este foi até sua casa na Tijuca atrás da letra de um rock de Elvis Presley. "A gente só não é irmão de sangue, no mais um completa o outro em tudo", comenta Erasmo a respeito da sua associação com Roberto. "É uma colaboração muito democrática. Um respeita o trabalho do outro. Para explicar uma relação tão duradoura só mesmo o amor", conclui.

Mas nem sempre o amor constrói. Maurício Cavalcanti e Orlando Vieira trabalham todos os dias a 12 metros de altura, estão juntos há nove anos e, em caso

Sempre ao lado de Ivo Pitanguy, a instrumentadora Nicole Chaunau acompanha o cirurgião plástico há 14 anos

Quando dois mais dois são cinco

Algumas duplas, administrando suas diferenças e afinidades, conseguiram mais do que um bom entrosamento e, de braços dados, ganharam fama e entraram para a Histórica como símbolos da mais perfeita colaboração. Aqueles que estão de fora, no entanto, não sabem que nos bastidores as coisas nem sempre foram tão harmoniosas como pareciam. Nem mesmo Stan Laurel e Oliver Hardy — a inseparável dupla o Gordo e o Magro nas telas — escaparam de uma briguinha. Juntos, fizeram a partir de 1927 cerca de 300 filmes. Mas o primeiro sinal da decadência veio quando os ciúmes e o desentendimento quase levaram os dois a se separar em 1940. Quando Hardy — o Gordo — resolveu estrelar um filme sozinho, a situação piorou ainda mais. Depois fizeram as pazes, mas as coisas nunca mais foram as mesmas. Era o início do ostracismo.

Mais solenes, Marx e Engels foram outros dois que quase viraram marca registrada. Amicíssimos, eles trocaram cartas durante anos e tudo ia às mil maravilhas enquanto cambiavam idéias sobre as relações de produção no regime escravista na Roma Antiga, mas quando se tratava de relações humanas Marx era, para dizer o mínimo, um completo desastre. Em janeiro de 1863, Engels escreveu ao amigo comunicando a morte da mulher com quem tinha vivido durante anos, a operária Mary Burns. Marx respondeu com uma carta seca onde comentava o ocorrido em duas míseras linhas antes de passar no parágrafo seguinte a um de seus costumeiros pedidos de empréstimo. Magoado, Engels respondeu que até os mais insensíveis tinham demonstrado mais simpatia e amizade do que ele e não perdoou o amigo. Aliás, também não emprestou o dinheiro. Se Marx não tivesse se retratado na carta seguinte, talvez hoje esses dois não pudessem ser vistos juntinhos como aparecem naqueles imensos *outdoors* em Moscou a cada Primeiro de Maio.

O gordo Hardy e o magro Stan Laurel

Brigas separaram...

Durante anos milhares de casais suspiraram assistindo Fred Astaire e Ginger Rogers deslizarem romanticamente formando o que parecia ser o par ideal. Na realidade, os dois se odiavam, e a dupla, que fez sua estréia em *Voando para o Rio*, em 1933, foi formada quase à força. "Não entrei para o cinema para ser metade de dupla com ela," protestou Astaire junto ao empresário. Ele achava Ginger irremediavelmente cafona. "Fred me procurava para se queixar do seu gosto, às vezes pavoroso, em matéria de vestidos", contou o empresário. "Nunca se sabia com que monstruosidade ela iria aparecer", reclamava Fred. Na tela, entretanto, os dois trocavam olhares apaixonados e, de rostinho colado — *cheek to cheek* —, avançaram através de dez longas-metragens.

Evoluindo com passos quase tão sincronizados e precisos, Pelé e Coutinho ataca-

de falta de entrosamento, arriscam muito mais do que um fracasso nas paradas de sucesso. No momento, Maurício ensaia todos os dias um salto triplo mortal e deve continuar treinando durante os próximos dois anos antes de realizar um número que apenas outros dois trapezistas no Brasil conseguem fazer. Maurício, o "volante", é que dá as voltas, enquanto Orlando é o "aparador", o que segura. Um é paraibano, o outro mineiro, mas sob a lona do Circo Holliday se fazem anunciar pelo pomposo nome de *Los Rosembergs*. Na hora de entrar no picadeiro, os poucos atritos entre os dois ficam para trás, no apertado treiler onde trocam de roupa. Lá em cima a sincronia tem de ser absoluta. Quando trabalhava com outro 'volante' anos atrás, Orlando sofreu um acidente que o deixou numa cama de hospital durante 40 dias. "Foi por uma questão de segundos. O 'volante' se adiantou um pouco e nós dois nos chocamos no ar", recorda. Por essa razão, Orlando não pensa em trocar de partner tão cedo. "Já estamos acostumados um com o outro e isso é importante numa atividade onde cada segundo e cada polegada fazem diferença."

Apesar de não ser nenhum acrobata, o mínimo que o cirurgião plástico Ivo Pitanguy exige de suas mãos é uma precisão absoluta. "Numa sala de cirurgia não há lugar para improvisação", explica. A francesa Nicole Chaunau, sua instrumentadora, não precisa mais de ensaios. Lado a lado com Pitanguy, ela o acompanha nas suas cirurgias há 14 anos. Mais do que passar os instrumentos certos na hora certa, Nicole é a chefe do centro cirúrgico da clínica, onde, às vezes, o cirurgião se desloca de sala em sala realizando até três operações seguidas. A tarefa de Nicole é se antecipar a todos os seus movimentos e cuidar de todos os detalhes. "É uma relação quase sem palavras. Às vezes já dá para saber o que fazer só pelo olhar dele", ela explica.

Bicampeões pan-americanos de remo, Ronaldo e Ricardo ganharam o noticiário esportivo como os irmãos Carvalho "é ouro". E no apertado barco *dois sem* onde os dois conquistaram a maior parte dos seus títulos, não há como se trocar sequer um olhar. O máximo que Ronaldo vê no irmão que vai sempre à frente é sua nuca. Mas já é o bastante. "A gente tem de ter sensibilidade para intuir qualquer mudança", explica. "O *dois sem* é um barco onde os dois remadores têm de funcionar como se fossem um só. Qualquer falta de sincronia, o barco desequilibra ou sai da rota", garante Ricardo. "O remo é um esporte muito cansativo e com a tensão de uma prova é muito fácil perder o controle dentro do barco", opina Ricardo. Os dois irmãos remam juntos há oito anos e convivem todos os dias durante as cinco horas de treino. "É dificílimo uma

No **dois sem**, *os irmãos Carvalho remam como se fossem um só*

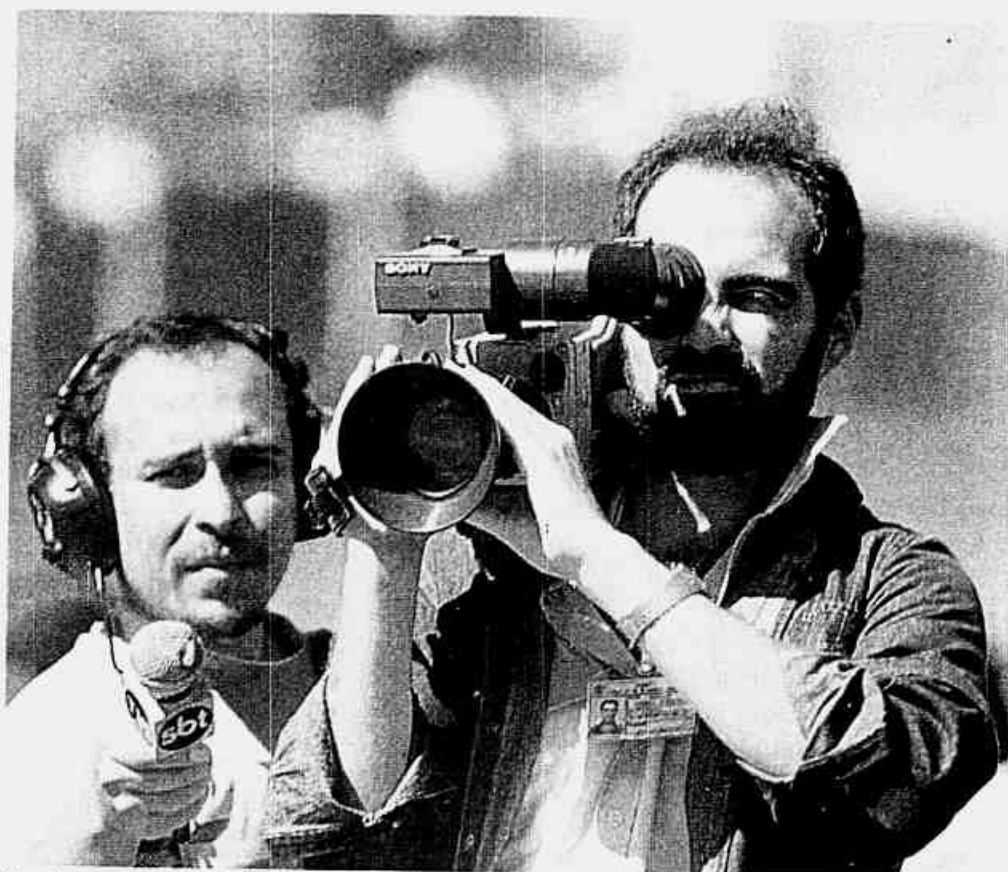
... Pelé e Coutinho *Ginger Rogers e Fred Astaire*

ram a partir de 1959 em infalíveis tabelinhas que conquistaram muitos títulos na fase áurea do Santos. O entrosamento era perfeito. "Pelé era meu complemento, eu ficava feliz com os seus gols e os meus passes. Eu era a parede, a bola batia em mim e voltava para ele." Com o tempo, a fama de Pelé subiu e Coutinho deslizou para o esquecimento. Além da bola, bateu algum ressentimento. A imagem da dupla, até então irretocável, desmoronou ano passado quando, falando sobre Pelé, Coutinho desabafou a um repórter da *Placar*: "Quero que ele se dane. Nosso entendimento era limitado às quatro linhas. No começo custei a entender seu caráter. Se soubesse, hoje até me negaria a rolar uma bola para ele. Aqueles abraços para comemorar nossos gols eram apenas para manter as aparências. As pessoas não queriam enxergar nosso desentendimento para não quebrar aquele encanto." Mas para quem estava fora das quatro linhas, pode crer que valeu, Coutinho!

O comandante Lemos e o primeiro-oficial Ferreira compartilham o enorme painel do Airbus A-300 e também uma sólida amizade

dupla durar tanto assim sem brigar", explica Ronaldo.

O redator João Bosco e o diretor de arte Jair de Souza não se apertam dentro de um barco, mas sim numa sala da agência de publicidade Thompson. Os dois trabalham no esquema clássico herdado da publicidade americana, para juntar palavras às imagens, o da dupla de criação. Há dois anos e meio, eles formam uma bem-sucedida tabelinha na área de criação que pôs no vídeo, recentemente, uma campanha para a cerveja Skol explorando a série de bares *Bar*bados, *Bar*rocos, *Bar*baros etc... Dois anos e meio, segundo eles, é uma boa marca numa área conhecida por estimular a competitividade, "a principal neura dos publicitários", na opinião de Jair. "Uma dupla são dois egos e na publicidade os egos costumam ser deste tamanho", ele mostra abrindo as mãos num gesto largo. Os dois hoje se sentem à vontade para dizer que não gostaram do trabalho do outro e pretendem continuar trabalhando ainda muito tempo juntos. "Talvez seja mais difícil formar uma boa dupla do que casar", define João Bosco.

O casal Kátia Moraes (ex-Espírito da Coisa) e Mario Costa (ex-Manhas e Manias) resolveu dar adeus às respectivas trupes e levar o casamento para o palco

Os inseparáveis Jadson e Ronaldo estão unidos pelo cabo do VT; Sullivan e Massadas (à direita), pela música

através da dupla Katita e Marito. Juntos fazem um show onde misturam música e humor num circuito fora do convencional que pode ir de um barzinho em Botafogo à boate do Hotel Sheraton em El Salvador. Descobriram na dupla uma fórmula salvadora para essa época de crise. "Nosso pocket-show cabe numa mala e num fusca vamos a qualquer parte", avisa Mario. Os dois ensaiam em casa às vezes até 10 horas por dia e discutem seus números de manhã à noite. "Isso pode chegar às raias do insuportável mas acaba reforçando nossa relação", explica Marito.

Relação mais estreita do que a que une o cinegrafista Ronaldo Moreira e o operador de VT Jadson Guimarães impossível. Eternamente ligados pelo cabo que une a câmera ao TV portátil, os dois, como se fossem um só, têm de fugir de uma tropa de choque da PM, se esquivar das pedras de um quebra-quebra ou correr em meio a um tiroteio para captar imagens para os noticiários da TVS. "Não abro mão de trabalhar com o Jadson," garante Ronaldo. "Ele conhece meu pique. Basta fazer um sinal e ele me entende." Também completamente geminados, Pompilho Rodrigues Lemos e Ari Ferreira, respectivamente comandante e primeiro-oficial, dividem entre si os complicados comandos do painel de um enorme Airbus A-300. O comando fica sempre com o que tem mais horas de vôo, no caso, Pompilho, que voa há 35 anos. O primeiro-oficial pode substituir eventualmente o comandante, decolando ou pousando, mas seu papel dentro da cabine extrapola as indicações de qualquer manual técnico. Que piloto suportaria, por exemplo, as 11 horas de vôo entre Rio e Montreal tendo por companhia apenas o zumbido intermitente do rádio? "Um pouco de papo é fundamental para quebrar a tensão", opina um piloto experiente.

Kátia e Mário resolveram levar seu casamento para o palco

Ninguém melhor do que o centroavante do Fluminense, Washington, conhece as vantagens de se trabalhar em dupla. Há sete anos ele começou a trocar passes com o meia-esquerda Assis, primeiro no Internacional, depois no Atlético Paranaense e, em seguida, no Fluminense, onde a dupla foi consagrada pelos torcedores com o apelido de Casal 20. Desde que o par se desfez com a volta de Assis ao Atlético Paranaense, Washington parece ter esquecido um pouco o caminho do gol. O que, aliás, só fez aumentar sua nostalgia pelo antigo parceiro. "Foi o melhor colega com quem tive oportunidade de jogar e com o tempo a gente acaba pegando as manhas e os cacoetes do outro." Sem falsa modéstia, Washington não conhece hoje no futebol brasileiro uma dupla à altura da que formou com Assis. "Mas em matéria de entrosamento, nunca vai haver uma como a de Pelé e Coutinho, a maior da História." Resta como consolo a Washington o fato de que, ao contrário do que aconteceu com a antiga dupla (leia quadro na página 36), pelo menos sua amizade com Assis sobreviveu às tabelinhas. Vale a pena.

Claudio Figueiredo
Fotos de Evandro Teixeira

PERFIL

Elas fazem a alegria da temporada

Tribobó City, *de Maria Clara Machado, e* Os Visigodos, *de Karen Acioly, dão mais luz ao cenário do teatro infantil*

Maria Clara, 67 anos, e Karen, 27 anos, estão em cartaz com dois espetáculos que agradam tanto à criançada como aos pais

Sérgio Moraes

Existem pelo menos duas boas razões para levar seu filho ao teatro. *Tribobó City*, de Maria Clara Machado, e *Os Visigodos*, de Karen Acioly, podem ser assistidas sem riscos de decepção no programa familiar — ao contrário de boa parte das outras 51 peças infantis que inundam os teatros da cidade. Afora a qualidade artística, não há nada em comum entre as duas peças — nem entre suas autoras. Afinal, Clara tem 67 anos e 28 peças traduzidas em vários idiomas. Karen acaba de estrear, aos 27 anos, como autora e diretora infantil.

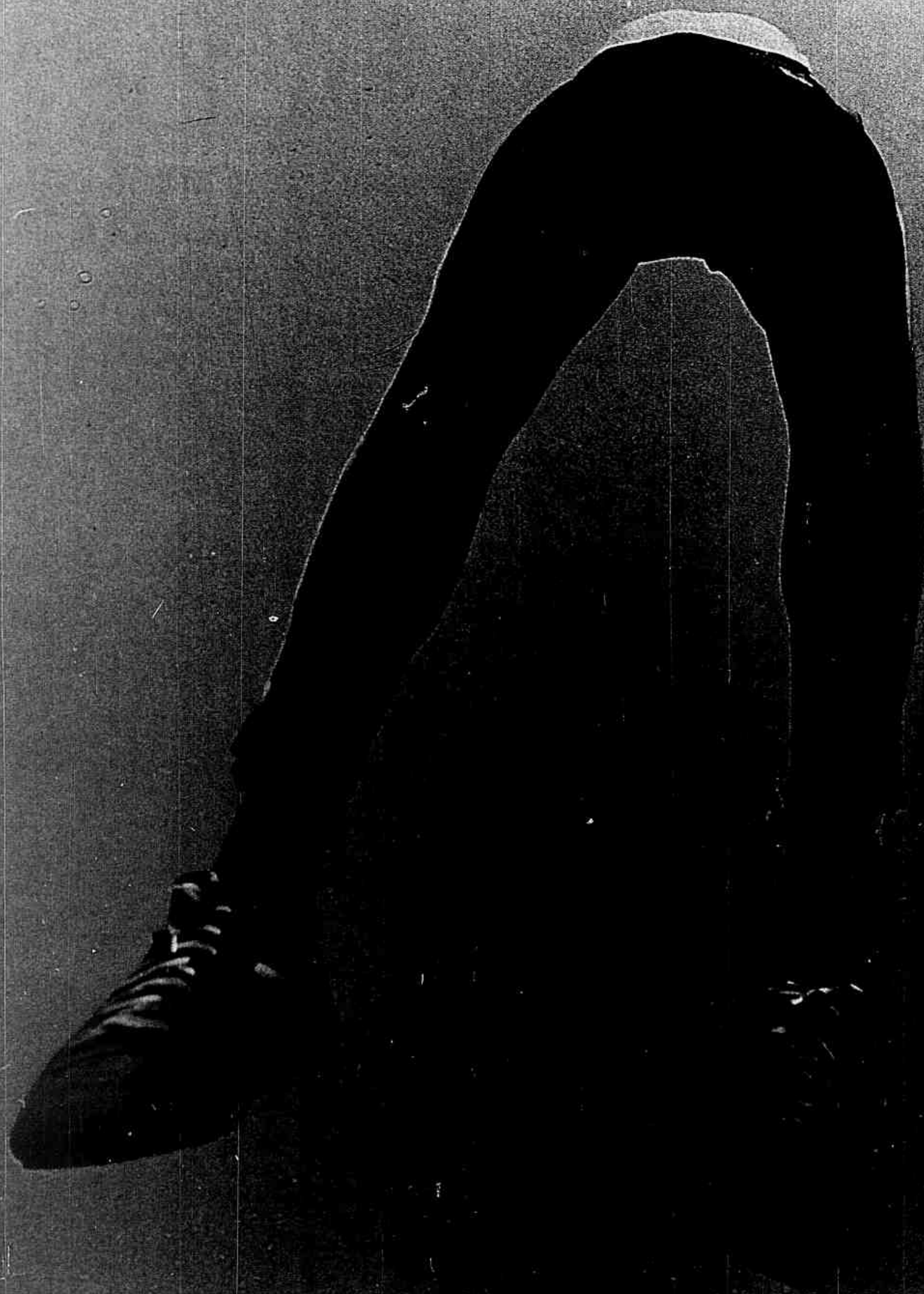
Maria Clara Machado vem sendo encenada exaustivamente há 34 anos. De lá para cá, não foram poucas as críticas que ouviu a rotulando de maniqueísta. Ela não está nem aí. "A criança necessita de heróis. Temos, portanto, que definir bem os lados. Não posso matar o mocinho, pois a criança vai sair pensando que seu pai também vai ser assassinado", explica. Mas foram precisos muitas sessões em 18 anos de análise até aprender a conviver com as críticas. "Eu tinha vergonha de não ser engajada. Certa vez o Vianninha me disse que eu deveria virar a mesa e escrever peças com conteúdo social. Mas eu sofria muito porque não era o que eu sabia fazer", lembra. Uma ironia para quem teve que deixar a direção do Teatro Municipal no governo Carlos Lacerda acusada de comunista. "É que *O Rapto das Cebolinhas* estava sendo encenada na União Soviética", explica. Foi portanto por acaso que Maria Clara Machado esteve envolvida numa questão político-administrativa.

Essa falta de vocação política a fez recusar em 85 o convite para ser ministro da Cultura. "Sou muito idealista. Não sei lidar com burocracia nem com verbas." Não é por acaso que a escola de teatro do Tablado se mantém amadora desde que foi criada por ela em 51. "O importante é que o teatro infantil me dá prazer. Isso é algo raro. Que outras coisas no mundo te dão prazer? Só sexo", brinca. É do Tablado que sai boa parte dos rostos novos da TV: Fernanda Torres, Andréa Beltrão e Maurício Mattar, por exemplo. "As pessoas pensam que ele é trampolim para a Rede Globo. É coincidência vários ex-alunos meus estarem lá", diz. Modéstia. Que o diga Rubens Corrêa, que a chama de mestre. Ou a platéia — não só de crianças — que lota as sessões de *Tribobó City*, um *western* musical escrito em 71 com todos os ingredientes clássicos do gênero: mocinhos, bandidos, índios, mexicanos, dançarinas de cabaré e prefeitos corruptos.

Ano passado, Maria Clara tinha tudo para conquistar mais um prêmio Mambembe pela peça *O Gato de Botas*. Não contava, porém, com *De Repente... No Recreio*, a segunda incursão vitoriosa de Karen Acioly como autora teatral — antes disso, havia escrito *PRK a Mil*. Este ano, Karen resolveu mirar em outro público, mais infantil ainda. Buscou inspiração na mitologia européia, misturou duendes, gnomos, elfos e sílfides e criou uma fábula que brinca com a seriedade dos adultos. *Os Visigodos*, que vinha sendo escrito desde 82, é cheia de ironias sutis. Karen brinca com as palavras, com a guerra, com a indefinição sexual, com as boas maneiras. "É uma peça de bem com a vida", conta. "Estava cansada de finais tristes e trágicos." Para encenar *Os Visigodos* — com direção musical de Tim Rescala — na Casa de Cultura Laura Alvim com o patrocínio da Shell, Karen precisou vencer — e por unanimidade — 99 concorrentes. Em seus planos, está uma nova peça infantil, desta vez sobre um caçador de crianças. Material não falta. Afinal, Karen passou a infância em companhia de 54 primos — só por parte da família da mãe. "*Os Visigodos* está encharcado dessas lembranças", conta Karen, que foi convidada para atuar no filme *A Menina e o Vento*, adaptação da peça de Maria Clara Machado que será rodada pela cineasta Anna Penido, a mesma de *Super Xuxa Contra Baixo Astral*. No filme, Karen deve contracenar com ninguém menos que Maria Claro Machado. "Seria o máximo", exulta Karen. Mas a parceria não deve parar aí. "Podemos escrever uma peça juntas", propõe Maria Clara Machado a Karen. As crianças, antecipadamente, agradecem.

Mauro Ventura
Foto de Sérgio Moraes

Em busca do sonho olímpico

Uma nova geração do atletismo vence desafios para copiar ídolos como Joaquim Cruz e Robson Caetano

Alessandro Mendes está decidido a provar que não nasceu para carregar caixote na cabeça. Diariamente, treina sozinho quatro horas no precário Estádio Célio de Barros com os olhos atentos aos buracos da pista e a imaginação solta nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. É tanto sonho que até supera o fato de ser o único atleta infanto-juvenil do Bangu ganhando apenas CzS 3.000 por mês de ajuda de custo. "Se eu for um grande atleta, terei vencido na vida", acha Alessandro. Os amigos não acham. Acreditam que o esforço de Alessandro em sair de Deodoro, onde mora, para treinar no Maracanã é maluquice.

Aos 16 anos, Alessandro não é o único exemplo da garra incomum que pequenos atletas cariocas começam a injetar na veia. No dia 24 de setembro, à uma hora da madrugada, vários olhos adolescentes estarão grudados nas telas de TV. Lá em Seul, um menino de 24 anos nascido em Acari estará tentando a medalha de ouro nos 100 metros rasos. "O Robson Caetano é o máximo. Quero ser igual a ele, exigir um bom dinheiro, apoio e tudo a que tiver direito." Quem ambiciona isso é Cláudio Batista, 16 anos, tricampeão estadual de menores no salto em distância e da equipe da Pavunense. Além de Robson, Cláudio idolatra o recordista mundial do salto em distância, Bob Beamon, que detém há 20 anos a marca de 8m90. "Mas quem vai passar o Bob é um garoto chamado Cláudio". Ele está longe dessa marca. Por enquanto, só chegou aos 6m73.

"Eu nunca senti em outros tempos esse investimento visceral no atletismo como opção de vida", diz Sônia Ricette, ex-técnica de Robson Caetano no Botafogo. Dedicada atualmente à psicologia esportiva, Sônia alerta para o perigo dos resultados imediatos. "A especialização em alguma modalidade tem que acontecer mais tarde, senão queimam-se futuros atletas." Basicamente, uma criança que começa a praticar o esporte tem que ter força, velocidade e resistência. "Além da vontade de competir e ser alguma coisa na vida", diz Sônia.

Facilidades. Alguns têm mais que isso. Carregam junto para as pistas certas facilidades. Adriano Lancetta, 15 anos, filho do preparador físico Carlos Alberto Lancetta, é um exemplo. Desde 85 no atletismo, defende atualmente o Flamengo e não recebe nada. "O cara para viver do atletismo tem que ser muito bom para arrumar patrocínio", fala Adriano. Ele pode não ganhar nada, mas é um dos poucos a competir com sapatilha importada. Um luxo. Nascido na classe média, Adriano assume que se não tivesse o suporte do pai teria desistido. Não é isso que o vascaíno Luis Henrique Reis, 13 anos, pensa fazer. Mesmo gastando duas horas e meia de viagem de Itaipu, onde mora, até São Januário, onde treina. São dois ônibus e muita força de vontade.

Larry Oliveira, 16 anos, da Mangueira, viu naufragar inesperadamente todo seu esforço na recente etapa do Campeonato Brasileiro Juvenil. Ele liderava fácil os 100 metros rasos mas tropeçou num buraco da pista, caiu no chão e se machucou na coxa direita. Carl Lewis e Ben Johnson, as legendas da prova, estão livres desse tipo de coisa. Larry não se abala. "Tem que levar no bom humor", justifica. Ele mora em Padre Miguel e detém uma boa marca nos 100 metros: 11s2. Como todos seus amigos de pista sonha com uma Olimpíada. Para ganhar medalhas e fazer bagunça na viagem. "Se o Robson é estrela e recomenda que façamos bagunça, porque não fazer?".

É esse espírito moleque do atleta brasileiro que muitas vezes atrapalha. O exemplo máximo vem do próprio Robson Caetano, desligado da delegação nos Jogos de Los Angeles de 84 por ter passado uma noitada com uma bela loura americana. "Mas ele me garantiu que a confusão e o descaso eram gerais", defende o jornalista Sérgio Leitão, responsável pelo projeto de desenvolvimento olímpico implantado pela Coca-Cola no final dos anos 70 e que

A equipe infantil da Mangueira, formada por meninos que moram no morro, tem apenas dois anos e já é campeã estadual

Andréia reclama do machismo no esporte

revelou Joaquim Cruz, Robson Caetano e a arremessadora de dardos Sueli dos Santos. "Foi um investimento de um milhão de dólares e duzentas mil crianças atingidas. Mas na hora de colocar os meninos na TV, como o vôlei fez, a Confederação Brasileira de Atletismo não deixou. Aí choveram argumentos para suspender o projeto."

Convênios. Hoje existe o projeto Recriança, criado pelo ministério da Previdência em 87 e que movimenta só no Rio 15.000 crianças. São vários pólos de recreação e alimentação, mas é nos convênios com o Vasco e a Mangueira que o atletismo tem destaque. As duas equipes mantêm olheiros nas crianças do projeto que mostrarem bom desempenho. Foi ali que surgiu Irineu Soares, 13 anos. Morador do morro do Tuiuti, ele disputa pela Mangueira o campeonato infantil."Quero ser igual ao Joaquim Cruz", diz ele.

Não é pouca pretensão. Ser igual a Joaquim Cruz significa morar em Eugene (EUA), estudar na Universidade de Oregon, e ganhar da Adidas e Ultracred cerca de 300 mil dólares por ano (algo em torno de Cz$ 150 milhões).

Três momentos de um atleta do futuro: Wanderson com a família, a caminho do treino e enfrentando um companheiro na equipe de atletismo da Mangueira, dirigida por Carvalho

Larry, azar com a precariedade das pistas

Sergio Zalis/ZN2

res", reclama. "É muito difícil ganhar dinheiro no atletismo. O país só pensa em futebol". Por isso divide seu tempo de escola e treinamento com um curso noturno de secretariado. "Não posso esperar milagres".

É do que o esporte brasileiro tem vivido. Estão aí Adhemar Ferreira da Silva, João do Pulo, Joaquim Cruz, Zequinha Barbosa e Robson Caetano para provar. Foi vendo os ídolos na televisão que muitos dos jovens atletas entraram para o esporte. Driblando até a falta de organização da geração de Atletismo do Rio, incapaz de dizer quantos atletas filiados existem na cidade. O fato é que ninguém sabe ao certo o que leva, por exemplo, o jovem Marcos André Borges a penetrar no Vasco e pedir para ser atleta. "Quero ganha dinheiro e medalhas", diz o já promissor arremessador de peso, dono de uma marca de 10m30cm aos 13 anos. Talvez o atleta Renato Soares, da Pavunense, tenha a resposta. "Robson Caetano é o nosso guru, pois veio de família pobre e venceu pela força de vontade". Deve ser isso. Renato acorda todo dia às cinco da manhã em São Gonçalo, anda dois quilômetros a pé, pega o ônibus 423 (Coesa—Vila Isabel) e chega às 7 no treinamento. Já merece uma medalha, mas vive por enquanto do sonho.

Alessandro (no alto), Marcos (acima) e Renato (o primeiro ao lado) seguem os passos de Robson Caetano para ganhar glórias e dinheiro

Sidney Garambone

Nesta página, o contraste do amplo e do justo com o floral em tons pastéis. Destaque para o lenço sobre a blusa em stretch, assim como a calça. *Mariazinha*. Pulseiras de *Jane e Sérgio*. À direita, o busto valorizado pelo decote meia-taça. *Top* sobre bermuda da *Mariazinha*, assim como o chapéu de palha

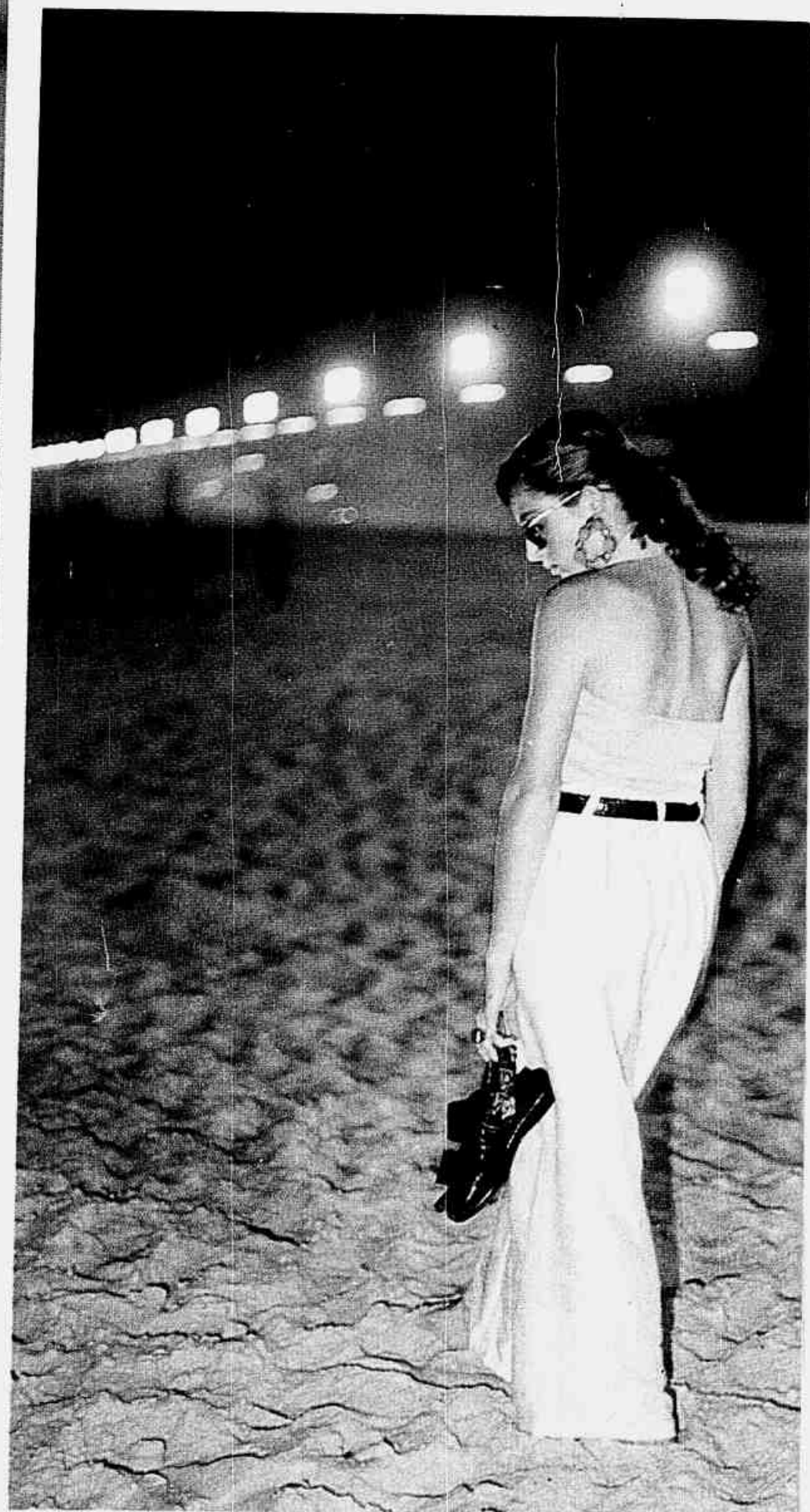
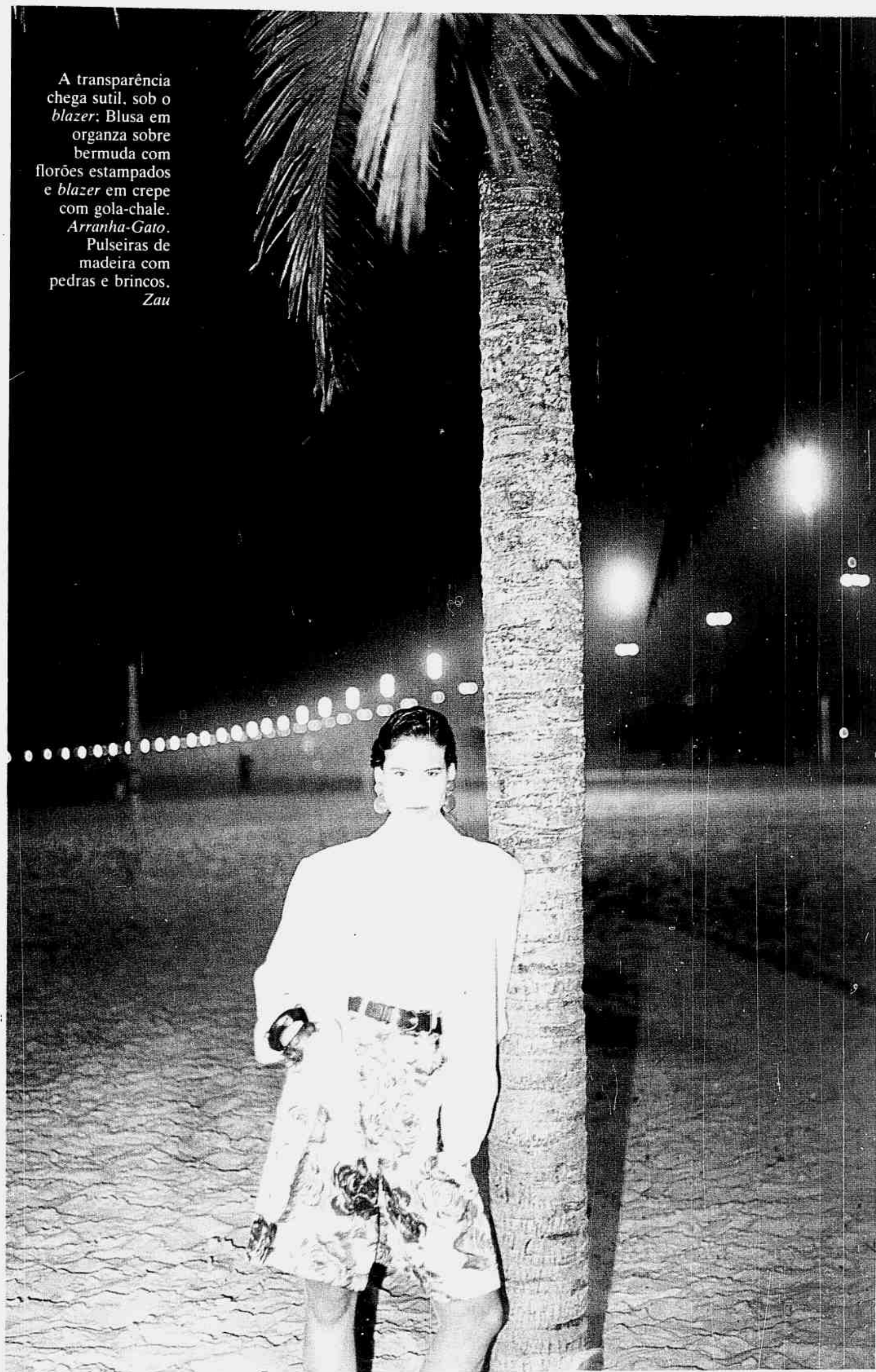
O sortido da estação

Com a proximidade da primavera, não é só a natureza que começa a exibir roupagem nova. Também as vitrines abandonam as tarjas de saldos e liquidações, trocando-as pelas novidades que vão disputar os inseguros consumidores de um mercado em retração. Preços e OTNs à parte, a moda para a meia-estação oferece tentações quase irresistíveis, dentro de um largo leque de tendências e estilos. Apesar desta multiplicidade, há pontos básicos importantes para definir o jeito contemporâneo da figura feminina. São detalhes que certamente vão reciclar o guarda-roupa de antigas primaveras. Florais suaves e tons apastelados já podem ser vistos pelas ruas, com tendência a esquentarem na mesma proporção da temperatura. É que a África vem trazendo para a moda um exotismo em estampas e bijuterias, provocando a volta dos colares exagerados, dos panos enrolados e das cores e estampas fortes. Lenços e echarpes são detalhes que renovam qualquer visual, criando estilos que vão desde o chic-fifties até os exageros divertidos do love and peace. O corpo continua em destaque. Além da cintura e dos quadris, também o colo e os ombros são exibidos através de variadíssimos decotes. A nova moda oferece um cardápio sortido onde pode-se usar um pouco de tudo. Talvez a novidade esteja mais na forma de se combinar peças já consagradas — de preferência a partir dos contrastes — do que nos modelos em si. E nada melhor do que dinheiro curto para se exercitar a criatividade. Nas fotos, Dani Colassanti e Carla Barros maquiadas por Tê Nunes. Produção de Guiga Soares.

Regina Martelli
Fotos de Sérgio Nedal/ZNZ

À esquerda, um ar de África sofisticada no conjunto de blusa bem decotada e short drapeado. *Saville*. Os colares chegam com força total, sobretudo em materiais que lembrem pedra. *Zau*. Abaixo, outro destaque da estação: a pantalona. Em seda com camiseta e cinto, de *Alice Tapajós*. Brinco, *Mário Paiga* e óculos *Dijon*

Endereços da Moda:

Mariazinha — Rua Visconde de Pirajá, 365
Alice Tapajós — Rio Sul/ 2º piso
Arranha-Gato — Rua Garcia D'Ávila, 134-A
Saville — São Conrado Fashion Mall
Zau —Av. Henrique Dumont, 68/ lj H
Mário Paiga — Rua da Candelária, 87 — (021-551-9902)
Jane e Sérgio — Rua Conde D'Edu, 70
Dijon — Barrashopping

A transparência chega sutil, sob o *blazer*: Blusa em organza sobre bermuda com florões estampados e *blazer* em crepe com gola-chale. *Arranha-Gato*. Pulseiras de madeira com pedras e brincos. *Zau*

O entrevistado não gostou de ler suas declarações

ENTREVISTADO DESGOSTOSO

É curioso "falar pro jornal": a gente parecer dizer o que o jornal já pensava do assunto. (...) Chamado a dar um palpite na matéria de capa da revista *DOMINGO* de 28/8, tomei a defesa das platéias que resolvem se exibir durante os espetáculos a que assistem, levadas pelo mesmo motivo pelo qual respondo a um repórter do JB: interferir imaginariamente no espaço público (espaço do jornal ou espaço do show). O que existe deve necessariamente manifestar-se como imagem, particularmente na sociedade da mídia; não se trata de uma ilusão, é um fato, e a platéia que se dá em espetáculo sabe disso. Ela exige participação, reconhecimento de identidade, lugar para a imagem individual, tudo o que nossa sociedade, na prática, recusa ao brasileiro comum. Mas, não é com um projeto clássico de cidadania disciplinar para o Brasil que podemos pensar esse fato novo. E, quando o pensamento falha, apela-se para a ordem (e o regresso). Cuidado, moçada! *Rogério Luz, Rio de Janeiro, RJ*

O LOBO DEU O BOLO

Na crítica de Ingo Ostrovsky sobre a novela *Olho por Olho*, da TV Manchete, é levantada a dúvida de que o tema musical da abertura pudesse ter sido feito pelo Lobão, tamanha a diferença de "estilo". Explico: o tema é de João Bosco, composto e interpretado brilhantemente por ele, com participação nos teclados de Fernando Moura e mixagem feita a seis mãos por nós três, tudo isso numa única e memorável noite/madrugada. Motivo: o Lobão se comprometeu verbalmente comigo três semanas antes, e a uma semana da estréia não tinha dado sinal de vida e não atendia ou respondia qualquer chamada minha. Independente de seus motivos particulares, como responsável pela música das novelas da TV Manchete fiz contato urgente com o João Bosco, que se prontificou a um trabalho conjunto e profissional. A informação do boletim da Manchete deve-se, portanto, ao fato de que confiei e esperei ao máximo por uma música que não veio. *Caíque Botkay, Diretor Musical da TV Manchete, Rio de Janeiro, RJ.*

DEFEITO DO EFEITO

Com referência à matéria *A Ilusão da Minissérie* (*DOMINGO*, nº 2o 643), vejo-me obrigado a fazer-lhe uma incômoda e, para mim, cansativa correção. Já que, não só não é verdade que "foi em *O Primo Basílio* que pela primeira vez a eletrônica sozinha não deu conta do recado e teve que pedir ajuda ao pincel", a técnica do "matte" (...) foi desenvolvida pela minha firma, Arturo Uranga Produções Cinematográficas, para a mesma TV Globo e usada fartamente no seriado *Armação Ilimitada*, desde 1986 (...). Como também, por desgraça, não é a primeira vez que vejo-me obrigado, a bem da justiça e da informação correta que o público merece, a assumir pessoalmente a tão constrangedora e antipática posição de ter que esclarecer o que é de Deus e o que é do Diabo. Papel (...) que deveria ser exercido pela própria publicação (...). Já em 1987, publicou-se no Jornal *O Globo* uma extensa e entusiástica nota a próposito do capítulo *Armação nas Estrelas*, de *Armação Ilimitada*, em que se conferia ao mesmo Ricardo Nauemberg a honra de criador de todos os efeitos especiais, maquetes (...) e, o mais importante, a utilização de pinturas em vidro (glass-shots) pela primeira vez na televisão brasileira. (...) Me orgulha que pessoas como Ricardo Nauemberg admirem e respeitem o meu trabalho, ao ponto de imitá-lo e tentar superá-lo (...). *Arturo Uranga, Rio de Janeiro, RJ.*

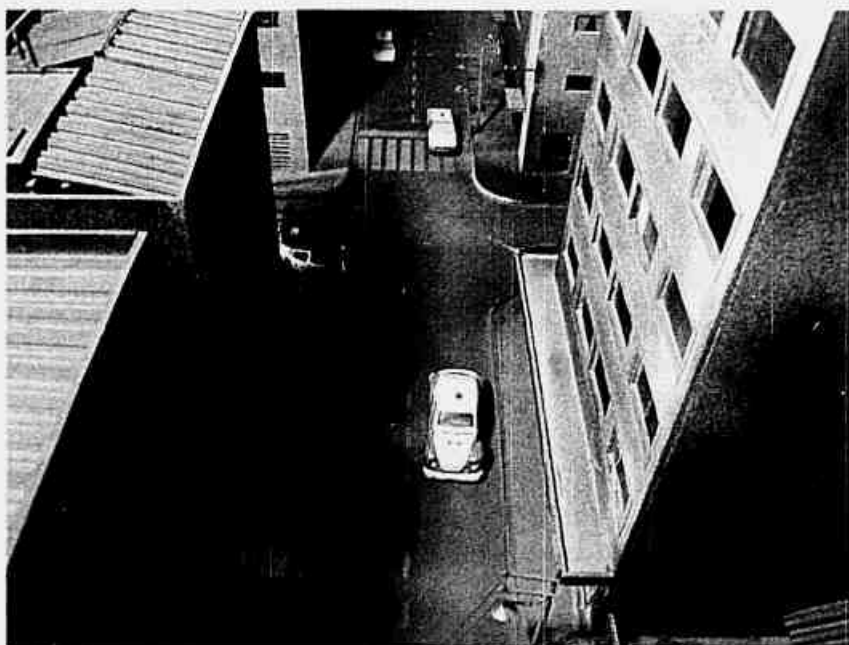
O DONO DA MAQUETE

Na reportagem desta revista sobre o trabalho do maquetista Flávio Papi, cumpre citar, a bem da verdade, graves omissões de autoria na monumental maquete executada para o projeto "Rio Planeta Sonho", de autoria e coordenação do Sr. Sérgio Moreira Dias. Flávio Papi foi apenas um entre a centena de profissionais responsáveis pela confecção do referido modelo. *Elizabeth Zollinger, Rio de Janeiro, RJ.*

É MACHO OU É MACHÃO?

Viva os homens. Viva os homens que através da reportagem *É coisa de homem* mostraram estar conscientes que ser macho não é sinônimo de atos grosseiros e agressivos. Parabéns aos homens que assumiram o seu lado feminino (como dizia Carl Jung) sem, contudo, deixarem de ser másculos e viris. Homens seguros o suficiente para não se sentirem ameaçados pelo fato de freqüentarem um centro de estética, que me pareceu de mais alto nível. São homens que felizmente estão deixando fluir sua sensibilidade sem serem atingidos por preconceitos que já se tornam ultrapassados em nossa sociedade. *Andréia Ramos e Silva, Niterói, RJ*

• • •

Sou um leitor assíduo da *DOMINGO*, apesar de achá-la um pouco feminina para o meu gosto. Porém para a minha surpresa, li e reli a reportagem sobre estética visando principalmente o público masculino do Centro. Achei ótimo o texto e o assunto descrito, pois para mim que trabalho no Centro e para outras pessoas que não têm tempo de se manterem na linha, a clínica de estética caiu como uma luva. *Luis Carlos Ramos, Rio de Janeiro, RJ.*

A leitora escreveu para contestar a autoria das maquetes

• • •

Não compreendo e não entendo como uma revista que é lida na sua grande maioria pelo público feminino dá uma conotação tão machista em relação à Clínica de Estética no Centro da cidade (*É coisa de homem*, *DOMINGO*, nº 643). Parece que vocês esqueceram que no Centro trabalham milhares de mulheres de bom nível, que gostariam de freqüentar uma Clínica de Estética e perto do seu trabalho. Do modo como foi apresentada por vocês a reportagem mencionada, parece que só homem tem chance lá, e isso tenho certeza que não é verdade, pois conheço o Fernandão e sei que ele na sua academia tem mais mulher do que homem fazendo ginástica. *Márcia Marlene, Aguiar, Rio de Janeiro, RJ.*

CHEGA, NANDO!

Fiquei indignado com as declarações de Fernando Paulino Neto a respeito do meu ídolo. Realmente o Ayrton Senna deve ser muito "bom moço" para o gosto do Fernando Paulino, conforme ele mesmo declarou. Para quem é chegado a uma baixaria, tem o Nelson Piquet, mal-educado, grosseiro, incompetente e invejoso. O Nelson Piquet está para o Ayrton Senna como a Monique Evans para a Luiza Brunet. É apenas uma questão de classe e competência. *Durval Ramos da Silva Filho, Rio de Janeiro, RJ.*

• • •

Pô, Leila! Você foi tão deselegante com todos os torcedores do Nelson Piquet no *Ilustríssimo Domingo*, na edição 643. Todos nós sabemos que o Senna é um piloto talentoso e que provavelmente irá ganhar o campeonato mundial este ano. Mas falar mal do Piquet Tricampeão Mundial de F-1 é muita ousadia sua. Muitos brasileiros gostam mais do Piquet, mas isto não nos impede de torcer pelo Senna, pois a nós interessa uma vitória do Brasil acima de tudo. *Leonardo Pereira dos Santos, São Gonçalo, RJ.*

CREDICARD ABRE O APETITE.

Credicard apresenta algumas sugestões para o seu almoço ou jantar. Carnes, frutos do mar, frango e massas em ambientes acolhedores e refinados. Credicard sugere. Você escolhe. Bom apetite!

RESTAURANTE GARRAFA DE NANSEN

RESTAURANTE GARRAFA DE NANSEN

Rua Santa Cruz, 4
Arraial do Cabo - RJ
Tel.: (0246) 22-1553

Você é recebido pelo sempre simpático Assis, o *mâitre* dos *mâitres*. Na cozinha, a responsabilidade fica com os *chefs* Antonio e Agenor. Para iniciar, você abre o apetite provando o *Cocktail da Casa*. Com o paladar mais apurado, você já pode começar por uma patinha de caranguejo, passar por um *Peixe Mar Azul*, grelhado com *bacon*, acompanhado de molho de alcaparras e batatas cozidas, e finalizar com chave de ouro saboreando a *mousse* de maracujá.

ANCORADOURO

Rua Dona Geralda, 345
Paraty - RJ
Tel. (0243) 71-1394

O restaurante, instalado em um sobrado do século XVII, tem como sua especialidade *Caldeirada de Frutos do Mar*: polvo, lula, marisco, peixe e camarão refogados com bastante tomate, cebola e pimentão. Tudo feito em panela de barro. Acompanha arroz branco e um saborosíssimo pirão. O Ancoradouro funciona de quarta a segunda-feira, das 11 às 23 horas.

RESTAURANTE MORADAS DO PENEDO

Av. das Mangueiras, 791
Penedo - RJ
Tel. (0243) 51-1333

Conhecido na região como especialista em trutas, o restaurante localiza-se no hotel do mesmo nome. A sugestão do *chef* é uma saborosa *Truta com Molho de Amêndoas*, servida com arroz branco e batatas *sauté*.

RESTAURANTE COLONIAL

Estr. União Indústria, 9188
Petrópolis - RJ

Funciona somente de terça a domingo. Ambiente acolhedor, onde você encontra as mais variadas carnes, que são oferecidas em sistema de rodízio especial.
Nas noites de sexta, sábado e domingo, música ao vivo.

BURGOMESTRE

Rua Deolinda Thurler, 119 - lj. 4
Friburgo - RJ
Tel. (0245) 22-8140

Burgomestre oferece um ambiente tranqüilo, onde você encontra excelente serviço de bar e restaurante. Além disso, a localização desta casa é privilegiada, na "Suíça Brasileira", tornando-a uma representante fiel da cozinha européia, com destaque para a alemã. A sugestão: *Coelho ao Vinho*. Após 24 horas imerso em molho especial, é retirado e corado na manteiga. Acompanha purê de maçã ou batatas e frutas em caldas.

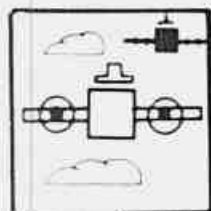
RESTAURANTE GALERIA DO ENGENHO

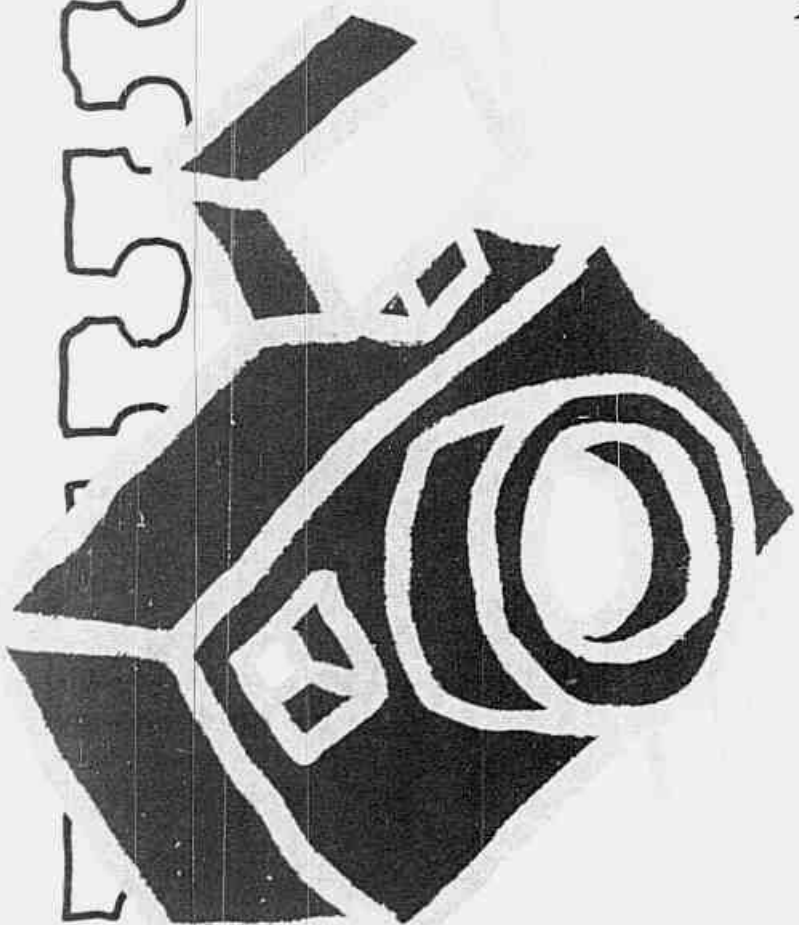
Rua Maria Jacomede Melo, 18
Paraty - RJ
Tel.: (0243) 71-1349

O Sr. Enio, com sua experiência de 15 anos, afirma que cozinhar é uma atividade incansável. Sempre procurando inovar sua mais recente obra-prima, *Camarão à Moda Enio*. Cozido em leite de vaca, gratinado com parmesão, acompanha milho verde. As sobremesas, feitas em fogo de lenha, dão água na boca: doces de banana, abóbora, coco, laranja-da-terra e outros.

Uma boa sugestão para os que estão no Rio é o Festival de Karaokê, às quartas-feiras, na Boate Vogue, Rua Cupertino Durão, 173
Tel.: (021) 274-4145

Os restaurantes que Credicard indica são mesmo de dar água na boca.
E todos aceitam com prazer o seu cartão Credicard. Faça sua escolha. Você pode pagar em até 40 dias sem juros ou financiar pelo Crédito Rotativo junto com as outras compras do mês.
Se você ainda não tem Credicard, solicite o seu pelos telefones: Rio de Janeiro (021) 233-5614 - S. Paulo (011) 872-3869. Outras localidades (011) 800-3869. Discagem Direta Gratuita.
Credicard Empresarial (pessoa jurídica): S. Paulo (011) 814-5764. Outras localidades (011) 800-3600. Discagem Direta Gratuita.
Ou passe em uma das agências, mais de 11.000, dos Bancos associados ao sistema.

FITA ATARI
SUPER
32 JOGOS
(Para ATARI e compatíveis)
SÓ
CZ$ 12.990,
MENOR PREÇO DO RIO
KEYSTONE KAYPERS
LASER GATES
DEMON ATTACK
RIVER RAID IV
TÊNIS
PAC MAN
ENDURO
CHOPER COMANDER
E MAIS:
SPACE INVADERS • INFILTRATE • PINBALL
FROSTBITE • FAST FOOD • FUTEBOL
• MEGAMANIA • BLACK PIRATA •
COMMANDO RAID • PITFALL •
MR POSTMAN • Q BERT • SEAQUEST •
VOLLEYBALL • FROGGER • PLANET PATROL
• FLASH GORDON • ATLANTIS AIR RAIDERS
• BOB IS GOING HOME • CRACKPOTS •
COSMIC ARK • DONKEY KONG •
FANTASTIC VOYAGE
Vendas Para Todo Brasil
Tel. (021) 252-6391
Horario de funcionamento
de Segunda a Sexta das
8 00 as 18 00 hs
FOTOMANIA
SOM • FOTO • VÍDEO • INFORMÁTICA
CRÉDITO FÁCIL EM 7 VEZES SEM FIADOR.
IPANEMA: Teixeira de Melo, 53 (Pça. General Osório) Tel. 227 9905
RIO SUL: Lauro Muller, 116 - 2º (ao lado do Viena) Tel. 295 7447
BOTAFOGO: Visc. de Ouro Preto, 5 (esq. do Ópera) Tel. 552 3545
FLAMENGO: Senador Vergueiro, 177 (100m do Metrô) Tel. 552 6999
CARIOCA: Carioca, 59 (entre Bar Luiz e Tiradentes) Tel. 220 3434
CENTRO: Senador Dantas, 75-A (ao lado Bco. Brasil) - Tel. 220-1272
CENTRO: Rua Beneditinos, 10 (perto da Praça Mauá) Tel. 253 5849
TIJUCA: Santo Afonso, 413 lj. D (em frente ao BOB'S) Tel. 248-2995
MÉIER: Rua Dias da Cruz, 111 (esq. com Hermengarda) Tel. 592 1067
MADUREIRA: Est. do Portela, 99 lj. 147 (Ed. POLO I) Tel. 359 6944
NORTESHOPPING: 2º Piso (em frente ao Carrefour) Tel. 593-6223

CERTIFICADO DE BOA FORMA DO 1º SALÃO DE DESIGN DO MOVEL BRASILEIRO — MOVESP — SÃO PAULO — JULHO/88
OS TRANSFORMÓVEIS
PROMOÇÃO 30% até 30/09
INTER casa
DESIGN MANUELA CORTE-REAL • PATENTE REGISTRADA • UM PRODUTO DE CAMAWE IND COM MOVEIS LTDA
Você que vive tentando acomodar seus capetinhas em um quarto, já tem como acabar com esse inferno.
Os móveis transformáveis da Intercasa estão aí para fazer todas as combinações e composições que sua imaginação permitir.
Em 20 dias, seus filhos vão ter, finalmente, um ambiente adequado à personalidade e necessidade de cada um.
Depois, eles vão crescendo e você só vai modificando, recompondo, acrescentando, recombinando.
Venha soltar sua criatividade em nossa loja e traga seus capetinhas.
Eles vão adorar essa sua diabrura.
Av. Ataulfo de Paiva, 226-B
Rua Conde de Bonfim, 10 P

No dia 12 de outubro
o JB vai virar
Brincadeira de criança.
O JORNAL DO BRASIL e a COMPANY estão juntos no projeto Criança.
No dia 12 de outubro, Dia da Criança, elas receberão um presente extra: a oportunidade inédita de criarem a 1ª página que elas gostariam de ver encartada na tiragem normal do JORNAL DO BRASIL.
Para você participar do Projeto Criança, nas categorias DESENHO, FOTO, TEXTO, POESIA, CRÔNICA, MANCHETE e CHARGE é preciso ter até 12 anos.
Entregue seus trabalhos envelopados nas lojas COMPANY e preencha a sua ficha de inscrição. Eles serão enviados para o JORNAL DO BRASIL, onde serão selecionados pela redação.
Os melhores serão publicados no dia 12 de outubro e receberão prêmios da COMPANY.
Atenção: Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 20 de setembro, impreterivelmente.
JORNAL DO BRASIL
RÁDIO
FM
COMPANY

Banho de imersão do Auding idiomas

O curso do seu tempo

No Auding, em 15 dias você mergulha totalmente no idioma que quer praticar: **Inglês, francês, alemão, espanhol, italiano ou português para estrangeiros**
É um verdadeiro **banho de imersão**, em 10 horas de aulas diárias. Se você tem pouco tempo disponível, não se preocupe, o horário é você quem faz, podendo receber aulas em casa, no escritório ou no Auding mesmo.

No **curso de imersão**, você tem atividades variadas: aulas com vídeo, clube de conversação, almoços de negócios, filmes, roteiro cultural e recebe a assistência de professores que ensinam em sistema de rodízio permanente.
Não perca mais tempo. Mergulhe logo no banho de imersão do auding, o curso planejado para economizar seu tempo.

Venha e traga seu aqualung!

AUDING IDIOMAS

■ CENTRO — Rua da Quitanda, 20 - sobreloja Fone: 224-5793

■ SAENS PEÑA — Rua Dr. Pereira Santos, 35 8º andar Fone: 208-4949.

Áries

21/03 a 20/04

Novas possibilidades. Consolidação de mudanças. Quadro que faz por onde realçar dotes de intuição e alegria diante da vida. No amor alguns acontecimentos mudarão ânimo.

21/04 a 20/05

Ganhos e vantagens estarão fortalecidos durante esta semana. Seu relacionamento pessoal poderá ser dificultado. Mesmo assim, aja prontamente e não se descuide no amor.

21/05 a 20/06

Sua dedicação e maior interesse serão fundamentais em semana que pode trazer surpresas financeiras. Quadro de excelentes influências em relação ao amor. Sentimentalismo.

21/06 a 21/07

Este é um momento em que o canceriano poderá se ver a braços com muitas coisas ao mesmo tempo. Racionalize. Vivência afetiva e em família com condicionamento harmônico.

22/07 a 22/08

Novidades que irão alterar os rumos de trabalho e isso terá conseqüências benéficas em dinheiro. Vida íntima carente de atenções. Não se isole e busque o diálogo.

23/08 a 22/09

Momento de realização e no qual os seus interesses serão valorizados por outras pessoas. Dê-se ao amor com um pouco mais de dedicação que a usual. Novidades interessantes.

Libra

23/09 a 22/10

São boas as possibilidades de que sejam concluídos negócios pendentes. Cuidado com os seus gastos. Vida pessoal e íntima que sofrerá interferência de outras pessoas.

23/10 a 21/11

As possibilidades de lucros e alguma nova vantagem se acentuarão no passar da semana. Dificuldades de relacionamento devem ser superadas com mais diálogo. Sentimentalismo.

22/11 a 21/12

Toda a semana lhe dará bons resultados em negócios, nas finanças e no trabalho. Em família o quadro é benéfico. Para o amor você deve tentar reconquistar e mostrar carinho.

22/12 a 20/01

Os acontecimentos que irão marcar a sua semana serão determinantes em vantagens a seu favor. Procure ser mais cuidadoso na solução de problemas de família. O amor merece atenção.

Aquário

21/01 a 19/02

Você, aquariano, deve se cuidar em compromissos durante esta semana. Não se empenhe em financiamentos longos. Vida íntima em excelente momento. Realização interior.

20/02 a 20/03

Quadro que mostra vantagens e muita compensação para o nativo que, agora, encontrará razões fortes de progresso e crescimento econômico. Amor bem influenciado por Vênus.

QUANTO?
20 OTNS
5 OTNS
1 OTN!!
PARCELADA?

JORNAL DO BRASIL

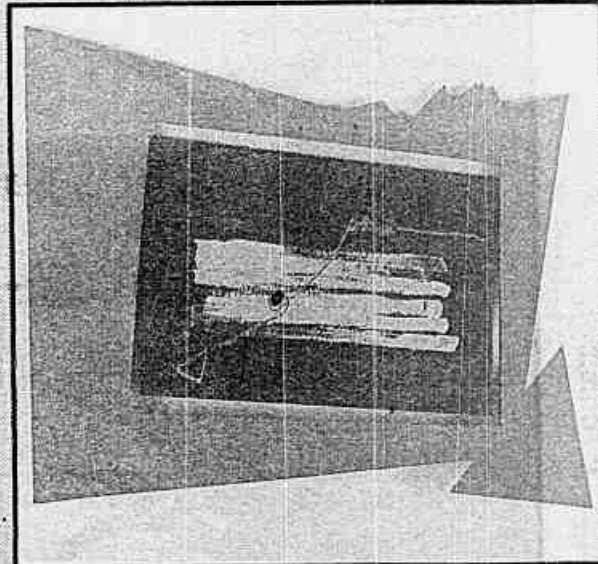
Casa & Decoração

ANO I — Nº 34 Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1988

Fotos de Geraldo Viola

Planta artificial durável

As flores e plantas artificiais conseguem hoje manter-se verdes e adquirem a capacidade de ocupar espaços onde, provavelmente, nenhuma planta resistiria, um local muito escuro, por exemplo. (Página 2)

Arranjo une a planta preservada a flores de seda, cipó, musgo e galhos secos

Da Vila Seca, a moldura estilo pós-moderno

Molduras ganham nova dimensão

De simples arremate, as molduras passaram a ser interessante complemento para os quadros e gravuras que envolvem, tornando-os mais atraentes. As reivindicações do mercado levaram os moldureiros a colocar em seus mostruários peças tratadas com pátinas douradas, trompe d'oeil, mármore, granito e pedras preciosas sobre madeira ou gesso, frisos de espelho e detalhes como rosetas e lacinhos. (Páginas 6 e 7)

Arrumar quadros com talento

Os quadros devem ser colocados exatamente na altura do olhar. Esta é, segundo a arquiteta e decoradora Lia Carneiro Leão, a regra básica para colocar as telas nas paredes. Daí em diante, os critérios devem levar em conta o gosto pessoal. Outra preocupação deve ser a escolha de local bem iluminado, porque a luz é essencial para realçar a beleza do quadro, fazendo com que ele ganhe destaque na decoração. (Página 4)

ACABAMENTO

A Arte e Movimento está lançando a nova coleção Beraldin, em jacquard, gobelin e sedas, para revestimentos e cortinas. (Página 8)

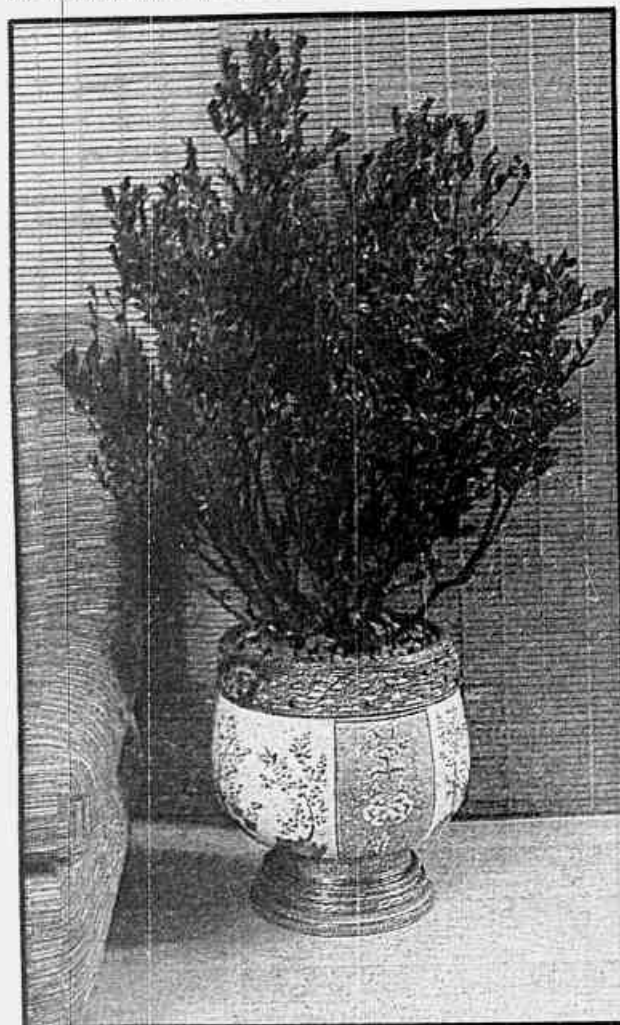
ACHADOS

Castiçais em metal prateado, porta-torradas prateado e porta-talheres com serviço para 12 pessoas são as sugestões da semana. (Página 9)

Beleza natural recriada

A arte de fazer arranjos com plantas artificiais

Fotos de Geraldo Viola

Fazer o sagu parecer natural exigiu muitas horas de trabalho de montagem pelas mãos de Maria das Mercês

Na montagem do buchinho, Maria das Mercês investiu observação da natureza e criatividade

Elas são bonitas, não precisam de cuidados especiais para se manterem viçosas, podem ficar em qualquer ambiente e ainda exibem uma aparência natural. Conhecidas há alguns anos como plantas desidratadas, essas plantas artificiais evoluíram e hoje passam por processo especial de secagem, que consiste na absorção pelas plantas cortadas de substâncias que tentam substituir a seiva, para preservar a flexibilidade e a capacidade de reter a tinta por mais tempo. Assim, essas plantas conseguem manter-se sempre verdes e, sobretudo, têm a capacidade de estar presentes onde provavelmente nenhuma planta daria certo, um canto muito escuro, por exemplo.

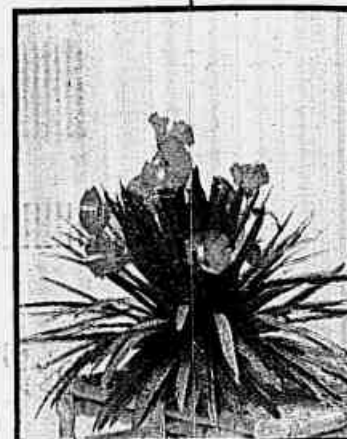
Montadas no local onde vão permanecer, em trabalho artesanal e criativo para reproduzir a aparência natural, as novas plantas preservadas não são fáceis de encontrar no mercado. No Rio, em estilos diferentes, os arranjos mais interessantes estão nas mãos de duas artistas, Maria das Mercês Gouveia e Dorita Moraes e Barros.

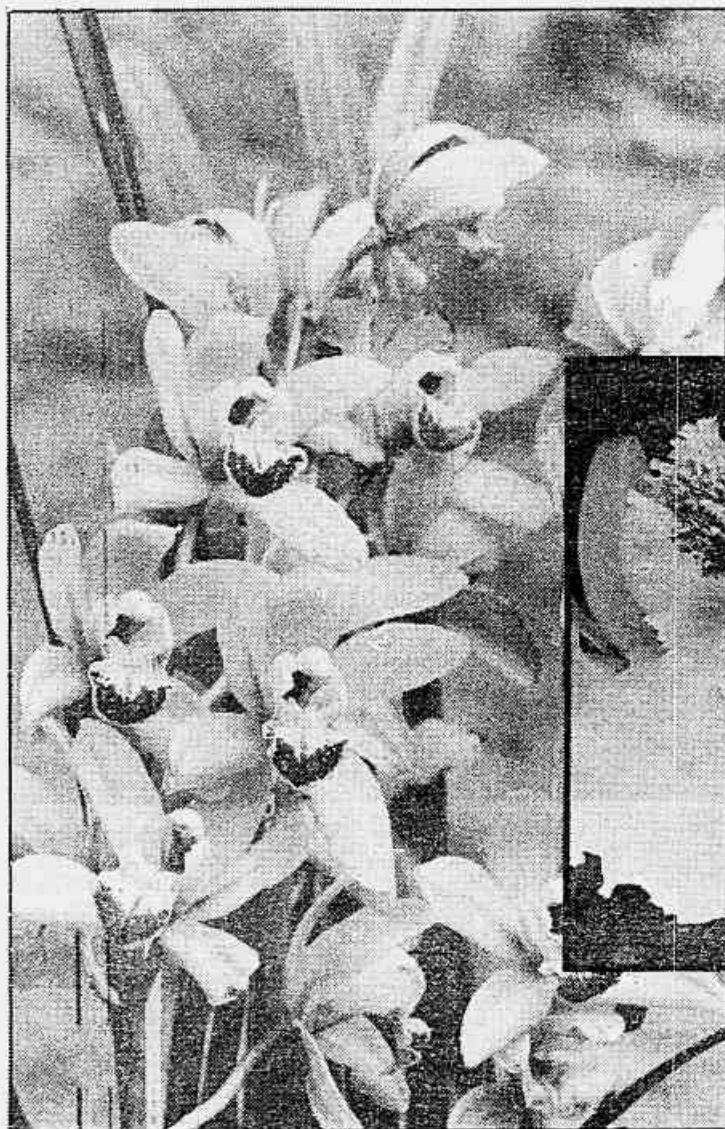
Trabalhando com plantas naturais e artificiais há nove anos, Maria das Mercês aperfeiçoou seu trabalho a tal ponto que seus arranjos são comumente confundidos com plantas de verdade. "Acho que elas substituem muito bem as naturais em determinados locais. E hoje não me procuram apenas porque precisam de planta para um local mal iluminado: as pessoas querem se livrar de toda a trabalheira que envolve uma planta natural. A menor dificuldade são os tapetes respingados", explica.

Os sagus, asparagus, bambu-japonês, calistema — plantas em voga — que Maria das Mercês recebe de São Paulo são cuidadosamente montados em vasos e cachepots, com o complemento de seixinhos rolados, e resultam em plantas preservadas com o movimento das naturais. "Elas não necessitam de cuidado algum, além de tirar o pó de vez em quando, e duram cerca de três anos. Depois começam a perder o viço, nao ficam tão verdes." As encomendas podem ser feitas pelo telefone 226-3889 e as plantas custam de Cz$ 25 mil a Cz$ 40 mil.

Depois de dez anos trabalhando plantas desidratadas em atelier no Vidigal, Dorita está inaugurando essa semana uma loja em Ipanema. Localizada em uma casa na esquina de Aníbal de Mendonça com Barão de Jaguaribe, a Dorita Plantas será a primeira no gênero, show-room de arranjos possíveis de serem feitos sob medida e uma linha de arranjos prontos para presente. As criações de Dorita vão além de simples interpretação de uma planta. Suas folhagens preservadas surgem em montagens que são verdadeiras esculturas, pois conjugam em harmonia recursos como cipó, musgo, galhos, flores de seda ou desidratadas e até pedras semipreciosas.

Entre as novidades que Dorita vai lançar na sua loja estão as plantas laqueadas ou metalizadas, as plantas de seda — idéia que viu em Nova Iorque e está reproduzindo aqui — e arranjos com pedras, os rocky gardens, como ela chama, conjunto de pedras de rio de onde sai subitamente uma flor. "Eu me inspiro na natureza, mas meu trabalho é, na verdade, uma cópia incrementada da natureza. Mexo com a forma, desenho e, por isso, ao vender um arranjo, sempre vou à casa do cliente. Crio em cima da cor, luz e ambiente", diz ela. Seus arranjos — que podem ser tão variados quanto um pé de lírio dentro de uma bola de vidro, uma placa para parede com flores até um conjunto de galhos, folhas preservadas e flores de seda — têm preços a partir de CZ$ 8 mil 800. (P. M.)

A novidade de Dorita são as plantas montadas com folhas de seda, como este ficus-benjamim

Antúrios de seda e folhagem preservada — arranjo de mesa criado por Dorita

A calistenia preservada, arranjo montado por Maria das Mercês

Primavera começa florida

Exposições mostram orquídeas e plantas ornamentais

Fotos de Geraldo Viola

As orquídeas que florescem no início da primavera são as atrações da exposição no Rio Design Center

Para comemorar a chegada da primavera, dois shoppings cariocas programaram eventos com flores e plantas esta semana. A mostra Orquídea Collection, que começa amanhã no showroom do Rio Design Center, além de apresentar cerca de 150 plantas com dez espécies que florescem no início da primavera e 50 painéis do fotógrafo paulista Adhemar Manarini, que retratou dezenas de espécies de várias regiões brasileiras, vai mostrar aos visitantes o processo de reprodução e manutenção das orquídeas, explicado por integrantes da Associação dos Orquidários do Rio.

As plantas ornamentais, cerca de 3 mil, entre trepadeiras, arbustos, palmeiras e outras, são o tema da II Exposição de Plantas e Flores, no Casashopping, que reunirá 10 floricultores até o dia 2 de outubro em galpão de 540 metros quadrados inaugurado há três meses para funcionar como espaço cultural. O galpão será ambientado pelos arquitetos Maurício Leite e Cláudio Aguiar, utilizando o bambu como estrutura e iluminação com spots focalizando as várias espécies de plantas e criando um verdadeiro jardim suspenso, segundo eles. Em ambas as exposições, as flores e plantas estarão à venda. (P.M.)

A arte de arrumar quadros

Iluminação e equilíbrio são os itens fundamentais

Ana Cláudia de Oliveira

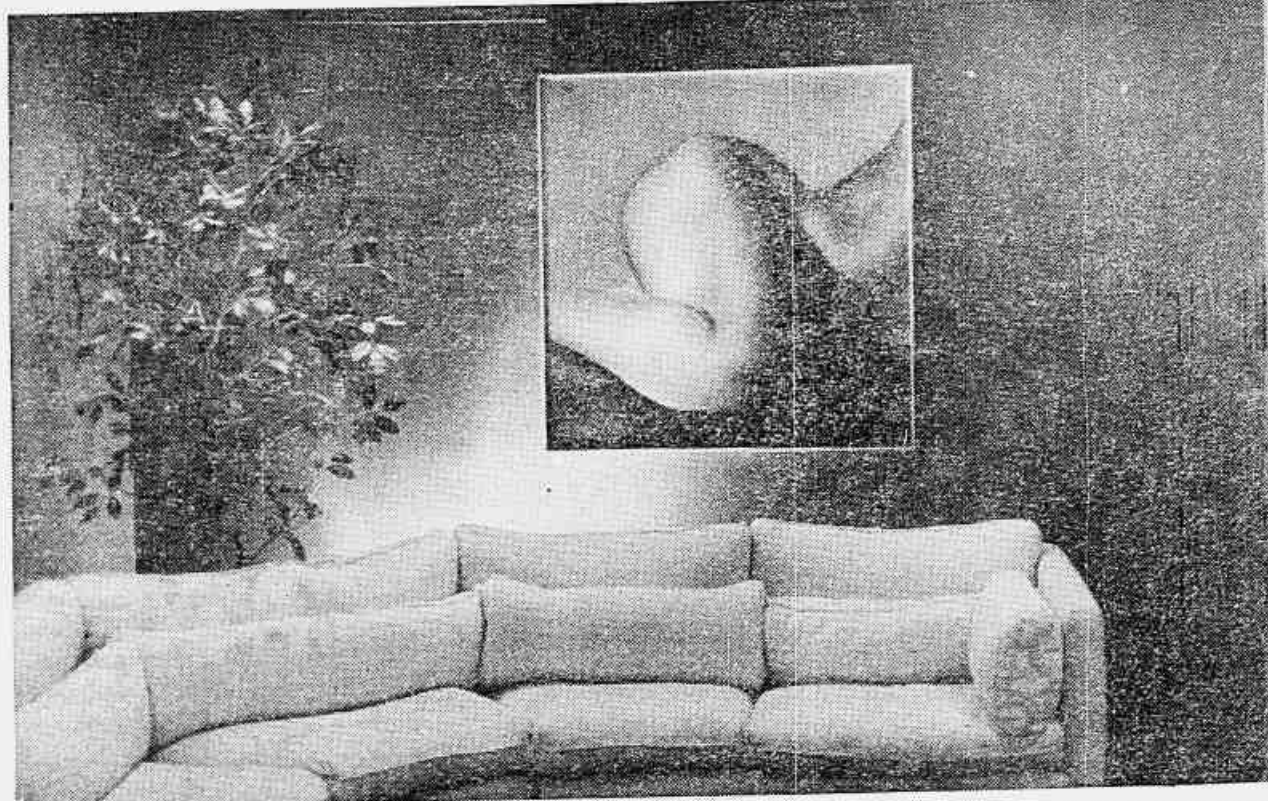
Planejar com critério e pensar em todos os itens é fundamental no momento de colocar os quadros nas paredes. A arrumação deve ser bem distribuída e equilibrada. É imprescindível que o local seja bem iluminado, porque a luz é essencial para realçar a beleza da tela, fazendo com que o quadro ganhe destaque na decoração.

Para quem não está disposto a quebrar o teto na colocação de luzes embutidas, boa solução tem sido os focos de teto com luz halógena da Calandra (Cz$ 38.000,00). Eles oferecem um facho de luz dirigido e regulável, ao mesmo tempo que dão um toque sofisticado e de estilo à decoração.

Para facilitar a arrumação, a colocação e distribuição das telas deve ser a última etapa. Com os móveis em seus lugares definitivos, o espaço de cada quadro surgirá naturalmente. Segundo a arquiteta e decoradora Lia Carneiro Leão, existe apenas uma regra que não pode ser esquecida:

— Os quadros devem ser colocados exatamente na altura do olhar. Já o *peso* que cada pessoa quer dar aos quadros dentro da decoração é decisão muito particular. Um quadro de artista moderno geralmente é grande, com temática forte ou tons vibrantes. Este quadro requer muito espaço e pode entrar *solto*, compondo o ambiente. Os quadros mais clássicos e acadêmicos pedem um sofá ou outro móvel qualquer. A escolha é sempre muito pessoal, ficando a arrumação a critério dos donos da casa.

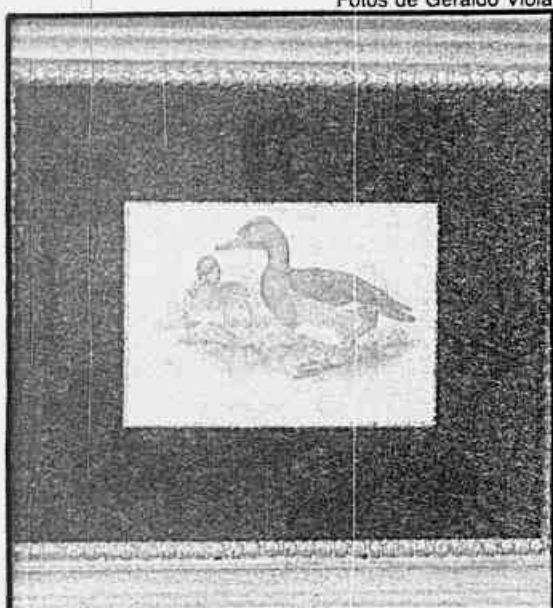
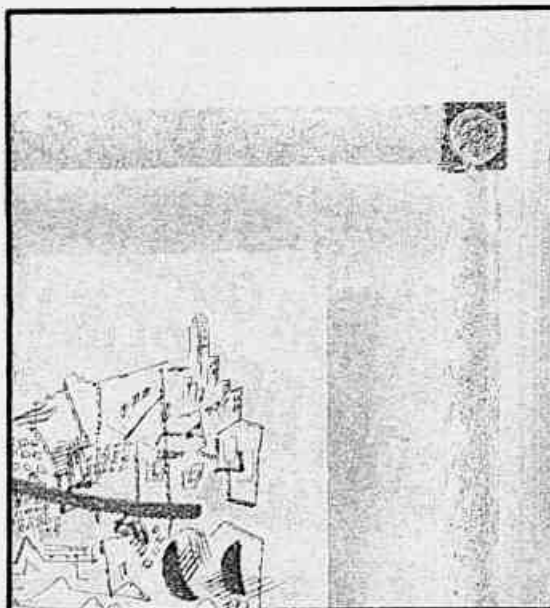
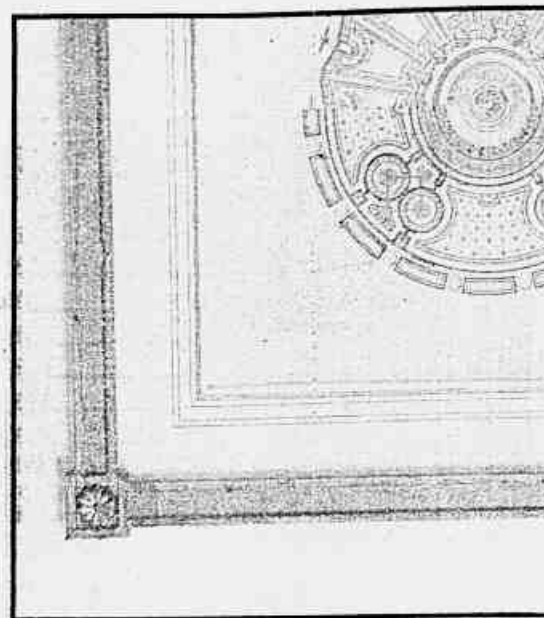
Com respeito à regra básica, certamente vão surgir soluções criativas, dando ao ambiente um toque contemporâneo. Quadros isolados em uma só parede, agrupados de maneira assimétrica ou mesmo descentralizados, todos com boa iluminação, se tornam ótimos recursos para compor ambientes modernos.

Fotos de Ricardo Fasanello

▲ *Destaque especial para a enorme tela de Pietrina Ceccachi dominando o espaço. O foco de luz que ilumina o quadro está colocado estrategicamente atrás do sofá*

◀ *Maneira moderna de pendurar quadros acadêmicos. Com molduras clássicas, eles ganham em estilo com a colocação assimétrica, mas harmoniosa*

Solução criativa para o quadro em cima do aparador. Descentralizado, além de 'quebrar' a monotonia, ganha destaque. Equilibrando a 'ousadia', na outra extremidade, peças em cerâmica ▼

MOLDURAS / *Novas idéias realçam gravuras e quadros*

Fotos de Geraldo Viola

Recursos como vidro pintado para realçar a gravura também valem nas molduras atuais

No tubo de plástico, o trabalho de Carmem Avilia para a Vila Seca

A madeira com pátina, o friso marmorizado na moldura de Andrea Liberal para prancha de arquitetura antiga

A moldura deixou de ser apenas arremate para um bom quadro a óleo ou gravura. Em tempos de vacas magras, quando todo e qualquer trabalho de arte valorizado anda a preços inacessíveis, a moldura pode ser interessante complemento para o que vai dentro dela: recurso que, além de enquadrar um trabalho, é capaz de torná-lo até mais atraente.

A procura por belas molduras para todos os tipos de quadros e gravuras, de valor ou não, vem gerando esforço dos moldureiros — cuja oferta reduzia-se há bem pouco tempo às simples de metal ou madeira, no máximo coloridas, e *passe-partout* de tecido ou papel simples — para enriquecer seus mostruários com molduras tratadas com pátinas douradas, *trompe d' oeil* de mármore, granito e pedras preciosas sobre madeira ou gesso, frisos de espelho e detalhes como rosetas e lacinhos arrematando.

As opções para determinada gravura, por exemplo, podem incluir vidro pintado, vidro *mat* (sem brilho) e *passe-partout* de papel marmorizado, com frisinhos pintados de cor ou dourados, rebaixes e recortes — enfim, tudo que seja capaz de, com bom gosto, realçar a mais simples das gravuras ou quadro.

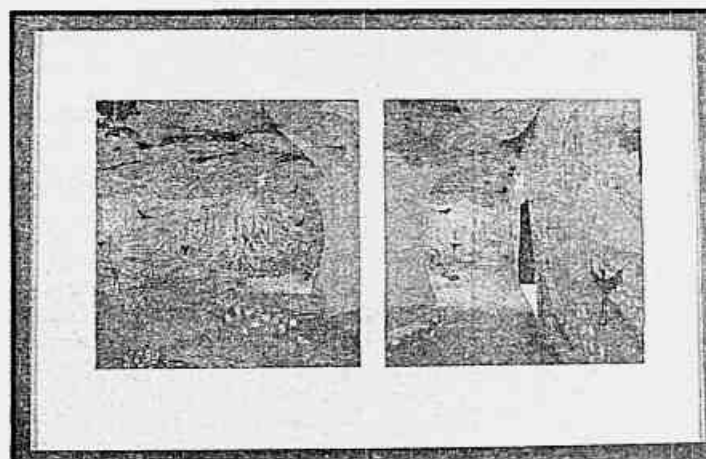
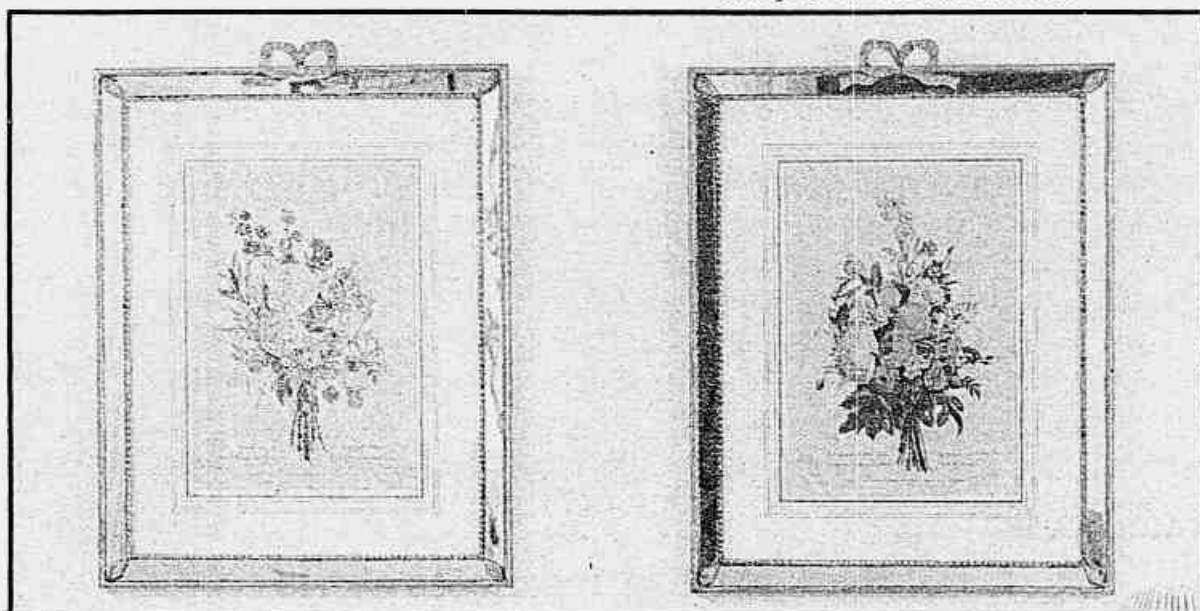
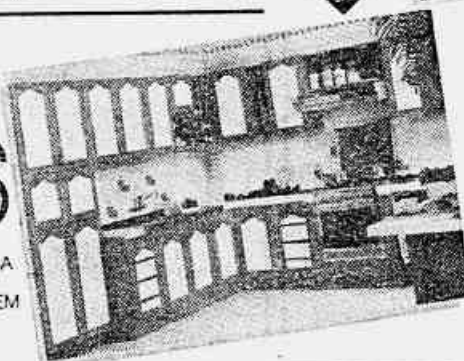
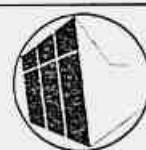
No atelier de Andrea Liberal, emoldurar é verdadeiro trabalho de arte e a especialidade é não deixar a moldura com aparência de nova, como manda a tendência européia. Isso ela consegue com pátinas douradas, azinhavradas ou de tipos de madeira raras, como a rádica sobre a madeira e complementos como lacinhos, rosetas, balõezinhos e espelho. O mostruário inclui cerca de 50 modelos mas as possibilidades de combinações com *passe-partout* com frisos pintados e papel marmorizado tornam infinitas as opções.

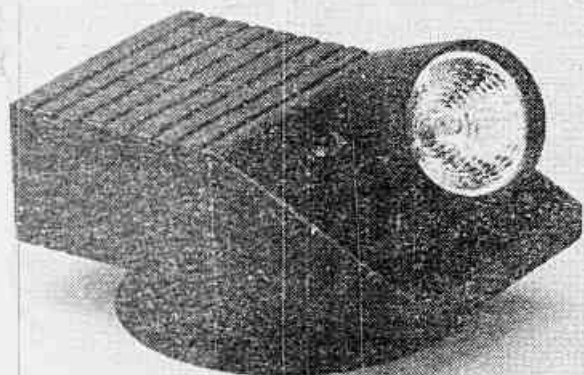
Na Artes e Ofícios Decorações (Rua Aristides Lobo, 134-A, telefone: 293-4292) — que está com linha de gravuras já emolduradas de patos, flores, mapas e pranchas de arquitetura para vender — o preço das gravuras oscila entre Cz$ 8 mil e Cz$ 50 mil.

A importância da moldura está chegando a tal ponto que a Galeria Metara, que inaugura esta semana em Botafogo, além de vender gravuras, litografias, colagens e posters artísticos, nacionais e estrangeiros contemporâneos, montou nos fundos da ampla casa que ocupa na rua Pinheiro Guimarães, 67, uma oficina de montagem de molduras, com máquinas especializadas importadas para melhor acabamento e utilização de material como papel tipo ingres para o *passe-partout* e molduras de madeira ou alumínio colorido. É Ricardo Cantarino, arquiteto, quem dirige os trabalhos na oficina e, segundo ele, com as máquinas e o material certo qualquer gravura pode ter nova dimensão quando emoldurada.

Já a Vila Seca, tradicional casa de molduras carioca, está lançando uma linha de molduras artesanal com a italiana Carmem Avilia, especializada em pintura decorativa de paredes, e o arquiteto Chicô Gouveia. Transpondo o trabalho que faz em paredes para molduras de madeira, gesso e até tubos de plástico, Carmem criou uma linha de molduras com acabamento em ilusão de mármore, granito, tartaruga, patinados e até pintura sobre o vidro (para os casos da emolduração tipo sanduíche de vidro), além de marmorizar *passe-partout*, opção ainda inexistente no mercado. Entre as molduras representada por Chicô (telefone: 294-7441), há ainda as recortadas e coloridas no estilo Memphis e toda a linha da Vila seca (Rua Dona Mariana, 137) de molduras de madeira.

A italiana Carmem Avilia diversifica agora seu trabalho de pintura decorativa em paredes com pátinas e trompe l'oeil *em molduras*

Nas molduras modernas vale tudo: da madeira patinada a detalhes como espelho e lacinhos de arremate. Na foto, criação de Andrea Liberal

Ricardo Cantarino importou maquinário especial para montagem de moldura: investimento moderno. Da Galeria Metara (acima), a moldura laqueada e o passe-partout *especial*

ACABAMENTO

Arliete Rocha

Luminária durável

As criações do *designer* Marcus Beneduce visam destacar a importância da luz na decoração, apresentando desenho limpo e leve que combina com variados ambientes. O mais recente lançamento da La Lampe, com assinatura de Beneduce, é a linha de luminárias equipadas com lâmpadas multimirror dichroicas. Esse tipo de lâmpada apresenta a capacidade de emitir uma luz que se aproxima, em qualidade, da luz do dia, proporcionando excepcional rendimento de cores. Além disso, são econômicas e duráveis. Esta linha de luminárias é ideal para iluminação de superfícies cuja cor e textura se deseja ressaltar, como quadros e objetos, além de criar ambientes com o próprio efeito da lâmpada. A La Lampe fica no Rio Design Center — Loja 103.

Nova coleção

A tradicional marca Beraldin Tecidos tem nova representante exclusiva no Rio de Janeiro. É a Arte e Movimento, que está lançando a nova coleção Beraldin, em jacquard, gobelin e sedas, para revestimentos e cortinas. Além da nova coleção, a Arte e Movimento apresenta duas novidades: uma linha Beraldin em polipropileno ideal para hotéis e empresas e uma linha de tecidos em seda pura, com sedas lisas, indianas e rústicas. Por dispor de tecelagem, tinturaria e design próprios, pode atender pedidos com padronagens exclusivas, feitos por decoradores, arquitetos e lojistas, sem que isso altere o preço do produto. A Arte e Movimento fica no Shopping da Gávea - loja 310.

Inscrições abertas

Estarão abertas entre 15 de setembro e 17 de outubro as inscrições para o concurso que Telhados Paiva, com apoio da Tecnomand, lança para profissionais e estudantes das áreas de engenharia e arquitetura. O tema é *Comece sua casa pelo telhado* e o objetivo é resgatar a imagem da importância da madeira, tanto em relação ao material, como nos aspectos estrutural e arquitetônico de telhados. Os trabalhos poderão ser apresentados individualmente ou em equipe. Serão aceitos projetos de quaisquer tipos, implantados ou não, desde que o material utilizado na estrutura seja madeira. O prêmio ao vencedor será no valor de 200 OTNs. Também o segundo e o terceiro colocados receberão prêmios em dinheiro, além de diplomas de participação. Maiores informações pelos telefones (011) 262-8777 e 240-8425.

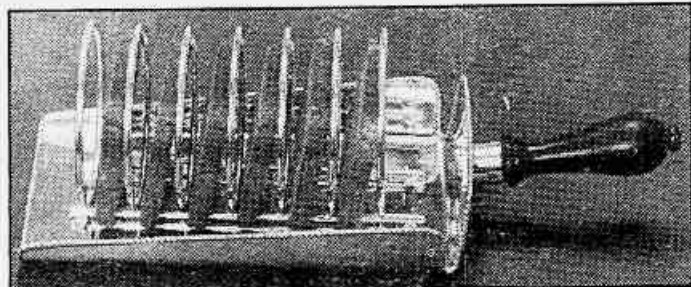
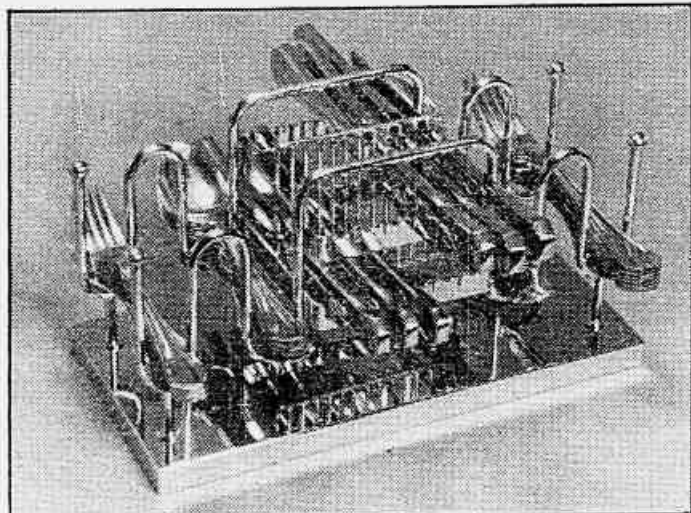
Achados

Os castiçais em metal prateado da St. James, em dois tamanhos, custam Cz$ 7 mil 880 e Cz$ 6 mil 929 na Presentes Rachel

Produção Arlete Rocha
Fotos Geraldo Viola

Com design moderno, a chaleira e o réchaud da marca Cardiff. Os preços são Cz$ 16 mil 500 e Cz$ 10 mil 600 na Regina Presentes

Onde encontrar

H. Stern — Rua Visconde de Pirajá, 490
Presentes Rachel — Rua Visconde de Pirajá, 303
Regina Presentes — Rua Visconde de Pirajá, 282 — loja E

Grande sofisticação no porta-torradas prateado com cabo de madeira. O preço é de Cz$ 12 mil 790 na Presentes Rachel

Para servir à americana com muita classe, o porta-talheres com serviço para 12 pessoas. O preço é de Cz$ 19 mil 900 na H. Stern

Garfield

JIM DAVIS

Belinda

DEAN YOUNG E STAN DRAKE

Peanuts

CHARLES M. SCHULZ

Kid Farofa

TOM K. RYAN

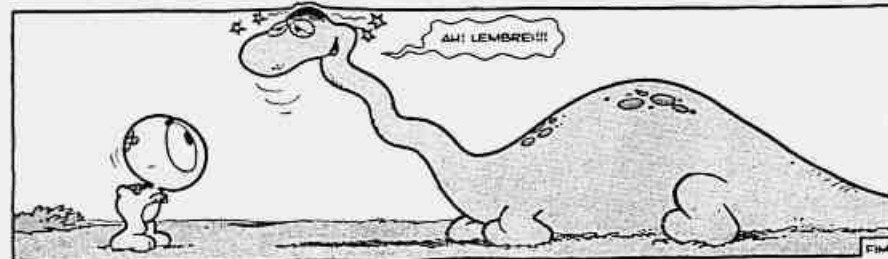
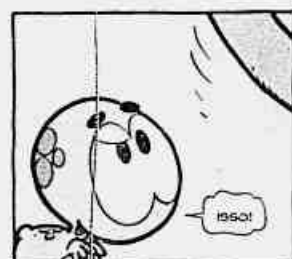
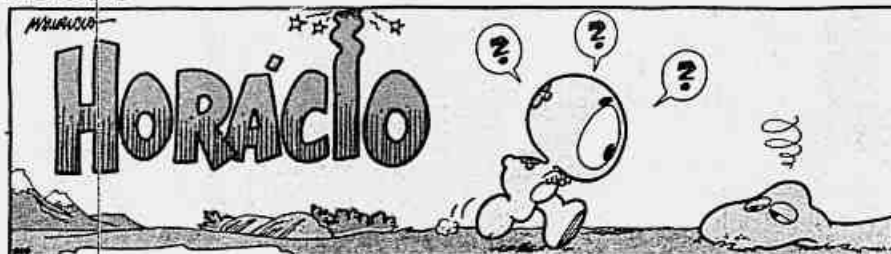
O Mago de Id

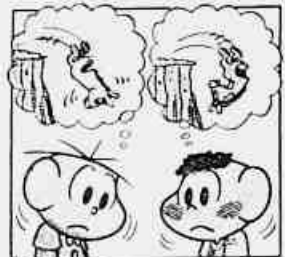
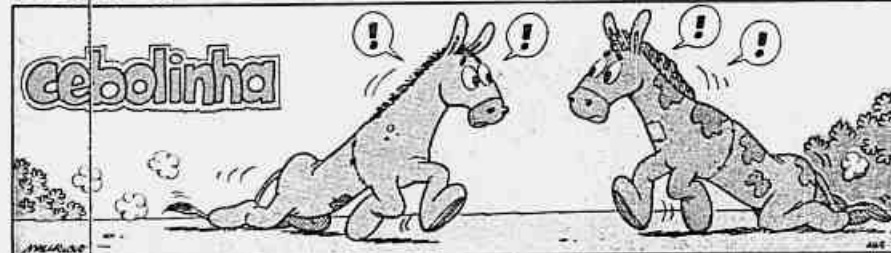
BRANT PARKER E JOHNNY HART

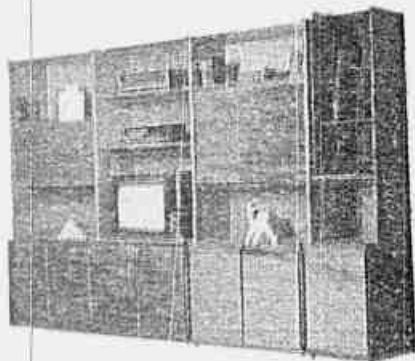
Ed Mort

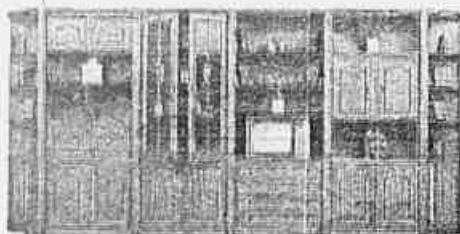
L. F. VERÍSSIMO E MIGUEL PAIVA

Horácio

MAURICIO DE SOUZA

Cebolinha

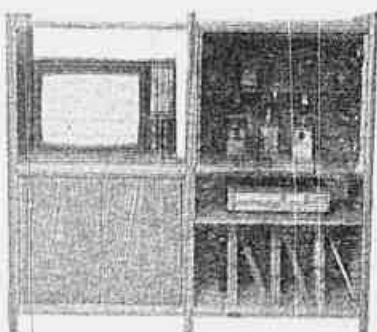
MAURICIO DE SOUZA

Marvin

TOM ARMSTRONG

PARATY CEREJEIRA OU MOGNO
MÓDULOS À PARTIR DE
3x21.872,35 = 65.617,05 s/juros

VAN
TA
GEM
SO
BRE
VAN
TA
GEM

LESTER CEREJEIRA
À partir de:
3x18.846,20 = 56.538,60 s/juros

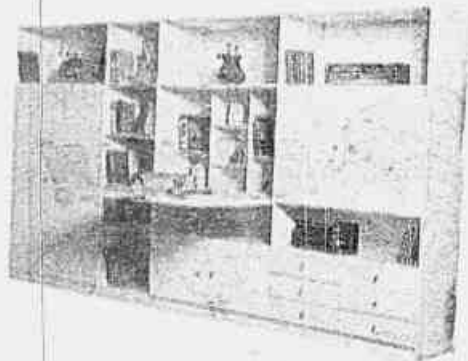
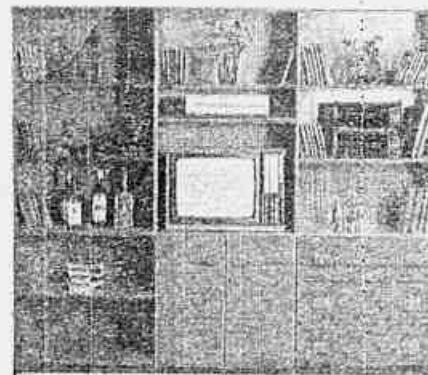
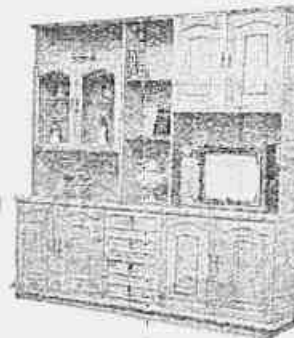
ARMÁRIO VOGUE
Preço por m²
3 x 7.087,92 s/juros

ESCRIVANINHA PONTAL CEREJEIRA C/CADEIRA

3 x 17.050,45=51.151,35 s/Juros

SPARK-MÓVEL DE SOM LUXO CEREJEIRA
3x30.653,38 = 91.960,14 s/juros

ESTANTE BRITÂNICA LUXO CEREJEIRA C/MESA E 4 CADEIRAS

Promoção especial

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 17/09/88

ESTANTE VOGUE LAQUEADA
3 x s/acréscimo

ESTANTE CONTEMPORÂNEA CEREJEIRA
3 x 43.488,76 = 130.466,28 s/Juros.

LOJAS SÓ ESTANTES

INFORMAÇÕES
ZONA NORTE 248-2979 390-2174
ZONA SUL 286-4797 246-3215 267-8357

IPANEMA Rua Visconde de Pirajá, 8-B - Tel.: 267-8357 JARDIM BOTÂNICO Rua Jardim Botânico, 67 - Tel.: 286-4797 BOTAFOGO Praia de Botafogo, 210-A - Tel.: 551-6549 TIJUCA Rua Conde de Bonfim, 80-A - Tel.: 248-2979 VILA ISABEL Av. 28 de Setembro, 318-A - Tel.: 238-3598 MÉIER Rua Dias da Cruz, 409 - Tel.: 594-4430 MADUREIRA Av. Min. Edgard Romero, 338 - Tel.: 390-2174 Av. Min. Edgard Romero, 424 - Tel.: 391-7452 VAZ LOBO Estrada Vicente de Carvalho, 245 - Tel.: 391-3699.

JORNAL DO BRASIL

Niterói

Viaje na Ponte sem pagar pedágio

(pág. 12)

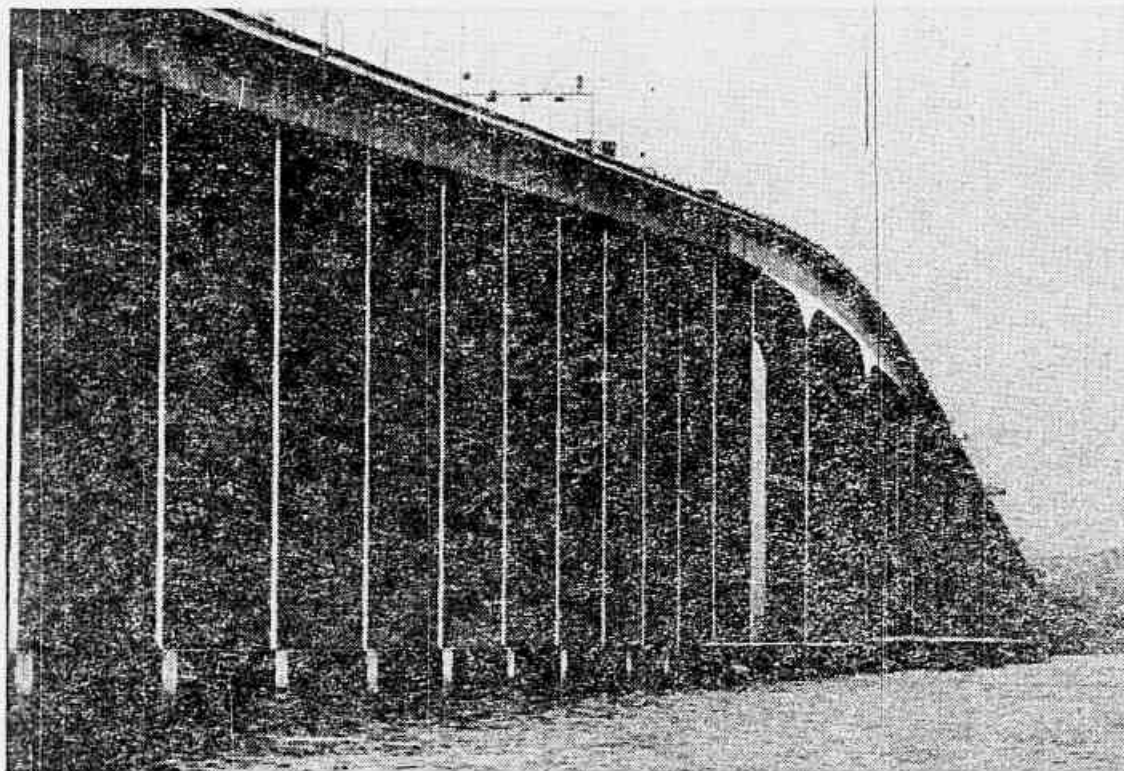
11 de Setembro de 1988 ■ Não pode ser vendido separadamente

CARTA AO LEITOR

Há dois fins de semana o tablóide *Niterói* circula com a marca da redação do JORNAL DO BRASIL. Busca-se o espírito da cidade, seus personagens, o comportamento de seu povo, a cultura que se apresenta aqui. É possível que a esta altura o leitor niteroiense tenha se perguntado: "E os nosso problemas?" Definitivamente, *Niterói* não mudou sua cara para apresentar soluções a este tipo de preocupação — aliás da maior relevância. Por uma questão de opção jornalística — até porque acreditamos que esta cidade se ressente de um canal de comunicação de sua alegria — preferimos ocupar outro espaço.

Mais vale falar da UFF como a Universidade mais engajada do estado na vida comunitária e cultural que a cerca. É por isso que o comportamento de alguns de seus alunos que vivem em "repúblicas" é tratado nesta edição. A Ponte — caminho obrigatório de tantos niteroienses — aparece aqui pelo grafismo de suas formas, uma qualidade que não pode ser desprezada pelo mais cético dos cariocas. Este olhar indiscutível virou ensaio fotográfico e assunto de capa desta edição. E por que será que Torben Grael, o iatista brasileiro em Seul, não troca Niterói por nenhuma outra cidade? Nos interessa saber disso também. O Rio — para quem está do lado de cá e não cogita pensar no trabalho em pleno fim-de-semana — não passa de uma bela vista e tem essa exata dimensão na reportagem sobre as mais belas janelas de Niterói.

Estamos empenhados em fornecer ao niteroiense um roteiro completo de lazer e diversão na cidade. Tem uma equipe de jornalistas trabalhando para isso. E todos nós esperamos a sua contribuição para corrigir os equívocos de nossa rota. Escrevam para *Niterói*, (Av. Brasil, 500, sala 600, São Cristóvão).

Alfredo Ribeiro
editor

A fachada é uma firma de reforma de imóveis. Mas lá dentro o que vende mesmo é a cachaça que uma arquiteta vai buscar em Petrópolis. Um complemento imperdível a um passeio imperdível. É só ir à Jurujuba (pag. 4)

Icaraí, Jurujuba, Piratininga, Charitas. Quem tem uma janela aberta para uma bela vista em qualquer um desses lugares sabe muito bem do privilégio que desfruta. Niterói é uma cidade rica neste aspecto. E tem muita gente que a hora de voltar para cá só para relaxar. (Pág. 8)

Morar em república de estudante parece uma tradição inabalável. Nos anos 60 e 70 foi o auge, mas até hoje muita gente insiste nesta forma de aliviar os bolsos e cultivar a vida em comunidade (pág. 6 e 7).

Descendente de uma família de iatistas e medalha de prata na Olimpíada de 84, Torben Grael já está em Seul. Desta vez para buscar o ouro olímpico. Foram anos de treino em Niterói, onde nasceu. Daqui, ele só sai para tentar realizar as esperanças brasileiras no esporte. (Pág. 10)

LUGAR

Boliche também é cultura

■ *O Espaço Charitas é a rota mais curta para um "strike" e outras artes*

Adriana Lorete

As pistas de madeira do Espaço Cultural Boliche Charitas não são das melhores, mas não afastam as famílias que vão ali em busca de lazer

Sem nenhuma sofisticação, mas com uma certa pretensão, os quatro sócios do Espaço Cultural Boliche Charitas (rua Projetada B, nº 3), querem transformar os 1.600 m² de terreno num shopping de atrações. Para isso, investem o que têm: tempo e algum dinheiro. "Esperamos retorno no verão, porque sabemos que demora para fazer nome", diz Luís Carlos Barbosa, 27 anos, formado em matemática financeira, mas fascinado pelas atividades culturais. "Não queremos concorrer com ninguém", explica, "estamos apenas buscando o inusitado. E queremos dar espaço aos artistas de Niterói principalmente".

As quatro pistas do boliche, feitas de madeira, não encantam. Mas contentam vários jovens e famílias completas que antes tinham que fazer uma viagem até o Barra Shopping ou São Conrado para tentar alguns *strikes*. Por Cz$ 2.500 a hora, as pessoas se revezam, até cederem a vez para um novo grupo. Sempre com muita calma, num ambiente familiar, como definem os proprietários da casa. Num salão ao lado funciona o restaurante. Tudo muito simples, apesar dos preços, que variam entre Cz$ 1.500 a Cz$ 4.000 o prato mais caro: *filé de lagosta*. Mas as grandes estrelas do cardápio, segundo os donos do Boliche, são a *picanha na tábua* (Cz$ 1.500) e a *truta defumada com alcaparras* (Cz$ 3.800).

Em breve o público poderá contar com shows no final de semana. Acontecerão no salão do restaurante que, apesar de não ter uma boa acústica, pode se tornar mais um espaço no circuito dos músicos fluminenses. Pode ser música instrumental, jazz, MPB ou country. "Só não vale a barulheira do rock", informam os donos do Boliche. "Queremos dar força para os artistas de Niterói. Eles têm muita dificuldade para encontrar bons lugares para se apresentar. Estamos abertos e quem estiver interessado pode nos procurar", avisam. O Boliche ainda promete uma lanchonete ao ar livre, apresentações de teatro e café da manhã para os mais boêmios, com preço estimado em Cz$ 1.000.

"A idéia é legal porque é uma nova opção. E tem coisas diferentes", diz o bancário Luís Edmundo, 22 anos. "Só hoje, é a segunda vez que venho aqui. As pistas do boliche é que poderiam ser melhores. Mas para Niterói até que está bom. Já é um começo": "Se tivermos lugares assim em Niterói, ninguém vai mais precisar atravessar a ponte para se divertir", diz Luís Carlos Barbosa, apostando no sucesso do projeto. O Boliche Charistas é o segundo boliche da cidade (o outro fica em Piratininga) e funciona das 8 da manhã até o último jogador ir embora.

Daniela Paiva

R.T. Fasanello

A secretária Leysa e a patroa Cleyse vão buscar em Petrópolis a aguardente que atrai tantos fregueses que elas estão pensando em abrir um bar

Pra bebum nenhum botar defeito

■ *Na bucólica Jurujuba, uma empresa de reforma de imóveis faz sucesso nos negócios, mas vendendo cachaça*

Ter um escritório comercial no distante bairro de Jurujuba já é uma opção curiosa. Não bastasse a inovação, a estudante de economia Clayse Cunha, 33 anos, ainda encontrou espaço nos 48 m² de sua firma de reformas para vender cachaça. Isso mesmo. O cliente, desejoso em alterar a fachada de um prédio ou o revestimento de um apartamento, além de tratar de negócios, ganha de brinde um golinho etílico. "E aí não tem quem resista. Logo pergunta o preço do garrafão e leva no mínimo um para casa", diz Clayse.

A história começou no antigo local de trabalho, em Santa Rosa. "Para agradar operários e pintores, dávamos de presente de natal uma cachaçinha gostosíssima trazida de Petrópolis. Mas o sucesso foi tão grande que amigos e clientes começaram a encomendar", lembra Clayse. Hoje, ela e a secretária Leysa Vidal, 22 anos, buscam quinzenalmente na cidade serrana cerca de 50 garrafões. O transporte utilizado é um Corcel II, ano 78, que já foi parado pela polícia rodoviária duas vezes. Numa, o jeito foi dar a costumeira propina. "Mas, na outra, o guardinha aceitou um garrafão de cachaça e liberou a gente", lembra rindo Clayse.

Do pequeno comércio de cachaça não fazem propaganda. "Os garrafões ficam aí no chão. É só chegar e comprar", anuncia Leysa. Mas é bom ir rápido. "Em uma semana vai tudo embora. A turma entorna direitinho", avisa. Atualmente o garrafão de quase cinco litros está sendo vendido a Cz$ 600. Para os especialistas em caninhas brasileiras, Clayse revela o segredo do alambique: "A cachaça é produzida lá em Itaocara, no norte fluminense. O processo é artesanal. Mas é mais fácil para nós buscarmos de um senhor que vende em Petrópolis".

E a tranqüilidade da interiorana Itaocara é reproduzida no escritório das duas niteroienses. Situado na Rua do Iate Clube Jurujuba (Bento Maria da Costa, nº 224), o lugar parece ter emergido das páginas dos livros de Jorge Amado. Uma enseada. Um punhado de pescadores trabalhando. E de ruído, só o das ondas. Tradicional colônia de pesca, Jurujuba tem na praia do cais seu principal porto receptor de traineiras, abalroadas de peixes frescos. Nas horas de pouco trabalho, as duas "reformadoras cachaceiras" arriscam fisgar algum.

"Muita gente pensa que o bairro é isolado comercialmente. Mas nunca perdi meus fregueses por ter mudado para longe", garante Clayse. Ainda é cedo para analisar, pois se mudaram de Santa Rosa há cerca de três meses. Mas não deve ser mentira. Costume típico de seus vizinhos de barco. O escritório atende a clientes como Mesbla, Yes Brasil, Funarte, UNI-Rio e Boys & Girls.

E o lugar de trabalho se tornou tão aprazível que a dupla Clayse e Leysa já anuncia mais uma vertente para a firma. Um bar. Com direito à cachaça de Itaocara e peixe frito pescado na hora. "O projeto do barzinho apareceu por causa das eventuais crises no setor da construção", explica Clayse. "Vai funcionar de 5ª a domingo, até duas da manhã. Tem tudo para ser um sucesso. Vista fantástica, lugar para estacionar e segurança completa", anuncia Leysa. Tanta certeza na segurança tem explicação. Em Jurujuba funcionam dois fortes militares, e o que mais tem, além de peixes, são soldados passeando ou marchando pelas ruas. Para quem for curioso, o barzinho, que inaugura em novembro, já tem dois nomes previstos. *Prato Feito* ou *Bom de Boca*.

Sidney Garambone

Fotos Sônia D'Almeida

Bel divide as despesas e um apartamento de dois quartos e sala no Edifício dos Bancários com quatro rapazes apesar da resistência da família

O barato das repúblicas

Só ratear o aluguel não explica por que os estudantes vivem em grupo

Em meio à crise geral do país e à incontrolável especulação imobiliária, morar em comunidades como nos anos 60 e 70 continua sendo uma forte opção e até uma necessidade enfrentada pelos jovens estudantes da UFF. Alguns dividem um simples "apertamento" de dois quartos entre cinco pessoas, outros conseguem manter um apartamento com apenas dois companheiros, e há ainda quem tenha que optar por pensões, dividindo o mesmo quarto com mais três desconhecidos. Apesar dos desconfortos e inconveniências, todos se mostram felizes de poder compartilhar de uma experiência longe da excessiva proteção familiar.

O Edifício dos Bancários, na Rua São Sebastião, próximo ao Instituto de Filosofia e História, tem 23 andares, dezenas de apartamentos por andar e é abrigo de algumas "repúblicas". Isabel Cristina, 19 anos, está no 2º período de História. Aproveitou o feriado de 7 de setembro para fazer, junto com quatro rapazes, a faxina de uma festa que começou três dias antes. Bel, como todos a chamam, morava em Caxias e, a princípio, encontrou resistência por parte da família quando disse que ia morar num apartamento com mais quatro homens. "Você vai ficar deslocada", diziam para ela. Mas Bel não vê problema algum em morar com os "meninos". "Está sendo uma experiência maravilhosa. A gente cria um laço de amizade forte", ela afirma. Para trazer alguém para casa também não há problema: "Os colchões estão aí para isso mesmo e todo mundo quebra os galhos do outro", explica. Álvaro Nascimento, 24 anos, também cursando o 2º período de História, diz que a república era tudo o que ele queria. Está aprendendo a fazer de tudo, até "comida ensopada". Ele explica que uma das vantagens de morar perto da faculdade (ele é de Madureira) é ter mais tempo para estudar e "viver a universidade". Para ele, morar junto significa "se acomodar às pessoas, se situar e fazer tudo o que antes a mamãe fazia". João Henrique, o Rique, 23 anos, diz que nunca tinha vivido numa comunidade assim e que, às vezes, é meio complicado. "Os costumes são diferentes e é preciso haver conciliação para não virar zona", explica. Diz que é impossível não ter brigas, "mas ninguém guarda rancor", garante. Cada um gasta cerca de Cz$ 7.000 com o aluguel e mais uns Cz$ 8.000 com as outras despesas da casa.

Fabiana traz comida da casa dos pais e ainda gasta Cz$ 6.000 por mês

Fabiana Azevedo, 19 anos, estuda Comunicação Social e mora com mais três meninas, todas de Cabo Frio, numa casinha de dois quartos numa travessa no bairro de Fonseca. As outras estudam Arquitetura, Serviço Social, e a menor, de 15 anos, está no 2º grau. Cada uma não gasta mais do que Cz$ 6.000 por mês, porque trazem comida da casa dos pais em Cabo Frio no final de

Os africanos Julio e José dividem um apartamento e os mesmos costumes

A comunidade livre de Paulo (na rede), seu irmão Leandro e Mônica

semana. As meninas dividem as tarefas e quando sobra algum dinheiro chamam uma moça para fazer a faxina. Fabiana diz que, apesar dos gênios diferentes, existe uma boa integração entre elas. "Às vezes, a gente tem que se privar de certas coisas porque vive no mesmo quarto. As pessoas têm manias: uma fuma, a outra quer trazer alguém prá casa que uma terceira não gosta. Mesmo assim é um barato!", resume.

Os dois estudantes de Guiné-Bissau Julio Noseliny, 29 anoa, 6º período de Comunicação Social, e José Carlos Alvarenga, 24, 2º período de Direito, compartilham um bom apartamento de dois quartos e sala num prédio próximo à Faculdade de Comunicação. Julio é monitor da Realização de Filmes, trabalha com edição de vídeos na faculdade e está há mais tempo no Brasil. Diz que praticamente não conhecia o conterrâneo, mas que viver com ele ajuda em vários sentidos: primeiro, pela sensação de não estar tão longe de casa; segundo, porque a mesma origem faz com que ambos respeitem os mesmo valores culturais; e terceiro, que falam entre si o Crioulo de Guiné-Bissau, uma lingua "muito expressiva e visual", segundo ele, que possibilita um grande entendimento entre eles. Os dois têm como certo a volta ao país de origem tão logo termine seus cursos. No final de semana eles costumam ir para o Rio encontrar amigos de Guiné, ouvir o grupo Africa Obete, no Café Teatro Mágico, em Botafogo, ou então fazer um almoço para os amigos com pratos da terra natal, à base de dendê, creme de amendoim, giló e quiabo.

Outra comunidade no Edifício dos Bancários é a de Paulo Cumani, seu irmão Leandro, Mônica Teixeira e Jorge Vasconcelos. Cada um veio de um lugar, e Paulo, 24 anos, 9º período de Direito, diz que nada é muito rígido entre eles em termos de divisão de tarefas. "Cada um faz o que tá a fim", afirma. Ele diz também que querem acabar com "esse clima de república, de zona, de lugar só para estudar e dormir. Não é um lugar tão provisório quanto se pensa, então, por que não transar legal esse espaço? "Mônica, 24, a única mulher da casa, diz que "não tem essa de relação homem-mulher, dá tudo na mesma". Leandro, 22, cursando Letras, é acusado pelo irmão de não lavar os pratos. Diz que não gosta da denominação "república"."Assim como 'de esquerda' ou 'comunista', 'república' também perdeu o rigor". Mas nem tanto.

Daniel Stycer

Uma simples questão de

R.T. Fasanello

Das melhores janelas da cidade, o visual reanima para o trabalho

O arquiteto Ricardo Campos construiu sua casa em Charitas de fora para dentro, a partir das janelas

Adriana Lorete

Dona Marluce Rocha desfruta de bela vista em Jurujuba

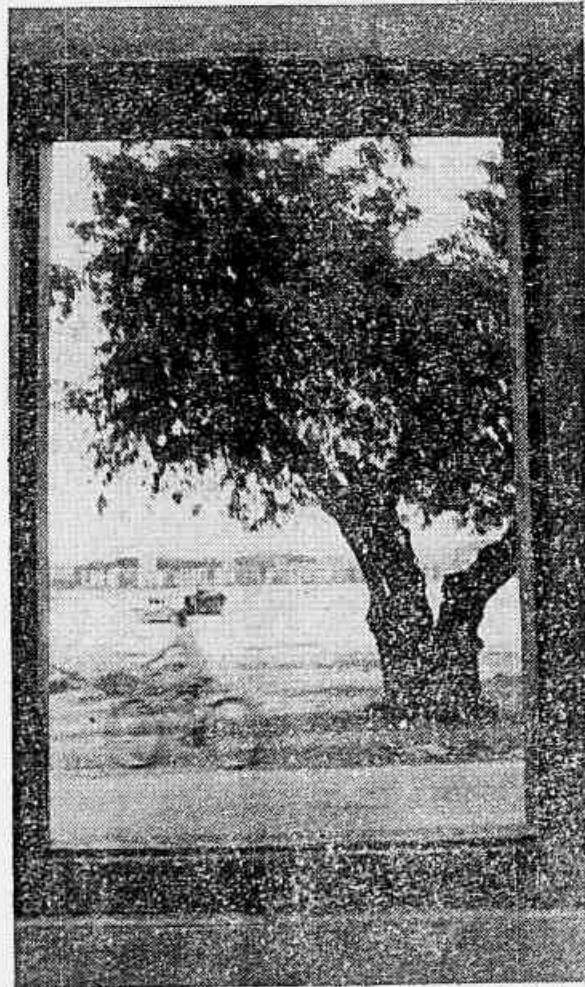
Adriana Lorete

Jurujuba também é um privilégio do Bar São Pedro

Um fotógrafo quebra a perna. Imobilizado por seis semanas, seu único passatempo é observar a vida alheia através da janela. O que pode parecer um tedioso programa acaba se transformando numa trama de suspense das melhores. Um assassinato, a investigação e a prisão do assassino são realizados através da *Janela Indiscreta*. Foi Hitchcock quem mostrou no cinema que uma janela é bem mais do que um buraco na parede. Também não se presta unicamente à entrada de luz e — com sorte — de um pouco de ar fresco. É uma questão de qualidade de vida urbana. E neste aspecto Niterói é uma cidade privilegiada: com um belíssimo litoral pela frente, as janelas aqui se abrem para a imensidão do mar, para a tranqüilidade das lagoas e enseadas, para a beleza das montanhas recortando o horizonte e, até mesmo, para a paisagem de um Rio distante, visto daqui calmo e tranqüilo como um cartão-postal.

Na opinião de quem, diariamente, vê através dos vidros a beleza do litoral niteroiense, "o paraíso é aqui". É o que diz Marcos Fioravanti, dono da loja esotérica Novo Milênio, que desfruta de uma reconfortante paisagem do 17º andar de um edifício em Icaraí, o metro quadrado de janela mais caro da cidade. Para ele, "a praia de Icaraí é fascinante pelo contraste do concreto dos edifícios com a água do mar. Olhando pela janela, vejo um pouco do desencanto dos homens, a confusão do trânsito e a correria da cidade, mas ao mesmo tempo há o mar com suas ondas indo e voltando, o que me dá a sensação de esperança, de que nem tudo está perdido", filosofa. Há alguns anos pesquisando a paz através de estudos esotéricos, Marcos Fioravanti afirma que "através da paisagem que tenho da minha janela, através do movimento pendular da maré, me lembro, todos os dias, que não se pode desistir".

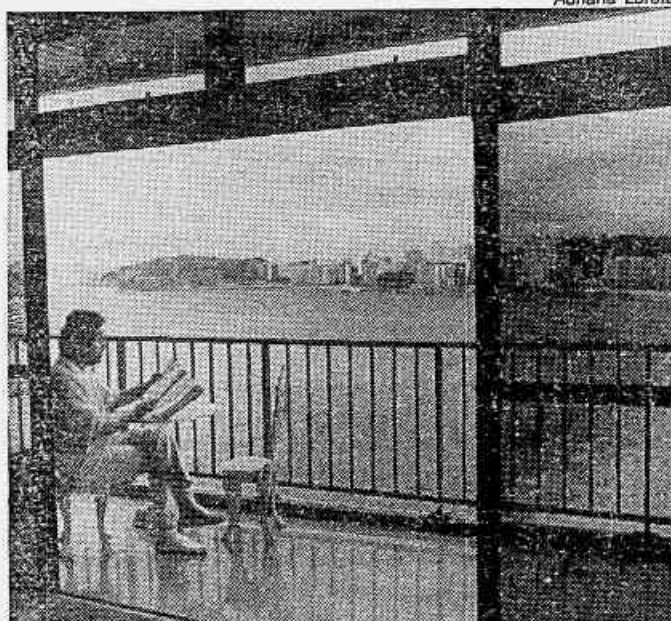
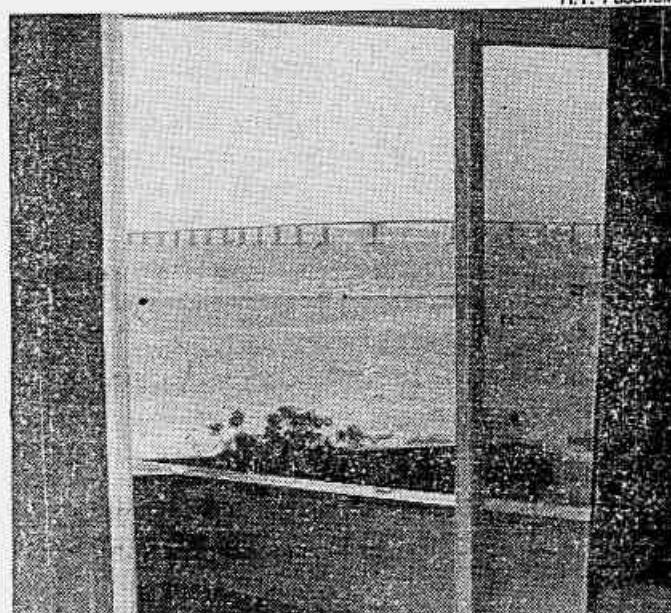
Como não desistem os que saem todos os dias em pequenos barcos da enseada de Jurujuba, um cenário romântico, pontilhado por embarcações de pesca, gaivotas e o pier. Ali moram quase que exclusivamente pescadores e funcionários das fábricas de sardinha da região. Há 40 anos, *seu* Manoel Fernandes Lourenço vê, da janela de seu Café e Bar São Pedro, o movimento dos homens saindo para o mar. Pintadas de verde, "para não agredir o mar e as árvores", as janelas da pequena venda não precisam das trancas e cadeados que protegem até mesmo as mais altas janelas dos bairros elegantes. "Aqui", completa *seu* Manoel, "ainda se pode dormir de janela aberta". A tranqüilidade de Jurujuba também é desfrutada por Marluce Rocha, que mora com o marido e duas filhas numa pequena casa de frente para o pier. Avisando que "as janelas serão trocadas no fim do ano, porque estão velhas e feias", Marluce cozinha de frente para a bucólica paisagem, assistindo as garças se recolherem, dando lugar aos chamados "pássaros da noite", espécie de marreco que, em bandos, pousam na enseada ao cair da tarde.

Perto dali, em Charitas, a paisagem torna-se grandiosa. Pela panorâmica janela da casa do arquiteto Ricardo Campos pode-se ver a praia do lugar, parte de Icaraí, a ponte e

qualidade de vida urbana

o cenário carioca, bem distante. Como arquiteto, Ricardo sabe mais do que ninguém da importância da janela para a harmonia de uma casa. Mas, na hora de projetar a sua própria, liberou a imaginação: começou a construí-la de fora para dentro, a partir das janelas, imensas folhas de vidro que só podem ser abertas através de uma talha mecânica. Desta forma, maçanetas, divisões de madeira ou dobradiças não atrapalham a visão total da praia de Charitas. Latidos de cachorros, o barulho de lanchas e das ondas e o canto dos grilos à noite servem como fundo musical para Ricardo apreciar a beleza do mar e a rota das asas delta que decolam do Parque da Cidade e vão pousar na praia. "O pôr-do-sol é a minha televisão, a sessão da tarde", diz o arquiteto.

Uma boa janela é mesmo um ótimo relaxante. É o que também pensa o analista de organização e métodos da Varig, Leandro Terra Seca. Da janela de seu quarto em Piratininga ele avista a lagoa rodeada de montanhas e o mar ao fundo. Trabalhando no Rio, ele diz que não troca sua casa (e sua janela) por nenhuma outra. "Poucos são os lugares onde se pode acordar com uma paisagem como esta. Ela me dá a energia necessária para encarar um dia.

Já disseram que uma das boas coisas de Niterói é a vista do Rio. Mesmo que isso não seja verdade, a paisagem carioca é, sem dúvida, um privilégio do niteroiense. Ou do hóspede do hotel Bucsky Mar, em Gragoatá, que, por Cz$ 15 mil a "diária da janela", pode desfrutar da belíssima vista do Corcovado, do Pão de Açúcar e do Centro do Rio. A ponte cruzando a baía, "principalmente com uma enorme lua cheia por trás" — garante o camareiro Antônio —, é uma das imagens mais bonitas do hotel, vista pelos quartos laterais.

Patrícia Paladino

Adriana Lorete

R.T. Fasanello

Quando não está em sua loja esotérica Terceiro Milênio, Marcos Fioravanti (ao lado) tem visões de esperança no visual de Icaraí, uma sensação comum aos hóspedes do Hotel Bucsky Bar, em Gragoatá (abaixo, à esq.) e aos moradores de Piratininga que habitam casas como a do executivo Leandro Terra Seca (abaixo)

R.T. Fasanello

Torben Grael, um iatista que vale ouro

Prata em 84, ele busca outra medalha nos Jogos de Seul

Torben Grael é uma das nossas esperanças olímpicas que aparece naquele comercial da televisão com a indefectível pergunta: é ouro, prata ou bronze?' Se tem alguém que pode responder que é ouro, é ele. A de prata ele já ganhou em Los Angeles, em 84, a de bronze não interessa e, além disso tudo, é um dos melhores iatistas brasileiros. Os barcos são a vida de Torben, que nasceu em São Paulo há 27 anos mas desde pequeno mora em Niterói. "Não me sobra quase tempo para fazer outra coisa. Quando não estou me preparando para as regatas, faço a manutenção dos barcos. Ou então fico no clube conversando com os outros velejadores", diz ele. É uma obsessão.

Mais que isso. O iatismo é uma tradição na família Grael, de origem dinamarquesa. Foi do avô que ganhou, aos 7 anos, o primeiro barco. Torben só começou a competir profissionalmente em 75, na classe *snipe*. Mas como nenhum bom iatista corre em apenas uma categoria, ele veleja também nas *oceano, laser, soling* e *star*. Foi na *soling* que ganhou prata em Los Angeles, o ouro no Pan-Americano de Caracas e o bronze no de Indianópolis. Nesta olimpíada, porém, vai disputar num barco da categoria *star*. Se não der para ele, ainda terá a chance de torcer pelo irmão Lars Grael, que também vai disputar os jogos de Seul.

Torben não compete em dupla com o irmão. Mas em Niterói, onde mora com a mulher Andréia numa casa tranqüila na Estrada Froes, ao lado do Iate Clube Brasileiro, cultiva a vida familiar. E quando não está velejando, se divide entre a Universidade Federal Fluminense (UFF), que pretende terminar este ano, e a sua fábrica de barcos *snipe* Thor Yachts, que fica em São Gonçalo. À noite não sai muito. "Viajo tanto que não sinto vontade de badalar. Quando estou no Brasil, acho ótimo ficar em casa", diz ele. Morar em Niterói é excelente porque tenho um grupo enorme de amigos e toda a parte brasileira da família está enraizada aqui."

Daniela Paiva

Adriana Lorette

Aqui Torben tem espaço para criar seus cães e o mar para velejar

Praia: Não costumo ir muito à praia, mas quando vou prefiro Piratininga e Itacoatiara.

Mar: Escolho Búzios como o melhor mar que temos para velejar.

Vista (do mar): Pedra da Gávea e Pão de Açúcar são as que acho mais bonitas. Pena que Niterói não tenha um visual legal. Aliás, devia ter quando Cabral chegou, mas do jeito que andam queimando tudo...

Vista (da terra): Gosto muito do Parque da Cidade, de Niterói. É um espaço verde e bastante calmo.

Lugar (para viajar): Búzios, principalmente porque adoro velejar lá.

Barcos: Os Thor Yachts, que eu fabrico, é claro. E o italiano que vou usar em Seul, da marca Lilia.

Treinos: De preferência sozinho porque fico bem mais descontraído. Mas o proeiro que está sempre comigo é o Marcelo Maia.

Preparo Físico: Faço musculação e ginástica na academia Plenaforma (Travessa João Francisco da Matta nº 136, Icaraí), e corrida na Estrada Fróes. Corro até São Francisco e, às vezes, até Charitas. A corrida é para perder peso e a musculação e ginástica para ganhar. Cada classe em que velejo exige um peso maior ou menor.

Hobby: Futebol de salão no Iate Clube Brasileiro.

Time de futebol: Fluminense.

Artigos esportivos: Grael Náutica, que é a loja do meu irmão Lars Grael e fica no Clube Naval.

Dieta: Nenhuma. Como tudo que gosto e tenho vontade.

Restaurante: Gosto do Porcão, em São Francisco. É bom e fica perto da minha casa.

Cabeleireiro: Corto o cabelo há muito tempo com o Magno's. (Rua Gavião Peixoto, 4, lj. B, Icaraí).

Shopping: Os melhores para mim são o Plaza Shopping e o Niterói Shopping. Não faço muito este tipo de passeio, mas quando vou prefiro o Plaza, porque tem estacionamento. O programa principal é mesmo competir, e tem regata quase todo final de semana.

Teatro: Só fui uma vez na vida e achei muito chato. Daí nunca mais voltei. Não sei, acho que não me atrai.

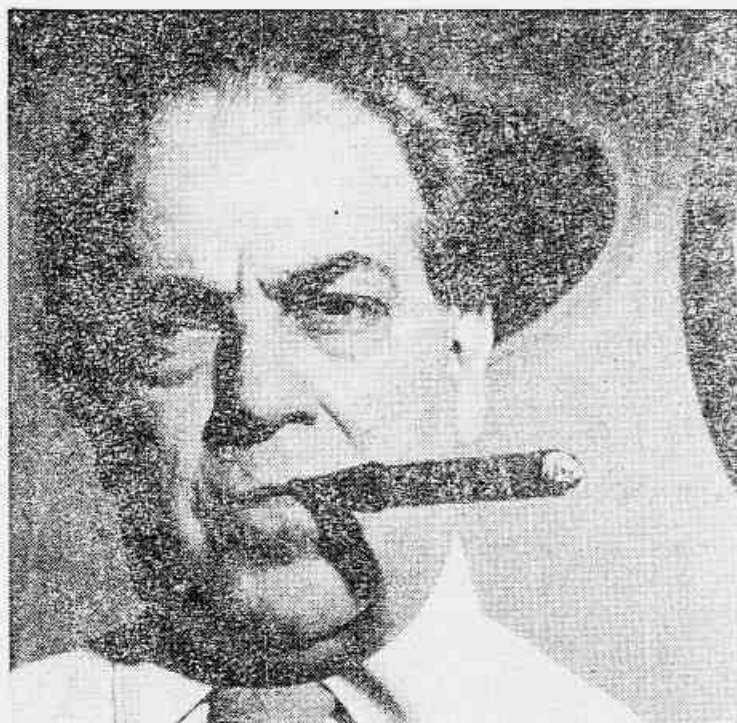
Música: Ouço muita música. Gosto de Dire Straits, Supertramp, Genesis e acho o último LP do RPM ótimo também.

Cinema: Icaraí e, às vezes, o do Niterói Shopping.

Lojas: Do jeito que as coisas estão difíceis hoje em dia, comprar não é nada fácil. Melhor é ganhar. Como eu só uso roupas esportivas e tenho patrocinador, visto tudo da Cantão 4 (Rua Gavião Peixoto, 182, no Shopping Center IV).

Cachorro: Adoro o meu Beagle, e para mim esta é a melhor raça. Tenho também um Setter.

Amigos: Tenho muitos, geralmente velejadores e de vários estados.

Daniela Paiva

Villa-Lobos é tema de palestra na UFF, amanhã, e também está no programa dos Concertos do Teatro Municipal *junto com Noel Rosa, na quinta*

O que fazer com pouco dinheiro

■ *De hoje a quinta os programas mais em conta de Niterói*

Hoje é a última chance para levar a meninada na Feira de Integração Comunitária, no Estádio Caio Martins. A Feira é organizada pela Prefeitura do Município e pela Arquidiocese da cidade. Os portões abrem às 14h e não têm prazo para fechar. Às 18h vai haver uma apresentação do grupo de teatro infantil Avivarte e, às 22h, tem show com o conjunto El Caribe. Adultos pagam somente Cz$ 50 e crianças até dez anos pagam Cz$ 25. Uma pechincha!

O Brasil Philarmonia Coro se apresenta hoje, às 19h20min, na Igreja das Dores do Ingá (rua Presidente Pedreira, 185-Ingá). O coral está junto desde 1966, já gravou dois LP's e excursionou duas vezes pela Europa. No repertório estão músicas renascentistas, contemporâneas, folclóricas e populares, incluindo peças de Baden Powell e Dorival Caymmi. DE GRAÇA.

Amanhã, às 21h, será realizada no Teatro da UFF (rua Miguel de Frias, 9-Icaraí) uma palestra com a professora Maria Célia Marques Machado sobre Heitor Villa-Lobos em relação aos problemas de nossa cultura e a atuação pioneira do mestre, hoje estudado em vários países. DE GRAÇA.

Terça-feira, dia 13, a partir das 18h, o poeta Vilmar Lassance estará expondo seus poemas ilustrados no Espaço José Candido de Carvalho, na sede da Funiarte (rua Presidente Pedreira, 98 — Ingá). Os poemas fazem parte de uma coletânea de trabalhos do poeta niteroiense. DE GRAÇA.

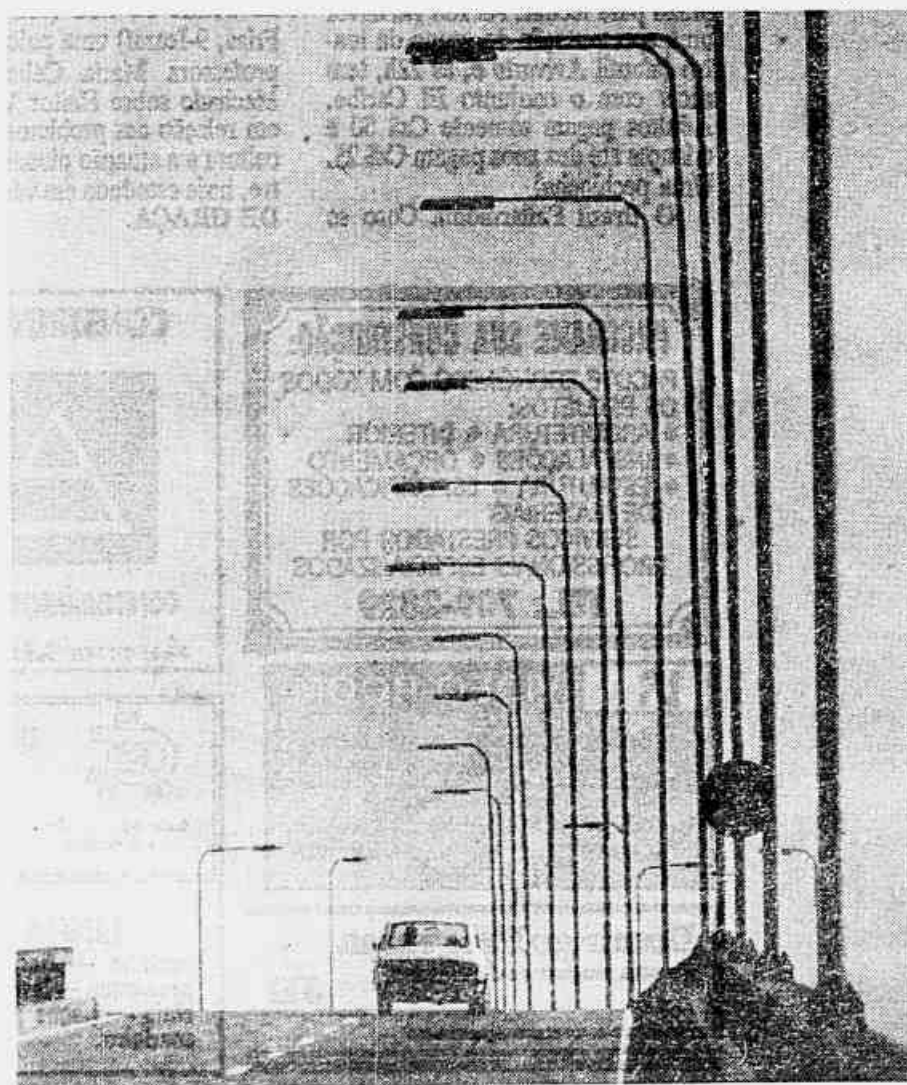
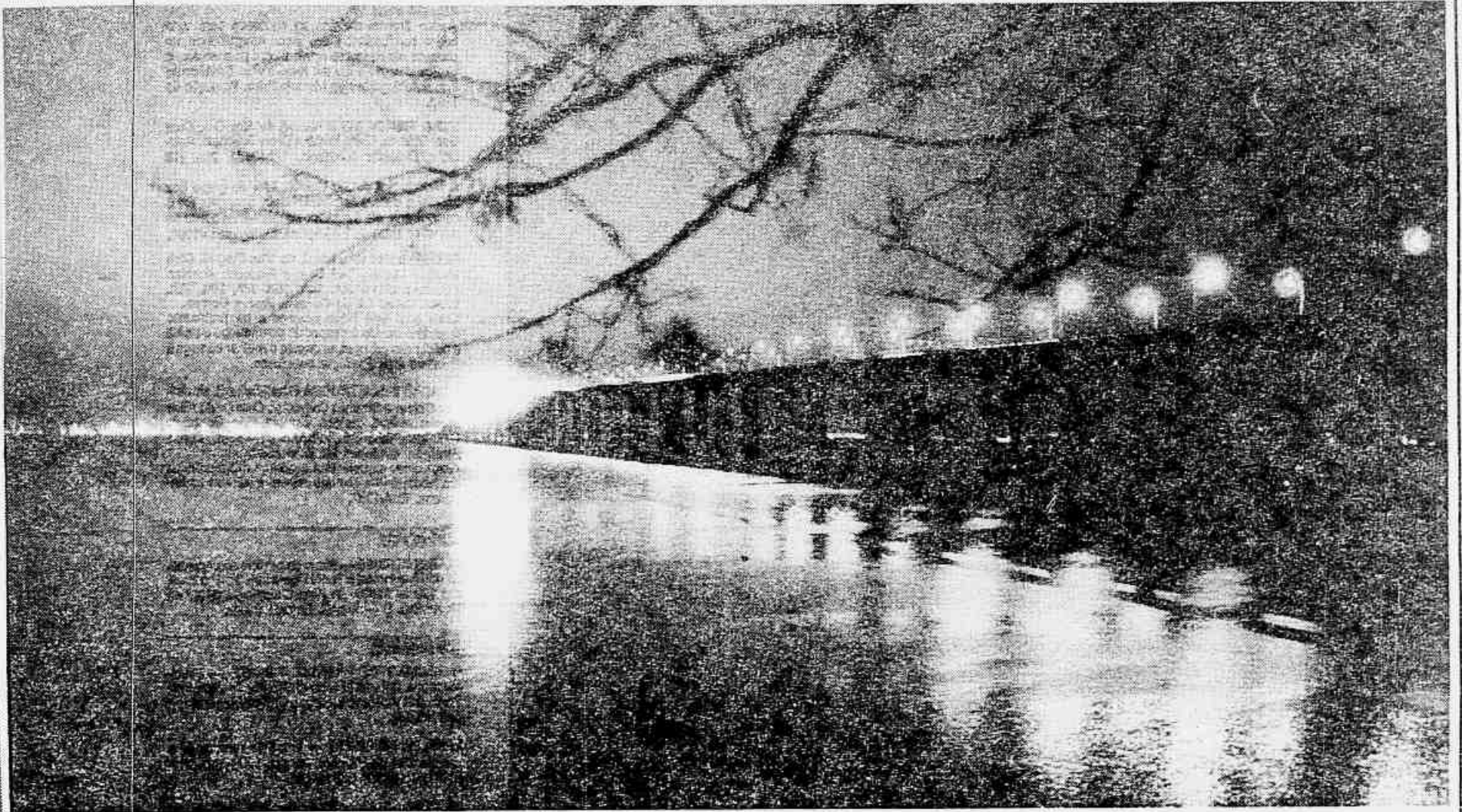
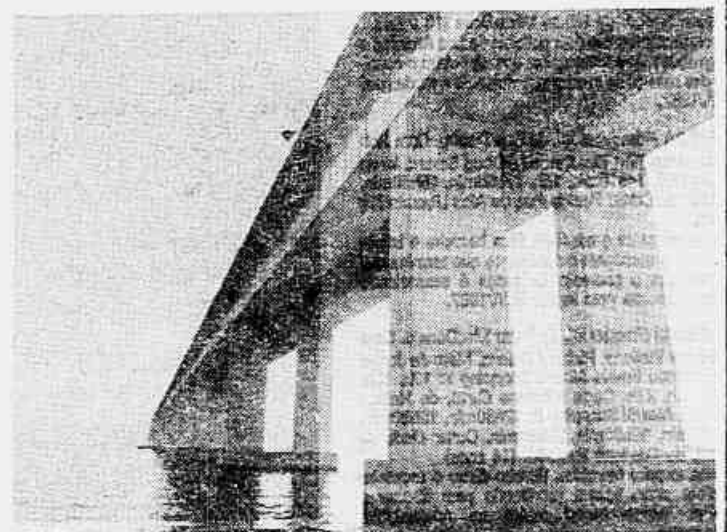
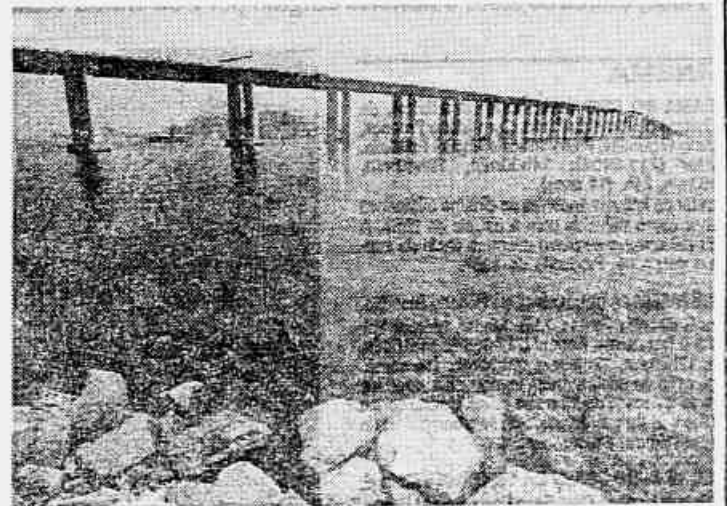
Na quarta-feira tem o concerto da Orquestra Sinfônica Nacional da UFF no Teatro Municipal de Niterói (rua 15 de Novembro, 35 — Centro), às 20h30min. No programa, obras de Beethoven, Franz Krommer, C. Gomes e F. Mendelson. Regência do Maestro Léon Halegua e também DE GRAÇA. A inteligência e a afetividade vão ser debatidas nesta quarta-feira, às 18h30min, no Teatro Leopoldo Froes (rua Manoel de Abreu, 16 — Centro) com a psicóloga Eliana Vianna Soares. Professora da UFF com Mestrado em Psicologia Clínica pela PUC, Eliana Soares falará sobre o Desenvolvimento da Inteligência e a Afetividade. DE GRAÇA.

Quem se apresenta no Projeto Concertos do Teatro Municipal nessa quinta-feira às 20h é o Madrigal de Niterói e seu Quinteto Instrumental. No programa estarão peças de Villa-Lobos, Noel Rosa, João de Barros, Mozart e Beethoven. Regência da professora Nélia Cássia. DE GRAÇA.

ENSAIO

Aqui, a Ponte Rio-Niterói

Você que está acostumado a atravessar de carro a Baía de Guanabara já deve ter percebido que entre a sua casa e o compromisso profissional que o espera no Rio existe alguma coisa a mais do que os 13 km mediados pelo vão central. Pode ser que na ida sua cabeça esteja tão concentrada nos negócios que não lhe sobre tempo para olhar ao redor. Mas é certo que, pelo menos na volta, a mureta, os postes de iluminação, o relevo da pista, a sinalização e todo o cenário que envolve a Ponte tenham liberado a sua imaginação. Este caminho é sinônimo de grafismo, uma face da arquitetura que a fotografia tem o poder de fixar. Foi atrás desse olhar gráfico que SILVIO VIEGAS atravessou a Ponte. Curta, sem pagar pedágio.

Objetivamente, a leitura é imediata: tráfego livre em todas as faixas. Uma boa ocasião para relaxar e curtir o visual das setas apontadas nos letreiros acima. Dependendo da hora e das condições do tempo, o mesmo cenário adquire climas diferentes diante dos olhos. Uma sensação gráfica que também se transforma a cada quilômetro, dependendo do ângulo de observação dos postes de iluminação (ao lado) plantados na mureta da Ponte Rio—Niterói

é bela e não cobra pedágio

À noite, o espetáculo é grandioso sob o efeito das luzes (acima). A princípio, o brilho vem do alto dos postes da mureta. No vão central, com as luzes mais baixas, a sensação é a de um piloto aterrissando. Só vale para quem faz a travessia. Para quem observa de longe, os carros são como formigas (à direita). Mas, como nem tudo é perfeito, o belo visual também tem seu preço: pedágio (à esq.)

A Farsa, drama de amor e mistério dirigido por Bob Swain conta o romance de mulher rica com iatista

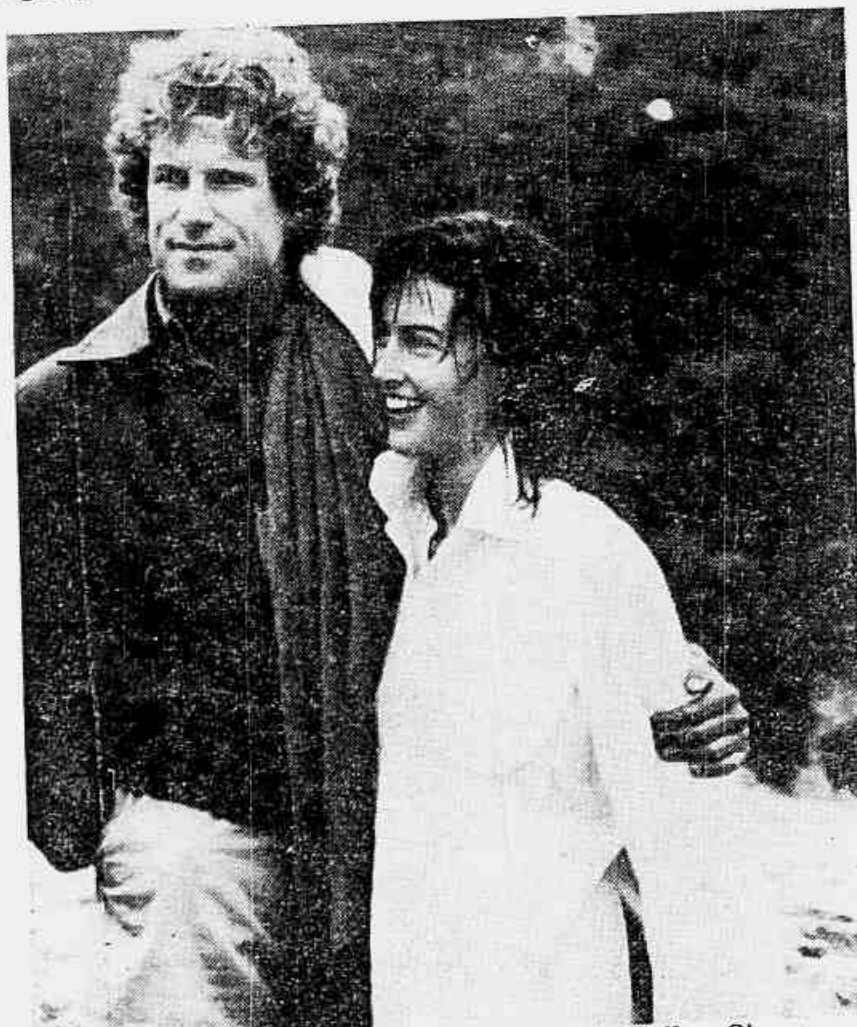
CINEMA

A DAMA DO CINE SHANGHAI (Brasileiro), de Guilherme de Almeida Prado. Com Maitê Proença, Antônio Fagundes, Paulo Villaça e Miguel Falabella. *Center* (711-6909): 14h30min, 16h40min, 18h50min, 21h. (14 anos).
Corretor de imóveis encontra no cinema misteriosa mulher muito parecida com a estrela do filme. A partir daí envolve-se numa aventura cheia de intrigas e suspense. Produção de 1987.

DEDÉ MAMATA (Brasileiro), de Rodolfo Brandão. Com Guilherme Fontes, Malu Mader, Marcos Palmeira e Iara Jamra. *Central* (717-0367): 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min. (14 anos).
A geração de adolescentes esmagada e oprimida durante a década de 70 e seu envolvimento com a política e as drogas. Baseado no livro homônimo de Vinicius Vianna. Produção de 1987.

COLORS — AS CORES DA VIOLÊNCIA *(Colors)*, de Dennis Hopper. Com Sean Penn, Robert Duvall, Maria Conchita Alonso e Randy Brooks. *Niterói* (719-9322): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. Curta: *Frio na barriga*, de Nilson Villas-Boas (16 anos).
Os confrontos entre dois policiais de Los Angeles e as gangues de adolescentes que disputam o domínio das ruas onde imperam a violência e as drogas. EUA/1987.

A FARSA *(Masquerade)*, de Bob Swaim. Com Rob Lowe, Meg Tilly, Kim Cattrall e Doug Savant. *Icaraí* (717-0120): 14h10min, 16h, 17h50min, 15h40min, 21h30min. Curta: *Pedido Pax*, de Alba Liberato (16 anos).
Drama de amor e mistério. Rica herdeira e iatista *bon vivant* começam um romance que termina mal depois que o padrasto da moça é assassinado acidentalmente pelo rapaz. EUA/1987.

RAMBO III *(Rambo III)*, de Peter MacDonald. Com Sylvester Stallone, Richard Crenna, Marc de Jonge e Kurtwood Smith. *Niterói Shopping 1*: 13h, 15h, 17h, 19h, 21h. Curta *Madame Cartô*, de Nelson Nadotti. *Niterói Shopping 2*: 13h30min, 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min. Curta: *Dedo de Deus*, de Cristiano Requião. (14 anos)
Nesta terceira aventura, Rambo deixa o mosteiro budista onde estava meditando para libertar o amigo, preso como refém no Afeganistão. EUA/1987.

O terror volta às telas com Criação Mostruosa, de Jeffrey Obrow

CANÇÕES AMOR E BOMBAS — Show do cantor e compositor Eduardo Dusek. Às 21h, no Teatro da UFF, Rua Miguel de Frias, nº 9, Icaraí. Ingressos a Cz$ 1.000,00. Último dia.

FELIZ ANO VELHO (Brasileiro), de Roberto Gervitz. Com Marcos Breda, Malu Mader, Eva Wilma e Marco Nanini. *Windsor* (717-6289): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).
Jovem fica tetraplégico ao chocar-se com uma pedra no fundo de um lago. Mergulhando no passado ele descobre novas forças para encarar a trágica situação e dar um rumo à vida. Baseado no livro autobiográfico de Marcelo Paiva. Produção de 1987.

SID & NANCY *(Sid & Nancy)*, de Alex Cox. Com Gary Oldman, Chloe Webb e Drew Schofield. *Arte-Uff* (717-8080): 16h20min, 18h40min, 21h. (18 anos).
A história real de Sid Vicious, líder do grupo Sex Pistols, e de sua namorada Nancy Spungen. Ela é assassinada, ele é acusado do crime mas morre de *overdose* antes de ir a julgamento. Inglaterra/1986.

MISTER MOM (Mr. Mon), de Stan Dragoti. Com Michael Keaton, Teri Garr e Frederick Koehler. *Cinema-1* (711-9330): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Curta: *Lá*, de Carmem Pereira Gomes.
Casal com três filhos começa a ter problemas quando o marido é despedido do emprego e passa a cuidar das crianças, enquanto a mulher começa a trabalhar fora. Produção americana.

CRIAÇÃO MONSTRUOSA (The kindred), de Jeffrey Obrow e Stephen Carpenter. Com David Allen Brooks e Rod Steiger. *Tamoio* (São Gonçalo): 16h30min, 18h30min, 20h30min. (14 anos). Curta: *Parahyba*, de Jureni M. Bittencourt.
Terror sobre experiências genéticas desenvolvidas em laboratório e que dão origem a culturas monstruosas. EUA/1987.

SHOW

ELAINE GUEDES — Show da cantora acompanhada de Nico (baixo) e Pacolé (guitarra). 3ª, 4ª e dom, das 19h às 21h30, no Plaza Shopping, Rua XV de Novembro, 8 — Niterói. Entrada franca.

BARES

O EMBALO DE SÁBADO A NOITE — Festa-maratona. Sáb, às 22h, no *O Céu Por Testemunha*, Ponta do Francês em Itaipuaçu, Niterói. Ingressos a Cz$ 300,00.

LANA BITTENCOURT — Show da cantora. 6ª e sáb, às 23h, no *L'Amore*, Praia de Icaraí, 521 (710-5101). Couvert a Cz$ 600,00.

ZÉ NETO — Show do músico. Sáb, às 23h, no *Duerê*, Estrada Caetano Monteiro, 1882 — Niterói. Couvert a Cz$ 700,00 e consumação a Cz$ 400,00.

DELÍCIAS DE ICARAÍ — Música ao vivo com os cantores Aurea Martins e Paulo Edmundo e o pianista Zé Luís. De 3ª a 5ª e dom, a partir das 21h30min. Conjunto Toque de Classe todas as sextas e sábados, às 22h. Couvert a Cz$ 600,00, na Praia de Icaraí, 521 (710-5101).

TEATRO

O BEIJO DA MULHER ARANHA — Texto de Manuel Puig. Tradução de Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. Direção de Eduardo Cabús. Com Nilton Castro e Antonio Gonzalez. *Teatro Municipal de Niterói*, Rua 15 de Novembro, 35, 6ª e sáb, às 21h30min; dom, às 19h. Ingressos a Cz$ 800,00. Até dia 18.

EXPOSIÇÃO

VISTA DE NITERÓI — Coletiva de sete artistas. *Museu do Ingá*, Rua Presidente Pedreira, 78 — Niterói. De 3ª a 6ª, das 11h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 18h. Até dia 25 de setembro.

NÃO É UM RETRATO — Coletiva com quatro pintoras e três gravadoras. *Galeria de Arte da UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 — Niterói. De 2ª a domingo, das 14h às 20h. Até dia 25 de setembro.

CRIANÇAS

PINÓQUIO — Texto e direção de Ricardo Sanfer. *Teatro da UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 — Niterói. Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cz$ 400,00. Até dia 25.
PETER PAN — Musical com direção, adaptação e cenografia de Eduard Roessler. Com o grupo Papel Crepon. *Teatro Abel*, Rua Paulo Alves, s/nº (719-5711). Sáb e dom, às 16h. Ingressos Cz$ 500,00. Estréia hoje.
CHAPEUZINHO AZUL — Texto e direção de Carlos Camainni. Com atores e bonecos. *Teatro Leopoldo Fróes*, Rua Manoel de Abreu, 16 (717-1600). Sáb, às 16ha dom, às 15h30min. Ingressos a Cz$ 400,00. Distribuição de brindes.
CLUBINHO DO PLAZA — Apresentação do grupo Cresça e Apareça com espetáculo Mafalda, a galinha fujona. Dom, às 17h, no *Plaza Shopping*. Rua XV de Novembro, 8 — Niterói. Entrada franca. Estacionamento no Shopping, gratuito.

PROMOÇÃO DE FRALDAS

Fraldas de puro algodão rigorosamente esterilizadas. Controle de qualidade pela C.K.B., desconto especial de 10% durante promoção até esgotar o limite de serviço. Maiores informações tel: 712-9323 c/Haydee ou Cristiane.

LAVAGEM DE FRALDAS

A COMPANHIA DAS FRALDAS está prestando serviço de padrão' internacional p/ lavagens de fraldas. Entrega semanalmente fraldas limpas e recolhe as usadas. Desconto especial para Creches e Maternidades. Informações c/ Dalila ou Vanessa p/ tel: 709-0527.

IMÓVEIS COMPRA E VENDA
000

CENTRO
012

A IMPERIAL "CONJUNTO SALAS" — (Frente Barcas) sala + slão., 3 bhs., copa (598m² 13° and.), "vista p/Baia", só 60.000 OTN 714-6238 CJ-3264.

DESIGN — "CENTRO" — Sl., qt° só 2.500 milh. 714-0404/714-0505 BA 112 C. 15.324.

INGÁ
013

A IMPERIAL "LOCAL NOBRE" — Exc. cobertura, sala c/var., 2 qts., coz., d. emp., gar., play (Terraço c/churr. 42m²). Sinal Cz$ 11.500 milh. (IP275) 714-6238 CJ-3264.

DESIGN — "P. das Flechas" varanda sl, 3 qts (ste) c/ dep 2 gr. Vlr. 14.400 OTNs fiscais. 714-0404/ 714-0505 BA 312 C. 15.324.

DESIGN — "P.J.CAETANO" 2 sls, 4 qts (Ste) varanda, 3 gr. Vlr. 18.500 OTN's fiscais, 714-0404/714-0505 BA 430 CRECI J-15.324.

DESIGN "P.J.CAETANO" — Sl 4 qts (ste) dep e gr. Vlr. 11.500 OTNs 714-0404/ 714-0505 BA 410 C.15.324.

DESING "INGÁ" — Sl 4 qts c/ dep. s/ gr. Vlr. 20.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 403 C.15.324.

ICARAÍ
014

A IMPERIAL "VAZIO" — (1ª Qda) frte sala 2 qts coz bh d. emp gar play Cz$ 12.000 milh (IP 287) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "MUDE HOJE" — (2 p/ and) sala 3 qts 2 bhs cop/coz ampla dps gar Cz$ 17 milh. (IP 301) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "VISTA MARAVILHOSA" — (C.S.Bento) 1 p/ end salão e qts (ste) arms dps gar Cz$ 26.500 milh (IP410) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "PERTINHO DA PRAIA" — (Ótima rua) Frte sala 3 qts cp/ cz bh d. emp gar Cz$ 21 milh (IP 311) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "1ª QDA" — Frte salão 1 qto coz bh play Cz$ 4.500 milh (IP 110) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "PERTO DE TUDO" — Sala 2 qts bh coz wc. emp + depósito c/ 8m² (Externo) "Só 1 lance de escada" Cz$ 7.300 milh (IP 280) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "MUITO BOM" — Sala 2 amb. 2 qts (arm) coz bh. d. emp gar Cz$ 10.800 milh (IP 258) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "VEM RÁPIDO" — (vazio) sala, 3 qts. (ste), coz., 2 bhs., dps., gar., play, só Cz$ 16 mil (IP310) 714-6238 CJ-3264.

A IMPERIAL "2 GAR ESCRIT" — Frte salão c/var 3 qts (ste) arms 2 bhs cp/ cz arms dep 2 gar pisc play Cz$ 28 milh (IP 337) 714-6238 CJ 3264.

A IMPERIAL "É O MELHOR" — Salão c/ var 2 qts (ste) cp/ cz 2 bhs dps gar play Cz$ 20 milh (IP 213) 714-6238 CJ 3264.

DESIGN — "Icarai" sl, 2 qts c/ dep e gr. Vlr. 10.500 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 236 C. 15.324.

DESIGN "ICARAÍ" — Sala, 2 qts, bh, coz a.s. Vlr 8.000 Milh. 714-0404/ 714-0505 BA 260 C. 15.324.

DESIGN "STª ROSA" — Sl, 2 qts c/ gr. Sinal 1.800 Milh. 714-0404/ 714-0505 BA 212 C. 15.324.

DESIGN "ICARAÍ" VARANDA — Sl, 2 qts (ste), c/dep e gr. Sinal 9.000 Milh. 714-0404/714-0505 BA 200 C. 15.324.

DESIGN — "P. Icarai" cobertura sl, 3 qts (ste) sauna, piscina. Vlr 30.000 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 332 C. 15.324.

DESIGN "ICARAI" — Sl 2 qts c/ dep. Só 5.500 milh 714-0404/ 714-0505 BA 206 C. 15.324.

DESIGN — "ICARAÍ" O MELHOR — Sl., 2 qts (ste), c/gr. e dep. Vlr. 17.000 milh. 714-0404/714-0505. BA 205 C.15.324.

DESIGN — "PIRATININGA" — 2 lotes de 360m² cada. Só 850 mil. 714-0404/714-0505 BA 602 C.15.324.

DESIGN — "ICARAÍ" — Sl., 3 qts. (ste.), dep. gr. Vlr. 7.500 OTNs. 714-0404/714-0505 BA 304 C. 15.324.

DESIGN — "Icarai" (moleza) sl, 3 qts (sts) c/ dep e gr. Só 6.800 OTNS 714-0404/ 714-0505 BA 300 C. 15.324.

DESIGN "ICARAI" — Sl., 2 qts., c/dep. e gr. Vlr. 5.250 OTNs. 714-0404/ 714-0505, BA-203, CRECI-15324

DESIGN — "Icarai" sl, 2 qts c/ dep. Vlr 2.854 OTNs 714-0404/ 714-0505 BA 204 C. 15.324.

DESIGN "ICARAÍ — Sl, 4 qts (ste) lavabo, cop/ coz. gr e dep. Vlr. 13.100 OTNs 714-0404/ 714-0505. BA 404 C.15.324.

DESIGN — "ICARAÍ" Sl qt° c/ dep. 714-0404/ 714-0505 BA 106 C.15324.

DESIGN — "Icarai" sl, qto, coz, bh. Só 5.600 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 113 C. 15.324.

DESIGN "ICARAI" — Sl., 3 qts. (ste), dep. e gr. Sinal 15.000 Milh. 714-0404/714-0505, BA-318, CRECI-15324.

DESIGN "ICARAI" — Sl., 3 qts. (ste), dep. e gr. Sinal 10.500 OTNs. 714-0404/714-0505, BA-310, CRECI-15324.

DESIGN — "Icarai" sl 3 qts (ste) varanda c/ dep e gr. Sinal 15.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 303 C. 15.324.

DESIGN — "Icarai" qto, sl, bh, coz. Só 5.300 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 101 C. 15.324.

DESIGN — "Icarai" (térreo) sl, 2 qts + uma área c/ 12 m² só 4.000 milh. 714-0404/ 714-0505. BA 201 C. 15.324.

DESIGN — "Icarai" varanda, sl, 3 qts (ste) dep e gr. Sinal 14.600 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 302 C. 15.324.

DESIGN "P. ICARAÍ" — Sl, qt°, c/ dep e gr. Só 4.000 OTNs 714-0404/ 714-0505 BA 102 C.15.324.

DESIGN "ICARAI" — 1ª loc. apto sl. 3 qts (ste) gr. Só 8.000 OTN's. 714-0404/ 714-0505 BA 344 C. 15.324.

DESIGN "P. ICARAI" — Varanda sl 2 qts (ste) dep e gr. Vlr 18.000 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 228 C. 15.324.

DESIGN — "Icarai" varanda, sl, 3 qts (ste) dep, 2 gr. Vlr. 25.000 714-0404/ 714-0505 BA 301 C. 15.324.

DESIGN — "Icarai" sl, 2 qts, c/ dep. Vlr 7.500 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 236 C. 15.324.

ICARAÍ

Vendo exc casa c/salão (2 ambientes) sala íntima 4 qtos c/arms (sendo uma suíte) todos cômodos tábua corrida, 2 banhs sociais, grande copa e coz montadas dep com, ótimo terreno c/fruteiras, gar p/ div carros, visita. Trat p/ tel: 719-1605. Silveira CRECI 10398

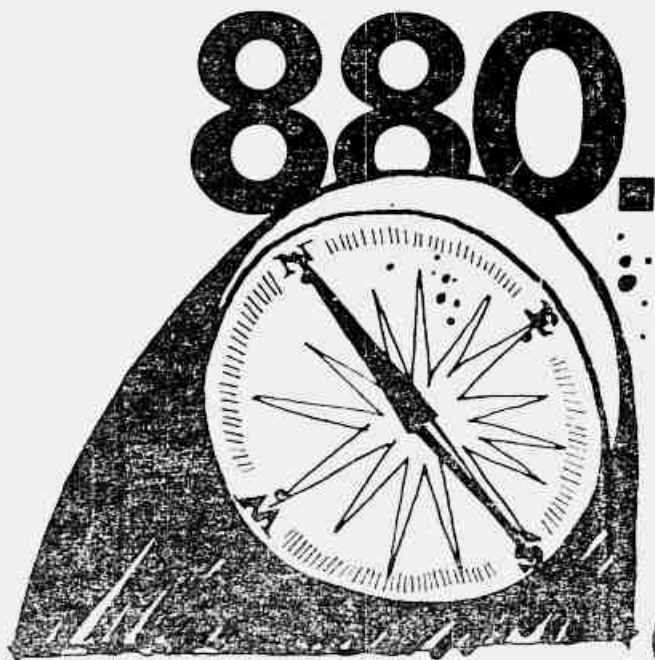
ICARAÍ 4 QUARTOS

Exc apto frente prédio de luxo, um por andar, 2ª quadra da praia, andar alto, hall privativo, salão 2 ambientes, 4 qtos c/arms-sendo 1 suíte, 2 banhs sociais, táb corrida, copa/ coz montada, dep comp gar esc. Visitas: marcar hora Tel: 719-1605. CRECI 10398

ICARAÍ

Vendo em ótimo local do Morro da Stª Teresa exc residência c/ 2 salas 3 qtos c/armários (2 suítes) banheiro soc, dep emp copa-coz montada, gar. p/ 2 carros, área de serviço etc. Trat. p/Tel. 719-1605. Silveira. CRECI 10398.

CLASSIDISCADOS JB – 580-5522
Anuncie por telefone de 2ª a 6ª-feira de 8 às 19 horas e sábado das 8 às 13 horas

NAVEGAR É PRECISO.

Lanchas, veleiros, caiaques, pranchas e equipamentos náuticos. Para comprar ou vender tudo isto, Náutica é a seção ideal. Em Náutica, a maré está sempre boa.

JORNAL DO BRASIL
Classificados

SÃO FRANCISCO

015

DESIGN — "S.FRANCISCO" 1ª quadra praia? Casa c/3 qts (ste). Só 25.000 milh. 714-0404 714-0505 BA 513 C. 15.324.

DESIGN — "S.FRANCISCO" CASA TIPO CHALET — Toda em madeira c/3 qtos. VLR 18.500 milh 714-0404/714-0505 BA 507 C. 15.324.

GARDEN — Mansão, salões, 4 qts. 2 suite, c/ arm. varandão c/ vista indevassável p/ mar, jardim e quintal. LIGUE HOJE — Tel: 709-1639 CRECI J-2435.

CLASSIDISCADOS JB - 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª-feira de 8 às 19 horas e sábado das 8 às 13 horas

SANTA ROSA

016

A IMPERIAL — "Quem chegar 1º". Sala, 2 qts, bh. c/ WC emp gar play só Cz$ 5 milh (IP 220) 714-6238 CRECI J-3264.

A IMPERIAL "SUA CASA" — Est. mod. (Vila) sala c/var., 3 qts. bh. cp/cz., área, ext., terraço, só Cz$ 7 milh. (IP509) 714-6238 CJ-3264.

DESIGN "STª ROSA" — Sl 2 qts c/dep e gr Vlr 4.750 OTNs 714-0404/714-0505 BA 242. C. 15.324.

DESIGN "STª ROSA" MANSÃO — 3 sls, 4 qts (ste) e outras dependências. Vlr 22.000 Milh. 714-0404/714-0505 BA 568 C. 15.324.

DESIGN — "Sta Rosa" sl, 2 qts (ste) c/ dep e gr. Sinal 2.850 OTNs. 714-0404/ 714-0505 BA 240 C. 15.324.

design 77m. TORRES" — Sl 2 qts c/ dep e gr. Só 5.800 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 224 C.15.324.

DESIGN "STª ROSA" CASA — C/ 3 qts, dep e gr, terreno de 20 x 48 = 960 m². PLANO. Só 15.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 505 C.15.324.

CLASSIDISCADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira de 8 às 19 horas e sábado das 8 às 13

DESIGN "STA. ROSA" — Sl., 3 qtos., c/dep. e gr. Vlr. 6.000 OTNs. 714-0404/714-0505, BA-351, CRECI-15324.

DESIGN — "STª ROSA" MANSÃO SALÃO — 5 qts, (3 suites), 3 closet, varanda, gr. vários carros 714-0404 714-0505 BA 509 C. 15.324.

DESIGN — "STª ROSA" Casa c/2 Sls, 3 qts, gr, dep. VARANDA. Vlr 5.000 OTNs 714.0404 714.0505 BA 517 C. 15.324

DESIGN — "Sta Rosa" sl, 2 qts c/ dep e gr. Sinal 5.500 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 218 C. 15.324.

DESIGN — "Sta Rosa" sl, 4 qts (ste) dep e gr. Vlr 18.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 408 C. 15.324.

DESIGN — "M. Couto" cobert. 1ª loc. c/ sl 3 qts (ste) terraço, piscina, 2 gr. 714-0404/ 714-0505 BA 355 C. 15.324.

Rômulo IMÓVEIS

TERRENO EM PENDOTIBA. Próximo condução (Largo da Batalha) Local tranquilo e seguro, preço a partir de Cz$ 1.400.

RESIDÊNCIA S. FRANCISCO. Com muita área livre, piscina, churrasqueira, 3 q (st) sl 2 amb, gar Preço 13.000 OTNs

GRADE TERRENO EM ITAIPÚ, C/pequena residência (Sítio das Pedras Brancas) sl. q. coz. ban. Cz$ 1.500

GRANDE TERRENO EM SÃO FRANCISCO 5.800 m², local agradável e tranquilo muito verde Cz$ 4.500

RESIDÊNCIA SÃO FRANCISCO, 3q (st) sala 2 amb, cop-coz, var, gar, terraço envidraçado, grande área coberta rua nobre Preço 9000 OTNs

RESIDÊNCIA NOVA (0 KM) EM SÃO FRANCISCO 3 q (st) sala 2 amb, varanda, garagem, dependências, etc. Cz$ 18.000

TERRENO ITAIPÚ, Próximo ao Rincão junto ao asfalto, projeto pronto para construção Cz$ 1.100

TERRENO EM PENDOTIBA, Condomínio MONAM, com toda infra-estrutura. Próximo a condução 1.000

RESIDÊNCIA EM CONDOMÍNIO S. FRANCISCO 4q (st) 2 sl, varandas, escritório, 2 gar piscina, churrasqueira, sauna, local ideal. Preço 14.650 OTNs

3 TERRENOS (LOTES EM PIRATININGA NO CAFUBÁ) com nascente d'água junto ao asfalto. Preço Cz$ 700 (cada)

12 GRANDES LOTES EM CONDOMÍNIO CHARITAS, todos legalizados, faltando apenas arruamento Preço 2000 (TODOS)

2 GRANDES LOTES PLANOS EM LOCAL NOBRE DE SÃO FRANCISCO (próximo condução) 1064m² Preço 14.000 (OS DOIS)

TERRENO EM ITAIPÚ, próximo Av. Central e luz, local agradável e transqüilo, Cz$ 670

TERRENO EM SÃO FRANCISCO, Local excelente, próximo a AABB, 504 m² Cz$ 4.500

RESIDÊNCIA DE ALTO LUXO (ESTILO COLONIAL) EM SÃO FRANCISCO, 4 q (st) armários embutidos, sala 4 amb, 5 ban, grande escritório, salão de festa, piscina, sauna a vapor, churrasqueira, 3 garagem, 3 dep, situado em terreno de 900m², em local agradável. Preço 55.000 (ACEITA RESIDÊNCIA MENOR VALOR PARTE DE PAGAMENTO)

TERRENO MAIS LINDO DE SÃO FRANCISCO — 700 m² de excelente topografia em local privilegiado, com uma vista panorâmica de 360°, Preço 10.000

GRANDE RESIDÊNCIA EM PENDOTIBA (PRÓXIMO CONDUÇÃO) — 3 q (2 st) sl 3 amb água em abundância, piscina, churrasqueira, garagem, terreno de 750 m². Preço 7000 OTNs (ACEITA AP EM PARTE DE PAGAMENTO)

GRANDE FAZENDA NAS PROXIMIDADES DE BRASÍLIA (DISTRITO FEDERAL) 600 ALQUEIRES, TOPOGRAFIA PLANA, PRÓXIMO AO ASFALTO, BR 020, — Preço 18.000 (OU TROCO POR RESIDÊNCIA EM SÃO FRANCISCO OU APARTAMENTO EM ICARAÍ)

TERRENO EM ITAIPÚ/MARAVISTA, PLANO PRÓXIMO AV CENTRAL Cz$ 700 — TERRENO EM ITAIPÚ PLANO, LOTEAMENTO JARDIM FLUMINENSE. Cz$ 600

TERRENO MAIS LINDO EM SÃO FRANCISCO — 700 m² de excelente topografia em local privilegiado, com uma vista panorâmica de 360°, Preço 10.000

LOCAÇÃO

APARTAMENTO NO CENTRO DE NITERÓI — 2 q, sala, dependências, varandas. Cz$ 35.000

NOTA. Havendo interesse de COMPRA VENDA, PERMUTA, LOCAÇÃO. Procure o corretor RÔMULO em seu escritório nos horários de 2ª a 6ª de 8:30 às 19:30 ou sábado de 10 às 17 ou pelo telefone 710-7349.

Rua Tupia Nº 2 — S. Francisco - Tel: 710-7349 CRECI Nº 12.771/RJ

GARDEN — Cond Vale do Itaipu exc lote declive suave. 570m², vista total p/ lagoa ligue hoje — Tel 709-1639 CRECI J-2435

GARDEN — PIRATININGA — Res., sala, 2 qts., 1 suite, copa/coz., americana., pisc., LIGUE HOJE — TEL: 709-1633. CRECI J-2435.

GARDEN — COND. GROTÃO — Exc. lote em aclive, 910m² fundos p/ reserva. 1.300 mil Ligue hoje — Tel. 709-1639 CRECI J. 2435.

GARDEN — COND. UBÁ T. NOVA — Lindo lote em aclivo suave, facilitado em 4 vezes Ligue Hoje — Tel. 709-1639 CRECI J. 2435.

GARDEN — PIRATININGA — Na Praia. 3 salas, 4 qts. 1 suite, piscina, + anexo. Ligue hoje — Tel. 709-1639 CRECI J. 2435.

GARDEN — COND. UBÁ III — Exc. lote totalmente plano c/ 850m², e duas frentes. Ligue Hoje — Tel. 709-1639 CRECI J. 2435.

GARDEN — COND. UBÁ T. NOVA — Lindo lote plano, 550m², c/ muito verde e segur. total Ligue hoje — Tel. 709-1639. CRECI J. 2435.

ITAIPU — Linda casa colonial 3 qtos slão vrda em todos qtos arm emb gar p/ 6 cars mur 1300 OTN prest 48 mil 717-4227 2001 EMP IMOB LTDA CRECI 5325

S. FRANCISCO — Casarão 4 qtos 2 sla churrasqueira gar p/ 2 car murada local nobre Cz$ 35 mil Tr apto Icaraí 717-4227 2001 EMP IMOB LTDA CRECI 5325

THATY BOM LOCAL — Sala, quarto, ban. soc, cozinha, quintal c/ arv. Pç 5000, TY 6/027. Tel: 709-3103/709-3248. Est. Itaipu, 8800 até 18h.

FONSECA

017

DESIGN "MAG BRASIL" (FONSECA) — Sl, 2 qts c/ dep e gr. Sinal 2.700 Milh. 714-0404/714-0505 BA 216 C. 15.324.

DESIGN — "FONSECA" — Sl., 2 qts. c/gr. Sinal 1.700 milh. 714-0404/714-0505 BA 241 C.15.324.

DESIGN — "Fonseca" em Cond. Sl, q ts c/ gr. c/ sauna e piscina. Sinal 1.400 milh. 714-0404/ 714-0505 BA 220 C. 15.324.

DESIGN "FONSECA" — Casa, sl, 3 qts, copa e coz., gr. Vlr 12.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 524 C.15.324.

DESIGN — "FONSECA" CASA, SL, 3 QTS — Varanda, gr. só 12.000 Milh. 714-0404/ 714-0505. BA 524 C. 15.324.

DESIGN "FONSECA" — Sl 2 qts e gr. Sinal 1.500 milh 714-0404 / 714-0505 BA 261 C.15.324.

FONSECA CASA — T. Freitas 3 qtos sla 2 banh copa coz dec quintal gar Cz$ 3.900 Av Am Peixoto, 84 1103 T 717-4227

CLASSIDISCADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira de 8 às 19 horas e sábado das 8 às 13

PENDOTIBA ITAIPU PIRATININGA

018

A AQUELE LOTE BARRAVENTO — Totalmente plano, 366m², perto asfalto, pç 2000, TY 7/ 016 Tel: 709-3248 709-3103, Est. Itaipu, 8800 até 18 h.

A ÁREA THATY (ITAIPU) — 5250 m², 1km do asfalto, semi-plano, aceita proposta, TY 7/003 Tel. 709-3103/ 709-3248. Est. Itaipu, 8800 até 18h.

A IMPERIAL — 1ª locação. Resid. salão c/ var 3 qts (ste) cp/cz, dps gar (1ª qda) asf. Barravento) Cz$ 15.800 milh (IP 548) 714-6238 CRECI J-3264.

APART HOTEL — ITAIPU Sala, 2 qts. copa/ coz. americana, varanda, piscina e sauna. Sinal + SFH — Ligue hoje — GARDEN — 709-1639. CRECI J. 2435.

A THATY MARAVILHOSA — Varanda, salão, 3 qts, suite, ban soc, copa-coz, dep comp, gara quintal. Ótimo acab. Super local. LINDA LINDA Pç 14500, aceita SFH, TY 6/033, Tel: 709-3248, 709-3103.

A THATY MARAVISTA — Plano, murado, 360m², pç 1.500, Tel: 709-3103/ 709-3248, Est Itaipu, 8800 até 18h.

A THATY — (Sto. Antônio), salão c/ mesanino, 4 qts, suite, ban. soc., lav, copcoz. dep. comp. gara. pisc, sauna, churr, TY 6/029, Tel: 709-3103/709-3248, Est. Itaipu, 8800 até 18h.

A THATY — Travo Pirat. varanda, salão, 3 qts, suite, ban soc, copa-coz, dep anexa, gara, pç 1.500, TY 6/ 013, tel 709-3103, 709-3248, Est Itaipu, 8800 Até 18h.

A THATY PIRAT — C/ proj aprov, perto de praia, 360m², plano, pç 2.600, TY 7/ 030, Tel: 709-3103, 709-3248, Est Itaipu, 8800 até 18h.

A THATY LOTE — Av. Central, totalmente plano, 580m², pç 1.600, tel: 709-3103/ 709-3248 Est Itaipu, 8800 até 18 h.

A THATY PRAIA — Varanda, salão, 2 qts, suite, ban soc, copa-coz, dep anexa, quintal, pç 12000, TY 6/021, Tel: 709-3103, 709-3248, Est. Itaipú, 8800 até 18h.

A THATY INCRÍVEL — Varanda, slão, 3 qts, suite, ban soc, dep anexa, copa-coz, quintal, perto asf. Pç. 6300, TY 6/037 Tel. 709-3103/ 709-3248. Est. Itaipu, 8800 até 18h.

A THATY — 1ª loc, varanda, sala, 3 qtos ban soc, cozinha, dep emp, Sinal 3000, saldo 2500 OTN, TY 6/035 Tel. 709-3103/ 709-3248. Est. Itaipu, 8800 até 18h.

A THATY PIRAT — Sala, 3 qts, suite, ban. soc, cop-coz, dep. comp, quintal gram, gara, ótimo local. Pç 12.000, peq saldo, TY 6/006. Tel: 709-3103/709-3248, Est Itaipu, 8800 até 18h.

DESIGN — "Itaipú" terreno c/ 360 m². Só 800 mil 714-0404/ 714-0505 BA 624 C. 15.324.

CLASSIDISCADOS JB - 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª-feira de 8 às 19 horas e sábado das 8 às 13 horas

DESIGN "PIRATININGA" TERRENO — Plano c/ 780 m². Só 800 mil. 7140404/714-0505 BA 615 C. 15.324.

DESIGN — "PENDOTIBA" CASA — C/sl., 2 qts., dep. e gr. Sinal 4.000 milh. 714-0404/714-0505 BA 514 C.15.324.

DESIGN "APART HOTEL ITAIPU" — 2 varandas, sl, qt, c/ gr. Sinal 7.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 103 C.15.324.

DESIGN — "Pendotiba" terreno c/ 545 m² em declive. Vlr 1.100 OTNs 714-0404/ 714-0505 BA 616 C. 15.324.

DESIGN "CAMBOINHAS" CASA EST. COLONIAL — 4 qts (2 ste) dep e gr. Vlr. 40.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 529 C.15.324.

DESIGN "PIRATININGA" — 1ª quadra praia. Casa c/4 qts. (ste) + casa p/hóspedes. Vlr. 10.500 OTNs. 714-0404/714-0505, BA-567, CRECI-15324.

DESIGN — "Itaipu" casa sl 3 qts (ste) gr. Só 3.100 milh 714-0404/ 714-0505 BA 501 C. 15.324.

DESIGN "ITAIPÚ" CASA — Sl, 2 qts, bh, dep, gr. Sinal 2.000 milh 714-0404/ 714-0505 BA 571 C.15.324.

DESIGN — "Apart-Hotel Itaipu" Varanda, sl, qtº, coz c/ fogão e geladeira. Sinal 5.500 milh, 714-0404/714-0505 BA 108 CRECI J-15.324.

DESIGN — "Pendotiba Casa Nova". 2 sls, 3 qts (Ste) cop e coz, gr. Vlr. 7.000 OTN's, 714-0404/714-0505 BA 542 CRECI J-15324.

DESIGN — "Pendotiba" casa est. colonical. Sl, 3 qts (ste), gr. Vlr. 8.500 OTN's. 714-0404/714-0505 BA-572, CRECI J-15.324.

DESIGN "COND. MONAM" (PENDOTIBA) — Terreno c/ 264 m². Só 800 mil. 714-0404/ 714-0505 BA 628 C. 15.324.

GARDEN — ITAIPU res. 3 qts. nova. SINAL 300 mil. Rest. 4 vezes durante construção + SFH. Aproveite LIGUE HOJE Tel: 709-1639 CRECI J-2435.

GARDEN — PENDOTIBA — Na Vila Progresso, res. 2 qts., sala, copa/ coz. ampla, bom local a 50m do asfalto LIGUE HOJE — Tel: 709-1639. CRECI J-2435.

GARDEN — COND. CAMBOATÁ Em Camboinhas, lote totalmente plano, bom local. Ligue hoje Tel: 709-1639 CRECI J-2435.

GARDEN — PENDOTIBA res. no J. América, sala, 3 qts, suite, dep. comp. gar. Sinal facilitado + SFH. Ligue hoje — Tel: 709-1639 CRECI J-2435.

GARDEN — Cond. Ubá II lindo lote, pequeno declive, vista total p/ mar. Ligue hoje — Tel 709-1639 CRECI J-2435

DEMAIS BAIRROS

019

DESIGN — "C. Frio" garanta já suas férias adquirindo c/ apenas 4.000 milh do sinal. Sua casa em Cond. próx. Praia c/ 2 qtos e gr. quintal. 714-0404/ 714-0505. BA 519. C. 15.324.

IMÓVEIS COMERCIAIS INDUSTRIAIS

020

ICARAÍ LOJA 100M²

PASSO Ponto em ótima local da Rua Barros loja de frente portas de aço 2 salas banheiros etc Ótima p/ qualquer ramo de atividadeR Informações e visita p/ Tel 719-1605 Silveira CRECI 10398

SÃO GONÇALO

021

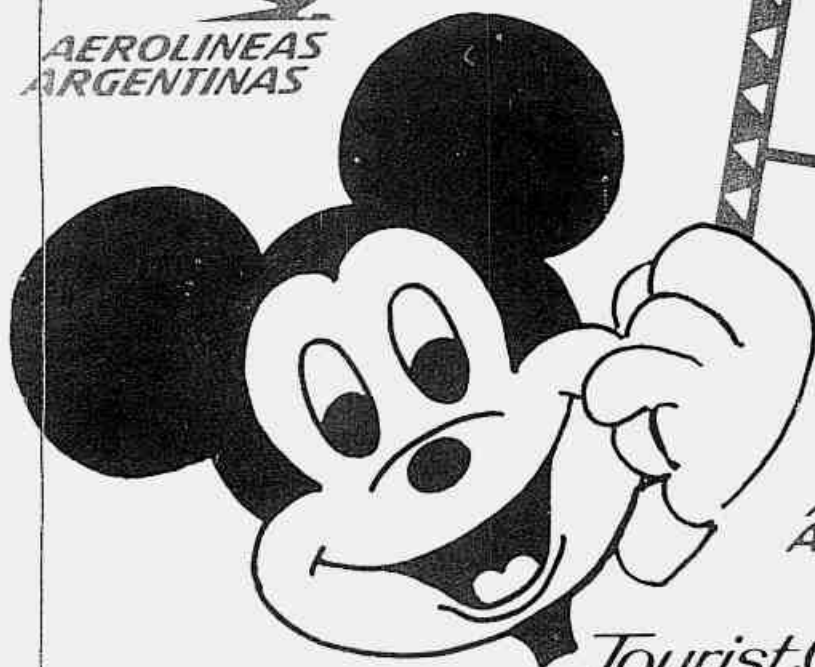
ALCÂNTARA RAUL VEIGA

Na Rua Francisco Neto em frente à gar. dos ônibus da ABC, vendo 2 lotes juntos no nº 160 c. 690 m² nº 170 c. 660m² área plana c/luz força etc Trat p/Tel 719-1605 Silveira CRECI 10398

CHEGOU A SUA VEZ!

HOTEL + TRASLADOS

5 DIAS

Apenas:
P. Terrestre US$ 29 (quádruplo)
P. Aérea US$ 388 (YPX 14) Rio-B. Aires-Rio

AEROLINEAS ARGENTINAS

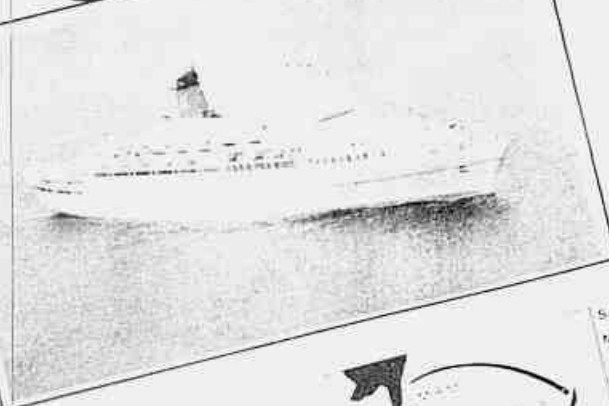
Você escolhe: Ficando em Miami Beach e/ou Orlando
P. Aérea: US$ 850

AEROLINEAS ARGENTINAS

Esta é a oportunidade para você curtir as belezas de Flórida com o conforto de um lindo carro, que você poderá dirigi-lo para onde quiser. Você poderá fazer suas compras à vontade e ainda ir brincar com o Mickey e seus amigos. Faça já sua reserva.

UM CRUZEIRO INESQUECÍVEL

CHANDRIS FANTASY CRUISES

ssGALILEO

2 NOITES MIAMI · NASSAU · MIAMI

5 NOITES MIAMI · KEY WEST · MEXICO · MIAMI

SAÍDAS DE MIAMI ÀS SEXTAS
OUT 28 A DEZ 16 · 1988
JAN 6 A ABRIL 7 · 1989

SAÍDA DE MIAMI AOS DOMINGOS
OUT 23 A DEZ 18 · 1988
JAN 8 · ABR 2 · 1989

GRÁTIS!

AEROLINEAS ARGENTINAS

ssBRITANIS

SEU CRUZEIRO AGORA PARTE DO **RIO DE JANEIRO**

SAÍDA RIO: NOV. 02
CHEGADA MIAMI: NOV. 16
CASSINO · CINEMA · SHOWS

CATEG.	RIO / MIA	SALVADOR/ MIA
F INTERNA	2.460	2.148
G EXTERNA CAMA CASAL	2.595	2.265
I INTERNA 2 CAMAS BAIXAS	2.660	2.320
TAXA DE PORTO	50	40

PREÇO POR PESSOA EM US$ · OCUPAÇÃO DUPLA OUTRAS CATEGORIAS DE CABINE SOB CONSULTA

GRÁTIS!
2 PASSAGENS **MIA / RIO** POR CABINE CORTESIA DA CHANDRIS FANTASY CRUISES COMPRANDO CATEG. F, G, I

AEROLINEAS ARGENTINAS

APRENDA AO VIVO!

EUROCENTRES

Inglês-Francês-Italiano-Espanhol-Alemão

Se você deseja mesmo, aprender e falar com segurança o seu idioma predileto, para poder expressar suas idéias e comunicar-se bem, venha conhecer os Sistemas de Cursos do Eurocentres. Eurocentres oferece cursos Intensivos, cursos de Férias e ainda cursos de Aperfeiçoamento para professores. Venha aprender o idioma no próprio país onde ele é falado.

NORWEGIAN CRUISE LINE

NOVOS E EMOCIONANTES CRUZEIROS PARA 1988

CARIBE FLORIDA MEXICO CALIFORNIA

Agência de Turismo

R. do Ouvidor, 60 — Salas 301 303

Tels.: (021) 221-2626 — 231-0836 — 232-7990

EMBRATUR 07005.00.41-2

equipe *TURISMO*

R. Gonçalves Dias, 56 - Sala 205

Tels.: 252-6629 - 242-4534 EMBRATUR 03655.00.41-9

バラタ殺虫剤

Dedetização ®

MODERNO PROCESSO JAPONÊS
PRODUTO EM MASSA

O ÚNICO QUE NÃO TIRA VOCÊ DE CASA ®

1 ANO DE GARANTIA

PRODUTO INODORO. NÃO MANCHA E NÃO CONTÉM DDT. NÃO EXIGE LIMPEZA ANTES, DURANTE OU APÓS A EXECUÇÃO, NEM TORNA NECESSÁRIO A DESARRUMAÇÃO DE OBJETOS, DESLOCAMENTO DE MÓVEIS OU AUSÊNCIA DE CRIANÇAS E ANIMAIS.

EXECUTAMOS SERVIÇOS EM HOSPITAIS

ATENDIMENTO ÀS RESIDÊNCIAS, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, FAZENDAS, CONDOMÍNIOS, NAVIOS E REPARTIÇÕES PÚBLICAS EM TODO O ESTADO DO RIO E OUTROS ESTADOS.

DESCUPINIZAÇÃO: Equipes de especialistas, sistema exclusivo de detecção eletrônica dos focos de infestação.

DESRATIZAÇÃO: Por sistemas selecionados para cada espécie e locais de infestação.

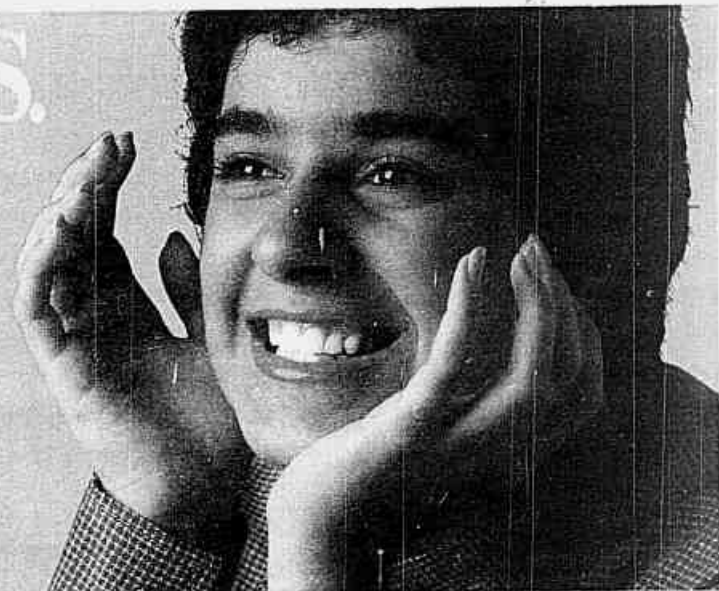
DESINSETIZAÇÃO CONTRA PULGAS: sistema exclusivo de nebulização, com atomizadores elétricos.

e auxiliares. **ou**

FEEMA reg. nº 99103000-7/55.61.21 – L.O. 033/86
RUA SANTA CLARA, 50 GR. 1122/1215 – COPACABANA – RIO DE JANEIRO

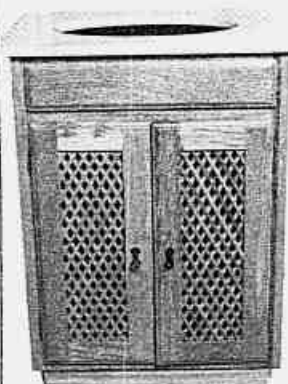
EM SÃO PAULO 14 ANOS DE TRADIÇÃO

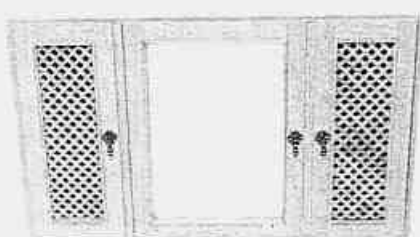
O MAIOR SHOW DE OFERTAS.

MAIOR, MELHOR E MAIS BARATO PARA VOCÊ.

Louça Ideal Standard Tivoli. 3 peças. Nas cores: Azul 76, Pessego 73, Visone 78 ou Canela **64.000,**

Louca Cidamar Flamingo. 2 peças. Diversas cores **21.000,**

Louça Ideal. 3 peças. Nas cores: Branca ou Bone 56 **21.800,**

Louça Ideal. 2 peças. Vaso e Lavatório (s/coluna). Na cor: Branca **18.000,**

Gabinete Paineiras. Em cerejeira com mármore.

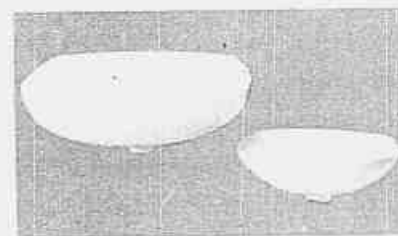
0,60	17.800,
0,85	24.900,
1,00	27.600,

Armário Sequóia. Em cerejeira.

0,68	8.990,
0,93	11.700,

Armário Lumiglass. Em alumínio. Para embutir.

32 x 48 cm	5.320,
43 x 60 cm	7.080,
48 x 75 cm	10.990,
60 x 90 cm	14.980,

Tanque Celite. Com coluna. Na cor: Branca.

18 L	12.560,
22 L	14.980,

Lavatório Ideal. Nas cores: Branca ou Bone 56

54 x 44	4.800,
29 x 39	2.190,

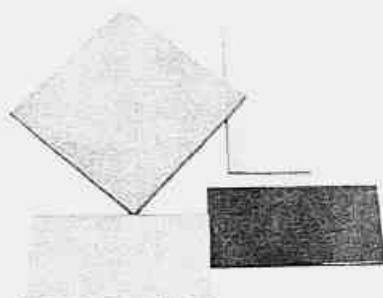
Máquina Fermat 2000 Super 40. Para cortar pisos e azulejos **12.490,**

Boiller Elétrico Espectrosol. Tambor de cobre. Capacidade para 100 litros **91.800,**

Chuveiro Lorenzetti Standard. Com desviador **7.980,**

Maxiducha Lorenzetti. Com desviador **2.300,**

Pressurizador Deca Aquamax. Para chuveiro **59.000,**

Chuveiro Deca 1999. 8.900,

Revestimento Portobello. Piso e parede 10 x 20 e 20 x 20. Extra **1.980,**

Azulejo Klabin. 15 x 15. Extra. Vários modelos **1.590,**

Azulejo Incepa. 15 x 15. Extra. Vários modelos **1.990,**

Piso Tubarão. 20 x 30. Comercial. Vários modelos **1.190,**

SHOPPING SENDAS - 751-1700 Via Dutra, km 4

CAMPO GRANDE - 394-3123/3131

LEBLON - 274-9448 Show-Room: Rua Dias Ferreira, 320 das 9 às 20h

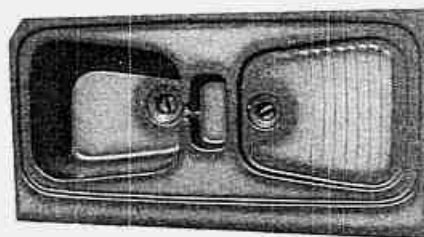
Este encarte é parte integrante dos jornais: O Globo, O Dia e Jornal do Brasil, edição de 11/09/88.

Preços com descontos comerciais válidos até 23/09/88, ou enquanto durarem nossos estoques. Após essa data, os descontos serão cancelados.

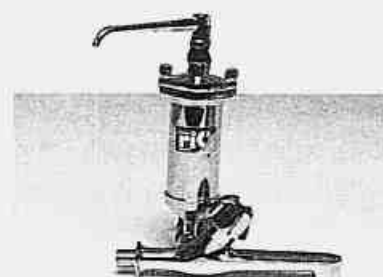
CasaShow

MAIOR, MELHOR E MAIS BARATO PARA VOCÊ.

Cozinha Pérola.
Em cerejeira maciça.
Armário superior 1,50m **49.980,**
Balcão para pia 1,50m **77.500,**

Cozinha Todeschini.
Paneleiro simples n° 41 **25.900,**
Armário superior n° 31. 1,20 m **22.300,**
Balcão para pia n° 09 1,20 m **29.900,**

Pia Ideal Standard.
1,20 x 0,52 m.
Em louça Maison **28.900,**

Banca Pery. Aço inox. Concretada.
[illegible] **18.900,**
[illegible] **20.900,**
[illegible] **29.800,**

Ozonizador Purizon. Com filtro.
Várias Cores **9.260,**

Torneira Rio.
Com filtro de metal **10.400,**

Porteiro Eletrônico Amelco CSL-20F. **19.900,**

Aparelho Fabrimar Digital Line.
Para lavatório **11.800,**

Fechadura La Fonte.
Externa 2075 **2.990,**
Banheiro 8075 **1.690,**
Interna 4075 **1.690,**
Temos toda a linha.

Banheira Acquaviva.
Com hidromassagem. Nas cores: Bege ou Branca.
1,35 x 85 **115.000,**
1,54 x 85 **119.000,**
1,70 x 80 **125.000,**

Janela Sasazaki Multiflex.
Veneziana.
ZP - 1,20 x 1,50 m **59.900,**
ZP - 1,20 x 2,00 m **69.900,**

Janela Ebracil Diamante.
Em alumínio.
1,20 x 1,20 m **31.900,**
1,20 x 1,50 m **35.900,**

Plafon Montalto 912 e 913.
Diversas cores **2.390,**
Spot Montalto 907/1.
Diversas cores **1.790,**

Arame Farpado Rodeio.
Rolo com 250 m **2.890,**

Formipiso Régua.
Lisa m² **3.780,**
Madeira m² **4.190,**

Fios Pirelli Pirastic Super.
Rolo com 100 m.
1,5 mm **PROMOÇÃO**
2,5 mm **PROMOÇÃO**
4,0 mm **PROMOÇÃO**

TODA A LINHA DE TINTAS E MASSAS SUVINIL A PREÇOS DE FÁBRICA.

SEGURO
OBRIGATÓRIO (DPVAT)
Se precisar, é de graça.

CONHEÇA SEUS DIREITOS.

O CODISEG — Comitê de Divulgação Institucional do Seguro — fez este folheto para que você conheça o DPVAT e saiba quais são seus direitos.

Lembre-se de que o que você vai passar a conhecer agora pode ser útil a você, a um parente, a um conhecido, ou até mesmo a um desconhecido. Conheça o DPVAT. Tomara que você nunca precise usá-lo. Mas é bom saber que, se precisar, ele existe.

O QUE VOCÊ DEVE SABER SOBRE O DPVAT.

Mais de 50 mil pessoas morrem, só no Brasil, anualmente, vítimas de acidentes de trânsito.

Para atenuar suas conseqüências, principalmente em relação às vítimas de baixa renda, foi criado em 1974, através da Lei 6.194, o seguro DPVAT. Um seguro pago pelos proprietários de veículos para indenizar as vítimas de acidentes de trânsito.

Mais conhecido como Seguro Obrigatório, o DPVAT significa Seguro Obrigatório de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Vias Terrestres. Um nome complicado que serve para amparar as vítimas de colisões e atropelamentos, sendo válido em todo o território nacional. Este seguro garante à vítima ou a seus familiares o pagamento de indenização em caso de morte, invalidez permanente, ou despesas com assistência médica.

Para o DPVAT não importa de quem foi a culpa do acidente. Sua função é social e ele indeniza todas as vítimas, até mesmo as que causaram o acidente.

DPVAT — SIMPLICIDADE ATRAVÉS DE CONVÊNIO.

O DPVAT é obrigatório, mas não é um imposto, uma taxa ou um seguro do Governo. Ele é um seguro privado, administrado por um convênio que reúne todas as companhias de seguros, num trabalho solidário chamado Convênio DPVAT.

Em caso de acidente de trânsito, graças ao Convênio, você pode recorrer, sem burocracia, a qualquer companhia de seguros para receber a indenização.

Porém, estão fora do sistema do Convênio os veiculos de transporte coletivo e os veículos dos Governos dos Estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

QUEM PAGA O DPVAT.

O DPVAT é obrigatório para todos os proprietários de veículos. Quem tem mais de um veículo tem que fazer um seguro para cada um deles. Quem não fizer leva multa, fica sem cobertura e é responsável pelo valor da indenização devida à vitima, mesmo que não seja culpado.

O seguro é pago anualmente através do DUT (Documento Único de Trânsito) no mesmo mês em que o Detran determina o licenciamento do veículo e o pagamento do IPVA (Imposto de Propriedade de Veículos Automotores). Independentemente do mês de pagamento, o DPVAT é válido de 1º de janeiro a 31 de dezembro.

Não haverá cobertura se o proprietário do veículo não pagar no mês de vencimento e ocorrer um acidente antes do pagamento ser efetuado.

O prêmio do seguro (valor pago pelo proprietário do veículo) é em OTNs.

A prova de pagamento é a autenticação mecânica pelo banco no verso do Certificado de Registro e Licenciamento de Veículo, também chamado DUT.

Ao pagar o seguro, o segurado deve indicar no DUT o código de seu corretor de seguros. Em caso de acidente, mesmo sendo muito simples receber a indenização, ele pode ajudar.

COBERTURA E INDENIZAÇÕES.

O DPVAT protege todas as vitimas de acidentes de trânsito causados por veículos automotores de vias terrestres: carros, motos, caminhões etc.

Em acidentes com mais de uma vitima, todas recebem a indenização até o valor-limite, não importando quantas pessoas sejam.

As coberturas são:
Morte — 200 OTNs.
Invalidez Permanente — até 200 OTNs.
Reembolso de Assistência Médica e Despesas Suplementares — até 40 OTNs.

No caso de veículo não identificado, a cobertura é só para casos de morte e com 50% do valor da indenização.

Os valores das coberturas são proporcionais ao preço do seguro (prêmio) e fixados em OTNs, corrigidos mensalmente.

Proprietários de veículos envolvidos em acidentes de trânsito poderão ser responsabilizados civil e criminalmente pelos danos causados a terceiros. O DPVAT cobre danos pessoais até os valores acima mencionados.

Caso o proprietário, para se proteger de alguma eventualidade, deseje aumentar os valores das coberturas contra danos a terceiros, basta conversar com um corretor de seguros e contratar valores adicionais através de Seguro de Responsabilidade Civil Facultativo de Veículo.

Este seguro pode cobrir tanto danos pessoais como materiais. Além disso, qualquer pessoa, temendo sofrer um acidente, pode fazer, através de um corretor de seguros, um Seguro de Acidentes Pessoais.

QUEM SÃO OS BENEFICIÁRIOS DO SEGURO

Em caso de morte, a indenização será paga ao cônjuge. Na falta deste, aos herdeiros legais. A companheira será equiparada à esposa nos casos admitidos pela Lei Previdenciária. No caso de invalidez permanente, a indenização será paga à vítima.

As Seguradoras, através do Convênio DPVAT, contribuem com 30% da arrecadação de prêmios para o Inamps. Esse valor cobre os gastos pelo atendimento gratuito aos acidentados.

Mesmo assim, em caso de atendimento por hospitais ou clínicas particulares não conveniadas com o Inamps, o seguro reembolsa a vítima por despesas médico-hospitalares até o valor de 40 OTNs.

É SIMPLES RECEBER A INDENIZAÇÃO.

Tudo é rápido e simples.

Para receber a indenização, a vítima ou seu beneficiário, ou ainda seu procurador, deve dirigir-se a **qualquer companhia de seguros** com a seguinte documentação:

Em caso de morte — certidão de autoridade policial sobre a ocorrência do acidente
— certidão de óbito
— comprovação da qualidade de beneficiário.

Em caso de invalidez permanente
— certidão de autoridade policial sobre a ocorrência do acidente
— prova de atendimento à vítima por hospital, ambulatório ou médico
— relatório médico atestando o grau de invalidez.

Assistência médica — certidão de autoridade policial sobre a ocorrência do acidente
— comprovação de gastos médicos, hospitalares ou ambulatoriais (recibos).

Somente os casos abaixo têm uma rotina diferente, por estarem fora do sistema do Convênio:

1) veículos de transportes coletivos, como ônibus e microônibus.
Para receber a indenização, é indispensável a identificação do veículo que provocou o acidente, para se saber qual foi a companhia seguradora que fez o seguro. Só ela é responsável pelo pagamento da indenização.

2) veículos pertencentes aos Governos dos Estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Para receber a indenização, a vítima ou seu beneficiário deve dirigir-se às seguradoras Banerj (Rio de Janeiro), Cosesp (São Paulo), Bemge (Minas Gerais) e União de Seguros Gerais (Rio Grande do Sul).

OBS.: Em ambos os casos, a indenização é paga mediante a apresentação dos mesmos documentos exigidos pelo Convênio DPVAT.

Se você desejar informações adicionais, escreva para o Convênio DPVAT — Rua Senador Dantas, 74 — 12º andar, Rio de Janeiro, CEP 20031, ou para SUSEP — Departamento de Fiscalização, Divisão de Atendimento ao Público — Rua Buenos Aires, 256 — térreo, Rio de Janeiro, CEP 20061.

A SUSEP — Superintendência de Seguros Privados — é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Fazenda e responsável pela fiscalização do mercado de seguros.